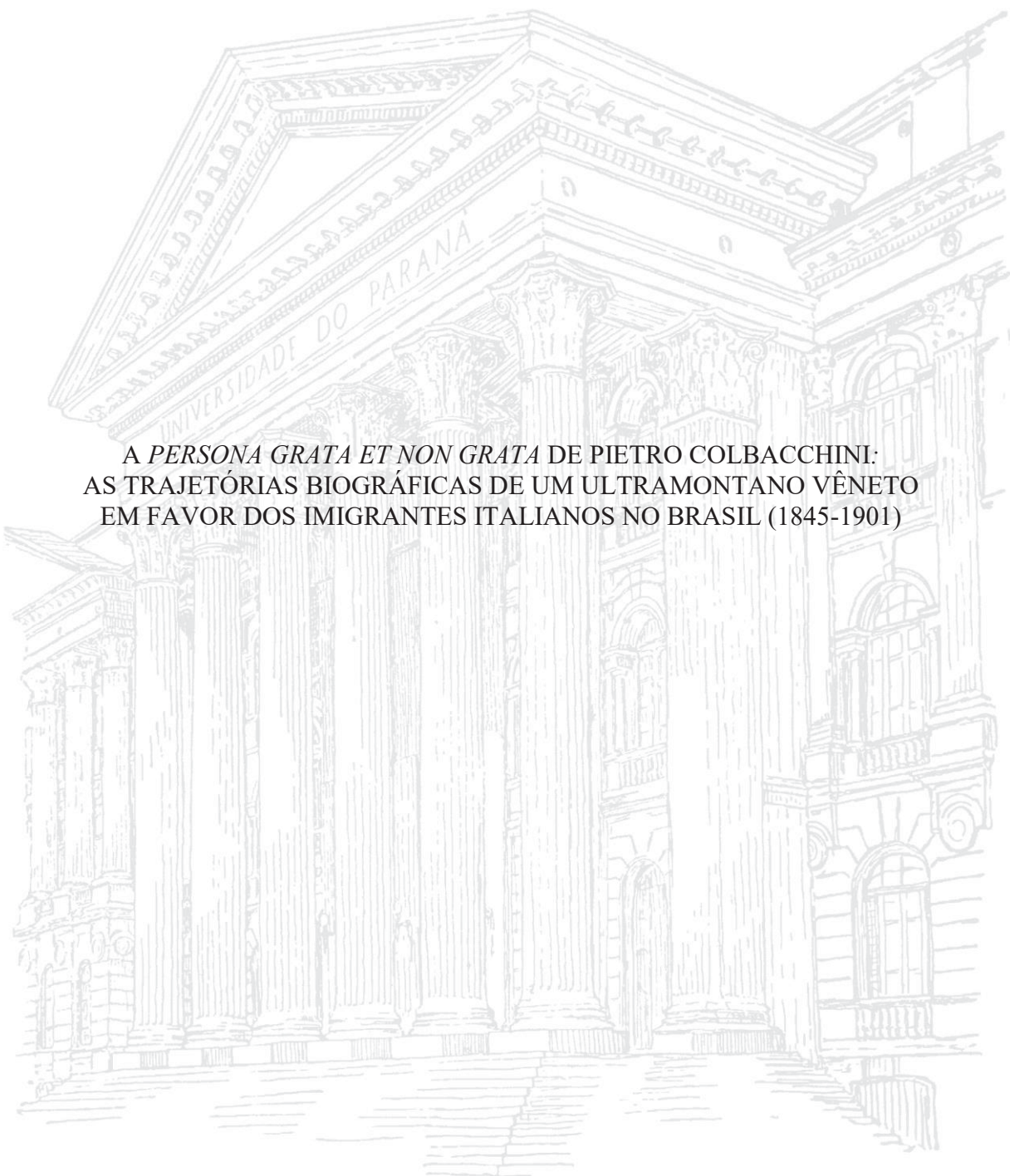


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FÁBIO LUIZ MACHIOSKI



A PERSONA GRATA ET NON GRATA DE PIETRO COLBACCHINI:
AS TRAJETÓRIAS BIOGRÁFICAS DE UM ULTRAMONTANO VÊNETO
EM FAVOR DOS IMIGRANTES ITALIANOS NO BRASIL (1845-1901)

CURITIBA
2025

FÁBIO LUIZ MACHIOSKI

A PERSONA GRATA ET NON GRATA DE PIETRO COLBACCHINI:
AS TRAJETÓRIAS BIOGRÁFICAS DE UM ULTRAMONTANO VÊNETO
EM FAVOR DOS IMIGRANTES ITALIANOS NO BRASIL (1845-1901)

Tese de Doutorado como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História, Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Gonçalves.

CURITIBA
2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Machioski, Fábio Luiz

A persona grata et non grata de Pietro Colbacchini: as trajetórias biográficas de um ultramontano vêneto em favor dos imigrantes italianos no Brasil (1845-1901). / Fábio Luiz Machioski. – Curitiba, 2025.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Gonçalves.

1. Cobalcchini, Pietro, Padre, 1845-1901. 2. Brasil – emigração e imigração. 3. Catolicismo – Brasil. 4. Imigrantes italianos – Brasil – História. I. Gonçalves, Marcos, 1961-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

Bibliotecário : Dênis Junio de Almeida CRB-9/2092

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **FÁBIO LUIZ MACHIOSKI**, intitulada: **A Persona grata et non grata de Pietro Colbacchini: as trajetórias biográficas de um ultramontano vêneto em favor dos imigrantes italianos no Brasil (1845-1901)**., sob orientação do Prof. Dr. MARCOS GONÇALVES, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 02 de Julho de 2025.

Assinatura Eletrônica

02/07/2025 16:30:36.0

MARCOS GONÇALVES

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

03/07/2025 15:33:15.0

FÁBIO AUGUSTO SCARPIM

Avaliador Externo (COLÉGIO ESTADUAL CLOTARIO PORTUGAL C E
DES EF M)

Assinatura Eletrônica

02/07/2025 18:38:11.0

MAÍRA INES VENDRAME

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS)

Assinatura Eletrônica

03/07/2025 13:08:08.0

SYRLÉA MARQUES PEREIRA

Avaliador Externo (NUCLEO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS
MIGRATORIOS)

Assinatura Eletrônica

02/07/2025 17:46:25.0

WILTON CARLOS LIMA DA SILVA

Avaliador Externo (UNESP)

A todos que inspiraram e
incentivaram esta pesquisa,
e aos que acreditam na força
da História e da Memória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me permitir viver. Em particular, por me proporcionar essa oportunidade de estudo e pesquisa, fase da minha vida na qual pude conhecer pessoas especiais que contribuíram imensamente com a minha formação profissional e pessoal.

A primeira delas, meu professor orientador, Marcos Gonçalves, pela confiança depositada na elaboração do presente trabalho, por suas leituras, indicações, conversas e descontrações. Minha eterna gratidão pelo respeito, amizade, profissionalismo e paciência.

À Universidade Federal do Paraná, pelo acesso ao ensino público e de qualidade.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de estudos durante o ano de 2024.

Ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PPGHIS/UFPR), principalmente aos professores que integram a linha de pesquisa Intersubjetividade e Pluralidade: Reflexão e Sentimento na História, por terem aceitado o meu projeto e contribuído com o seu desenvolvimento. Em especial às professoras Ana Paula Vosne Martins, Karina Kosicki Bellotti, Marionilde Dias Brepohl Magalhães, Renata Senna Garraffoni, Roseli Terezinha Boschilia e, novamente, ao professor Marcos Gonçalves, pelo conhecimento oferecido por meio das disciplinas frequentadas durante o curso. Também ao professor Segio Odilon Nadalin, pela oferta da disciplina História das Populações, e por fazer parte do meu percurso desde a graduação, na qual orientou a minha monografia.

À professora Máira Ines Vendrame e ao professor Wilton Carlos Lima da Silva, pela participação e leitura apurada no exame de qualificação, agradeço por terem aceitado contribuir nesta fase final da elaboração da tese. Da mesma forma, quero agradecer ao colega e professor Gilvane Araújo, pela sua leitura do trabalho e, também, seu parecer no ensaio da disciplina de Seminário I.

Às colegas e ao colega que tive a oportunidade de conhecer durante o curso, Fátima e Silva de Freitas, Jefferson de Oliveira Salles, Jessica Brisola Stori, Joice Viviane Silva, Marlova Teresinha Fritzen, Stella Titotto Castenharo e Thaís de Souza Lima Brodbeck, obrigado pelo convívio, apoio, sugestões, desabafos e trocas de ideias, mesmo que à distância a maior parte do curso, vocês contribuíram muito.

Meu agradecimento a todos os arquivistas, em especial ao padre Giovanni Terragni, responsável pelo Arquivo Geral da Congregação Scalabriniana em Roma, pela sua dedicação e organização para com as fontes lá depositadas, assim como pela disponibilização da obra que reuniu as cartas e parte dos escritos do sacerdote Pietro Colbacchini.

À secretária do PPGHIS, Maria Cristina Parzowski, por sua atenção e prestatividade em resolver as questões burocráticas.

Aos meus colegas de trabalho do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de Colombo e, mais recentemente, do Colégio Estadual Presidente Abraham Lincoln, em especial a Lucile de Carvalho Mottin e Higor Matheus Frazon Ribeiro do Museu Municipal Cristoforo Colombo, e às colegas de disciplina Ariadne Sabino da Silva e Maritana Drescher da Cruz, pelo incentivo.

À Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia e a Associazione Veneti nel Mondo – Colombo, sobretudo a Rosangela Kusma Gasparin e a dona Bernadete Júlia Lovato D’agostin (*in memoriam*). De maneira especial, aos amigos e compadres Diego Gabardo e Mara Francieli Motin, Edilson Maschio e Elaine Cátia Falcade Maschio, pela partilha do conhecimento, leituras, compartilhamento e busca de fontes nos arquivos do Brasil e do Vêneto. Gratidão a vocês, a Karine, Maristela, Marta (*in memoriam*), Franciele e Rafael, pelas produções de materiais sobre a cultura e a língua dos descendentes de imigrantes italianos em Colombo. O apoio, a amizade e o exemplo de vocês estão presentes nas páginas deste trabalho. Aos membros dos grupos de pesquisa CESTA (Centro de Estudos do Talian) e NuCLiH (Núcleo de Estudos de Cultura e Língua de Herança), nas pessoas das professoras Loremi Loregian-Penkal, Karine Marielly Rocha da Cunha e Fernanda Ortale.

A todos meus amigos, em especial Alexsandro e Karina, Guilherme e Amanda, por compreenderem meus momentos de renúncia e torcerem por mim.

À minha segunda família, Renato e Cleide, Augusto e Madalena, Mariana e Luiza, agradeço pelo apoio e incentivo de todas as horas.

Aos meus queridos e amados pais, Cleonice e Miguel, por serem meus alicerces, e pelas oportunidades de estudos que sempre me deram. Obrigado por me encorajarem, acreditarem em mim e não me deixarem desistir nunca. Igualmente, aos meus irmãos, Gian, Giovanni e Guilherme, minha cunhada Jenefer e meu sobrinho João.

A minha esposa Renata, que com amor e companheirismo percorreu comigo o caminho desta realização. Obrigado por estar sempre ao meu lado e sonharmos juntos. As minhas filhas, Cecília e Aurora, que mesmo sem entender sofreram minhas ausências e foram as minhas maiores inspirações. Sem vocês não teria sentido chegar até aqui.

Por fim, a todos meus antepassados imigrantes e seus descendentes, em especial a minha *nonna* Aurora Batistão Machioski (*in memoriam*) que muito me ensinou e inspirou.

Muito obrigado! Grazie mille! Gràssie tanto!

Deus está no particular.

Abraham Moritz Warburg

Nenhum grande homem vive em vão.

A história do mundo não é senão a biografia dos grandes homens.

Thomas Carlyle

As biografias são apenas as roupas e os botões da pessoa.

A vida da própria pessoa não pode ser escrita.

Mark Twain

RESUMO

A presente tese investiga as trajetórias biográficas de um personagem específico, o padre Pietro Colbacchini (1845-1901), que participou de um macro fenômeno histórico de caráter transnacional, a e/imigração italiana. O seu principal objetivo foi reconstruir a biografia do investigado, para assim perceber como o indivíduo em questão se constituiu em uma *persona grata et non grata* ao realizar sua missão junto aos italianos imigrados no Brasil durante o final do século XIX. Este estudo, desenvolvido por meio da metodologia micro analítica, almejou demonstrar também como a escrita de uma vida é útil para desvendar as particularidades deste grande deslocamento de massa ocorrido na história contemporânea. O valor biográfico do sujeito estudado é postulado pelo fato do mesmo comparecer em diversos trabalhos historiográficos e memorialísticos que versam sobre o tema, publicados tanto no Brasil como na Itália, mas ao mesmo tempo pela ausência, até então, de um trabalho acadêmico que tenha se ocupado exclusivamente da sua história de vida. Durante a investigação, a intensidade desse valor ganhou uma proporção ainda maior por meio da identificação de uma série de conflitos, internos e externos, vividos por Colbacchini desde a infância em sua terra de origem, a *comune* de Bassano del Grappa, da província de Vicenza, na região italiana do Vêneto. Foram essas inquietações, advindas de suas vivências familiares e locais, que primeiro o levaram a assumir o sacerdócio e, posteriormente, um discurso católico ultramontano e étnico. Em decorrência da emigração de um grande grupo formado na *Zona Bassanese*, e de sua posterior fixação em áreas de colonização italiana no Brasil, o sacerdote católico concretizou seu anseio ministerial ao também emigrar para assistir espiritualmente seus conterrâneos estabelecidos em terras brasileiras, atuando nos estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Ao analisar o desenrolar da vida do referido religioso em solo brasileiro, por meio das metodologias de análise conhecidas na historiografia como onomástica e jogos de escalas, pode-se vislumbrar a continuidade da construção de suas (inter)subjetividades e de suas práticas discursivas. Ao cruzar as suas ações com as dinâmicas e os demais protagonistas do fenômeno, revelaram-se detalhes que demonstraram a heterogeneidade e a pluralidade, tanto do personagem, como do evento histórico investigado. Assim, mais do que escrever a história singular da vida de um missionário imigrante, ao esmiuçar os seus fragmentos e a sua multiplicidade, suas origens, sua personalidade, seu pensamento, seu discurso, suas trajetórias e memórias, tidas como um verdadeiro caleidoscópio de imagens forjadas por ele e sobre ele, foi possível mergulhar nos contextos históricos nos quais ele viveu, agiu e produziu a escrita de si.

Palavras-chave: 1. Padre Pietro Colbacchini; 2. Trajetórias Biográficas; 3. E/Imigração Italiana; 4. Micro história; 5. Catolicismo.

ABSTRACT

This thesis investigates the biographical trajectories of a specific character, Father Pietro Colbacchini (1845-1901), who participated in a macro historical phenomenon of transnational character, the Italian e/immigration. Its main objective was to reconstruct the biography of the individual in question, in order to understand how the individual in question constituted himself as a *persona grata et non grata* when carrying out his mission among the Italian immigrants in Brazil during the late 19th century. This study, developed through the microanalytic methodology, also aimed to demonstrate how the writing of a life is useful to unveil the particularities of this great mass displacement that occurred in contemporary history. The biographical value of the subject studied is postulated by the fact that he appears in several historiographical and memorialistic works that deal with the theme, published both in Brazil and in Italy, but at the same time by the absence, until now, of an academic work that has exclusively dealt with his life story. During the investigation, the intensity of this value gained even greater proportions through the identification of a series of conflicts, both internal and external, experienced by Colbacchini since childhood in his hometown, the comune of Bassano del Grappa, in the province of Vicenza, in the Italian region of Veneto. It was these concerns, stemming from his family and local experiences, that first led him to assume the priesthood and, later, an ultramontane and ethnic Catholic discourse. As a result of the emigration of a large group formed in the Bassanese Zone, and their subsequent settlement in areas of Italian colonization in Brazil, the Catholic priest fulfilled his ministerial desire by also emigrating to spiritually assist his fellow countrymen established in Brazilian lands, working in the states of São Paulo, Paraná and Rio Grande do Sul. By analyzing the unfolding of the life of the aforementioned priest on Brazilian soil, through the analytical methodologies known in historiography as onomastics and games of scales, one can glimpse the continuity of the construction of his (inter)subjectivities and his discursive practices. By crossing his actions with the dynamics and the other protagonists of the phenomenon, details were revealed that demonstrated the heterogeneity and plurality of both the character and the historical event investigated. Thus, more than writing the singular story of the life of an immigrant missionary, by analyzing his fragments and his multiplicity, his origins, his personality, his thoughts, his speech, his trajectories and memories, considered as a true kaleidoscope of images forged by him and about him, it was possible to delve into the historical contexts in which he lived, acted and produced the writing of himself.

Keywords: 1. Father Pietro Colbacchini; 2. Biographical Trajectories; 3. ItalianE/Immigration; 4. Microhistory; 5. Catholicism.

RIASSUNTO

Questa tesi ricerca le traiettorie biografiche di un personaggio specifico, Don Pietro Colbacchini (1845-1901), che ha partecipato ad un macro fenomeno storico di carattere transnazionale, l'e/immigrazione italiana. Il suo obiettivo principale è stato quello di ricostruire la biografia del soggetto indagato, per comprendere come il suddetto individuo divenne una *persona grata et non grata* nello svolgimento della sua missione tra gli italiani immigrati in Brasile alla fine del XIX secolo. Questo studio, sviluppato utilizzando la metodologia microanalitica, mira anche a dimostrare come la scritta di una vita è utile per svelare le particolarità di questo grande spostamento di massa avvenuto nella storia contemporanea. Il valore biografico del soggetto studiato è postulato dal fatto che egli compare in numerose opere storiografiche e memorialistiche che trattano dell'argomento, pubblicate sia in Brasile che in Italia, ma allo stesso tempo per l'assenza, fino ad allora, di un lavoro accademico che ha trattato esclusivamente della storia della sua vita. Nel corso dell'indagine, l'intensità di questo valore ha acquisito una proporzione ancora maggiore attraverso l'individuazione di una serie di conflitti, interni ed esterni, vissuti da Colbacchini fin dall'infanzia nella sua terra natale, il comune di Bassano del Grappa, in provincia di Vicenza, nella regione italiana del Veneto. Furono queste preoccupazioni, derivanti dalle sue esperienze familiari e locali, che lo portarono prima ad assumere il sacerdozio e, poi, ad un discorso cattolico ultramontano ed etnico. In seguito all'emigrazione di un folto gruppo formatosi nella Zona Bassanese, e al loro successivo insediamento nelle aree di colonizzazione italiana in Brasile, il sacerdote cattolico ha realizzato il suo desiderio ministeriale emigrando anche lui per assistere spiritualmente i suoi connazionali stabiliti in terre brasiliane, lavorando negli stati di San Paolo, Paraná e Rio Grande do Sul. Analizzando lo svolgersi della vita del suddetto religioso in terra brasiliana, attraverso metodologie di analisi note nella storiografia come onomastica e giochi di scale, si intravede la continuità della costruzione delle loro (inter)soggettività e delle loro pratiche discorsive. Incrociando le sue azioni con le dinamiche e gli altri protagonisti del fenomeno, sono emersi dettagli che hanno dimostrato l'eterogeneità e la pluralità, sia del personaggio che dell'evento storico indagato. Così, più che scrivere la storia singolare della vita di un prete immigrante, scrutando i suoi frammenti e la sua molteplicità, le sue origini, la sua personalità, i suoi pensieri, le sue parole, le sue traiettorie e i suoi ricordi, visti come un vero caleidoscopio di immagini forgiate da di lui e su di lui, è stato possibile approfondire i contesti storici in cui ha vissuto, agito e prodotto la scritta da se.

Parole chiave: 1. Prete Pietro Colbachini; 2. Traiettorie biografiche; 3. Immigrazione italiana; 4. Microstoria; 5. Cattolicesimo.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Mapa da Região do Vêneto e suas Províncias.....	37
FIGURA 2 - Mapa da Zona Bassanese, Província de Vicenza, Vêneto.....	38
FIGURA 3 - Mapa da Macrorregião de Colonização Italiana no Brasil.....	39
FIGURA 4 – Mapa da Localização de Itupeva no Estado de São Paulo.....	40
FIGURA 5 – Mapa da Região de Colonização Italiana do Paraná.....	41
FIGURA 6 – Mapa das Colônias atendidas pela Capelania Italiana do Paraná.....	42
FIGURA 7 – Mapa da Localização de Nova Bassano no Rio Grande do Sul.....	43
FIGURA 8 – Foto da Casa natal de Pietro Colbacchini no final do século XIX.....	73
FIGURA 9 – Foto do Assento do batizado de Pietro Colbacchini.....	77
FIGURA 10 – Mapa da Diocese de Vicenza no episcopado de Farina (1860-1888).....	104
FIGURA 11 – Foto da Casa Grande da Fazenda Monte Serrat em Itupeva – SP.....	133
FIGURA 12 – Mapa da Localização Cartográfica da Fazenda Monte Serrat.....	141
FIGURA 13 - Prospecto das Colônias Italianas do Paraná elaborado por Colbacchini.....	198
FIGURA 14 – Capa da “Guida Spirituale per l’imigrato italiano” de 1896.....	244
FIGURA 15 – Foto do Instituto Scalabrini em Bassano del Grappa em 1951.....	273
FIGURA 16 – Foto da fachada atual da Casa onde nasceu Pe. Pietro Colbacchini.....	274
FIGURA 17 – Foto da placa da Via Colbacchini em Bassano del Grappa.....	275
FIGURA 18 – Foto da placa dos 50 anos da chegada de Colbacchini em S.ta Felicidade.....	280
FIGURA 19 - Foto do Monumento erguido no 75º Ano de Santa Felicidade.....	280
FIGURA 20 - Foto do Fêmur de Colbacchini na Igreja de Santa Felicidade.....	281
FIGURA 21 – Brasão da Escola Estadual Padre Colbacchini.....	282
FIGURA 22 – Foto do Ginásio de Esporte da E. E. Padre Colbacchini.....	282
FIGURA 23 - Cabeçalho do Jornal da Escola Estadual Padre Colbacchini.....	283
FIGURA 24 - Página do Jornal com o Mascote Cobalca.....	283
FIGURA 25 - Retrato de Colbacchini em Colombo – Paraná.....	284
FIGURA 26 - Foto do Colégio Estadual Pe. Colbacchini em Nova Bassano – RS.....	287
FIGURA 27 - Foto do Registro Civil do Óbito de Pe. Pietro Colbacchini.....	320

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Tábua cronológica da vida de Pietro Colbacchini.....	34
QUADRO 2 - Ficha do aluno Pietro Colbacchini da 2ª Classe do Liceo Diocesano - 1858/1859.....	96
QUADRO 3 – Ficha do aluno Pietro Colbacchini da 3ª Classe do Liceo Diocesano- 1859/1860.....	97
QUADRO 4 – Tabela com a origem de algumas famílias recrutadas pelo padre Angelo Cavalli.....	152
QUADRO 5 – Tabela dos Núcleos familiares de sobrenome Cavalli emigrados de Valstagna e Campese.....	153
QUADRO 6 - Grupo de famílias emigradas do distrito de Bassano e adjacências.....	312
QUADRO 7 - Escritos do Padre Pietro Colbacchini (1870-1901).....	318
QUADRO 8 – Levantamento das Cartas Escritas pelo Pe. Pietro Colbacchini (1886-1901).....	319

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAES	- Archivio Affari Ecclesiastici Straordinari
ACCtba	- Arquivo da Curia de Curitiba
ACSP	- Arquivo da Cúria de São Paulo
AGS	- Archivio Generale Scalabriniano
APBG	- Archivio Pubblico di Bassano del Grappa
APF	- Archivio Propaganda Fide
APNSRClbo	- Acervo da Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Colombo
APPR	- Arquivo Público do Paraná
APSST	- Archivio Parrocchiale della Santissima Trinità in Angarano
ASV	- Archivio Segreto Vaticano
BCBV	- Biblioteca Civica Bertoliana di Vicenza
CSER	- Archivio degli Studi Emigrazione di Roma

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	16
<i>1.1 O tema, o objeto e a problemática da pesquisa.....</i>	<i>16</i>
<i>1.2 Os recortes espacial e temporal.....</i>	<i>36</i>
<i>1.3 Quadro teórico e metodológico.....</i>	<i>43</i>
<i>1.4 As fontes.....</i>	<i>61</i>
<i>1.5 A organização da tese.....</i>	<i>68</i>
2. A ORIGEM E A FORMAÇÃO DE UM PADRE VÊNETO.....	71
<i>2.1 O lugar e a família de origem: a gênese de uma subjetividade vêneta.....</i>	<i>72</i>
<i>2.2 O Vêneto e a Bassano de Colbacchini no século XIX: uma terra de religião em tempos de unificação.....</i>	<i>82</i>
<i>2.3 Os estudos e a formação eclesiástica de Colbacchini: o forjar de seu ultramontanismo intransigente e étnico.....</i>	<i>94</i>
<i>2.4 Os primeiros escritos de Colbacchini e a descoberta do seu eu missionário em uma terra de emigração.....</i>	<i>106</i>
3. HISTÓRIAS DE AMOR E ÓDIO: UM ULTRAMONTANO ENTRE OS IMIGRANTES ITALIANOS NO BRASIL.....	124
<i>3.1 As primeiras impressões de imigração e de Brasil: a fazenda Monte Serrat em São Paulo.....</i>	<i>125</i>
<i>3.2 O cruzamento de duas trajetórias: uma rede de e/imigração italiana no Paraná e um missionário vêneto nos arredores de Curitiba.....</i>	<i>142</i>
<i>3.3 Entre colonos católicos, liberais, anticlericais e outros tantos mais: as relações de amor e ódio de um ultramontano em terras paranaenses.....</i>	<i>167</i>
4. UM VÊNETO SCALABRINIANO, MAS COM JEITO DE JESUÍTA EM COMBATE: TRAJETÓRIAS, MEMÓRIAS E ESQUECIMENTOS	187
<i>4.1 “Uma Igreja em putrefação”: as disputas com os clérigos brasileiros.....</i>	<i>189</i>

<i>4.2 A vida na congregação scalabriniana: um intransigente entre transigentes.....</i>	<i>208</i>
<i>4.3 “Um repouso sabático para longe do Paraná”: a escrita dos ideais de italianidade e catolicidade.....</i>	<i>227</i>
<i>4.4 A fundação de Nova Bassano: a criação, redenção e rendição de um mito.....</i>	<i>247</i>
<i>4.5 És pó e ao pó voltarás, mas ainda que morto viverás.....</i>	<i>270</i>
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	289
REFERÊNCIAS.....	297
FONTES.....	304
ANEXOS.....	312

1. INTRODUÇÃO

1.1 O tema, o objeto e a problemática da pesquisa

Creio que escrever e discutir as trajetórias biográficas de um personagem histórico, cuja existência perpassa as temáticas da unificação italiana e do grande fenômeno da e/imigração experimentado por sua população, assim como da luta pela manutenção da catolicidade, tanto na Europa como também na América, não é tão somente um debruçar-se sobre fatos do passado ocorridos na Itália e no Brasil na segunda metade e virada dos séculos XIX para o XX, respectivamente.

Investigar as experiências de um indivíduo que vivenciou esses processos no referido país europeu e, posteriormente, em três dos quatro estados mais meridionais da nação brasileira, particularmente no Paraná, significa também procurar compreender parte da minha própria herança. Trata-se, portanto, de uma investigação múltipla sobre as razões que tornaram essas experiências históricas tão marcantes, de modo que elas se fazem presentes no existir e na memória de milhares de brasileiros descendentes de imigrantes, que assim como eu, cresceram em ambientes comunitários marcados por um arraigado sentimento de pertença formado pelo binômio religião/etnicidade, ou mais especificamente, catolicismo/italianidade.

Da mesma maneira, é operar uma análise sobre o contexto histórico transnacional que forjou o forte discurso de ligação entre as duas nações geograficamente separadas pelo oceano atlântico, a ponto de atualmente muitos dos ítalo-brasileiros exaltarem essa origem étnica, por meio de festas e celebrações, da manutenção do idioma e da gastronomia, do associativismo, das viagens para conhecer a cidade natal dos seus antepassados e, sobretudo, da procura pelo reconhecimento da cidadania italiana.

Essa realidade comprova que as experiências migratórias englobam tanto os antigos como os novos grupos sociais, pois continuam operantes nos intermináveis processos de reconstrução de identidade dos sujeitos, não só daqueles que migraram e vivenciaram o deslocamento, mas também aqueles protagonizados pelos seus descendentes. Essa forma de pensar o referido fenômeno histórico está apoiada no considerar “a passagem física da migração de um lugar para o outro como apenas um evento em uma experiência migratória que abarca velhos e novos mundos e que continua por toda a vida do migrante e pelas

gerações subsequentes”.¹ A amplitude alcançada pelo referido processo se dá tanto pelo seu caráter individual e subjetivo, como também pela dimensão múltipla, plural e intersubjetiva que o acontecimento histórico em questão contempla, conseqüentemente, assim é também o objeto deste estudo.

Posso dizer então, que o presente trabalho é fruto da combinação desses dois desejos de compreensão sobre os processos de reconstrução das subjetividades, entendidos como diferentes formas de curiosidade a respeito dos indivíduos inseridos dentro de um mesmo macro fenômeno espacial e temporal. Define-se, portanto, como uma investigação sobre o “eu”, que teve como gatilho a minha experiência particular, mas que se assemelha a de tantos outros, e que tem como objeto de pesquisa um personagem específico, que apesar de sua particularidade, presenciou e participou de um contexto histórico vivido e herdado por muitos. Sob essas perspectivas, e buscando me ancorar no rigor da pesquisa científica, é que o desafio desta escrita histórico-biográfica foi aceito e levado adiante.

Contudo, inicio afirmando que esta tessitura não se fez a partir de um novelo de lã cru e comum, mas devido ao grande número de estudos e memórias sobre o tema, e até mesmo em torno do personagem histórico investigado, foi preciso operar como o desfazer de uma velha blusa, que ao ser desfiada apresenta outras versões, tanto de seu fio condutor como das malhas que produziu. Estes, apesar de já envelhecidos e cheios de manchas, rasgos, nós, remendos, cores e tonalidades diversas, causados tanto pelo fiar e costura original, como também pelo desbotar do uso e do tempo, proporcionaram a confecção de um tecido novo, constituído pelo emaranhado de suas várias pontas soltas, que ao serem reutilizadas e trabalhadas de uma nova maneira, revelaram tramas que anteriormente não podiam ser vislumbradas. A começar pelos fios das minhas origens, de onde emergem as primeiras inquietações que despertaram a curiosidade e o desejo de investigar essa temática, pois foram eles que me levaram até o indivíduo que se tornou o objeto de estudo da presente pesquisa.

Nasci em Colombo, na Região Metropolitana de Curitiba, capital do estado paranaense, no ano de 1983, e foi ainda na infância que me descobri vivendo em meio a descendentes de imigrantes italianos, e mais, que eu também o era por parte de pai. De fato, a família de Luigi Battiston, um de meus trisavôs paternos, originária da pequena cidade de Gruaro, localizada na província de Veneza, na Região do Vêneto, desembarcou no porto de

¹ THONSOM, Alistair. Histórias (co)movedoras: História Oral e estudos da migração. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, 2002, pp. 341-342.

Santos, São Paulo, no final de dezembro de 1887.² Por sua vez, a sua esposa, uma de minhas trisavós paternas, Luigia Maria Falcade, originária de Arcade, província de Treviso, também da citada região do Norte da Itália, chegou ao Brasil pelo mesmo porto no final de 1888, acompanhada pelos seus pais e irmãos, quando possuía 17 anos de idade.³ Ambos os núcleos familiares foram recrutados pelo Barão de Serra Negra para trabalhar na colônia de Rio das Pedras, no interior de São Paulo.⁴

No início da década de 1890, já após o enlace matrimonial e o nascimento do segundo filho do casal, meu bisavô João Paulo Battiston, esses meus antepassados, acompanhados de outras famílias imigrantes, transferiram-se em definitivo para os arredores da capital paranaense.⁵ Mais especificamente, vieram para uma espécie de subnúcleo colonial, que na atualidade constitui um bairro rural, denominado São João, localizado no então recém-criado município de Colombo, onde havia terrenos novos a um preço acessível, o que propiciou a eles a realização daquele que era o grande sonho da maioria desses imigrantes: a posse de um pedaço de terra no Novo Mundo.⁶

Na realidade, esses novos terrenos, que formaram também outros subnúcleos de imigrantes italianos na região, hoje bairros rurais como Águas Fervidas e Serrinha, funcionavam como uma continuidade da Colônia Alfredo Chaves. Este primeiro núcleo colonial havia sido criado pelo governo provincial do Paraná na localidade do Butiatumirim em 1878, onde se instalaram colonos oriundos do Vêneto que não quiseram permanecer no litoral paranaense, cujos lotes urbanos proporcionaram a criação de uma vila e, mais tarde, do citado município.

Foi nesse empreendimento pioneiro que Giovanni Maria Maschio e Angela Fantin, meu outro casal de trisavós italianos, por influência de aparentados que ali se estabeleceram desde o momento de sua criação, fixaram residência no ano de 1879. Este meu trisavô era natural de Cismon del Grappa, província de Vicenza, e esta minha trisavó de Arsiè, província de Belluno, cidades vênetas localizadas no Canal do Brenta e muito próximas à Bassano del

² Matrículas dos Imigrantes entrados no Alojamento Provincial em São Paulo, Livro nº 07 de 1887. SÃO PAULO. Memorial do Imigrante, p. 265.

³ Matrículas dos Imigrantes entrados no Alojamento Provincial em São Paulo, Livro nº 16 de 1888. SÃO PAULO. Memorial do Imigrante, p. 105.

⁴ Em 17 de maio de 1871, Francisco José da Conceição foi agraciado pelo imperador Dom Pedro II com o título de Barão de Serra Negra. Ele foi um fazendeiro, político e cafeicultor da região de Piracicaba, Campinas e Jundiaí, localidades que receberam muitos imigrantes italianos que ali se instalaram para o trabalho nas fazendas de cana de açúcar, algodão e café. Cf.: HUTTER, Luci Maffei. **Imigração italiana em São Paulo (1880 –1889)**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros – USP, 1972; ALVIM, Zuleika. **Brava Gente! Os italianos em São Paulo (1870-1920)**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

⁵ Livro de Assentos de Matrimônios de Fev/1885 a Dez/1891. Arquivo da Paróquia Santo Antonio. Piracicaba-SP, p. 240.

⁶ Cf. CECCON, Oswaldo. **Quarteirão dos Veados**. Curitiba: Ciranda, 1987, pp.5-7.

Grappa, que, como se verá mais adiante, é a terra de origem do padre Pietro Colbacchini, o objeto de estudo desta investigação. Porém, já posso aguçar a curiosidade do leitor, afirmando que este fato não se deu por uma mera coincidência, mas sim devido à existência de uma rede e/imigratória nas respectivas regiões de origem e de destino.

Vivendo nos territórios destas ex-colônias italianas, lembro-me que era muito comum nos meus tempos de infância e adolescência, tanto no ambiente familiar, como também escolar e paroquial, sobretudo ao frequentar a catequese, escutar conversas e explicações que faziam referência aos colonos italianos, pois, eram os antepassados da maioria dos habitantes do lugar. Esses colóquios eram sempre carregados de elogios aos imigrantes da referida etnia, caracterizando-os como os fundadores da cidade, trabalhadores de muito esmero e exemplos de bons católicos.

Já, os padres falecidos, em sua maioria, italianos de nascimento, ou então, seus descendentes diretos, eram apresentados como “heróis” da comunidade. Em alguns casos, considerados até mesmo como uma espécie de “santos locais”. Por sua vez, aqueles que estavam em pleno exercício de pároco e vigário eram naturalmente aceitos como sucessores dos primeiros, e a exemplo deles eram considerados legítimos líderes sociais, sempre muito admirados e respeitados como verdadeiros mensageiros divinos.⁷

Portanto, o que existia eram construções laudatórias e harmoniosas, que assim como em outras regiões de colonização italiana no Sul do país, podem ser classificadas como “uma maneira idealizada de tratar a imigração, uma vez que enalteciam a cultura dos colonos, sua profunda fé, sua disposição para o trabalho, a sua índole ordeira e pacífica”⁸. Na verdade, assim como destacou Vendrame em sua investigação sobre a organização social na ex-colônia de Silveira Martins no Rio Grande do Sul, essa forma recorrente de representação, evidenciando uma suposta homogeneidade e passividade dos italianos e seus descendentes, que por ser muitas vezes replicada por uma historiografia tradicional e memorialista, escondeu por muito tempo a existência de uma série de atritos, carregados de tensões e relações de poder nas microssociedades que se formaram nas regiões de colonização desses imigrantes itálicos. Evidenciar a existência desses conflitos é um dos objetivos desta tese.

⁷ Até a década de 1950 a Congregação Passionista, responsável pela Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Colombo desde 1915, manteve a sua frente sacerdotes nascidos na Itália. A partir da década de 1960 passaram a suprir as funções de pároco e vigário padres descendentes de italianos nascidos no Brasil. Cf. MACHIOSKI, Fábio Luiz. A presença do catolicismo e da identidade italiana na criação do município de Colombo. In: MASCHIO, Elaine Cátia Falcade (Org.). **Memórias de uma Colônia Italiana: Colombo-Paraná (1878-2013)**. Porto Alegre: EST Edições, 2013, p. 67.

⁸ VENDRAME, Maria Inês. “**Lá éramos servos, aqui somos senhores**”: a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins (1877-1914). Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007, p. 28.

Tendo crescido nesse cenário de ex-colônia italiana, dois acontecimentos conectados, que se repetiram de forma recorrente na minha infância, me impressionaram com intensidade naquele período da vida a ponto de nunca terem deixado de permear a minha memória. Primeiro, me refiro às visitas ao interior do templo dedicado a Nossa Senhora do Rosário, devoção trazida pelos italianos que a transformaram em padroeira da cidade. Nessas incursões era possível acessar o coro, o campanário, assim como a sacristia da igreja. Ao lado desta última, havia outra sala na qual ficavam expostas as fotos de todos os sacerdotes que exerceram a função de párocos desde o início da comunidade religiosa. Lembro-me que desde o primeiro contato visual com a galeria de padres, me deparei com a inscrição logo abaixo do retrato de número 1: *Padre Pedro Colbacchini*.

O segundo acontecimento deu-se no ambiente familiar, proporcionado por um tio avô de nome João Fiorese, descendente de imigrantes de Bassano del Grappa, Marostica e Nove⁹, não por coincidência, cidades da província de Vicenza no Vêneto de onde é proveniente Colbacchini. Este meu aparentado, que exercia a função de “*campanaro*”¹⁰ nas missas dominicais, não se cansava de repetir orgulhosamente que o conjunto de três sinos havia sido trazido da Itália. Segundo ele, esses instrumentos, que ressoavam imponentes na igreja matriz da cidade, e que chamavam os moradores locais para cumprir seus preceitos religiosos, teriam sido doados como forma de gratidão por um sacerdote italiano, cujo alguns colonos instalados em Colombo haviam livrado de um atentado de morte, ironicamente planejado por imigrantes da mesma etnia residentes em Curitiba.

O seu relato também afirmava que o tal sacerdote precisou ficar escondido em terras colombenses por cerca de um mês, disfarçado de colono e vivendo no meio do mato, até conseguir fugir para o litoral, de onde voltou para a sua terra natal. Posteriormente, esse “causo” - que infelizmente não foi registrado em sua totalidade - que era contado com tanta empolgação pelo meu tio avô e por muitas vezes replicado entre os moradores da ex-colônia,

⁹ Neto dos imigrantes Pietro Francesco Fiorese oriundo de Bassano del Grappa; Luigi Gasparin e Luigia Pierina Toniolo, ele natural de Marostica e ela de Nove, cidades vizinhas de Bassano del Grappa. Todos vindos ao Brasil no final de 1892 e fixados com suas respectivas famílias nos citados subnúcleos da Colônia Alfredo Chaves, criados a partir de 1893. Tudo indica que a vinda desses conterrâneos foi influenciada pela presença prévia do Padre Pietro Colbacchini nessa área que faz parte da Região de Colonização Italiana do Paraná onde o mesmo atuava.

¹⁰ Tocador de sino (Tradução livre do autor). Destaco que a partir desse primeiro caso, todas as traduções de palavras, textos e citações do idioma italiano para o português presentes ao longo do trabalho são minhas, ou seja, de tradução livre do autor da tese.

pode ser evidenciado por meio de vestígios de outras fontes escritas, além de comporem os relatos orais de muitos dos membros da referida comunidade religiosa.¹¹

Por ora, quero salientar que esses eventos, vivenciados por mim ainda em tenra idade, revelaram a existência de relações de poder, negociações e disputas, entre os imigrantes, que também envolviam a figura do seu primeiro líder religioso. Essas revelações serviram como uma espécie de ponta de *iceberg*, pois foram responsáveis por gerar uma série de indagações que me acompanharam por muito tempo até a presente investigação. Quem era e o que teria feito esse padre italiano? Por que ele teria sido perseguido e sofrido um atentado de morte pelos seus compatriotas em Curitiba? Quem eram esses que desejavam dar cabo na vida de um religioso? E por que, ao invés disso, os seus outros conterrâneos, os imigrantes italianos de Colombo, o protegeram? Com toda certeza, essas várias indagações serviram de ponta pé inicial, de modo que foram responsáveis por despertar em mim o desejo de conhecer e interpretar os fatos dessa história. Foram elas que suscitaram as inquietações que me conduziram e me motivaram a elaboração do presente estudo sobre as trajetórias do missionário italiano Pietro Colbacchini em terras brasileiras.

Além de iniciar a apresentação do tema, do objeto e da problemática da presente pesquisa, quero demonstrar ainda que, o desejo de investigar a vida deste sacerdote e sua relação com o processo da imigração italiana no Brasil foi constituído ainda na minha infância como um projeto genuíno, em decorrência do meu contato direto com esse fenômeno histórico transnacional que ultrapassa gerações, qual seja, as narrativas dos descendentes de imigrantes. Essas narrativas levaram-me a enxergar o quanto a História está perto de cada um de nós, que apesar de pessoas comuns, ou seja, não ilustres, que aparentemente não têm ligação nenhuma com muitos dos acontecimentos que ganharam os livros da referida disciplina, estamos e somos diretamente ligados e atingidos por eles de alguma maneira. Neste ínterim, creio que fiquei fascinado pela História ao descobri-la próxima de mim, e assim, à medida que me percebi dentro dela e diante da sua força, acabei por ser arrastado para a sua escrita por um turbilhão de indagações e curiosidades sem fim, para as quais, como é perceptível por meio da elaboração deste trabalho, sigo buscando respostas.

Essa relação, que conceituo como História próxima, é aquela vigente no tempo e nos espaços existenciais de cada indivíduo, aquela herdada de nossos ancestrais diretos, ou que ocorre diariamente nas experiências de nossas vidas, presente nos acontecimentos do nosso

¹¹ Cf. MACHIOSKI, Fábio Luiz. **Uma luta ultramontana: o discurso do padre Pietro Colbacchini e o forjar da identidade dos imigrantes italianos em Curitiba no final do século XIX (1886-1901)**. Dissertação de Mestrado em História – UFPR. Curitiba, 2018.

cotidiano, que envolve a nós e as pessoas comuns com as quais convivemos e, que acontece nos lugares mais normais que frequentamos, como nossa casa, escola, igreja, rua, nosso clube, bairro, nossos vizinhos e círculos de amizades. Isso porque compreendo que “a história humana não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas, nos subúrbios...”¹² Ou seja, antes de qualquer coisa, é necessário conscientizar-nos de que a História não é algo distante, mas que ela nos liga pois está concatenada, e que acontece cotidianamente, e que continuamente nos atinge seja quem quer que sejamos. A História é contexto, pois ela nos contextualiza.

Creio que essas colocações servem também como as primeiras justificativas do porque da realização do presente trabalho. Outra questão, que justifica o desenrolar dessa pesquisa, é que ela visa dar continuidade as discussões sobre a imigração de grupos europeus e suas implicações em território nacional, que tem sido tema ininterrupto de análises na historiografia brasileira, especialmente no Sul do país. Especificamente, no Paraná, desde a década de 1970 os grupos de imigrantes e as comunidades de seus descendentes constituem objeto de investigação, onde a princípio foi privilegiado o uso da Demografia Histórica. Eu mesmo vivenciei esta experiência, ao elaborar minha monografia de graduação por meio da metodologia de reconstituição de famílias.¹³

Naquela ocasião, ao me valer das informações presentes nos assentos paroquiais, percebi como a religião foi um elemento fundamental para o processo de organização e reconstrução da identidade dos italianos em terras brasileiras, fato que me inspirou novos estudos. Nessa direção, fiz uso da história oral no meu trabalho de conclusão do curso de especialização, no qual investiguei o binômio catolicismo/italianidade nas narrativas dos descendentes desses imigrantes.¹⁴ Recentemente, por meio do método conhecido nas Ciências Sociais como análise do discurso, concluí a pesquisa de mestrado, que por sua vez abriu os caminhos que me trouxeram até a presente empreitada.¹⁵ Portanto, outra justificativa, é que além de dar continuidade às investigações a respeito de grupos migratórios, pretendo levar adiante minha própria trajetória enquanto um historiador em formação.

¹² FERREIRA GULLAR. **Corpo a Corpo com a Linguagem**. Coleção: Coleção Mapa. Editora: UEPG, 1997.

¹³ Cf. MACHIOSKI, Fábio Luiz. **A preservação da identidade cultural em grupo imigrante italiano: o Curato de Colombo, Paraná, 1888-1910**. Monografia (Graduação em História) – UFPR, Curitiba, 2004.

¹⁴ Cf. MACHIOSKI, Fábio Luiz. **A prática da religião católica e a preservação da identidade étnica italiana no Município de Colombo, Paraná, 1878-2008**. Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural) – UTP, Curitiba, 2008.

¹⁵ MACHIOSKI, 2018. Op. Cit.

Frente aos vários fatores que me motivaram a este estudo, cumpre notar a lacuna historiográfica existente tanto no Brasil como na Itália, pois não há ainda, segundo meus levantamentos, um trabalho histórico-biográfico que trate exclusivamente do padre Pietro Colbacchini, ao menos realizado no meio acadêmico, seja por um historiador ou outro pesquisador da área de humanas.¹⁶ Contudo, como veremos mais adiante, o personagem histórico do religioso comparece em diferentes estudos, sejam eles historiográficos ou memorialísticos, inclusive em biografias alheias, o que me levou a acreditar que esta pesquisa histórica sobre suas trajetórias biográficas se constitui em um contributo relevante para a história da e/imigração italiana, e que será bem aceita em ambos os lados do Atlântico.

Mais um ponto positivo, é que desde o último quartel do século XX, depois de uma fase de sonolência, e até mesmo de ostracismo, houve uma recuperação do prestígio da biografia por parte da historiografia. Essa retomada deu-se na esteira da Nova História Política e da Micro História, dentro da ampla renovação historiográfica das últimas décadas do referido século. Segundo Borges, dois eixos claramente imbricados podem explicar este atual interesse: “os movimentos da sociedade e o desenvolvimento das disciplinas que estudam o homem em sociedade”.¹⁷

Em decorrência desta revitalização, favorável para a realização do estudo que aqui é apresentado, outro fato que deve ser aqui mencionado, é o surgimento de trabalhos microanalíticos de cunho biográficos e de trajetórias para analisar o fenômeno da e/imigração combinado ao tema da religião.¹⁸ Especificamente, sobre a vida de outro missionário imigrante italiano no Brasil, posso citar novamente o fecundo trabalho da historiadora Maíra Vendrame. Ao desenvolver uma pesquisa em torno da figura histórica de Antonio Sorio, padre que foi assassinado na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul, a

¹⁶ A obra que mais se aproxima de uma biografia historiográfica de Colbacchini foi escrita por um jornalista, e lançada recentemente, no início de 2018, coincidentemente no mesmo período em que defendi meu trabalho de dissertação, uma análise do discurso do referido sacerdote. Cf. REBELLATO, Franco. **Merica, Merica, Merica: “Basta de miséria!” La grande emigrazione veneta di fine ‘800 sulle tracce del bassanese don Pietro Colbacchini, missionario e fondatore di Nova Bassano, in Brasile**. Romano D’Ezzelino(VI): Grafiche Fantinato, 2018.

¹⁷ BORGES, Vavy Pacheco. Fontes Biográficas: Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 209.

¹⁸ Particularmente para a historiografia brasileira, esse avanço se deu em grande parte pela realização do Seminário Internacional Micro-história, Trajetórias e Imigração, que desde sua primeira edição (outubro de 2014, na Universidade Federal de Santa Maria), passando pela segunda, terceira e quarta (junho de 2016, junho 2018 e maio de 2021 na Universidade do Vale do Rio dos Sinos), proporcionaram um contato direto com historiadores da micro-história italiana e produziram vários resultados como artigos e livros. Cito como exemplo a obra proveniente da última edição do evento, da qual pude participar: CARNEIRO, Deivy; KARSBURG, Alexandre; VENDRAME, Maíra Ines. (Org.s) **Práticas de micro-história: diversidade de temas e objetos de um método historiográfico**. São Leopoldo: Oikos, 2022.

pesquisadora conseguiu analisar o modo como os imigrantes italianos resolviam questões relacionadas à honra familiar.¹⁹

Pensando nesta recuperação e na eficácia da investigação biográfica para a escrita da história, parto também de um conselho de Vavy Pacheco Borges que afirma que, para os historiadores realizarem um bom estudo biográfico, “temos de começar pelo que já foi escrito (ou trabalhado de outras formas) sobre ele e, por vezes, isso nos coloca diante de uma imagem já estabelecida, até mesmo marcante, para ser por nós revista”.²⁰ Com esse propósito, e para melhor definir meu objeto de pesquisa, assim como a problemática em torno dele, vou apresentar de início alguns dos fragmentos presentes no que já foi escrito sobre sua pessoa.

Como já mencionei, o nome Pietro Colbacchini é facilmente encontrado em inúmeros trabalhos historiográficos que investigam o fenômeno da e/imigração italiana. Sendo assim, tanto na leitura de textos produzidos na Itália, como em pesquisas realizadas no Brasil sobre a temática, não é difícil deparar-se com narrativas que o citam de alguma maneira. Debruçando-me, especificamente, sobre alguns estudos a respeito do êxodo que ocorreu no Norte da Itália, sobretudo na Região do Vêneto, durante o último quarto do século XIX, assim como nos que tratam da instalação dos imigrantes italianos nas antigas províncias de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, percebi que a figura do referido personagem comparece nas análises de forma recorrente. Isto porque, assim como grande parcela dos imigrados desta origem aqui instalada, Colbacchini também é oriundo de Vicenza, uma das sete províncias que constituem aquela região setentrional da Itália, e foi nos três territórios brasileiros citados que o mesmo exerceu sua missão junto aos colonos que neles se fixaram.

Iniciando pelos rastros da produção historiográfica italiana, entre os trabalhos produzidos que narram de forma sucinta a experiência do missionário, posso citar primeiramente os de Deliso Villa. Em sua obra, intitulada “*La Valigia dell’Emigrante*”²¹, o referido autor organizou um itinerário detalhado, contendo as causas e os protagonistas, da história da emigração na área “bassanese”, que corresponde, como já citado aqui, ao entorno da comuna de Bassano del Grappa, cidade natal do padre de origem vêneta.

No respectivo livro, é possível encontrar algumas páginas que descrevem fragmentos das trajetórias do personagem histórico investigado. Já no prefácio da obra, Villa escreve que: “*Da Bassano Padre Pietro Colbacchini, splendida figura di missionario per gli emigrati, ha*

¹⁹ VENDRAME, Máira Ines. **O poder na aldeia: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre os camponeses italiano (Brasil-Itália)**. São Leopoldo: Oikos; Porto Alegre: ANPUH-RS, 2016.

²⁰ BORGES, Vavy Pacheco. Op. Cit., p. 217.

²¹ A bagagem do emigrante.

*raggiunto le prime “colonie agricole” create dai nostri contadini a San Paolo, nel Paraná e Rio Grande do Sul, dove ha fondato Nuova Bassano”*²². Mais adiante, ao tratar de Colbacchini como o responsável pela construção de várias capelas e igrejas nas regiões de colonização onde trabalhou, este autor afirma que além de cura, o mesmo foi o arquiteto, pintor e decorador de muitas delas.²³

Esse caráter empreendedor do religioso também é relatado por Deliso Villa em um segundo trabalho, a obra *“Storia Dimenticata”*²⁴, já publicada no Brasil e em vários outros países. Nesse último livro, que é considerado um clássico da história da emigração italiana, a pessoa de Pietro Colbacchini mereceu uma dezena de páginas. Ao tratar da criação de Nova Bassano por imigrantes vênets no Rio Grande do Sul, o escritor assevera que o referido religioso foi “para esse povoado, além de fundador, o sacerdote, o prefeito, o arquiteto, o organizador do comércio e da agricultura”²⁵.

Portanto, mais que construir igrejas e rezar missas, o referido religioso bassanese é apresentado como um dos grandes responsáveis pela organização da sociedade de capela, ou então, civilização paroquial, que pode ser definida como forma de arranjo social que se criou nas colônias italianas no Sul do Brasil.²⁶ Isto também é evidenciado nos estudos do historiador Emilio Franzina, que aponta que Pietro Colbacchini, assim como outros padres oriundos do Vêneto, irá desenvolver, além da assistência religiosa, atividades organizativas e civis de primeira ordem.²⁷

Algumas indicações nesse sentido também já foram defendidas por Azzi, que escreve que Colbacchini apegando-se totalmente a instituição católica e a Cúria Romana, declarava-se contrário ao governo do seu país de origem e desejava organizar e preservar a italianidade nas colônias por meio da religião e não pelo sentimento nacionalista.²⁸ Da mesma forma, este

²² “De Bassano padre Pietro Colbacchini, esplêndida figura de missionário para os emigrados, alcançou as primeiras colônias agrícolas criadas pelos nossos camponeses em São Paulo, no Paraná e no Rio Grande do Sul, onde fundou Nova Bassano” (Tradução nossa). VILLA, Deliso. **La Valigia dell’Emigrante: L’emigrazione nell’area bassanese da Asiago alla Valsugana, da Marostica alla Pedemontana del Grappa, da Breganze a Sandrigo e Castelfranco**. Romano D’Ezzelino: Editrice La Valigia, 1999, p. 3.

²³ Ibidem, p. 45.

²⁴ História Esquecida.

²⁵ VILLA, Deliso. **Storia Dimenticata – L’emigrazione italiana: il più grande esodo di un popolo nella storia moderna**. Porto Alegre: EST, 2002, p. 220.

²⁶ Sobre as definições de sociedade de capela e civilização paroquial conferir, respectivamente, DAL MOLIN (2020) e SCARPIM (2017).

²⁷ FRANZINA, Emilio. **Storia dell’emigrazione veneta: Dall’unità al facismo**. Verona: Cierre Edizione, 2005, p. 109.

²⁸ AZZI, Rioldo. O catolicismo de imigração. In: DREHER, Martin N. (Org.). **Imigrações e História da Igreja no Brasil**. Aparecida: Editora Santuário, 1993.

último autor deixa evidente que o religioso acreditava haver uma superioridade na forma em que os italianos praticavam a catolicidade e afirma:

Formado dentro do espírito ultramontano, Colbacchini mostrou-se frequentemente um crítico severo da Igreja do Brasil, tanto com relação à hierarquia, como com relação ao povo, visando com sua atuação missionária preservar os imigrantes da influência brasileira, julgada por ele prejudicial à fé dos colonos que se estabeleciam no país.²⁹

Esses apontamentos permitem destacar outra indagação muito presente na problemática deste trabalho: de que modo esse discurso do referido sacerdote poderia ser classificado e entendido como uma espécie de catolicismo étnico de imigração? Colbacchini tinha essa consciência? Essa intenção era correspondida pelos colonos, ou seja, surtiu efeito?

Fato é que, como já é possível imaginar, enquanto cavalgava de um núcleo para o outro prestando assistência religiosa, o referido missionário elaborou um grande programa de colonização para os imigrantes italianos, cuja terra prometida, como será apresentado mais adiante, seria as colônias do Paraná, pois já possuíam templos, e principalmente, uma liderança espiritual exercida por sua pessoa.

De certa forma, isso também se confirma no que Franzina infere em seus estudos sobre a emigração no Vêneto, nos quais vai afirmar que Colbacchini, assim como outros missionários católicos, cumpria a função protelada pelo governo italiano de dirigir porções do fluxo de imigrantes nas Américas.³⁰ O historiador italiano faz essa afirmação ao constatar que por meio de cartas, que eram publicadas não somente pela imprensa católica, mas também por aquela de cunho liberal, o religioso propagandeava as oportunidades e vantagens de se estabelecer nas regiões de colonização do Paraná.³¹

Segundo Santos, que desenvolveu seu estudo a respeito da emigração italiana por meio das publicações de periódicos que circulavam na época nas regiões fornecedoras de emigrantes do Norte da Itália, o padre que aqui é investigado enviou, somente durante o ano de 1892, várias missivas que falavam de seu plano colonizador. Algumas dessas cartas foram reproduzidas nos jornais *Eco di Bergamo* e *Gazzeta di Treviso*. De acordo com a historiadora,

²⁹ AZZI, Riolando. **A Igreja e os migrantes. V.1. A imigração italiana e os primórdios da obra escalabriniana no Brasil, 1884-1904.** São Paulo: Paulinas, 1987, p. 119.

³⁰ FRANZINA, Emilio. **A grande emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil.** Campinas: Editora da Unicamp, 2006, p. 413.

³¹ *Ibidem*, pp. 449 e 450.

“Colbacchini fez, sobretudo, a figura do orientador, e se revelou um apaixonado pelo Paraná, procurando enaltecer suas virtudes, exaltando as falhas de outras áreas de colonização³²”.

Ainda segundo a última pesquisadora, assim como a paixão pelo Paraná, são perceptíveis também nessas publicações os dotes propagandísticos do religioso, e porque não dizer seu poder de persuasão, ao descrever que os colonos italianos estabelecidos no entorno de Curitiba e atendidos espiritualmente por ele, encontravam-se em estado de plena felicidade, pois, haviam encontrado a “*cocanha*” tão pretendida e sonhada³³. Porém, sabe-se que as áreas de Santa Catarina e, sobretudo, do Rio Grande do Sul, receberam mais colonos dessa origem que as terras paranaenses. Essas evidências me fazem querer investigar o porquê o plano colonizador do referido sacerdote não foi levado adiante, seja por ele ou pelas autoridades italianas e brasileiras. Por que o padre não foi ouvido? Quais foram as oposições? Seria ele mesmo o responsável pelo plano não ter se concretizado? Será que a disputa ideológica empregada por ele pela liderança dos colonos não acabou por prejudicar o plano?

Retornando para a segunda obra de Villa, na qual também lançou mão em descrever a figura do personagem histórico analisado, o que chama bastante atenção é que ela foi pensada como uma biografia do bispo Giovanni Battista Scalabrini, fundador da Congregação dos missionários de São Carlos, à qual Colbacchini teria aderido prontamente quando estava em missão junto das colônias italianas no Paraná. A esse respeito o autor revela que:

*Non pensavo all'emigrazione. Volevo semplicemente parlare di un vescovo, monsignor Scalabrini, per illuminare meglio la sua straordinaria grandezza... Scalabrini era poco conosciuto dagli italiani perche l'emigrazione era, a sua volta, poco conosciuta... Quella che doveva essere la storia di un grande vescovo era diventata - per forza delle cose - la storia dell'emigrazione italiana.*³⁴

Essas palavras são muito inspiradoras, pois elas demonstram como um trabalho pautado na biografia de um personagem pode se transformar no estudo de um fenômeno macro, como é o caso da grande diáspora italiana. Nessa direção, acredito que a análise das trajetórias de Pietro Colbacchini também pode revelar particularidades sobre êxodo dos camponeses do Vêneto e a imigração italiana no Brasil. Aqui me refiro a possibilidade de

³² SANTOS, Roselys Izabel Correa dos. **A terra prometida: emigração italiana, mito e realidade**. 2ª Ed. Itajaí: Ed. da Univali, 1999, p. 168.

³³ Ibidem, p. 171.

³⁴ Eu não pensava na emigração. Queria simplesmente falar de um bispo, monsenhor Scalabrini, para iluminar melhor a sua extraordinária grandezza... Scalabrini era pouco conhecido pelos italianos porque a emigração era, por sua vez, pouco conhecida... Aquela que devia ser a história de um grande bispo tinha se tornado – por força das coisas – a história da emigração italiana. VILLA, Deliso. Entrevista concedida a jornalista Anna Maria Zampieri Pan. In: **Rivista Realtà Vicentina**, Vicenza, novembro, 2005.

cruzar trajetórias em um estudo de caráter biográfico, seja um cruzamento entre indivíduos, seus grupos sociais, ou até mesmo, entre seus contextos.³⁵

Outra passagem da já citada obra *Storia Dimenticata*, que trata dos primeiros missionários que ingressaram na congregação religiosa, criada pelo bispo de Piacenza para atender os italianos nas Américas, corrobora com essa ideia: “Pe. Bandini na América do Norte, pe. Colbacchini na América do Sul e pe. Maldotti no porto de Gênova bastam para imortalizar um empreendimento. Eles foram os maiores intérpretes de bispo Scalabrini na obra por ele instituída para assistir a grande emigração transoceânica”³⁶.

Apesar de animadora, discordo em partes com essa afirmação um tanto quanto romantizada, pois o sujeito que estou investigando não teria sido um intérprete tão fiel do fundador da congregação religiosa de que veio a participar. Inclusive, defendo que ele agiu de forma bem distinta, e mais, um tanto quanto independente e divergente em relação ao pensamento e discurso pregado pelo seu superior, fato que me leva a querer investigar por meio da especificidade de suas ações, como ele pensava e como pode ser representado de outras formas. Sobre isso Azzi aponta que: “na realidade, a intransigência de Colbacchini não se coadunava muito com a mentalidade do bispo Scalabrini, o qual, juntamente com Bonomelli, havia propugnado tenazmente em prol de uma atitude mais conciliadora por parte da cúria Romana”³⁷.

Outra diferença, é que ao contrário do bispo Scalabrini, que já teve sua história de vida narrada em vários escritos³⁸, Colbacchini ainda não foi objeto de uma pesquisa biográfica exclusiva, apesar de ser evidenciado pela congregação como “*il fulcro brasiliano*”³⁹, e sempre ser citado como o precursor da obra Scalabriniana no Brasil, como é o caso do trabalho de Mario Francesconi que escreve:

Don Colbacchini, arrivato in Brasile per conto suo nel 1885, aveva l'intenzione di fondare una Congregazione di missionari per gli emigrati in quella nazione... Quando il Colbacchini seppe da don Mantese che mons. Scalabrini aveva fondato una Congregazione per gli emigrati, vi aderì immediatamente. Il vescovo gli rispose che contava su di lui per la fondazione di una “casa centrale” dei missionari: P.

³⁵ Um exemplo desse tipo de pesquisa foi elaborado pela pesquisadora Vania Heredia. Cf. HEREDIA, Vania Beatriz Merlotti. Trajetórias cruzadas: a experiência dos emigrantes italianos no Sul do Brasil. In: **História Unisinos**, Vol. 21, nº 2, Maio/Agosto, 2017, p. 270-277.

³⁶ VILLA, Deliso. 2002, Op. Cit., p. 231.

³⁷ AZZI, Riolando. Fé e italianidade: a atuação dos Escalabrinianos e dos Salesianos junto aos imigrantes. In: DE BONI, Luiz A. (Org.). **A presença italiana no Brasil**, Vol. 2. Porto Alegre: EST, 1990, p. 76.

³⁸ Cf. RIZZARDO (1974), FRANCESCONI (1985), SIGNOR (1986) e TERRAGNI (2014).

³⁹ O pilar brasileiro.

*Colbacchini esaltò come posto ideale Agua Verde, una colonia italiana alla periferia di Curitiba, dove stava costruendo la chiesa.*⁴⁰

Da mesma maneira, ao tratar da presença dos missionários vênéticos no Brasil, mais especificamente dos religiosos scalabrinianos, Ermenegildo Reato irá afirmar: “*Tra i frutti più vistosi di tali iniziative dello Scalabrini segnaliamo l’opera veramente eccezionale dal vicentino P. Pietro Colbacchini, fondatore di Nuova Bassano in Rio Grande do Sul...*”⁴¹

O comparecimento recorrente, ao menos de parte das trajetórias do indivíduo que pretendo investigar, em obras que narram sobre a pessoa e os feitos do bispo Giovanni Battista Scalabrini, são vestígios sobre o agir do missionário Colbacchini que apontam para as possibilidades de cruzar histórias de vida em um trabalho biográfico. Penso que isso seja plausível não só por meio da constituição de histórias individuais, mas também com grupos e redes sociais. Cito como exemplo, os agrupamentos de colonos italianos instalados no Brasil e a comunidade de religiosos da congregação Scalabriniana.

Especificamente, sobre a história dos missionários de São Carlos, é possível destacar ainda o trabalho de Redovino Rizzardo, no qual a figura de Pietro Colbacchini recebe o adjetivo de ‘o precursor’.⁴² Neste livro, o autor traz pequenas biografias dos missionários scalabrinianos que atuaram no Brasil, sendo que a de número 1 refere-se à vida de nosso investigado e faz consideráveis revelações sobre a formação do caráter de nosso personagem:

... a breve permanência entre os jesuítas foi suficiente para lhe consolidar, ou imprimir, vários aspectos de sua personalidade empreendedora, independente e autoritária. Aliás, durante toda a vida se sentirá muito ligado aos discípulos de santo Inácio de Loyola, às vezes mais até do que a própria Congregação dos Missionários de São Carlos...⁴³

Ainda sobre a fase de estudos e a formação de padre Colbacchini, é possível encontrar informações importantes no que escreve Giovanni Terragni. Segundo este autor, entre os anos

⁴⁰ Padre Colbacchini, que chegou no Brasil por conta própria em 1885, tinha a intenção de fundar uma Congregação de missionários para os emigrados naquela nação... Quando Colbacchini soube pelo padre Mantese que monsenhor Scalabrini havia fundado uma Congregação para os emigrados, aderiu a ela imediatamente. O bispo lhe respondeu que contava com ele para a fundação de uma “casa central” para os missionários: Pe. Colbacchini exaltou como localidade ideal Água Verde, uma colônia italiana na periferia de Curitiba, onde estava construindo a igreja. FRANCESCONI, Mario. **Giovanni Battista Scalabrini: vescovo di Piacenza e degli emigrati**. Roma: Città Nuova Editrice, 1985, p. 1020.

⁴¹ Entre os frutos mais vistosos de tais iniciativas de Scalabrini assinalamos a obra verdadeiramente excepcional do vicentino Pe. Pietro Colbacchini, fundador de Nova Bassano no Rio Grande do Sul... REATO, Ermenegildo. *Presenza della Chiesa in Brasile*. In: SABBATINI, Mario e FRANZINA, Emilio (Org.s). **I Veneti in Brasile nel centenario dell’emigrazione (1876-1976)**. Vicenza: Edizioni dell’Accademia Olimpica, 1977, p. 120.

⁴² RIZZARDO, Redovino. **Raízes de um povo: missionários escalabrinianos e imigrantes italianos no Brasil (1888/1938)**. Passo Fundo: Gráfica e Editora P. Berthier, 1990, p. 8.

⁴³ Ibidem, p. 9.

de 1857 e 1862, ele realizou seus estudos junto aos seminários diocesanos de Vicenza e Padova, e no ano seguinte, tomou a decisão de entrar para a ordem dos jesuítas, à qual fez o pedido e foi aceito, de maneira que iniciou o noviciado em novembro de 1863, na cidade de Verona. Teria sido nesse período, que passou junto aos jesuítas, que ele adquiriu as características religiosas que marcaram sua atuação junto aos imigrantes italianos no Brasil, e consequentemente, moldaram o seu ideal de congregação. Foi assim, que ele absorveu os ensinamentos jesuítas da época, que eram pautados em uma “rígida disciplina com uma formação espiritual voltada ao intransigentismo e de indiscutível fidelidade ao Papa em todas as questões religiosas e políticas”⁴⁴

A obra organizada por esse último autor, contém em seu posfácio uma rica análise do historiador italiano Matteo Sanfilippo. Este, ao tratar da participação ativa do personagem aqui biografado no fenômeno da e/imigração, afirma o seguinte:

*La questione merita di essere approfondita e in una analisi più dettagliata Colbacchini appare come figura centrale, come stanno scoprendo gli studiosi brasiliani. Proprio per questo, il presente volume, curato e voluto da Giovanni Terragni, offre una quantità di piste, che devono essere esplorate. In primo luogo per comprendere quali fossero gli intenti del missionario dal suo arrivo in Brasile alla morte nel 1901 e quale fosse la sua visione della situazione.*⁴⁵

Esses apontamentos, feitos por Sanfilippo, que conclui seu texto afirmando que o testemunho “heroico” de tal personagem foi uma importante passagem no percurso de oferecer a possibilidade de ajuda aos emigrados para superar o trauma do deslocamento transoceânico, me levam a acreditar ainda mais na presente pesquisa, ao imaginar o quão inédito e revelador pode se tornar um estudo acadêmico detalhado sobre as trajetórias de Colbacchini e os contextos de conflitos, internos e externos, vividos por ele para favorecer os imigrantes italianos no Brasil.

Da mesma forma, uma série de outros estudos que desenvolveram problemáticas sobre o tema da imigração, e que de certa forma já analisaram parcialmente o discurso e ação do sacerdote em terras brasileiras, também são muito caros para a elaboração de minha investigação. Entre eles, destaco o estudo desenvolvido por Maschio, que trata do processo de escolarização nos núcleos coloniais italianos de Curitiba. Em sua tese, a citada pesquisadora

⁴⁴ TERRAGNI, Giovanni. **P. Pietro Colbacchini con gli emigrati negli Stati di S. Paolo, Paraná e Rio Grande do Sul 1884-1901**. Corrispondenza e scritti. Napoli: Grafica Elettronica, 2016, p. 6.

⁴⁵ A questão merece ser aprofundada e em uma análise mais detalhada Colbacchini aparece como figura central, como estão descobrindo os estudiosos brasileiros. Exatamente por isso, o presente volume, gestado e desejado por Giovanni Terragni, oferece um punhado de pistas, que devem ser exploradas. Em primeiro lugar, para compreender quais eram as intenções do missionário desde sua chegada no Brasil até sua morte em 1901 e qual era a sua visão da situação. SANFILIPPO, Matteo. Postfazione. In: TERRAGNI, Op. Cit., p. 699.

analisou parte da atuação do padre, no período no qual ele desempenhou a função de inspetor escolar das colônias italianas do Paraná. Sobre isso escreve que:

...desde o final de 1889 o Missionário Padre Pietro Colbacchini – nomeado naquele ano Inspetor Paroquial das Escolas nas colônias italianas - se declarava desfavorável a nomeação de uma professora brasileira. Ele desqualificou a condição feminina em assumir o cargo de professora da escola. Informava em requerimento que não havia “mulher competente” para o cargo de professora das meninas na colônia de Santa Felicidade.⁴⁶

Esta afirmação aponta para os caminhos a se trilhar ao se debruçar sobre o referido indivíduo, como por exemplo, a sua defesa de que os professores das colônias deveriam ser italianos, ou ainda, de que a educação deveria ser ministrada por membros de ordens religiosas femininas oriundas da Itália. Neste sentido, posso citar também o trabalho de outro historiador italiano, que fez uma análise semelhante, Roberto Sani, que em artigo recente analisou a relação existente entre catolicismo, educação e imigração e destacou a circularidade das ideias na constituição de modelos educativos, tendo como fonte um dos escritos do padre Colbacchini.⁴⁷

Voltando para a historiografia brasileira, quem também analisou parte do discurso do referido sacerdote vêneto foi Scarpim. Este historiador, que desenvolveu estudos sobre a família e as práticas religiosas dos imigrantes nas colônias de Campo Largo, na Região Metropolitana de Curitiba, descreve como a vivência do modelo de catolicismo pregado pelos representantes da Igreja Romana, incluindo Colbacchini que nelas atuou, contribuiu para a instalação do modelo de civilização paroquial trazido na bagagem dos imigrantes.⁴⁸ Da mesma maneira, este estudioso elaborou artigos sobre o ideal de catolicidade defendido pelo padre Colbacchini e seu papel no confronto com o catolicismo brasileiro.⁴⁹

Sobre uma análise mais focada nas relações de poder, cito ainda os trabalhos de Souza, nos quais investigou o embate entre Igreja e italianos liberais pela disputa ideológica dos imigrantes em São Paulo. Neles o referido historiador destaca o caráter de ultramontano intransigente de Colbacchini e suas críticas aos italianos anarquistas e liberais, aos padres “napolitanos” e ao clero brasileiro, neste sentido escreve:

⁴⁶ MASCHIO, Elaine Cátia Falcade. **A escolarização dos imigrantes e de seus descendentes nas colônias italianas de Curitiba, entre táticas e estratégias de italianità e brasilità (1875 – 1930)**. Tese (Doutorado em Educação) - UFPR, Curitiba, 2012, p. 92.

⁴⁷ SANI, Roberto. Catholicism, education and emigration: the Spiritual Guide of the Italian emigrant in America by the Scalabrinian priest Pietro Colbacchini. In: **History of Education & Children's Literature**, XIV, 2 (2019), pp. 263-283.

⁴⁸ Cf. SCARPIM, 2010 e SCARPIM, 2017.

⁴⁹ Cf. SCARPIM, 2015.

Neste ponto é significativa a fala de Colbacchini ao afirmar, em relação ao poder do bispo e do papa, que na diocese de São Paulo quem mandava era o primeiro e não o segundo, chocando-se tal representação com a compreensão eclesiástica de Colbacchini, que percebia e aceitava a autoridade episcopal, mas não assimilava na prática a sobreposição desta à do papa nas decisões locais.⁵⁰

A pesquisa desenvolvida por Souza sobre a imigração italiana no Estado de São Paulo e a ação dos scalabrinianos neste processo, foi também responsável pela minha maior aproximação ao indivíduo conflituoso que agora é aqui meu objeto de estudo. Tanto é verdade, que por meio da análise das disputas causadas pelo discurso de Colbacchini desenvolvi minha pesquisa de mestrado, na qual busquei investigar em que medida as práticas discursivas defendidas pelo referido religioso foram assimiladas no processo de construção da identidade etnocultural dos imigrantes italianos fixados no entorno de Curitiba.

No referido trabalho de dissertação, no qual analisei a luta ultramontana do padre Pietro Colbacchini ao querer impor seu modelo de catolicismo, percebi que os colonos não obedeceram completamente ao seu discurso, mas sim que, eles circularam entre os modelos de identificação étnica, elaborados pelos diferentes grupos sociais com os quais estavam em contato. Assim, concluí que a identidade etnocultural desses imigrantes não se fixou em nenhum momento, mas que ela transitou entre os modelos de italianidade e catolicidade, e por meio desse movimento assumiu um caráter intersubjetivo e plural.

A reunião de todos estes estudos aqui apresentados transformou-se como que num caleidoscópio de imagens sobre Colbacchini. Considerando sua atuação no processo e/imigratório para o Brasil, percebeu-se que ele se envolveu em diferentes âmbitos que recobrem a organização das colônias italianas. Portanto, creio que analisar e escrever as trajetórias biográficas deste missionário se constitui como tarefa historiográfica de grande envergadura.

Partindo, assim, dessa gama de leitura e suas diferentes interpretações, como também das minhas pesquisas anteriores, na qual meu interesse era descobrir se havia sido criada uma identidade pela coletividade italiana do entorno de Curitiba, acabei percebendo o quanto ela é representada de forma fragmentada, assim como também, a dos seus protagonistas. Em outras palavras, se estudando o coletivo fui direcionado a perceber as individualidades de alguns imigrantes, sobretudo a de Colbacchini, agora creio que ao investigar este indivíduo posso ser levado ao conhecimento do coletivo. Nessa direção, a presente pesquisa pode ser traduzida

⁵⁰ SOUZA, Wlaumir Doniseti de. Imigração italiana e Igreja: ultramontanismo e neo-ultramontanismo. In: DREHER, Martin N. (Org.). **500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional**. Porto Alegre: Edições EST, 2002, pp. 290 e 291.

como meu “sim” ao desafio biográfico, que consiste em investigar e escrever a vida de um indivíduo, o padre Pietro Colbacchini, e por meio dele procurar descobrir particularidades da vinda e da presença dos imigrantes italianos no Brasil.

Conforme minha exposição, a problemática da presente pesquisa passa ainda pela intenção de perceber como o sujeito histórico investigado se constituiu nesse personagem frequentemente invocado na escrita da história da e/imigração italiana. Essa questão engloba uma série de outras perguntas, para as quais procurei respostas ao esmiuçar os fragmentos das trajetórias de vida do sujeito: Quais as singularidades de Pietro Colbachini no fenômeno da e/imigração italiana para o/no Brasil? Quais foram os contextos e sociabilidades que condicionaram sua atuação? Quais foram os afetos e desafetos que ele criou? Entre a excepcionalidade e normalidade das suas ações quem foi este sacerdote católico?

Dessa forma, creio que o presente estudo se torna muito promissor no que diz respeito ao contexto imigratório, devido à quantidade de vestígios encontrados, não só sobre o indivíduo que se constitui no meu objeto de pesquisa, categorizado por uma infinidade de adjetivos, mas também pelas centenas de fragmentos dos vários grupos e redes sociais com os quais o mesmo interagiu direta ou indiretamente. As marcantes características individuais, sejam elas positivas ou negativas, atribuídas ao personagem histórico investigado, que emergem tanto das fontes contemporâneas a ele, como das memórias produzidas no espaço e no tempo, e que serão apresentadas ao longo da escrita deste trabalho, são muito instigadoras e foram as responsáveis pela escolha do título: “*a persona grata et non grata* de padre Pietro Colbacchini”.

A fim de finalizar a apresentação do tema, do objeto e da problemática da presente pesquisa, no intuito de organizar o trabalho e facilitar a sua leitura, sigo um rico conselho de como realizar um bom estudo biográfico que afirma que “para uma compreensão inicial é sempre preciso ordenar os acontecimentos no tempo”, assim, “uma tábua cronológica deve ser feita por princípio”.⁵¹

⁵¹ BORGES, Vavy Pacheco. Op. Cit., p. 221.

QUADRO 1 – Tábua cronológica da vida de Pietro Colbacchini

DATA e IDADE	ACONTECIMENTO	LOCAL
11 de setembro de 1845	Nasce na casa dos pais Antonio Colbacchini e Angela Zarpellon	Angarano de Bassano Veneto Vicenza – Vêneto - Itália
12 de setembro de 1845 1 dia de vida	Batizado na Igreja da Santíssima Trindade, paróquia local	Bassano Veneto Vicenza – Vêneto - Itália
1848/1849 3 anos	Recebe o sacramento católico do crisma	Angarano de Bassano Veneto Vicenza – Vêneto – Itália
1853/1854 8 anos	Recebe o sacramento da primeira comunhão	Angarano de Bassano Veneto Vicenza – Vêneto – Itália
1854-1856 Dos 8 aos 10 anos	Adquire as primeiras instruções por meio de aulas particulares ministradas em sua residência	Angarano de Bassano Veneto Vicenza – Vêneto - Itália
1856-1860 Dos 11 aos 13 anos	Frequenta o Ginásio de Bassano e estuda junto ao Seminário Diocesano de Vicenza	Bassano/Vicenza Vicenza – Vêneto – Itália
1860-1862 Dos 14 aos 16 anos	Prossegue os estudos no seminário de Padova, interrompido várias vezes por motivo de doença	Padova Padova – Vêneto – Itália
1863-1865 Dos 17 aos 19 anos	Realiza os primeiros anos de noviciado junto aos jesuítas em Verona	Verona Verona – Vêneto - Itália
1866 Aos 20 anos	Assiste a anexação do Vêneto à Itália	Itália/Alemanha
1866-1868 Dos 20 aos 23 anos	Concluir seus estudos no Seminário Diocesano de Vicenza	Vicenza Vicenza – Vêneto – Itália
19 de dezembro de 1868 Aos 23 anos	É ordenado sacerdote pela Diocese de Vicenza	Vicenza Vicenza – Vêneto - Itália
1869-1873 Dos 23 aos 27 anos	Vive os primeiros anos de sacerdócio, e redige seus primeiros escritos	Bassano Veneto Vicenza – Vêneto - Itália
1873-1876 Dos 27 aos 30 anos	É feito Missionário Apostólico da Diocese de Vicenza e passa a pregar missões	Vicenza – Vêneto - Itália
1876-1879 Dos 30 aos 34 anos	Trabalha como reitor na Igreja de Santa Corona e acompanha a emigração em massa na Zona Bassanese	Vicenza Vicenza – Vêneto - Itália
15 de outubro de 1879 Aos 34 anos	Torna-se arciprete de Cereda, Dedicando-se ao governo paroquial	Cereda Vicenza – Vêneto - Itália
1883-1884 Aos 37 anos	Deixa a paróquia de Cereda e volta a se dedicar exclusivamente às missões	Vêneto - Itália
Maio de 1884 Aos 38 anos	Decide se tornar missionário na América enquanto pregava uma missão em Feltre	Feltre Belluno – Vêneto – Itália

Outubro de 1884 Aos 39 anos	Visita o Vaticano e recebe do Papa Leão XIII as faculdades espirituais para a missão na América	Roma Roma – Lazio – Itália
1º de novembro de 1884 Aos 39 anos	Embarca no vapor Umberto I tendo como destino o Brasil	Gênova Gênova - Liguria - Itália
Fevereiro de 1885 Aos 39 anos	Após uma viagem conturbada, chega ao Rio de Janeiro e se apresenta ao Internúncio Monsenhor Cocchia	Rio de Janeiro – Brasil
14 de fevereiro de 1885 Aos 39 anos	Chega a São Paulo e se coloca a disposição do Bispo Dom Lino	São Paulo São Paulo - Brasil
1885-1886 Aos 39 e 40 anos	Por 1 ano e 3 meses realiza sua missão junto aos colonos da Fazenda Monte Serrat	Itupeva São Paulo – Brasil
Meados de 1886 Aos 40 anos	Transfere-se para Curitiba, onde depois fixa residência na Colônia Senador Dantas	Água Verde - Curitiba Paraná – Brasil
28 de novembro de 1887 Aos 42 anos	Fundação da Congregação de Carlos Borromeu por Monsenhor Giovanni Battista Scalabrini	Piacenza Piacenza – Emilia Romania - Itália
12 de agosto de 1888 Aos 42 anos	Ingressa oficialmente no Instituto Scalabriniano	Curitiba Paraná – Brasil
1893 Aos 47 anos	Luta contra arregimentação dos imigrantes italianos no partido liberal durante a Revolução Federalista	Curitiba Paraná – Brasil
Fevereiro à Abril de 1894 Aos 48 anos	Vive escondido no meio de um bosque na Colônia Alfredo Chaves	Colombo Paraná - Brasil
27 de julho de 1894 Aos 48 anos	Comera os seus 25 anos de sacerdócio e realiza seu discurso de despedida aos colonos do Paraná	Curitiba Paraná – Brasil
Final de julho de 1894 Aos 48 anos	Retorna à Itália, primeiro para Bassano para rever a família, e depois para tratar da missão com Scalabrini e em Roma	Itália
1894/1896 Aos 48 e 49 anos	Escrita e publicação de relatórios sobre a imigração e do Guia Espiritual do Emigrante Italiano na América	Itália
1º de agosto de 1896 Aos 50 anos	Deixa a Itália para retomar sua missão no Brasil, em companhia do Pe. Antonio Serraglia	Itália
Agosto à Outubro de 1896 Aos 50 e 51 anos	Passa por Curitiba na tentativa de poder ficar, mas percebe ser ' <i>persona non grata</i> '	Curitiba Paraná - Brasil
17 de outubro de 1896 Aos 51 anos	Chega a Porto Alegre e se põe a disposição do Bispo	Porto Alegre Rio Grande do Sul – Brasil
Natal de 1896 Aos 51 anos	1ª Missa e fundação de Nova Bassano	Nova Bassano Rio Grande do Sul - Brasil
31 de janeiro de 1901 Aos 55 anos	Morre em São João do Herval, município de Alfredo Chaves Brasil, hoje Nova Bassano	Nova Bassano Rio Grande do Sul – Brasil

1.2 Os recortes espacial e temporal

Por se tratar de uma análise das trajetórias biográficas de um personagem histórico que se fez e/ou imigrante, o recorte espaço-tempo da presente pesquisa adquire um caráter múltiplo e disperso. Com certeza, este é um dos fortes motivos da minha opção pelo uso dos termos trajetória e biografia no plural. Não porque o padre Pietro Colbacchini tenha transitado por muitos países e por períodos muito descontínuos durante a sua atuação missionária, pois o mesmo atuou como sacerdote somente em duas nações, inicialmente no seu país de origem, a Itália e, posteriormente, somente no Brasil.⁵²

A pluralidade e a diversidade que se identifica são definidas pelo fato de que sua formação e missão foram marcadas por idas e vindas de frequentes deslocamentos internos, tanto em sua terra natal como no país de adoção. Posso adiantar que essa transitoriedade, tanto interior quanto exterior do sujeito investigado, foram frutos de seu perfil inquieto e intransigente, como também dos acontecimentos macros e das agências individuais e coletivas que o cercaram, ou seja, que cruzaram a sua existência.

De qualquer forma, a movimentação transnacional de Colbacchini, proporcionada pela travessia do Atlântico, que se repetiu somente duas vezes ao decorrer de toda sua vida, ao contrário das cartas com o seu nome e a sua assinatura que, como será possível acompanhar ao longo do trabalho, cruzaram incontáveis vezes o oceano, define por si só os dois grandes espaços físicos das duas nações como uma primeira limitação geográfica.

É no país europeu que, naturalmente, encontro o ponto de partida das trajetórias do personagem que se constitui como meu objeto de estudo, dado pelo seu nascimento em 11 de setembro de 1845, na já citada cidade de Bassano del Grappa, localizada na província de Vicenza na região do Veneto, Norte da Itália. Por sua vez, a baliza de tempo final é definida nos trópicos, devido à morte de Colbacchini ter ocorrido em 30 de janeiro de 1901 na colônia gaúcha de Alfredo Chaves. Hoje esta localidade se chama Nova Bassano, constituída como município do Rio Grande do Sul, estado mais meridional do país.

Contudo, estas balizas temporais não constituem barreiras fixas, pois, por muitas vezes foi preciso recuar ou avançar para além delas, para assim bem investigar a formação, as experiências e a constituição tanto da pessoa de Pietro Colbacchini, como das maneiras de como ele foi e é rememorado. Sobretudo, o marco temporal final precisou ser ultrapassado, já

⁵² As rápidas passagens pela Alemanha, durante seu período de formação, e pelo Uruguai quando da sua primeira vinda para o Brasil, assim como, sua quase ida para a Argentina na segunda estada na América do Sul, serão citadas e discutidas em momento oportuno mais adiante.

que me propus a analisar também como o dito religioso é lembrado e reescrito nas inúmeras memórias que foram construídas a partir de alguma parcela das suas ações.

Neste sentido, ao analisar os vários lugares de memória que existem entorno de sua pessoa, por várias vezes foi necessário saltar para o presente, ou então para o futuro em relação à data do seu falecimento, e logo após retornar para os fatos de sua existência para assim fazer uma análise mais assertiva do objetivo e da intenção de quem operou cada rememoração. Essa metodologia, de aproximar e afastar, e de reaproximar, movimentando a lente da investigação para lá e para cá, seja no tempo ou no espaço, foi uma constante durante a realização da pesquisa.

Dessa forma, na Itália, é possível considerar como superfície geográfica da investigação o Vêneto e as suas províncias de Vicenza, Belluno, Padova e Verona, onde Colbacchini viveu, na sua infância e juventude, o seu período de formação e missão inicial. Mas também as províncias vênetas de Treviso, Rovigo e Veneza, por vezes atraíram a lente da presente análise, pois foram de seus lugarejos que também saíram muitos dos conterrâneos que se instalaram no Brasil, já que esse trabalho também engloba essas trajetórias que se entrecruzam com a biografia do sacerdote. Eis aqui outro motivo em optar pelo uso destes termos no plural.

FIGURA 1 – Mapa da Região do Vêneto e suas Províncias⁵³



⁵³ https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Provinces_of_Veneto_map.png. Visitado em 29 de abril de 2024.

Por fim, lugares como Roma, Torino e Piacenza, apesar de localizados em outras regiões italianas, serão também elencados, pois neles o investigado esteve presente, por meio de rápidas passagens, ou então, porque ali seu nome foi inúmeras vezes citado, inclusive para traçar o destino de sua vida missionária.

Contudo, o foco principal no país de origem, ou seja, aquele do qual se aproximou por mais vezes e com mais intensidade o olhar investigativo do presente trabalho, é certamente a *Zona Bassanese*⁵⁴. Esse já mencionado recorte espacial é marcado pela presença do Rio Brenta, e compreende tanto o *Pedemontana del Brenta*⁵⁵ como o *Canale del Brenta*⁵⁶, tendo como seu epicentro a cidade de Bassano del Grappa.

FIGURA 2 – Mapa da Zona Bassanese, Província de Vicenza, Vêneto⁵⁷



⁵⁴ Atualmente essa área nas proximidades do Rio Brenta é composta por 14 municípios: Bassano del Grappa, Cartigliano, Cassola, Colceresa (Mason Vicentino e Molvena), Marostica, Nove, Pianezze, Pove del Grappa, Rosà, Rossano Veneto, Schiavon, Solagna, Tezze sul Brenta, Valbrenta (Campolongo sul Brenta, Cison del Grappa, San Nazario e Valstagna).

⁵⁵ Pé da Montanha do Brenta. É formado por Bassano del Grappa e pelas cidades circunvizinhas.

⁵⁶ Canal do Brenta. É o estreito vale do Rio Brenta ladeado por montanhas, que forma a parte dos pré-alpes vicentinos que compreende o espaço geográfico entre Bassano del Grappa e Cison del Grappa.

⁵⁷ <https://www.regione.veneto.it/web/enti-locali/ipa-pedemontana-del-brenta>. Visitado em 29 de abril de 2024.

Esta singular parcela da província de Vicenza, além de ser o lugar de nascimento de Colbacchini, é uma grande área fornecedora de imigrantes, sobretudo, e não coincidentemente, para algumas das colônias em que o mesmo desempenhara sua função em terras brasileiras, na qual foi possível identificar alguns detalhes da formação e do movimento de redes e/imigratórias, como já pode ser exemplificado anteriormente.

Da mesma maneira, para o país do lado de cá do Atlântico pode-se definir primeiramente um recorte macroespacial que corresponde aos estados que receberam grandes levadas de imigrantes italianos no final do século XIX, o qual é possível chamar de Região de Colonização Italiana do Brasil. Esta macrorregião compreende os estados brasileiros do Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), e do Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

FIGURA 3 – Mapa da Macrorregião de Colonização Italiana no Brasil⁵⁸



⁵⁸ http://geofpt.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_do_brasil/politico/brasil_politico5000k_2016.pdf. Visitado em 29 de abril de 2024.

Dentre os estados, como já tive a oportunidade de citar, destaca-se o Rio Grande do Sul, São Paulo e Paraná, por serem os lugares onde padre Pietro Colbacchini exerceu de fato sua missão entre os colonos. Os outros lugares foram visitados por ele em ocasiões rápidas e por motivos específicos, ou então, apareceram somente por meio de citações em seus escritos e demais documentações utilizadas como fontes de pesquisa.

Assim como para a região italiana, cada um dos estados onde o referido missionário atuou também tem o seu epicentro de investigação. No caso de São Paulo foi necessário afunilar a análise para uma fazenda. Trata-se da Fazenda Monte Serrat, hoje um bairro do município paulista de Itupeva, mas que foi um grande empreendimento de plantação de cana de açúcar e de café da região de Jundiaí. Foi junto aos italianos que trabalhavam nesta fazenda que Colbacchini iniciou sua atividade missionária no Brasil.

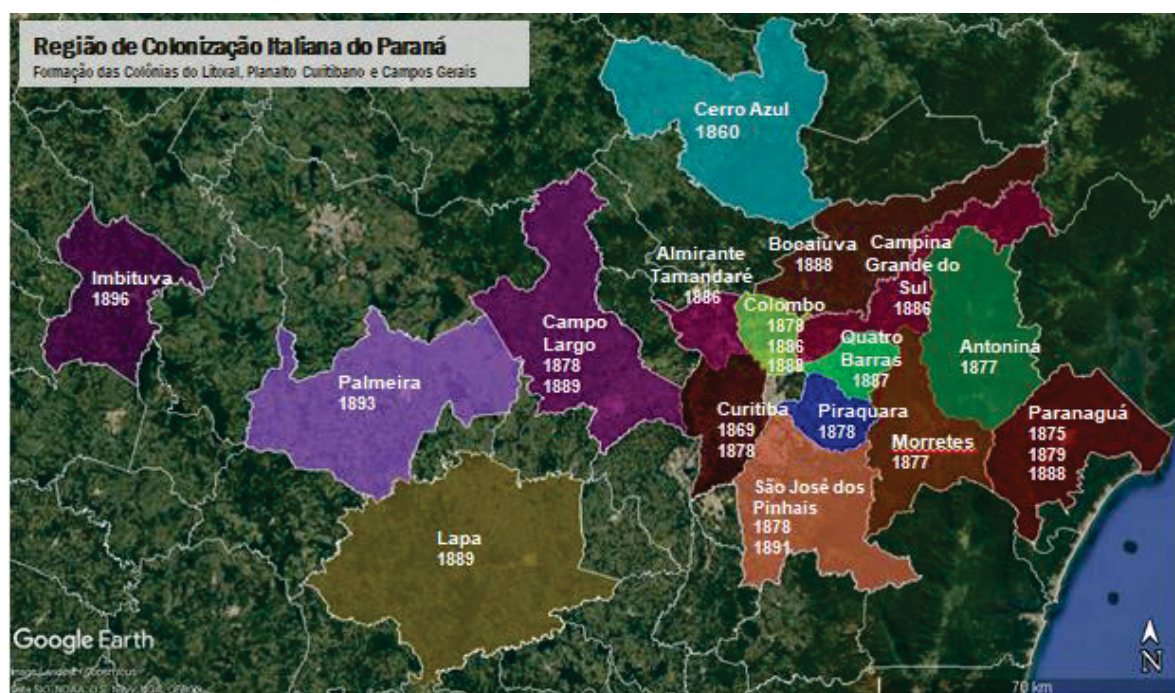
FIGURA 4 – Mapa da Localização de Itupeva no Estado de São Paulo⁵⁹



Já para o Paraná, o foco principal da pesquisa se deu na sua Região de Colonização Italiana específica, que se formou no final do século XIX, primeiramente no litoral do estado no início de 1870, logo depois no planalto curitibano, durante as décadas de 1870 e 1880, e posteriormente, nos anos de 1890 nos campos gerais.

⁵⁹ Por Raphael Lorenzeto de Abreu, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=1080951>.

FIGURA 5 – Mapa da Região de Colonização Italiana do Paraná⁶⁰

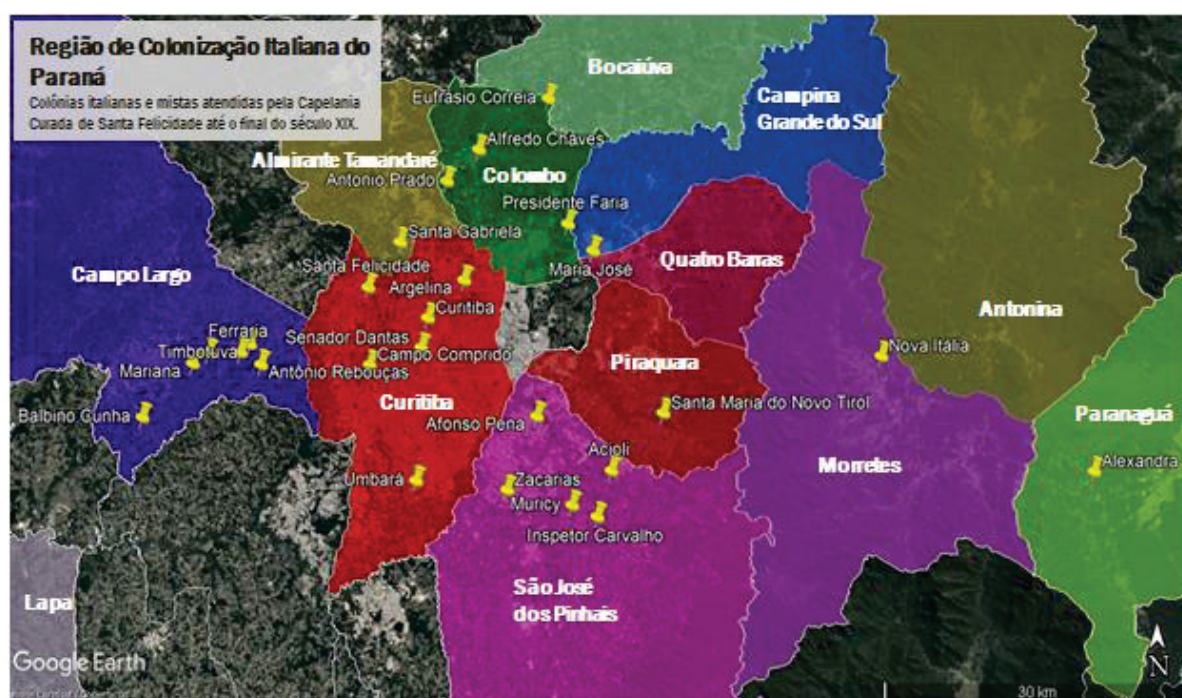


Nesta ampla região, o foco de investigação se voltou, principalmente, para as colônias que foram atendidas pela Capelania Curada Italiana criada a partir de 1888. A mesma se define como uma área não contínua, na qual o missionário italiano exerceu a sua função de cura das almas em favor das famílias de imigrantes dessa determinada origem, instaladas nos núcleos coloniais espalhados no entorno de Curitiba e no litoral paranaense.

Portanto, as colônias de italianos do Paraná ficavam dispersas entre Paranaguá, Antonina e Morretes até as terras da capital paranaense e dos municípios que hoje fazem parte da Região Metropolitana de Curitiba: São José dos Pinhais, Piraquara, Quatro Barras, Campina Grande do Sul, Bocaiúva, Colombo, Almirante Tamandaré e Campo Largo.

⁶⁰ Mapa elaborado pelo autor por meio do programa Google Earth.

FIGURA 6 – Mapa das Colônias atendidas pela Capelania Italiana do Paraná⁶¹



A varredura micro analítica a que me propus operar, em busca por detalhes da vida do sujeito biografado, fez com que muitas vezes a lente da pesquisa fosse posta ora em uma ora em outra colônia, que em determinados momentos da investigação tornava-se o seu epicentro. Assim como a área de atuação de Colbacchini, trata-se de recortes espaciais descontínuos, mas que revelam momentos particulares e, conseqüentemente, especificidades da sua pessoa e da sua ação no Paraná.

Por fim, para o estado do Rio Grande do Sul, que possui uma região de colonização italiana muito mais extensa, formada por quatro grandes colônias agrícolas, Conde d'Eu (Garibaldi), Dona Isabel (Bento Gonçalves) e Campo dos Bugres (Caxias do Sul) criadas em 1875, e Silveira Martins em 1877, o limite espacial se restringe à área gaúcha correspondente a Colônia de Alfredo Chaves, que surgiu em 1884 como lotes novos que visavam ampliar o sucesso da oferta de terras aos italianos, que não paravam de chegar e já haviam lotado os três primeiros empreendimentos de colonização.

Assim como nas anteriores, nesta nova zona geográfica destinada aos imigrantes, por meio da junção de algumas linhas dos núcleos coloniais se formaram vilas e distritos, sendo um deles o de Nova Bassano, atual município de mesmo nome, que considera Colbacchini o seu “fundador”.

⁶¹ Mapa elaborado pelo autor por meio do programa Google Earth.

FIGURA 7 – Mapa da Localização de Nova Bassano no Rio Grande do Sul⁶²



1.3 Quadro teórico e metodológico

Penso que a exposição feita anteriormente, sobre os recortes espacial e temporal, já tenham explicitado um pouco do método utilizado na construção do presente trabalho. Refiro-me ao uso da metodologia conhecida como jogos ou variações de escala, inaugurada e amplamente divulgada pela Micro-História italiana. Segundo Jacques Revel, esse pequeno grupo de pesquisadores italianos, apesar de possuírem diferentes interesses de pesquisa, reuniram-se em torno de empreendimentos comuns, primeiramente com a revista de nome *Quaderni Storici*⁶³ na década de 1970, e com a coleção *Microstorie*⁶⁴ pela Editora Einaudi, depois de 1980.

⁶² Por Raphael Lorenzeto de Abreu, https://commons.wikimedia.org/wiki/File:RioGrandedoSul_Municip_NovaBassano.svg?uselang=pt.

⁶³ Cadernos históricos.

De acordo com o mesmo historiador, foi por meio de inquietações comuns, que buscavam uma reação frente ao estado em que se encontrava a produção historiográfica, e munido de leituras das mais variadas áreas, sobretudo, da Antropologia, que o grupo se viu diante de reflexões críticas, as quais suscitaram novas sugestões e formas de abordagens empíricas para a escrita da história social.⁶⁵ Entre as inovações propostas, creio que a mais característica e sintomática foi a microanálise, que busca investigar o singular e o particular, e colocá-lo frente ao macro, para por meio deste movimento operar as análises de determinadas sociedades e seus grupos.

Sobre esta forma de operação para narrar à história, Revel vai nos explicar que:

Variar a objetiva não significa apenas aumentar (ou diminuir) o tamanho do objeto no visor, significa modificar sua forma e sua trama. Ou, para recorrer a um outro sistema de referências, mudar as escalas de representação em cartografia não consiste apenas em representar uma realidade constante em tamanho maior ou menor, e sim em transformar o conteúdo da representação (ou seja a escolha daquilo que é representável). Notemos desde já que a dimensão "micro" não goza, nesse sentido, de nenhum privilégio especial. É o princípio da variação que conta, não a escolha de uma escala em particular.⁶⁶

Essa explicação é muito esclarecedora do que de fato é para um historiador desenvolver sua pesquisa por meio da metodologia conhecida como jogos de escala. Não basta escolher um objeto micro, que seja singular ou particular, faz-se necessário variar o foco buscando trazer à tona o maior número de representações do mesmo, por meio das diferentes percepções que os mais variados ângulos e tamanhos permitem visualizar. É, portanto, uma metodologia que busca evidenciar as multiplicidades presentes nos organismos sociais investigados. E é exatamente esse o desejo do presente trabalho, investigar o caráter heterogêneo, tanto do sujeito em si como dos contextos históricos e grupos sociais por ele experimentados.

Portanto, foi ansiando escrever as trajetórias biográficas de um missionário católico junto de seus contextos, evidenciando as microssociedades nas quais ele esteve inserido, e com o intuito de contemplar as múltiplas subjetividades advindas de suas experiências, que encontrei alguns conceitos, categorias e aportes teórico-metodológicos, que unidos me indicaram um caminho possível para a construção de uma narrativa histórica com essas características.

⁶⁴ Micro histórias.

⁶⁵ REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 16.

⁶⁶ Ibidem, p. 20.

Somado à variação de escala, outro aporte metodológico proveniente da Micro-História, também foi essencial para a operacionalização da pesquisa. Trata-se do método micro analítico conhecido como Onomástico, que foi proposto por dois historiadores pertencentes ao grupo, Carlo Ginzburg e Carlo Poni. Esses dois estudiosos apontaram para que se fizesse do nome próprio, o marcador mais individual que existe, o fio condutor para estudos diferenciados de uma história social.⁶⁷

Segundo Revel, o que estava por trás dessa proposição era:

... uma história que almejasse atentar para a experiência dos indivíduos captada nas relações que eles mantêm com outros indivíduos. A escolha do individual não era considerada, no caso, contraditória com a apreensão do social: o que se esperava dela era que tornasse possível a inclusão de uma trajetória individual (a de um homem ou de um grupo de homens) numa multiplicidade de espaços e de tempos sociais, pelo novelo de relações sociais que se criam em volta dessa trajetória e dão-lhe sua significação: “se o terreno da pesquisa for suficientemente circunscrito, as séries documentais particulares podem ser superpostas na duração assim como no espaço, o que permite reencontrar o mesmo indivíduo em contextos sociais diferentes”.⁶⁸

Dessa forma, o nome foi o condutor na busca de resposta para problemática da presente pesquisa, visando pensar em como reunir em uma malha narrativa, as tramas e as urdiduras das trajetórias biográficas de um sujeito que pautou a sua vivência na e/imigração italiana, no catolicismo ultramontano e no sentimento de pertença étnica, despertando várias reações e emoções em si e nos diferentes grupos sociais onde se inseriu. Para isso, recorri também ao conceito de Identidade Narrativa de Paul Ricoeur, no qual narrar é dizer quem fez o quê, mas não só isso, também é analisar o porquê o sujeito estudado fez o que fez, quando, onde e como fez.

Segundo o citado filósofo, a noção de identidade narrativa diz respeito ao agente e autor da ação, introduzindo a indagação acerca do suporte de permanência do nome próprio: “o que justifica que se considere que o sujeito da ação, assim designado por seu nome, é o mesmo ao longo de toda uma vida que se estende do nascimento à morte?”⁶⁹ Ou seja, a narração não desvincula a ação do indivíduo de sua construção subjetiva em determinado

⁶⁷ GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989. p. 169-178.

⁶⁸ REVEL, Jacques. Micro-história, Macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15 n. 45 set./dez. 2010, p. 438-439.

⁶⁹ RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa 3**. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 418.

contexto, pois, deve mostrar a todo tempo qual foi o “eu” de determinada ação ou período de sua trajetória.

Nessa direção, a presente investigação pretende compreender as singularidades do sujeito religioso por meio das subjetividades que ele assumiu para responder aos desafios de sua ação missionária estando em terra estrangeira, mas pensando e vivendo entre seus conterrâneos. O que almejo, portanto, é problematizar a agência de Pietro Colbacchini, sacerdote formado numa estrutura bastante dogmática como a do ultramontanismo propagado pela Igreja Católica Romana durante o século XIX. Segundo Leonor Arfuch, que demonstrou quão ampliado é o *espaço biográfico*, é o valor encontrado na construção e na ação de uma personagem que possibilita assumir “uma *ordem narrativa* que é, ao mesmo tempo, uma orientação ética”⁷⁰

Entendido nessa dupla dimensão (narrativa e ética), o valor biográfico se transforma num interessante vetor analítico para nosso tema, um modo de leitura transversal suscetível de articular não apenas gêneros discursivos diferentes, mas também os diversos “modelos” que emigram de uns a outros, nos quais se plasmam as vidas ideais, do eco aristotélico da “vida boa” às diversas peripécias heroicas cujos traços sobrevivem em nosso tempo, incluídas evidentemente as mais recentes do “anti-herói”. Porque não há modo de narrar uma biografia, em termos meramente descritivos, expondo meramente uma lógica do devir ou uma trama de causalidade, por fora da adesão a – ou da subversão de – alguns desses modelos, em suas variadas e talvez utópicas combinatórias.⁷¹

De acordo com essa última autora, que apoiou seu estudo acerca do tema no dialogismo bakhtiniano, este valor biográfico pode ser ainda do tipo *fabulismo da vida*, que se define como um “caráter aberto, inacabado, cambiante, do processo vivencial, que resiste ser fixado, determinado, por um argumento”. Assim, “é a *fábula* da (própria) vida, narrada uma e outra vez, o que constitui em verdade o objeto de toda biografia”.⁷²

Creio que isto está posto, no caso de Colbacchini, na multiplicidade de suas experiências e ações, ou seja, no fato da personagem possuir em si muitas subjetividades, ou melhor, singularidades múltiplas possíveis de serem narradas, que o deslocam da condição de modelo pronto e acabado, de um exemplo a ser seguido como descreveram até então. Percebo que, com a realização do presente trabalho de cunho biográfico, o que estou ansiando é uma revisão que permita se distanciar da forma laudatória nas quais o religioso já foi descrito, mas também dos outros modelos que adotam uma linearidade na qual a narrativa já parte com

⁷⁰ ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: os dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 69.

⁷¹ Ibidem, p. 70.

⁷² Ibidem, p. 69-71.

começo, meio e fim, imaginando que iriam atingir a unicidade, a completude e a realidade do sujeito.

Essa minha percepção se apoia no que François Dosse classificou como sendo a Idade Hermenêutica dos escritos biográficos, que surgiram nos meados da década de 1980 junto do avanço promovido pelas ciências humanas para além do estruturalismo e das generalizações na interpretação da história. Uma escrita mais preocupada com a singularidade individual e a reflexão das heterogeneidades, ou seja, com as identificações diversas dos sujeitos no decorrer de sua trajetória, que não é mais vista como linear e centralizada.

Segundo Dosse, essa virada influenciou o gênero biográfico da seguinte forma:

O moderno regime de historicidade desconstrói as figuras tutelares que se prestam à identificação. Essa desconstrução abre possibilidade para as figuras plurais. O biógrafo pode então fazer o melhor dos índices mais corriqueiros para compor relatos biográficos segundo as linhas da intensidade múltipla. A linearidade postulada pela biografia clássica já não será então considerada intocável. O fato de se considerar o homem como fundamentalmente plural, mantenedor de vínculos diversos, modifica a abordagem do gênero biográfico.⁷³

Dessa maneira, penso que posso fugir do perigo da *ilusão biográfica*, e ao mesmo tempo, privilegiar a multiplicidade das subjetividades do sujeito cuja vida pretende-se narrar, pautado em suas relações, experiências e ações. Um exemplo do que entendo que seria uma singularidade múltipla do sacerdote estudado é o fato de ele ser um religioso com formação jesuítica, mas que foi ordenado como padre secular na Itália, que posteriormente se fez missionário da *Propaganda Fide* escolhendo como campo de missão as colônias de contrerrâneos no Brasil, aonde desejou fundar uma congregação, porém acabou ingressando em outro instituto religioso. Posso afirmar de antemão que Colbacchini não se fixou em nenhuma dessas singularidades, mas sim permeou sua existência em torno de todas elas.

Portanto, para buscar um caminho de como poder escrever as trajetórias biográficas do citado religioso, enquanto um indivíduo múltiplo, procurei aproximar as ideias de *valor biográfico* de Leonor Arfuch e *identidade narrativa* de Paul Ricouer, do estudo realizado por François Dosse (2009), na qual este último autor refletiu sobre os modelos de gênero biográfico que já foram desenvolvidos ao longo do tempo, suas transformações e sua relação com a história. Segundo este estudioso, a noção de indivíduo aparece já na antiguidade, mas com a função específica de indicar um modelo a ser seguido. O termo era usado para referenciar o modelo de sujeito típico, e não o homem e sua singularidade. Essas narrativas

⁷³ DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Unesp, 2009, p. 297.

visavam que os homens não fossem esquecidos para que servissem de exemplos a serem seguidos ou evitados.

Neste período, a história tinha como preocupação o compromisso com a verdade e estava pautada nos documentos como provas incorruptas, o que a afastava da biografia que ampliava seus horizontes por meio do uso da imaginação. Segundo Dosse, esse distanciamento vai perdurar também durante todo o medievo por meio das hagiografias que se ocupavam em narrar a vida dos santos. Essa realidade só começou a mudar a partir do século XVI com a ampliação do processo de individualização no qual a “escrita mantida entre a exemplaridade moral e a anedota singular tornar-se-á o modelo constitutivo do gênero biográfico nos tempos modernos”.⁷⁴

Nos séculos seguintes a figura do herói permanece, mas passará a ser vista por meio de uma série de qualidades presentes em certos indivíduos, criado a partir da configuração da ideia de identidade nacional representada pelo grande homem que será o tema recorrente das construções biográficas no século XIX. A esse desenvolvimento, Dosse chamou de *idade heróica* da narrativa biográfica.

Em resposta a essa constatação, Sabina Loriga (1998), afirma que a solução encontrada pelos historiadores para superar este distanciamento foi encontrada na narrativa, onde o indivíduo do século XIX pode ser pensado por meio de uma multiplicidade de formas, que vão além da figura do herói, como exemplos o homem patológico, o homem-partícula, nos quais a individualidade do eu estaria presente nas variedades de seus papéis sociais, evidenciando que o homem não é uniforme nem mesmo no seu tempo.

Essa multiplicidade indicaria a lei da mudança presente no movimento histórico, onde os sujeitos assumem funções que os possibilitam agir em prol do desenvolvimento social que se dá por meio das relações dos indivíduos e seus contextos.

Sendo assim, as palavras de Leonor Arfuch parecem fazer muito sentido:

... não há possibilidade de afirmação da subjetividade sem intersubjetividade; consequentemente, toda biografia ou relato de experiência, é, num ponto, *coletivo*, expressão de uma época, de um grupo, de uma geração, de uma classe, de uma narrativa comum de identidade. É essa qualidade coletiva, como marca impressa na singularidade, que torna relevantes as histórias de vida, tanto nas formas literárias tradicionais quanto nas midiáticas e nas das ciências sociais.⁷⁵

Dessa forma, entendendo que Arfuch e Loriga, apontam que uma narrativa, realmente preocupada com a individualidade do sujeito, deve fugir de uma escrita heroicizada e sim

⁷⁴ Ibidem, p. 155.

⁷⁵ ARFUCH, Leonor. Op. Cit., p. 100.

fazer uma leitura do mesmo a partir das agências individuais dentro de seu contexto e não de forma isolada. Mas esse posicionamento, por parte de ambas, só foi possível graças a uma virada que a biografia sofreu a partir da década de 1960, na qual houve uma renovação do gênero que permitiu uma maior aproximação com a história. Porém, isso ocorreu depois de um imenso debate, sobretudo entre os membros do movimento dos Annales, que continuavam a focar nas distinções existentes entre os estudos biográficos e os históricos.

Foi em meio a esta querela, que Pierre Bourdieu em meados de 1970, se pronunciou por meio de um escrito intitulado *A ilusão biográfica*, afirmando seu descrédito em relação ao gênero, sobretudo àquele tipo de biografia linear e que estabelece um sentido teleológico ao indivíduo. Segundo o sociólogo francês, os contextos nos quais as trajetórias dos sujeitos estão inseridas fazem com que as personalidades, as escolhas e as ações sejam múltiplas, plurais, e em algumas situações, até contraditórias.

Essa reflexão se torna de fundamental importância, e por isso está aqui colocada, pois ela é um dos primeiros enfrentamentos que quem pretende escrever a história de uma vida se depara, que é o conhecido argumento que desqualifica e descredita a biografia, atribuindo-lhe o estatuto ilusório por querer tratar de construções identitárias e de histórias de vidas individuais. Mas como resolver essa questão? O próprio Bourdieu nos indica um caminho:

... é impossível compreender uma trajetória (isto é, o *envelhecimento social* que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, no conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado - pelo menos em certo número de estados pertinentes - ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis. Essa construção prévia também é a condição de qualquer avaliação rigorosa do que podemos chamar de superfície social, como descrição rigorosa da personalidade designada pelo nome próprio, isto é, o conjunto das posições simultaneamente ocupadas num dado momento por uma individualidade biológica socialmente instituída e que age como suporte de um conjunto de atributos e atribuições que lhe permite intervir como agente eficiente em diferentes campos.⁷⁶

Portanto, acredito que, para não cair na armadilha da ilusão biográfica apontada por Pierre Bourdieu, é indispensável levar em conta a pluralidade dos campos em que o indivíduo se insere, buscando reconstruir os contextos, que correspondem a superfície social em que o mesmo pratica suas escolhas e suas ações por meio das quais constrói suas subjetividades. Porém, ao pensar nos contextos do sujeito biografado deve-se ter o cuidado para não voltar

⁷⁶ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína (org). **Usos & abusos da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006, p. 190.

demasiadamente a preocupação para a coletividade, ou seja, para as sociedades nas quais o indivíduo está inserido, e deixar a singularidade do investigado em segundo plano.

Trazendo essas reflexões para dentro da análise do personagem que estou investigando, posso afirmar que foram os contextos, nos quais ele esteve inserido, que tornaram múltiplas as suas singularidades. Foram eles que fizeram com que Colbacchini fosse amado por uns e odiado por outros, ou mesmo antes querido e depois indesejado por determinado grupo, ou ainda, possuísse virtudes que agradavam e ao mesmo tempo posicionamentos que incomodavam. Dizer que só um lado exprime a verdade dos fatos seria fixar a escrita naquilo que Dosse chamou de idade modal, onde a individualidade serviria unicamente como pretexto para ilustrar um único contexto.

O historiador Giovanni Levi, comparou a idade modal à prosopografia, caso que ilustra formas típicas de comportamento de certo tempo e espaço.⁷⁷ Entendo que essa forma de escrita biográfica é mais ou menos semelhante com o trabalho laudatório elaborado sobre Colbacchini pelos membros da congregação escalabriniana, que visavam mostrar um contexto sempre favorável aos seus valores e que enaltecessem a sua instituição por meio de seus membros. Penso que fixar o biografado em um contexto único seria o mesmo que admitir que a sociedade é homogênea e estática.

Portanto, tanto Dosse quanto Levi, apontam para uma nova fase da biografia na atualidade. O primeiro, como já citamos, chamou-a de idade hermenêutica, na qual o gênero biográfico tornou-se terreno de experimentação para o historiador, aberto a várias influências disciplinares. Já o segundo afirma tratar-se de um trabalho que envolve a alternância contínua de perguntas e respostas no seio de uma comunidade, mas em torno da questão de uma vida particular, no qual o que importa é o ato interpretativo, o ato biográfico capaz de assumir infinitos contextos e significados, não havendo a preocupação de se escrever uma biografia do tipo tradicional. Nesta direção, Dosse explica que:

Os tempos atuais são mais sensíveis às manifestações da singularidade, que legitimam não apenas a retomada de interesse pela biografia como transformação do gênero num sentido mais reflexivo. Na escola da escrita romanesca, os historiadores, sociólogos, antropólogos e psicanalistas transgridem o tabu que até então cercava o gênero biográfico. A pergunta sobre o que é o sujeito e os processos de subjetivação alimenta essa renovação da escrita biográfica, que a nosso ver já entrou na era hermenêutica, a da reflexividade. Já não se trata de identificá-la, mas de proceder a uma abordagem do outro como, ao mesmo tempo, um *alter ego* e uma entidade diversa.⁷⁸

⁷⁷ BORGES, Vavy Pacheco. Op. Cit., p. 213.

⁷⁸ DOSSE, François, Op. Cit., p. 229.

Para a mesma direção aponta Giovanni Levi, indicando que um tipo de trabalho biográfico possível é de fato o de “biografia e contexto, que consiste naquela que procura tornar a pessoa ‘normal’, reconstituindo o meio em torno do indivíduo”. Isso porque, como afirma Dosse, “um indivíduo não se isola do tecido social que é o seu”, sendo que para perceber as singularidades de um sujeito é preciso ao mesmo tempo dar “mais atenção às estratégias individuais, à complexidade dos elementos em jogo e ao caráter imbricado das representações coletivas”.⁷⁹

É essa forma de construção biográfica que pretendo produzir, porém não da forma sanduíche como o último autor citado indica, que é construir a narrativa por uma camada de contexto, sendo intercalada com uma camada de existência individual. Segundo Loriga, esse tipo de narração é um tanto quanto perigosa, pois nela se corre o risco de “enraizar” o indivíduo em apenas um desses contextos.⁸⁰ Diante desse alerta, almejo construir minha proposta de biografia e contexto como uma narrativa próxima de outra metáfora, a da trama de um tecido, na qual o biografado possa, enquanto fio condutor, ser visto em movimento, capaz de transpor barreiras, mudar de direção e ultrapassar as diferentes camadas sociais que o circundaram. É com base nesses apontamentos, que classifico a escrita de meu estudo como uma biografia hermenêutica com contexto, pautada na análise da ação do sujeito investigado e as diferentes experiências que o formataram como um indivíduo heterogêneo e plural.

Ao pensar nas várias experiências sociais vividas por Colbacchini, fui levado a refletir sobre os diversos adjetivos com os quais ele é classificado, dos quais alguns já pude apresentar aqui.⁸¹ Acredito que cada um deles, criados para elogiar ou detratar, funcionam como fragmentos que revelam contextos específicos das trajetórias e da formação intersubjetiva do missionário, o que me leva a pensar que são eles que fornecem os elementos para a construção da narrativa de sua biografia.

Penso que esses adjetivos funcionam como traços minúsculos, mas que nem por isso, ou exatamente por este motivo, devem ser ignorados, pelo contrário devem ser tomados como objetos de grande valor biográfico, pois são reveladores de pormenores que por mais

⁷⁹ Ibidem, p. 254 e 255.

⁸⁰ LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

⁸¹ Entre os adjetivos que aparecem nas fontes, bibliografias e escritos memorialísticos já consultados, posso elencar os seguintes: padre secular, padre escalabriniano, missionário apostólico, sacerdote, jesuíta, superior, conservador, ultramontano, romanizador, representante pontifício, intransigente, antiliberal, antinacionalista, vicentino, vêneto, italiano, alpino, camponês, sentinela, uma lenda, ponto de referência, conselheiro, amigo, orientador, mediador, fundador, inspetor escolar, pintor, decorador, construtor, arquiteto, imprudente, autoritário, arbitrário, testardo, etnocêntrico, racista, crítico, ave notívaga, inimigo dos napolitanos, etc.

insignificantes que pareçam são constituintes do sujeito investigado. Isso porque, conforme a leitura e a orientação de Dosse, a idade hermenêutica do gênero biográfico entende que:

Longe do heroísmo ou das visões sacrificiais, é o mundo comum dos cuidados individuais que se oferece à leitura, um estudo possível do que Paul Veyne qualifica de “baixas intensidades”. O historiador se encontra diante da impossibilidade de recuperar a fala dos desaparecidos, contudo, por intermédio de traços minúsculos, de fragmentos escritos, ele pode ter acesso a elementos de oralidade. Esses elementos permitem repor o historiador numa justa distância entre o risco de ignorar a palavra dos anônimos e o escolho que consiste em fazer disso um objeto de fascínio.⁸²

Creio, portanto, que os variados adjetivos funcionam como fragmentos das experiências vividas por Colbacchini que revelam a multiplicidade que compõem a sua individualidade. São como características diversas que expõem as singularidades e a pluralidade que constituem o missionário, como se houvessem, e penso que na realidade há, ‘*alter egos*’ vivendo no mesmo corpo descritivo do sujeito investigado. Dito de outra maneira é a enorme gama de adjetivos, enquanto detalhes, que servem para compor o indivíduo da narrativa, e não o seu ‘eu’, entendido como ele mesmo se descreve ou é descrito, pensado de maneira única e petrificada.

Dessa maneira, os adjetivos que emergem das fontes servem para mim, enquanto historiador biógrafo, e para a minha proposta de escrita de gênero biográfico inserida na idade hermenêutica, conforme bem apontou Dosse, como a ideia de “biografemas” criada por Roland Barthes. Para este, escritor por excelência, tal substantivo se define como “alguns pormenores, alguns gostos, algumas inflexões, digamos: ‘biografemas’, em que a distinção e a mobilidade poderiam deambular fora de qualquer destino e virem contagiar, como átomos voluptuosos, algum corpo futuro, destinado à mesma dispersão; em suma uma vida com espaços vazios.”⁸³

Enfim, trata-se de fragmentos de uma personagem histórica que apontam para as experiências de sua vida que se pretende narrar, que por um lado sabe-se não poder alcançar em plenitude, mas que por outro, por meio desses pedaços, essas informações parciais e dispersas, podem revelar partes desse sujeito esboroado e disperso em pequenos detalhes. Dessa forma, acredita-se poder escrever tudo, ou quase tudo, o que a história precisa saber sobre o sujeito a ser narrado, por meio de “pequenos detalhes que por si só podem dizer tudo sobre um indivíduo”⁸⁴.

⁸² DOSSE, François, Op. Cit., p. 301.

⁸³ BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loyola**. Trad. de Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 12.

⁸⁴ DOSSE, François, Op. Cit., p. 306.

Nessa perspectiva, o historiador biógrafo se torna o narrador do sujeito que está representado em suas descrições e características, pois ao unir essas fragmentações narrativas, construídas no tempo e no espaço, o mesmo se mune de biografemas, que por sua vez lhe permitem operar a escrita por meio do preenchimento das lacunas que esses pormenores rememorados lhe oferecem. Entendo, portanto, que a função que os adjetivos dados a Colbacchini assumem, encarados por mim como biografemas, é a de uma espécie de apontamentos, que apesar de não definir a personagem narrada por completo, têm a importante tarefa de indicar a direção de como o sujeito pode ser ou não narrado.

Muitas vezes estes fragmentos do sujeito a ser biografado estão postos em construções memorialísticas sobre ele. Assim, um conceito antigo que também se tornou primordial para a análise aqui proposta, é a definição de memória. Inúmeros estudiosos das ciências sociais, incluindo muitos historiadores, já realizaram ricos e intensos debates em torno do tema e produziram diversas contribuições a seu respeito.

Uma dessas discussões sobre a temática, que rendeu incontáveis estudos, deu-se em torno das categorias de memória individual e de memória coletiva. O fato é que, pelas duas categorias estarem imbricadas e andarem sempre entrelaçadas, ao citar uma não há como não envolver a outra. Creio ser esse o motivo de tamanha dedicação ao tema: há uma relação dialética entre as duas, na qual a memória coletiva está ligada ao compartilhamento intersubjetivo de lembranças e rememorações de indivíduos que constituem determinado grupo social, que por sua vez formulam suas memórias individuais pautados em um sentimento de pertença oferecido por uma memória que lhes é, em certa medida, comum e compartilhada.

Segundo Pierre Nora, que ao desenvolver trabalhos sobre a identidade francesa se tornou uma das autoridades sobre o assunto, a memória é...

...sempre carregada por grupos vivos, e nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.⁸⁵

Ainda segundo o autor, isso se dá pela *aceleração da história*, que significa o “arrancar do que ainda sobrou de vivido no calor da tradição, no mutismo do costume, na repetição do ancestral, sob o impulso de um sentimento histórico profundo”.⁸⁶ Diante dessas

⁸⁵ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP, n° 10, 1993, p. 9.

⁸⁶ Ibidem, p. 7.

afirmações, formuladas pelo referido historiador, pode-se compreender que a memória é preservada por meio de vestígios de acontecimentos e experiências vividas no passado que de alguma forma são mantidos e transmitidos pelos grupos sociais que vivem no presente, que por sua vez as perpassam e transmitem para as gerações futuras. E, principalmente, que a memória é passível de atualizações, transformações, mutilações e multiplicações decorrentes dos usos de que dela fazem os indivíduos e suas coletividades.

Penso que é isso que Nora quis explicar ao escrever que, por ser “afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções”. E ainda, ao afirmar que “a memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada”.⁸⁷

Portanto, a memória é ao mesmo tempo múltipla e seletiva, pois é carregada por uma imensa variedade de grupos vivos que escolhem o que e como lembrar e esquecer, o que e como deve ser mantido e aquilo que deve ser descartado. Essa seleção parte das experiências e dos interesses dos grupos que escolhem qual memória deve ser reforçada e as maneiras com que ela deve ser trabalhada e comunicada, enfim, usada. Ou seja, é o grupo que define que uso fará da narrativa que quer produzir para se promover, e o que quer que seja comunicado para si mesmo e/ou de si para os outros. Dito de maneira resumida e direta é o grupo que age como o narrador de si mesmo. É este esforço, esta produção feita por parte dos indivíduos de certo agrupamento, que construirá a sua memória.

Com esse processo, a memória se constitui como organizadora da experiência dos indivíduos, pois é ela que estrutura e que dá sentido de ser e existir ao grupo que a concebe, pois este a produz pensando em si mesmo e a gesta como uma representação coerente com os seus interesses, com aquilo que o mesmo define como sendo a sua referência, capaz de promover a manutenção de si próprio e de sua identidade.

Sendo assim, pode-se afirmar que a memória é um fenômeno construído que se organiza em função das preocupações e intenções de quem a promove. A memória trabalha para perpetuação da identidade do seu grupo promotor, já que tem a função de fazer ressurgir da sua experiência aquilo que o mesmo imagina, ou por algum motivo precisa que se considere, fundamental para a sua história. Assim, para que exista a construção da memória

⁸⁷ Ibidem, p.9.

em uma comunidade é preciso que primeiro tenha existido um desejo, ou seja, uma vontade de memória, que por sua vez pode ser traduzida como a promoção dos interesses daqueles que a promovem.

Os indivíduos de um determinado grupo ao selecionarem e promoverem as lembranças que pretendem registrar e divulgar, concomitantemente, ao deixarem de expor e silenciarem outras recordações, pelo fato de as considerarem não condizentes com a sua história, estarão assim definindo a sua memória e, conseqüentemente, forjando sua identidade. Não é errado inferir, portanto, que na realidade a memória é constituída apenas de alguns vestígios de determinados eventos e acontecimentos históricos, pois ela rememora somente os fragmentos e as parcialidades que interessam aos membros do grupo que a constrói e a promove.

Entendo que é isso que Candau, outro estudioso sobre o tema, explica ao afirmar que “nós não captamos senão acontecimentos passados cujo afastamento contínuo no tempo não concede mais do que fragmentos do real em pedaços, em suma, vestígios fugazes e infinitesimais a partir dos quais nós depois tentamos refazer uma totalidade”.⁸⁸ Nesse sentido, a memória nunca é total, mas sempre fragmentada, pois ela é manipulada para atender certos objetivos, expectativas, vontades e, sobretudo, por meio disso, reconstruir e afirmar identidades.

Por ser, ao mesmo tempo, formadora do grupo social na qual ela é produzida e promovida, a memória se torna um forte elemento de constituição da identidade, ou seja, do sentimento de pertença dos indivíduos à sua coletividade. Conseqüentemente, como também afirma Candau, “não há lugar para distinguir memória e identidade de tal forma as duas noções estão ligadas”⁸⁹, não tendo como se produzir e manter uma sem a outra. Então, por consequência, os lugares de memória se constituem em estruturas simbólicas para a identidade dos grupos ou dos indivíduos que os criam como representações de si e de suas experiências. Neles, o pertencimento torna-se um discurso patrimonial, que se fundamenta frequentemente num apelo à sobrevivência de uma identidade local, regional ou nacional.⁹⁰

Por sua vez, de acordo com Nora, os lugares de memória são espécies de estruturas simbólicas que transmitem identidade, pois de alguma forma registram, documentam e legitimam a vida de indivíduos e grupos. São espaços, que podem ser físicos ou não, mas que sempre serão simbólicos por guardarem vestígios das ações passadas com o anseio de imortalizá-las no tempo e impedir o seu esquecimento, ou então, outra forma de lembrança.

⁸⁸ CANDAU, Joël. **Antropologia da memória**; tradução Miriam Lopes. Lisboa: Instituto Piaget, 2005, p. 141.

⁸⁹ Ibidem, p. 142.

⁹⁰ Ibidem, p. 145.

São lugares onde a memória trabalha e é trabalhada, e que na maioria das vezes surgem de maneira intencional, como documentos, museus, arquivos, festas, datas, comemorações, coleções, cemitérios, tratados, monumentos, santuários, associações, documentários, etc. Marcos testemunhais de uma era que passou, mas que em certa medida permanece por meio de ilusões de eternidade, que são escolhidos para serem registrados e preservados devido aos interesses que representam.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar comemorações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. [...] Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se ancora. [...] E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos.⁹¹

Pautando-me sobre essas últimas afirmações, gostaria de inferir, mais uma vez, que os lugares de memória são vestígios da história, fragmentos e partes não aleatórias dos eventos históricos que são mantidos com a intenção de preservar apenas particularidades. Na minha investigação, eles foram encarados como a ponta de um *iceberg*, pois eles escondem em sua parte submersa uma amplitude muito maior a se descobrir sobre a personagem e os fatos históricos aqui analisados, dos quais só uma pequena porção eles permitem enxergar.

Ao fazer esta afirmação, penso demonstrar como fiz uso dos lugares de memória nesta pesquisa de cunho biográfico. Assim, me detive também a outra perspectiva de narrativa histórica, apoiada na ideia de *biografia coral* apresentada por Sabina Loriga. Como já citamos anteriormente, esta historiadora ao estudar os modelos clássicos de biografias, que classificam o homem biografado ora como herói, ora como patológico, e outra ainda como partícula, aponta para uma nova possibilidade e potencialidade de narrativa biográfica, pautada não na negação dessas formas de se narrar as histórias de vida dos sujeitos, mas na existência de inúmeras outras características que vão além delas, e permitem enxergar a multiplicidade de vozes existentes em um mesmo indivíduo.

A autora reafirma o meu entendimento de que, o biografado não deve ser narrado como um todo, capaz de assumir o papel de representante de apenas uma única categoria, que exclui no mínimo a coexistência de um anti-herói, do não patológico e de uma subjetividade múltipla, mas também inúmeros outros fragmentos de um mesmo sujeito que revelariam seus conflitos e os aspectos singulares da sua existência. Pelo contrário,

⁹¹ NORA, Pierre. Op. Cit., p. 13.

...a biografia coral concebe o singular como um elemento de tensão: o indivíduo não tem como missão revelar a essência da humanidade; ao contrário, ele deve permanecer particular e fragmentado. Só assim, por meio de diferentes movimentos individuais, é que se pode romper as homogeneidades aparentes (por exemplo, a instituição, a comunidade ou o grupo social) e revelar os conflitos que presidiram à formação e à edificação das práticas culturais: penso nas inércias e na ineficácia normativas, mas também nas incoerências que existem entre as diferentes normas, e na maneira pela qual os indivíduos, “façam” eles ou não a história, moldam e modificam as relações de poder.⁹²

Penso que, é certo imaginar os lugares de memória como essas construções com propósitos determinados por normas pensadas por grupos que procuram se afirmar por meio de uma suposta homogeneidade, e que visam apresentar indivíduos históricos como lineares, na tentativa de afirmar suas identidades e promover a manutenção de si próprios. Esses agrupamentos acabam por enclausurar o indivíduo em apenas uma particularidade, apresentada como se fosse o seu todo, fazendo com que os lugares de rememoração, na maioria das vezes, escondam a pluralidade do sujeito neles representado.

Porém, se tivermos a consciência que, o mesmo o lugar de rememoração comporta apenas um fragmento, uma partícula do passado, e não é o passado em si, mas sim uma parte que o desponta, ou seja, que aponta para a busca de sua complexidade, nos daremos conta que ele carrega em si um grande valor histórico. Assim, para o caso de uma investigação histórica sobre um indivíduo, creio que se pode considerar o lugar de memória que o representa, enquanto um fragmento de sua experiência, como um forte indicador de seu valor biográfico.

Dessa forma, a melhor maneira que teríamos para desvendar o passado, seja de um indivíduo ou de grupos sociais, seria mesclar o que David Lowenthal denominou como as três origens que promovem o seu conhecimento: a história, a memória e os fragmentos. Segundo este último historiador:

Memória, história e fragmentos oferecem caminhos para o passado que se percorrem melhor quando combinados. Cada caminho exige os outros para que a jornada seja significativa e confiável. As relíquias dão início às recordações que a história confirma e expande recuando no tempo. A história em isolamento é estéril e desprovida de vida; fragmentos significam apenas o que a história e memória transmitem. De fato, muitos artefatos surgiram como testemunhas da história ou da memória. Uma apreensão significativa do passado exige compromisso com prévia experiência, própria e dos outros, ao longo de todos os três caminhos.⁹³

⁹² LORIGA, Sabina. Op. Cit., p. 249.

⁹³ LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP, n° 17, 1998, p. 166-167.

Defendo, portanto, que os lugares de memória enquanto vestígios do passado funcionam verdadeiramente como dispositivos para a construção da escrita da história, mais especificamente, para a elaboração de uma história biográfica. Por ser um caminho que aponta para o passado, e também para as trajetórias e experiências dos indivíduos que viveram nele, creio que os lugares de rememoração são de fato portadores e/ou indicativos da vida desses sujeitos.

Ao contrário de memória e história, fragmentos não são processos, mas resíduos de processos. [...] Cada caminho para o passado – memória, história e fragmentos – é um campo reivindicado por disciplinas especializadas, explicitamente pela psicologia, história e arqueologia. Mas conhecer o passado envolve perspectivas mais amplas do que aquelas abrangidas normalmente por essas disciplinas.⁹⁴

Trazendo essa afirmação para a perspectiva biográfica, penso que conhecer o vivido no passado por uma personagem histórica exige também uma análise ampla que abarque todos os resíduos deixados por ela, estejam eles presentes na história ou na memória. Estes resíduos do e/ou sobre o sujeito histórico investigado são na verdade meios para se vislumbrar as inúmeras agências e processos que o mesmo vivenciou e experimentou em sua existência. Eles permitem a construção de uma narrativa não linear da História, na qual o que importa não é o real por si só, mas sim o inteligível, isto é, as formas de entender e explicar o possível real, que sabemos ser inatingível.

Dessa maneira, é possível compreender que os lugares de memória criados em torno de um indivíduo, enquanto resíduos de seus processos, agências e experiências, constituem-se em lugares reveladores do vivido por uma trajetória. Posso afirmar, a esta altura, que estou sim considerando os lugares de memória, acerca de uma personagem histórica, como lugares “biografemáticos”, pois os concebo como resíduos do vivido por ela, ou seja, ocupam o seu espaço biográfico. Portanto, a forma de biografia hermenêutica com contexto que pretendi elaborar perpassa pela história, pela memória e pelos fragmentos do sujeito aqui narrado.

Também colaboraram com esta construção do passado vivido pelo indivíduo investigado mais três conceitos muito caros às ciências sociais que não posso deixar de citar. O primeiro deles, voltado para a análise das agências de Colbacchini, enquanto sacerdote católico e líder religioso, é a ideia de poder pastoral formulado por Michel Foucault. Este filósofo, que se fez também historiador, ao proferir um curso intitulado Segurança, Território

⁹⁴ Ibidem, p. 66.

e População, ministrado no Collège de France em 1978, estando preocupado em perceber como os homens são governados apresenta a seguinte noção de poder:

Foi a igreja cristã que coagulou todos esses temas de poder pastoral em mecanismos precisos e em instituições definidas, foi ela que realmente organizou um poder pastoral ao mesmo tempo específico e autônomo, e foi ela que implantou seus dispositivos no interior do Império Romano e que organizou, no coração do Império Romano, um tipo de poder que, creio eu, nenhuma outra civilização havia conhecido.⁹⁵

O citado estudioso afirma que foi a Igreja Católica Apostólica Romana a responsável por inserir e institucionalizar essa forma de poder no Ocidente. Assim, trago este conceito para pensar de que forma um de seus agentes, o padre Pietro Colbacchini, exerceu seu pastoreio, ou seja, o seu poderio, ao mesmo tempo em que estava inserido e, consequentemente, era submisso, a uma série de autoridades dentro de uma pirâmide fortemente hierarquizada e centralizada como a da Igreja Católica.

Um segundo conceito usado, a fim de permear as trajetórias do religioso dentro dos contextos de origens e destinos proporcionados pelo deslocamento de italianos e a constituição de colônias desses indivíduos em terras brasileiras, é a categoria de análise conhecida como redes migratórias. Esse termo foi forjado por vários estudos que investigaram as formações de cadeias e fluxos migratórios. Baily, após investigar o caso dos italianos na Argentina, formulou a seguinte definição para explicar o que é uma rede de e/imigração:

...contatos pessoais, comunicações e favores entre famílias, amigos e *paesani* (conterrâneos de um mesmo paese, ou aldeia) em ambas as sociedades, emissora e receptora, ...fatores fundamentais para determinar quem emigrava, como escolhiam seu destino, onde se estabeleciam, como obtinham trabalho e com quem se relacionavam socialmente.⁹⁶

Fica entendido que, a existência de redes migratórias depende da ação dos sujeitos envolvidos no determinado processo de deslocamento dos quais são protagonistas. Portanto, a formação de cada rede não se dá de maneira igual à outra, pois cada grupo, conforme as realidades vigentes em sua origem e seu destino, ao possuir as suas particularidades são responsáveis pela sua construção. O que pretendo é perceber como as redes sociais dos imigrantes com as quais Colbacchini teve contato se formaram, e de que forma e porque elas atraíram a participação do sacerdote.

⁹⁵ FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território e População: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p.174.

⁹⁶ BAILY, Samuel S. "La cadena migratoria de los italianos en la Argentina". (1985) In: BOUCAULT, Carlos Eduardo de Abreu & MALATIAN, Teresa. **Políticas migratórias: fronteiras dos direitos humanos no século XXI**. Rio de Janeiro/São Paulo: 2003, Renovar, p. 47.

Por fim, os últimos aportes teóricos ao qual me ancorei, mas não por isso menos importantes, são as noções de mediação e mediador. Estou definindo como mediador o indivíduo capaz de fazer pontes entre unidades sociais, um intermediar tanto das relações horizontais, aquelas internas ao grupo, quanto daquelas verticais, feitas com interlocutores externos. Para Devoto, ao ocupar a função de mediador das relações verticais existentes no fenômeno migratório, aquelas estabelecidas entre imigrantes de determinado agrupamento e outros conjuntos sociais recorrentes, o indivíduo passa a atuar como um líder e dirigente que ajuda a construir as formas de coesão/dispersão e, sobretudo, da constituição de identidade do grupo.⁹⁷

No caso da atuação de clérigos é fácil imaginar como cumpriam o papel de mediadores que a eles era atribuído pelo grupo, pois na condição de líderes religiosos eram considerados também como dirigentes intelectuais das comunidades imigrantes, já que os mesmos extrapolavam a esfera propriamente religiosa e estendiam suas atuações a vários outros âmbitos sociais. Nas palavras de Ceva, por ocupar um lugar destacado na sociedade e entre os imigrantes, ele era tido como “um mediador inquestionável, pelo cargo que desempenhava, e reunia a máxima cultura do lugar pela relevância de sua formação cultural”⁹⁸.

Essa definição está muito próxima da ideia de mediador cultural utilizada pelas ciências sociais, que emprega o termo para se referir aos indivíduos responsáveis pela “consagração de estilos de vida, práticas sociais e valores culturais empreendidos em diferentes esferas, como a intelectual, a acadêmico-científica, a artística, a político-burocrática e a religiosa”.⁹⁹

Defendo que por várias vezes, Colbacchini assumiu ou pretendeu assumir esse papel de mediador e interlocutor dos grupos nos quais esteve inserido. Fato é que, ele costurou muitas mediações, relações sociais, durante suas agências, muitas saíram da forma como ele desejada e outras nem tanto, já que havia outras mediações que se deram também a partir das agências de outros interlocutores sociais com os quais procurou construir laços ou aos quais precisou se submeter.

⁹⁷ DEVOTO, Fernando. Prólogo. In: BERNACONI, A.; FRID, C. **De la Europa a las Américas: dirigentes y liderazgos (1880-1960)**. Buenos Aires: Biblos, 2006. p. 9-14.

⁹⁸ CEVA, Mariela. Los mediadores religiosos en la inmigración de trabajadores friulanos a Villa Flandria en la Segunda Posguerra. In: BERNACONI, A.; FRID, C. **De la Europa a las Américas: dirigentes y liderazgos (1880-1960)**. Buenos Aires: Biblos, 2006, p. 114.

⁹⁹ SEIDL, Ernesto. Intérpretes da história e da cultura: carreiras religiosas e mediação cultural no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, **Anos 90**, v. 14, n. 16, 2007, p. 77-110.

Essas suas agências e experiências o formataram e constituíram as trajetórias biográficas que com a ajuda das fontes, sem nenhuma pretensão de expor sua completude, mas somente sua dimensão plural e múltipla, me disponho a narrar.

1.4 As fontes

Na intenção de percorrer os itinerários do padre Pietro Colbacchini, desvelando as trajetórias da sua vida, minha escolha foi fazer uso de documentos de várias tipologias. O operar por meio dessa variedade de fontes se deu, sobretudo, por conta da pesquisa privilegiar o método onomástico. Como já apresentado, essa metodologia micro analítica sugere que a investigação se faça por meio da junção e do cruzamento de uma enorme gama de fontes formada por diferentes tipos de documentos.

Isso só foi possível, porém, porque o objeto aqui investigado, sendo um indivíduo múltiplo, produziu e permitiu produzir a seu respeito uma grande diversidade de materiais. Ou seja, a existência desses diversos documentos já é por si só reveladora das características plurais da personagem, e da atuação de sua pessoa, a ser biografada.

Outro fator, que creio ser enriquecedor, é que esse grande número de registros, me permitiu trabalhar com o confronto de diversas vozes do passado, que incluem tanto as vozes do próprio indivíduo histórico, como também daqueles que com ele interagiram, direta ou indiretamente, ou ainda das instituições que preservaram vivos traços de sua pessoa na memória coletiva dos grupos e redes sociais nas quais a história do religioso reverberou.

Dessa forma, a documentação aqui utilizada pode ser separada em alguns pequenos grupos e subgrupos de fontes:

1. Escritos do próprio Pietro Colbacchini:

A - 8 escritos elaborados no Vêneto antes de imigrar

Os primeiros escritos de Colbacchini que foram analisados somam um total de oito textos, e foram produzidos durante os seus primeiros anos de sacerdócio, antes de sua vinda para o Brasil. Dentre eles, três são de reflexões sobre o mundo campesino e agrícola da Província de Vicenza no Vêneto, que demonstram sua forte ligação com a família, a terra natal e a vida no campo. São eles:

1.A1 - *Il vigneto razionale nel piano insegnato al contadino: lezione quattro*. Bassano: Roberti, 1871; 1.A2 - *Un'arnia razionale per divisione, presentata alla esposizione agricola-industriale di Vicenza nell'autunno 1871*. Bassano: Roberti, 1871 e; 1.A3 - *Saggio di riflessioni sulla vita della campagna in occasione delle nozze Colbacchini-Bressan*. Bassano: Roberti, 1873¹⁰⁰.

Outros dois formam um segundo subgrupo, sendo eles dois discursos de despedida, um escatológico e outro do serviço pastoral exercido em uma paróquia vêneta: 1.A4 - *Parole lette davanti il cadavere di Mons. Beniniano Maistri, Arciprete di Angarano*, 1873 e; 1.A5 *L'addio ai miei parocchiani di Cereda*, 1883.¹⁰¹

Um terceiro subagrupamento do qual, infelizmente, só fizemos uma análise superficial através de seus títulos, são dois comentários que não tivemos acesso, e que tratam de obras de santos católicos: 1.A6 - *Commentario al Discorso mistico e morale di San Leonardo*, 1879 e; 1.A7 - *Istruzione teorico-pratica della Santa Meditazione seguita da quattro meditazioni sulla materia degli Esercizi Spirituali di Santo Ignazio di Lojola*, 1879.¹⁰²

Por fim, o quarto e último desta série documental, é um escrito sobre o Romantismo, movimento artístico, político e filosófico do final do século XVIII e todo século XIX: 1.A8- *Del Romanticismo moderno, osservazione del Sacerdote Pietro Colbacchini*, 1879.¹⁰³

Estes documentos, dos quais de seis temos cópias reproduzidas por meio de fotografias, se encontram na biblioteca do *Archivio Pubblico di Bassano del Grappa* (APBG), junto do Museu Cívico da cidade, e na *Biblioteca Civica Bertoliana di Vicenza* (BCBV), ambas pertencentes a rede de bibliotecas da província de Vicenza, na região do Vêneto – Itália.

B - 298 missivas epistolares de Colbacchini:

1.B – Uma segunda série de fontes é formada pelas missivas epistolares que datam de 1886 a 1901, respectivamente, ano no qual o missionário iniciou sua missão no Paraná, e data em que falece em meio as colônias de imigrantes italianos no Rio Grande Sul. A maioria dessas correspondências foi direcionada aos padres da província de Vicenza e àqueles que se

¹⁰⁰ 1. A1 – A vinha estudada no planejamento ensinado ao agricultor: aula quatro. Bassano: Roberti, 1871; 1.A2 – Uma colmeia estudada por divisão, apresentada na exposição agrícola-industrial de Vicenza no outono de 1871. Bassano: Roberti, 1871. 1. A3 Estudo de reflexões sobre a vida no campo por ocasião do matrimônio Colbacchini-Bressan. Bassano: Roberti, 1873.

¹⁰¹ 1.A4 – Palavras lidas diante do cadáver de Monsenhor Benianino Maistri, Pároco de Angarano, 1873. 1.A5 – O adeus aos meus paroquianos de Cereda, 1883.

¹⁰² 1.A6 – Comentário sobre o discurso místico e moral de São Leonardo, 1879. 1.A7 – Instrução teórica e prática sobre a Santa Meditação, seguida de quatro meditações, sobre a matéria dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, 1879.

¹⁰³ 1. A8 - Do Romantismo moderno, observação do sacerdote Pietro Colbacchini, 1879.

tornaram seus primeiros colaboradores em terra paranaense; em grande número também são as que foram enviadas aos seus superiores, Giovanni Battista Scalabrini, bispo de Piacenza, e aos diretores gerais e outros missionários de São Carlos; outras dirigidas aos representantes da Santa Sé no Brasil e a bispos brasileiros; outras ainda à autoridades consulares e políticas italianas e; algumas para o alto clero em Roma, incluindo uma carta ao Papa Leão XIII.

Os originais de todas essas cartas, que são de extrema importância para a presente pesquisa, encontram-se em arquivos pertencentes à Igreja Católica, localizado em Roma, Itália. São eles: *Archivio Generale Scalabriniano* (AGS), *Archivio Segreto Vaticano* (ASV), *Archivio Affari Ecclesiastici Straordinari* (AAES) e *Archivio Propaganda Fide* (APF). Contudo, recentemente, o arquivista geral da congregação dos padres scalabrinianos, depois de um longo trabalho de compilação e transcrição, reuniu todas essas correspondências em uma única obra, da qual temos uma cópia gentilmente cedida pelo seu organizador.¹⁰⁴

C - 2 relatórios sobre a imigração no Brasil

1.C1 - *Le condizione degli emigranti nello Stato del Paraná in Brasile*.¹⁰⁵ Relatório que data de 13 de outubro de 1892, escrito por Colbacchini em Curitiba e enviado ao Marquês João Batista Volpe Landi, presidente da Sociedade Italiana São Rafael de Piacenza. Esse documento foi publicado originalmente na 3ª parte do volume organizado por Ferruccio Macola intitulado “L’Europa alla conquista dell’America Latina”, Venezia, Ongania, 1894.

1.C2 - *Progetto di colonizzazione agricola*.¹⁰⁶ Documento redigido por Colbacchini em janeiro de 1895, logo após seu retorno a Europa e enviado ao Ministro do Exterior da Itália. O relatório trata sobre as condições da imigração italiana nos estados brasileiros e formas para melhorá-las. Foi publicado originalmente em 1895 no “Rassegna Nazionale”, um periódico católico italiano mensal existente desde 1879.

Ambos documentos foram republicados no livro “*La Società Italiana di fronte alle prime migrazione di massa*”¹⁰⁷, pelo Centro di Studi Emigrazione, Roma, 1968, pp. 327-393, do qual possuo uma cópia.

D – Relatório de inspetor escolar

1.D - Relatório que Colbacchini enviou ao Governo Paranaense sobre o período em que foi inspetor escolar. Acervo do Arquivo Público do Paraná (APPR).

¹⁰⁴ TERRAGNI, Giovanni, Op. Cit., 2016.

¹⁰⁵ 1.C1 – As condições dos emigrantes no Estado do Paraná no Brasil.

¹⁰⁶ 1.C2 - Projeto de colonização agrícola.

¹⁰⁷ A sociedade italiana diante das primeiras migrações em massa.

E - 1 Homilia

1.E - *Giubileo Sacerdotale e Congedo dalle colonie del Paraná*.¹⁰⁸ Trata-se na realidade de um sermão de despedida de Colbacchini, lido aos italianos católicos da região de Curitiba em missa realizada na Igreja de São José na colônia de Santa Felicidade no dia 29 de julho de 1894.

Esta foi a última celebração dirigida por ele antes de deixar oficialmente o Paraná por motivos de perseguição política e religiosa. O original foi publicado em Bassano del Grappa, cidade natal do sacerdote, pela Tipografia Romano Silvestrini ainda em 1894. Uma cópia original é conservada pelo *Archivio Scalabriniano Generale* (ASG) que foi já digitalizada e transcrita, e da mesma maneira foi cedida pelo referido arquivo. Uma versão desta homilia já traduzida para o português também é encontrada em uma obra que narra a história da ex-colônia italiana de Santa Felicidade.¹⁰⁹

F - 1 Mapa

1.F - *Prospecto das Colônias Italianas do Paraná*. Mapa elaborado por Colbacchini no ano de 1888 contendo os núcleos coloniais italianos que eram visitados por ele. Esses são divididos naqueles do planalto, ou seja, do entorno de Curitiba, e colônias marítimas, que são aquelas de Morretes e Paranaguá. Cada núcleo apontado no mapa possui ao lado de seu nome o número de famílias que nele estavam fixadas. Documento encontrado no Arquivo da Cúria de São Paulo (ACSP), junto à seção de padres estrangeiros.

G - 1 Guia Espiritual

1.G - *Guida spirituale per l'emigrato italiano nell'America*.¹¹⁰ Guia espiritual para os imigrantes italianos da América, escrito por Colbacchini em 1896 na Itália. Nele o missionário prescreve normas de comportamento. O original foi impresso em Milão pela tipografia L. A. Bertarelli e milhares de cópias foram enviadas para os colonos no Brasil. O guia também foi transcrito por Terragni (2016).

2. Escritos sobre Colbacchini ou dirigidos a ele:

2.A - *20 cartas dirigidas à Colbacchini*. Essas passivas também se encontram na compilação feita pelo arquivista Giovanni Terragni (2016), com exceção de uma escrita pelo bispo Dom Lino que pertence ao Arquivo da Curia de Curitiba (ACCTba).

¹⁰⁸ Jubileu sacerdotal e Despedida das colônias do Paraná.

¹⁰⁹ Cf. GEREMIA, Mario e VIVIAN, Ervino. **Santa Felicidade – Curitiba, o início de uma bela história**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

¹¹⁰ Guia espiritual para o emigrante italiano na América.

2.B - 15 cartas que falam da pessoa de Colbacchini. Essas, em sua maioria, foram trocadas entre autoridades religiosas, como exemplo, a de Dom José de Camargo Barros ao Internúncio Monsenhor Gotti, a do Pe. Alberto Gonçalves também ao Mons. Gotti, a do Pe. Jesuíta Giovanni Cybeo a Scalabrini e o relatório do Mons. Gotti ao Cardeal Rampolla. Esses documentos epistolares encontram-se nos *Archivio Segreto Vaticano* (ASV), *Archivio Affari Ecclesiastici Straordinari* (AAES) e *Archivio Propaganda Fide* (APF).

2.C - 4 cartas e 1 memorial sobre a morte de Colbacchini, que também compõem o compêndio realizado por Terragni (2016).

3. Memórias posteriores que mencionam Colbacchini:

3.A - *Memórias da Colônia de Santa Felicidade*. MARTINI, Giuseppe. Origine e sviluppo della colônia Santa Felicidade. Curitiba: 1908. (In GEREMIA e VIVIAN, 2004).

3.B - Narrativa de José Busato, neto de imigrantes italianos, transcrita no Jornal Comemorativo do Centenário da Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Colombo, 1995. Acervo da Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Colombo (APNSRCIbo)

3.C - Carta do imigrante Giovanni Battista Lovato ao bispo de Curitiba Dom João Francisco Braga de 14 de março de 1914.

3.D – Memórias sobre o Pe. Colbacchini. PORRINI, P. Carlo, Acervo do *Archivio Generale Scalabriniano* (AGS) de Roma.

4. Periódicos:

4.A - Jornais da época em Curitiba: *A República*, *Dezenove de Dezembro* e *Gazeta Paranaense*. Disponíveis para consulta na hemeroteca digital.

4.B - Jornais da época do Norte da Itália: *L'Eco di Bergamo* e *Gazzetta di Treviso*.

4.C - Jornal da Escola Estadual Padre Colbacchini, Novembro – 2011, nº 01.

5. Assentos paroquiais

5.A - Assentos de batismos, casamentos e crismas realizados por Colbacchini a frente da Capelania Curada Italiana entre os anos de 1888 a 1894, Arquivo Paroquial de Santa Felicidade (APSF)

5.B Assento de batismo de Pietro Colbacchini, Archivio Parrocchiale della SS. Trinità in Angarano (APSST), Bassano del Grappa – Vicenza – Vêneto – Itália.

6. Documentos de autoridades religiosas, civis e consulares:

6.A - Portaria de 14 de fevereiro de 1888 do bispo Dom Lino Deodato R. de Carvalho, que cria a Capelania Curada Italiana sob os cuidados de Colbacchini, e sua posterior regulamentação, acervo do Arquivo da Cúria Metropolitana de Curitiba.

6.B - Documentos da Sociedade Italiana Giuseppe Garibaldi de Curitiba.

6.C - Correspondência Oficial do Governo do Paraná, Arquivo Público Paranaense (APPR)

6.D – Registro Civil do Óbito de Pietro Colbacchini, Cartório Civil de Nova Bassano.

7. Publicações da Região do Vêneto – Itália

7.A - Colbacchini. Luigi. (Abate). *Cenni sulla festa celebrata in Angarano di Bassano il 13 maggio 1855 in onore di Maria Vergine Immacolata. Bassano: co' tipi di Antonio Roberti, 1855.* Acervo do Arquivo Público de Bassano del Grappa junto ao Museo Cívico de Bassano.

7.B – *Nella Fausta Occasione in cui il molto reverendo D. Benianino Maistri fa il suo ingresso alla chiesa arcipretale di Angarano. Vicenza: Tipografia Paroni, 1856.* Acervo do Arquivo Público de Bassano del Grappa junto ao Museo Cívico de Bassano.

7.D – *La visita pastorale di Giovanni Antonio Farina nella Diocesi di Vicenza (1864-1871).* CISOTO, Gianni A. (Org.). Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1977.

7.C – Livreto comemorativo - *Pietro Colbacchini: missionario.* Bassano del Grappa: Pia societa di s. Carlo per gli italiani emigrati, Scalabriniani, 1951.

8. Lugares de memória

8.A – Em Bassano del Grappa – Vêneto

Na comune de Bassano del Grappa, cidade natal de Pietro Colbacchini, é possível identificar a existência dos seguintes lugares de memória: Antiga Casa da Família Colbacchini, Ruínas da Fábrica de Fundição de Sinos Colbacchini (Fonderia Colbacchini), Seminário dos Scalabrinianos, Igreja da Santíssima Trindade, e nome de rua no bairro de Angarano. Um lugar de memória não físico é o acordo de *gemelaggio*¹¹¹ entre Bassano del Grappa e a cidade brasileira de Nova Bassano-RS.

¹¹¹ Cidades irmãs.

8.B – Em Monte Serrat – Itupeva – São Paulo

Em São Paulo, tem-se como lugares de memória a Sede e a Capela da fazenda Monte Serrat, no município de Itupeva.

8.C – Em Água Verde – Curitiba – Paraná

Na capital do Paraná, no bairro Água Verde, ex-colônia Senador Dantas pode-se elencar como lugar de memória a Igreja da Paróquia Sagrado Coração de Jesus.

8.D – Em Santa Felicidade – Curitiba – Paraná

Também na capital do Paraná, mais especificamente, no bairro curitibano que corresponde à ex-colônia de Santa Felicidade, são identificados os seguintes lugares de memória: Igreja de São José, 2 Placas Comemorativas, Conjunto de Sinos, Restos mortais de Colbacchini, Escola Estadual Padre Colbacchini, fotos e nome de rua.

8.E – Em Colombo – Paraná

No município de Colombo, Região Metropolitana de Curitiba, que corresponde à ex-colônia paranaense de Alfredo Chaves, foi possível identificar como lugares de memória: Conjunto de sinos da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, Conjunto de sinos da Capela São Pedro no bairro Capivari (ex-colônia Eufrásio Correia), Documentário do Centenário da Paróquia, fotos e nome de rua.

8.F – Em Piraquara – Paraná

No município de Piraquara, ex-colônia Santa Maria do Novo Tirol, cito como lugar de memória a obra TOMAZ, Antonio e THOMAZ, Ariel José. *Colônia Imperial Santa Maria do Novo Tirol da Boca da Serra: 120 anos de história*. Curitiba: Editare, 1998.

8.G – Em Nova Bassano – Rio Grande do Sul

E por fim, no município gaúcho de Nova Bassano, que corresponde parte da ex-colônia rio grandense de Alfredo Chaves, e do qual Colbacchini é lembrado como seu fundador, foi possível elencar os seguintes lugares de memória: Igreja do Sagrado Coração de Jesus, ex-Seminário Escalabriniano, Placas Comemorativas, Praça Municipal, Colégio Estadual Pe. Colbacchini e fotos. Além do já mencionado pacto de amizade transnacional firmado com a cidade italiana de Bassano del Grappa.

1.5 A organização da tese

A organização da presente tese, a qual recebeu o título de “*A persona grata et non grata* de padre Padre Pietro Colbacchini: as trajetórias biográficas de um ultramontano vêneto em favor dos imigrantes italianos no Brasil (1845-1901)”, se deu a partir da escrita de quatro partes, elaboradas da seguinte maneira:

Um primeiro capítulo destinado a analisar a origem e a formação do sujeito investigado, ou seja, a gênese da construção do seu caráter definido como um indivíduo múltiplo e plural. Neste íterim, deu-se ênfase ao lugar, tendo a família, a escola e a igreja, enquanto esferas da sociedade de origem, como participantes da constituição das características marcantes da personagem. Procurou-se, na medida em que as fontes permitiram, acessar as vivências experimentadas na infância, adolescência e juventude do sacerdote, a fim de perceber os fragmentos forjados em sua personalidade já nesses períodos.

Por meio de documentos anteriores ou contemporâneos a essa primeira fase da existência de Colbacchini, foi possível perceber qual era o micro universo no qual ele esteve imerso desde o seu nascimento, refiro-me, sobretudo, aos contextos religioso e emigratório vividos na *Zona Bassanese* nesse período. Isso, contextualizando com as mudanças sociais e políticas ocasionadas pela unificação italiana, que também foi um acontecimento macro que certamente influenciou as outras duas realidades mencionadas.

Ainda na parte inicial do trabalho, se contemplou também os resultados primários de sua atividade religiosa através dos seus deslocamentos internos e da elaboração dos seus primeiros escritos, buscando demonstrar como aconteceu o despertar para a vida missionária, paralelamente ao amadurecimento do desejo de emigrar. Buscou-se evidenciar a rede emigratória, como um recorte existente dentro da cadeia dos deslocamentos dessa natureza que aconteceram na região, que influenciou diretamente na sua decisão de partir rumo à América.

O segundo capítulo é voltado para a discussão de onde e como o sacerdote católico realizou a sua missão junto aos imigrantes italianos no Brasil. Ao mesmo tempo procurou-se perceber como se formaram as redes de imigração neste contexto, ou seja, aquelas que passaram a existir do lado de cá do Atlântico. Nele também, estão evidenciadas as impressões e as opiniões que o religioso tinha a respeito do fenômeno que estava vendo e vivendo, ao estar no meio das colônias de conterrâneos que estavam se instalando em terras brasileiras, especificamente em São Paulo e no Paraná. Desejou-se trazer a tona, as maneiras como ele

agiu junto aos colonos para tentar impor a prática dos modelos de catolicismo e italianidade que defendia.

Da mesma forma, se quis analisar quais foram os desafios e confrontos encontrados por ele, e como esses revelaram conflitos que aos serem enfrentados contribuíram por meio das intersubjetividades, ou seja, das agências externas, sejam elas individuais ou coletivas, para o aumento da pluralidade de Colbacchini. Aqui também, operou-se uma investigação de como esses adjetivos presentes na personalidade do religioso, vistos como defeitos e qualidades, interferiram no processo e o transformaram em um indivíduo amado, mas ao mesmo tempo odiado, na Região de Colonização Italiana do Paraná.

Na terceira e última parte foi priorizado o estudo das relações conflituosas que o missionário italiano manteve com as autoridades religiosas. Aqui, me refiro à parcela da elite eclesiástica da Igreja Católica Romana presente no Brasil, que representando a hierarquia da instituição, era responsável pela ação dos clérigos no território onde o Pietro Colbacchini atuou. Pretendeu-se analisar o porquê o referido sacerdote se tornou um indivíduo indesejado por alguns destes representantes.

Da mesma forma, reservou-se um espaço para discutir a relação que o referido missionário manteve com os superiores e membros da congregação religiosa à qual aderiu. Estou me referindo, sobretudo, a pessoa do bispo de Piacenza, Monsenhor Giovanni Battista Scalabrini, fundador dos Missionários de São Carlos em 1887, conhecidos no Brasil como padres carlistas, ou então, escalabrinianos. Aqui, coube analisar os fragmentos para perceber como as agências de Colbacchini coadunaram-se ou distanciaram-se dos anseios do grupo.

Por fim, neste derradeiro capítulo da tese, a escrita voltou-se também para a atuação que o referido missionário desempenhou no Rio Grande do Sul, durante a sua segunda empreitada no Brasil. Nesta última parte, foi possível evidenciar a existência de outras redes entre os imigrados ali estabelecidos, que também influenciaram nas ações e no desempenho do sacerdote investigado. Da mesma maneira, assim como na área de colonização anterior, essa atuação foi aceita por uns e desprezada por outros, de modo que novos conflitos surgiram, revelando outras facetas do fenômeno da imigração italiana no Brasil e, sobretudo, da personagem investigada.

Em cada capítulo foram privilegiados alguns poucos epicentros nos quais o padre Pietro Colbacchini atuou, de modo que cada um evidencia diferentes fragmentos da personagem. Em decorrência das diversas agências promovidas pelo sujeito histórico estudado, cada espaço possuiu a sua especificidade, de modo que cada capítulo revela formas

de memórias, definidas por operações de lembranças e esquecimento, que puderam ser contempladas, analisadas, como também comparadas.

A todo tempo, nos diferentes contextos alcançados pela pesquisa, é perceptível a construção da multiplicidade da figura central de nossa narrativa, que soube lidar com essas experiências plurais, tornando-se um indivíduo fragmentado. Portanto, diferentemente das narrativas que, até então, procuraram fazer de Colbacchini uma personagem homogênea, neste trabalho busquei fragmentá-lo, para através da pluralidade do indivíduo trazer a tona, por meio de suas experiências, uma série de particularidades que permitiram conhecer mais de perto a sua heterogeneidade, assim como, do grande evento do qual o mesmo participou e, enquanto sujeito histórico investigado, ainda participa.

2. A ORIGEM E A FORMAÇÃO DE UM PADRE VÊNETO

Neste capítulo inicial, discuto e analiso a gênese e os primeiros anos da formação do sujeito do qual as trajetórias de vida me propus a investigar. Minha escolha metodológica foi iniciar por sua origem existencial, porém, buscando ir além do seu ponto de partida cronológico. Em outras palavras, o que pretendi foi começar meu estudo não propriamente pelo nascimento do indivíduo que aqui é biografado, mas sim a partir dele. A ideia foi acessar os primitivos processos de construção e reconstrução do caráter de Pietro Colbacchini, pré-definido unicamente como um indivíduo múltiplo e plural. Ou seja, como uma vida aberta às diversas agências, sejam elas as próprias ou as dos outros indivíduos de seu convívio social, como também aos contextos históricos que ocorreram ao longo de toda a sua existência.

Procurei, portanto, em consonância com as propostas metodológicas voltadas para a investigação biográfica e apresentadas na introdução deste trabalho, dar ênfase as realidades de sua origem social, assumindo o lugar, a família, a escola e a igreja, como micro esferas presentes nas trajetórias iniciais da personagem histórica. Essas instituições e seus contextos foram estabelecidos como coparticipantes da constituição e do desenvolvimento das características marcantes do sujeito.

Na medida em que as fontes me permitiram, consegui vislumbrar as prováveis vivências experimentadas na infância, adolescência e juventude do biografado. Consequentemente, foi possível analisar os fragmentos que advindos desses períodos forjaram a sua personalidade e que, posteriormente, nas fases sucessivas de sua vida, o levaram a assumir várias representações. Os documentos relacionados a essa primeira fase de existência de Colbacchini, me proporcionaram adentrar os micro universos sociais nos quais ele esteve inserido desde o seu nascimento. Sobretudo, os contextos religiosos da Província de Vicenza e, especificamente, da Zona Bassanese, mostraram quais foram os ambientes inter-relacionais que envolveram o indivíduo e contribuíram com a constituição dos processos de suas vivências nesse período.

Da mesma maneira, foi possível perceber a atmosfera das transformações socioeconômicas e políticas advindas da unificação italiana, e de que forma, somada às realidades anteriormente mencionadas, essas também influenciaram na constituição do investigado. Além do processo de formação do mesmo, em meio aos seus micros contextos sociais, contemplaram-se também suas primeiras ações e escritos, que revelaram o seu forjar como sacerdote, religioso e, posteriormente, missionário. Isso tudo, sem descolar esses

percursos individuais do fenômeno emigratório que se desenvolveu na sua região na segunda metade do século XIX.

Dessa forma, foram desveladas as origens de alguns adjetivos e características que, já nestes períodos, foram impregnados ao indivíduo e que aqui foram analisados, como: Colbachini/Colbacchini, Bassanese, Vicentino, Vêneto, Alpino, Padre, Sacerdote, Jesuíta, Secular, Diosesano, Ultramontano, Intransigente, Pároco, Missionário, E/Imigrante, etc.

2.1 O lugar e a família de origem: a gênese de uma subjetividade vêneta

O indivíduo, constituído como o objeto de investigação do presente escrito histórico-biográfico, nasceu no dia 11 de setembro de 1845 na localidade de Angarano, bairro do município de Bassano del Grappa, que na época se denominava Bassano Veneto. Tudo indica que esta *comune*¹¹², pertencente à Província de Vicenza da Região do Vêneto no Norte da Itália, devido sua posição geográfica privilegiada, estando aos pés das montanhas pré-alpinas e cortada pelo Rio Brenta, desenvolveu-se como uma das primeiras aglomerações urbanas de sua região a partir de meados da baixa Idade Média.

Foi neste período, marcado pelo ressurgimento da vida urbana devido ao renascimento comercial, que passaram a se edificar novas cidades, sobretudo, em áreas litorâneas, mas também às margens dos principais rios de cada província. Esse florescimento dos novos burgos se deu, principalmente, nas proximidades das dependências senhoriais e dos palácios das autoridades da Igreja Católica, onde já existia um ponto de referência, ou seja, um castelo ou uma catedral.

Assim, creio poder inferir que Bassano assistiu a desagregação do feudalismo e a transição para o sistema capitalista, despontando como uma cidade urbanizada, rodeada de lugarejos e montanhas que, por sua vez, continuaram com características mais agrícolas. Essa vocação de centro urbano se consolidou com o passar dos anos, tanto que atualmente a referida *comune* ocupa o oitavo lugar em população na sua região, ficando atrás somente das sete capitais das províncias vênetas.¹¹³

Portanto, o nosso investigado nasceu quando sua cidade natal já estava consolidada como um espaço caracterizado por uma concentração populacional urbana, formada por algumas aglomerações de residências que hoje compõem os seus velhos *quartieri e*

¹¹² Comuna. É a unidade básica de organização territorial na Itália, equivalente ao município no Brasil.

¹¹³ As cidades a que me refiro, carregam o mesmo nome das províncias vênetas das quais são as capitais administrativas, Veneza (também capital da região), Vicenza, Treviso, Padova, Belluno, Verona e Rovigo.

*contrade*¹¹⁴. Mais especificamente, o lugar de nascimento de Pietro Colbacchini foi a “*Contrà di Capo el Ponte*”, a poucos metros da histórica e famosa *Ponte Vecio*¹¹⁵, hoje também conhecida como *Ponte degli Alpini*¹¹⁶, localizada sobre um ponto específico para funcionar como meio de ligação dos dois lados da cidade construída às margens do Rio Brenta.

Ali neste lugarejo, composto de residências de famílias pertencentes à burguesia, encontrava-se, e ainda encontra-se, a casa paterna, lugar onde se deu o nascimento do indivíduo que aqui esta sendo investigado. A morada familiar estava estrategicamente localizada, a pouquíssimos passos de distância do Palácio Bonaguro, ponto de referência da alta burguesia local, e somente a algumas dezenas de metros da Igreja da Santíssima Trindade de Angarano. Esta localização, por si só, já indica o contexto social no qual a família Colbacchini estava inserida. Não se tratava de uma posição periférica, muito pelo contrário, era um lugar de prestígio, sobretudo naquela época, posto bem na parte central da cidade, o que proporcionava status social para a citada família.

FIGURA 8 – Foto da Casa Natal de Pietro Colbacchini no final do Século XIX¹¹⁷



¹¹⁴ Bairros e contradas. No Veneto essas últimas correspondem a um agrupamento de casas de menor proporção, que estando no meio urbano podem vir a constituir um bairro.

¹¹⁵ Forma veneta para dizer Ponte Velha, que no idioma italiano é *Ponte Vecchio*.

¹¹⁶ Ponte dos Alpinos.

¹¹⁷ A foto original pertence ao acervo do Archivio degli Studi di Emigrazione di Roma (CSER).

A construção na qual veio ao mundo Pietro Colbacchini, “*un palazzo della buona borghesia collocato tra il Ponte Vecchio e il Monte Crocetta*”¹¹⁸, erguida no início do século XIX e existente até hoje, tem como endereço atual a Via Angarano, número 63, e é protegida como um bem cultural, não só da cidade, mas de toda a Província de Vicenza.¹¹⁹ Esse imponente edifício que, portanto, também é tido como um lugar de memória, serve para a presente pesquisa como um indicativo dos primeiros fragmentos que compõem a personagem estudada.

Já de início, o local de nascimento revela dois aspectos importantes sobre como era a vida do núcleo familiar de Colbacchini no momento de sua vinda ao mundo e durante o princípio de sua existência: primeiro que os seus membros não eram camponeses, pois se encontravam bem instalados no meio urbano e, segundo, que gozavam de uma posição social privilegiada.

Ao voltar o olhar de maneira mais apurada para este espaço de memória, foi possível identificar duas inscrições que foram colocadas em sua fachada ainda na primeira metade do século XIX. Do lado esquerdo da porta principal está escrito “PIETRO COLBACHINI FU GIO”, e no seu lado direito, “FONDITORE DI CAMPANE”. Ao unir as duas temos a seguinte informação: “Pietro Colbachini filho de Giovanni, fundidor de sinos”. Ou seja, o proprietário e os moradores daquele imponente edifício pertenciam a uma família abastada da burguesia local, que era empreendedora do ramo da fundição de sinos.

De fato, desde 1745 a família Colbachini, por meio dos irmãos Giuseppe e Antonio, havia fundado exatamente ali naquela localidade uma fábrica metalúrgica especializada na projeção e confecção de sinos. Tratava-se de um empreendimento de grande porte, que com o tempo foi sendo passado de geração em geração, envolvendo vários outros integrantes da família, como aconteceu com Pietro Antonio, neto e sobrinho neto dos citados fundadores e pai do nosso investigado.

Porém, segundo Franco Rebellato, no início do século XIX, as dependências da fábrica em Bassano já não davam conta das encomendas que recebia. Esse fato fez com que Giuseppe, o irmão que ao lado de Pietro Antonio ocupava a direção do citado empreendimento familiar durante a primeira metade dos anos 1800, decidisse por transferi-lo para outra *comune*. Para essa empreitada, o primeiro uniu-se a outros dois irmãos, Daciano e

¹¹⁸ Um edifício da boa burguesia localizado entre a Ponte Vecchio e o Monte Crocetta. VILLA, Deliso. Op. Cit., p. 38.

¹¹⁹ O edifício está registrado com o nome de Casa Colbacchini-Fauretti/Fonderia, e encontra-se no catálogo geral de bens culturais, na seção de bens arquitetônicos e paisagísticos. Ele tem como ente responsável pela sua tutela a Superintendência de Arqueologia, Bellas Artes e Paisagem para as províncias de Verona, Rovigo e Vicenza.

Gaspare, e procurou reinstalar a fábrica em uma cidade maior, que ofertasse os meios necessários para a sua ampliação e que, ao mesmo tempo, proporcionasse a manutenção do status social da família na região.

Assim, a *Fonderia Colbacchini* foi transferida para o centro de Padova, e reinstalada nas imediações da catedral e do Palácio da Razão daquela que era, e ainda, é a capital da província vêneta de mesmo nome. Ali a fábrica encontrou seu auge, muito por conta dos estudos de Giuseppe, que também se tornou matemático e com o seu conhecimento aperfeiçoou o som dos sinos nela elaborados, dando precisão às notas musicais que os instrumentos que levavam o brasão da família reproduziam. Esse percurso de sucesso fez com que o empreendimento recebesse do Papa Leão XIII o título de *Fonderia Pontificia* no ano de 1898.¹²⁰ No meu entender, esse acontecimento não indica somente qual era a profissão de fé da referida linhagem familiar, mas, sobretudo, a existência de uma forte ligação que a mesma possuía com a instituição Romana.

Mas, o que mais me interessa nesse processo é saber que boa parte da família havia deixado de residir em Bassano Veneto, ou seja, que o núcleo, que até então se unia em torno do reconhecido empreendimento um dia ali inaugurado, estava se dispersando, exatamente na época em que o sujeito que aqui é biografado veio ao mundo. Sobretudo, o fato de Pietro Antonio, que até então ocupava um lugar à frente da grandiosa fábrica de sinos, não ter acompanhado os seus irmãos na continuidade do negócio familiar reinstalado, na época, a uma distância considerável de Bassano, é para este estudo um indício muito importante.

Não se sabe quais os motivos exatos, mas o fato é que o pai de nosso biografado deixa neste período àquela promissora sociedade. Minha hipótese é que ele possuía um forte apego ao local de origem e não quis deixar a sua cidade natal, preferindo ficar e se dedicar dali em diante à fabricação de utensílios em cobre para uso doméstico. De qualquer forma, era nesse outro ramo da metalurgia que ele estava quando aconteceu o nascimento do seu rebento que aqui é investigado. Contudo, os sinos já haviam se tornado um símbolo, uma marca indelével, relacionado ao sobrenome Colbacchini, tanto que, como apresentei já na introdução deste trabalho, o indivíduo aqui investigado dará um jeito de carregar esse signo consigo durante boa parte de suas trajetórias, tanto que ele estará relacionado às suas memórias.

Creio que, o referido sentimento de pertencimento de Pietro Antonio ao seu lugar de origem deva-se também ao fato de que foi ali que o ramo familiar se desenvolveu e conquistou uma vida urbana de bem-estar e de comodidade financeira que, conseqüentemente,

¹²⁰ Fundação Pontificia. REBELLATO, Franco. Op. Cit., p. 87 e 88.

conferiu-lhe status social. De acordo com Rebellato, foi na segunda metade dos anos de 1600 que os “*Col Bachin*” se instalaram em Bassano, morando primeiramente em uma casa alugada nas proximidades da Igreja da Santíssima Trindade. Eram eles provenientes de Marsan, localidade que compõem a cidade vizinha de Marostica.¹²¹

Muito provavelmente essa mudança de moradia para a *comune* ao lado está relacionada com o abandono do campesinato e do trabalho com a terra. Assim como outros indivíduos, que também tiveram essa oportunidade oferecida pelo processo de urbanização, os antepassados do referido núcleo familiar decidiram deixar a agricultura e a criação de animais, enfim o trabalho no campo, e passaram a buscar o seu sustento por meio de atividades artesanais e comerciais propícias ao meio urbano. Posteriormente, dedicaram-se ao desenvolvimento de pequenas fábricas, culminando com o estabelecimento de empreendimentos metalúrgicos, como bem narra Rebellato:

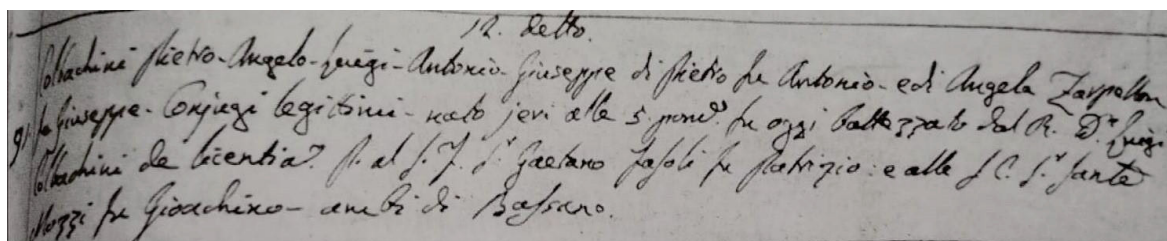
*Intraprendenti e operosi anche nel campo commerciale, i Colbachini si fecero strada in Angarano e nel corso dell'Ottocento in città espressero amministratori e **uomini di cultura**, affermandosi appunto su due linee: una specializzata nella lavorazione del rame e una dedita alla fusione di campane.*¹²²

O documento mais antigo que se tem da presença dos “*Col Bachin*” em Bassano é um assento de batizado realizado na citada igreja da localidade de Angarano que remonta ao ano de 1681. Com o passar do tempo o sobrenome foi se transformando, passando a ser grafado, primeiramente, como uma palavra só, “*Colbachin*”, depois com “i” no final, “*Colbachini*”, e por fim chegando à forma italianizada com dois “c”, “*Colbacchini*”. Tanto a inscrição, existente na casa onde nasceu o indivíduo aqui investigado, como na grafia do seu assento de batismo, que apresento e passo a analisar logo adiante, o sobrenome é escrito conforme a pronúncia do local de origem, ou seja, da forma vêneta, que não leva repetição do “c”.

¹²¹ Ibidem.

¹²² Empreendedores e trabalhadores também no campo comercial, os Colbacchini fizeram carreira em Angarano e com o desenrolar do século XIX tornaram-se notórios administradores e **homens de cultura**, afirmando-se em duas linhas: uma especializada na fabricação de utensílios domésticos em cobre e uma dedicada a fundição de sinos. (Grifo meu). Ibidem.

FIGURA 9 – Foto do Assento do Batizado de Pietro Colbacchini¹²³



O documento apresentado, que é uma foto do registro de batismo do biografado, ao ser transcrito e traduzido, forneceu-me as seguintes informações:

No dia 12 do dito mês e ano (*setembro de 1845*)

Colbachini Pietro Angelo Luigi Antonio Giuseppe de Pietro filho de Antonio e de Angela Zarpelon filha de Giuseppe, cônjuges legítimos, nascido ontem às 5 horas da tarde foi hoje batizado pelo Reverendíssimo Padre Luigi Colbachini de Vicenza. Apadrinhou o santo inocente o senhor Gaetano Fasoli filho de Patrizio e a sua cônjuge a senhora Santa Nozzi filha de Gioacchino, ambos de Bassano.¹²⁴

Além de confirmar a profissão de fé e o nome dos pais do sujeito investigado, a fonte apresentada contém outras informações relevantes como: os outros nomes que Pietro Colbacchini recebeu no momento do batismo; o nome dos avôs, paterno e materno; quem foi o celebrante do ofício religioso; o dia e a hora do nascimento e; quem foi o casal de padrinhos, os concidadãos “*bassaneses*”, com quem a família estabeleceu naquele momento um laço de compadrio.

A respeito dos nomes recebidos é possível perceber que o recém-nascido foi batizado com os prenomes de todos os que estavam de alguma forma presentes naquele ato: Pietro é o primeiro nome do pai; Angelo a versão masculina do nome da mãe; Luigi o nome do celebrante, que além de ser um respeitado sacerdote católico que naquele momento atuava na capital da província, Vicenza, era também seu tio, porque irmão de sangue de seu pai; Antonio o nome do avô paterno e; por fim, Giuseppe o nome do seu avô materno. Mais do que improvisado e criatividade de momento, e para além de mero costume, creio que esta foi uma iniciativa simbólica bem pensada e que visava marcar o neonato para que este levasse adiante a história familiar.

Fica subentendido que, havia um desejo de que o recém-nascido adquirisse gosto e desenvolvesse vocação para as atividades e funções que eram desenvolvidas pelos seus familiares. Porém, outra hipótese que não posso descartar é que os quatro prenomes

¹²³ Assento número 91 do livro do ano de 1845. Archivio della Parrocchia Santíssima Trinità di Angarano em Bassano del Grappa.

¹²⁴ Minha transcrição e tradução do original em italiano, com parênteses e grifos meus.

adjacentes fizessem referência aos irmãos nascidos anteriormente, mas que vieram a falecer em tenra idade. De acordo com Rebellato, o casal já havia perdido precocemente cinco filhos até aquela data.¹²⁵

Esta realidade me leva a acreditar que, de fato os prenomes há mais adquiridos no momento do batizado poderiam sim ser também homenagens aos irmãos falecidos prematuramente. De qualquer modo, penso que mais tarde, ao tomar consciência desse ato, o sujeito investigado se sentirá impulsionado a dar uma resposta aos seus progenitores e ao seu núcleo familiar, que por meio desse gesto depositaram nele seus votos e esperanças para que de alguma maneira ele viesse a enaltecer a sua linhagem.

Segundo Terragni, Pietro Colbacchini foi o décimo terceiro filho, de um total de 17 tidos por Pietro Antonio e Angela Zarpellon.¹²⁶ Já para Rebellato, naquela ocasião a mãe, Maria Angela Zarpellon, que possuía 38 anos, e o pai, Pietro Antonio, que estava na eminência de completar 41 anos, tiveram ali o seu décimo segundo rebento, de 16 no total. Independente do número exato, é possível saber que, no momento de seu nascimento, o sujeito investigado possuía 6 ou 7 irmãos mais velhos vivos, e que teria ainda 4 irmãos mais novos. Creio que essa imprecisão da quantidade de filhos do casal se dê por conta do grande número de perdas prematuras de seus rebentos.

De qualquer maneira, fica evidente que se tratava de um núcleo familiar numeroso, algo que era comum somente às famílias burguesas da região do Vêneto daquela época, pois era necessária uma boa situação financeira para sustentar um número tão elevado de membros. Mais do que ter, manter um grande número de filhos naquele período era algo permissível somente para uma pequena parcela da população, exatamente aquela que pertencia às classes mais abastadas, ou que a elas estavam ascendendo, que formavam a elite burguesa da época. Penso que esse fator também pesou na decisão de Pietro Antonio, que enquanto chefe de família preferiu permanecer em sua já privilegiada posição social conquistada em Bassano Veneto pensando, sobretudo, no futuro de sua extensa prole.

Porém, apesar de afortunados economicamente, esses núcleos familiares não estavam livres de doenças e desgraças, e eram frequentemente atingidos por perdas de seus herdeiros. Assim, além do luto pela perda de um membro familiar, os progenitores precisavam lidar com a ausência dos indivíduos que levariam adiante o empreendimento econômico que mantinha a comodidade e, consequentemente, o status social até então conquistado. Portanto, a perda de um filho, sobretudo do sexo masculino, era vista também como uma perda econômica e social

¹²⁵ REBELLATO, Franco. Op. Cit., p.87.

¹²⁶ TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 5.

que precisava ser ressarcida através de uma nova gestação. Isso explica o porquê que as famílias que perdiam muitos de seus rebentos continuavam a gerar herdeiros, que foi o que aconteceu com os pais de nosso investigado.

Outro indício, presente na fonte anteriormente apresentada, de que o casal progenitor não só pertencia, como também agia para continuar pertencendo, à elite burguesa local está indicado na escolha dos padrinhos de Pietro Colbacchini. Sobre a origem burguesa da madrinha, a “*bassanese*” Santa Nozzi filha de Gioacchino, não foi possível obter mais informações, além de saber que ela era também originária da mesma *comune*. Já sobre o padrinho, Gaetano Fasoli filho de Patrizio, é possível inferir que sim, que se tratava de um indivíduo abastado, pertencente a uma linhagem da alta burguesia da cidade. Seu nome é citado como um dos membros que eram considerados parte da elite de Bassano Veneto entre os anos de 1800 e 1900.

Segundo o compêndio, organizado por entidades culturais locais e dedicado à história de Bassano, o avô deste nobre padrinho, Gaetano Fasolo, é proveniente da localidade de Vertova da Província de Bérgamo na Lombardia, e chegou a *comune* em meados de 1700 com pouco mais de vinte anos de idade. Apesar da pouca idade, este forasteiro carregava a vantagem de trazer consigo parte de sua herança paterna. Com isso, o recém-chegado rapidamente conseguiu se tornar administrador de alguns dos negócios dos Remondini, uma das famílias burguesas de maior poder econômico da Zona Bassanese. Poucos anos depois, esse jovem passou a ser sócio de uma boa parcela dos empreendimentos que administrava, tornando-se assim também ele um dos membros da elite local. Seus descendentes, ao desfrutar de seus negócios, continuaram enriquecendo e mantiveram-se em lugar social de destaque, como no caso do seu neto Gaetano Fasoli, que entre outras atividades comerciais promovia a venda de madeiras beneficiadas, destinadas à construção.¹²⁷

Nessa direção, entendo que a escolha e o convite feito a um representante da alta burguesia local, para que o mesmo fosse padrinho do filho é um indicativo da busca do casal progenitor, Pietro Antonio e Maria Angela, pela manutenção do status que provinha do pertencimento a essa classe social privilegiada. Além disso, ao estabelecer um laço de compadrio com um homem de posses, um grande comerciante da região, os pais de nosso investigado estavam pensando em deixar aberta mais uma possibilidade para o mesmo no futuro. Assim, se por algum motivo não fosse possível ele assumir os negócios da sua família de sangue, poderia vir a contar com o apoio daquele que o apadrinhou, que por meio do ato

¹²⁷ <http://www.storiadibassano.it/nobilta-e-borghesia-a-bassano-del-grappa-tra-otto-e-novecento.html>. Visitado em 28/05/2024.

religioso havia se tornado uma espécie de aparentado espiritual. O apadrinhamento, que se dava por meio do preceito religioso católico, era também uma forma de alargar a família e estreitar os laços com outros membros que pertenciam ao mesmo grupo social. Entendo que, esta estratégia possuía uma lógica semelhante a do bom casamento, que era adotada pelos atores sociais de determinadas elites, e que acontecia por meio de outro sacramento católico, o do matrimônio.

As outras duas informações que existem no assento de batismo do sujeito investigado se complementam. A primeira revela o dia e a hora do nascimento de Pietro Colbacchini: às cinco horas da tarde do dia 11 de setembro de 1845. Era costume, sendo possível, o que normalmente só estava ao alcance das elites urbanas ou das famílias que habitavam muito próximas de um templo católico provido de um sacerdote, que as crianças fossem batizadas já nas primeiras horas de vida. Essa prática se dava devido à crença religiosa de que pelo batismo elas estariam livres do pecado original e recebiam a filiação divina, e que o ato contribuiria para afastar qualquer grave doença ou a, ainda pior, possibilidade do inocente falecer como um pagão.

Terragni, provavelmente acreditando no óbvio, chega a afirmar que o recém-nascido teria sido batizado na paróquia de Angarano no mesmo dia do seu nascimento.¹²⁸ No entanto, a fonte apresentada anteriormente afirma que o investigado nasceu no dia anterior ao da realização do sacramento do seu batismo, que só ocorreu no dia 12 de setembro de 1845. Mas então, qual seria o motivo, de mesmo possuindo todas as condições, principalmente morando muito próximo da igreja local, o casal ter decidido esperar para realizar o ato religioso no dia seguinte ao nascimento?

Certamente, porque havia o desejo de que o oficiante do batizado do neonato fosse um dos distintos membros daquele grupo familiar, que com esta ação revela sua identidade clerical, como também era a da esmagadora parcela da sociedade que até então o cercava. Assim, *Don Luigi Colbacchini*¹²⁹, irmão de Pietro Antonio, que exercia naquele momento a sua função de sacerdote católico em Vicenza, ao ser avisado do nascimento de seu mais novo sobrinho logo se dirigiu para Bassano para officiar a cerimônia.

Portanto, a forma como ocorreria o rito sacramental foi algo que já havia sido planejado pelos seus familiares com certa antecedência, e que talvez fosse inclusive uma tradição daquela linhagem, que possuía uma forte ligação com a instituição católica, o que

¹²⁸ TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 5.

¹²⁹ *Don* é uma redução da palavra *donno* que se originou do latim *dominus* que por sua vez significa senhor/patrão, que ao anteceder o nome próprio dos sacerdotes na Itália, equivale à “Pe.”, abreviatura de padre no português.

inclusive fica muito claro por ter um dos seus membros pertencente ao distinto clero da região. Assim, se abria caminho para outra opção: o novo membro da cristandade poderia escolher futuramente honrar o nome de sua família seguindo os passos de seu tio, tornando-se um renomado sacerdote católico, reconhecido como uma personalidade ilustre da sociedade “*bassanese*” e um “homem de cultura” e poder dentro da Província de Vicenza.

Dessa maneira, compreendo que para Pietro Colbacchini, o sujeito aqui biografado, a presença dos familiares ao seu redor, desde o momento de seu nascimento, implicará não somente no vislumbrar possibilidades de futuro, como também de assumir para si algumas características que carregará para a sua vida. A figura do pai, do qual recebeu o prenome que sempre carregará consigo, lhe deu a possibilidade, mesmo que não sendo a da fabricação de sinos, de seguir com o ramo da metalurgia. Mas, como aponte também, esse lhe transmitiu, sobretudo, um forte apego ao lugar de origem. A pessoa de sua mãe Angela, descendente do ramo Zarpellon, de quem não temos mais informações e por isso não sabemos se seria também proveniente da burguesia local, lhe concedeu como herança o aconchego familiar, e talvez tentou passar-lhe o desejo de também constituir uma numerosa família.

O seu avô paterno, Antonio, um dos fundadores do grandioso empreendimento de fundição de sinos em Bassano, não só lhe conferiu uma identificação com esses instrumentos, como também com a sua linhagem de sucesso. Ao mesmo tempo, este último não lhe permitiu esquecer as raízes agrícolas e campesinas dos “Col Bachin” que haviam migrado de Marostica, que talvez fossem reforçadas ainda mais pela figura do avô materno, Giuseppe. Por fim, a forte presença da figura de seu tio paterno, *Don Luigi*, que preferiu a carreira eclesiástica, diferentemente dos outros tios que se embrenharam no atraente mundo dos negócios e do capitalismo, lhe transmitiu um maior engajamento na fé e na religião católica, e um primeiro modelo de clérigo, abrindo-lhe também a possibilidade de um dia poder se decidir pelo sacerdócio, e ser reconhecido como um “homem de cultura” pela sociedade local.

É claro que nenhum desses anseios e desejos, presentes desde o momento do batizado, que acredito terem povoado também o universo das primeiras vivências da infância e adolescência do sujeito aqui investigado, tiveram por si só o poder de decidir o desenrolar das suas trajetórias. Porém, eles não só explicam como também indicam quais foram os contextos formadores de vários fragmentos, como Colbachini/Colbacchini, Bassanese, Vicentino, Vêneto, Padre e Sacerdote, que desde cedo e até tarde irão compor a personagem histórica em suas experiências aqui estudadas. Esses primeiros indícios adquiridos já em tenra idade, ao

unirem-se aos outros que virão nas próximas fases da vida, continuarão a emoldurar a complexa construção da pluralidade e subjetividade do indivíduo aqui biografado.

2.2 O Vêneto e a Bassano de Colbacchini no século XIX: uma terra de religião em tempos de unificação

Durante o século XVIII, Bassano Veneto, *comune* natal de Colbacchini, afirmou-se como a segunda mais importante concentração urbana de sua província, ficando atrás somente da sua capital, Vicenza. As concentrações dos agrupamentos populacionais, que constituíram os burgos dentro dos seus limites territoriais, com suas moradias, igrejas e comércios, conferiram-lhe o título de cidade ainda no ano de 1760, por meio de um decreto da então Sereníssima República de Veneza.

Esta última, que era uma velha república de caráter aristocrático, governou a região praticamente de forma independente e autônoma até ter seus territórios invadidos pelas tropas francesas em maio de 1797. Em outubro deste mesmo ano, por meio do tratado de Campoformio, Napoleão Bonaparte pôs fim à antiga República de Veneza, cedendo os territórios venezianos por ele conquistados à Áustria.¹³⁰

Certamente, o fim da Sereníssima foi o primeiro grande impacto sociopolítico que sacudiu a população da região, que a partir de então passava a assistir, mesmo que de forma lenta e impondo resistências, a todas as transformações sociais advindas do pensamento liberal formulado pelos ideais iluministas que inauguraram um novo tempo a partir da Revolução Francesa iniciada em 1789. Creio que a principal mudança que, trazida pelo ideário da revolução, causou maior estranhamento e repúdio por parte da maioria da população vêneta foi a radical ruptura dos laços entre Estado e Igreja. De fato, como explica Alphonse Dupront:

O mundo do Iluminismo e da Revolução Francesa se apresenta como duas manifestações (ou epifenômenos) de um processo maior – o processo de definição de uma sociedade de homens independentes sem mitos ou religiões (no sentido tradicional do termo); uma sociedade “moderna”; uma sociedade sem passado e sem tradições; [uma sociedade] do presente, totalmente aberta para o futuro.¹³¹

¹³⁰ JONARD, Norbert. **A Vida Quotidiana em Veneza no Século XVIII**. Lisboa: Livros do Brasil, s/d, pp. 217-230.

¹³¹ DUPRONT, Alphonse, 1983, p. 21, Apud CHARTIER, Roger. **Origens culturais da Revolução Francesa**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 283.

Essa forma de pensar era exatamente o inverso do que até então estava vigente nas sociedades organizadas durante o Antigo Regime, que se baseavam nas tradições dos seus ancestrais promulgadas pelo pensamento da cristandade e do catolicismo romano, ou seja, uma sociedade clerical, pois entendia precisar e depender dos representantes da citada religião.

Assim, a nova visão de mundo, que era extremamente secular, não só se opunha ao poder da Igreja Católica, mas também representava para esta e seus fiéis a instalação do caos na organização das sociedades da Europa e do Ocidente, que por dispensarem os membros da referida instituição romana eram redefinidas como anticlericais. De fato, os programas e os ideais de liberdade promovidos pelos líderes revolucionários, Giuseppe Garibaldi e, sobretudo, Giuseppe Mazzini com sua *Giovani Italia*, acreditavam que para converter a península num Estado-Nação precisavam “libertar a Itália da ocupação austríaca, do controle indireto exercido por Viena, do despotismo principesco, do privilégio aristocrático e da autoridade clerical.”¹³²

Especificamente na Região do Vêneto, que passou a ser um território estratégico de resistência, esse choque de mentalidades foi sendo digerido de maneira bem lenta e gradual, pois durou no mínimo o correspondente a 2/3 do século XIX, acompanhando os passos dos processos de unificação, ou seja, da criação do estado nação italiano. Isto porque, a região permaneceu sob a proteção do Império Austríaco, principal aliado da Santa Sé, durante quase a totalidade do tempo que perduraram as disputas pelo *Risorgimento*. Isto se deu, conforme explica o historiador Vitor Biasoli, por que:

O papado ganhava fortes aliados entre as monarquias restauradoras, especialmente a Áustria. No entanto, tinha que lidar com os grupos liberais que almejavam a unificação da Itália, os quais pretendiam, num primeiro momento, ter no papa um dos seus aliados. Roma, no entanto, não se sentia confortável nessa aliança. Sua simpatia era pelas monarquias tradicionais, especialmente a da Áustria.¹³³

Portanto, o processo da unificação italiana era de fato também uma questão religiosa, que ficou conhecida como a “Questão Romana”, mas consequentemente junto desta havia outra, a “Questão Vêneto”. Isto porque, desde o início do século XIX, no Piemonte, região do norte da Itália que se destacava por seguir os rastros da Revolução Francesa, os “aristocratas liberais e burgueses moderados conspiravam para introduzir um regime constitucional e

¹³² GOOCH, John. **A unificação italiana**. São Paulo: Editora Ática, 1991, p. 18.

¹³³ BIASOLI, Vitor O. F. **O catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria (1870/1920)**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2010, p.24.

unificar a província com a Lombardia e a Veneza em um reino da Alta Itália”.¹³⁴ Posteriormente, ao liderar a unificação de toda a península, a anexação dos territórios vênets significava para o Piemonte, e para o então nascente Reino da Itália, por fim ao domínio austríaco na região e, assim, enfraquecer o poder de Roma.

Neste ínterim, no Vêneto, houve momentos em que os atores sociais internos, sobretudo os representantes da Igreja, tiveram que enfrentar várias oposições que culminaram com o surgimento de grupos com ideais divergentes. Passaram a coexistir: os intransigentes, aqueles que defendiam a Igreja em todas as suas reivindicações, inclusive as contrárias a perda do seu poder temporal; o grupo dos moderados, que agiam para uma conciliação entre a instituição romana e as novas formas de governo nascentes e; na outra ponta, clérigos mais liberais que aceitavam sem nenhum questionamento ou eram favoráveis da nova organização política e social. Estes últimos e, por vezes até o grupo dos moderados, eram vistos como verdadeiros hereges pelos primeiros.

Porém, todas essas distinções e disputas internas eram desconhecidas do “catolicismo popular”, aquele vivenciado pelos fiéis que compunham o mundo rural e camponês do Vêneto até o final do século XIX. Desta maneira, o baixo clero gastava suas energias para continuar atendendo as necessidades do seu rebanho, e era com este que ele mantinha seu elo de reciprocidade, mesmo que por vezes isso o afastasse do catolicismo hegemônico e oficial reivindicado pelos discursos deste ou daquele grupo. Nas palavras do historiador italiano Emilio Franzina:

...naquilo que anteriormente nós definimos como a “confusão das distinções”, que mantinham separados “dos católicos intransigentes, com as suas variantes integralistas, papistas, episcopalistas”, “não só os liberais, mas também os clerical-moderados, os conservadores nacionais, os conservadores católicos abstencionistas” estranhamente não se conseguiu inserir adequadamente uma distinção bem mais elementar, que consideramos da maior importância: a de caráter social, concordando com alguns estudiosos do folclore, “entre catolicismo hegemônico e catolicismo popular”, ou seja, entre a universalidade do catolicismo oficial e expressões de religiosidade das classes subalternas...¹³⁵

Portanto, é importante ressaltar que além dos grupos que se encaixavam nas distinções que haviam sido criadas entre os clérigos para defender qual seria a política da Igreja para enfrentar o processo de unificação da Itália e a secularização da sociedade, haviam outros formados pelos membros do baixo clero que simplesmente atuavam entre os fiéis das aldeias conforme lhe solicitavam o catolicismo popular.

¹³⁴ GOOCH, John. Op. Cit., p. 17.

¹³⁵ FRANZINA, Emilio. **A Grande Emigração: O êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006, p. 328-329.

Dessa maneira, as disputas entre intransigentes, moderados e liberais ficava por conta dos clérigos dos meios urbanos, daqueles que ocupavam funções de destaque dentro da formação nos seminários, ou ainda daqueles que pertenciam, ou almejavam pertencer, ao alto clero. Certamente, como se poderá ver mais adiante, Pietro Colbacchini, como um bom vêneto e um bom “*bassanese*”, ao abraçar o sacerdócio precisará fazer a sua opção.

Como todas as outras “*comunes*” da região vêneta, foi a partir de 1815, com o Congresso de Viena e o processo de restauração das monarquias, diante dos estragos causados pelo período napoleônico, que Bassano passou a pertencer oficialmente ao Reino Lombardo-Vêneto, e assim viver sob o controle do Império Austríaco, o qual também a reconheceu como lugar urbano de destaque. De fato, como afirmei anteriormente, a parte do referido reinado que corresponde a atual região do Vêneto, apesar das transformações promovidas pelas disputas de unificação que ocorriam na península itálica, permaneceu dessa forma até 1866, ou seja, por cerca de seis décadas, sendo uma das últimas regiões a ser anexada à nação italiana nascente. Consequentemente, no seu território no decorrer desse período haverá certa continuidade do regime que unia os poderes civis e eclesiásticos, na qual os representantes do sagrado também eram considerados como responsáveis pela organização do corpo social.

Sendo o governo da Áustria aliado de Roma, a Diocese de Vicenza, à qual a *comune* de Bassano Veneto pertencia, procurou reverberar as respostas que a Igreja formulara para a crise que a instituição estava enfrentando. As formas de defesa e de reação encontradas foram a afirmação da doutrina e da identidade católica, por meio de um conjunto de discursos políticos e doutrinários que ficaram conhecidos como ultramontanismo e romanização.¹³⁶

Esses discursos reafirmavam e reforçavam que os preceitos tridentinos, que já haviam sido formulados e impostos pelo Concílio de Trento (1545-1563), eram de fato imprescindíveis para uma boa vivência dos compromissos e da profissão da fé católica. A prática da catolicidade, na sua forma tridentina, estava condicionada ao comparecimento aos sacramentos e, assim dependia diretamente da presença de um sacerdote, que era declarado pela Igreja como seu legítimo representante e detentor de um poder espiritual e divino. Inclusive, o próprio poder clerical era também um sacramento, uma concessão exclusiva da

¹³⁶ Ultramontanismo pode ser definido como o discurso claramente contrário a concepção de mundo moderno, de Estado e de governo sem a participação da religião, empreendidos pelo liberalismo, ao mesmo tempo em que, buscava a recristianização e clericalização da sociedade. Romanização, por sua vez, caracteriza-se como discurso de fortalecimento da instituição Católica, de sua doutrina e hierarquia. Processos distintos, que no intuito de fortalecer ambos, foram colocados lado a lado no discurso da Igreja durante o século XIX. Segundo Souza, Ultramontanismo e Romanização poderiam ser definidos como “as duas faces de uma mesma moeda”, ou seja, de um projeto único em resposta às novas conjunturas da época. SOUZA, Wlaumir Doniseti de. **Anarquismo, Estado e pastoral do imigrante. Das disputas ideológicas pelo imigrante aos limites da ordem: o caso Idalina**. São Paulo: Editora UNESP, 2000, pp. 75-76.

instituição Romana, que com ele pretendia uniformizar os seus agentes. Como descreve Souza, “a ordem era um privilégio ministerial e hierárquico da Igreja, não admitindo o sacerdócio universal, comparando o clero a um exército pronto para a batalha”.¹³⁷

A retomada dos postulados do referido concílio, que antes haviam sido elaborados com a firme intenção de combater a Reforma Protestante, agora tinham o intuito de confrontar ao liberalismo moderno e ao anticlericalismo, ou seja, à secularização da sociedade. Para isso a Igreja convocava todos os seus fiéis, sobretudo, aqueles que eram os seus legítimos representantes para reforçar as suas práticas, e assim reafirmar a sua posição e controle social.

Tridentino e clerical eram termos que se colocavam um ao outro. Ser clerical era estar atrelado aos princípios tridentinos de combater os hereges, repreender os eclesiásticos em erro, fazer do clero modelo aos leigos por meio de uma formação adequada, propiciada, sobretudo, em seminários e conventos, examinando-se os candidatos ao sacerdócio antes da ordenação, e a obrigatoriedade da prática catequética e pastoral para os padres...¹³⁸

Sendo assim, no contexto da secularização, a sobrevivência católica dependia da ação dos sacerdotes ordenados e da prática dos sete sacramentos (batismo, crisma, comunhão, penitência, matrimônio, ordem e unção dos enfermos) dispensados por eles. Dessa maneira, era exigido dos fiéis um permanente comparecimento aos sacramentos e aos ritos sagrados da instituição, como também uma total submissão às suas autoridades eclesiásticas. Dessa forma, a vivência do catolicismo era vigiada pelos seus representantes ordenados por meio da cobrança da participação nas missas dominicais e nas festividades religiosas, além da obrigatoriedade do sacramento da confissão.

Essas práticas difundidas, por mais elementares que fossem, sem dúvida moldaram uma identidade básica entre os fiéis, uma identidade em que a repetição dos mesmos gestos implantava em todos uma consciência direta de pertencimento e embutia um ponto de referência vital que emprestava significado ao mundo e à existência.¹³⁹

No entanto, essas vivências exigidas pela Igreja desde a Contrarreforma, mantiveram fôlego somente em algumas áreas, aquelas mais afastadas dos grandes centros urbanos, nas quais a prática do catolicismo confundia-se com a identidade da população rural e camponesa, onde o modelo do *ora et labora*, herdado do período medieval, estava inculcado em suas mentalidades e em suas aldeias.

¹³⁷ SOUZA, Wlaumir Doniseti de. Imigração italiana e Igreja: ultramontanismo e neo-ultramontanismo. In: DREHER, Martin N. (Org.). **500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional**. Porto Alegre: Edições EST, 2002, p. 279.

¹³⁸ Ibidem, p. 280.

¹³⁹ CHARTIER, Roger. **Origens culturais da Revolução Francesa**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 151.

Mesmo sendo a segunda maior concentração urbana da sua província, até meados do século XIX, a *comune* de Bassano Veneto possuía somente cerca de 10.000 habitantes. Se somada a população dos pequenos lugarejos dispostos ao seu redor, que formavam a grande área conhecida como Zona Bassanese, chegava-se à cifra de mais ou menos 50.000 pessoas. Ou seja, apesar de possuir e ser caracterizada como uma concentração urbana bem consolidada, Bassano também possuía dentro de seu território muitas zonas que eram ocupadas por camponeses que se dedicavam a agricultura.

Nessas áreas rurais, até metade dos anos 1800, antes de haver um verdadeiro processo de industrialização na região, quase a totalidade da população era proprietária de um pequeno campo com sua casa e algum depósito ou alojamento para a colheita e a criação de animais, de onde tiravam o sustento para a sobrevivência de seus núcleos familiares. Mesmo tendo uma vida sem muito luxo e expostos a toda espécie de precariedades, o fato de não serem arrendatários e trabalhadores assalariados bastava para “conferir aos habitantes desses campos certo espírito de independência e de orgulho típico dos alpinos daquela região”¹⁴⁰.

Essa também era a realidade de todas as pequenas cidades do entorno que compunham a Zona Bassanese, que possuíam até então poucos empreendimentos com características industriais, e a maioria da população se dedicava ao trabalho no campo em sua pequena parcela de terra, do qual participavam todos os membros do núcleo familiar. Porém, as terras que possuíam essas famílias há tempos eram divididas e subdivididas entre os seus herdeiros, o que fazia com que a cada geração a produção se voltasse cada vez mais para a autossuficiência. Com isso o que variava era o tamanho das propriedades, sendo muito pequenas nas zonas de montanha e um pouco maiores no pé das montanhas.

Em consequência da forma de trabalho camponês, a organização social e familiar dessa população era estritamente local, fazendo com que o cotidiano variasse somente entre a dedicação ao trabalho e a participação nos preceitos católicos impostos pela Igreja. O discurso religioso era o único que fornecia um alento para que esses camponeses não desanimassem diante das muitas adversidades que lhes sobrevinham. Dessa maneira, para a exorbitante maioria da população a forma de viver que imperava no mundo rural vênето era a do *campanilismo*, ou seja, aquela onde a vida social se limitava ao *paese* de nascimento, na qual o indivíduo se identificava com a sua aldeia natal, que por sua vez se organizava em torno da torre do considerado indispensável templo católico ali construído.

¹⁴⁰ CUCCHINI, Chiara. **A proposito di agenti di emigrazione: la vicenda di Don Angelo Cavalli – Parroco, agente ed emigrante (1872 – 1879).** (Tesi di Laurea). Università di Padova, 1996, p. 44.

Sendo assim, os valores que eram impregnados desde a infância por essa vivência camponesa, eram sem dúvida, o amor a terra e a prática da religião católica. Tais valores, que impulsionavam a existência dos camponeses da região, os faziam viver sem muita obstinação, pois o objetivo de vida acabava por ser somente a manutenção do pequeno pedaço de terra que permitia a subsistência familiar. O historiador italiano Antonio Lazzarini define essa forma de pensar e de viver da referida micro sociedade com as seguintes palavras: “*Era un mondo contadino tradizionale, fondato sulla famiglia patriarcale e sull’organizzazione parrocchiale, poco sensibile agli stimoli che venivano dal mondo esterno*”¹⁴¹

A maioria da população da região, formada por camponeses que viviam nessas condições, acabava por influenciar a minoria, que por sua vez era formada pela burguesia do meio urbano, cujo maior centro estava em Bassano Veneto. A maior parcela desses burgueses respeitava esse universo local e o integrava, também pautando seus valores na família patriarcal e na organização paroquial. Para esses, além do apego ao status social que conquistaram no lugar onde habitavam, o amor a terra era um sentimento herdado que, para quase a totalidade, vinha dos antepassados que um dia também viveram como camponeses. Já a luta pela subsistência era substituída pelas estratégias por se manter entre as famílias da elite local e, para isso, como procurei exemplificar no subcapítulo anterior, também se valiam da participação nos sacramentos dispensados pela Igreja.

Portanto, mesmo não sendo uma sociedade homogênea, havia marcas identitárias atreladas ao local de origem que estavam presentes nas diferentes classes sociais. Sobretudo a paróquia, na qual se dava a vivência do catolicismo, proporcionava um sentimento que se sobrepunha aos outros signos de pertencimento, pois ela funcionava como um elo de união entre as diferentes classes que formavam a sociedade do lugar e lhe permitia construir, mesmo que somente no imaginário, uma identidade coletiva.

Creio que o núcleo familiar de Pietro Colbacchini se aproxima desse modelo de família burguesa praticante da religião, e que se identificava com a vivência católica que se desenvolvia em torno da paróquia e de seus representantes. Nessa direção, penso que foi respirando esses ares e envolto por esse clima, impregnados de uma cultura religiosa e de um clericalismo em combate que foram reafirmados ainda mais na região do Vêneto, e assim também em Bassano, durante o período da unificação, que Colbacchini transcorreu sua infância e adolescência.

¹⁴¹ Era um mundo camponês tradicional, fundamentado sobre a família patriarcal e sobre a organização paroquial, pouco sensível aos estímulos que vinham do mundo externo. LAZZARINI, Antonio. **Campagne venete ed emigrazione di massa (1866-1900)**. Vicenza: Istituto per le ricerche di storia sociale e di storia religiosa, 1981, p. 77.

Não é de se estranhar, portanto, que as pouquíssimas informações que se têm registradas do período que corresponde a essas fases sejam as de seus comparecimentos nos sacramentos católicos. Sendo assim, sabe-se que ainda no fim da sua primeira infância, com apenas três anos de idade, entre o final de 1848 e meados de 1849, o pequeno Pietro recebeu o sacramento católico da Crisma, por meio da imposição das mãos do Monsenhor Zaccaria Bricito, então abade de Bassano Veneto.¹⁴²

O que me chama a atenção neste ato, é que o ilustre líder religioso era de fato um “*bassanese*”, ou seja, também havia nascido na referida cidade, e que posteriormente, cerca de um ano após a realização da citada cerimônia, elevará ainda mais o nome de sua *comune*, ao ser nomeado arcebispo da diocese de Udine. Creio que esse percurso de sucesso na carreira eclesiástica do oficiante do referido sacramento, de alguma maneira também estará presente na consciência do personagem investigado, influenciando na sua configuração e suas escolhas pessoais. O exemplo do referido clérigo, que possuía a mesma origem e alcançou o cargo de bispo, ecoaria de alguma forma nas trajetórias do sujeito estudado, que aderindo à carreira eclesiástica poderia da mesma maneira almejar um dia alcançar o título de monsenhor e vir a pertencer ao alto clero da instituição.

Sabendo da existência dessa possibilidade os progenitores de Colbacchini seguiram fazendo a sua parte, que era a de encaminhá-lo aos sacramentos católicos. Assim, entre os anos de 1853 e 1854, quando tinha a idade de 8 anos, após frequentar a catequese exigida, o mesmo recebe a primeira comunhão na Igreja da Santíssima Trindade de Angarano, sua comunidade paroquial. Não se sabe o nome do oficiante deste ato, nem quem foi o sacerdote que ministrou as aulas de catecismo católico para a sua preparação, mas pode-se afirmar que certamente foram representantes do clero da província de Vicenza, talvez até mesmo “*bassaneses*”, que também deixaram suas impressões na vida do menino Pietro que já estava, na época, no início da sua terceira infância.

Nessa fase da formação de seu caráter, certamente ele presenciou e participou também de outras inúmeras manifestações coletivas de fé e de apoio à Santa Sé e, consequentemente, ao sumo pontífice romano, que aconteciam em sua cidade natal. Um desses acontecimentos, que trago à tona a seguir, foi meticulosamente registrado pelo seu tio, *don Luigi Colbacchini*, que tratou de transformá-lo em impresso, e por isso acredito que tenha sido inúmeras vezes revisitado por seu sobrinho. A narrativa permite ter uma noção do clima de romanização que se vivia em Bassano Veneto neste período. Refiro-me a festa e a procissão religiosa ocorrida

¹⁴² REBELLATO, Franco. Op. Cit., p. 89.

no mês de maio de 1855 para celebrar a declaração do dogma da Imaculada Conceição, que havia sido declarado pelo Papa Pio IX em 08 de dezembro de 1854.

De fato, outra característica da romanização presente no discurso ultramontano, resgatada das definições do Concílio de Trento, do qual obviamente o principal promotor era o já citado pontífice romano, foi o fortalecimento da devoção à Maria, a mãe de Jesus. Se num primeiro momento, no século XVI, a intenção foi fazer frente direta à doutrina protestante, agora a ideia de Pio IX era a de reafirmar e reforçar o culto e a fé em “Nossa Senhora” para assim criar uma unidade interna entre as devoções populares, cuja devoção à Maria era a tradição sobressalente.

Nessa direção, a mãe de Jesus representava um amálgama que fortalecia a identidade e a unidade da instituição católica, e o seu culto uma demonstração da aceitação de suas regras e preceitos por parte da multidão de fiéis, e a união desses fenômenos funcionava como uma estratégia contra os avanços e as heresias da modernidade. As palavras do filósofo e teólogo suíço Hans Küng, reconhecido estudioso da catolicidade, sintetizam bem essa tática da Igreja:

... a fortaleza católica medieval da Contra-Reforma agora era construída contra a modernidade com todos os poderes disponíveis. A frieza da indiferença religiosa, a hostilidade à igreja e uma falta de fé talvez imperem fora da igreja no mundo moderno. Mas, dentro, o papismo e o marianismo disseminaram o calor do lar: segurança emocional através de todo tipo de devoção popular, desde peregrinações, passando pelas devoções pelas missas até as celebrações de maio, quando Maria é homenageada com velas e flores.¹⁴³

É exatamente esse o clima que se percebe em Bassano Veneto ao ler a narrativa produzida pelo referido clérigo, e também tio da personagem aqui biografada, que no momento deste acontecimento assiste a tudo com seus nove anos de idade. O escrito a que me refiro recebeu o nome de “*Cenni sulla festa celebrata in Angarano di Bassano, il XIII maggio di MDCCCLV, in onore di Maria Vergine Immacolata*”¹⁴⁴. Como aponta o seu título, o texto narra os detalhes da festa religiosa promovida na cidade de origem de Pietro Colbacchini.

Já no início do documento, que defino como um registro ocular estratégico, pois o mesmo foi pensado e elaborado havendo a preocupação e o desejo de transformá-lo em impresso, para assim procurar immortalizar e engrandecer o evento promovido pelos “bassaneses”, o autor da narrativa faz questão de oferecer o seu feito às maiores autoridades eclesiásticas daquela *comune*, às quais atribui a responsabilidade da organização e o sucesso

¹⁴³ KÜNG, Hans. **A Igreja Católica**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p. 203.

¹⁴⁴ COLBACCHINI, Luigi. **Cenas sobre a festa celebrada em Angarano de Bassano, no dia 13 de maio de 1855, em honra de Maria Virgem Imaculada**. BASSANO: Co'tipi di Antonio Roberti, 1855. Arquivo do Museu Cívico de Bassano del Grappa.

da grande celebração de fé local e, sobretudo, da promoção e da manutenção da devoção à Virgem Maria:

Ai Reverendissimi Monsignor Domenico Vila, Arciprete Ab. Mitrato di Bassano, e Don Giovanni Fabris, Arciprete di Angarano
A Voi che avete avuto tanta parte nel promuovere il sentimento di pietà a Maria Vergine, nella gloriosa circostanza in cui fu innalzata a dommatica Fide la verità del suo Immacolato Concepimento, io consacro queste mie povere parole.¹⁴⁵

Com esta atitude, é notório que Luigi Colbacchini, membro daquela sociedade clerical, tem a intenção não só de reafirmar a sua obediência pessoal às autoridades eclesiásticas locais, mas também de promover em seus leitores esse sentimento de submissão à hierarquia da Igreja que eles representavam. O mesmo acontece em relação à aceitação particular da declaração do dogma de fé, que como um dos representantes da instituição que o promoveu, desejava vê-lo aceito por todos os fiéis.

Por esta dedicatória, também foi possível conhecer o nome de dois prelados católicos que acredito terem influenciado a formação do personagem aqui investigado. Sobre o primeiro, *don Domenico Villa*, sabe-se que: nasceu também em Bassano Veneto, em 1º de outubro de 1818; entrou no seminário de Vicenza aos 20 anos e foi ordenado sacerdote em 1º de abril de 1843; depois de exercer seu ministério na província vêneta de Rovigo tornou-se pároco de sua cidade natal, posto que exerceu por 24 anos ininterruptos, sendo que no ano de 1852 recebeu de Pio IX o título de Abate Mitrato como responsável pela jurisdição eclesial que correspondia a Zona Bassanese; e em fevereiro de 1872 foi nomeado bispo de Parma pelo mesmo Papa.¹⁴⁶ Ou seja, outro exemplo de *bassanese*, que assim como Zaccaria Bricito já apresentado, ascendeu na carreira eclesiástica.

Por sua vez, *don Giovanni Fabris*, foi o pároco da paróquia *Santissima Trinità* de Angarano durante os anos de 1840 e 1856; a ele é atribuído o mérito de colocar na torre da respectiva igreja o conjunto de sinos, que foi cuidadosamente elaborado pelo empreendimento dos Colbacchini para aquela que por muito tempo foi a sua própria comunidade paroquial; também a ele deve-se a abertura de estradas e a plantação das filas de ciprestes nas laterais da rua que leva ao suntuoso templo e; sabe-se que em 1856 ele torna-se pároco da igreja de

¹⁴⁵ Aos reverendíssimos Monsenhor Domenico Villa, Pároco do Mitrato de Bassano, e Don Giovanni Fabris, Pároco de Angarano... A vocês que tiveram grande parte em promover o sentimento de piedade à Virgem Maria, na gloriosa circunstância na qual foi elevada a dogma de fé a verdade sobre a sua Imaculada Conceção, eu consagro estas minhas pobres palavras. COLBACCHINI, Luigi, Op. Cit., p. 3.

¹⁴⁶ BORDIGNON, Vasco. In: <https://www.bassanodelgrappaedintorni.it/bassano-del-grappa-il-tempio-ossario-la-sua-storia/> e <https://www.beweb.chiesacattolica.it/persona/persona/2714/Domenico+Maria+Villa>. Visitados em 23 de junho de 2024.

Braganze, localidade vizinha.¹⁴⁷ É muito provável que ele tenha sido o oficiante da primeira eucaristia de Pietro Colbacchini, mencionada anteriormente. De qualquer forma, suas memórias o remontam como um padre empreendedor, característica que mais tarde também será atribuída ao sujeito aqui biografado.

Retornando ao escrito de *don Luigi*, penso ser conveniente destacar alguns trechos em que fica evidente que o autor considerava e propagandeava a festa e a sua motivação, como verdadeiras demonstrações de uma vitória da Igreja, pois segundo ele as mesmas haviam alcançado a adesão da esmagadora maioria da população local.

Non appena risuonò dall'Aule Vaticane la parola che Maria Vergine fu concepita senza macchia originale, i cuori dei credenti si ricossero a purissima letizia, venerando il famoso decreto della dommatica definizione come **un trionfo della Fede e della Religione**. Non fuvvi Borgo, Villa, Città, non classe e ordine di persone che non applaudissero alle glorie di Maria; [...] Anche la nostra Bassano non ne fu da meno nel festeggiare il lieto avvenimento...¹⁴⁸

Dáí em diante, a narrativa de Luigi Colbacchini passa a detalhar as manifestações que ocorreram em Bassano Veneto para celebrar esta conquista da Igreja, que na verdade era uma estratégia para tentar vencer a guerra que a mesma travava contra o processo de secularização da sociedade. Segundo o narrador, a festa foi marcada por forte adesão popular, que não só resultou na decoração das ruas com arcos de flores e nas casas e nos palácios iluminados com tochas, como na grande participação nas várias exposições de fogos de artifícios da noite anterior e que seguiu por toda a semana, como também lotou as manifestações religiosas como missas, bênçãos, adorações, confissões, comunhões, exposições de relíquias e, sobretudo, as procissões.

Don Luigi faz questão de citar o envolvimento de todas as ordens religiosas e confrarias locais, como a dos freis capuchinos e das freiras canossianas, como também da participação tanto da alta burguesia local, inclusive nominando a pessoa de um dos patrocinadores, “*l’Avvocato Dottore Gaetano Maello e sua nobile famiglia*”¹⁴⁹, como também dos camponeses das capelas mais longínquas, como as de Valrovina e Pove. No entanto, seus principais elogios são para as manifestações organizadas pelos fiéis da *Santissima Trinità* de

¹⁴⁷ BORIN, Rino. *Ricerche storiche sulla comunità di SS. Trinità di Angarano*. Bassano del Grappa: Parrocchia SS. Trinità d’Angarano, 1981, p. 53-54.

¹⁴⁸ Não apenas ressoou das Salas Vaticanas a palavra que a Virgem Maria foi concebida sem a mancha original, os corações dos crentes se encheram de puríssima alegria, venerando o famoso decreto de definição do dogma como um triunfo da fé e da religião. Não existiu Burgo, Vila, Cidade nem classe e ordem de pessoas que não aplaudiram as glórias de Maria; [...] Também a nossa Bassano não ficou para trás no festejar o prazeroso acontecimento... (Grifo meu). COLBACCHINI, Luigi, Op. Cit., p. 5.

¹⁴⁹ O Advogado Doutor Gaetano Maello e sua nobre família. Ibidem, p. 6.

Angarano, a paróquia natal de seu núcleo familiar. Segundo o autor da narrativa o ponto alto das celebrações em Angarano foi a procissão. Na descrição desta última ele cita a participação dos fiéis das capelas sucursais de San Michele, de Marchesane e de Barchette. Em certo ponto da narrativa escreve:

Procedevano in fila esattamente bipartite le due numerose comitive del grosso borgo Angarano, e Barchette, precedute pure da due giovani adorne di ricca veste ammanto e velo a mo' della Vergine, accompagnate da lungo e splendidissimo stuolo di fanciulletti pur vestiti ad angelica foggia, composti a reverenza, e portanti simboli ed emblemi. [...] quindi un numeroso drappello di fanciulletti, sopra i quali la materna industria avea fatte l'ultime prove per vertirli, e ne' loro ornamenti rafigurarli quai angeli spargenti a pieni mani e gigli e rose.¹⁵⁰

Este trecho, ao afirmar que houve a efetiva participação de grande número de crianças na festividade religiosa narrada, é para mim de suma importância, pois ele me autoriza a inferir que de fato o pequeno bassanese Pietro Colbacchini não só foi também testemunha ocular do acontecimento, como também tomou parte dele junto dos outros meninos e meninas, seus aparentados, vizinhos e conhecidos, que pertenciam à mesma paróquia do bairro de Angarano.

Já outra importante informação aparece no final da narrativa, quando seu tio Luigi cita que em Bassano existia sim alguns que reprovavam essa forma de manifestação da Igreja:

Evvi bisogno di altri argomenti a chiarir soave e vera la Religione che professiamo? [...] Alcuni non lodano, e vi sono ancora di quelli che biasimano queste feste, perché le dicono originate dal fanatismo, o non altrimenti nutrite che dall'entusiasmo dalle gare. [...] i quali si piacciono il più delle volte giudicare a seconda delle ingannevoli apparenze e bene spesso delle proprie passioni; ond'è la più diritta sopportare in pace se in taluni lo spirito di contraddizione, in altri quello della malignità e del dilleggio ha trovato di che opporre a cotesti trasporti del popolo mosso da sentimenti eminentemente religiosi... Io per me non dubito di affermare essere state coteste feste... un passo più avanti nel campo della civiltà e della morale educazione.¹⁵¹

¹⁵⁰ Procediam em fila exatamente bipartida as duas numerosas comitivas do grande bairro de Angarano, e de Barchette, precedidas também por duas jovens adornadas de ricas vestes, mantos e véus ao modo da Virgem, acompanhadas de longo e esplendíssimo grupo de crianças também vestidas como coro angélico, compostos com reverência, e portando símbolos e emblemas. [...] sendo um numeroso grupo de crianças, sobre os quais os cuidados maternos tinham feito todos os tipos de sacrifícios para vesti-los, e em seus ornamentos prefigurá-los como anjos que abençoavam com as mãos cheias de lírios e rosas. Ibidem, p. 9-10.

¹⁵¹ Há necessidade de outros argumentos para esclarecer a suave e verdadeira Religião que professamos? [...] Alguns não louvam, e existem ainda aqueles que reprovam estas festas, porque dizem serem originadas pelo fanatismo, ou que são somente nutridas pelo entusiasmo das disputas. [...] os quais gostam na maioria das vezes de julgar segundo as enganáveis aparências e bem mesmo pelas próprias paixões; onde é mais certo suportar, na paz se em alguns o espírito de contradição, em outros aquele da maldade e do escárnio encontrou o que opor nestas demonstrações do povo movido por sentimentos eminentemente religiosos... Eu não tenho dúvida em afirmar terem sido essas festividades... um passo a mais em direção da civilidade e da educação moral. Ibidem, p. 13 e 14.

E encerra louvando a pessoa do sumo pontífice que anunciou o novo dogma de fé para os católicos: “Lode al Supremo Gerarca Pio IX, che meritò dalla Provvidenza di slevare e pronunziare il Mistero dei secoli, dommatizzando l’Immacolato Concepimento di Maria”¹⁵².

Creio que essa exposição, dos trechos do documento elaborado pelo tio daquele que aqui é o sujeito investigado, traz à tona o ambiente de afirmação da religião católica que existia em Bassano Veneto no período em que Colbacchini se encaminhava para o término de sua infância e estava prestes a adentrar na sua adolescência. No meu entendimento, esse clima religioso, que visava superar o advento do processo de secularização, certamente deixou fortes marcas em sua personalidade e em seu caráter, e mais, influenciou consideravelmente as suas escolhas futuras.

2.3 Os estudos e a formação eclesiástica de Colbacchini: o forjar de seu ultramontanismo intransigente e étnico

Segundo Terragni e Rebellato, as primeiras instruções e estudos que Pietro Colbacchini recebeu durante a infância, como era normal acontecer com as crianças nascidas em famílias com certo poderio econômico e pertencentes à elite burguesa da época, foram ministrados por um professor privado. No caso particular do biografado, além do seu privilégio de classe, havia um motivo a mais para isso, a sua saúde sempre debilitada por conta de uma espécie de anemia que o acometia desde os primeiros anos de vida. Este fato fez com que o seu ensino, mesmo sendo ministrado no aconchego de sua residência, acontecesse de maneira descontínua.¹⁵³ Não foi possível saber quem foi ou foram seus professores particulares nesta fase, mas pode-se imaginar que também tenham sido religiosos locais.

Somente após completar a idade de 11 anos que Colbacchini, provavelmente em uma fase melhor em relação a sua saúde, frequenta o ano escolástico de 1856/1857 no ginásio da cidade de Bassano. Neste período a referida instituição escolar, que era motivo de orgulho para os “bassaneses”, que como apresentado anteriormente viviam em uma sociedade marcadamente clerical, era dirigida também por um clérigo, o abade Francesco Trivellini.

De acordo com Rebellato, neste momento da vida outro acontecimento fúnebre atingiu o adolescente e sua família: a morte de uma de suas irmãs mais velhas, Adelaide Irene, na

¹⁵² Louvor ao Supremo Patriarca Pio IX, que mereceu pela Providência elevar e pronunciar o Mistério dos séculos, dogmatizando a Imaculada Conceção de Maria. Ibidem, p. 15.

¹⁵³ TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 5; e REBELLATO, Franco. Op. Cit., p. 89.

época uma jovem de 25 anos de idade, que certamente havia contribuído muito com a criação de seu irmão menor.¹⁵⁴ A dor do luto, que mais uma vez atingia o seu núcleo familiar, causada pela inesperada morte de mais um de seus irmãos e irmãs, fez com que Pietro Colbacchini viesse a refletir seriamente no sentido que daria para a sua existência e, envolvido pelo clima de religião no qual sempre esteve, o mesmo se viu inclinado a pensar em optar pelo caminho do sacerdócio.

Certamente que, devido a pouca idade, essa decisão não foi somente sua, mas também de seus progenitores que golpeados pela recente perda entraram em comum acordo de que esse seria um bom caminho para este outro filho, que apesar de ter uma saúde muito debilitada, sobrevivia, e agora despertava gosto por uma das vocações que elevava o nome daquela linhagem familiar. Assim, com intuito de discernir se sua vocação seria mesmo o sacerdócio católico, entre os anos de 1857 e 1860, Colbacchini passa a receber a instrução escolar como aluno externo do Seminário de Vicenza. Segundo a anotação “*Dalla Iª dal seminario di Bassano*”¹⁵⁵, que consta nos registros que tive acesso, pertencentes ao então “*Ginnasio Liceale Vescolvile di Vicenza*”, o primeiro ano escolástico dessa nova empreitada, 1857/1858, junto a esta instituição de ensino da Igreja, foi cumprido ali mesmo na sua *comune*.

Já para cumprir os dois anos de estudos seguintes, o jovem Pietro precisou se afastar pela primeira vez da sua cidade natal e, assim, do seu convívio familiar. Neste período, o então adolescente foi hóspede de parentes que moravam na capital da província vicentina, porque as dependências do seminário diocesano não estavam sendo ocupadas nem pelos alunos internos, pois estavam servindo de quartel para os soldados austríacos que lutavam contra a unificação italiana, que almejava a anexação de seus territórios e de Roma.

Os registros dos dois anos escolásticos cumpridos em Vicenza trazem informações importantes sobre esta fase de estudo e de amadurecimento vocacional do sujeito investigado. Ao examinar o catálogo referente ao segundo ano desse período, ano escolar de 1858/1859, encontrei os seguintes conceitos dados pelos professores do referido seminário diocesano ao aluno Pietro Colbacchini:

¹⁵⁴ REBELLATO, Franco. Op. Cit., p. 89.

¹⁵⁵ Vindo da primeira classe do seminário de Bassano. Provavelmente funcionava como uma filial do Seminário Diocesano em Vicenza, principalmente nos tempos em que suas dependências estavam ocupadas pelo exército Austríaco.

Quadro 2 – Ficha do aluno Pietro Colbacchini da 2ª Classe do Liceo Diocesano-1858/1859¹⁵⁶

I SEMESTRE		II SEMESTRE
COSTUMATEZZA	Lodevolissimo	Lodevolissimo
ATTENZIONE	Sufficiente	Molta
DILIGENZA	Buona	Molta
RELIGIONE	Soddisfacente = svolge con chiarezza le dottrine cattoliche	Soddisfacente = Mostra perspicacia di mente e molta volontà di apprendere
FILOSOFIA	“	“
LINGUA ITALIANA	Lodevole = Mette i suoi pensieri in scritto con bastante chiarezza e proprietà	Lodevole = Mette i suoi pensieri in scritto con sufficiente chiarezza e proprietà
LINGUA LATINA	Soddisfacente = Ha progresso delle regole e le aplica a loro luogo quase sempre	Soddisfacente = conosce le regole e se ne usa nelle versioni
LINGUA GRECA	“	“
GEOGRAFIA E STORIA	Sufficiente = Un po’ tardo nel ritenere e nel ripetere i fatti storici	Sufficiente = Non troppo provato nell’apprendere e nel ripetere i fatti storici
MATEMATICA	Sufficiente = Prova fatica a sciogliere le operazioni	Sufficiente = Prova qualche difficoltà nello sciogliere i quesiti datigli
SCIENZE NATURALI	Soddisfacente = Ritiene e ripete con facilità le distinte note degli animali	Soddisfacente = Ripete con facilità le note distinte degli animali
DISEGNO	“	“
LINGUA TEDESCA	Soddisfacente = Legge bene e mostra conoscenza di regola	Soddisfacente = Applica quanto basta bene le regole e legge correttamnte
CLASSE GENERALE	Prima Classe / Rango o Posto > 21°	Prima Classe / Rango o Posto > 20°

Com estas informações, presentes no citado documento referente ao processo de aprendizagem de Colbacchini, percebe-se que os melhores conceitos por ele alcançados foram em *Costumatezza*¹⁵⁷ e *Lingua Italiana*, *lodevolissimo* e *lodevole*¹⁵⁸, respectivamente. Aqui me é possível inferir que tanto a educação burguesa e familiar, que lhe ensinaram bons modos e

¹⁵⁶ Tabela construída com base no livro de registros *Cataloghi 1858/1859* do *Ginnasio Liceale Vescovile di Vicenza* referente ao aluno Pietro Colbacchini presentes no *Catalogo della Seconda Classe 1858/1859*.

¹⁵⁷ Comportamento, bons modos ou ainda boa educação.

¹⁵⁸ Mais que louvável e louvável.

costumes, como o ensino de língua e gramática italiana, tidos com um professor particular, tiveram bom êxito. Outra conclusão que se tem é que o adolescente já sabia diferenciar bem o italiano da língua vêneta usada em Bassano, pois quanto ao uso do idioma regional não existe nenhuma anotação.

No entanto, no quesito *Religione* recebe o conceito *soddisfacente*¹⁵⁹. Segundo as anotações, apesar de “desenvolver com clareza as doutrinas católicas” e “mostrar perspicácia de mente e muita vontade de aprender” o jovem *bassanese* ainda deixava a desejar no conhecimento da religião. Dessas informações podem-se tirar duas conclusões: primeiro que, até esse momento Colbacchini ainda não havia se apaixonado pelo tema e, segundo que, o nível de exigência dos clérigos e mestres do Seminário Diocesano de Vicenza era alto.

O que reforça a minha primeira afirmação sobre o adolescente de 14 anos é uma anotação a seu respeito existente em outro campo da ficha: “*Professione a cui vuole dedicarsi = Incerta*”.¹⁶⁰ Portanto, ele ainda não havia se decidido pelo sacerdócio católico, ou seja, esta fase, e em específico este ano escolar, foram de fato um período de discernimento. Apesar disso, os clérigos que eram seus professores, Don Alessio Marchiori e Don Luigi Sartori, que assinam os registros, enxergavam nele vocação, colocando-o como pertencente aos melhores da classe, e classificando-o como o 21º aluno da turma no 1º semestre, e depois como 20º no 2º semestre, de um grupo que era formado por 42 alunos.

A mesma análise foi possível construir com os dados do catálogo da terceira etapa, referente ao ano escolástico de 1859/1860, que corresponde ao segundo ano no qual Colbacchini se encontrava estudando no Seminário Diocesano de Vicenza, conforme exponho na tabela a seguir:

Quadro 3 – Ficha do aluno Pietro Colbacchini da 3ª Classe do Liceo Diocesano-1859/1860¹⁶¹

I SEMESTRE		II SEMESTRE
COSTUMATEZZA	Lodevolissimo	Lodevolissimo
ATTENZIONE	Poca	Bastante
DILIGENZA	Molta	Molta
RELIGIONE	Lodevole = Ha facilità di apprendere e studia con amore e buona viciscità	Soddisfacente = Mostra molto interesse e intende e spiega bene le verità della religione

¹⁵⁹ Satisfatório.

¹⁶⁰ Profissão a qual quer se dedicar = incerta.

¹⁶¹ Tabela construída com base no livro de registros *Cataloghi 1859/1860* do *Ginnasio Liceale Vescovile di Vicenza* referente ao aluno Pietro Colbacchini presentes no *Catalogo della Terza Classe 1859/1860*.

FILOSOFIA	“	“
LINGUA ITALIANA	Lodevole = espone i suoi pensieri con proprietà e compattezza l’ortografia	Lodevole = scrive con proprietà e chiarezza e conoscenza fatta della grammatica
LINGUA LATINA	Soddisfacente = Ha progresso delle regole e le aplica a loro luogo quase sempre	Soddisfacente = conosce le regole e se ne usa nelle versioni
LINGUA GRECA	Soddisfacente = Legge con qualche franchezza e conosce le regole fondamentali	Soddisfacente = Legge speditamente e conosce le prime regole della grammatica
GEOGRAFIA E STORIA	Soddisfacente = Ricorda i fatti principali della Storia e ne applica la rispettiva geografia	Soddisfacente = Ricorrea con precisione i fatti più importanti della Storia e indica i luoghi relativi
MATEMATICA	Sufficiente = Scioglie le operazioni e i quesiti propostigli, ma qualche volta a tentone.	Sufficiente = Non mostra troppo chiarezza nello sciogliere i quesiti dattigli
SCIENZE NATURALI	Soddisfacente = Osserva con amore ai fenomeni naturale e ne dà la spiegazione abbastanza distinta	Soddisfacente = Osserva con amore i fenomeni della natura e ne dà spiegazione abbastanza esatta
DISEGNO	“	“
LINGUA TEDESCA	Sufficiente = conosce o quanto basta i principi grammaticali	
FORMA ESTERNA DEI COMPONENTI IN ISCRITTO	Sufficiente	Sufficiente
N° DELLE ORE D’INSEGNAMENTO A CUI MANCA	N° 12 giustificate	N° 50 giustificate per malattia
CLASSE GENERALE	Prima Classe / Rango o Posto > 14°	Prima Classe / Rango o Posto > meritarebbe il n° 13

As informações que constam na ficha de Colbacchini, referente ao ano escolar de 1859/1860, segundo de estudos em Vicenza e terceiro junto ao seminário da referida diocese, mais uma vez mostram que os seus melhores conceitos eram fruto de seu bom comportamento e do conhecimento da Língua Italiana, novamente *lodevolissimo* e *lodevole*, respectivamente. Porém, há uma mudança em relação ao ano anterior, que indica uma pequena evolução no quesito *Religione*, já que no primeiro semestre o adolescente, agora com seus 14 anos,

mereceu um *lodevole* de seus exigentes professores. Segundo estes últimos, naquele ano o jovem apresentava nesta disciplina uma “facilidade de aprender e estudava com amor e boa vicissitude” e “mostrava muito interesse e entendia e explicava bem as verdades da religião”.

Essa pequena melhora apresentada por Colbacchini na disciplina de religião, que naquele ano já contemplava as primeiras aulas de Patrística e Apologia, aponta para duas realidades daquele momento: o jovem estava realmente se esforçando para discernir se essa era mesmo sua vocação e, assim, começava a se apaixonar pelo tema; e os eclesiásticos que lhe serviam de professores, Don Alessio Marchiori e Don Luigi Sartiori, de fato viam nele um futuro como sacerdote. Esta última afirmação se confirma, pois mais uma vez ele é colocado entre os melhores da classe, sendo que no primeiro semestre alcançou o 14º lugar da turma, e no segundo semestre, como ficou registrado no documento, mereceria a 13ª posição de um total de 26 alunos.

A razão dele não ter merecido de fato, se explica porque naqueles primeiros seis meses de estudos, conforme indica o documento, o estudante teve 12 faltas justificadas, e nos seis meses finais houve 50 delas, sempre tendo como justificativa a doença, como vem anotado em sua ficha. Por conta desse grande número de ausências nos estudos, como afirma a fonte no campo de observações, o aluno “*posticipò gli esami per causa di malattia*”, ou seja, “não realizou os exames naquele momento por causa de doença”. Talvez seja também por conta disso, que não foi possível expressar aos seus professores se havia decidido optar ou não pelo caminho sacerdotal, tanto é que o espaço reservado para a “*professione a cui vuole dedicarsi*” agora aparece vazio.

Após recuperar novamente sua saúde no tempo que voltou para a companhia dos familiares na casa paterna em Bassano, e terem se dado como concluídos os estudos ginasiais junto ao seminário de Vicenza, o jovem Pietro decide prosseguir rumo ao sacerdócio, desta vez ingressando no Seminário da Diocese de Padova. Acredito que essa mudança se deu por dois motivos: primeiro por conta das contínuas batalhas do *Risorgimento* que faziam com que os soldados austríacos continuassem a ocupar as dependências do seminário da sua diocese de origem; e segundo que o novo local de estudo era também um lugar estratégico, pois o seminário padovano se localizava nas proximidades da “*Fonderia Colbacchini*” que para lá havia sido transferida, ou seja, era vizinho da residência de seus tios paternos, que na ausência de seus pais poderiam prestar-lhe os auxílios necessários.

Lá consegue prosseguir com os estudos por mais dois anos, de 1860 até o verão de 1862, ano no qual novamente retorna para a casa dos seus em Bassano Veneto por conta de

uma nova recaída causada pela sua doença. Apesar desta parada obrigatória, o saldo das experiências vividas dos 13 aos 17 anos, longe da família e conhecendo a vida de seminarista de perto, o fizeram decidir que de fato seguiria a carreira eclesiástica. Porém, depois de ter conhecido dois seminários diocesanos Colbacchini resolve fazer uma experiência junto a uma congregação religiosa, e assim pede para ingressar como candidato na Companhia de Jesus na Região do Vêneto. Os jesuítas, é claro, o aceitam.

Reafirmando o que indica Rebellato, esse é o início de outro processo de discernimento, pois foi a partir desta fase da vida que o jovem seminarista começou a amadurecer a ideia de que um dia poderia se tornar missionário na América. Segundo o citado autor, muito provavelmente esse desejo foi despertado por Don Bernardo Bedin, um jesuíta que na época exercia a função de diretor espiritual de várias pessoas em Bassano, entre elas a Suor Gaetana Sterni.¹⁶² Esta última mais tarde, em 1875, tornou-se a fundadora de um instituto religioso, a congregação das “Suore della Divina Volontà”¹⁶³.

De acordo com Terragni, Colbacchini inicia o seu noviciado no seminário jesuíta que ficava na cidade de Verona em novembro de 1863, onde consegue permanecer até dezembro de 1865, ano no qual novamente é acometido pela sua doença, e mais uma vez é obrigado a retornar para o seio familiar.¹⁶⁴ Porém, esse convívio de 2 anos no seminário da Companhia de Jesus bastaram para fazê-lo abandonar qualquer resquício de dúvida sobre sua vocação ao sacerdócio.

Essa curta permanência, a qual os jesuítas chamavam de “prima probazione”¹⁶⁵ foi o suficiente para imprimir-lhe algumas características que carregará para a vida toda. Entre elas, com base na formação jesuítica da época, pode-se citar uma rígida disciplina e uma postura espiritual voltada para o ascetismo e ao intransigentismo, que defendia uma total fidelidade ao chefe supremo da Igreja, o sumo pontífice de Roma, em todas as questões religiosas e políticas. De fato, para os Jesuítas naquela época...

...la formazione religiosa richiedeva umiltà e obbedienza ai superiori, indiscussa fedeltà al Papa e cieca condivisione delle questioni religiose e politiche legate alla sua autorità: una severa palestra formativa, (“tacere e obbedire”), secondo un canone di studi improntato alla classicità e al dogmatismo.¹⁶⁶

¹⁶² REBELLATO, Franco. Op. Cit., p. 90.

¹⁶³ Irmãs da Divina Vontade. Em 04 de novembro de 2001 o Papa João Paulo II concedeu o título de beata da Igreja Católica à Gaetana Sterni.

¹⁶⁴ TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 6.

¹⁶⁵ Primeira provação.

¹⁶⁶ ... a formação religiosa exigia humildade e obediência aos superiores, indiscutível fidelidade ao Papa e cega aceitação das questões religiosas e políticas ligadas a sua autoridade: um severo exercício formativo, (“calar e obedecer”), segundo um cânone de estudos voltados para o classicismo e o dogmatismo. REBELLATO, Franco. Op. Cit., p. 90.

Essa rigidez e dogmatismo jesuítico haviam conquistado o jovem *bassanese* de tal forma, que ele estava decidido em se tornar um membro da referida ordem religiosa. No entanto, no final de 1865 a anemia que o assolava o enfraquece novamente e ele é obrigado a parar mais uma vez a sua caminhada rumo ao sacerdócio. Durante a sua estadia forçada na cidade de origem desse período, Pietro Colbacchini é acompanhado de perto por Don Beniamino Maistri, pároco da igreja da *Santissima Trinità* de Angarano, sacerdote que até a sua recuperação também contribuirá com sua formação espiritual e cultural. Porém, além da sua saúde debilitada, outro acontecimento, por sua vez externo, contribuiu para atrapalhar os seus planos: a anexação do Vêneto ao Reino da Itália no ano de 1866.

De fato, com a continuidade da guerra em prol da unificação italiana, reiniciada em 1859, e após a declaração formal da existência do Reino da Itália em 17 de março de 1861, o rei Vitorino Emanuele, que havia conseguido avançar rapidamente suas conquistas, anexando as regiões da Toscana, Emília e Lombardia, intensificou as investidas em torno dos territórios do norte que lhe faltavam, que correspondiam a Veneza, que ainda estava sob o domínio austríaco.¹⁶⁷ Assim, quando a Prússia declarou guerra à Áustria em 1866, que por sua vez precisou remover parte de seus soldados que defendiam o Vêneto para outro frente de batalha, o rei da Itália viu nisto uma oportunidade de avançar e conquistar o que faltava na parte setentrional da península.

A guerra pela anexação do Vêneto começou em junho daquele ano, e apesar do exército italiano ter sido derrotado no confronto de Custozza, ele se recusou a interromper as suas operações, pois estava orientado a aproveitar a ocasião e conquistar até mesmo os territórios mais ao norte, ou seja, a região do Trentino. Porém, após a derrota na batalha em Lissa, a Itália se vê obrigada a suspender o seu plano e recua. No entanto, com o Tratado de Paz de Viena, a Áustria, sob a influência política da França, cedeu a região de Veneza ao novo Reino da Itália, reconhecendo a perda de seus territórios no norte da península.

Apesar do fim da “Questão Vêneta”, a “Questão Romana” ainda vai perdurar até 20 de setembro de 1870, quando a cidade de Roma foi feita capital italiana e o Papa se tornou prisioneiro do Vaticano. Com a perda total do seu poder temporal, o sumo pontífice e a Igreja assumiram um discurso voltado para o fortalecimento de seu poder espiritual e doutrinário. Portanto, nesta fase o discurso ultramontano se intensifica, sobretudo, na região do Vêneto, por essa ter sido a última a ser anexada ao Reino da Itália. A partir daí, os vênegos procuravam se diferenciar dos outros italianos reforçando ainda mais a sua catolicidade. Surge de fato na

¹⁶⁷ A Veneza correspondia aos atuais territórios da província de Mantova, da região do Vêneto e parte do que é hoje a região de Friuli-Venezia Giulia. Cf. GOOCH, JOHN. Op. Cit.

região uma espécie de catolicismo étnico, que como se verá mais adiante será uma marca de Colbacchini e dos imigrantes da referida região que vierem a se instalar no Brasil.

Voltando para o ano de 1866, sabe-se que apesar de todos esses acontecimentos políticos e sociais, ou justamente porque fortemente influenciado por eles, ou melhor, instigado a fazer frente a eles, o “bassanese” Pietro estava decidido de fato em prosseguir com o seu caminho de formação religiosa junto aos jesuítas. Para isso, ele se dispôs inclusive a deixar a península e, pela primeira vez, se distancia de verdade tanto da sua região como daqueles que possuíam o seu sangue. Isso porque devido à confusa situação política o noviciado da Companhia de Jesus, que ficava em Verona, precisou ser transferido para a Alemanha. Dessa forma, o jovem de 20 anos de idade retoma os estudos jesuítas em Gorheimer, uma cidade próxima a Sigmaringen, ao sul de Stuttgart, localizada às margens do Danúbio no estado alemão de Baden Württemberg.¹⁶⁸

No entanto, devido à má saúde ocasionada por suas crises anêmicas que lhe impunham constantes pausas nos estudos, como também a grande distância de casa que lhe impediam de ir e vir com a frequência que lhe era necessária, Colbacchini é forçado a declinar de seu desejo de se tornar jesuíta e mais uma vez retorna para a casa paterna em Bassano Veneto. No entanto, os quase 4 anos de experiência como noviço da Companhia de Jesus lhe forneceram fortes características que ele fará questão de carregar pela vida inteira, a ponto de muitas vezes se passar por um jesuíta formado, apesar de nela não ter conseguido fazer nem os primeiros votos. Assim, ele abandona por este momento o sonho de se tornar um missionário jesuíta.

Para conseguir se tornar um clérigo havia ainda uma possibilidade, o já conhecido Seminário da sua Diocese, e é para lá que ele retorna a fim de terminar a sua formação e poder ser ordenado como um legítimo representante da Igreja. O que finalmente ocorre em 19 de dezembro de 1868, quando aos 23 anos de idade ele recebe a ordenação sacerdotal por meio das mãos do arcebispo de Vicenza, Monsenhor Giovanni Antonio Farina, que esteve à frente da referida diocese entre os anos de 1860 e 1888.

Portanto, para entender um pouco mais sobre os últimos anos de formação do sujeito investigado, assim como a realidade do ambiente religioso no qual se deram seus primeiros anos de atuação, se faz necessário conhecer um pouco da ação desta autoridade episcopal. Seu episcopado é marcado por 3 grandes ações que modificaram a Diocese de Vicenza, jurisdição religiosa na qual Pietro Colbacchini terminou sua formação e iniciou seu exercício

¹⁶⁸ REBELLATO, Franco. Op. Cit., p. 90.

ministerial: o sínodo diocesano ocorrido em 1863; a visita pastoral realizada em todas as paróquias que durou de 1864 a 1871 e; a reorganização do seminário episcopal.¹⁶⁹ Obviamente que, uma realização está diretamente ligada a outra.

No que diz respeito à primeira ação, o detalhado relatório redigido após as discussões do sínodo, ao reservar a sua terceira parte somente para ditar as normas e as regras que deviam ser seguidas pelos padres de sua diocese, demonstra o clima de austeridade e rigidez imposto pelo Bispo. Essas se ocupavam em reger o comportamento dos clérigos, e tratavam desde as vestimentas que deveriam ser usadas por eles, passando pela embriaguez que acometia uma parcela deles e, claro, de como deveriam ser exercidas as funções dos párocos, vigários, capelães, etc.¹⁷⁰

Já um quinto capítulo diz respeito de como passaria a funcionar a partir daquele momento o Seminário Diocesano de Vicenza. Esta parte do citado relatório objetivava esclarecer as normas não só aos estudantes, mas também aos superiores e professores da referida instituição de formação religiosa. Para estes últimos prescrevia: “Tutti i professori seguiranno nell’insegnar la propria materia quel metodo, e useranno di quei testi, che indicherà loro il Prefetto degli studi, il quale riceve gli ordini immediatamente da Noi”.¹⁷¹

Por meio desta afirmação, entende-se que passaria a existir um rígido e centralizado controle sobre o ensino seminarístico da Diocese, que tinha como um dos seus principais objetivos extirpar do instituto os sentimentos extremamente liberais que lhe rondavam. Segundo o historiador Ermenegildo Reato, diante dessa realidade, é fácil compreender que:

... il Sinodo del 1863 ricalchi le preoccupazioni pastorali emerse nel Concilio Provinciale Veneto, come il Seminario, l’educazione e la formazione del clero, la difesa tradizionale della dottrina cattolica, un più fedele attaccamento alla Santa Sede dalla quale giungevano continui e allarmati orientamenti di chiusura verso il mondo moderno, sanciti nel 1864 dall’Enciclica *Quanta cura* e dal *Sillabo* di Pio IX.¹⁷²

¹⁶⁹ CISOTTO, Gianni A. (Org.). **La visita pastorale di Giovanni Antonio Farina nella Diocese di Vicenza (1864-1871)**. Roma: Edizione di Storia e Letteratura, 1977, p. 7-8.

¹⁷⁰ Ibidem, p. 10.

¹⁷¹ Todos os professores seguirão ao ensinar a própria matéria o modelo, e usarão os textos, que indicará a eles o Prefeito dos estudos, o qual recebe as ordens imediatamente de Nós. Ibidem p.12.

¹⁷² ...o sínodo do ano de 1863 retome as preocupações pastorais surgidas no Concílio Provincial Veneto, como o Seminário, a educação e a formação do clero, a defesa tradicional da doutrina católica, uma maior fidelidade e intransigente aproximação à Santa Sé de onde chegavam contínuas e alarmantes orientações de reprovação em relação ao mundo moderno, sancionadas em 1864 pela Encíclica *Quanta Cura* e pelo *Sillabo* de Pio IX. REATO, Ermenegildo. **Il Pastore Vicentino: Beato Giovanni Antonio Farina**, p. 341. Comunicação lida em 04 de março de 2002 no Odeon Olímpico em memória do “B. Mons. Giovanni A. Farina”. In: [https://sbn.regione.veneto.it/sebina/repository/catalogazione/immagini/33\)%20Il%20pastore%20vicentino%20B.%20Giovanni%20A.%20Farina%20di%20Ermenegildo%20Reato..pdf](https://sbn.regione.veneto.it/sebina/repository/catalogazione/immagini/33)%20Il%20pastore%20vicentino%20B.%20Giovanni%20A.%20Farina%20di%20Ermenegildo%20Reato..pdf), visitado em 29 de junho de 2024.

Com esta afirmação, pode-se entender que o referido Bispo da Diocese de Vicenza procurou impor na sua jurisdição eclesial as ordens que chegavam diretamente do sumo pontífice romano, o Papa Pio IX. Este último, maior representante do ultramontanismo, por meio de várias bulas e encíclicas, classificava as inovações da modernidade e do liberalismo como verdadeiras heresias.

Por meio dos citados documentos oficiais da Igreja por ele elaborados, o mesmo usava de sua autoridade para condenar os ideais do mundo moderno propagados durante o século XIX. Assim, todos os representantes da Igreja Católica deste período eram convocados a denunciar, o que a Cúria Romana entendia como as mazelas dos tempos modernos, que estavam substituindo o seu papel na sociedade, como o liberalismo, o racionalismo, o materialismo, o fideísmo, a maçonaria, a república, o comunismo, o protestantismo, etc.

É sob esse clima formativo baseado no intransigentismo católico, imposto pelas autoridades da Igreja, que Pietro Colbacchini se tornou um sacerdote da Diocese de Vicenza. E foi neste ambiente de combate que ele viveu os seus primeiros anos de ministério, exatamente quando esse discurso, de refutação à sociedade moderna e em defesa da hierarquia da instituição Romana, alcançou o seu ponto máximo, que com a realização do Concílio Vaticano I, realizado nos anos de 1869 e 1870, proclamou o dogma da infalibilidade papal.

FIGURA 10 – Mapa da Diocese de Vicenza no episcopado de Farina (1860-1888)¹⁷³



¹⁷³ CISOTO, Gianni A. (Org.). Op. Cit., p. 48.

Obviamente, esse outro dogma encontrou novamente grandes adeptos na sociedade clerical que imperava na Zona Bassanese. Acredito que entre aqueles que mais influenciaram o neossacerdote aqui investigado pode-se elencar o já citado Monsenhor Domenico Villa e os irmãos Scotton. Sobre o primeiro, pároco e autoridade eclesial em Bassano Veneto, Ermenegildo Reato vai afirmar tratar-se de um dos mais ativos propagadores do movimento católico intransigente, que inclusive em vários momentos denunciou as fraquezas do bispo Farina pelo fato deste muitas vezes assumir uma postura mais moderada e legitimar as novas autoridades civis e políticas do novo governo italiano.¹⁷⁴

Já a respeito dos Scotton, os irmãos Andrea, Jacopo e Gottardo, creio que se faz necessário traçar aqui um pouco da atuação dos mesmos, pois perceber-se-á mais adiante que Colbacchini terá bastante influência deles, e algumas de suas atitudes serão uma espécie de reflexo da ação e do discurso desses 3 sacerdotes da Zona Bassanese. Monsenhor Andrea foi pároco de Breganze, onde com os seus irmãos Jacopo e Gottardo, criaram uma espécie de feudo espiritual de onde disseminavam um intransigentismo católico temporalista, ou seja, que defendia o Papa tanto na questão religiosa quanto política.

Segundo Rebellato, esse trio de sacerdotes era formado por anti-modernistas viscerais e por isso faziam um combate direto ao denunciar os adversários caracterizados como liberais-burgueses. A ação deles na Zona Bassanese fez com que a cidade natal de Pietro Colbacchini vivenciasse uma grande disputa entre dois partidos, o clerical e o progressista.¹⁷⁵ Isto porque, do lado deste último havia sim um grupo de clérigos que de fato eram reconhecidos como liberais, que viviam no centro urbano de Bassano e inclusive eram docentes no Ginnasio del Comune. Sobre estes escreve Cisoto: “...vi era poi il gruppo più consistente di preti liberali vicentini, quello bassanese, capeggiato dall’abate Giuseppe Roberti, che fu per essi un leader, oltre che un maestro. [...] accanto a lui emergono i nomi di don Gio Batta. Malucelli, e di don Antonio Marini...”¹⁷⁶

Este último grupo era frequentemente acusado de herege pelos intransigentistas de Breganze, que por meio de suas pregações ou do periódico “*La Riscossa*”¹⁷⁷, que era organizado por eles, defendiam uma total fidelidade ao Papa, além do temor e do ódio ao liberalismo. Outro alvo de constantes ataques era a maçonaria e seus adeptos, que os irmãos

¹⁷⁴ REATO, Ermenegildo. Op. Cit., p. 343.

¹⁷⁵ REBELLATO, Franco. Op. Cit., p. 58.

¹⁷⁶ ...era o grupo mais consistente de padres liberais vicentinos, aquele *bassanese*, encabeçado por Giuseppe Roberti, que foi para esses um líder, além de um professor. [...] a lado dele emergiram os nomes do pe. Gio Batta. Malucelli, e do pe. Antonio Marini. CISOTO, Gianni A. (Org.). Op. Cit., p. 16.

¹⁷⁷ O contra-ataque.

Scotton relacionavam com os nacionalistas e líderes do movimento de unificação da Itália, classificando-os tenazmente como “caporiani della massoneria, demoni scappati dall'inferno, civili, colti, astuti; influenti sul piano politico ed economico, inebriati del progresso di cui respirano le moderne libertà, ma fanno schiave le masse povere e analfabete”.¹⁷⁸

A comune de Bassano Veneto junto com a cidade de Schio, que exceto a capital Vicenza, formavam o centro urbano mais expressivo ao norte de sua Diocese, que corresponde praticamente ao mesmo território que estou considerando como Zona Bassanese, era, portanto, palco dessa disputa político-religiosa promovida pelo discurso intransigente dos irmãos Scotton. Esse foi cenário que o neossacerdote, Don Pietro Colbacchini, não só assistiu de perto, mas também, passou a fazer parte logo após a sua ordenação.

2.4 Os primeiros escritos de Colbacchini e a descoberta do seu eu missionário em uma terra de emigração

Esta última parte do primeiro capítulo é dedicada aos anos iniciais de Pietro Colbacchini como clérigo, que ao ser ordenado como um sacerdote diocesano devia cumprir ali mesmo, dentro da sua diocese, a sua missão. Assim, obrigado a abandonar o desejo de se tornar um missionário jesuíta, ele de momento parece ter se conformado em manter-se em sua província, Vicenza, e percorre o princípio de seu sacerdócio sem muitos afazeres ministeriais.

É muito provável que, por conta da sua implacável anemia, ele tenha conseguido mais um tempo de repouso sabático na sua Bassano Veneto, já que passou esse período em Angarano ao lado de sua família ou na casa de campo que os Colbacchini possuíam junto a uma das comunidades rurais da redondeza, conhecida como Lavacile de San Michele. Nesse período, dedicou-se a oração, a contemplação, aos estudos e a escrita. Como fruto dessa fase de calma dedicada ao fortalecimento de sua saúde, na qual o mesmo teve tempo para observar a vida das famílias burguesas e camponesas de sua cidade natal, ou seja, tanto aquelas do meio urbano quanto as da zona rural, surgem os seus primeiros escritos.

Para inaugurar a sua vida autoral, o sujeito aqui biografado escreve versos poéticos em “Canzonette per le nozze Colbacchini-Volpi”¹⁷⁹, impresso pela Tipografia Roberti de Bassano

¹⁷⁸ ...corja da maçonaria, demônios escapados do inferno, civilizados, cultos, astutos; influentes no plano político e econômico, inebriados pelo progresso do qual respiram as modernas liberdades, mas fazem escravas as massas pobres e analfabetas. SCOTTON in REBELLATO, Franco. Op. Cit., p. 60.

¹⁷⁹ Versos para o matrimônio Colbacchini-Volpi.

em 1870.¹⁸⁰ Desta, que se supõe ser a obra inaugural do neossacerdote como escritor, não obtive uma cópia, por isso não sei mencionar ao certo quem eram os noivos para quem a coleção de composições foi oferecida. Pelo título sabe-se que um dos nubentes era da linhagem Colbacchini, portanto, deduzo tratar-se de pessoas do convívio familiar e de estreita proximidade. Pelo fato de ter despertado nele o desejo de produzir e presentear com versos, tudo indica ter sido o enlace matrimonial de um jovem irmão ou irmã em idade de se casar.

De qualquer forma, o ato demonstra que o investigado estava de fato presenciando, por meio desse acontecimento, o encaminhar de um sacramento católico, e deu um jeito de escrever algo que de alguma maneira servisse de orientação e edificação cristã para os recém-casados. Mais adiante, ele terá a chance de aprimorar essa prática que para ele, enquanto um representante da Igreja, para além do costume burguês da época de presentear com um escrito, servia também como uma oportunidade para orientar os jovens casais católicos.

As duas produções seguintes, a segunda e a terceira, se dão por conta da “Esposizione Agricola-industriale di Vicenza”¹⁸¹ realizada em 1871. O jovem clérigo aproveita dos seus estudos e faz do evento uma oportunidade para elaborar dois manuscritos com características didáticas que serviriam para orientar os camponeses da sua província. De fato, alguns conhecimentos de agronomia eram estudados no seminário para que os sacerdotes pudessem prestar ajuda aos seus fiéis que se dedicavam ao trabalho rural. Isso demonstra o quanto a função de padre católico dentro daquela sociedade clerical transbordava para além das ações puramente religiosas, fazendo com que os mesmos assumissem outras responsabilidades sociais de liderança e, por conta disso, adquirissem a confiança e o prestígio de seus fiéis.

Sendo assim, Colbacchini tratou de escrever “Il vigneto razionale nel piano, insegnato al contadino: lezione quattro”¹⁸² e “Un’arnia razionale per divisione”¹⁸³, ambos impressos pela Tipografia Roberti de Bassano Veneto em 1871, e com o mesmo objetivo descrito acima. No trecho a seguir, retirado da introdução de um dos trabalhos, ele mesmo explica qual era a sua intenção:

Adopero la maniera del dialogo, che più si presta al mio intento, dividendo in solo quattro lezioni tutta la materia, per incoraggiarne meglio la lettura. Tratto nella prima dell’impianto di un vigneto; nella seconda, della sua coltivazione per i primi tre anni; nella terza, di ciò che spetta al quarto anno, o sia nel primo del frutto; finalmente nell’ultima insegno a piantare il bosco necessario al vigneto, e la sua coltivazione. [...], però il tutto concisamente, richiamando la bontà del lettore a prevenirsi dello scopo unico che mi fa scrivere, [...] il contadino è anche troppo

¹⁸⁰ REBELLATO, Franco. Op. Cit., p. 91.

¹⁸¹ Exposição agroindustrial de Vicenza.

¹⁸² O vinhedo pensado no seu planejamento, ensinado ao agricultor.

¹⁸³ Uma colmeia pensada por divisão.

confuso nell'intelligenza d'un libro elementare, nonchè d'una dissertazione, o d'un trattato accademico.¹⁸⁴

Ao explicar o conteúdo, Colbacchini deixa evidente que era um texto didático destinado a ensinar os agricultores da região de como deviam plantar uma vinha. Afirma que para isso escreveu de forma resumida, colocando tudo em apenas quatro lições, e mais, o fez no formato de um diálogo para que o assunto fosse de fato compreendido pelos camponeses. No meu entendimento, essa afirmação do autor demonstra o quanto a classe urbana e burguesa local à qual ele pertencia, pretendia também assumir uma postura de orientadora de sua microssociedade, ainda mais os representantes dessa que se tornavam “homens de cultura”, como é o caso do sujeito aqui investigado.

Essa ideia de “classe orientadora” fica evidente ao ver quem eram os protagonistas do diálogo apresentado na referida produção escrita, *il Padrone e il Contadino*¹⁸⁵. O primeiro aparece como aquele que, além do poder econômico, detém também um compromisso de guiar o seu subordinado por meio de seu conhecimento adquirido, ou seja, de seu privilégio de classe esclarecida. O segundo por sua vez, representa a maioria da população, que com pouca ou nenhuma instrução, dependia do trabalho braçal para sustentar a sua família. Essa diferença de classe fica evidente em uma das falas deste último personagem: “- *Ella parla, sig. Padrone, come un libro stampato, ed io mi dolgo dell'errore, comune a molti contadini, di aver pensato che i signori, e quei di città, non ne possono sapere di campi e di coltivazione*”¹⁸⁶.

Nesta fala, que Colbacchini coloca na boca do camponês, este último reconhece ser um erro de sua classe pensar que os senhores da cidade não possam saber sobre plantações e o trabalho no campo. Dessa forma, o referido autor deixa a entender que para ele os agricultores do campo deviam deixar-se guiar, ou seja, submeter-se aos seus patrões membros da burguesia. Portanto, enxergava esses últimos, enquanto pertencentes a uma elite burguesa, da qual ele mesmo fazia parte, como um grupo que devia desempenhar o papel de dirigente

¹⁸⁴ Uso a forma do diálogo, que mais se encaixa a minha intenção, dividindo em somente quatro aulas toda a matéria, para melhor encorajar a sua leitura. Trato na primeira da plantação do vinhedo; na segunda da sua cultivação durante os primeiros três anos; na terceira, daquilo que se espera do quarto ano, ou seja, no primeiro do fruto; finalmente na última, ensino a plantar o bosque necessário ao vinhedo, e a sua cultivação. [...] porém, tudo concisamente, chamando a atenção e prevenindo o leitor para único objetivo que levou a escrever, [...] o camponês é muito confuso em sua inteligência para um livro simples, quem dirá para uma dissertação, ou para um tratado acadêmico. COLBACCHINI, Pietro. *Il vigneto razionale nel piano, insegnato al contadino: lezione quattro*. Bassano: Tipografia Roberti, 1871, p. 6.

¹⁸⁵ O patrão e o camponês.

¹⁸⁶ O senhor, caro Patrão, fala como um livro impresso, e eu sinto muito do erro, comum a muitos camponeses, de ter pensado que os senhores, e aqueles da cidade, não possam saber sobre o campo e o seu cultivo. COLBACCHINI, Pietro. Op. Cit., p. 40.

daquela sociedade. Assim, por ver harmonia onde ela não existia na prática, conclui ainda que:

Il contadino nasce e muore nella vita del sacrificio e della fatica; [...] anzi senza il padrone, sarà quasi una ruota che non si muove allora che le manca l'acqua. [...] I padroni hanno comuni coi contadini gl'interessi, ed occupandosi de' propri campi, oltre che avvantaggiare la propria posizione, migliorano quella de' loro dipendenti e fanno opera benemerita alla società.¹⁸⁷

Por alguns momentos, também neste mesmo texto, ele cita que muito do que escreveu se deve as observações que fez em Bassano, ou seja, na microsociedade na qual ele mesmo havia sido criado e estava inserido, que como já foi apresentado se caracterizava tanto como um centro urbano quanto como uma área de cultivo agrícola. Nesse ambiente, de contrastes sociais, ele continuará suas observações ainda nos anos seguintes. Por meio do que registrou nesses textos produzidos até 1871, percebe-se como ele continuava apegado a sua terra natal e também ao discurso que era próprio de sua classe social burguesa.

No ano de 1872, o núcleo familiar de Colbacchini sofre uma grande perda com o falecimento de seu patriarca Pietro Antonio, aos 67 anos de idade. Esse fato, certamente, permitiu ao neossacerdote conseguir a permissão de seus superiores para prolongar sua estadia junto de sua família, com o intuito de poder superar o luto ocasionado pela morte do pai, e consolar e colaborar com sua mãe Maria Angela, agora viúva. Com o passar dos meses ele tem a chance de recuperar o seu ânimo por meio de dois eventos, também religiosos.

O primeiro, que ocorre em 13 de julho de 1873, diz respeito à comunidade religiosa de Bassano Veneto, com a qual o clérigo aqui investigado tem a chance de vivenciar um ato de consagração da cidade ao “*Sacro Cuore di Gesù*”¹⁸⁸. Acredito que este momento foi marcante na vida de Colbacchini, pois, ele levará sempre consigo essa devoção, talvez como tentativa de replicar a vivência da fé católica que via e vivia em sua *comune* de origem.

O segundo evento foi o casamento de seu irmão Emilio com uma jovem *bassanese* da família Bressan. Como anteriormente, o sacerdote aproveita a oportunidade para redigir mais um texto para ser oferecido como presente de casamento ao casal de noivos. Com essa inspiração escreve “*Saggio di riflessioni sulla vita della campagna*”¹⁸⁹, no qual, por meio da dedicatória que faz aos nubentes, explica assim o seu intento:

¹⁸⁷ O camponês nasce e morre na vida de sacrifício e do sofrimento; [...] ao invés sem o patrão, será quase uma roda que não se move por conta de que lhe falta a água, [...] Os patrões tem comuns interesses com os camponeses, e ocupando-se de sua propriedade, além de melhorar a sua posição, melhoram aquela dos seus dependentes e fazem obra benéfica a sociedade. Ibidem, p. 43.

¹⁸⁸ Sagrado Coração de Jesus.

¹⁸⁹ Ensaio de reflexões sobre a vida no campo.

Dolcissimi Sposi

[...] Non mi sentiva di lambicarmi il cervello a misurar versi e compagnar rime, come per altre nozze ho fatto con molta fatica, ...Tu sai, Emilio, il mio amore alla campagna ... ho dato forma, col mio stile naturale, ai miei pensieri, quali mi veniano ispirati alla mente in queste opache selve, in queste valli, d'attorno a queste acque di questa amenissima villetta del Lavacile, e tutt'al più mi sono industriato di mescolare il serio coll'ameno, ...

Vi faccia Iddio felici, amatevi, e amatevi.

Bassano, dal Lavacile nell'Ottobre del 1783.¹⁹⁰

Fica novamente evidente, o apego, a admiração e o amor que Colbacchini possuía pela sua terra e pela vida no campo, o qual ele usa como caminho 'ameno' para transmitir alguns ensinamentos 'sérios' aos noivos. Assim, denuncia o apego e os perigos dos prazeres das cidades distantes da simplicidade da natureza:

Nacque l'uomo amico del vero, ma non potrà rinvenirlo se non nella semplicità, nella schiettezza della campagna.

Se ciò sia, consultiamo, a provarlo, il naturale istinto - È l'uomo che vive nella città che ce ne porge la prova più convincente - In mezzo ai piaceri che egli procura a soddisfare sempre nuovi bisogni, pur non volendolo, mostra la sua naturale inclinazione alla campagna.¹⁹¹

Em certa altura, ao prestar elogios à solidão do campo, é mais enfático, e ao fazer uma relação desta, e da paz que ela proporciona junto da natureza, com alguns versículos bíblicos sugere que ela serviria como solução para vários problemas sociais:

... sono invece ben persuaso che dessa altre volte torni balsamo salutare alle piaghe di tanti infelici, scudo di sicurezza a tanti deboli cuori, eccitamento di conversione a tanti traviati [...]: per questo ascolto il profeta (Is. 40. 3.) *chiamare dal deserto le genti alla solitudine, per prepararsi a ricevere la visita del Signore* - Per questo *desiderare il lamentoso Geremia una capanna in mezzo la solitudine, per torsi da un popolo adultero e prevaricato* - Per questo *dolendosi Iddio del suo popolo come di sposa infedele, condurlo voleva nella solitudine, e nutrirlo del suo latte, e parlargli entro al cuore* (Os. 2. 14.) - Per questo *fuggirsi la donna dell'Apocalisse nella solitudine, e ricovrarsi nella casa che le avea apparecchiata il Signore.* (Apoc. 12. 6.)¹⁹²

¹⁹⁰ Queridos Noivos [...] Não me sentia bem para forçar o cérebro a medir versos e igualar rimas, como para outros casamentos fiz com muita dificuldade... Tu sabes, Emilio, do meu amor pelo campo... dei forma, com meu estilo natural, aos meus pensamentos, os quais me foram inspirados na mente nestas opacas selvas, nestes vales em torno dessas águas deste tão ameno casarão de Lavacile, e todo o resto me esforcei para misturar o sério com o ameno... Deus vos faça felizes, amem-se, e amem-me... Bassano, do Lavacile em Outubro de 1873. COLBACCHINI, Pietro. Saggio di riflessioni sulla vita della campagna. Bassano: Tipografia Roberti, 1873, p. 4-5.

¹⁹¹ Nasce o homem amigo da verdade, mas não poderá a reviver se não na simplicidade, na sinceridade do campo. Tanto é assim, que consultamos o seu instinto natural para provar - É o homem que vive na cidade quem nos oferece a prova mais convincente - No meio dos prazeres que obtém satisfazendo sempre novas necessidades, embora não queira, mostra a sua inclinação natural para o campo. Ibidem, p. 9.

¹⁹² ...estou ao invés bem persuadido que essa muitas vezes se torna bálsamo salutar para as chagas de tantos infelizes, escudo de segurança para tantos corações enfraquecidos, estimulador de conversão para muitos

Neste trecho, é possível perceber que o autor usa da oportunidade para justificar a sua própria permanência na solidão e refúgio junto à casa de campo da família. Nota-se também que, ele aproveita a ocasião de dar conselhos para o jovem casal para criticar a sociedade, que segundo ele, adúltera e prevarica contra o divino, deixando entender que esta precisa se afastar da multidão dos infiéis que vivem nos grandes centros urbanos para buscar na quietude do campo a cura para muita de suas mazelas.

Ainda no ano de 1873, outro evento comunitário, por sua vez fúnebre, despertou mais alguns sentimentos no sujeito cujas trajetórias aqui são investigadas. Trata-se da morte do pároco de Angarano, monsenhor Beniamino Maistri. Este sacerdote, que já foi citado anteriormente, por muitas vezes serviu de orientador vocacional e de exemplo para o seu jovem paroquiano, tanto é que este último se tornou também um padre católico. Exatamente por essa proximidade e influência, que criou uma enorme admiração de Colbacchini para com o dito representante da igreja local, é que ele foi convidado para proferir algumas palavras diante de toda a comunidade paroquial de *Santissima Trinità* em Bassano no dia do sepultamento.

O discurso lido naquela ocasião foi posteriormente impresso e recebeu o título de “*Parole lette davanti al cadavere del reverendissimo Monsignor Beniamino Maistri, arciprete di Angarano in Bassano, il dì 20 dicembre 1873, dal sacerdote Pietro Colbachini*”¹⁹³. Por meio deste, o novo padre bassanese aproveitou para falar abertamente para aquela que era a sua comunidade religiosa de origem:

– Io vengo a dirvi poche parole sulla vita del nostro Rev.^{mo} M.^r Arciprete, ...e perché ho bisogno di tributare un ultimo ossequio di devozione **al mio ottimo Pastore** [...] Beniamino Maistri doveva essere il nostro Pároco, perché il Signore l’avea per noi addestrato nell’apostolato sacerdotale, e fu al certo Provvidenza di Dio che mosse l’ill.^{mo} Rev.^{mo} Mons.^r Cappellari, allora nostro Vescovo, a mandarlo a noi. Molti di noi ricordino quel giorno nel quale egli venne a prendere il governo di questa nostra Parrocchia. ...venne a noi, cominciò a vivere per noi, e tutte le sue forze volse al nostro spirituale vantaggio – Pieno di fede, di quella fede che informa e anima il Sacerdozio cattolico, sapeva egli che se il Signore non fosse per custodire la città, invano veglierebbe chi ne sta alla difesa – per ciò a Dio si rivolgeva, e gli domandava ajuto nell’esercizio del suo pastoral ministero.¹⁹⁴

transviados [...]: Por isso escuto o profeta (Is. 40, 3) chamar do deserto as pessoas para a solidão, para se preparar para receber a visita do Senhor – Por isso o desejar do lamentoso Jeremias de uma tenda em meio a solidão para se livrar de um povo adúltero e prevaricador – Por isso Deus reclamando de seu povo como esposa infiel, conduzi-lo queria na solidão, e nutri-lo com seu leite, e lhe falar dentro do coração (Os. 2, 14) – Por isso o refugiar-se da mulher do Apocalipse na solidão, e o recuperar-se na casa que para ela tinha preparado o Senhor (Apoc. 12,6). Ibidem, p. 21.

¹⁹³ Palavras lidas diante do cadáver do Reverendíssimo Monsenhor Beniamino Maistri, pároco de Angarano em Bassano, no dia 20 de dezembro de 1873, pelo sacerdote Pietro Colbacchini.

¹⁹⁴ Eu venho dizer-vos poucas palavras sobre a vida de nosso Reverendíssimo Monsenhor Pároco, ...e porque necessito tributar um último agradecimento de devoção ao meu excelente Pastor [...] Beniamino Maistri devia

Por meio do discurso, é perceptível a estreita relação pessoal que aquele que pronuncia a póstuma homenagem tinha com o falecido, a quem ele chama de meu excelente pastor. Por conseguinte, ao prestar elogios sobre a fé e as virtudes do mesmo, além de evidenciar mais uma vez a sociedade clerical em que vivia a sua cidade de Bassano, ele, ao colocar a figura do bispo e do pároco como agentes da providência divina, faz uma grande exaltação ao sacerdócio e à função de governo pastoral. Creio que neste momento, ele passa a imaginar e a prever que um dia também estará na liderança de uma paróquia.

Ao citar algumas situações vividas pelo falecido pároco, Colbacchini aproveita para revelar qual seria a sua opinião e, assim, deixa transparecer que de fato aderiu ao discurso da ala intransigente da Igreja:

Vigile guardiano del suo ovile, fu sempre all'erta che qualche lupo, sotto pelle di agnello, non entrasse a disertarlo, perciò fu sua premura di conservare sempre caldo in mezzo a noi il sentimento cattolico, vivo l'amore alla Chiesa ed al Pontefice – e per questo lato egli avea ben ragione di gloriarsi del suo **Angarano, che in mezzo a tanto rimestio d'idee irreligiose e di principi sovversivi della autorità divina ed umana, restò, come un oasi in mezzo al deserto**, sempre quieto dai venti, riparato delle tempeste.¹⁹⁵

Compreende-se com clareza, por esta parte do seu discurso, a sua adesão ao intransigentismo e a romanização, que ele deixa parecer ter aprendido na prática com o pároco Beniamino Maistri, durante os 17 anos que este esteve à frente da comunidade paroquial de Angarano. Colbacchini aproveita para fazer um elogio a esta última, que segundo ele foi obediente ao seu pastor, e diante de tantas ideias contrárias a religião, a Igreja e ao sumo pontífice romano, permaneceu como um oásis no meio do deserto, e graças ao seu sentimento católico, impresso pela docilidade e a obediência ao seu líder espiritual, esteve protegida da tempestade.

ser o nosso Pároco, por que o Senhor o havia adestrado para nós no apostolado sacerdotal, e foi com certeza a providência de Deus que tocou o Ilustríssimo Reverendíssimo Monsenhor Cappellari, nosso então Bispo, a manda-lo para nós. Muitos de nós recordamos aquele dia no qual ele veio tomar o governo desta nossa paróquia. ...veio até nós, começou a viver para nós, e todas as suas forças dirigiu para nossa vantagem espiritual – Pleno de fé, daquela fé que forma e anima o Sacerdócio católico, sabia ele que se o Senhor não fosse zelar pela cidade, em vão despertaria quem está a sua defesa – por isso a Deus se voltava, e lhe suplicava ajuda no exercício do seu pastoral ministério. COLBACCHINI, Pietro. Parole lette davanti al cadavere del reverendissimo Monsignor Beniamino Maistri, arciprete di Angarano in Bassano, il dì 20 dicembre 1873, dal sacerdote Pietro Colbachini. Bassano: Tipografia Roberti, 1873, p. 4-5.

¹⁹⁵ Vigia e guardião do seu aprisco, esteve sempre alerta para que qualquer lobo, debaixo de pele de cordeiro, não entrasse para esvaziá-lo, por isso sua preocupação de conservar sempre aceso em meio a nós o sentimento católico, e vivo amor pela Igreja e pelo Pontífice – e por esse lado ele tinha bem razão de gloriar-se de sua Angarano, que em meio a tanta agitação de ideias irreligiosas e de princípios subversivos da autoridade divina e humana, servia, como um oásis no meio do deserto, sempre com ventos calmos, e protegida das tempestades. COLBACCHINI, Pietro. Ibidem, p. 8.

Ao fazer esta exaltação, não se pode descartar a hipótese de que houvesse o desejo ou passasse pelos pensamentos do neossacerdote a ideia que no futuro ele pudesse ocupar o lugar de pároco de sua paróquia de origem. No entanto, a sua eloquência chamou a atenção de seus superiores de outra forma, pois estes, depois do seu longo repouso sabático, o ordenaram a pregar missões populares em sua diocese.

Assim, a partir de 1874, beirando os seus 30 anos de idade, o padre Pietro Colbacchini assume a função de Missionário Apostólico da Diocese de Vicenza, título ao qual se apegará para sempre. Nesse período, dedicado às pregações, ele aprimora o seu dom de orador, enriquecendo ainda mais seu conhecimento sobre as sagradas escrituras, a vida dos santos, a história da Igreja, e desenvolve técnicas de retórica, que lhe imprimiriam uma linguagem penetrante, capaz de inflamar aos fiéis.

Dentro desse contexto religioso de intensa movimentação católica, vivido no Vêneto, e mais especificamente, em sua cidade natal, assiste no ano de 1875 a criação do instituto das “*Figlie della Volontà Divina*”¹⁹⁶, por sua conterrânea, a Suor Gaetani Sterni. Essa congregação, assim como as outras que surgem e existem em Bassano, e em sua Diocese de Vicenza, estarão sempre presentes em seu ministério, de modo que serão por ele citadas como verdadeiros exemplos de seguimento e serviço católico.

Creio que durante este período, que passa a conhecer as diversas paróquias vicentinas mais de perto, por meio de suas peregrinações como missionário apostólico, Pietro Colbacchini se depara com as distintas realidades existentes na jurisdição religiosa a qual ele pertencia. Entre elas, sobretudo, ao se distanciar de Bassano e adentrar os lugares mais interioranos em meio às montanhas vênetas, acredito que o biografado se deparou com a forma de vivência católica dos camponeses guiados pelo baixo clero que, como já tive a oportunidade de mencionar, tinham suas peculiaridades e diferenças com aquilo que se exigia por meio de um discurso católico oficial.

Depois de dois anos nessa função, o Bispo Giovanni Antonio Farina acha por bem dar-lhe uma experiência como líder paroquial. Assim, em 1876 ele é nomeado reitor da igreja de Santa Corona, localizada no centro urbano de Vicenza.¹⁹⁷ Dessa forma, a primeira experiência no posto de pároco se dá em uma comunidade urbana, por consequência, dentro de um ambiente onde havia o choque dos discursos conservadores e modernizadores da época. Creio que este clima propiciou a afirmação e o aperfeiçoamento da prática discursiva ultramontana e intransigente de Colbacchini.

¹⁹⁶ Filhas da Vontade Divina.

¹⁹⁷ Terragni, Giovanni. Op. Cit., p. 6.

Porém, devido a pouca distância e ao pertencimento a mesma diocese, sabe-se que as suas visitas à sua cidade natal, Bassano, continuaram sempre recorrentes como de costume. Rebellato cita uma delas, pois afirma que novamente por um motivo de tristeza, dessa vez a repentina morte de mais um irmão, Antonio Giuseppe de 47 anos de idade, ele passou uma pequena temporada junto de sua família no ano de 1877.¹⁹⁸ No entanto, além do luto e do consolo prestado aos familiares, e a sua mãe em particular, outro acontecimento que estava ocorrendo na Zona Bassanese reclama a atenção de Pietro Colbacchini neste período: a emigração de seus conterrâneos.

De fato, a partir do final do ano de 1876 e início de 1877, os arredores de Bassano Veneto vivem uma agitação por conta da ideia de emigrar em massa para a América. Sob a liderança de um representante do baixo clero, *Don Angelo Cavalli*, pároco de Oliero, lugarejo localizado junto ao Canal do Brenta, distante há apenas 13 quilômetros do centro urbano *bassanese*, passa a se formar um grande grupo, um dos primeiros da região, que irá abandonar definitivamente as suas terras para partir para o além mar.

Esse processo de emigração foi de fato organizado por este outro sacerdote da região, que pastoreava uma comunidade campesina, e por isso conhecia mais de perto as angústias e as dificuldades do dia a dia dos trabalhadores da área rural. Um segundo diferencial deste outro clérigo, é que ele próprio era proveniente de uma família de camponeses, que muito perto dali ainda continuava a tirar da terra o seu sustento, já que era natural de Valstagna, outra localidade do Canal do Brenta.¹⁹⁹

Ou seja, ao contrário de Colbacchini, que por pertencer a uma classe privilegiada, assistia de longe as mazelas que assolavam o povo do campo, Cavalli tinha contato direto com esta realidade, seja por meio de sua própria família ou de seus paroquianos. Dessa maneira, para este último, encorajar os seus fiéis a partir em busca de melhores condições de vida era uma forma de defender o seu rebanho das ameaças da modernidade e do pensamento liberal, assim como querer vê-los livres dos abusos econômicos impostos pelo novo governo italiano.

Sendo assim, ele constituía uma parcela do clero que idealizava a América como o espaço onde seria possível reconstruir uma sociedade camponesa e clerical protegida do avanço das ideias liberais e socialistas que progrediam na Europa, onde todos emigrantes se converteriam em proprietários.²⁰⁰ Segundo *Giulio Lorenzoni*, emigrante da *comune* de

¹⁹⁸ Rebellato, Franco. Op. Cit.

¹⁹⁹ MOLETTA, Susete. **Da Itália para o Brasil**. Porto Alegre: EST, 2002, p 40.

²⁰⁰ POSSAMAI, Paulo César. **“Dall’Italia siamo partiti”: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945)**. Passo Fundo: UPF, 2004, p. 47.

Maróstica, que presenciou o processo de recrutamento promovido pelo citado padre Cavalli, este sacerdote:

...comparava o Brasil a uma segunda Canaã, dizendo que lá a vegetação era exuberante, que a terra produzia extraordinariamente, sem muito trabalho: que superados os maiores obstáculos, depois do primeiro ano de instalação, uma família poderia ficar descansada sobre seu bem-estar e prosperidade.²⁰¹

A atuação de *Don Angelo Cavalli*, como recrutador de famílias emigrantes, acabou por ser denunciada às autoridades do distrito de Bassano, pelo fato do mesmo agir de maneira clandestina e, também, contrariando as orientações da Igreja, que até aquele momento não havia ainda se pronunciado formalmente sobre o assunto. Depois das acusações, o referido sacerdote passou a ser alvo de investigação, já que em sua residência foram encontradas várias cartas que o mesmo havia trocado com Clodomiro de Bernardis, diretor da agência de navegação em Gênova que estava organizando a transferência do grupo para o Brasil meridional.²⁰²

No entanto, apesar de ter tido que responder processos perante as autoridades locais, chegando até mesmo a ser detido, assim como, perder o posto de pároco em Oliero e o direito de celebrar e atuar como sacerdote, Angelo Cavalli contrariando a todos seguiu recrutando emigrantes nas redondezas de Bassano. Esse fato ficou conhecido por toda a população da Zona Bassanese, sobretudo, pelos clérigos locais e, certamente, por Colbacchini.

Na verdade, mesmo pertencentes a classes sociais e grupos religiosos com discursos tão diferentes, as trajetórias desses dois sacerdotes estavam se cruzando a partir daquele momento. Fato é que, Cavalli ao liderar a emigração dessas famílias estava iniciando um processo do qual o sujeito que estou biografando iria participar ativamente mais adiante. Assim, em meados de setembro de 1877 o representante do baixo clero parte também ele para a América, e ganha a fama de ter sido o responsável por levar consigo cerca de 200 famílias da região.

Em 1877, por iniciativa de uma estranha figura do padre-recrutador que tinha montado sua central de recrutamento no canal do Brenta, perto de Bassano, haviam sido encaminhados ao Brasil mais de 2000 camponeses daquela área. Formarão um dos primeiros estabelecimentos italianos no Paraná, em Curitiba.²⁰³

²⁰¹ LORENZONI, Júlio. **Memórias de um Imigrante Italiano**. Porto Alegre: Sulina, 1975, p. 16.

²⁰² Cf. CUCCHINI, Chiara. Op. Cit.

²⁰³ VILLA, Deliso. Op. Cit., p. 2002, p. 117.

Não se sabe ao certo se o número de emigrantes recrutados por Angelo Cavalli chegou a esse montante indicado por Deliso Villa. Segundo o livro específico que contém os desembarques no porto de Paranaguá, é possível listar 730 indivíduos ligados ao seu grupo.²⁰⁴ No entanto, sabe-se que mesmo este agrupamento precisou dividir-se em pelo menos três navios e que partiram em datas diferentes do porto de Gênova. Este fato não descarta a possibilidade de algumas famílias, que também foram recrutadas pelo referido clérigo que atuou como agente de emigração, terem partido dias, ou até mesmo meses, antes ou depois que ele e seus familiares.

Por outro lado, sabe-se que de fato estes camponeses eram sim provenientes da Zona Bassanese, originários de comunas e lugarejos como *Arsiè, Bassano Veneto, Borso del Grappa, Campese, Campolongo Sul Brenta, Cassola, Cismon del Grappa, Lusiana-Conco, Marostica, Nove, Oliero, Romano D'Ezzelino, Salcedo, San Nazario, Valstagna*, etc.²⁰⁵ Diante disso, pode-se imaginar o impacto social que a partida deste grupo ocasionou naquela região.

Mas saindo do ambiente externo, e voltando-se novamente para o personagem histórico da presente investigação biográfica, pode-se afirmar que Colbacchini assistiu e acompanhou o desenrolar desse processo de emigração vivido por essas famílias da Zona Bassanese. E, mais, acredito que esse acontecimento do ano de 1877 o tenha feito retomar em seus pensamentos a ideia de tornar-se um missionário no além mar. Porém, a vida em sua diocese continuava, e em 1879 ele foi nomeado pelo Bispo Farina como pároco de Cereda, uma pequena comunidade localizada no Valle dell'Agno.²⁰⁶

Neste período, que passa no governo desta pequena paróquia, Pietro Colbacchini encontra tempo para escrever. Assim, no ano de 1879, produz mais três escritos que também foram publicados, ainda no mesmo ano. Duas das produções dessa época são comentários e instruções acerca do pensamento e da vida espiritual de dois santos católicos muito caros para a vida religiosa de Colbacchini: São Leonardo de Maurício e Santo Inácio de Loyola. Sobre o primeiro ele escreve: “*Commentario del Discorso mistico o morale di San Leonardo*”²⁰⁷. Já a

²⁰⁴ Livro de Registro de desembarque de imigrantes no Porto de Paranaguá de nº 834. Arquivo Público do Paraná.

²⁰⁵ Registros das paróquias dos bairros de Água Verde e Santa Felicidade em Curitiba, e de Colombo no Paraná, mais os registros paroquiais da Região do Vêneto.

²⁰⁶ Rebellato, Franco. Op. Cit., p. 92 e Terragni, Giovanni. Op. Cit., p. 6.

²⁰⁷ Comentário sobre o discurso místico ou moral de São Leonardo.

respeito do segundo redige: “*Istruzioni teorico-pratica della Santa Meditazione seguita da quattro meditazioni sulla materia degli Esercizi Spirituali di Santo Ignazio di Lojola*”²⁰⁸.

Apesar de não possuir as cópias dessas duas obras citadas acima, fica subentendido de partida que os dois santos católicos a quem elas se referem eram devoções particulares daquele que as escreveu. Sendo assim, as histórias e os discursos dos mesmos eram bem conhecidos por ele, e por isso influenciavam a sua vivência de sacerdote, ou seja, Colbacchini os tinha como exemplos. Somente pelos títulos dos seus escritos já é possível fazer alguns apontamentos sobre o porquê do sujeito que estou investigando ter se debruçado sobre eles.

Sobre a obra escrita a respeito do discurso de São Leonardo, acredito que seja fácil entender o porquê da admiração de Pietro Colbacchini pelo referido santo: primeiro porque ele era de fato um santo da moda entre os intransigentes, pois havia sido canonizado pelo Papa Pio IX poucos anos antes, em 1867; segundo porque ele era um religioso também italiano, pregador e autor de famosos sermões, como o aclamado “O pequeno número dos que se salvam”, e; terceiro porque São Leonardo de Porto Maurício era um padre devotíssimo do Sagrado Coração de Jesus.

Muitas dessas características o sujeito que investigo procurará colocar em práticas em suas trajetórias. Porém, algo importante desse impresso é que, diferentemente dos anteriores que foram estampados em Bassano, ele foi produzido pela *Tipografia della Immacolata di Modena*. Certamente uma estratégia de seu autor que buscava também outros leitores para seus escritos. Além disso, outra informação importante é que quem escreveu a apresentação da obra foi o Bispo de Piacenza, Monsenhor Giovanni Battista Scalabrini. Mesmo sem saberem naquele momento, ambos estabelecerão em um futuro não muito distante dali um forte vínculo por conta do fenômeno da emigração no Norte da Itália.

Já, o fato de Colbacchini ter escrito a respeito das meditações e dos exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola dispensa muitas explicações. Basta lembrar que este santo católico foi o fundador da Companhia de Jesus, com o qual o sujeito aqui investigado teve uma forte experiência nos tempos de seminarista, e que como apresentado anteriormente, só não se tornou um jesuíta por conta de sua debilitada saúde. Convém, no entanto, salientar também qual era a formação desta referida ordem religiosa e de seu fundador:

O conceito de Santo Inácio sobre o mundo é guerreiro. Em Deus está o Imperador; tudo deve convergir para a sua glória. O Generalíssimo, na terra, é o papa; por isso coloca aos pés do Sumo Pontífice a sua Companhia, e dispõe que ela pronuncie um

²⁰⁸ Instruções teórico-práticas sobre a Santa Meditação seguida de quatro meditações sobre a matéria dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola.

quarto voto de ‘especial obediência ao Sumo Pontífice no que se refere a missões entre hereges e pagãos’.²⁰⁹

Portanto, fica claro de onde o clérigo aqui investigado havia aprendido também o seu intransigentismo, sobretudo, no que diz respeito à indiscutível obediência ao papa. Ao escrever esta obra, depois de dez anos de sua ordenação como padre diocesano, Colbacchini demonstra e reafirma não só o apreço que mantinha por esses ensinamentos recebidos na Companhia de Jesus, como também que de fato os colocava em prática no exercício de seu ministério sacerdotal. Prova de que estava vivendo e pregando isso, é o conteúdo do terceiro escrito que produz em 1879. Refiro-me a sua obra intitulada “*Del Romanticismo moderno, osservazioni del sacerdote Pietro Colbacchini*”, que foi impresso pela Tipografia Vescovile Fiacadori de Parma no início daquele ano.

Mais uma vez o que serviu de estímulo para a produção da escrita foi um matrimônio familiar. Nesta circunstância, “Nozze Colbachini-Panizzon”²¹⁰, sabe-se por meio do oferecimento que antecede ao texto, que de fato tratava-se de um irmão ou irmã do padre aqui biografado:

Carissimi sposi

... se leggerete queste pagine, nelle qualli espongo i tristissimi effetti seguiti dal moderno romanticismo, trovandovene per rara sorte preservati, avrete da me, senza bisogno di cerimoniose spiegazioni una meritata lode del vostro presente e passato ed un favorevole pronostico dell'avvenire. Ho fatto così per essere conseguente a me stesso ed al mio ministero, le vostre nozze fornendomi occasione di far opera officiosa a Voi ed utile alla cristiana società, a quale più che di súpida poesia e di geniali composizioni tiene bisogno di salutari medicine, che la guariscano delle sue piaghe.

Vicenza, 7 gennaio 1879.

Vostro Aff.^{mo} Fratello e Cognato

D. Pietro Colbacchini²¹¹

Portanto, dessa vez, como ele mesmo descreve ao dizer que se inspirou no exemplo dos noivos, ele aproveita da ocasião para criticar o romanticismo moderno, que era considerado pelo seu discurso ultramontano não só uma mazela, mas também o responsável

²⁰⁹ *Apud* LEITE, José. S.J. **Santos de cada dia**. Vol. II. Braga, Portugal: Editorial A.O., 1987, p. 412.

²¹⁰ Matrimônio Colbachini-Panizzon.

²¹¹ Caríssimos noivos ...se lerem estas páginas, nas quais exponho os tristíssimos efeitos decorrentes do romanticismo moderno, encontrando-vos por rara sorte deles preservados, teriam de mim, sem necessárias cerimoniosas explicações, uma merecida gratidão pelo vosso presente e passado e um favorável prognóstico do por vir. Fiz isso por estar atrelado a minha pessoa e ao meu ministério, o vosso casamento me ofereceram ocasião de fazer obra officiosa para vós e útil à sociedade cristã, a qual mais que graciosa poesia e de genial composição tem a necessidade de salutare remédios, que a curem de suas chagas. Vicenza, 7 de janeiro de 1879. Vosso afetuossíssimo irmão e cunhado, pe. Pietro Colbacchini. COLBACCHINI, Pietro. **Del Romanticismo moderno, osservazioni del sacerdote Pietro Colbacchini**. Parma: Tipografia Vescovile Fiacadori, 1879, p. III e IV.

por muitas chagas existentes na sociedade, a qual, juntamente com os jovens nubentes, ele queria prevenir.

Sendo assim, já nas primeiras páginas ele explica o porquê está criticando o romanticismo e que está cumprindo com o seu dever, que segundo ele não é só religioso, mas também social. Assim, argumenta a favor da religião e da sociedade, conforme no trecho a seguir:

Ne temo di venir tacciato di esageratore, ovvero di nemico al moderno progresso, che anzi (ad eliminarne il sospetto) mi dichiaro di applaudire a tutto ciò che il progresso di questi ultimi tempi venne ad apportare di vero bene ai popoli ed agli individui, **biasimando già tutte le innovazioni, sì bene quelle che vennero a disonestare il pacifico governo della religione, e la soggezione all'autorità sacra dei Re, e l'armonia delle famiglie, e la pace delle coscienze.**

Mio intento non è se non quello di scoprire la causa che più di ogni altra contribuì a questi danni, condotto dal sincero desiderio di portar giovamento **a quella classe ancora sanabile della società, che non venne per anco travolta dalla corrente del romanticismo...**²¹²

Por este pedaço do seu escrito fica nítida a sua intenção de criticar o movimento literário do romanticismo, acusando-o de ser uma das inovações advindas com o modernismo que destruiu a sociedade antes ancorada na religião, na submissão aos reis, e nos valores da família patriarcal. Segundo ele, somente a classe que ainda não havia se deixado envolver completamente por este mal causado pelos escritos provenientes da corrente do romanticismo moderno é que ainda teria a chance de se restabelecer. É notório o seguimento e o grau de intransigência católica adotado pelo discurso de Colbacchini, uma característica impressa no seu pensar a sociedade que jamais lhe abandonará, e estará impregnada na sua pessoa.

Retomando o seu itinerário, sabe-se que nos três anos seguintes ele não se dedicou a nenhuma produção escrita. Talvez outros assuntos tenham tomado conta dos seus pensamentos, ou talvez os seus escritos não tenham surtido o efeito desejado. O certo é que ele decide dedicar-se, ao menos por um tempo, inteiramente a sua função de pároco. Uma hipótese que tenho, é que ele tenha feito isso para saber se de fato era o que pretendia para o seu futuro como sacerdote. Penso que obteve rapidamente a sua resposta, tanto que no dia primeiro de janeiro de 1883, por meio de um discurso, o qual fez questão de posteriormente

²¹² Não temo de ser tachado como exagerado, ou melhor, de inimigo do moderno progresso, pelo contrário (para eliminar as suspeitas) declaro aplaudir a tudo aquilo que o progresso destes últimos tempos tem trazido de verdadeiro bem aos povos e aos indivíduos, não culpando todas as inovações, mas somente aquelas que vieram perturbar o pacífico governo da religião, e a sujeição à autoridade sagrada dos Reis, e a harmonia das famílias e a paz das consciências. Minha intenção não é outra senão aquela de descobrir a causa que mais do que todas as outras contribuiu para esses danos, conduzido pelo sincero desejo de levar benefício para aquela classe ainda curável da sociedade, que não foi ainda seduzida pela corrente do romanticismo... (Grifos meus) COLBACCHINI, Pietro. Ibidem, p. 7-8.

publicar e deixar impresso com o título de “A. M. D. G. L’addio ai miei parocchiani di Cereda”²¹³, ele se despede de seus paroquianos do Valle dell’Ago, recordando de como ele atuou no meio deles:

Son venuto da voi per fare di voi un popolo di Dio, una gente santa, un’acquisto di paradiso; voleva che si ravvedessero i peccatori, s’invigorissero i deboli, e i buoni sempre meglio avanzassero nel cammino delle cristiane virtù; ...che santificaste i giorni del Signore; che fra voi florissero i santi costumi; che si rimovessero le occasioni degli amori, dei festini, delle taverne e dei serali ridotti; che le bestemmie si abolissero; cessassero gli scandali e gli osceni parlari; ...voleva destare in voi una santa gara di virtù e di perfezione a mezzo della preghiera, della frequenza ai SS. Sacramenti e delle opere della carità e della devozione...²¹⁴

Trago este primeiro trecho do discurso de despedida para poder fazer um esboço de como o padre *bassanese* atuou como pároco. Ele afirma ter trabalhado para o arrependimento dos pecadores, para revigorar os fracos e manter os que já estavam no caminho. Para isso ele descreve ter lutado contra as festas e as tabernas, as blasfêmias e os obscenos falares do povo. Além de conclamar este para a vivência dos santíssimos sacramentos. Nota-se, que de fato, ele seguia a cartilha do catolicismo tridentino e do discurso intransigente. Esse último fica ainda mais evidente no trecho a seguir:

Non vi lasciate pervertire dalle false massime che oggidi circolano per le piazze, per i ridotti e per le vie, e non date ascolto a chi mostra di non aver fede, e mette in derisione i ministri di Dio e le cose sante. [...] Non leggete libri o giornali che non siano apertamente cattolici, allettati dalla dolcezza del miele di cui orlati non abbiate a bere il veleno della miseredenza e della immoralità. [...] Molti sono gli atei ai nostri giorni, moltissimi i cattivi cristiani, sono frequenti ed orredi gli scandali; le seduzioni studiate colle arti più fine; perseguitata moralmente e moralmente la Chiesa di Gesù Cristo; il suo Capo, il sommo Pontefice offeso nei suoi diritti, impedito nell’esercizio di sua missione per tutto il mondo; [...] Aimè in che mondo viviamo! Correvano ben migliori i tempi dei nostri padri, quando la religione sacrossanta di Cristo era quella che quasi in tutto informava le leggi, regolava i governi, santificava i popoli, che pienamente sogetti alle due autorità ecclesiastica e civile, formano la società cristiana...²¹⁵

²¹³ “A Maior Glória de Deus, O adeus aos meus paroquianos de Cereda.”

²¹⁴ Vim até vós para fazer de vós um povo de Deus, uma gente santa, um pedaço do paraíso; queria que se arrependessem os pecadores, se revigorassem os fracos e os bons sempre melhor avançassem no caminho das virtudes cristãs; ...que vós santificassem os dias do Senhor; que entre vós florisssem os santos costumes; que se removessem as ocasiões dos flertes, das festinhas, das tabernas e dos sarais noturnos; que as blasfêmias fossem abolidas; cessassem os escândalos e os falares obscenos; ...queria imprimir em vós uma santa luta pela virtude e pela perfeição por meio da oração, da frequência aos Santíssimos Sacramentos e das obras de caridade e de devoção... COLBACCHINI, Pietro. **A. M. D. G. L’Addio ai miei parocchiani di Cereda**. Vicenza: Tipografia di Giuseppe Staider, 1883, p. 7-8.

²¹⁵ Não se deixem perverter pelas falsas máximas que hoje circulam nas praças, nos redutos e nas ruas, e não dêem ouvidos aos que mostram não ter fê, e ridicularizam os ministros de Deus e as coisas santas. [...] Não leiam livros e jornais que não sejam abertamente católicos, pois serão atraídos pela doçura do mel de suas orlas beberão o veneno da miséria e da imoralidade. [...] Muitos são os ateus nos nossos dias, muitíssimos os maus cristãos, os escândalos são frequentes e horríveis, as seduições são orquestradas com as artes mais finas; a Igreja

Ao alertar pela última vez os seus paroquianos de Cereda, o sacerdote demonstra como ele encarava os tempos de transformação pelos quais a sociedade europeia estava passando. Prevenia a comunidade de que eram tempos ruins, pois muitos haviam se tornado ateus e por consequência não se submetiam à Igreja e às suas autoridades eclesiásticas. Dessa maneira, ele implorava para que os seus fiéis se afastassem dessas práticas e dessas companhias, assim como não lessem nenhum livro ou jornal que não fosse declaradamente católico para que não fossem atraídos para esse lado. E termina o seu discurso exaltando os tempos passados no qual Estado e Igreja governavam juntos a sociedade.

Além de mais uma vez deixar evidente sua nostalgia pelo Antigo Regime, e pelo poder temporal do papa, é possível notar que Colbacchini acreditava, e trabalhava para isso, que as paróquias deveriam funcionar como verdadeiros redutos de cristandade, e assim viver seus valores de uma maneira praticamente isolada, ou seja, a parte da sociedade. Certamente, era esse o desejo que transparece em suas produções escritas e inspirava as suas pregações. Aliás, acredito que estas últimas foram o motivo de ele ter deixado a função de pároco, já que elas eram a sua atividade preferida.

Portanto, desta data em diante, ou seja, ainda no ano de 1883, ele se torna livre dos afazeres paroquiais e se dedica exclusivamente as missões populares como missionário apostólico da Diocese de Vicenza, o que era, não só uma aspiração pessoal, como também, o que de fato combinava mais com as suas características religiosas adquiridas durante sua formação junto aos padres jesuítas, apesar de ter se tornado um padre secular. Mas seria por pouco tempo, já que em 1884 ele finalmente se enveredaria para o seu verdadeiro chamado como sacerdote. Ele mesmo narra essa sua descoberta que se deu enquanto pregava uma missão mariana na catedral da cidade de Feltre, na província de Belluno:

Nel mese di Maggio de 1884 mi ritrovava in Feltre a predicare in quella Cattedrale. Un buon Sacerdote di Campo di Quero, località vicina, venne a mostrarmi diverse lettere che egli aveva ricevuto dai suoi compaesani che si ritrovavano nelle Province di Rio Grande e S. Caterina del Brasile, che lo eccitavano vivamente a portarsi a dar loro l'aiuto del suo ministero. Mi straziarono il cuore i lamenti che in quelle lettere si facevano dell'abbandono in cui si trovavano tanti disgraziati Italiani, e del pericolo in cui si versavano di perdere la loro fede. Da molti anni io aspirava alla missione italiana nel Brasile, ma da una le difficoltà che prevedeva, mi facevano sospendere di realizzare il mio desiderio, e le continue occupazioni di missioni in Italia mi toglievano d'altra parte il tempo ed il modo a pensarvi. Quelle lettere

de Jesus Cristo é perseguida moralmente e materialmente; o seu Chefe, o sumo Pontífice é ofendido nos seus direitos, impedido de cumprir sua missão no mundo; [...] Infelizmente, em que mundo vivemos! Os tempos dos nossos pais foram muito melhores, quando a religião sagrada de Cristo era aquela que elaborava quase completamente as leis, regulava os governos, santificava os povos, que, totalmente sujeitos às autoridades eclesiásticas e civis, formavam a sociedade cristã... COLBACCHINI, Pietro. Ibidem, p. 19-20.

vennero a scuotermi, a togliermi ogni dubbio a decidirmi di andare, ed al più presto.²¹⁶

Fica claro, por meio desta carta, que Pietro Colbacchini já planejava há alguns anos emigrar para o Brasil a fim de socorrer aos imigrantes italianos do ‘perigo de perder a fé’, e que não foi uma decisão de momento. Ele mesmo deixa a entender que o acontecimento narrado acima foi somente o empurrão que estava faltando. Defendo aqui a ideia de que o referido sacerdote há tempos almejava ir ao encontro daqueles seus conterrâneos que integravam o grupo recrutado por Don Angelo Cavalli, que havia emigrado para o Brasil em 1877.

Mais ainda, acredito que o *bassanese* havia nutrido desde aquela partida esse desejo, e que por isso buscou informações e sabia que aqueles vênets provenientes de localidades da região do Brenta, ou seja, próximas de sua cidade de origem, Bassano del Grappa estavam instalados nos arredores da capital paranaense, e era para esses colonos em específico que ele tinha um projeto particular de assistência religiosa. Isso explica o porquê ele não se dirigiu às províncias brasileiras do Rio Grande do Sul e nem de Santa Catarina citadas no documento acima.

Sendo assim, ele tratou de providenciar a sua partida o quanto antes. Uma primeira atitude foi pedir conselho ao fundador dos salesianos, que já estavam no Brasil há alguns anos. Para isso foi até Torino para se encontrar com *Don Giovanni Bosco*, fundador da congregação religiosa de São Francisco de Sales, com o intuito de saber mais sobre o país para o qual estava prestes a se dirigir. Colbacchini assim descreve a experiência:

Andai a Torino a consigliarmi con Don Bosco, di santa memoria, e mi avrebbe preso nelle sue sante reti e aggregato alla sua Congregazione allo scopo della Missione in Brasile, se una grande ripugnanza che io sentiva ad abbracciare un'Istituto che non corrispondeva alle mie già vecchie abitudini ed aspirazioni, non mi avesse costretto a resistere al di lui desiderio.²¹⁷

²¹⁶ No mês de maio de 1884, eu me encontrava em Feltre, pregando na catedral local. Um bondoso sacerdote de Campo di Quero, localidade vizinha, veio até mim apresentando-me diversas cartas recebidas de seus conterrâneos dispersos nas províncias brasileiras do Rio Grande e de Santa Catarina, os quais lhes pediam insistentemente que fosse até eles para lhes dar o auxílio de seu ministério. Cortaram-me o coração os lamentos que, nessas cartas, faziam sobre o abandono em que jaziam tantos desventurados italianos, e o perigo em que se encontravam de perder a fé. Havia muitos anos que eu aspirava à missão italiana no Brasil, contudo, as dificuldades presentes me levaram a suspender a realização desse projeto, e as contínuas ocupações com missões na Itália me tomavam o tempo e as preocupações. As cartas conseguiram sacudir-me e tirar-me qualquer dúvida, e decidi partir o mais rápido possível. COLBACCHINI a SPOLVERINI, 23 de junho de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 143.

²¹⁷ Fui até Turin para aconselhar-me com Dom Bosco, de santa memoria, e ele me teria preso nas suas santas redes e me agregado a sua Congregação para servir para a sua Missão no Brasil, se uma grande repugnância que sentia em abraçar um instituto que não correspondia aos meus velhos hábitos e aspirações, não me tivesse constrangido a resistir ao desejo dele. Idem.

Ao negar o convite de ir para o Brasil para ser um salesiano, o sacerdote que estou investigando demonstra o quanto estava de fato decidido de atravessar para o além-mar para dedicar-se exclusivamente aos contrerrâneos que estavam vivendo nas colônias. Colbacchini descreve nesta mesma carta que ele obteve o apoio de Domenico Agostini, que na época era o cardeal e patriarca de Veneza. Por meio desta autoridade eclesiástica, pertencente ao alto clero, ele conseguiu levar o seu projeto até o Vaticano no mês de outubro de 1884.

Lá em Roma ele tem uma audiência na presença do Cardeal Giovanni Simeoni, responsável pela *Propaganda Fide* (Congregação para a Evangelização dos povos) e com o papa Leão XIII, dos quais recebe não só a autorização, mas também a benção e o encorajamento para a sua missão na América. Assim, munido de várias recomendações, e na qualidade de Missionário Apostólico da Propaganda Fide²¹⁸, e mais com as bênçãos do sumo pontífice, ele embarca no dia primeiro de novembro de 1884, no navio Umberto I no porto de Gênova, tendo como destino o Brasil. Finalmente, ao assumir o seu eu missionário e ao dirigir-se para o encontro dos seus contrerrâneos da Zona Bassanese que haviam se tornado imigrantes, ele estava realizando o desejo que havia nutrido desde os tempos de seminarista jesuíta.

²¹⁸ A Sagrada Congregação para a Propagação da Fé, ou simplesmente em latim *Propaganda Fide*, foi um dicastério, ou seja, um departamento especial da Cúria Romana, que se ocupava das questões referentes à propagação da fé católica pelo mundo. Foi criada pelo Papa Gregório XV, em 22 de junho de 1622, por meio da bula *Inscrutabili Divinae*, e tinha uma tarefa especificamente missionária de dar as diretrizes para promoção, a formação e o envio de missionários com o objetivo de dar impulso e orientar o catolicismo nas regiões mais distantes da Europa. Hoje, a Propaganda Fide é conhecida como Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos.

3. HISTÓRIAS DE AMOR E ÓDIO: UM ULTRAMONTANO ENTRE OS IMIGRANTES ITALIANOS NO BRASIL

*I buoni mi credono e pazientano,
i men buoni malignano...*²¹⁹

Este segundo capítulo visa discutir as trajetórias vividas pelo sacerdote Pietro Colbacchini durante o primeiro período no qual ele realizou a sua missão em meio aos imigrantes italianos no Brasil. Ao mesmo tempo, tem a pretensão de investigar as possíveis dinâmicas que formaram as redes de e/imigração dos colonos que ele assistiu, ou seja, que lógicas existiam e eram obedecidas para a vinda de determinadas famílias e grupos e, conseqüentemente, como estes se tornavam integrantes de um mesmo espaço social e geográfico em terras brasileiras. Nessa direção, também se observou as particularidades dos processos de constituição dos diferentes agrupamentos de imigrantes que se fixavam nas fazendas, no meio urbano e no ambiente rural.

Foram evidenciadas, nesta parte do trabalho, as primeiras impressões e opiniões que o referido clérigo teve a respeito do fenômeno que estava vivenciando. Isso, desde o momento em que ele se fez emigrante, ou seja, partiu de sua terra natal com o intuito de prestar assistência religiosa aos seus conterrâneos que já haviam se instalado na América. Especificamente, nesta etapa da investigação, observaram-se as suas experiências em São Paulo e no Paraná, que correspondem aos dez primeiros anos de sua atuação no Brasil.

Ao tratar das formas como ele agiu em meio aos colonos para tentar impor as práticas do seu catolicismo tridentino e intransigente, assim como da italianidade que se apegava à religião como forma de pertencimento, buscou-se perceber quais as características, que já adquiridas por ele em sua terra natal, vieram à tona novamente, e em que determinados momentos elas ganharam mais destaque. Do mesmo modo, almejou-se perceber quais outros adjetivos puderam ser acrescentados a sua personalidade devido às suas novas vivências e desafios.

Nessa direção, ao analisar quais foram os contatos e os confrontos travados por Colbacchini neste período, e como esses conflitos ao serem enfrentados transformaram o indivíduo investigado por meio de novas intersubjetividades, advindas dos diferentes convívios e experiências, sejam elas individuais ou coletivas, analisou-se como se deu o

²¹⁹ Os bons crêem em mim e se acalmam, o piores me amaldiçoam... COLBACCHINI a SCALABRINI, 07 de julho de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 64.

crescimento da pluralidade do sujeito, ou seja, de como seus fragmentos continuaram se reinventando e se multiplicando.

Ao investigar esses adjetivos, presentes na pessoa do referido padre católico aqui biografado, entendidos como defeitos e qualidades de personalidade, foi possível notar como eles influenciaram no processo e acabaram por gerar em relação a ele, enquanto um mesmo indivíduo, porém múltiplo e segmentado, sentimentos tão distintos, como o amor e o ódio, a admiração e o ciúme, a aceitação e a rejeição, inclusive dentro de uma mesma região de colonização italiana que, conseqüentemente, revelou-se também heterogênea.

3.1 As primeiras impressões de imigração e de Brasil: a fazenda Monte Serrat em São Paulo

Depois de passar pelas experiências de seminarista, diocesano e jesuíta; de tornar-se um padre secular em Vicenza; de adquirir para si o discurso ultramontano intransigente e romanizado que fervilhava nestes ambientes e em particular na sua cidade natal de Bassano Veneto; de pregar na condição de missionário apostólico em toda sua diocese e, até mesmo, para além dela; de ter elaborado já uma dezena de escritos e; de vivenciar a vida de pároco por duas vezes; aos seus 39 anos de idade Pietro Colbacchini fez-se imigrante no Brasil para, finalmente, atender ao seu anseio de missão, que era o de assistir espiritualmente aos seus conterrâneos que para cá vieram. As características impregnadas em sua personalidade durante todas essas fases anteriores, aqui já apresentadas, de alguma forma estiveram também presentes nas atividades que ele desempenhou nas novas trajetórias em terras brasileiras.

Tamanho era o desejo e a pressa de tornar-se missionário em favor dos colonos italianos, que em pouco tempo, do início de maio a novembro de 1884, em cerca de meio ano, ele aprontou tudo para partir para sua missão no além mar. Acredito que se não fosse a burocracia da Igreja, à qual a personagem investigada fazia questão de respeitar, e a frustrada tentativa de convencer alguns pares para acompanhá-lo, o mesmo teria partido ainda antes, devido ao enorme impulso que a descoberta de sua nova vocação lhe causou. Tanto é verdade que, mesmo desconhecendo a língua e as demais realidades do Novo Mundo, ele se encorajou a partir para essa aventura missionária sem nenhum acompanhante, ou seja, partiu na solidão.

O adiar de seu embarque para América também se deu por conta do surto de cólera que havia atingido algumas regiões da Itália naquela época, sobretudo a região portuária de

Napoli, o que fez com que as partidas para o Brasil ficassem bloqueadas por alguns meses. Assim, na primeira oportunidade que existiu ele partiu, embarcando em Gênova no dia 01 de novembro de 1884. Logo, descobriu que as dificuldades enfrentadas para embarcar não foram tão grandes se comparadas aos infortúnios com os quais ele se depararia, que iniciaram já na viagem para conseguir chegar ao seu almejado destino.

Começando pelo ambiente que encontrou no navio, sobre o qual Colbacchini vai relatar que: “*Il viaggio fu fortunoso e mi diede a soffrir molto per la triste compagnia che ebbi di un frate apostata e di gente massonica.*”²²⁰ Depois de 22 dias em alto mar, a primeira escala se daria no porto brasileiro do Rio de Janeiro, onde o padre *bassanese* desembarcaria, porém devido ao medo de contágio da cólera o navio não recebeu a permissão para atracar ali e seguiu viagem em direção a Montevideú. Novamente o vapor italiano não obteve a autorização de desembarque, e o mesmo aconteceu em Buenos Aires, sendo obrigado a passar por uma quarentena, ancorado no afastado porto de Maldonado. Essa situação de mal-estar, sentido no seu corpo e no seu interior, vivida durante sua vinda para a América, foi narrada da seguinte maneira pelo investigado:

Quella quarentena durò 40 giorni che coi 22 del viaggio sommano 62 giorni di mare. ...il mal di mare sofferto mi aveva tolto l'appetito ed estenuato di forze; mi pareva di avere tutte le malattie addosso, eppure questo era niente a paragone della pena che soffrivo nel trovarmi con gente della I^a e II^a classe della peggior risma. Le oscenità, le bestemmie, gli atti ostili alla religione, le beffe, ecc. erano alla moda, in tutti i giorni e momenti. Passai 62 giorni nel mare senza altro conforto e compagnia che il mio crocifisso. Due padri, che pure appartenevano ad un ordine illustre, vengero ad accrescere il mio isolamento. L'uno era vecchio già rimbambito, che tornava al Chili dove aveva passati 30 anni, per coricar le sue ossa; l'altro giovane sui 32 anni, veniva da un Convento di Toscana per compagno al vecchio e per “missionare” – come diceva – nel Chili. Il disgraziato, 5 giorni dopo la partenza da Genova, aveva già presa la peste dei Massoni italiani-argentini che formavano la comitiva della I^a e II^a classe. Egli non si avvicinò più a me, e si separò dal suo vecchio compagno. Negli ultimi giorni poi, buttò al mare l'abito religioso, si fece radere la barba, e a braccetto di una ballerina col codazzo di quella gentaglia, passeggiando sopra coperta, dove io stavo recitando il breviario, fece la sua entrata nel mondo. Fu un'orgia satanica che durò circa tre giorni...²²¹

²²⁰ A viagem foi venturosa e me fez sofrer muito pela triste companhia que tive de um frei apóstata e de gente maçônica. COLBACCHINI a MANTESE, 28 de fevereiro de 1887. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 22.

²²¹ Aquela quarentena durou 40 dias que, com os 22 da viagem, somaram 62 dias de mar. ...o enjoo que sofri tirou-me o apetite e esgotou-me as forças; eu parecia ter todas as doenças comigo, mas isso não era nada comparado à dor que sofri por estar com pessoas da I^a e II^a classe, da pior espécie. As obscenidades, blasfêmias, atos hostis à religião, zombarias, etc. foram constantes em todos os dias e momentos. Passei 62 dias no mar sem outro conforto e companhia que o do meu crucifixo. Dois padres, que inclusive pertenciam a uma ordem illustre, contribuíram para aumentar meu isolamento. Um deles estava já bem idoso, e voltava ao Chile, onde havia passado 30 anos, para descansar os ossos; o outro jovem, com os seus 32 anos, vinha de um convento da Toscana para ser companheiro do velho e “missionar” – como ele disse – no Chile. O infeliz, 5 dias depois de sair de Gênova, já havia contraído a peste dos maçons ítalo-argentinos que formavam o grupo da I^a e II^a classe. Ele não se aproximou mais de mim e separou-se de seu antigo companheiro. Nos últimos dias então, atirou ao mar o hábito religioso, raspou a barba, e de braços dados com uma dançarina foi aplaudido por aquela gentilha,

É perceptível a indignação de Colbacchini diante dos acontecimentos que presenciou durante a sua prolongada viagem em meio a pessoas que eram hostis à religião. Essa experiência serviu para ele como um choque de realidade com a qual ele se depararia dali em diante, tão diferente das vividas no ambiente clerical na qual até então ele estava inserido, onde a maioria da população demonstrava grande consideração pelos vocacionados ao sacerdócio. Mal sabia ele que esse primeiro enfrentamento com membros de uma sociedade anticlerical, ou seja, que não valorizavam a pessoa do sacerdote, seria uma espécie de prenúncio do que estava por vir, o que suscitaria o desempenho de uma espécie de luta ultramontana, tanto exterior quanto interior, por parte da personagem histórica aqui biografada.

Fato é que, sem nenhuma chance de começar a por em prática os seus ensinamentos ainda no navio, ele preferiu o isolamento durante a viagem. O que mais chama a atenção nesse relato, é que o sacerdote aqui investigado tomava para si as dores da Igreja. Sendo assim, ele se encheu de rancor ao ver um de seus pares, que ele faz questão de mencionar ser proveniente de um convento da região da Toscana, que devido ao seu mau comportamento dava contratestemunho daquilo que ele tão piamente acreditava como um legítimo representante da instituição Romana. Aliás, por pertencer a uma ordem religiosa ilustre, o *bassanese* esperava justamente o contrário, que se tratasse de um “bom” clérigo. Esse ressentimento, que se aflorou tão fortemente naquela ocasião, vai constantemente atingi-lo por outros inúmeros motivos no decorrer de sua missão no Brasil.

Finalmente, no dia primeiro de janeiro de 1885, ele consegue desembarcar em terra firme, e relata, nas mesmas cartas já apresentadas, que foi bem acolhido pelos frades capuchinos do convento de Montevidéu, onde imaginou passar alguns dias. Contudo, já estava lá a sua espera o padre Michele Borghino, que era diretor do colégio salesiano de Niterói, que o conduziu para recuperar-se de seu mal-estar nas dependências deste mesmo instituto na cidade de Villa Colon. Da mesma forma, afirma que ali ele foi muito bem recepcionado pelo reitor local, o padre Luigi Lasagna.

Segundo o que escreve Franco Rebellato, os salesianos instalados no Uruguai e no Brasil estavam ansiosos a sua espera, pois imaginavam poder contar com Colbacchini para abrir outro colégio na cidade uruguaia de Paysandù, ou então, para assumir a direção de um santuário em São Paulo. Isso fica claro pelo que escreve Lasagna ao seu superior, monsenhor

caminhando no convés, onde eu recitava o breviário, fez a sua entrada no mundo. Foi uma orgia satânica que durou cerca de três dias... COLBACCHINI a SPOLVERINI, Junho de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 143-144.

Giovanni Cagliero, ainda em agosto de 1884, pouco tempo depois de quando o sujeito aqui investigado esteve na presença do fundador do referido instituto, em Torino na Itália: “... *dell’aiuto promesso al Brasile dei due sacerdoti vicentini. Oh! Che vengano davvero! Anche ‘los monacillos’ necesitamos e li aspettiamo con ansietà, alfine di aprire al più presto il bel Collegio di Paysandù.*”²²²

Esse acontecimento colocaria em descrédito as palavras do biografado, quando afirmou ter negado rapidamente o desejo exposto por Don Bosco de agregá-lo ao seu instituto. Porém, diferentemente do que acredita Rebellato, defendendo que manter aberta a possibilidade de se agregar aos salesianos não significava que Pietro Colbacchini tivesse dúvidas sobre qual era a sua vocação naquele momento, mas sim era uma ação estratégica para ter meios de chegar até o Brasil e, assim poder contar com um apoio e um lugar seguro, enquanto colocava seu plano de chegar até os imigrantes instalados nas colônias das terras brasileiras em prática. Creio que isso fica bem mais evidente no que escreve Luigi Lasagna ao seu superior, Don Cagliero, um mês antes da partida do padre vicentino para o seu desejado destino:

É arrivato qui il missionario di Vicenza. Va a San Paolo e chiede di andarvi a nostro nome e prendere possesso del Santuario del Sacro Cuore di Gesù. Lo manderò con P. Jordan come Superiore definitivo e si incomincerà così la nuova Casa. Che le pare? Venga presto e deciderà.²²³

Na realidade, por esse trecho é possível perceber que as ideias de permanência de Colbacchini no instituto salesiano eram apenas conjecturas que se criavam entorno de um desejo dos seus representantes que tinham esse interesse, como também de uma estratégia do próprio sacerdote aqui investigado. Percebe-se, que o verdadeiro anseio do padre aqui biografado era de fato poder chegar ao Brasil, mais especificamente à diocese de São Paulo. Tanto é que, exatamente um mês depois de seu desembarque na América, ele partiu de Montevideu rumo ao Rio de Janeiro, e o fez somente na companhia do padre Michele Borghino que para lá retornava.

Assim, chegou em terras brasileiras no dia 04 de fevereiro de 1885, e permaneceu apenas por mais dez dias junto dos salesianos daquele colégio de Niterói. O motivo de sua permanência foi porque considerava importante, havendo a oportunidade, apresentar-se

²²² Sobre a ajuda prometida para o Brasil de dois sacerdotes vicentinos, ah, que venham logo! Até dos coroinhas precisamos e os esperamos com ansiedade, com a finalidade de abrir o mais rápido possível o belo Colégio de Paysandù. LASAGNA a CAGLIERO, 28 de agosto de 1884. *Apud* REBELLATO, Franco. Op. Cit., p. 99.

²²³ Chegou aqui o missionário de Vicenza. Vai para São Paulo e pede para ir, em nosso nome, tomar posse do Santuário do Sagrado Coração de Jesus. Eu o mandaria com pe. Jordan como Superior definitivo e se começaria assim a nova casa. O que lhe parece? Responda rápido e decidirá. LASAGNA a CAGLIERO, 01 de janeiro de 1885. Idem.

pessoalmente ao Internúncio Apostólico no Brasil²²⁴, Monsenhor Rocco Cocchia, o que fez ao dirigir-se até Petrópolis, onde na ocasião esteve também na presença do Imperador Dom Pedro II e da Imperatriz Tereza Cristina, esta última italiana de origem napolitana.

Depois de cumprido este seu desejo, no dia 14 de fevereiro, parte finalmente para colocar-se a serviço da diocese de São Paulo, que era o verdadeiro escopo de sua vinda. Chegando à cidade, após um dia inteiro de viagem de trem, vai direto ao encontro do Bispo, para apresentar-se e beijar-lhe o anel em sinal de respeito e de submissão. Porém, a autoridade episcopal lhe recebe com muito desdenho, como ele narra em tom de grande decepção:

Subito mi presentai in casa del Vescovo (erano le 4 pom.). Lo trovai assente. Nonostante la stanchezza di 14 ore continuate di strada di ferro, mi fermai ad aspettarlo. Giunse alle 9 di notte. Mi vide ed accusò l'ora tarda per non darmi udienza; per tutta grazia mi mandò un servo perché mi guidasse ad un Otel a passarvi la notte. Mostrai desiderio di ospitar nel Seminario, mi fu risposto che il Seminario non era la Ospedaria dei preti. Mi assegnò l'ora di udienza per le 11 ant. del dì seguente. Il Vescovo era avvisato del mio arrivo, non solo da me, ma dal Sup. dei Padri Salesiani e dallo stesso Internunzio. Le etichette brasilere non sono come le nostre. Pazienza.²²⁵

Tal aborrecimento, com a má recepção por parte do Bispo de São Paulo, Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, foi só o início de uma relação conturbada, não só com ele, mas com diversas autoridades eclesiásticas brasileiras, como se poderá contemplar nas experiências que trarei mais adiante.

Além, dos clérigos brasileiros, os primeiros escritos de Colbacchini no Brasil apontam para outro grupo de sacerdotes, classificados genericamente como “*napolitanos*”, que apesar de terem origens italianas não eram bem vistos pelos pares que possuíam como discurso o catolicismo intransigente, romanizado e tridentino. Os representantes desse outro grupo que já atuavam no país, também foram alvos de constantes críticas por parte da personagem religiosa aqui investigada, isto desde o momento de sua chegada. Assim, ele narra o seu primeiro contato com um deles:

²²⁴ A Internunciatura Apostólica no Brasil foi criada em 1829, estabelecendo a presença de um representante oficial e diplomático da Santa Sé no Rio de Janeiro, que nesse período também atuava como Delegado Apostólico para diversos países da América Latina e, em alguns casos, da América do Sul. Atualmente, a representação da Santa Sé no Brasil é a Nunciatura Apostólica, com sede em Brasília.

²²⁵ Mais que de pressa me apresentei na casa do Bispo (eram 4 horas da tarde). O encontrei ausente. Apesar do cansaço de 14 horas contínuas de estrada de ferro, permaneci para espera-lo. Chegou as 9 da noite. A me ver afirmou que era tarde para me atender; por sorte mandou um empregado para me guiar a um hotel para lá passar a noite. Mostrei desejo de hospedar-me no Seminário, me respondeu que o Seminário não era hospedaria para padres. Me deu como hora para audiência as 11 do dia seguinte. O Bispo havia sido avisado da minha chegada, não só por mim, mas pelo Superior dos Padres Salesianos e até mesmo pelo Internúncio. As etiquetas brasileiras não são como as nossas. Paciência. COLBACCHINI a MANTESE, 28 de fevereiro de 1887. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 22.

...passai a visitare il Parroco di S. Braz che mi diceva essere anch'egli italiano. [...] Non fu difficile trovarlo. Se ne stava nella stanza di entrata, seduto scamiciato con calzoncini lunghi e bianchi, sdraiato sopra un seggiolone, fumando la pipa. ...sopra il tavolo, giornali italiani, l'atea "Voce del Popolo" di Rio e giornali brasilieri; scatolette di zolfanelli, mazzetti di sigari, un fiasco di vetro con acquavite ed un bicchiere. Altro non vi era! **Era napoletano!** [...] Da 8 o 10 anni egli era qua venuto, e per sua fortuna, incontrata la simpatia del Vescovo, aveva ricevuto le rendite di quella Parrocchia. Dico rendite, perché il ministero suo (ed è quello della maggior parte dei Parroci di questi disgraziati paesi) si limitava quasi al solo riscuotere le tasse dei battesimi, dei certificati, dei matrimoni, e degli obiti, ossia seppellimenti fatti, quasi sempre, senza il suo intervento. [...] Povero disgraziato, era il primo Sacerdote Italiano che io incontrava in questi paesi, né avrei pensato che dovesse egli essere il tipo di tanti altri che poi avrei conosciuto.²²⁶

Este relato interessa muito para a presente pesquisa, pois ele, além de confirmar a postura adotada por Colbacchini, de sacerdote católico intransigente, revela também outros dois aspectos que compunham a sua personalidade. Primeiro denota um arraigado apego ao seu sentimento étnico e, segundo, uma supervalorização voltada para os padres que pertenciam a uma ordem religiosa, ou seja, a um instituto ou congregação.²²⁷ Importante frisar, que o padre vicentino aqui biografado adotava esse discurso, mesmo tendo consciência de que ele mesmo era um clérigo diocesano, ou seja, um sacerdote secular. Fazia isso, pois tinha como defesa o tempo que foi seminarista jesuíta, além de usar ao seu favor o fato de ter sido ordenado por uma diocese do Norte da Itália.

Essa suposta superioridade, apreendida por ele, obedecia as seguintes lógicas: “maus” padres eram aqueles provenientes do Sul da península italiana, sobretudo, os com formação secular, que eram chamados pejorativamente de “napolitanos”, enquanto que os “bons” eram aqueles que haviam se formado nas dioceses do Norte, ou então, em reconhecidos institutos e

²²⁶ ...fui visitar o Pároco do São Brás, pois me disse ser também ele italiano. [...] Não foi difícil encontrá-lo. Estava na sala de entrada sentado sem camisa, com calças longas e brancas, esticado sobre uma espreguiçadeira, fumando cachimbo. ...sobre a mesa, jornais italianos, a ateia "Voz do Povo" do Rio e jornais brasileiros; caixas de fósforos, maços de cigarros, um frasco de vidro com cachaça e um copo. Outra coisa não podia ser! Era napolitano! [...] Entre 8 e 10 anos ele tinha chego, e para a sua sorte, encontrando simpatia do Bispo, recebeu as rendas daquela Paróquia. Digo rendas, porque o seu ministério (e o é da maior parte dos Párcos deste desgraçado país) se limitava quase somente a receber as taxas dos batizados, dos certificados, dos matrimônios, e dos óbitos, ou seja, sepultamentos feitos, quase sempre, sem a sua intervenção. [...] Pobre desgraçado, era o primeiro Sacerdote Italiano que eu encontrava por essas bandas, não imaginei que deste tipo tantos outros depois eu conheceria. COLBACCHINI a SPOLVERINI, Junho de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 145.

²²⁷ Embora pareçam sinônimos, ordem e congregação são diferentes formas de institutos religiosos dentro da estrutura da Igreja Católica Apostólica Romana. A principal diferença reside na natureza dos votos professados pelos seus membros: ordens religiosas geralmente emitem votos solenes, mais austeros, enquanto congregações religiosas emitem votos simples. As ordens religiosas tendem a ter uma estrutura mais antiga, tradicional e rígida, enquanto as congregações são geralmente mais recentes, flexíveis e focadas em atividades específicas. Em resumo, a escolha entre uma ordem e uma congregação religiosa depende das preferências individuais em relação ao estilo de vida, atividades e estrutura religiosa. Além dos jesuítas, como exemplo de ordens pode-se citar os Beneditinos, os Franciscanos e os Dominicanos. Já como exemplo de congregações, além dos Scalabrinianos, tem-se os Salesianos, os Palotinos e os Passionistas.

congregações religiosas. Os “maus” eram alvos de frequentes e duras críticas do grupo de clérigos intransigentes, que por assumirem para si as determinações tridentinas da romanização, se achavam “bons”, e assim no direito e no dever de denunciá-los, acabando por reduzir a questão por meio de uma simples dicotomia Norte/Sul.

Os sacerdotes do Norte eram “bons”, enquanto os do Sul, “maus”. “Bom” e “mau” aqui tem sua definição baseada nas determinações do Concílio de Trento. O clérigo formado e que atuasse segundo essas determinações era classificado como “bom”, ao passo que o outro, aquele que não seguisse plenamente as determinações tridentinas, era “mau”. [...] Sintetizando, parece-nos que a questão foi colocada reduzidamente dentro de um esquema maniqueísta: o padre “bom” contra o padre “mau”. O padre “mau” era o “napolitano” que, mesmo que quisesse, nunca chegaria ao nível do “bom”. O padre pertencente a uma congregação religiosa ou originário do Norte da Itália era normalmente “bom”.²²⁸

Acrescento que essa dicotomia carregava também, ao menos no estudo de caso da personagem que estou operando, um reflexo da divisão que existia na mentalidade dos italianos que viveram o processo do *Risorgimento*. Em várias ocasiões, durante o longuíssimo processo de unificação da península e de criação do Reino Italiano, houve discussões sobre as diferenças e as características das suas regiões setentrionais e meridionais. Por muitas vezes, essas particularidades acabaram por sugerir uma suposta superioridade desta ou daquela região, criando certa rivalidade entre a Alta Itália, formada pelas regiões do Norte, e a Baixa Itália, composta pelas regiões mais ao Sul.

No quesito religião, devido a forte influência dos reinados católicos, principalmente da Áustria, a parte setentrional sempre a reivindicou como uma das marcas de sua imaginada superioridade. Da mesma forma, a fidelidade a “Questão Romana” e o fato do Vêneto e do Trentino terem sido as últimas regiões a serem anexadas ao Reino da Itália favoreciam esse discurso. Defendo, portanto, que Colbacchini vai atrelar também a esses pensamentos as suas declarações etnocêntricas, que por muitas vezes assumiram uma conotação preconceituosa, não só em relação aos clérigos, mas também aos imigrantes de outras regiões da península italiana que vieram se estabelecer no Brasil.

Voltando ao seu itinerário, ao se colocar na presença do Bispo de São Paulo, ele apresentou todas as suas cartas de recomendações adquiridas junto ao alto clero italiano, Vêneto e Romano, e pôs-se a disposição daquela diocese. Segundo seus relatos, a autoridade eclesiástica não teve paciência para lê-las, e o ordenou que fosse chamar o pároco do Brás, de sua confiança, para que este servisse de intérprete. Ainda de acordo com ele, depois da

²²⁸ ALTOÉ, Valeriano. Napolitanos “nuvens de gafanhotos”? In: DE BONI, Luis Alberto (Org.). **A presença italiana no Brasil**. Vol. III. Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996, p. 444 e 445.

chegada do referido padre “napolitano”, em poucas palavras estava tudo resolvido: “*Seppi che mi destinava al servizio di una Colonia Italiana a Monserrate nella Parocchia di Jundhiay. Lo stesso Vescovo mi diede una lettera che io dovevo consegnare a quel Paroco, e con poche parole tutto fu deciso.*”.²²⁹

Colbacchini não cita, em nenhuma de suas cartas, que nesta ocasião tenha sido mencionado sobre as colônias do entorno de Curitiba no Paraná, onde estavam os seus conterrâneos vicentinos, e que era o seu tão almejado destino. Transparece, no entanto, que foi porque não teve oportunidade, ou então, porque não tratar do assunto era realmente uma estratégia naquele primeiro momento, no qual o recém-chegado não queria se indispor com a autoridade episcopal. Eu acredito ter sido a soma das duas coisas, pois defendo que certamente ele já sabia que as paróquias paranaenses pertenciam a Diocese de São Paulo, e por isso se dirigiu exatamente para ela. Inclusive em um trecho da outra carta, já aqui apresentada, ele deixa a entender o porquê de não ter feito nenhuma objeção à ordem do Bispo: “*Il Vescovo mi esibì una capellania di una Colonia di Mantovani a Montserrate. Per necessità accettai, collo scopo di apprendere intanto la lingua ed i costumi di questa gente.*”.²³⁰

Fica subentendido que a necessidade a qual o *bassanese* se refere é a de se manter na dita diocese e, também, de conhecer a realidade de outras colônias italianas antes de se dirigir para os seus na capital paranaense. Também, por este pequeno trecho da carta, é possível detectar o apego a *veneticidade* do investigado, ao deixar claro que aceitou assumir a capelania de uma Colônia de Mantovanos para aprender a língua e os costumes daqueles outros italianos que não tinham a mesma proveniência que a sua. A partir de então, esse aspecto irá aparecer constantemente nos escritos do sacerdote investigado. Minha compreensão, é que esse sentimento de pertença vêneta tenha se aflorado ainda mais nesse momento, devido às alteridades encontradas nas novas trajetórias traçadas pelo sujeito aqui investigado, ou seja, pelo fato dos constantes contatos interétnicos que o mesmo passou a vivenciar.

Depois de se dirigir até Jundiaí, para comunicar a sua nomeação para o dito ajuntamento colonial, e receber o consentimento do pároco local, finalmente ele se dirigiu

²²⁹ Soube que me destinava a serviço de uma Colônia Italiana em Monte Serrat na Paróquia de Jundiaí. COLBACCHINI a SPOLVERINI, junho de 1889. TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 146.

²³⁰ O bispo me ofereceu uma capelania de uma Colônia de Mantovanos em Monte Serrat. Por necessidade aceitei, com o escopo de aprender neste tempo a língua e os costumes desta gente. COLBACCHINI a MANTESE, 18 de fevereiro de 1887. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 22.

para o referido lugar e para aquele que seria o primeiro rebanho de imigrantes que estariam sob o seu pastoreio no Brasil. Assim, ele descreve o encontro com eles:

Era domenica 3 ore dopo mezzodì. Molti coloni stavano rodiando attorno una gran casa che era del padrone della Colonia presso la quale si trovava una venda, diressimo noi osteria. Stavano là raccolti perché in una sala di quella gran casa, resa ad uso di Chiesa, avevano appena recitato insieme il rosário. Al vedermi restarono meravigliati, ma senza mostrar punto di allegrezza; e sì che il Vescovo mi aveva detto che da molto tempo stavano ansiosi di avere un prete.²³¹

Mais uma vez, é perceptível a decepção de Colbacchini nesta sua narrativa em que descreve a sua chegada à primeira colônia para qual ele foi designado como capelão. Porém, além da desconfiança dos colonos, o que mais chama atenção nesta sua descrição são as características da propriedade, que possuía uma casa grande, onde uma das salas estava servindo de capela improvisada, e que nada mais tinha na sua proximidade do que uma venda, que por sua vez, também pertencia ao mesmo dono.

FIGURA 11 – Foto da Casa Grande da Fazenda Monte Serrat em Itupeva – SP²³²



Logo, o clérigo soube que não se tratava de uma colônia independente, mas sim de uma típica fazenda da região, onde por muito tempo o trabalho nas plantações de cana de açúcar e café tinha sido sustentado pela força braçal de africanos escravizados, e que nos últimos anos essa havia sido substituída pelo suor e braços dos imigrantes italianos. Porém

²³¹ Era domingo 3 horas depois do meio-dia. Muitos colonos estavam andando perto de uma grande casa que era do dono da Colônia junto a qual se encontrava uma venda, diríamos uma taberna. Estavam lá recolhidos, porque em uma sala daquela grande casa, que servia de Igreja, tinham acabado de recitar o rosário. Ao me ver ficaram surpresos, mas sem mostrar nenhum sinal de alegria; isto que o Bispo me havia dito que por muito tempo estavam ansiosos para ter um padre. Ibidem, p. 22 23.

²³² Foto de Crossi Neto, Luiz. In: <https://temcidades.com.br/monte-serrat-uma-fazenda-com-muitas-historias/>. Visitado em 13/07/2024.

naquele momento, o que mais inquietava o sacerdote vêneto era a frieza com a qual ele estava sendo recebido, como o mesmo narra também em outra carta:

Restai stupito della loro indifferenza nel vedermi. Nessuno che si accostasse per salutarmi... Uno solo mi si accostò finalmente, un certo Carlo Roveri che faceva da sacrestano alla Capella... Giunsero poi alcuni **Coloni Tirolesi** i quali si mostrarono molto contenti quando seppero che mi sarei fermato alcun tempo con loro; poi vennero altri, e seppi che la freddezza del loro accoglimento era dovuta alla circostanza dell'aver avuto poco prima nella Colonia um Sacerdote di cattiva condotta, e per di più di aver incontrato in altro (quello di Jundhiay) una scandalosa esigenza di denaro, che avevano imparato a diffidare dei Sacerdoti. [...] **Meno pochi Tirolesi, tutti gli altri appartenevano alla Diocesi di Mantova**, buona gente ma ignorante e rozza quanto si può dire. Avevano avuto, nel primo anno della fondazione della Collonia per 9 mesi un sacerdote, che **era diocesano di Vicenza, ma che si era trasferito a Mantova**... Egli non si occupava d'altro che di andare a caccia; diceva la Messa solo alla festa, né s'importava di provvedere alla decenza della Capella e dell'altare. Quei Coloni si trovavano là ristabiliti da 7 anni, e meno che il desiderio, avevano perduta la pratica della religione.²³³

Fiz questão de trazer este trecho de fonte um pouco mais longo, também retirado de uma das cartas escritas por Colbacchini apresentadas até aqui, por ele ser rico em detalhes a serem explorados, pois relata um pouco da percepção do mesmo em relação aos imigrantes italianos da Fazenda Monte Serrat, assim como apresenta indicações sobre a formação do grupo.

Um primeiro fato, relatado por ele, é que a dita comunidade de imigrantes o teria recebido com tanta frieza devido às experiências anteriores que tiveram com “maus” religiosos, e isso os levou a começar a desconfiar de todos os sacerdotes. Ainda segundo o relato, um desses seus predecessores era inclusive seu codiocesano, ou seja, um clérigo também formado pela Diocese de Vicenza. Este havia se dirigido para lá junto dos colonos já no primeiro ano da chegada do grupo àquela fazenda, com a responsabilidade de prestar-lhes assistência espiritual, no entanto ele não cumpria com suas obrigações, descuidando da capela, da realização das missas e dos outros afazeres que a sua função de capelão exigia, pois, segundo depoimentos, ele só se interessava pela caça.

²³³ Fiquei espantado com a indiferença deles ao me ver. Ninguém se aproximou para me cumprimentar... Finalmente, um deles se aproximou, um tal Carlo Roveri, que era o sacristão da Capela... Juntaram-se a ele depois alguns **Colonos Tiroleses** os quais se mostraram muito contentes quando souberam que eu ficaria um tempo com eles; depois vieram outros, e soube que a frieza da acolhida foi devido ao fato de que pouco tempo antes tiveram na colônia um sacerdote de má conduta, e também por terem encontrado em outro (aquele de Jundiai) uma escandalosa exigência de dinheiro, e que assim tinham aprendido a desconfiar dos sacerdotes... Tirando poucos Tiroleses, todos os outros pertenciam a Diocese de Mântova, boa gente, mas ignorante e rude, é o que se pode dizer. Tiveram, no primeiro ano de fundação da Collonia, por 9 meses um sacerdote, que era diocesano de Vicenza, mas que tinha se transferido para Mantova... Ele não se ocupava de outra coisa que ir caçar, rezava a missa somente em dia de festa, nem se importava de prover com decência a Capela e o altar. Aqueles Colonos se encontravam assim já a 7 anos, e além do desejo, tinham perdido a prática da religião. COLBACCHINI a SPOLVERINI, junho de 1889. In: TERRAGNI, G. Op. Cit., p. 146-147.

Nota-se, que apesar de fazer essa constatação, Colbacchini não dirige palavras tão duras e depreciativas para este representante do clero vicentino, evitando inclusive de mencionar o seu nome. Subentende-se que ele faz ‘vistas grossas’ para esta realidade de que um sacerdote formado na mesma diocese que a sua, e que possivelmente ele pudesse ter conhecido, ou até mesmo convivido, fosse um “mau” padre para os imigrantes. Parece, inclusive, que ele procura escapar desta situação, simplesmente afirmando que o tal clérigo havia se transferido para a Diocese de Mântova. Portanto, fica claro por meio desse exemplo, que a lógica da dissociação entre “bons” e “maus” padres, apresentada anteriormente, era um elemento da prática discursiva intransigente, que era usada somente quando este favorecia ao esquema predeterminado, que pretendia exaltar as congregações e ordens religiosas e, sobretudo, no caso do investigado, a sua Diocese de Vicenza.

Outro fragmento do relato que é muito caro para a presente investigação é a informação das procedências regionais dos imigrantes italianos instalados na Fazenda Monte Serrat, localizada na região de Jundiáí, e que atualmente pertence ao município de Itupeva. Antes de qualquer outra análise sobre este assunto, quero apontar para a diferença de tratamento que o padre vêneto, que aqui está sendo analisado, deixa transparecer no escrito apresentado. Fato é que, ele faz questão de informar que os primeiros a se aproximarem dele, e que ficaram contentes em saber que ele ali se instalaria, foram colonos provenientes do Tirol. Enquanto que, ao informar que tirando as poucas famílias tirolezas, a procedência de todos os outros imigrantes ali instalados era Mântova, na Lombardia, define estes outros como “boa gente, porém rudes e ignorantes”.

É nítida a preferência que Colbacchini expressa pelo primeiro grupo em relação ao segundo. Creio que isto se deu por dois motivos: o discurso de autoafirmação do seu próprio sentimento de pertencimento étnico, a *veneticidade*, somado ao fato de que a região da Lombardia se rendeu e foi anexada antes ao Reino Italiano, durante a segunda guerra de independência, em 1859, enquanto que o Tirol continuava pertencendo ao Império Austríaco. Consequentemente, para um representante do discurso intransigente da Igreja, como o sacerdote aqui investigado, os tirolezes haviam absorvido melhor e, consequentemente, possuíam uma prática de fé católica mais romanizada e tridentina do que os mantovanos.

Sabe-se, por meio de outro trecho dessa mesma carta, que os italianos instalados nas dependências da propriedade de Monte Serrat somavam um total de 60 famílias. E que essas eram, portanto, compostas por somente duas procedências regionais, ambas do Norte da Itália, tirolezes e mantovanos, sendo que o número dos que pertenciam a essa segunda origem era

bem maior do que da primeira. Essa conformação do grupo por somente duas procedências, que compunham a totalidade dos colonos da citada fazenda, me levam a pensar em como os mesmos foram recrutados e chegaram até ali. Tudo indica que, a maioria deles partiu unida já da Itália, como um grupo coeso, formado já em suas aldeias de origem na província de Mântova, da Região da Lombardia.

Creio que essa minha afirmação é pertinente, porque de acordo com uma série de estudiosos, entre eles a historiadora Maíra Vendrame, os vínculos de parentesco, de amizade e de vizinhança, consolidados desde o local de partida eram recursos imateriais usados por aqueles que tinham o desejo de emigrar, já que essas relações constituíam a base de uma rede social de apoio mútuo que fortalecia, encorajava e impulsionava a realização da travessia transoceânica definitiva.²³⁴ Para essa realidade também vão apontar os estudos de Franco Ramella, indicando que as relações interpessoais foram responsáveis por compor grupos que emigraram de uma mesma comunidade, que se uniam entorno de laços de parentesco e de outros estreitos vínculos de sociabilidades, para juntos decidir sobre a partida e o destino no além mar. Para esses indivíduos, a companhia dos familiares e parentes, dos vizinhos e conhecidos, ou seja, daqueles que possuíam a mesma origem e passavam por dificuldades semelhantes, formava um elo de solidariedades e conexões que os levaram a emigrar juntos.²³⁵

Defendo que, a criação deste tipo de rede de sociabilidade, que se configurou em um determinado tempo antes da viagem transoceânica, foi algo que ocorreu, sobretudo, com aqueles que partiram já no início do fenômeno da grande emigração que atingiu a península italiana. Ou seja, penso que isso tenha ocorrido, principalmente, com os primeiros grupos de emigrantes de cada zona de saída, que partiram ainda na década de 1870 para seus destinos na América. Acredito que este tenha sido o caso do grupo que veio formar a “colônia” de imigrantes italianos da Fazenda Monte Serrat, composto de famílias mantovanas, pois segundo Colbacchini, que os assistiu espiritualmente a partir de fevereiro de 1885, o agrupamento estava ali fixado já por sete anos, o que corresponde ao início do ano de 1878.

Interessante notar que mesmo os tirolezes, que ali estavam em menor número, também não compunham uma só família, mas sim alguns núcleos familiares, que podem ter sido três, cinco ou até mesmo em torno de dez. Tudo indica, portanto, que mesmo em menor

²³⁴ VENDRAME, Maíra. **O poder na aldeia: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre os camponeses italianos**. São Leopoldo: Oikos; Porto Alegre: ANPUH-RS, 2016, p. 83.

²³⁵ RAMELLA, Franco. “Por un uso fuerte del concepto de red en los estudios migratorios”. In: BJERG, M.; OTERO, H. (Org.). **Immigracion y redes sociales en la Argentina Moderna**. Tandil CEMLA-IEHS, 1995, p. 9-21.

quantidade, já na partida ou em algum outro momento do processo de deslocamento transoceânico, eles também formaram o seu grupo, ou melhor, a sua rede de e/imigração pautada na sua origem regional.

Esta rede de ligação e de emigração formada na Itália, ao chegar no Brasil continuava a existir como uma rede de imigração. O grupo mantinha-se coeso, e se ainda não havia definido anteriormente qual seria o destino comum, passava a tomar esta decisão em conjunto, pois assim desejava permanecer, unido. Nesse momento, no qual na maioria das vezes os imigrantes se encontravam nas hospedarias, recebiam a visita de representantes dos fazendeiros, que lhes ofertavam trabalho e a oportunidade de seguirem juntos. Colbalcchini vai escrever que ele mesmo presenciou essa prática na sua estada em São Paulo:

Nelle *Hospedarias* poi, – come io stesso ho potuto constatare di persona in quella centrale di S. Paolo – quanti non erano i raggiri, le arti, i modi disonesti usati dai mediatori, spesse volte italiani, salariati dai fazendeiros, per accaparrare questo o quel numero di famiglie da trasferire in questa o quella colonia, qualche volta lontana 200, 300 e più chilometri! Dipingevano la fazenda loro proposta, come la migliore di ogni altra; un pezzo di paradiso terrestre. Dicendo loro che acconsentendo di essere colà trasportati, avrebbero finito di patire; che il loro padrone era dei più umani che mai, che anzi sarebbesi a loro mostrato più padre che padrone, che avrebbero trovato colà tutto pronto, case arredate, e provvigioni per tutti i bisogni, che il loro lavoro sarebbe largamente retribuito... Li lusingavano con tante promesse che i poveretti, non ancora riavuti dalle fatiche e dalle sofferenze del lungo viaggio di mare, storditi dalla novità delle cose, nel desiderio e nel bisogno che sentivano di uscire da quella triste incertezza si arrendevano e stipulavano i più dannosi contratti.²³⁶

Penso que assim agiu o Cel. Antonio Leme da Fonseca, fazendeiro proprietário de Monte Serrat, na época em que o personagem histórico aqui investigado atuou como capelão em favor das 60 famílias de imigrantes italianos que lá trabalhavam na plantação de cana de açúcar e café.²³⁷ Acredito que estes colonos que constituíram essa pioneira rede de e/imigração, que foi induzida a se fixar neste imponente empreendimento instalado nas terras

²³⁶ Nas hospedarias – como eu mesmo pude constatar pessoalmente naquela central de São Paulo – quantos não eram os enganos, as artes, os modos desonestos usados pelos mediadores, muitas vezes italianos, contratados pelos fazendeiros para conquistar certo número de famílias para transferir para determinada colônia, muitas vezes distante 200, 300 ou mais quilômetros! Eles descreviam a fazenda proposta, como a melhor de todas as outras; um pedaço de paraíso terrestre. Dizendo para eles que consentindo de ser para lá transportados, parariam de sofrer; que o patrão deles era o mais humano que existia, que ao contrário se parecia mais com um pai do que com um patrão, que lá encontrariam tudo pronto, casas mobiliadas, e provisão para todas as suas necessidades, que o trabalho seria bem retribuído... Os encantavam com tantas promessas que os pobrezinhos, ainda não recuperados do cansaço e dos sofrimentos da longa viagem de mar, iludidos pela novidade das coisas, no desejo e na necessidade que sentiam de sair daquela triste incerteza se rendiam e assinavam os mais danosos contratos. COLBACCHINI, Pietro. Progetto di colonizzazione agricola (1895). In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 587.

²³⁷ CARVALHO, Nilson Cardoso de. A sede da Fazenda Monte Serrate no Município de Itupeva. In: **Revista Abrasp**, nº 4, p.76. Disponível em http://www.asbrap.org.br/documentos/revistas/rev4_art3.pdf. Visitado em 13/07/2024.

de Itupeva, ao manter contato com os parentes e amigos que permaneceram em suas aldeias na província de Mântova, foram também responsáveis pela vinda de outras famílias de italianos provenientes da mesma região e que, posteriormente, se estabeleceram tanto ali, como em outras áreas dos arredores de Jundiaí e do estado de São Paulo.

O início e o desencadeamento dessa cadeia de imigração e a especificidade da formação da região de colonização italiana paulista, contemplando a importância desse grupo pioneiro no processo, é mencionado por Colbacchini em uma de suas correspondências ao Internúncio Francesco Spolverini:

Fu nel 1879 che cominciò la prima Colonia di 60 famiglie mantovane chiamate dal Snr. Antonio Leme di Fonseca e poste a supplire gli schiavi, nella coltivazione del caffè, nella sua tenuta di Monserrate, sulla via Ituana. Subito dopo, il suo esempio venne imitato da pochi altri, ed anche il Governo Provinciale fondò nei pressi della città di S. Paulo le colonie di S. Anna, di S. Gaetano e di S. Bernardo, che in tutte potevano contare 150 famiglie. Solo dopo 5 o 6 anni, quando cioè si temeva della legge dell'abolizione degli schiavi, i proprietari di terre si videro nella necessità di surrogare i coloni italiani agli schiavi nella coltivazione del caffè. Dall'anno 1884 all'anno 1889 vennero nella Provincia nientemeno di 200,000 italiani...²³⁸

Percebe-se, por meio desta narrativa, como se deu o protagonismo e a atuação do grupo pioneiro composto pelas famílias mantovanas e tirolesas de Monte Serrat no desencadear da dita cadeia e/imigratória, que só depois foi fortalecida pela ação governamental. Defendo, portanto, que em todas as fases do fenômeno os seus envolvidos valeram-se das cartas que cruzavam o Atlântico, que serviam como pontes da forte rede de ligação apoiada na procedência comum formada pelos colonos da mesma origem.²³⁹ Ao se comunicarem com os seus parentes e amigos que permaneceram na terra natal, mas que também tinham manifestado o desejo de emigrar, e assim depois o fizeram com a ajuda dos que já haviam se deslocado, não só criou-se, como principalmente, manteve-se uma cadeia de e/imigração que foi fundamental para o desenrolar do processo. Segundo Vendrame:

²³⁸ Foi no ano de 1879 que começou a primeira Colônia de 60 famílias mantovanas chamadas pelo Sr. Antonio Leme da Fonseca e colocadas para substituir os escravos no cultivo do café na sua propriedade de Monte Serrat, nas proximidades da estrada Ituana. Logo depois, o seu exemplo foi imitado somente por poucos, e também o Governo Provincial fundou nas circunvizinhanças da cidade de São Paulo as colônias de Sta. Anna, de São Caetano e de São Bernardo, que em todas contavam-se 150 famílias. Somente depois de 5 ou 6 anos, isso quando surgia a lei da abolição dos escravos, os proprietários de terras perceberam a necessidade de substituir os escravos pelos colonos italianos no cultivo de café. Do ano de 1884 ao ano de 1889 vieram para a Província não menos que 200.000 italianos... COLBACCHINI a SPOLVERINI, 18 de junho de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 171.

²³⁹ Cf. CROCI, Federico. O chamado das cartas: migrações, cultura e identidade nas cartas de chamada dos italianos no Brasil. **Locus: Revista de História**. Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p. 13-39, 2008.

Houve um empenho dos imigrantes no sentido de manter inalteradas as ligações com as pessoas próximas e sustentar identidades comunitárias dos locais de origem. As cartas além de exemplificar o interesse dos indivíduos em promover os reencontros familiares, sugerem a existência de uma mobilidade constante que perdurou durante muitos anos graças à eficiência das redes sociais.²⁴⁰

Particularmente, no caso paulista, como apontam os estudos de Frederico Croci, as “cartas de chamada”, como ele denominou as missivas que eram enviadas pelos imigrantes italianos, com o objetivo de convidar seus familiares e amigos para também se deslocarem para o Brasil, podem ser classificadas como um dos grandes motivos da continuidade da cadeia e/imigratória.²⁴¹ Sendo assim, creio que posso inferir que isso aconteceu de início também na região de Itupeva e, mais especificamente por meio da ação do grupo de colonos mantovanos pioneiros da Fazenda Monte Serrat. Um indício que me leva a fazer essa constatação é o exemplo da vinda dos quatro irmãos Tonolli, imigrantes da referida origem, que chegaram no ano de 1898. Como foi possível constatar:

Vicente Tonolli nasceu em Castellucchio, Mantova, Itália em 1872 e aos 26 anos emigrou para o Brasil, aqui chegando no final de 1898, junto com três irmãos, estabelecendo-se todos em Itupeva, onde, junto à estação da estrada de ferro da Companhia Ituana, montaram casa e armazém. Vicente comprou em 1917 o seu próprio armazém na estação de Monte Serrat e dois anos depois comprou também a Fazenda Monte Serrate.²⁴²

O escrito de Nilson de Carvalho, que fez um trabalho de levantamento de todos os proprietários da Fazenda Monte Serrat, confirma que esses quatro imigrantes de origem mantovana, Vicente Tonolli e seus três irmãos, se estabeleceram em definitivo em Itupeva, onde fixaram moradia e instalaram um armazém. Além de informar que o indivíduo nominado casou-se com uma jovem também imigrante chamada Argia Spina, com quem teve 8 filhos, o autor revela ainda que depois de lucrar com a abertura de seu próprio negócio, montado próximo a estação de trem da localidade, o mesmo adquiriu a Fazenda Monte Serrat, e tornou-se o oitavo proprietário desse grandioso empreendimento no qual o grupo pioneiro, formado pelos seus conterrâneos mantovanos, havia se fixado desde o final da década de 1870.

²⁴⁰ VENDRAME, Maíra. Op. Cit., 84.

²⁴¹ CROCI, Federico. As cartas de chamada: vestígios das redes sociais e familiares transnacionais. In: CARNEIRO, Maria Luiz Tucci; CROCI, Federico; FRANZINA, Emilio (Org.). **História do trabalho e histórias da imigração: trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil. (séculos XIX e XX)**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2010, p. 299-321.

²⁴² Ibidem, p. 78.

Penso, que por meio deste exemplo não seja errado vislumbrar, tirando o fato excepcional de ter se tornado um grande proprietário, que muitos outros colonos com origem na província de Mântova foram diretamente influenciados e convidados pelos primeiros, e também vieram a se estabelecer como empregados nas outras fazendas da região, assim como no seu meio urbano, trabalhando como comerciantes e profissionais liberais, durante as últimas duas décadas do século XIX. Fato é que, Colbalcchini vai afirmar em suas cartas, que além dos colonos estabelecidos em Monte Serrat, a partir de 1885 ele atuou em mais de uma dezena de fazendas naquelas redondezas, nas quais atendia espiritualmente os italianos que nelas estavam instalados.

La mia missione a quella Colonia e ad altre 10 dei dintorni, fu molto benedetta da Dio. [...] Non passava giorno ch'io non predicassi e non facessi Comunioni. Un'anno e mezzo passai colà, con molto incomodo per mia parte, perché sia per l'alloggio che per il vitto, appena avea le cose necessarie, e mi toccava passar la vita con quella gente rude e testereccia che sono i Mantovani. Per le colonie di fuori (che tutte visitava di tre in tre mesi) meno in due i cui proprietari avevano gusto della mia opera, dovea fare il bene per forza. Era, il mio, uno stato precario che non potea continuare. Non potea costituire una vera missione adatta ai bisogni di tanta gente, perché dovea stare al capriccio di Padroni i quali non aveano la maggior parte altra religione da quella del denaro.²⁴³

Por este outro trecho escrito por Colbacchini, no qual descreve como se deu suas trajetórias em terras paulistas, percebe-se mais uma vez a forma pejorativa com que ele se refere aos mantovanos, classificados por ele como “gente rude e difícil”. Outro fato, que chama bastante a atenção nesse relato, é a sua afirmação de que poucos fazendeiros viam com bons olhos a sua atuação missionária. Esta realidade, o levará a afirmar em seu “*Progetto di colonizzazione agricola*”, escrito para as autoridades italianas em 1895, que “*non sarebbe mai da consigliare all'emigrante italiano di vincolarsi come salariato nelle colonie soggette ai fazendeiros brasiliani*”.²⁴⁴

Apesar do pouco tempo que permaneceu junto às áreas de colonização italiana em São Paulo, pode-se imaginar que seu trabalho foi intenso, pois nesse período ele viveu uma

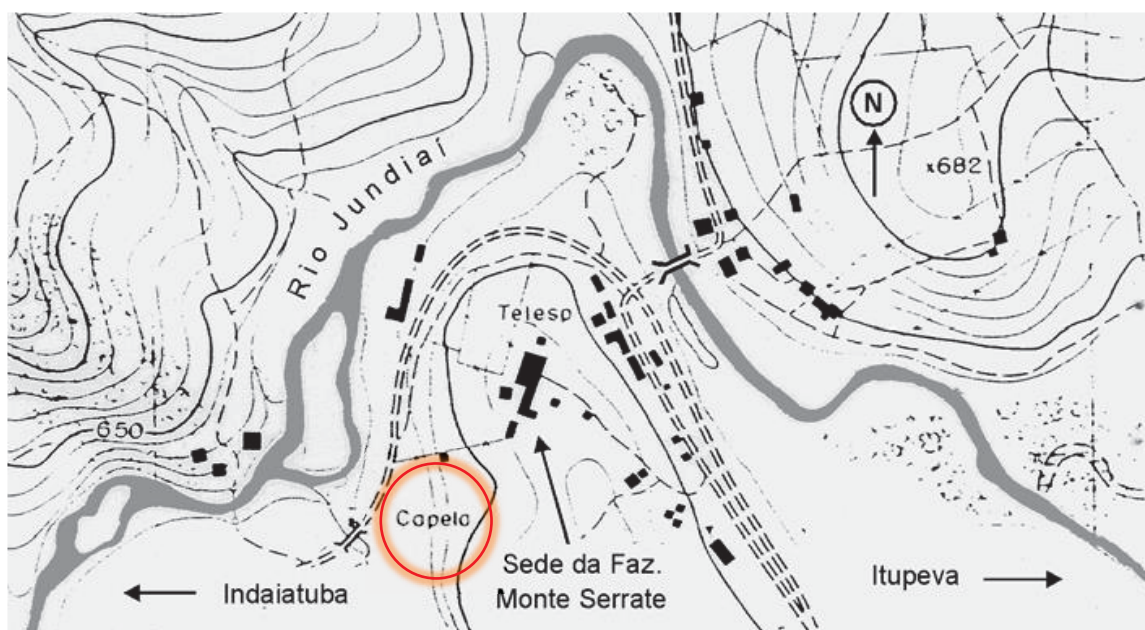
²⁴³ A minha missão naquela Colônia, e nas outras 10 do entorno, foi muito abençoada por Deus. [...] Não passava dia que eu não pregasse e não servisse a Comunhão. Um ano e meio vivi lá, com muito incômodo de minha parte, porque seja para a acomodação que para a alimentação, apenas tinha as coisas necessárias, e assim eu devia viver com aquela gente rude e difícil que são os Mantovanos. Para as colônias de fora (que todas eu visitava de três em três meses) menos em duas nas quais os proprietários se agravam do meu ministério, devia fazer o bem por força. Meu estado era precário que eu não podia continuar. Não podia constituir uma verdadeira missão eficaz para tanta gente, porque devia estar sob os caprichos dos Patrões, os quais a maior parte não tinham outra religião do que aquela do dinheiro. COLBACCHINI a MANTESE, 28 de fevereiro de 1887. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 23.

²⁴⁴ Não seria mais de se aconselhar ao emigrante italiano de vincular-se como assalariado nas colônias pertencentes aos fazendeiros brasileiros. COLBACCHINI, Pietro. Progetto di colonizzazione agricola (1895). In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 599.

espécie de isolamento, pois esteve dedicado somente à missão, não elaborando nenhum tipo de produção escrita. Nem mesmo se tem exemplares de cartas emitidas por ele durante esta fase, tanto que as informações sobre as suas experiências em terras paulistas, que como se vê foram marcantes, estão descritas somente nas missivas e relatórios que ele escreveu posteriormente, a partir do final de 1886, ano no qual finalmente consegue se dirigir em definitivo para o Paraná.

Contudo, a imigração italiana no estado de São Paulo, em particular a mantovana, e as trajetórias do missionário vêneta já haviam se entrelaçado, e esse fato deixou marcas em ambos, como se pode perceber pelo mapa da Fazenda Monte Serrat, no qual é possível notar que anos mais tarde lá estava e era mantida, nas proximidades da casa grande, uma capela, certamente construída também por influência da passagem e da pregação do padre Colbacchini.

FIGURA 12 – Mapa da Localização Cartográfica da Fazenda Monte Serrat²⁴⁵



Entre o final de março e início de abril de 1886, após passar pouco mais de um ano consecutivo em Monte Serrat, e se dar conta de que as experiências nas fazendas da região de Jundiá já haviam lhe transmitido alguns dos ensinamentos dos quais ele tinha almejado, e que nada mais poderia ser feito para melhorar o atendimento das necessidades espirituais daqueles italianos, que como ele ficavam lá estagnados, pois se vivia na dependência da vontade dos

²⁴⁵ Mapa da Localização Cartográfica da Fazenda Monte Serrate no início do século XX. Arquivo do Instituto Cartográfico de São Paulo.

fazendeiros, que não eram muito apegados à religião, Colbacchini entendeu que, finalmente, havia chegado a hora de se dirigir para junto dos seus conterrâneos no Paraná.

Anche prima di partire da Italia avea in mente il Paraná; sapea che là doveano trovarsi molti nostri condiocesani; il mio desiderio era sempre a loro volto. Vedendo che oramai il Vescovo mi ponea fiducia, appresa alquanto la lingua e accostumato al clima, esposi il mio disegno al Vescovo, il quale lo approvò con molta allegrezza, aggiungendomi che nel Paraná era grande il bisogno di nuovi preti, e che le Colonie erano tutte sprovvedute.²⁴⁶

3.2 O cruzamento de duas trajetórias: uma rede de e/imigração italiana no Paraná e um missionário vêneta nos arredores de Curitiba

Conforme fica evidenciado pelo seu título, este subcapítulo foi destinado a investigar como se deu parte do processo da formação e ocupação da Região de Colonização Italiana do Paraná. Especificamente, pretendo analisar as particularidades existentes na constituição desse espaço sócio geográfico, e como essas especificidades atraíram a vinda do missionário que aqui está sendo biografado, cujas trajetórias estão entrelaçadas com o fenômeno conhecido como “Grande Emigração”, por meio do qual uma significativa parcela da população da península itálica, sobretudo vêneta, deslocou-se para o Brasil durante o último quartel do século XIX.

Em conjunto, almejo compreender o itinerário de instalação e as características de alguns integrantes do grande grupo de conterrâneos de Colbacchini, aqueles que foram recrutados por outro sacerdote, Don Angelo Cavalli, nos arredores de Bassano Veneto, e que de lá partiram e chegaram às terras paranaenses no final de 1877. Para isso, valendo-me da metodologia da microanálise, foi necessário afastar as lentes de investigação do sujeito que aqui é o objeto de estudo, para ir reaproximando aos poucos, podendo perceber por meio das diferentes escalas analisadas alguns detalhes das trajetórias de ambos, ou seja, da dita rede e/imigrante e da inserção na mesma do clérigo que aqui é investigado, enfim seus cruzamentos e entrelaçamentos.

²⁴⁶ Mesmo antes de partir da Itália tinha em mente o Paraná; sabia que lá deviam estar muitos dos nossos codiocesanos; o meu desejo esteve sempre voltado para eles. Vendo que o Bispo já tinha confiança em mim, aprendida a língua e me acostumado com o clima, expus o meu projeto para o Bispo, o qual o aprovou com muita alegria, acrescentando que no Paraná era grande a necessidade de novos padres, e que as Colônias estavam todas desprovidas. COLBACCHINI a MANTESE, 28 de fevereiro de 1887. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 23.

A política imigratória da jovem província do Paraná, cujo governo se emancipou de São Paulo somente no ano de 1853, preocupou-se em promover a atração de famílias estrangeiras, principalmente europeias, para que aqui instaladas, além de ocupar o território e participar do projeto que almejava o branqueamento da população brasileira, pudessem se dedicar a produção agrícola de gêneros alimentícios.²⁴⁷ Com essa intenção, o solo paranaense passou a atrair pequenos proprietários que, por meio da obtenção de um pedaço de terra, desejavam abandonar definitivamente a Europa para iniciar uma nova vida na América, como foi o caso de muitos camponeses da região do Vêneto.

Voltando o olhar para essa região de origem, especificamente para as cidades que compõem a Zona Bassanese²⁴⁸, que compreende também o Canal do Brenta, na Província de Vicenza, entre as principais causas que levaram os camponeses a desejar partir de suas pequenas propriedades estão as crises agrícolas da produção do tabaco e da seda. A primeira se deu a partir da década de 1870, por conta da concorrência com os latifúndios e, conseqüentemente, devido aos baixos preços pelo qual o produto passou a ser ofertado por essas outras regiões que possuíam grandes propriedades.²⁴⁹ A segunda, foi acarretada por fatores climáticos e pragas nas plantações de amoreiras, que levaram os produtores a eliminarem suas plantas e desistirem da criação do bicho da seda, e assim encerrarem a atividade das pequenas fábricas domésticas de fiação, que garantiam trabalho para as mulheres e crianças e, principalmente, uma renda a mais para as famílias daquela microrregião.²⁵⁰

Além das crises agrárias, ocasionadas pelas intempéries climáticas e a falta de terras aptas para diversificar e ampliar a produção, os agricultores dessas áreas pedregosas e montanhosas tinham sua situação financeira agravada por conta do aumento, não só do valor, mas também do número, das cargas tributárias cobradas pelo recém-instaurado estado

²⁴⁷ BALHANA, Altiva P.; MACHADO, Brasil P. e WESTPHALEN, Cecília M. **História do Paraná**. 1º vol. Curitiba: GRAFIPAR, 1969, p. 162, e; NADALIN, Sérgio Odilon. **Paraná: ocupação do território, população e migrações**. Curitiba: SEED, 2001, p. 74.

²⁴⁸ O raio geográfico que estou considerando como Zona Bassanese, engloba além das 15 *comunes* que oficialmente integravam o seu distrito (Bassano, Campolongo, Cartigliano, Cassola, Cison, Mussolente, Pove, Romano d'Ezzelino, Rosà, Rossano, San Nazario, Solagna, Tezze, Valrovina e Valstagna) algumas outras cidades que eram influenciadas por Bassano Veneto, enquanto centro socioeconômico dessa microrregião, da quais posso citar como exemplo Arsìe, Borso del Grappa, Campese, Lusiana, Marostica, Nove, Pianezze, Salcedo, etc.

²⁴⁹ CUCCHINI, Chiara. Op. Cit., p. 43-54.

²⁵⁰ LAZZARINI, Antonio. **Campagne venete ed emigrazione di massa (1866-1900)**. Vicenza: Istituto per le ricerche di storia sociale e di storia religiosa, 1981, p. 159-163.

italiano.²⁵¹ Isso se deu pelo fato de que a política do novo governo, no intuito de conquistar o apoio das classes burguesas e mais abastadas, favoreceu a indústria e os latifúndios, em detrimento das necessidades dos pobres das aldeias camponesas.

Diante desse contexto, fica fácil compreender as causas econômicas que levaram os pequenos proprietários e arrendatários a serem os primeiros a desejarem emigrar em busca de novas terras no além mar. Para melhor ilustrar essa situação e apresentar a proporção do problema que esses agricultores enfrentavam, assim como citar alguns exemplos das cobranças impostas pelo governo italiano a esses camponeses, trago um trecho do estudo elaborado por Chiara Cucchini:

Durante l'ultimo período di dominazione austriaca i veneti pagavano già tasse in proporzione maggiore rispetto alle altre parti dell'Impero. Passati all'Italia, speravano che nel nuovo stato il carico tributario sarebbe diminuito. Invece lo squilibrio continuò. Lombardia e Veneto avevano un'imposta erariale fra le più alte, i cui effetti negativi ricadevano soprattutto sulla piccola proprietà, che si trovava schiacciata fra l'obbligo di pagare i tributi da un lato e la scarsità di reddito dall'altro. C'era poi la tassa sulla macellazione dei suini che limitava il già esiguo apporto proteico all'alimentazione del contadino costituita quasi esclusivamente di mais. L'alto prezzo del sale spingeva la popolazione rurale a non usarlo, nemmeno sulla polenta, pietanza che costituiva l'elemento fondamentale e quasi unico dell'alimentazione del contadino e che era comunque colpita anch'essa da una tassa, quella sul macinato, detta anche "tassa sulla polenta" o più eloquentemente "tassa sulla fame".²⁵²

A citada autora salienta que a alta cobrança de tributos prejudicava e empobrecia, sobretudo, os pequenos proprietários, cuja porção limitada de terra que possuíam não estava fornecendo um rendimento capaz de arcar com a obrigação de efetuar esses pagamentos e também de sustentar o grupo familiar que dela dependia. Segundo Cucchini, entre as cobranças que mais atingiram os camponeses da área bassanesa estavam a taxa sobre o abate dos suínos, cuja carne era muito utilizada no preparo de embutidos, como também aquela feita sobre a moagem, conhecida como *macinato*. De acordo com Trento, o não pagamento deste

²⁵¹ ALVIM, Zuleika M. F. **Brava Gente! Os italianos em São Paulo (1870-1920)**. Brasiliense: 1986, p.22, e; POSSAMAI, Paulo César. **"Dall'Italia siamo partiti: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945)**. Passo Fundo: UPF, 2004, p. 43.

²⁵² Durante o último período de dominação austríaca os vênets pagavam já taxas em proporção maior em relação às outras partes do Império. Passando a pertencer à Itália, esperavam que no novo estado a carga tributária diminuísse. Porém, o desequilíbrio continuou. Lombardia e Vêneto tinham uma cobrança de impostos entre as mais altas, cujos efeitos negativos recaíam, sobretudo, sobre a pequena propriedade, que se encontrava esmagada entre a obrigação de pagar os tributos por um lado e a escassez de renda do outro. Estava vigente a taxa sobre o abatimento dos suínos que limitava o já exíguo aporte proteico na alimentação do camponês constituída quase que exclusivamente de milho. O alto preço do sal obrigava a população rural a não usá-lo, nem mesmo na polenta, prato que constituía o elemento fundamental e quase único da alimentação do camponês e que também era atingido por outra taxa, o da moagem, dita também "taxa sobre a polenta", ou mais eloquentemente, "taxa sobre a fome". CUCCHINI, Chiara. Op. Cit., p. 49.

último tributo podia resultar inclusive na perda da posse terra, tanto que o governo italiano confiscou 61.831 pequenas propriedades entre os anos de 1875 a 1881, e no período de 1884 a 1901, mais 215.759 delas foram retiradas das mãos dos pobres camponeses.²⁵³

A situação se agravava bastante, pois a base da alimentação dessa população campesina era a polenta, que geralmente era preparada com a farinha do milho plantado em suas próprias terras, mas que obrigatoriamente precisava passar pela moagem. Não podendo realizar esse processo, por conta do pagamento do pesado tributo, o camponês estava de fato condenado a ficar sem sua principal fonte de sustento alimentar, por isso usava da expressão “taxa sobre a fome”. O contexto de calamidade não isentava nem aqueles que conseguiam arcar com essa cobrança, pois mesmo não ficando sem se alimentar graças à polenta, sofriam por conta da falta de outros nutrientes básicos para manter boas condições de saúde.

A dieta restrita, composta quase unicamente da farinha de milho, era a principal causadora da pelagra, cujos sintomas característicos eram diarreia, dermatite, demência, delírios e distúrbios motores e sensoriais. Segundo dados informados pelo jornal *La Gazzeta di Treviso*, publicado em março de 1885, “no Vêneto, em 1879 existiam 29.800 pelagrosos; em 1881, chegaram a 55.983. Em toda a Itália os pelagrosos, em 1879, eram de 97.855; em 1881, 104.000”.²⁵⁴ Fica evidente por meio desses dados, que a região do Vêneto era a mais atingida de toda a península, chegando a ter no início da década de 1880 mais da metade dos casos da doença que acometia toda a nação. Isso explica o porquê de na língua de imigração, que é mantida até hoje nas regiões de colonização italiana no Brasil, onde há a preponderância de famílias de origem vêneta, a palavra ‘pelagra’ seja usada como sinônimo de miséria e escassez.²⁵⁵

Creio que esses exemplos, definidos como promotores das crises econômicas e sanitárias que atingiram muitos emigrantes no período de partida, ilustram muito bem qual era a situação de luta pela sobrevivência enfrentada pelos camponeses que viviam na citada região setentrional da Itália. Esse cenário é revelador e aponta para alguns dos motivos que fizeram muitos desejarem abandonar suas terras de origem, especificamente na microrregião do entorno de Bassano. Esta área se caracteriza como sendo de montanha e pé de montanha na qual as terras, por serem muito inclinadas e de solo pedregoso, eram de difícil acesso e não permitiam todos os tipos de cultivo, além do fato de que as propriedades possuíam proporções

²⁵³ TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico**. São Paulo: Nobel, 1988, p. 31-32.

²⁵⁴ *La Gazzeta di Treviso*, 24-25/03/1885, p.2. In: SANTOS, Roselys Izabel Correa dos. Op. Cit., p.132.

²⁵⁵ STAWINSKI, Alberto Vitor. **Dicionário do dialeto Vêneto Sul-Rio-Grandense-Português**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Caxias do Sul: Educ, 1987, p. 165.

muito pequenas e, conseqüentemente, diminutas áreas eram apropriadas para a produção agrícola.

No entanto, é preciso analisar, assim como já apontou o historiador Emilio Franzina, que os primeiros vênets que se aventuraram na realização da emigração definitiva para a América, que se deu a partir de meados da década de 1870, tiveram as condições para fazê-lo, portanto não haviam sido vítimas das piores calamidades causadas pelo difícil contexto que atingia a região.²⁵⁶ Ou seja, não tinham sido atingidos por completo pelo empobrecimento econômico causado pelo auge da crise no campo.

O que desejo afirmar, é que os pequenos proprietários, incluindo a maioria daqueles pertencentes ao grande grupo recrutado por Don Angelo Cavalli, que partiram dos arredores de Bassano na Província de Vicenza em 1877, se tornaram os pioneiros do fenômeno na referida microrregião, exatamente porque se anteciparam ao processo de crise econômica que os levaria a ruína. Ao identificarem esse perigo eminente, eles se valeram dos privilégios que ainda possuíam para escapar do agravamento do problema. Assim, a soma constituída pelo ter e aceitar a orientação do referido sacerdote recrutador e, principalmente, pelo possuir como arcar com os custos da viagem do núcleo familiar, resultou nas condições necessárias para abraçar o deslocamento transoceânico como uma oportunidade, que para alguns era a única solução para fugir do contexto de crise.

O principal fator de atração que incentivou essa tomada de decisão certamente foi a propaganda da existência de terras em abundância na América, em particular no Brasil. Diante do anseio da posse de um amplo pedaço de terra no além mar, muitos optaram por vender as suas pequenas propriedades e tudo mais que possuíam de valor, heranças que tinham recebido de seus antepassados, para poder pagar a passagem de suas famílias. Era no Novo Mundo que eles desejavam reconstruir suas vidas, propriedades e aldeias, e alcançar novamente a sensação de liberdade que por séculos os fez viver e permanecer naquela porção do Vêneto, e assim se ver livres do estado de miséria que era inevitável se ali permanecessem.

Ao lado desses fatores econômicos e sanitários, que contribuíram para desestruturar a sensação de independência desses camponeses, essa parcela da população também vivia um choque de mentalidades. As populações do campo se depararam com uma nova conjuntura advinda não só do capitalismo, mas também do pensamento liberal, que sacudiu com as estruturas que até então pautavam muitos dos aspectos da vida social das comunidades rurais. A forte ligação que possuíam com a tradição católica, sobretudo por meio do modelo

²⁵⁶ FRANZINA, Emilio. Op. Cit., p. 216 e s.

tridentino e do campanilismo, que era vigente naquelas aldeias, misturou-se com os ideais de liberdade e justiça, que também eram pregados pelo citado representante do baixo clero, tornando a insatisfação social e a consciência religiosa fatores que muito contribuíram com o fenômeno emigratório.

Fato é que, os pequenos proprietários não possuíam uma organização civil e política que tivesse força perante as autoridades governamentais, pois nunca haviam precisado se preocupar com isso, já que sempre tiveram como seus representantes e mediadores os clérigos das suas igrejas locais. Viviam-se em uma sociedade totalmente permeada de um espírito religioso, na qual o catolicismo ditava a moral e a ética social, fazendo com que a população confiasse às estruturas eclesiais tarefas que iam além do cuidado das almas, pois também eram de ordem civil, administrativa e, em muitas das vezes, política.²⁵⁷ Os sacerdotes católicos, principalmente os do baixo clero, apesar de serem considerados pelos seus fiéis como líderes intelectuais, sociais e políticos, e assim atuarem na prática, tinham um poder somente local, ou seja, muito limitado e restrito.

Diante dessa realidade, na qual os trabalhadores do campo, mesmo não aceitando a grande injustiça da qual eram as vítimas, não tinham como promover uma “revolução” para mudar a situação, a solução encontrada foi partir para reconstruir em outras terras o modelo de sociedade ao qual queriam pertencer. A “revolta” desses camponeses foi externalizada pelo corajoso ato que tiveram de optar pela emigração definitiva para a América. Sobre esse papel assumido pelo fenômeno, Grosseli vai inferir que:

A moral camponesa era a moral católica do “dá a César o que é de César”, do “ama teu próximo como a ti mesmo”. E a Igreja tinha ensinado ao camponês a não rebelar-se, porque isto sintonizava com os seus dogmas, substancialmente pacifistas e não violentos... Os camponeses europeus emigraram porque a sociedade em que viviam tinha assumido ou estava assumindo características tais que não mais permitiam a sobrevivência de formas de vida e de valores que tinham sido os deles durante séculos.²⁵⁸

O referido historiador transmite exatamente essa ideia, de que o discurso católico ao conter uma possível revolta dos camponeses colaborou com o desencadear do fenômeno emigratório no Norte da Itália. Se compreendido como a negação da nova proposta de sociedade, e uma reafirmação da escolha do modelo tradicional anterior, mas que só podia ser reconstruído em outro contexto geográfico, o êxodo vêneto pode ser considerado como uma

²⁵⁷ GROSSELI, Renzo M. **Vencer ou morrer:** camponeses Trentinos (Vênetos e Lombardos) nas florestas brasileiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987, p. 15.

²⁵⁸ Ibidem, p. 17.

forma de “revolução” silenciosa e duradoura promovida pelos camponeses. Esses camponeses ansiavam que o seu modelo de sociedade tradicional poderia ser refeito tendo como base os pilares que os haviam sustentado por gerações, que formava o tripé constituído pela terra, família e, sobretudo, catolicidade, que por séculos tinham bastado para promover o modo de ser dessas microssociedades rurais vênetas.

Defendo que essa era a esperança das famílias que foram recrutadas pelo clérigo Angelo Cavalli na Zona Bassanese, o de reconstruir do outro lado do Atlântico uma sociedade onde poderiam manter suas tradições ligadas a religião, ao mesmo tempo em que teriam a liberdade de viver por meio do trabalho familiar em seu próprio pedaço de terra, independente dos “patrões” e dos altos impostos ao qual estavam sendo obrigados a se submeter. Diferentemente de Pietro Colbacchini, que como vimos anteriormente, possuía um entendimento de que os camponeses pertenciam a uma classe que devia ser conduzida, ficando na dependência paternalista dos grandes proprietários e donos das terras, o padre Cavalli, acreditava e estimulava os camponeses a buscar a independência e a liberdade, mesmo que para isso precisassem cruzar o oceano definitivamente.

Certamente, essa diferença de pensamento se dava porque o primeiro pertencia a uma minoria que formava a elite burguesa e urbana de Bassano Veneto, enquanto que o segundo, além de representante do baixo clero, provinha de uma família de agricultores da montanhosa comuna de Valstagna, no Canal do Brenta. Com isso, quero inferir que a origem de Angelo Cavalli e a sua identificação com o processo de empobrecimento dos seus familiares e aparentados, assim como dos fiéis que frequentavam a sua igreja em Oliero, localidade na qual ele era pároco desde 1871, foram fatores que legitimaram o seu papel de recrutador de emigrantes naquela microrregião.²⁵⁹ Ao saber da sua proveniência, e de que além dos seus próprios familiares, ele mesmo iria emigrar a fim de assistir espiritualmente os seus conterrâneos na América, aqueles que estavam intencionados a partir tiveram um impulso ainda maior para realizar tal empreitada, pois organizaram seu deslocamento em torno da figura de um religioso, que era considerado um legítimo líder e mediador, tanto espiritual quanto social.

Dessa forma, pode-se compreender o porquê de muitas famílias terem se alistado como emigrantes por meio dos esforços de recrutamento do referido sacerdote, que não só atuava, mas também tinha sua origem familiar e social naquela região. Alguns autores, como Deliso Villa, o qual já foi citado anteriormente, chegam a mencionar um total de dois mil

²⁵⁹ CUCCHINI, Chiara. Op. Cit., p. 55 e ss.

indivíduos que aderindo a sua proposta deixaram suas aldeias e vieram para o Brasil, mais especificamente para o Paraná: “Nel 1877, su iniziativa di Don Angelo Cavalli, parroco di Oliero, partono 200 famiglie reclutate nella vallata del Brenta, Enego e Marostica. Partono per il Brasile circa 2.000 contadini della zona. Partono soprattutto vicentini e trevisani, a gruppi, a centinaia.”²⁶⁰

Sobre a vinda desse grande grupo, a atuação do citado padre recrutador e representante do baixo clero, Pietro Colbacchini, que como já apresentei deixa indícios de ter acompanhado o acontecimento que se deu nos arredores de Bassano, mesmo que apenas de longe e sem nenhum tipo de envolvimento imediato, parecendo estar numa espécie de inércia causada pela sua bolha social, só bem posteriormente vai expressar sua opinião:

Nel 1877 molte migliaia di italiani sparpagliaronsi nelle suddette Province, e per la prima volta in quella del Paraná. Là giunsero 800 famiglie circa, quasi tutte venete, capitanate da un Sacerdote Padovano, D. Angelo Cavalli, che poi coi suoi mali diportamenti disonorò la missione che si aveva usurpata. A quelle 800 famiglie si congiunsero poi altre negli anni successivi, fino a giungere alla cifra di circa 10.000 gli italiani ora domiciliati in Paraná.²⁶¹

Este trecho é muito instigante para a presente pesquisa, pois nele Colbacchini, apesar de reconhecer o grande trabalho realizado por Angelo Cavalli, afirma que este desonrou a missão a qual se propôs, por isso é que faz questão de escrever que se trata de um sacerdote padovano, ou seja, ligado a outra diocese que não a sua, ainda que aquela também se localizasse no Vêneto. Essa citação me despertou o desejo de investigar sobre as trajetórias do grupo e de seu recrutador, e o porquê o padre vicentino aqui biografado, que expressa uma mistura de admiração e reprovação, considera que o primeiro não realizou a contento o pastoreio de seus conterrâneos. Mais ainda, acredito que a ação de Cavalli gerou uma espécie de ciúme que foi um dos motivos que fez com que o padre bassanese desejasse imitá-lo, ou até mesmo substituí-lo na dita missão, passando a nutrir por muito tempo um enorme anseio, que só posteriormente veio a se concretizar, que era o de emigrar para atender espiritualmente exatamente aquele grupo de emigrantes.

²⁶⁰ No ano de 1877, pela iniciativa de Pe. Angelo Cavalli, pároco de Oliero, partem 200 famílias recrutadas às margens do Brenta, Enego e Marostica. Partem para o Brasil, cerca de 2000 camponeses dessa zona. Partem, sobretudo, vicentinos e trevisanos, em grupos, em centenas. VILLA, Deliso. Op. Cit., 1999, p. 23 e 24.

²⁶¹ No ano de 1877 muitos milhares de italianos espalharam-se nas chamadas Províncias, e pela primeira vez naquela do Paraná. Lá somaram cerca de 800 famílias, quase todas vênetas, capitaneadas por um Sacerdote Padovano, Don Angelo Cavalli, que depois com os seus maus comportamentos desonrou a missão que tinha usurpado. À aquelas 800 famílias se juntaram depois outras nos anos sucessivos, até atingir a cifra de cerca 10.000 italianos agora domiciliados no Paraná. COLBACCHINI a SPOLVERINI, 18 de junho de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 171.

Em busca de fragmentos que confirmem essas hipóteses é que procurei reconstruir um pouco do itinerário de parte do grupo emigrante organizado pelo ex-pároco de Oliero no Canal do Brenta. Para iniciar, apresento partes da narrativa que compõe o já citado escrito do emigrante Giulio Lorenzoni, proveniente de *Villaraspa di Mason*, uma fração da comune de Marostica, que foi uma das localidades onde o padre Cavalli atuou. Este autor, que tinha 14 anos de idade em 1877, foi testemunha ocular de como se deu o processo de recrutamento operado pelo citado sacerdote, e nos narra:

...si propagò nel nostro paesetto la voce, che parecchie famiglie del Distretto di Bassano... erano venute nella determinazione di emigrare pel Brasile, [...] seppe anche, che a Campese, paesetto situato lungo il Canale del Brenta, un prete, certo D. Angelo Cavalli, era agente del Sig. Clodomiro di Bernardis, di Genova... colle istruzioni per alistare il maggior numero di famiglie possibile. ...tre o quattro capi famiglia del luogo si portano a Campese, in visita al D. Cavalli ...appena due settimane dopo, il signor D. Angelo Cavalli, giovane intelligente e pieno di vita, arriva improvvisamente in paese... pel il giorno dopo organizza la prima riunione, alla quale parteciparono oltre cinquanta persone. [...] Non saprei descrivere quali e quante non furono le domande dirette da que' buoni contadini in quell'occasione al prete Cavalli e quanto a tutti dava una risposta esatta e convincente. ...tutti coloro che ad essa avean preso parte si trovavano in uno stato di eccessiva esaltazione, veramenti fanaticizzati. Le riunioni si succedettero quindi di mese in mese e quel prete era divenuto l'idolo di tutta quella gente, disposta a tutto sacrificare per far festa al **nuovo salvatore**, nome con cui alcuni lo distinguevano. [...] diceva... che il nostro destino sarebbe stato a Morretes nella Provincia di Paraná; che a Morretes i lotti erano tutti demarcati, ciascuno colla rispettiva casa, pronta la Chiesa, il locale per la scuola, il medico ecc. ecc ...quasi tutti si decisero a voler ad ogni costo emigrare dando subito principio a vendere proprietà, animali, mobili, insomma tutto quanto possedevano... Nessuno più lavorava la terra riservandosi di farlo quando fosse arrivato nel nuovo mondo... inutile si tornava qualunque sforzo per smuoverli dal fermo proposito. Tutti ad una voce rispondevano: **vogliamo emigrare... basta di miseria.**²⁶²

²⁶² ...se propagou no nosso lugarejo o boato que várias famílias do Distrito de Bassano [...] estavam determinadas a emigrar para o Brasil, [...] soube-se também, que em Campese, lugarejo situada ao longo do Canal do Brenta, um padre, certo D. Angelo Cavalli, era agente do Sr. Clodomiro di Bernardis, de Gênova ...com instruções para alistar o maior número de famílias possível. ...três ou quatro chefes de família locais se dirigem até Campese, para visitar D. Cavalli ...apenas duas semanas depois, o senhor D. Angelo Cavalli, jovem inteligente e cheio de vida, apareceu improvisadamente em nossa aldeia... para o dia seguinte organiza a primeira reunião, na qual participaram mais de cinquenta pessoas. [...] Não saberia descrever quais e quantas foram as perguntas feitas por aqueles bons camponeses naquela ocasião ao padre Cavalli e como a todos dava uma resposta exata e convincente. ...todos aqueles que participaram se encontravam em um estado de excessiva exaltação, verdadeiramente fanáticos. Então as reuniões se sucederão de mês em mês e aquele padre se transformou em ídolo de toda aquela gente, disposta a tudo sacrificar para realizar-se junto ao seu **novo salvador**, nome com o qual alguns o distinguíam. [...] dizia [...] que o nosso destino haveria de ser Morretes, na Província do Paraná; que em Morretes os lotes já estavam todos demarcados, cada um com a respectiva casa, a Igreja pronta, o local para a escola, o médico, etc. e etc. [...] quase todos se decidiram por querer a qualquer custo emigrar iniciando rapidamente a vender propriedades, animais, móveis, em suma tudo aquilo que possuíam [...] inútil se tornava qualquer esforço para tirá-los do firme propósito. Todos a uma voz respondiam: queremos emigrar... chega de miséria. (Grifos meus e tradução minha da versão original em italiano transcrita por Franzina, 2000, p. 250-252). LORENZONI, Julio. Op. Cit., p. 15-17.

A descrição desta fonte testemunhal, que apresenta inúmeros detalhes, dispensa maiores comentários. Cabe-me somente salientar, o fato de que o lugar de destino do grande agrupamento de emigrantes, que estava sendo organizado pelo referido padre, que estava sendo considerado como o ‘novo salvador’ por parte daqueles que ansiavam emigrar para dar um basta à situação de miséria, já era conhecido antes mesmo do embarque.

No mais, a narrativa de Lorenzoni serve para confirmar vários dos apontamentos inferidos anteriormente, assim como outros que faço na sequência desta investigação sobre a referida rede e/imigratória que se originou nos arredores de Bassano, e que atraiu o olhar de Pietro Colbacchini, despertando também nele o desejo de partir ao encontro de seus conterrâneos que haviam rumado para a América.

Ainda por sua obra, sabe-se que Giulio Lorenzoni, acaba por não vir para Morretes, emigrando com sua família para a região de colonização italiana do Rio Grande do Sul, estabelecendo-se no núcleo colonial de Silveira Martins no início de 1878. Entre os emigrantes recrutados por Don Angelo Cavalli que de fato vieram para o Paraná, pois têm seus nomes na lista dos 730 que chegaram junto com ele nos dias 15, 16 e 17 de novembro de 1877 no porto de Paranaguá, ou então, que lá desembarcaram poucos meses antes ou depois, foi possível identificar a origem de duas centenas deles.

Ao cruzar essas informações com as fornecidas pelos assentos paroquiais das localidades de destino pode-se confirmar a procedência da Zona Bassanese, como também observar os graus de parentescos e vizinhança que promoveram a formação do grupo em torno da figura do religioso.²⁶³

Conforme a tabela a seguir, formada por um subgrupo de 200 imigrantes, que foram alistados pelo padre Cavalli, foi possível descobrir a proveniência de 12 localidades, que inclui Bassano Vêneto mais Arsié, Borso del Grappa, Campese, Campolongo sul Brenta, Cassola, Marostica, Nove, Romano D’Ezzelino, Salcedo, San Nazario e Valstagna. Esta última, cidade natal do padre Angelo Cavalli.

²⁶³ Essas informações foram organizadas em forma de tabela e constituem o Anexo I.

QUADRO 4 - Tabela com a origem de algumas famílias recrutadas pelo padre Angelo Cavalli²⁶⁴

Comune de origem	Nº de E/Imigrantes	Sobrenome e o Nº de E/Imigrantes	%
1. Valstagna	66	1. Cavalli – 29 (14,5%) 2. Dalla Zuana - 12 3. Costa - 8 4. Lazzarotto – 8 5. Giuliani – 5 6. Pontarollo – 4	33%
2. Nove	28	1. Bonato – 8 2. Cavassin – 7 3. Busato – 6 4. Bedin – 5 5. Guarise – 2	14%
3. San Nazario	25	1. Ceccon – 17 2. Mocellin – 8	12,5%
4. Marostica	15	1. Mottin – 10 2. Tosin – 5	7,5%
5. Campese	14	1. Brotto – 7 2. Alberti – 3 3. Andreatta – 3 4. Migiolaro - 1	7%
6. Cassola	11	1. Moletta – 11	5,5%
7. Romano D'Ezselino	10	1. Bontorin – 10	5%
8. Arsie	9	1. Riva – 5 2. Strapasson – 4	4,5%
9. Salcedo	9	1. Polli – 9	4,5%
10. Bassano Veneto	6	1. Bernardi – 6	3%
11. Campolongo sul Brenta	5	1. Scremin – 5	2,5%

²⁶⁴ Tabela construída por meio do cruzamento das informações encontradas no livro de registro nº 834, do Arquivo Público do Paraná, que contém a relação das famílias italianas que desembarcaram em Paranaguá nos anos de 1877 e 1878, e nos livros de assentos de matrimônios das Paróquias de Colombo, Água Verde e Santa Felicidade.

12. Borso del Grappa	2	1. Fantinato – 2	1%
TOTAL	200 E/Imigrantes	27 sobrenomes	100%

Nos dados apresentados, que fazem referência aos 200 imigrantes analisados, evidencia-se um total de 27 sobrenomes troncos, que compunham pelo menos 33 núcleos familiares diferentes, incluindo o do próprio padre recrutador. Entre estes, o sobrenome Cavalli, que aparece em 5 núcleos familiares, é o que apresenta maior número de integrantes, sendo composto por 29 pessoas, o que equivale a 14,5% de todo o subgrupo, sendo maior até mesmo que o número de indivíduos provenientes da segunda localidade fornecedora de imigrantes, que é Nove com 28 pessoas, que corresponde a 14%. A *comune* que mais forneceu camponeses para a formação do grupo analisado foi de fato a terra natal do padre Cavalli, Valstagna, que com 66 indivíduos de 6 sobrenomes diferentes, subdivididos em cerca de uma dúzia de núcleos familiares, atingiu os 33% de representatividade, ou seja, somou 1/3 do total.

Estes dados indicam como se deu a influência de Angelo Cavalli na composição do grande grupo, que entendo ter extrapolado a condição de sacerdote, somando-se a de um legítimo representante dos *contadini*, devido a sua origem camponesa local, já que possuía parentes passando por situações semelhantes as dos demais imigrantes que o acompanharam. Isso fica evidente ao se perceber que além da partida dele próprio, que servia como uma espécie de ídolo religioso capaz de convencer seus conterrâneos a emigrar, a participação do seu núcleo familiar e dos demais *valstagnesi* também funcionaram como um fator que definiu fortemente como se daria a formação do agrupamento por meio de suas redes de parentesco.

QUADRO 5 - Tabela dos núcleos familiares de sobrenome Cavalli emigrados de Valstagna e Campese

Chefe de família	Familiares	Local de Origem	Chegada no Paraná
1. CAVALLI, Don Angelo (padre-recrutador)	LAZZAROTTO , Antonia (mãe) CAVALLI, Liberale (irmão) CAVALLI, Antonia (irmã) CAVALLI, Domenico (irmão) CAVALLI, Girolamo (irmão) TOSIN , Giovanna (cunhada) CAVALLI, Felicità (sobrinha)	VALSTAGNA e CAMPESE	16e17/11/1877

	CAVALLI, Antonia Maria (sobrinha) CAVALLI, Angelo Pio (sobrinho) CAVALLI, Maria (sobrinha)		
2. CAVALLI, Giovanni Battista (2º)	CECCON , Giovanna (esposa) CAVALLI, Giovanni (filho)	VALSTAGNA	01/11/1877
3. CAVALLI, Pietro	CECCON , Domenica (Esposa) CAVALLI, Anna (filha) CAVALLI, Girolamo (filho) CAVALLI, Pietro (filho) CAVALLI, Maria Antonia (filha) CAVALLI, Giovanni Battista (3º) (filho)	VALSTAGNA	16e17/11/1877 15/11/1877
4. CAVALLI, Francesco	COSTA , Rosa (esposa) CAVALLI, Simone Felice (filho) CAVALLI, Maria (filha)	VALSTAGNA	30/04/1878
5. CAVALLI, Giovanni Battista (1º)	COSTA , Elicena (esposa) CAVALLI, Maria Maddalena (filha) CAVALLI, Angelo (filho) CAVALLI, Giovanna (filha)	VALSTAGNA	30/04/1878

Por meio desta outra tabela, que traz o nome dos chefes e dos membros de cada núcleo familiar de sobrenome Cavalli, que saíram de Valstagna e Campese, incluindo a mãe, os irmãos, as cunhadas e os sobrinhos de Don Angelo, é possível perceber, ao considerar apenas os laços matrimoniais, que estes se ligavam a pelo menos mais quatro sobrenomes de outros núcleos familiares que também compõem o grupo: Costa, Lazzarotto, Ceccon e Tosin. Destes, os dois primeiros fortaleceram a forte representação *valstagnese* já citada, enquanto que os dois últimos contribuíram para aumentar o raio desta rede de emigração na microrregião vêneta estudada. Isso pode ser percebido porque, os Ceccon e os Tosin tinham origens de vizinhança e parentesco com outros núcleos que habitavam as comunas de San Nazario e Marostica, respectivamente, que também integraram o grupo. Por sua vez, estes últimos, também mantinham estreitas relações sociais e familiares com indivíduos de outras localidades, como os Busato de Nove e os Bernardi de Bassano, por exemplo.

Esses graus de ligação, constituídos por laços de sangue, de matrimônio e de vizinhança, servem como uma amostra que explica como se formou o grande grupo, assim como revelam o quanto essa rede de emigração formada na Zona Bassanese era coesa. Acredito que os seus integrantes reafirmavam essa coesão principalmente por meio da religião, cujo líder religioso chegava a ser idolatrado, e do sentimento de pertença a essas

famílias que integravam à classe camponesa da região, que passavam por lutas semelhantes para manter o sustento dos seus núcleos. Defendo que foi por essas razões, como já foi apontado anteriormente, que a atuação do clérigo Angelo Cavalli, tendo a sua própria família como coadjuvante, conseguiu a adesão de muitos dos seus conterrâneos, entre eles, parentes, vizinhos, conhecidos e desconhecidos que deram crédito as suas palavras que propagandeavam a liberdade e o fim da miséria no além mar.

Chama bastante atenção o fato de que, o grande grupo que se preparou para realizar a travessia do oceano Atlântico junto de seu recrutador, ao atingir a alta cifra de componentes, precisou se dividir para poder partir. Por meio de consulta as listas de passageiros embarcados em navios contratados por Joaquim Caetano Pinto Junior, com quem Don Angelo Cavalli, por meio do agente de emigração Clodomiro de Bernardis, havia acordado a viagem para o Brasil, foi possível saber que os membros do grupo embarcaram em pelo menos três navios diferentes. Eram as seguintes embarcações: o navio Europa, que partiu do Porto de Gênova no dia 01 de outubro de 1877 e chegou ao Rio de Janeiro em 22 de outubro de 1877; o navio Ville do Rio de Janeiro, que saindo de Havre na França em 02 de outubro de 1877, com uma provável escala em Gênova, atracou na mesma cidade brasileira no dia 02 de novembro de 1877 e; o navio L'Italia que saiu do citado porto italiano em 10 de outubro de 1877 e chegou ao Rio no dia 03 de novembro de 1877.²⁶⁵

Dessa forma, para seguirem unidos ao destino comum de todos que era o Paraná, os primeiros que chegaram ao Brasil precisaram aguardar o desembarque dos que vieram com a segunda e a terceira embarcação, que chegaram praticamente juntos, no início do mês de novembro do referido ano. Somente pontuais núcleos, que sendo passageiros do primeiro navio se dirigiram antes para as terras paranaenses, como foi o caso dos núcleos dos imigrantes Giovanni Battista Cavalli e seu sogro Gasparo Ceccon, cujas famílias eram ligadas por laços de matrimônio. Minha hipótese é que depois de cumpridas as exigências de desembarque e quarentena no porto do Rio de Janeiro, esses se dirigiram antes para o destino final para comunicar e preparar a chegada do grande grupo.

Após o desembarque de todos e cumpridas às burocracias no porto do Rio de Janeiro, os imigrantes mais uma vez se organizaram em torno da figura do seu líder religioso para partirem para o seu destino final onde alguns representantes das famílias, Bernardi, Cavalli e Ceccon já os aguardavam. Sabe-se que o grande agrupamento, formado por 730 imigrantes, incluindo o padre Angelo Cavalli, chegou a Paranaguá entre os dias 15, 16 e 17 de novembro

²⁶⁵ Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Relações de Passageiros embarcados em navios contratados por Joaquim Caetano Pinto. In: CAVANHA, Jussara Nena. **Colônia Alessandra**. Curitiba: Progressiva, 2012, p. 258 e 259.

de 1877. A chegada desses italianos ficou marcada como a primeira grande leva de colonos dessa nacionalidade que se estabeleceu na província paranaense. A grandeza desse acontecimento, que mudaria a história da formação da região de colonização italiana no Paraná, é narrada por Colbacchini em vários de seus escritos:

Nel novembre de 1877 sbarcarono i primi coloni italiani a Paranaguá, porto di Paraná. In varie riprese ne vennero circa due mila, quasi tutti per iniziativa di un sacerdote del canal di Brenta, presso Bassano, il quale aveva stipulato contrato con una Agenzia di emigrazione di Genova.²⁶⁶

Mesmo, sabendo que outros italianos já haviam chegado ao Paraná anteriormente, sobretudo pela iniciativa de colonização italiana operada pelo empreendimento particular da Colônia Alessandra, de propriedade de Savino Tripoti, a vinda desse grande grupo de Vênets, é considerada como pioneira por Colbacchini.²⁶⁷ Devido ao impacto da quantidade de colonos que desembarcaram em Paranaguá ao mesmo tempo, outros autores fazem essa mesma afirmação de pioneirismo ao se referir a esse evento. Porém, no caso de Pietro Colbacchini, creio que o sentimento de veneticidade e catolicidade, pelo agrupamento ser dirigido por um sacerdote católico de sua região, também contribuíram com essa sua inferência.

Sobre o primeiro motivo, ligado ao sentimento de pertença regional, pesou o fato de que entre os imigrantes italianos que fizeram parte do núcleo dirigido por Tripoti, havia muitos originários do Sul da Itália, das províncias de Teramo no Abruzzo, de Caserta na Campania e de Potenza na Basilicata. Mesmo os imigrantes que fizeram parte da dita colônia e que eram oriundos da Itália Setentrional, chegados entre os anos de 1875 e 1877, não eram Vênets e sim Lombardos, Tiroleses e Piemonteses.²⁶⁸

Importante frisar que no momento da chegada do agrupamento proveniente da Zona Bassanese, devido a uma série de desentendimentos com o governo provincial, o contrato para

²⁶⁶ Em novembro de 1877 desembarcaram os primeiros colonos italianos em Paranaguá, porto do Paraná. Em vários grupos vieram cerca de dois mil, quase todos por iniciativa de um sacerdote do Canal do Brenta, junto a Bassano, o qual firmou contrato com uma agência de emigração de Gênova. COLBACCHINI a VOLPI LANDI, 13 de outubro de 1892. Relazione: Le condizioni degli emigrati nello stato del Paraná in Brasile. In: TERRAGNI, Giovanni, Op. Cit., p. 555.

²⁶⁷ Sobre a Colônia Alessandra e a trajetória de Savino Tripoti conferir CAVANHA, Jussara. Op. Cit. 2012, e MACHIOSKI, Fábio Luiz. As trajetórias de Savino Tripoti e Pietro Colbacchini: protagonistas dos (des)caminhos da Imigração Italiana no Paraná. In: **Anais do 31º Simpósio Nacional de História: história, verdade e tecnologia.** São Paulo: ANPUH-Brasil, 2021. https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anaais/8/snh2021/1628799596_ARQUIVO_b1c204db86715c0a8158e6eb6f28fea3.pdf

²⁶⁸ TRIPOTI, Savino. **Memorial de Savino Tripoti proprietário da Colônia Alessandra do Paraná.** Rio de Janeiro: Tip. de A. Marques & Cia., 1877, p. 30.

o estabelecimento de italianos no litoral da província paranaense assinado com Savino Tripoti já havia se encerrado. As autoridades provinciais haviam decidido que elas mesmas administrariam o assentamento das novas levas de colonos de origem italiana, e para isso criaram a Colônia Nova Itália. Esse novo empreendimento, agora governamental, tinha a sua sede em Morretes, nas proximidades do porto de Barreiros, e se estendia até os municípios vizinhos de Antonina e Porto de Cima. Era uma colônia com dimensões bem maiores que a primeira, pois além da sede, possuía mais 12 núcleos coloniais: Rio do Pinto, Sesmaria, América, Sítio Grande e Carí, Marques, Ipiranga, Entre Rios, Prainha, Rio Sagrado, Graciosa, Zulmira, Turvo e Cabrestante. Certamente, foi sobre esse lugar que o padre recrutador havia recebido as informações que usou para propagandear aos seus conterrâneos as vantagens de atravessar o Atlântico e se estabelecer no Brasil.

De acordo com Romário Martins, já no ano de sua criação, 1877, a Colônia Nova Itália recebeu cerca de 2.300 imigrantes italianos, entre os quais aqueles que não quiseram permanecer em Alessandra e o grande grupo organizado pelo padre Cavalli. Esse número se elevou ainda mais no ano seguinte, 1878, com a chegada de outros vênéticos, cuja maioria mantinha vínculos com a rede de imigrantes oriundos dos arredores de Bassano, como por exemplo, os núcleos familiares dos casais Francesco Cavalli e Rosa Costa, e Giovanni Battista Cavalli e Elicena Costa, apresentados na tabela anterior, que chegaram em 30 de abril de 1878. Martins afirma que nesse referido ano a colônia atingiu o número de mais de 800 famílias, ultrapassando 4.000 pessoas, procedentes em sua maioria da região do Vêneto.²⁶⁹

Voltando a meados de novembro de 1877, um telegrama do então ex-presidente da província do Paraná, enviado a um dos jornais que circulavam na época, traz informações que evidenciam que grande parcela dos colonos do referido empreendimento foi de fato constituída pelo grupo dirigido por Angelo Cavalli:

Telegramma - O Exm. Sr. Dr. Adolpho Lamenna Lins obsequiou-nos com o seguinte: Estação de Curityba, 16 de Novembro de 1877.

Chegaram hontem a esta cidade 720 colonos lombardos que vão estabelecer-se na colonia "Nova Italia". Todos são agricultores mais ou menos abastados e trouxeram machinas e instrumentos agricolas. Dirige-os o padre Cavalli ex-cura da aldeia d'onde emigraram. Não se avalia das manifestações de alegria que os colonos aqui residentes fizeram aos recém-chegados. Com estes, eleva-se o numero dos colonos da "Nova Italia" á 2453 constituindo 620 famílias.²⁷⁰

²⁶⁹ MARTINS, Romário. **Quantos somos e quem somos: dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná**. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1941. p. 71.

²⁷⁰ DEZENOVE DE DEZEMBRO. Curitiba, 17 de Novembro de 1877.

Ainda que erre no número exato e na procedência dos imigrantes, a fonte acima é muito incisiva ao informar que o grupo era dirigido por um sacerdote, padre Cavalli, que é reconhecido pela autoridade política, e legítimo representante da sociedade receptora, como o líder que unia e dava identidade ao grupo recém chegado.²⁷¹ Outro dado importante, que o telegrama apresentado oferece, é a confirmação de que se tratava de agricultores mais ou menos abastados que traziam consigo máquinas e instrumentos agrícolas, portanto, eram de fato pequenos proprietários da região montanhosa e pé de montanha das províncias de Vicenza e Belluno, e em menor número de Treviso e Padova.²⁷²

Creio que a mencionada alegria manifestada pelos que já estavam na colônia, indica tanto que houve reencontros de familiares e de vizinhos, como também aquela proporcionada pela chegada ao lugar que imaginavam ser seu destino final, onde finalmente podiam comemorar junto ao responsável pela vinda de todos. Este, para legitimar ainda mais o seu papel de líder social e religioso perante o seu rebanho, mas também diante da sociedade receptora, tratou logo de conseguir junto das autoridades provinciais a assinatura de um contrato para que exercesse a função de capelão no dito núcleo colonial. Conforme foi divulgado pelo jornal Dezenove de Dezembro isso aconteceu já a poucos dias da sua chegada: “Remeto a v. s, para fins convenientes, a inclusa cópia do contrato feito com o revm. Cavalli Sr. Angelo, para servir como capelão da colônia Nova Italia, em Morretes”.²⁷³

Este ato, com o qual o referido sacerdote se tornou um funcionário do governo, tendo direito a receber um salário mensal pelos serviços religiosos que prestava aos colonos, aponta para a ideia de que muitos padres, como foi o caso de Cavalli, possuíam também interesses econômicos ao se dirigir para América. Creio que este seja um dos motivos que levou Colbacchini a afirmar que ele desonrou a missão a qual se propôs, ainda mais porque, como escreve Cucchini, o ex-pároco de Oliero havia perdido os direitos de exercer a função de padre em sua diocese de Padova.²⁷⁴ Por outro lado, a assinatura do referido contrato revela uma tentativa do governo da província paranaense de agradar aos colonos, satisfazendo um desejo do grupo, ao legitimar uma liderança que era reconhecida pela maioria deles, que

²⁷¹ Apesar do documento classificar os colonos como Lombardos sabe-se que eram imigrantes oriundos da região do Vêneto, sobretudo das províncias de Vicenza e Belluno.

²⁷² Na prática, a região do Vêneto na época se dividia em duas: áreas mais isoladas entre colinas e montanhas, nas províncias de Vicenza, Treviso, Belluno e Udine; e áreas de planícies mais próximas de centros urbanos, como Verona, Rovigo, Padova e Veneza, onde as características das terras cultivadas eram de pequenas e médias propriedades nas regiões de montanhas e colinas; e grandes propriedades, nas regiões de planície. ALVIM, Zuleika M. F. Op. Cit., p. 28.

²⁷³ DEZENOVE DE DEZEMBRO. Curitiba, 5 de dezembro de 1877, nº 1864, p. 1.

²⁷⁴ CUCCHINI, Chiara. Op. Cit., p. 61 e ss.

portavam a característica de clerical como principal signo de identidade de sua microssociedade.

Porém, diferentemente do clima harmonioso almejado pelas autoridades, como está transparecendo na narrativa do telegrama apresentado anteriormente, os italianos que haviam recém chegado não estavam dispostos a aceitar menos do que aquilo que lhes tinha sido prometido e propagandeado pelo seu líder em suas terras de origem. Devido a esse anseio, a vinda dessa leva específica, caracterizada pelo forte apego ao sentimento religioso como fator de identificação, mas também pelo enorme desejo de melhores condições econômicas, determinou a maneira de como se conformaria o futuro da imigração italiana no Paraná. Esses imigrantes, por formarem um grupo organizado e coeso, conscientes de seus objetivos que eram constantemente instigados pela liderança de um padre com ideais de liberdade, foi o responsável por diversas reclamações e revoltas na Colônia Nova Itália, o que obrigou os governantes da província a redirecionarem a implantação dos núcleos coloniais de italianos para o entorno da capital Curitiba.

As revoltas se deram devido à morosidade e incapacidade do governo provincial, e dos seus nomeados para administrar o novo empreendimento colonial, que não deram conta de oferecer as condições necessárias para que os colonos acreditassem que podiam prosperar se permanecessem no litoral, ao contrário, sentiam-se iludidos e enganados. Entre os motivos estavam: o atraso na medição e na divisão dos lotes, que faziam muitas famílias imigrantes permanecerem aglomeradas em barracões; a falta de estradas para ligar os núcleos; a má distribuição da alimentação que era fornecida em pequena quantidade; a troca constante de administradores; a falta de condições de higiene; e, sobretudo, a pouca chance de prosperar economicamente.

Todas essas razões criaram um clima de instabilidade e de insatisfação entre os colonos, que cobravam uma rápida ação do governo provincial. O trecho da correspondência enviada pelo Inspetor da Colônia Nova Itália a administração da província ainda no final de 1877, evidencia o envolvimento do grupo liderado pelo padre e a tensão que se havia criado poucos meses depois de sua chegada: “... os distúrbios são feitos pela boa gente do Pe. Cavalli. Exigem entre muitos absurdos a minha retirada. Mande força de linha que esteja amanhã bem cedo, pois cada vez cresce mais a anarquia”.²⁷⁵

Apesar de religiosos, percebe-se que esses camponeses vindos da área bassanese, não eram tão “morigerados”, dóceis e passivos como o governo paranaense os imaginava, e que

²⁷⁵ CORRESPONDÊNCIA OFICIAL DA PROVÍNCIA DO PARANÁ, 08 de dezembro de 1877. Ap. 517, doc. 97. Arquivo Público do Paraná.

diante da situação de abandono que se encontravam no litoral, reivindicavam melhores condições para que pudessem alcançar suas terras, e delas a sobrevivência, motivo que os havia feito abandonar a sua terra natal. Ao contrário do paraíso que havia sido prometido para esses imigrantes, o litoral paranaense havia se transformado em um castigo. Não foram encontrados maiores detalhes sobre as revoltas instauradas na Colônia Nova Itália, no entanto vários fatores - entre eles os longos períodos de espera na hospedaria e nos barracões, os terrenos serem muito arenosos e estarem em regiões alagadiças, a ausência de infraestrutura e mercados consumidores e, sobretudo, a má administração - são apontados como decisivos para que o empreendimento governamental voltado para a instalação de italianos no litoral não prosperasse.

Essas experiências negativas com as colônias criadas no litoral, provocadas pelas revoltas estimuladas pelo grande grupo trazido por um líder religioso, fizeram com que o entorno de Curitiba viesse a se constituir como a maior ocupação da região de colonização italiana no Paraná. Segundo Balhana, entre os que chegaram no período entre os anos de 1875 e 1878, que corresponde ao início da entrada de italianos no território paranaense, “foi pequeno o contingente que se fixou em definitivo na região litorânea. Os demais por iniciativa própria, ou com o auxílio governamental, foram transferindo-se para o planalto curitibano”.²⁷⁶ Segundo as informações encontradas no livro de registro que contém a lista dos 730 imigrantes liderados por Don Angelo Cavalli, a maioria deles, incluindo o próprio sacerdote, abandonou a Colônia Nova Itália e se dirigiu para a capital paranaense durante o mês de junho de 1878, ou seja, lá permaneceram pelo período de pouco mais de meio ano.²⁷⁷

A partir de meados de 1878 a instalação de italianos em Curitiba foi recorrente, porém deu-se de modo variado. Um bom número de famílias se fixou no seu perímetro urbano, na região das Ruas América, São Francisco, Riachuelo, Presidente Farias e Aquibadan ou na região das Mercês e ao Sul da cidade, à Rua Ivaí, Iguaçu, Silva Jardim e Sete de Setembro. Também houve famílias que se estabeleceram nas localidades do Ahú e Bigorrião. Estes italianos que se fixaram nas áreas mais urbanizadas eram comerciantes, industriais ou profissionais liberais.²⁷⁸ A respeito das proveniências regionais das famílias italianas fixadas

²⁷⁶ BALHANA, Altiva Pilatti. **Santa Felicidade: um processo de assimilação**. Curitiba: João Haupt & CIA, 1958, p. 31.

²⁷⁷ Livro de registro das entradas de imigrantes no porto de Paranaguá, nº 834. Arquivo Público do Paraná.

²⁷⁸ Segundo a historiadora Roseli Boschilia, especificamente entre a Rua Riachuelo e a Praça Generoso Marques, parte bem central da cidade, se estabeleceram as seguintes famílias italianas: os Carnascialli, Farani, Petrelli e Riva (negociantes); os Benvenuto, Grisolia e Muggiati (do ramo da sapataria); e os Guaita e Bevilaqua (profissionais liberais). Boletim Informativo da Casa Romário Martins. **Cores da cidade: Riachuelo e Generoso Marques**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 23, n.110, mar. 1996.

no meio urbano da capital paranaense, o relatório de um agente consular do início do século XX irá informar que:

In Curitiba conviene anzitutto distinguire la classe borghese, relativamente scarsa, della classe operaia, e tra questa gli operai della città da quelli campagnoli, che sono i più. Nel ceto borghese e tra gli operai della città quase tutte le parti d'Italia sono rappresentate; vi sono dei veneti, dei toscani, dei pugliesi, degli abruzzesi, e calabresi in minor numero, alcuni piemontesi; gli operai campagnoli, proprietari nei dintorni immediati di piccoli fondi che forniscono soltanto ai primi bisogni dell'esistenza e che al resto resto provvedono con l'esercizio di un mestiere, sono quasi tutti veneti...²⁷⁹

Sabe-se, portanto, que na urbe de Curitiba se instalaram italianos de várias procedências regionais, no entanto, a maior parcela de imigrantes dessa nacionalidade era formada por camponeses vênnetos, que se fixaram em núcleos coloniais agrícolas constituídos no entorno da capital da referida província. Os primeiros desses núcleos foram criados exatamente em meados de 1878, exclusivamente para receber os colonos que remigraram do litoral paranaense, e foram colocados a uma distância que variava de 3 a 30 quilômetros em relação ao centro urbano.

Entre as colônias italianas, criadas no planalto curitibano naquele referido ano, a primeira foi Santa Maria do Novo Tirol da Boca da Serra, instalada na antiga localidade de Deodoro, pertencente na época a São José dos Pinhais, que a partir de 1890 foi elevada a município, passando a se denominar Piraquara. Instalada em Agosto de 1878, esta se diferencia das demais por ter recebido em sua maioria imigrantes tirolezes, provenientes da Província de Trento, sobretudo, da localidade de Primiero.²⁸⁰

No mês de setembro de 1878, quase que simultaneamente, foram instalados mais três núcleos coloniais para os italianos que subiam a serra do mar e pretendiam se instalar no entorno da capital paranaense: Alfredo Chaves, no lugar chamado Butiatumirim, que deu origem a Vila de Colombo, e posteriormente ao município de mesmo nome.²⁸¹; Antonio

²⁷⁹ Em Curitiba, convém antes de tudo, distinguir a classe burguesa, relativamente escassa, da classe operária, e entre essa os trabalhadores da cidade daqueles camponeses, que são a maioria. Na camada burguesa e entre os operários da cidade quase todas as partes da Itália estão representadas; existem os vênnetos, os toscanos, os puglieses, os abruzzeses, e calabreses em menor número, e alguns piemonteses; os trabalhadores do campo, são proprietários de pequenos sítios de terra nos arredores próximos, que lhes fornecem somente os gêneros de primeira necessidade, e que para o resto providenciam com o exercício de algum outro trabalho, são quase todos vênnetos... CASTIGLIA, Tancredi di. Lo Stato del Paraná. Da un rapporto del Cav. Tancredi di Castiglia (novembre 1906) *apud* FRANZINA, Emilio. **MERICA! MERICA! Emigrazione e Colonizzazione nelle lettere dei contadini veneti e friulani in America Latina, 1876-1902**. Verona: Cierre Edizioni, 2000, p. 169.

²⁸⁰ Cf. TOMAZ, Antonio. **Colônia Imperial Santa Maria do Novo Tirol da Boca da Serra: 120 anos de história: genealogia**. Curitiba: Editare, 1998; GROSSELI, Renzo Maria. **Dove cresce l'araucaria: dal Primiero a Novo Tirol**. Trento: Effe e Erre, 1985.

²⁸¹ Cf. FERRARINI, Sebastião. **O município de Colombo**. Curitiba: Champagnat, 1992.

Rebouças, colocada na localidade de Timbituva junto à municipalidade de Campo Largo²⁸²; e Senador Dantas, que corresponde hoje ao bairro curitibano Água Verde.²⁸³ Essas, naquele momento, foram compostas exclusivamente por imigrantes provenientes da região do Vêneto. Assim como a colônia de Santa Felicidade, hoje bairro curitibano de mesmo nome, que por sua vez foi formada em novembro do referido ano.

Foi nessas últimas quatro colônias que o grupo liderado pelo sacerdote católico, Angelo Cavalli, se dividiu e instalou ao reemigrar do litoral paranaense. Particularmente, a família do referido sacerdote, assim como a maioria dos imigrantes provenientes da Zona Bassanese, se estabeleceram na Colônia Alfredo Chaves. Dessa forma, cremos que essa rede de e/imigração formada por esses italianos vênets, sobretudo vicentinos, trouxeram para a região de Curitiba o modelo de sociedade tradicional, fortemente caracterizada pelo clericalismo, discurso do qual haviam se apropriado ainda em sua terra de origem.

Algumas poucas famílias de italianos, que pertenciam ao grande grupo, foram também assentadas nos núcleos coloniais mistos, os quais receberam colonos de outras origens, principalmente poloneses. Estas foram: Orleans, Argelina, Murici, Inspetor Carvalho e Zacarias (estes três últimos em São José dos Pinhais).²⁸⁴ O trecho a seguir, retirado do relatório do presidente de província de 1879, atesta essa reemigração dos colonos da Nova Itália para Curitiba:

Grande parte destes colonos, filhos de províncias do norte da Itália, não se podendo acomodar com o clima de Morretes, foi por mim transferida para as novas colônias Alfredo Chaves, Antonio Rebouças, Santa Maria do Novo Tyrol da Boca da Serra, Muricy e Inspector Carvalho; e outra parte, não pequena, retirou-se por conta própria para esta Capital, em cujo rocio se tem estabelecido.²⁸⁵

Interessante notar que o presidente da província culpa unicamente o clima de Morretes, ocultando os fatores ocasionados pela má administração de seus antecessores, que criaram a insatisfação e promoveram as revoltas que determinaram a vinda dos italianos para o redor de Curitiba. A inserção desses colonos nos núcleos mistos e a fundação das cinco primeiras colônias exclusivamente para imigrantes italianos reemigrados do litoral estabeleceu a área do entorno de Curitiba, próxima ao meio urbano e de um mercado consumidor, como a principal região de colonização italiana no Paraná. Assim, essa área

²⁸² Cf. FEDALTO, Pedro. **O centenário da colonia Antônio Rebouças**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1978.

²⁸³ Cf. MOLETTA, Susete. Op. Cit., 2007.

²⁸⁴ MARTINS, Romário. Op. Cit., p. 72.

²⁸⁵ Relatório apresentado à Assembléia Legislativa do Paraná no dia 4 de junho de 1879 pelo Presidente da Província Exmº Sr. Dr. Manuel Pinto de Souza Dantas Filho. Curityba: Typographia Perseverança, 1879, p. 44.

continuar a receber imigrantes dessa origem durante o final do século XIX até o início do século XX. De acordo com Romário Martins, entre a segunda metade da década de 1870 até meados de 1890, foram criados nessa região cerca de 20 núcleos coloniais onde se fixaram os colonos de origem italiana.²⁸⁶

Percebe-se que a instalação do grande grupo recrutado pelo padre Cavalli nos arredores de Curitiba foi responsável pela criação de uma cadeia e/imigratória que teve a região de colonização italiana do Paraná como destino, e as províncias vênetas de Vicenza, Treviso, Padova e Belluno como principais locais de partida. Por meio de correspondências que cruzavam o oceano Atlântico aquele agrupamento pioneiro atraiu mais famílias vênetas daquela microrregião para as terras paranaenses, sobretudo para o planalto curitibano. O próprio Colbacchini fez esta constatação: *“La maggior parte dei coloni italiani del Paraná appartengono al Veneto, specialmente alle Diocesi di Vicenza, Treviso e Padova. [...] In generale i coloni italiani si conservano religiosi, e data occasione mostrano una fede fervorosa.”*²⁸⁷

As duas observações presentes nesse pequeno trecho, escrito pelo sujeito aqui biografado, ou seja, tanto a procedência da maioria como o forte apego a religião dos italianos instalados no Paraná, são importantes para a presente investigação, pois elas apontam para os motivos que trouxeram o padre investigado exatamente para essa região de colonização italiana, entre as tantas outras que se formaram neste mesmo período no Brasil. Contudo, defendo que no caso de Colbacchini houve questões mais particulares que contribuíram com a sua atração pelo Paraná, entre as quais o forte apego microrregional e a consciência de que aqui estavam muitos da área bassanese, como também a informação de que havia a ausência de sacerdotes italianos capacitados para atendê-los, o que deixava um caminho aberto para a criação de uma autêntica missão com características étnicas sob a sua liderança.

Essa escolha particular fica evidente, pois se sabe que outras áreas de imigração formadas no Sul do Brasil também possuíam características semelhantes quanto à procedência regional. Por exemplo, em seu estudo na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul, Sabbatini constatou que a maioria dos imigrantes era procedente das províncias de Vicenza, com 32%, e de Treviso, com 26%.²⁸⁸ Igualmente no caso da região de colonização italiana do

²⁸⁶ Cf. MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

²⁸⁷ A maior parte dos colonos italianos do Paraná são provenientes do Veneto, especialmente das Dioceses de Vicenza, Treviso e Padova. [...] Geralmente os colonos italianos se conservam religiosos, e em muitas ocasiões apresentam uma fé fervorosa. COLBACCHINI a SPOLVERINI, 18 de junho de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 182.

²⁸⁸ SABBATINI, Mario. **I Veneti in Brasile**. Edizioni Dell'Accademia Olimpica, Vicenza, 1977, p. 17.

Paraná, por meio da consulta aos registros dos casamentos realizados nas colônias essa preponderância de vicentinos pode ser várias vezes comprovada.

A pesquisa realizada por Balhana, junto às atas matrimoniais dos jovens imigrantes da colônia italiana de Santa Felicidade, revelou que a maioria dos colonos que se estabeleceram naquele núcleo era oriunda de Vicenza. Em escala decrescente, quanto à contribuição numérica, esses eram seguidos por aqueles provenientes de Padova, Treviso, Verona, Cremona, Belluno, Ceneda, Udine, Feltre e Veneza.²⁸⁹ Por sua vez, ao analisar a origem dos colonos italianos instalados nas colônias de Campo Largo, Scarpim constatou que 95% dos imigrantes que lá se instalaram eram oriundos do Vêneto, sobretudo, vindos das províncias mais montanhosas de Vicenza e Treviso.²⁹⁰

No caso dos colonos que se instalaram nos núcleos que deram origem a cidade de Colombo, pode-se identificar a procedência de um total de 794 indivíduos imigrantes, dos quais 692 (quase 90%) são oriundos de províncias da região do Vêneto. Os outros, pouco mais de 10%, se constituem, em ordem decrescente, de friulanos, lombardos, trentinos, piemonteses e por aqueles de que não foi possível conhecer a procedência regional. Em relação à origem provincial, os dados revelam que também ali a maioria veio das províncias vênetas mais montanhosas, que são Vicenza e Treviso. A surpresa é a quantidade de imigrantes vicentinos, 389 indivíduos, que correspondem a 49%, praticamente a metade do total.²⁹¹

Ao reduzir ainda mais a escala, procurando saber de quais *comuni* vieram mais imigrantes para as colônias instaladas em terras colombenses, foi possível descobrir que as cidades que integraram a área de recrutamento de Don Angelo Cavalli e suas proximidades, que correspondem ao Canal do Brenta e arredores de Bassano del Grappa, são responsáveis pelo fornecimento do maior contingente, pois 353 (44,5%) dos 794 indivíduos elencados são delas provenientes, ou seja, quase que a totalidade dos vicentinos, que são 389 (49%), sendo que somente 36 (4,5%) desses não são dessa microrregião geográfica. Destaque para a cidade de Valstagna, de onde vieram 72 colonos, a maioria deles parentes do padre Cavalli, sendo a família que maior número de imigrantes forneceu para Colombo.²⁹²

²⁸⁹ BALHANA, Altiva Pilatti. Op. Cit., 1978, p. 56.

²⁹⁰ SCARPIM, Fábio A. Op. Cit. p. 17.

²⁹¹ CUNHA, Karine Marielly Rocha da; MOTIN, Mara Francieli; GABARDO, Diego; MACHIOSKI, Fábio Luiz. **Imigração vêneta, cultura e língua de herança: o Talian em Colombo-Paraná**. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2023, p. 53.

²⁹² Ibidem, p. 54-55.

A permanência do referido sacerdote entre os italianos que se fixaram nas colônias dos arredores de Curitiba pode ser comprovada por meio do extrato de fonte a seguir:

Fundada em setembro de 1878 por italianos do Padre Angelo Cavalli, que recusaram estabelecer-se no Piraquara, está situada em terrenos de boa qualidade e a pouca distância da Colônia Santa Cândida, arredores de Curitiba. Os colonos acham-se satisfeitíssimos, a ponto de preferirem trabalhar em seus lotes, a aprontarem estradas...²⁹³

Pode-se perceber, portanto, que de fato o clérigo que se fez recrutador de imigrantes e que incitou a vinda de seus conterrâneos para a América, esteve presente e teve a oportunidade de exercer a função de líder espiritual e social junto de seu grupo instalado primeiramente na colônia Nova Itália e depois nos arredores de Curitiba. Dessa forma, pela presença do dito sacerdote as crenças e práticas religiosas desses camponeses puderam ser mantidas nos primeiros anos após a chegada ao Brasil, ou seja, em 1878 e 1879, e mais, ganharam conotações específicas do discurso promovido pelo referido representante do baixo clero.

Porém, o sacerdote Angelo Cavalli pode consolar espiritualmente o seu fiel rebanho por um período muito pequeno, já que um requerimento feito pela sua mãe, em 24 de novembro de 1879, revela que o mesmo já se encontrava morto algum tempo antes desta data. Eis o conteúdo deste requerimento:

“A colona viúva Antônia Cavalli, estabelecida na Colônia Alfredo Chaves, depois da morte de seu filho Padre Dom Angelo e depois de outras funestas desgraças, acha-se na miséria, vem humildemente suplicar a V. Ex.^a que lhe conceda um auxílio qualquer, para que possa sustentar uma filha moça...”²⁹⁴

De fato, o líder espiritual e social dos imigrantes vênets estabelecidos no Paraná, responsável pela vinda dos mesmos para o Brasil, havia falecido em maio daquele ano, como confirma o conteúdo do atestado de óbito a seguir, encontrado no cemitério São João Batista do Rio de Janeiro, onde o corpo do mesmo foi sepultado:

Eu abaixo assignado, doutor em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro: Attesto que o Rmo. Pe. Angelo Cavali, de 30 anos de idade, italiano, morador no Hospício de Jerusalém, à rua de Evaristo da Veiga, faleceu hoje as 5 e 3/4 horas da manhã de febre amarela.
Rio de Janeiro, 29 de maio de 1879
Dr. Antonio Luciano Mendes de Sá²⁹⁵

²⁹³ CORRESPONDÊNCIA OFICIAL DA PROVÍNCIA DO PARANÁ, Livro 567, 1879.

²⁹⁴ CORRESPONDÊNCIA OFICIAL DA PROVÍNCIA DO PARANÁ, Livro 588, p. 57.

²⁹⁵ Atestado de óbito de Padre Angelo Cavalli, 29 de maio de 1879. Arquivo do Cemitério São João Batista, Rio de Janeiro. Segundo outro documento encontrado no local, o padre Angelo Cavalli, foi sepultado no mesmo dia no quadro 2 do dito cemitério.

Tudo indica que o referido sacerdote teria contraído a doença no litoral paranaense, no período em que prestava atendimento religioso naquela região, e ido se tratar da mesma no Rio de Janeiro. Com a sua morte, os imigrantes italianos, instalados nos arredores de Curitiba, se viram desamparados e passaram a sofrer com a falta de um líder. Consequentemente, a vivência católica ficou comprometida, já que dependiam de um sacerdote católico para exercer as práticas sacramentais. Desse momento em diante, a participação nos sacramentos e a atualização da fé desses colonos passou a depender de duas situações: ou da visita esporádica de um sacerdote às colônias; ou da ida à paróquia de Curitiba, que se localizava a vários quilômetros dos seus núcleos coloniais.

Como exemplo de sacerdote, que costumava visitar esporadicamente as colônias italianas do Paraná, pode-se citar a pessoa do missionário italiano Giovanni Cíbeo. Este padre jesuíta, na ausência do padre Cavalli, se deslocava de Santa Catarina para atender espiritualmente os conterrâneos imigrados nos arredores da capital paranaense durante a primeira metade da década de 1880. Essa situação de precariedade religiosa vivida pela ausência de um sacerdote designado especialmente para suprir as necessidades espirituais dos colonos italianos da região de Curitiba só mudou a partir de 1886, ano em que o missionário apostólico, padre Pietro Colbacchini, passou a colocar em prática seu projeto de atendimento religioso dedicado aos vênets instalados nas colônias agrícolas do Paraná.

Defendo aqui a ideia de que o referido sacerdote, por meio das cartas enviadas pelos imigrantes vênets estabelecidos no Paraná aos parentes que haviam permanecido nas localidades do Brenta e das redondezas de Bassano, soube rapidamente da morte de Angelo Cavalli. Tendo consciência de que os seus conterrâneos haviam ficado sem o auxílio permanente de um sacerdote católico, ele passou a alimentar o seu projeto particular de assistência religiosa para eles, o que conseguiu concretizar cerca de sete anos mais tarde. Mais especificamente, foi a partir do início de 1886, que os italianos instalados ao redor da capital paranaense passaram a contar com a liderança, tanto espiritual como também social, do sacerdote católico Pietro Colbacchini.

Segundo o mesmo, os colonos italianos da região, por terem ficado há algum tempo carentes de assistência religiosa, esperavam ansiosos pela vinda de um padre que fosse da mesma origem regional, tanto que narra que o primeiro contato e a descoberta de sua chegada em Curitiba foi, além de comovente, motivo de comemoração de todos, especialmente para o grande grupo de vênets vindo das localidades da Zona Bassanese, que o teriam recebido calorosamente.

La mattina seguente fui a dir messa. Un bassanese, in un naltro tempo dipendente della mia famiglia, mi vide restò attonito, venne nella sagrestia, confuso piangente senza poter parlare della commozione. Egli avvisò altri, questi, altri ancora. In tre giorni tutte le Colonie d'intorno sapevano del mio arrivo, e venivano in fretta per vedermi, per udirmi, per confessarsi ecc. Cominciai subito il giro delle 12 colonie. Dappertutto sparse il Signore davanti e di dietro dei miei passi copiose benedizioni. Quasi non resto un solo italiano senza ricevere i SS. Sacramenti, e sono più di 6000 d'attorno a Curitiba.²⁹⁶

De acordo com a descrição anterior, Colbacchini afirma ter sido bem aceito por todos os italianos fixados nas colônias paranaenses, os quais teriam ido rapidamente ao seu encontro, desejando ouvi-lo e confessar-se com ele, chegando a escrever que quase não restou um conterrâneo na região sem receber os sacramentos católicos. Nota-se facilmente que tal afirmação, feita no início de 1887, ou seja, poucos meses depois do seu estabelecimento definitivo na cidade, além de exagerada, foi feita de maneira precipitada, pois logo o próprio sacerdote iria descobrir que nem todos os imigrantes de origem italiana, sobretudo aqueles instalados no ambiente urbano da capital paranaense, estavam dispostos a escutá-lo e a submeter-se ao seu discurso e aos seus ensinamentos morais e religiosos.

3.3 Entre colonos católicos, liberais, anticlericais e outros tantos mais: as relações de amor e ódio de um ultramontano em terras paranaenses

*Così io sono soggetto
a molte dimostrazioni
di affetto e di odio,
ad ovazioni e persecuzioni,
delle quali, io, grazie a Dio,
non faccio conto né per illudermi
né per spaventarmi.*²⁹⁷

Desde o primeiro momento em que se dirigiu para o Paraná, mais especificamente para Curitiba, padre Pietro Colbacchini passou a redigir e enviar inúmeras cartas. Algumas

²⁹⁶ Na manhã seguinte fui rezar a missa. Um bassanese [originário de Bassano del Grappa, mesma cidade de origem de Colbacchini], que por um tempo foi dependente da minha família, me viu e ficou atônito, veio na sacristia, confuso, chorando, sem poder falar por conta da comoção. Ele avisou outros, estes, mais outros. E em três dias todas as Colônias do entorno sabiam da minha chegada, e vinham correndo para me ver, para me ouvir, para se confessar, etc. Comecei logo a visita às 12 colônias. Por todo lugar espalhou o Senhor, antes e depois dos meus passos, copiosas bênçãos. Quase não restou um só italiano sem receber os Santíssimos Sacramentos, e são mais de 6.000 no entorno de Curitiba. COLBACCHINI a MANTESE, 28 de fevereiro de 1887. In TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 24.

²⁹⁷ Assim eu estou sujeito a muitas demonstrações de afeto e de ódio, a ovações e perseguições, das quais, eu, graças a Deus, não levo em consideração nem para me iludir e nem para me atemorizar. COLBACCHINI a SCALABRINI, 21 de novembro de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni, Op. Cit., p. 248.

dessas missivas, que ultrapassam o número de 300, apresentam as características de verdadeiros relatórios e testemunhos da sua missão, tanto que para a presente investigação elas se configuram como uma espécie de autobiografia elaborada pelo sacerdote cujas trajetórias aqui estão sendo analisadas. Estes escritos, que no início foram direcionados, sobretudo, para os padres de sua diocese de origem que haviam apresentado desejo de também emigrar, assim como para aqueles que ocupavam a função de internúncio apostólico no Brasil, perduraram por todo o período que ele permaneceu em meio aos italianos instalados nas colônias dos territórios Sul-brasileiros.

Após visitar a região de colonização italiana do Paraná pela primeira vez em junho e julho de 1886, e se certificar que de fato ali estavam instalados os seus conterrâneos, Colbacchini retorna para São Paulo por dois meses, agosto e setembro, para se despedir dos mantovanos da Fazenda Monte Serrat e daqueles imigrantes instalados nas demais propriedades da região de Jundiá. A sua chegada definitiva em Curitiba, para finalmente dar andamento ao seu tão almejado projeto de pastorear aquele específico rebanho de italianos, composto por um grande número de vênets oriundos do seu próprio distrito de origem, se deu nos primeiros dias do mês de outubro do mencionado ano.

Dopo due mesi di permanenza in S. Paolo, ai primi di 8bre ritornai qua fra il contento di tutti i coloni, meno dei sacerdoti della città, del Vicario Gen. (il quale però fece tutte le viste di ben accogliermi), del Paroco presso il quale più non presi ospizio, e di due preti napoletani cappellani d'esercito. Mi portai a dimorare nello stesso giorno dell'arrivo nella vicina Colonia di Agua Verde. (a 3 Kil. dalla città) in casa di un certo Bonato Ant. delle Nove. Non appena si seppe dai Coloni il mio divisamento di fermare fra loro la mia residenza, che con una gara incredibile si posero alla opera a costruirmi una casa modesta, ma comoda con una Capella provisória... Quando non sono nelle Colonie lontane, tutte le domeniche predico nella città agli italiani dei quali è sempre piena la Chiesa... Passo i giorni ora in questa ed ora in quella Colonia, predicando mattina e sera facendo due volte al dì il catechismo. Passo da 8 a 10 giorni, o più secondo il bisogno per ogni Colonia. Le Colonie sono composte da 50 a 120 famiglie, quasi tutte appartenenti alle Diocesi di Vicenza, Padova, e Treviso.²⁹⁸

²⁹⁸ Depois de dois meses de permanência em São Paulo, nos primeiros dias de outubro retornei para cá, recebido com a alegria de todos os colonos, menos dos sacerdotes da cidade, do Vigário Geral (o qual, porém, fez de conta de bem acolher-me), do Pároco, junto ao qual não mais me hospedei, e de dois padres napolitanos capelães do exército. No mesmo dia da minha chegada, fui morar na Colônia do Água Verde (a 3 km da cidade) na casa de um certo Antonio Bonato de Nove. Apenas se soube da decisão de eu fixar residência entre eles, os colonos, com uma garra inacreditável, se colocaram a construir para mim uma modesta casa, mas cômoda e com uma capela provisória... Quando não estou nas Colônias de longe, todos os domingos prego na cidade para os italianos dos quais a Igreja está sempre cheia... Passo os dias ora nessa ora naquela colônia, pregando pela manhã e fazendo duas vezes a tarde o catecismo. Dedico de 8 a 10 dias, ou mais segundo a necessidade de cada colônia. As colônias são compostas de 50 a 120 famílias, quase todas pertencentes as Dioceses de Vicenza, Padova e Treviso. Ibidem, p. 24 e 25.

Este trecho, recortado de uma das cartas do início de 1887, revela que desde o primeiro dia em que se fixou definitivamente junto às colônias do Paraná, o sacerdote bassanese procurou agir de maneira autônoma e independente em relação aos demais clérigos que exerciam sua atividade religiosa em Curitiba. Tanto é que preferiu se isolar, alojando-se provisoriamente na casa de um dos colonos provenientes da sua região, Antonio Bonato de Nove, instalado no núcleo do Água Verde, que era o mais próximo do centro curitibano. Segundo o seu relato, rapidamente os colonos do referido núcleo lhe aprontaram uma casa e uma capela provisória. Essa separação de sua missão da atuação dos representantes da igreja local foi um assunto recorrente, no qual o padre Colbacchini pedia a intervenção do internúncio apostólico, autoridade máxima da Igreja Romana no Brasil, junto ao bispo de São Paulo, para que este lhe concedesse total autonomia e independência para atuar como único e legítimo líder religioso perante todos os italianos residentes no Paraná.

Esse anseio, de constituir uma atividade a parte do trabalho das paróquias locais, sem a intervenção de clérigos brasileiros e “napolitanos”, julgados por ele como “maus” padres, levou o sacerdote a solicitar a vinda de seus pares, aqueles que foram ordenados e atuavam na diocese de Vicenza, para ajudá-lo. É sobre esse último assunto que trata a primeira carta desta fase, datada de junho de 1886, da qual apresento o excerto a seguir, que foi direcionado a Domenico Mantese, pároco de Poianela, comune localizada ao Sul de Bassano:

Nel Paraná le colonie sono libere indipendenti. Dietro mio impulso in tutte le colonie stansi costruendo le Chiese; sono composte di italiani quasi tutti della nostra diocesi e delle limitrofe, tutta gente che sente molto della religione e che soffre molto della privazione del sacerdote. [...] Voglia far il favore di interrogare o per iscritto o meglio in persona i seguenti sacerdote che pur so avrebbero disposizioni per la S. opera: D. Antonio Catelan Parroco di Lovertino, D. Pietro Micheli Curato a S. Vito di Bassano, D. Angelo Quarzo pur di Bassano ed altri che conoscete del caso. Il Signore la pagherà di tutto.²⁹⁹

As tentativas de arregimentar representantes do clero secular vicentino para a sua missão foram constantes até o final do ano de 1887, tanto que em outras cartas ele citou ainda os nomes de pelo menos mais dois sacerdotes, padres B. Cuccato e Luigi Rossi³⁰⁰.

²⁹⁹ No Paraná as colônias são livres e independentes. Depois do meu impulso se estão construindo igrejas em todas as colônias; são compostas de italianos quase todos da nossa diocese ou de seus limítrofes, gente que sente muito a falta da religião e que sofre muito por estarem sem um sacerdote. [...] Me faça o favor de interrogar ou por escrito ou melhor se pessoalmente os seguintes sacerdotes que também sei teriam disposição para esta santa obra: pe. Antonio Catelan pároco de Lovertino, pe. Pietro Micheli, cura de San Vito di Bassano, pe. Angelo Quarzo também de Bassano e outros se for o caso. O Senhor lhe pagará por tudo. COLBACCHINI a MANTESE, junho de 1886. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 19-20.

³⁰⁰ Don Luigi Rossi exercia sua atividade de padre na localidade de Fimon, ao Sul de Vicenza. Cf. COLBACCHINI a MANTESE, 28 de fevereiro de 1887. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 21 e 28.

Colbacchini fez questão de frisar constantemente que na referida área de colonização italiana do Paraná estavam assentados colonos provenientes das comunas pertencentes a sua diocese de origem. Essa atitude deixa transparecer um forte anseio de fundar uma comunidade de religiosos que reforçasse o discurso de um catolicismo étnico, apegado ao clericalismo e ao intransigentismo ultramontano, que acreditava que a vivência da fé católica precisava se pautar nas práticas tridentinas e romanizadas, ao qual ele havia aderido já em sua terra natal. Este desejo fica evidente em outro trecho da carta a Mantese:

Si tratterebbe ora di istituire nella città una missione permanente per i molti italiani che appartengono pure alle Colonie seminate nel circondario, con Paroco indipendente e missionari visitatori delle Colonie.

Mgr. Cocchia, Internunzio Pont.cio, aprova ed appoggia il mio progetto, e mi assicura che se questo Vescovo (come si crede) volesse opporsi alla sua realizzazione, egli otterrà per forza della S. Sede ciò che è giusto e necessario.

[...] V.R. dunque si disponga al sacrificio. La recompensa sarà ben grande.³⁰¹

Contudo, nessa mesma época em que o sacerdote da diocese de Vicenza pretendia fundar uma congregação religiosa dedicada aos seus conterrâneos imigrados no Paraná, o bispo de Piacenza, Giovanni Battista Scalabrini, iniciou uma organização análoga, porém, destinada a atender espiritualmente todos os imigrantes italianos nas Américas.³⁰² A notícia da criação deste novo instituto chegou por meio de uma carta enviada pelo seu correspondente, padre Mantese, em 20 de novembro de 1887, e fez com que Colbacchini decidisse aderir prontamente a esse novo projeto, escrevendo à Scalabrini logo em seguida para se colocar a sua disposição:

Io ultimo di tutti nel mèrito, ho diritto di chiamarmi dei primi nel desiderio della fondazione di questa necessaria missione.

[...] V. Eccellenza Rma si degnò comunicarmi che conta sulla mia cooperazione per la fondazione di una casa centrale di questa Associazione di Missionari per l'America io rispondo con tutto il cuore al suo desiderio, e mi faccio suo fedel servo

³⁰¹ Tratar-se-ia agora de instituir na cidade uma missão permanente para os muitos italianos que pertencem as colônias espalhadas na redondeza, com pároco independente e missionários visitantes das colônias. O internúncio apostólico, Monsenhor Cocchia, aprova e apoia o meu projeto, e me assegura que se o Bispo (como se crê) quiser se opor a sua realização, ele intervirá com ajuda da Santa Sé naquilo que for justo e necessário. [...] Vossa reverendíssima, portanto, se disponha a este sacrifício. A recompensa será bem grande. Idem.

³⁰² O instituto organizado pelo Bispo de Piacenza, Giovanni Battista Scalabrini, para prestar assistência espiritual aos italianos emigrados, foi oficialmente criado em 1887, primeiramente, não como fundação diocesana, mas como uma obra vinculada à Propaganda Fide, órgão da Santa Sé. Somente em 1895 foi elevado à condição de Congregação Religiosa com a aprovação do papa e a elaboração de um regulamento próprio pelo seu fundador. Pietro Colbacchini, que antes era um sacerdote diocesano e missionário apostólico vindo para o Brasil com autorização da Cúria Romana, aderiu a essa organização, ou seja, se tornou um scalabriniano, já em 12 de agosto de 1888, ao fazer os votos religiosos quinquenais por meio das mãos dos primeiros padres enviados para o Paraná por Scalabrini, Domenico Mantese e Giuseppe Molinari. Conf. TERRAGNI, Giovanni. Scalabrini e la congregazione dei missionari per gli emigrati. Aspetti istituzionali 1887-1905. Roma: autorinediti, 2014.

per la vita e per la morte in una causa che in tutto risponde al fine per cui qui mi trovo.³⁰³

Ao se colocar a disposição de Scalabrini, percebe-se que o padre aqui biografado muda de estratégia, abandonando o desejo de fundar ele mesmo um instituto para se dedicar aos imigrantes, mas não a sua ambição e anseio de poder pessoal, pois passa agora a almejar a nomeação para o cargo de superior desta nova associação de missionários que tinha um projeto análogo ao seu. Creio que isso ocorreu por dois motivos: o fato de não ter conseguido que os clérigos de sua diocese aderissem de imediato a sua ideia inicial e; também porque enxergou nisto uma oportunidade de manter o seu projeto individual, ou seja, seu plano de atender espiritualmente os seus conterrâneos, tornando-se o superior da missão scalabriniana no Paraná. Ao ser aceito pelo bispo Giovanni Battista Scalabrini, Colbacchini acreditava estar acumulando mais um aliado, além de mais um título, que o autorizaria a agir como o legítimo governante pastoral de todos os italianos que residiam na dita região de colonização, tanto para aqueles do meio urbano como rural.³⁰⁴

No entanto, boa parte dos imigrantes italianos fixados no centro da capital paranaense, que incluía também muitos católicos, se organizava social e culturalmente não através da religiosidade, e sim por meio do amor pela pátria de origem, a Itália recém-unificada. Para esse grupo urbano, composto por comerciantes, intelectuais de diferentes matizes políticas e ideológicas, liberais, carbonários, anarquistas e maçons, o sentimento de italianidade tinha um cunho nacionalista que deveria ser mantido pela exaltação dos valores patrióticos, e não por meio da catolicidade submissa a Igreja Romana. Nas palavras de Azzi, “carregavam a bandeira da italianidade, eram imigrantes de maior cultura, em geral maçons e liberais, e por vezes com espírito declaradamente anticlerical”.³⁰⁵

Foi imbuído desses pensamentos e sentimentos que alguns anos antes, no início de junho de 1883, um grupo de italianos fixados no meio urbano de Curitiba, fundou uma

³⁰³ Eu o último de todos no mérito, tenho o direito de colocar-me entre os primeiros no desejo de fundação desta tão necessária missão. [...] V. Excia. Revma. dignou-se comunicar-me que conta com minha colaboração para a fundação de uma casa central dessa associação de missionários para a América, e eu respondo com todo o coração ao seu desejo, tornando-me seu fiel servo para a vida e para a morte, em prol de uma causa que em tudo corresponde à finalidade pela qual aqui me encontro. COLBACCHINI a SCALABRINI, 26 de dezembro de 1887. In: TERRAGNI, G. Op. Cit., pp. 39-40.

³⁰⁴ De acordo com Foucault, a ideia de um governo dos homens é uma ideia cuja a origem deve ser buscada no Oriente, num Oriente pré-cristão primeiro, e no Oriente cristão depois. E isso sob duas formas: primeiramente, sob a forma da ideia e da organização de um poder de tipo pastoral, depois sob a forma da direção de consciência, da direção das almas. FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p.166.

³⁰⁵ AZZI, Rioldo In: DE BONI, Luiz A. (org.). Op. Cit., p.80

associação para manter o seu sentimento de pertencimento étnico. Sobre este acontecimento foi veiculada a seguinte notícia:

Sociedade de Beneficiencia Italiana – No dia 2 de junho, reunirão os italianos estabelecidos nesta capital e organizarão uma sociedade de beneficiencia sob o título de Giuseppe Garibaldi de Beneficiencia.
Foi eleito presidente o Sr. Giovanni Corghi.
Foi também eleito um conselho administrativo composto dos Srs. Antonio Carnaciali, André Petrelli, Domingo de Luca.³⁰⁶

Para este grupo fixado junto à urbe da capital paranaense o sentimento de italianidade era mantido pela exaltação dos símbolos patrióticos e nacionalistas, como por exemplo, o nítido culto a Giuseppe Garibaldi, um dos líderes do processo de unificação.³⁰⁷ Consequentemente, outro signo de identidade para esses italianos que apoiaram o *Risorgimento* era a data do dia 20 de setembro, no qual festejavam a conquista de Roma pelo exército de Garibaldi.

A ilustre e patriótica Sociedade Beneficente Italiana desta capital, comemorando o aniversário da triunfante entrada das tropas italianas em Roma, reuniu-se na tarde de 20 do corrente para festejar aquela data gloriosa para o povo italiano. [...] Presidia aquela reunião o digno presidente da Sociedade Italiana de Beneficência, o Sr. João Corghi. Durante o *lunch* a confraternização entre todos era a mais perfeita; parecia que um sentimento íntimo de verdadeiro patriotismo prendia o coração de cada conviva à ideia de um feito glorioso para a Itália. Durante a refeição muitos e entusiásticos vivas foram erguidos; saudações diversas foram feitas e de cada coração sentia-se irromperem-se radiantes chamas do mais puro patriotismo. Ali, debaixo da maior ordem, comemorava-se uma gloriosa época para a Itália, cuja luz refletindo por sobre o mundo inteiro, ainda hoje ilumina os povos civilizados. Pelo ilustre Dr. Justiniano de Mello foi levantada uma saudação à memória do grande Garibaldi. Nesta ocasião o entusiasmo foi delirante, e os Srs. Pedro Bruni e Affonso Netto cantaram maravilhosamente o belo hino de Garibaldi.³⁰⁸

Fica evidente que o nacionalismo, referente à pátria de origem, foi o elemento escolhido por esse agrupamento de imigrantes italianos instalado no meio urbano de Curitiba, para reconstruir seu processo de identificação cultural. Dessa maneira, passaram a coexistir na capital da província do Paraná dois grupos diferentes de imigrantes de origem italiana, que consequentemente, defendiam pensamentos e formas distintas de como preservar a sua identidade étnica, um baseado na religiosidade católica que se apoiava no discurso do padre

³⁰⁶ GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 16 de julho de 1883, nº 262.

³⁰⁷ De acordo com Constantino, dentre os símbolos nacionalistas italianos adotados pelos imigrantes o de maior peso foi o culto a Garibaldi, considerado como herói da unificação italiana. CONSTANTINO, Núncia Santoro. **O italiano da esquina: imigrantes meridionais na sociedade porto-alegrense**. Porto Alegre: EST Edições, 2008, p. 152.

³⁰⁸ GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 22 de setembro de 1883, nº 271, p. 4.

Pietro Colbacchini, e outro no nacionalismo, que por sua vez se organizou em torno de uma sociedade beneficente.

Por possuir um caráter ultramontano intransigente, pautado no discurso do catolicismo tridentino e romanizado, além de se manifestar sobre as questões de fé, o referido sacerdote pretendia monopolizar a liderança dos imigrantes também para doutrinar os seus comportamentos político e social. Conforme afirma Souza, “a ultramontanização e romanização da época, combatia ao mundo moderno, o liberalismo, a maçonaria, a república, o comunismo, os protestantes, entre outros”.³⁰⁹ Enfim, tudo que havia surgido nos últimos séculos e que havia tirado a hegemonia da instituição Católica.

Assim, durante as visitas feitas às colônias italianas da região de Curitiba, com intuito de prestar atendimento espiritual, Colbacchini adotou como estratégia proferir discursos contrários à Sociedade Giuseppe Garibaldi, acusando seus sócios de maçônicos e inimigos da verdadeira italianidade, que na concepção do sacerdote deveria ser pautada primeiramente na catolicidade e não no nacionalismo. Creio que somada às diferenças ideológicas, a diversidade regional dos membros da referida sociedade étnica, que além de vênets possuía um grande número de imigrantes originários de regiões como a Campania, a Calabria, a Basilicata e a Toscana, também contribuiu para que o sacerdote vicentino adotasse tal comportamento.

Porém, o que mais instigou o discurso ultramontano de padre Colbacchini contra os italianos ligados à Sociedade Garibaldi, foi mesmo o fato de que entre eles haviam muitos que defendiam ideologias liberais e anticlericais, e declaravam ter apoiado a unificação italiana em detrimento do poder da Igreja Romana e por essa razão não estavam dispostos a se submeter à sua liderança religiosa. Esta constatação é evidente diante do seguinte discurso, que foi proferido pelo agente consular italiano Ernesto Guaita³¹⁰ no dia 21 de julho de 1887, por ocasião do lançamento da pedra fundamental do edifício que iria servir de escola e sede para o grupo da Sociedade Italiana Giuseppe Garibaldi:

³⁰⁹ SOUZA, Wlaumir D. de. Op. Cit., p. 276.

³¹⁰ Ernesto Guaita nasceu na cidade de Turim, na região do Piemonte, no ano de 1843. Diplomou-se como engenheiro pela Academia Militar na cidade natal em 1867, ingressando na Artilharia como subtenente. Em 1870 dá baixa, para dedicar-se à arquitetura e, alguns anos após integra uma missão técnica italiana enviada ao Brasil. Guaita não retorna para a Itália, fixando-se por volta de 1875 em Curitiba. Fazendo sociedade com Ludovico Taddei em 1882, monta escritório de engenharia, e em 1891 é contratado pelo governador Generoso Marques dos Santos para a construção do Palácio Rio Branco. Este trabalho fez de Guaita o arquiteto mais solicitado da cidade naquele período. Conf. SUTIL, Marcelo. **Arquitetura Italiana na construção de Curitiba**. Curitiba: M.V. G. Meschino, 2006.

[...] Não posso deixar, nesta circunstância de deplorar como de passagem sobre o horizonte de Curitiba uma nefasta ave notívaga, que, com perfídia jesuítica abusando da influência que exerce sobre a ignorância, procura atravessar o desenvolvimento da Sociedade Giuseppe Garibaldi, acusando-a de maçônica e afastando dela os que mais precisam de instrução. [...]³¹¹

Por meio deste trecho do discurso público feito por Guaita, pode-se perceber que de fato Colbacchini adotava a estratégia de acusar o grupo urbano de maçônico, e que fazia isso para afastar os italianos do meio rural das atividades organizadas pelos indivíduos da referida sociedade. Por sua vez, no seu discurso anticlerical, o agente consular adotou duas estratégias, a de negar a acusação feita pelo religioso, e ao mesmo tempo, a de criticar a ação do sacerdote perante os imigrantes italianos de Curitiba.³¹² Ernesto Guaita, ao se referir aos estrangeiros de origem italiana fixados nas colônias agrícolas, os classificou como ignorantes necessitados de instrução, procurando se valer da educação escolar para atraí-los para a Sociedade Garibaldi.

Entre Colbacchini e Guaita passou a existir uma disputa de poder, pois ambos almejavam ocupar a posição de legítimo representante e porta-voz dos italianos instalados na capital paranaense. Este último, apoiado no cargo de agente consular do governo italiano, disputava com o sacerdote da Igreja Católica Romana, o domínio ideológico da coletividade dos imigrantes fixados na região. Clarícia Otto, que estudou as reconstruções de italianidades nas colônias de Santa Catarina, vai explicar que:

Ao tempo que um deles procura significar a realidade constituindo sujeitos católicos, o outro procura incutir a ideia da italianidade, associada ao nacionalismo italiano. O que está em jogo nessa construção de identidades são as lutas pelo reconhecimento de autoridade. Os títulos, de cônsul, de padre, dentre outros, são propriedades simbólicas que propiciam e dão o direito ao reconhecimento. Dessa forma, as identidades, a começar pela identidade dos porta-vozes, são simbólicas e reais ao mesmo tempo porque são histórica e socialmente construídas.³¹³

A declaração pública de Guaita serviu como estopim dessa disputa ideológica pelos italianos no entorno de Curitiba, pois ela estabeleceu o grupo urbano nacionalista ligado à Sociedade Garibaldi como inimigo declarado do modelo de italianidade defendido e pregado pelo padre Pietro Colbacchini, com o qual se identificavam os colonos instalados nos núcleos rurais. O referido discurso gerou um contra-ataque em forma de protesto, por meio de um

³¹¹ GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 30 de julho de 1887, nº168, p.2.

³¹² Segundo Maschio a Sociedade Italiana Giuseppe Garibaldi irá definir-se como uma loja declaradamente maçônica somente no ano de 1917. Conf. MASCHIO, Elaine C. F. 2012, Op. Cit., p. 263.

³¹³ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e Italianidades: jogos de poder no Médio Vale do Itajaí-Açu e no Sul de Santa Catarina**. Tese (Doutorado em História) – UFSC, Florianópolis, 2005, p. 75.

abaixo assinado organizado pelos italianos fixados nas colônias agrícolas, que se manifestaram em defesa de seu líder espiritual:

Os abaixo assinados imigrantes italianos estabelecidos nos núcleos coloniais dos municípios da Capital, S. José dos Pinhais e Campo Largo nesta Província, tendo notícia de haver o seu compatriota o sr. Ernesto Guaita feito alusões ofensivas e manifestamente injustas e apaixonadas ao muito respeitável Missionário Apostólico o sr. padre Colbachini, em um discurso que pronunciou no dia 30 de julho passado, por ocasião de ser lançada a primeira pedra do edifício da escola italiana, cuja construção promove nesta cidade a sociedade Giuseppe Garibaldi, vêm cumprir o dever de protestar contra tão irregular procedimento do dito seu compatriota, que de nenhum modo exprime os sentimentos dos abaixo assinados, que estão acostumados a respeitar no padre Colbachini o verdadeiro apóstolo da religião de Cristo por seus sentimentos de caridade, de zelo, de desinteresse e amor ao próximo. [...] Os abaixo assinados sabem também que o mesmo Sr. Guaita, juntamente com outros, quer mostrar-se aqui e na Itália como representante da colônia Italiana desta província, e por sua parte aproveitam a ocasião para protestarem contra este fato, pois não têm esses senhores como seus representantes. E quando tivessem necessidade de se fazerem representar, procurariam para esse fim, alguém cujas crenças religiosas fossem idênticas as suas o que não se dá com os aludidos senhores.³¹⁴

Este contragolpe, organizado pouco tempo depois das ofensas feitas ao sacerdote, foi assinado por 422 colonos, inclusive por 50 italianos que declararam residência no meio urbano. Ao defenderem o proceder do padre e repudiarem as declarações de Ernesto Guaita, afirmaram que este último, apesar de estar na função de agente consular, não lhes representava, pois não possuía as mesmas crenças religiosas que as suas. Os italianos das colônias agrícolas esclareceram que consideravam o padre como seu legítimo representante e, ao menos naquele contexto, a catolicidade como modelo de representação etnocultural. Percebe-se que a forte influência do discurso de Colbacchini dirigido aos colonos foi capaz de criar uma fronteira por meio da religiosidade. O referido clérigo descreve este enfrentamento que estava protagonizando no início da sua missão junto à região de colonização italiana do Paraná da seguinte maneira:

Ora sto lottando terribilmente col Vice Console Italiano, certo Sr. Guaita Dr. Ing. il quale ebbe l'ardimento di pronunciare in un pubblico discorso di una inaugurazione di una società (massonica) intitolata Gius. Garibaldi, parole ingiuriose contro di me, implorando l'ajuto delle Autorità presenti, per ottenere la mia espulsione. Ciò ha dato causa a un pubblico protesto firmato da circa 1000 Coloni ital. il quale bastò a mostrare la perfidia del Sr. Guaita, e spero che l'affare terminerà senza inconvenienti, avendo l'appoggio di tutti gli onesti, stando già informato più di tutto il Console Italiano di Rio Janeiro. Le dico questo per mostrarle che al diavolo non piace questa missione e cerca di disturbarla [...] I nostri Coloni andrebbero alla morte in difesa mia e della religione.³¹⁵

³¹⁴ GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 11 de agosto de 1887, nº 178, p.2.

³¹⁵ Agora estou lutando terrivelmente com o Vice Cônsul Italiano, um tal Sr. Guaita, Dr. Engenheiro, o qual teve o atrevimento de pronunciar em um discurso público na inauguração de uma sociedade maçônica intitulada

É possível perceber que Colbacchini além de exagerar no número dos seus defensores, associava a ação do seu oponente, o engenheiro Guaita, com a do inimigo de Deus, ao escrever que por meio da ação do primeiro o diabo queria atrapalhar a sua missão. Em compensação, afirma que os “nossos” colonos iriam até a morte para defender a ele e a religiosidade do grupo, fazendo transparecer a divisão que existia entre os italianos estabelecidos em Curitiba. A publicação do referido abaixo assinado serviu para aumentar ainda mais a divisão e a tensão entre os dois grupos, já que agora os italianos do entorno de Curitiba eram conduzidos, por meio da disputa que se dava entre os representantes dos dois modelos de italianidade, a escolher de que lado estavam. Poucos dias depois alguns dos membros pertencentes à referida sociedade organizaram um contra protesto. Estes, por sua vez, saíram em defesa do agente consular:

Tendo os abaixo assinados com a maior surpresa e indignação visto aparecer no nº 178 da Gazeta Paranaense as próprias assinaturas abaixo de uma verrina estupidamente e indecorosamente escrita contra o Agente Consular da Itália sr. Dr. Ernesto Guaita, protestam energicamente contra a forma pérfida e indecorosa com que uma comissão composta dos Srs. Busato Francisco, Moletta Sebastião, Marco Mocelin, Marco Feracin, Luiz Bonato e outros poucos obtiveram as nossas assinaturas sem explicar o fim, perguntando apenas qual era a nossa religião, sem nem de longe indicar que as ditas assinaturas deviam servir para ofender o tão digno patriota pelo qual têm a honra de se ver nesta província representados e ao qual devem a mais sincera gratidão e dedicação pela desinteressada, enérgica e filantrópica maneira com que os auxiliou em qualquer circunstância.³¹⁶

Percebe-se, por meio desta declaração, que este grupo urbano possuía indivíduos que não viam nenhum problema em ser católico e, ao mesmo tempo, exaltar os símbolos da unificação italiana junto dos imigrantes ligados a Sociedade Garibaldi. Certamente esses italianos seguiam o catolicismo de uma maneira diferenciada do modelo imposto pelo discurso ultramontano intransigente de Pietro Colbacchini, que condenava o apoio dos católicos à Itália unificada. Esta realidade permite observar que não se estava diante de um

Giuseppe Garibaldi, palavras injuriosas contra mim, implorando a ajuda das autoridades presentes para obter a minha expulsão. Este fato causou a publicação de um protesto assinado por cerca de 1000 Colonos italianos, o que bastou para mostrar a perfídia do Sr. Guaita, e espero que a ação terminará sem inconvenientes, tendo eu o apoio de todos os honestos, e estando já informado sobre tudo o Cônsul Italiano do Rio de Janeiro. Lhe digo isso para lhe mostrar que o diabo não gosta desta missão e procura perturbá-la [...] Os nossos Colonos iriam até a morte em minha defesa e da religião. COLBACCHINI a MANTESE, 21 de agosto de 1887. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 34.

³¹⁶ Chama atenção a citação dos italianos Sebastião Moleta, Marco Feracin e Francisco Busato como defensores de Colbacchini, pois são imigrantes que faziam parte do grande grupo trazido pelo padre Angelo Cavalli. GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 21 de agosto de 1887, nº 186, p. 3.

simples binarismo, e que o grupo de italianos fixados em Curitiba, sobretudo no seu meio urbano, configurava-se ser como multicultural, híbrido e heterogêneo.

Porém, não se pode negar que a aceitação ou não do discurso ultramontano promovido pelo sacerdote bassanese era imposta para os que se autodeclaravam católicos como uma forma de escolha de qual lado apoiavam. Tanto é, que os cinco colonos acusados de organizar o abaixo assinado contra o agente consular italiano, se sentiram golpeados e partiram mais uma vez para o contra-ataque, e em apenas quatro dias elaboraram uma resposta ao contra protesto, na qual se defendiam das acusações feitas a eles usando como argumento a religião:

Nada do que expõem os contra protestantes, sobre o modo porque foram obtidas as assinaturas é verdade. Os abaixo assinados afirmam que todos os que subscreveram o aludido protesto, o fizeram espontaneamente, e estão prontos a provar isso em juízo, ou por qualquer outro modo. Quem ignora que os colonos desejavam, por si, sem sugestão de quem quer que fosse, protestar contra o ousado procedimento do Sr. Guaita? A causa da religião era a do padre, contra o qual o Sr. Guaita dirigia tão insólita provocação. Qual pois a necessidade de artifício ou engano para conseguir assinaturas?³¹⁷

Essa resposta foi assinada pelos cinco colonos, Francisco Busato, Sebastião Molleta, Marco Mocelin, Marco Feracin e Luiz Bonato, todos oriundos da Zona Bassanese, afirmando que as assinaturas foram feitas todas espontaneamente e que ficaram do lado do sacerdote, com o argumento de que ele defende a causa da religião. Depois dessas manifestações públicas em seu apoio, em várias de suas missivas o religioso será ainda mais enfático, e ao se referir aos italianos do meio urbano ligados a Sociedade Garibaldi vai classificá-los sempre como *“portati qui dal diavolo”*³¹⁸.

... ve ne sono portati qui dal diavolo. Da cotestoro, ho sofferto e soffro persecuzioni di ogni fatta. Ho combattuto e vinto contro l'ex Agente Consolare il Sen. Ernesto Guaita che in pubblico discorso mi qualificava come “Avis noctivaga periculosa” a Corityba. Uscirono parecchi articoli nel giornale, e la fine fu che venne imposto al Guaita di subire, e più tardi, di perdere il posto ufficiale che occupava. Ora qua e colà vi sono che mi vogliono morto, o perche ho strappata la concubina, o per avvisata la polizia delle turbolenze che inquietavano certe Colonie.³¹⁹

³¹⁷ GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 25 de agosto de 1887, nº 189, p. 3.

³¹⁸ Trazidos aqui pelo diabo.

³¹⁹ ... existem os trazidos pelo diabo. Da parte destes, sofri e soffro perseguições de todos os tipos. Combati e venci o ex Agente Consular o Sr. Ernesto Guaita que em discurso público me qualificava como “perigosa ave notívaga” para Curitiba. Saíram vários artigos no jornal, e finalmente foi imposto a Guaita de se ausentar, e mais tarde, de perder o posto oficial que ocupava. Agora aqui e ali existem aqueles que me querem morto, ou porque lhes tirei a concubina, ou por ter avisado a polícia das turbulências que inquietavam as colônias. COLBACCHINI a SPOLVERINI, 24 de maio de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 58.

Nesta última carta, que data de meados de maio de 1888, o sacerdote afirma que por conta do conflito ocorrido entre os meses de julho e agosto do ano anterior, Guaita foi deposto do cargo de agente consular. Contudo, Colbacchini diz que por conta da acirrada disputa contra um dos líderes e representantes dos italianos do meio urbano, ele adquiriu muitos inimigos na região de colonização italiana do Paraná e que a partir de então esses passaram a desejar a sua morte. Fato é que, depois desse confronto público, o referido padre passou a associar automaticamente todo e qualquer um de seus adversários, sobretudo aqueles que atentavam contra sua vida, com o grupo da Sociedade Giuseppe Garibaldi, ou seja, como tendo ligação com os italianos anticlericais que pertenciam à citada organização, que adotava o nacionalismo como signo de pertencimento.

Um primeiro caso que apresento, é um exemplo de resistência às imposições e correções morais feitas pelo sacerdote aos imigrantes de origem italiana. Trata-se do rapto de uma jovem brasileira por um italiano no final do ano de 1887, como ele relata na narrativa a seguir:

Nell'anno passato, trovandomi io in Chiesa nella Colonia Alfredo Chaves, una donna italiana mi presentò una giovenetta tredicenne che piangendo chiedeva il mio ajuto per liberarsi dalla brutalità di un certo Vincenzo Lapolla, calabrese, che dopo averla rubata a sua madre, sei mesi avanti, la maltrattava in tutte le guise. Feci il mio dovere, e fatta chiamare la sua madre a lei la consegnai colle dovute raccomandazioni. Intanto io era partito della Colonia, quando tornò dai boschi (è mercante girovago) il detto Vincenzo, e non trovata la fanciulla o sapendo della cosa, divenne furibondo contro me giurando che mi avrebbe ucciso.³²⁰

É notório que Colbacchini faz questão de marcar a origem regional do autor do citado desvio de conduta e ameaça de morte, escrevendo que Vincenzo Lapolla era um calabrês, ou seja, era oriundo do Sul da Itália, fato que aumentava a reprovação do clérigo para com o seu comportamento. Por sua vez, este último ao se revoltar contra o missionário revelou sua resistência ao discurso controlador e moralizador do sacerdote. Por meio de outro relato sobre o andamento do caso, que o padre scalabriniano fez ao seu superior, ele afirma: “... *stante la sua schiatta, calabrese, la sua empietà e le seduzioni che riceverà. Si rivelò manifestamente che la sua era ira di religione, e che egli era il mancipio di tre o quattro persone italiane,*

³²⁰ No ano passado, encontrando-me na Igreja da Colônia Alfredo Chaves, uma mulher italiana me apresentou uma juvenzinha brasileira de treze anos que chorando solicitava minha ajuda para libertar-se da brutalidade de um certo Vincenzo Lapolla, calabrês, que depois de a ter roubado de sua mãe, seis meses antes, a maltratava de todas as formas. Fiz o meu dever, e mandei chamar sua mãe e a ela a entreguei com as devidas recomendações. No entanto, eu havia partido da Colônia, quando voltou dos bosques (pois é um mascate) o dito Vincenzo, e não encontrando a menina ou sabendo do acontecido, ficou furioso contra mim jurando que teria me matado. COLBACCHINI a ROLLERI, 30 de dezembro de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 94.

atee nella città, che vivo o morto mi vogliono via di qua.”³²¹ Sobre o mesmo caso, declarou ainda a um de seus colegas de congregação: “... *devo accrescere le cautele per ripararmi dalle insidie di lui e dei suoi complici (sono Calabresi, e fra questi un Sacerdoti!)*”.³²²

Ao reafirmar a origem calabresa de Lapolla e de seus cúmplices, Colbacchini também fez questão de relatar que havia a presença de um sacerdote entre eles. Para a presente pesquisa estas revelações são muito importantes, pois apontam para a existência de uma multiplicidade de representações de italianidade e catolicidade entre os imigrantes da referida origem étnica que vieram para as terras paranaenses. O fato de negar a representação identitária imposta pelo modelo de catolicismo ultramontano, adotada, sobretudo, pelos vênets instalados nas colônias rurais, e se aproximar do grupo com características liberais, não quer dizer que o imigrante calabrês não pudesse viver o catolicismo de outra maneira, tanto que tinha ligação com outro sacerdote católico, supostamente da mesma origem regional que a sua. Ainda sobre esse caso, o sacerdote bassanese vai relatar que em meados do ano de 1888 houve mais uma tentativa de vingança que quase lhe custou a vida:

Credeva, dopo otto mesi, che fosse cessato ogni pericolo, quando sulla via che mena alla stessa Colonia di Alfredo Chaves, nel mezzo del bosco, egli mi assale improvvisamente, dicendomi che avrebbe voluto vedere se il mio Cristo poteva più del suo revolver, ed altre bestemmie ed impertinenze colle quali riscaldatasi il sangue per venire all'atto della sua giurata vendetta. [...] Seguendo un impulso del momento, diedi volta improvvisamente al cavallo e via di galoppo. Egli m'inseguì ma non mi raggiunse per disposizione di Dio, perché presa io una strada nel bosco, per poca conoscenza che ne aveva, ismarrii, e quello smarrimento fu la mia salvezza. [...] Venni poi, coll'intervento del Capo della Polizia di Corityba, ad una composizione con lui che promise di non più importarsi di me. Al Presidente della Provincia ed al Capo della Polizia in pochi giorni pervennero una dozzina di protesti contro questo attentato firmati da quasi tutti i coloni, nei quali si chiedeva lo sfratto dell'assassino. Questo fatto mi tornò utile per la protezione che le autorità cominciarono a darmi e per far conoscere ed apprezzare i vantaggi civili della missione.³²³

³²¹ Diante a sua linhagem, calabrês, seu caráter ímpio e as seduções a que se deixou levar; Se revelou claramente que a sua ira era contra a religião, e que ele estava submisso a três ou quatro outros italianos, ateus da cidade, que vivo ou morto queriam me tirar daqui. COLBACCHINI a SCALABRINI, 24 de janeiro de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 103.

³²² ... devo aumentar as cautelas para me proteger das insídias dele e de seus cúmplices (são Calabreses, e entre eles um Sacerdote!). COLBACCHINI a ROLLERI, 06 de fevereiro de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 107.

³²³ Acreditava que depois de oito meses, estivesse livre do perigo, quando na estrada que leva a mesma Colônia de Alfredo Chaves, em meio ao bosque, ele me aparece de surpresa, dizendo-me que queria ver se o meu Cristo podia mais que o seu revolver, e outras besteiras e impertinências com o sangue quente para realizar o ato da sua jurada vingança. [...] Seguindo um impulso de momento, improvisadamente dei volta no cavalo e corri aos galopes. Ele me seguiu, mas não conseguiu me alcançar por disposição de Deus, porque peguei por engano uma estrada no bosque, mas aquele engano foi minha salvação. [...] Depois da intervenção do chefe de polícia de Curitiba, ele concordou e prometeu de não mais me ameaçar. Ao Presidente da Província e ao Chefe de Polícia em poucos dias foram dirigidos uma dúzia de protestos contra este atentado assinados por quase todos os colonos, nos quais se pedia a expulsão do assassino. Este fato foi útil devido a proteção que as autoridades

O biografado revela que o caso levou muitos colonos a organizarem novos protestos em seu favor, que dessa vez foram dirigidos às autoridades brasileiras. Ele menciona que a partir de então ele passou a contar com a proteção do Presidente de Província e do Chefe de Polícia de Curitiba, que passaram a apreciar as vantagens civis que a missão trazia para a região.

Um segundo caso, que também rendeu um atentado contra a sua vida, está relacionado à assistência sacramental que o mesmo exercia na região de colonização italiana do Paraná, mas que da mesma forma apresenta a resistência de outro colono ao discurso ultramontano do missionário aqui investigado. O acontecimento se deu no ano de 1889, quando o religioso visitava um dos núcleos coloniais do litoral paranaense:

... nel giorno 11 per accondiscendere al desisderio dei Coloni de S. Luiz, là mi portai a passar due giorni con loro. Volle combinazione che da presso la casa che dovea ospitarmi, m'incontrassi col famoso José Albino, quel tizio che per 15 giorni stette costì in Corityba sulle mie traccie per ammazzarmi. Non le posso dire quanto di rabbia egli disfogò contro di me: ad ogni modo mi voleva gettare di sella, dicendo che era venuto il momento della sua vendetta, con le bestemmie più orrende. Due volte mi aferò per il braccio; due volte mi abbrancò nel collo, ma io resistetti conservandomi nella maggior quiete. Fuggì ed egli mi inseguì fino alla casa Vagnoni. Là entrato, egli pure entrò, e per tre o quattro ore resti sotto l'incubo di quella belva vorace. La gente di là, mezza cotta dalla caciassa, sebbene se ne stava pronta a difendermi, non ardì di impedire questi fatti, perchè quel malvaggio, più colle sue bravate, che colla sua forza, ha saputo incutere spavento a tutti di quella Colonia.³²⁴

Dias depois, estando são e salvo, em viagem à província de São Paulo, ao relatar o caso ao seu superior, o scalabriniano revelou qual teria sido o motivo de tanto ódio que ocasionou este segundo atentado contra sua vida. *“In viaggio presi febbri biliose, forse in causa del malo incontro fatto in Paranaguà di un uomo (lombardo) che mi afferrò per il collo e diceva di volermi uccidere, perchè due anni or sono, sua moglie venne a confessarsi da me.”*³²⁵

começaram a me dar e para fazer conhecer e apreciar as vantagens civis da missão. COLBACCHINI a SPOLVERINI, junho de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 164-165.

³²⁴ ... no dia 11 para atender o desejo dos Colonos de São Luiz, lá me dirigi para passar dois dias com eles. Aconteceu que próximo a casa em que deveria me hospedar eu encontrasse o famoso José Albino, aquele mesmo que por 15 dias permaneceu em Curitiba atrás das minhas pegadas para me matar. Não lhe posso dizer quanta raiva ele despejou contra mim: de todas as formas queria me derrubar da sela, dizendo que tinha chegado o momento da sua vingança, com as blasfêmias mais horrendas. Duas vezes me segurou pelo braço; duas vezes me puxou pelo pescoço, mas eu resisti e me mantive na maior calma. Fugi, e ele me seguiu para a casa dos Vagnoni. Lá entrei, mas ele também entrou, e por três ou quatro horas fiquei diante do pesadelo daquela besta foraz. As pessoas de lá, já sob efeito da cachaça, mesmo prontos a me defender, não ousaram impedir este fato, porque o malvado, mais com suas palavras, que com sua força, soube incutir medo a todos daquela colônia. COLBACCHINI a MOLINARI, 22 de maio de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 129.

³²⁵ Em viagem adquirir fortes febres, talvez por causa do terrível encontro que aconteceu em Paranaguá com um homem (lombardo) que me segurou pelo pescoço e ameaçava me matar, porque dois anos fazem, sua mulher foi

Segundo a descrição do sacerdote já há algum tempo este outro imigrante o estava perseguindo com a intenção de matá-lo, pelo fato de sua mulher ter se confessado com ele dois anos atrás. Fica subentendido que na referida confissão, Colbacchini tenha aplicado alguma correção de ordem moral que veio a interferir no relacionamento do casal. O fato demonstra como o padre agia para impor regras de comportamento aos indivíduos por meio dos sacramentos católicos, e ao mesmo tempo, que alguns imigrantes não aceitavam esta ação que visava controlar e disciplinarizar o grupo étnico por meio de normas de conduta moral. Nota-se, que mais uma vez o sacerdote italiano faz questão de marcar a procedência regional do transgressor, informando que se tratava de um imigrante lombardo, como se estivesse dizendo que não era um dos colonos oriundos da sua região de procedência, o Vêneto.

Outro motivo, que fez com que o padre bassanese revelasse toda a sua postura ultramontana nesse período que esteve em Curitiba, foi o advento da república como forma de governo no Brasil. Sobre essa passagem ele escreve em julho de 1890:

... mi ripromettevo che questa repubblica non fosse figlia di quella di Francia; fosse sorta per un caso felice, colle vere intezione di prosperare il paese. Le prime promesse ingannarono molti. È sempre l'idra della rivoluzione – la massoneria – l'ateismo – l'anticristo che prevale. Si è cominciato e si andrà alla fine. Il clero è poco, è debole, e senza influenza sopra popolazioni che di religione hanno appena il nome. I mezzi umani mancano tutti. C'è l'elemento della distruzione nel grado il più eccessivo; e manca affatto quello della ristorazione! Iddio abbia pietà di questa disgraziata nazione.³²⁶

Fica evidente que o sacerdote afirma que a república que estava sendo implantada no Brasil era filha da Revolução Francesa. Com certeza ao fazer essa referência Colbacchini temia que a separação entre Igreja e Estado trouxesse grandes danos à religião católica, como ocorreu na Europa, e na Itália em particular, devido ao processo de unificação. Da mesma maneira, ele acusa o novo modelo político de estar impregnado de maçonaria, de ateísmo e de um discurso anticristão, que eram os inimigos clássicos do ultramontanismo, e que segundo ele provocariam a destruição da fé católica entre os brasileiros. Para o referido missionário a presença desses elementos na política brasileira, que ele julgava como adversários da Igreja,

se confessar comigo. COLBACCHINI a SCALABRINI, 07 de junho de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 136.

³²⁶ Tentei me convencer de que esta república não fosse filha daquela da França; que tivesse surgido com um propósito feliz, com verdadeiras intenções de fazer o país prosperar. As primeiras promessas enganaram a muitos. Mas é sempre a hidra da revolução – a maçonaria – o ateísmo – o anticristo que prevalece. Se começou irá até o fim. O clero é pouco, é fraco, e sem influência sobre a população que de religião tem apenas o nome. Os meios humanos faltam todos. Existe o elemento da destruição no grau mais avançado; e falta de fato aquele da restauração! Deus tenha piedade desta desgraçada nação. COLBACCHINI a SPOLVERINI, 21 de julho de 1890. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., pp. 277-278.

somada a exclusão da religião, causariam a ruína do país, e isso legitimava ainda mais sua missão perante os imigrantes italianos nele instalados.

Nessa direção, os partidos políticos e os seus integrantes também eram alvos das críticas do missionário, sendo que alguns eram tidos como inimigos declarados como o era, por exemplo, o Coronel José Olyntho Mendes Sá, como se pode perceber no trecho da carta que ele enviou ao padre Bonato em 23 de agosto de 1890:

Venne a mia notizia che certo Merchiorato Antonio impiegato nella sega e molino di Iudica Mendes de Sa, sparla molto di me (certo sotto l'impulso del suo padrone) e giunge a dire che egli sa di cosa certa che in quest'anno ho io mandato alla mia famiglia la somma de 18 conti di reis. Fate il favore di chiamarlo, alla prima occasione, e di dirgli da mia parte che se egli potrà provare aver io mandato un reis alla mia famiglia in tutto il tempo dacché mi trovo in America (6 anni) io gli darò a premio un conto per lui. Fategli conoscere la parte infame che egli rappresenta con queste calunie che presso i semplici seminano scandalo e portano grave pregiudizio alla reputazione che io devo godere per ottenere il fine del mio ministero. Ditegli che egli ha più bisogno di Dio che Giudica Mendes, e che non ischerzi, perché Iddio è il vendicatore delle ingiuste offese fatte ai suoi ministri... ad onta che io gli perdoni, se al più presto e pubblicamente, cioè a presenza di testimoni, non confesserà essere stato di sua invenzione l'affare dei 18 conti, o di averlo appreso da persona mal disposta contro di me.³²⁷

No caso apresentado, um dos colonos do núcleo Mendes de Sá, localizado em Campo Largo, de nome Antonio Merchiorato, acusava o padre italiano de juntar dinheiro, por meio da função que exercia junto aos imigrantes, para enviar aos seus familiares na Itália. Colbacchini associava a atitude do referido imigrante ao fato do mesmo ser empregado do coronel Jugica Mendes, apelido de José Olhynto Mendes Sá, com o qual, como é possível perceber através do exposto, o sacerdote tinha certas divergências. Essa inimizade se dava por conta da disputa pelo controle dos imigrantes pertencentes à referida colônia, sobretudo por questões políticas, pelo fato do citado coronel pertencer ao partido republicano, ao qual eventualmente queria

³²⁷ Fiquei sabendo que um certo Antonio Merchiorato empregado na serraria e moinho de Jugica Mendes de Sá, fala muito mal de mim (certamente sob influência de seu patrão) e anda dizendo que ele sabe com toda a certeza, que neste ano eu mandei para minha família a soma de 18 contos de reis. Faça o favor de chamá-lo, na primeira oportunidade, e de dizê-lo em meu nome que se ele puder provar ter eu mandado um só réis a minha família em todo esse tempo no qual eu me encontro na América (6 anos) eu lhe darei um conto como prêmio. Faça-o conhecer a parte infame que ele representa com estas calúnias que junto dos mais simples semeiam o escândalo e trazem graves prejuízos à reputação que eu devo gozar para obter a finalidade do meu ministério. Diga-o que ele tem mais necessidade de Deus que de Jugica Mendes, e que não brinque, porque Deus é o vingador das injustas ofensas feitas aos seus ministros... ao contrário que eu o perdoe, se o mais rápido e publicamente, isto é, na presença de testemunhas, ele não confessar ser sua invenção essa história dos 18 contos, ou de tê-la ouvido de pessoa má disposta contra mim. COLBACCHINI a BONATO, 23 de agosto de 1890. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., pp. 284-285.

agregar, contra a orientação do padre italiano, também os colonos pertencentes àquele núcleo.³²⁸

A fim de concluir esta parte da minha análise, dedicada a luta ultramontana de Colbacchini no Paraná, quero reforçar que devido às disputas contra os partidos políticos que o referido sacerdote travou, deve-se a sua saída do Paraná no ano de 1894. Segundo afirma Rizzardo, foi por fazer rígida oposição à incorporação dos colonos nas tropas que se formavam durante a Revolução Federalista, nas quais já haviam se alistado diversos italianos liberais, que o referido padre passou a ser ainda mais hostilizado naquele contexto revolucionário que tomou conta da região.

O mesmo autor afirma que alguns políticos queriam arregimentar os imigrantes com o intuito de fazê-los tomar parte ativa na revolução, mas o “pe. Pedro” opôs-se a tais tentativas, chegando, numa só vez, a facilitar a fuga de sessenta homens, que já tinham sido obrigados a trocar a enxada pelo fuzil.³²⁹ Por essa razão, os liberais tramaram a morte do padre por meio de um atentado que ocorreu no dia 17 de fevereiro de 1894. O sacerdote italiano narra o acontecimento ao seu superior da seguinte forma:

Finalmente corrono le corrispondenze dopo 6 mesi di sospensione per causa di questa guerra fraticida che ha desolato questo Paraná. [...] La mia vita fu a sommo rischio. La notte del 17 febbrajo per opera di un'indegno italiano, bandito da Italia, colonello delle forze rivoluzionare, uomo scleratissimo, furono assaltate le mie residenze di Agua Verde e di S.ta Felicidade, nell'intento di uccidermi, perché io ritraeva gli Italiani dall'arrolarsi sotto le bandiere di quel furbante che si era dato alla rivoluzione per aver modo di formare un'orda di assassini. I primi ad arruolarsi furono circa 50 italiani anarchici di Curityba, gente fuggita dalla giustizia italiana e che stava aspettando il momento per depredare e far le peggiori cose. Quell'empio sapeva così ben dire che allucinava questi ignoranti coloni e li traeva facilmente alle sue reti, se non era che io, visto il pericolo, non li avessi avvisati e disilusi. Due mesi ho dovuto vivere nascosto in fitta boscaglia e difeso da gente armata. Le ricerche di quei masnadieri per avermi furono continue, ma non giunsero al loro fine.³³⁰

³²⁸ A colônia Mendes de Sá, também conhecida como Rondinha, foi fundada às margens da Estrada de Mato Grosso por iniciativa particular dos irmãos Cel. José Olyntho e Cap. João Antonio Mendes de Sá. A área inicial de 280 hectares foi dividida em 35 lotes que foram adquiridos por italianos e poloneses. Cf. SCARPIM, Fábio A. 2017, Op. Cit.

³²⁹ RIZZARDO, Redovino. **João Batista Scalabrini**. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 273.

³³⁰ Finalmente correm as correspondências depois de 6 meses de suspensão por causa desta guerra interna que tem desolado este Paraná. [...] A minha vida correu maior risco. Na noite de 17 de fevereiro por obra de um indigno italiano, bandido na Itália, coronel das forças revolucionárias, homem perigosíssimo, foram assaltadas as minhas residências do Água Verde e de Santa Felidade, na intenção de me matar, porque eu impedia os Italianos de colocar-se debaixo as bandeiras daquele enganador que se envolveu com a revolução para ter como formar uma orda de assassinos. Os primeiros a se inscreverem foram 50 italianos anárquicos de Curitiba, gente fugida da justiça italiana e que estava esperando o momento para depredar e fazer coisas piores. Aquele ímpio sabia tão bem falar que iludia estes ignorantes colonos e lhes atraía facilmente as suas redes, se não fosse eu, vendo o perigo, os avisasse e os desiludisse. Dois meses tive que viver escondido em meio ao bosque e defendido por gente armada. As procuras destes assassinos para me encontrar foram contínuas, mas não conseguiram seu objetivo. COLBACCHINI a SCALABRINI, 21 de maio de 1894. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 372.

Ao relatar o atentado promovido contra sua vida, devido ao fato de que por meio de seu discurso Colbacchini convencia os colonos de origem italiana da região de Curitiba a não participar dos partidos políticos e das tropas que se formavam com o advento da Revolução Federalista, o missionário irá culpar um imigrante, que classifica como “indigno e bandido italiano”, de ser o responsável em promover tal perseguição. Não foi possível, por meio dessa pesquisa, saber exatamente a quem o sacerdote se referia, somente percebe-se que se tratava de um italiano pertencente ao grupo de imigrantes do meio urbano, com características liberais e anticlericais.

Minha hipótese, é que mais uma vez o padre italiano estivesse se referindo a um dos membros da Sociedade Giuseppe Garibaldi, ainda mais porque se sabe que nesse período, com o fracasso da Colônia Cecília na região de Palmeira, o grupo de liberais que se organizava em torno da referida sociedade étnica, passou a ser composto também por muitos imigrantes com ideais anarquistas que de lá remigraram para capital paranaense.³³¹

Mesmo não podendo saber ao certo a mando de quem Pietro Colbacchini sofreu esse outro atentado contra sua vida, sabe-se que a perseguição feita a sua pessoa pelos liberais o obrigou a deixar a missão italiana que havia constituído no Paraná e o fez retornar, mesmo que a contragosto, para Itália. Mas, como o tão intransigente sacerdote conseguiu escapar do ódio dos seus opositores que planejaram a sua morte, e conseqüentemente, pode voltar são e salvo para sua terra natal? Alguns relatos contidos em memoriais de dois núcleos coloniais italianos da região, Santa Felicidade e Vila Colombo (antiga colônia Alfredo Chaves), elaborados por meio de entrevistas orais concedidas por imigrantes e seus descendentes, servem de fragmentos que revelam que o sacerdote foi salvo por meio da ajuda de alguns dos seus colonos aliados:

Por boa sorte, enquanto eles tramavam a conspiração e designavam as pessoas que, naquela noite, deviam executá-la, estava ali escutando um amigo do Padre, um certo Francesco Busato de Vila Colombo. Com urgência ele se dirigiu para a colônia para avisar do iminente perigo que incumbia. Embora já fosse noite, o Padre, com toda a pressa, mandou arrear um bom cavalo, entregou um crucifixo à doméstica (Luigia Micheletto) dizendo-lhe: “Com este não tema nada” e, escoltado por alguns colonos, fugiu para os lados de Vila Colombo. [...] Depois de vinte dias voltou para casa, mas não o deixavam tranquilo porque o General dos liberais, tendo conhecimento de seu retorno, o mandou chamar e o obrigou a formar, na colônia, um corpo de guardas se

³³¹ Sobre a vinda de muitos indivíduos com conotações anarquistas para Curitiba encontramos a seguinte notícia já no final de 1892: “Anarchistas. Sob esta epigraphe publicou hontem o ‘Diário do Commercio’ a deliberação tomada pelo Sr. Ministro da Justiça, autorizando a deportação dos anarchistas que apparecerem na Capital Federal. E os daqui que estão inundando a nossa Curitiba? A REPUBLICA, nº 833, quinta-feira, 15 de dezembro de 1892. A respeito da presença anarquista em Curitiba conf. VALENTE, Silza Maria Pazello. **A presença rebelde na cidade sorriso: contribuição ao estudo do anarquismo em Curitiba, 1890-1920**. Londrina: Ed. UEL, 1997.

quisesse garantir a vida e os bens dos colonos. [...] Assim, voltou a ficar em perigo a vida do Padre, o qual, embora sabendo estar escoltado e defendido pelos bons colonos, decidiu voltar para a Itália...³³²

Pe. Pietro Colbacchini – 1894 - Um acontecimento imprevisto abala a comunidade italiana ordeira e laboriosa de Colombo: um fugitivo marcado para morrer está pedindo abrigo. É um italiano, um padre: Padre Colbacchini, que teria feito ele? Durante um bom tempo uma casa de família de Colombo é transformada em Igreja, porque ali se instalou o fugitivo que num ímpeto de zelo apostólico enfrentou os desmandos da autoridade civil em Curitiba. Foi por acaso que sentados num ‘restaurante’ da praça Tiradentes dois italianos de Colombo escutaram o plano dos assassinos. Voando em sua charrete Francisco Busato e seu companheiro João Tosin correram até Santa Felicidade avisar o Padre Colbacchini do perigo que corria.³³³

Por meio dos dois relatos, que apesar de escritos em épocas diferentes se complementam, pode-se perceber que o missionário scalabriniano contou com a ajuda dos seus fiéis colonos para conseguir escapar com vida do atentado promovido contra ele pelos italianos liberais envolvidos na Revolução Federalista. É possível saber ainda quem foram os imigrantes, que ao saberem do plano de execução do seu líder religioso, agiram em sua defesa avisando-o e providenciando rapidamente um esconderijo seguro para ele. Trata-se dos italianos Francesco Busato de Nove, e seu companheiro Giovanni Tosin, de Maróstica, ambos imigrantes pertencentes ao grupo trazido pelo padre Angelo Cavalli e provenientes da Zona Bassanese, que se instalaram na Colônia Alfredo Chaves que deu origem a Vila de Colombo.

O mais curioso, é que só foi possível livrar o padre Colbacchini da morte, porque esses dois, considerados exemplos de bons e fiéis católicos, estavam transgredindo as regras de não permanecer muito tempo no ambiente urbano e não frequentar as vendas para onde constantemente se dirigiam os italianos com características liberais e anticlericais. Posso inferir, apoiado nesse último caso, que mesmo os imigrantes italianos que eram considerados bons católicos quebravam as regras impostas pela autoridade sacerdotal. Entendo que as figuras dos colonos Francesco Busato e Giovanni Tosin caracterizam bem essa realidade, pois mesmo frequentando as vendas, ou seja, contrariando a autoridade de Pietro Colbacchini, conservavam uma relação de boa estima, amizade e fidelidade com ele. Compreende-se, então, que até mesmo o referido sacerdote aceitava certos desvios cometidos por alguns de seus fiéis, o que demonstra que a italianidade propagada por ele, não era aceita de forma

³³² MARTINI, Pe. Giuseppe. Origem e desenvolvimento da colônia Santa Felicidade, Paraná. Santa Felicidade, 18 de março de 1908. In: GEREMIA & VIVIAN, Pes. Mário & Ervino. **Santa Felicidade – Curitiba, o início de uma bela história**. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 29.

³³³ BUSATO, José. Outubro de 1995. **Centenário da Paróquia Nossa Senhora do Rosário**. Colombo: Associazione Trevisani nel Mondo, 1995, p. 7.

passiva, mas sim se dava perante um processo de negociação entre ele, como promotor do discurso, e os imigrantes italianos, que resignificavam o mesmo conforme os seus interesses.

Apesar de toda essa complexidade, que não excluía as tensões e as negociações, o sacerdote manteve seu caráter de ultramontano intransigente até o fim, como se percebe pelo discurso que realizou para se despedir dos imigrantes da região de colonização italiana do Paraná. Depois de oito anos prestando assistência religiosa aos colonos aqui instalados, ele continuava exortando os seus conterrâneos a respeito do citado desvio de conduta:

Ed è per questo che in quest'ultima occasione che io vi parlo, solenne insieme e mestissima per me e per molti di voi, vi grido ancora una volta per quanto mi sento cuore di padre per voi, per quanto desidero il vostro bene: Fuggite le vende! Fuggite le vende! Voglio dire astenetevi da quei luoghi nei quali o vi trovereste con pericolose compagnie, o in occasione di intemperenze, di scialaqui, di disordini. Se vi preme la vostra anima, la vostra salute, il vostro decoro, la pace e felicità nelle vostre famiglie, rinunciate a quei divertimenti, che, non sono punto necessari, e che per se stessi e per motivi particolari alle circostanze vostre, vi tornerebbero di sommo pericoloso. Non vi fidate di voi. Chi si approssima al fuoco si riscalda. Da quei luoghi dove si beve e si tracanna, si giuoca e si bestemmia, si danza e si fa onta al pudore, statevene lontani come fareste da un lazzaretto di lebbrosi. La lebbra voi contrereste per l'anima ed insieme per il corpo. [...] Fuggite le vende e fuggirete il demônio.³³⁴

Portanto, a estada de oito anos a frente da missão constituída para os seus conterrâneos no entorno de Curitiba, serviu para reafirmar e aumentar a sua postura de intransigente por meio da constante luta ultramontana que exerceu para defender a fé católica como forma de italianidade junto às colônias formadas em solo paranaense. Assim, depois de dez anos de atividade apostólica no Brasil, padre Pietro Colbacchini partiu no dia 06 de agosto de 1894, retornando para a Itália e para a sua cidade natal Bassano. Acumulava em sua bagagem de retorno a tão desejada experiência de missionário para os imigrantes, e o pertencimento à congregação religiosa dos scalabrinianos. Partiu ainda, deixando registrada a sua marca de figura *grata et non grata* perante a coletividade italiana do Paraná.

³³⁴ É por isso que nesta última ocasião em que eu vos falo, solene e ao mesmo tempo muito triste para mim e para muitos de vós, vos grito ainda mais uma vez fortemente aquilo que sinto no coração como vosso pai, e por quanto desejo o vosso bem: Fugam das vendas! Fugam das vendas! Quero dizer, abstenham-se daqueles lugares nos quais encontrareis com companhias perigosas, ou em ocasião de intemperanças, de esbanjamentos, de desordens. Se apreciam a vossa alma, a vossa saúde, o vosso decoro, a paz e a felicidade nas vossas famílias, renunciem a estes divertimentos, que não são necessários, e que por si mesmos ou pelos motivos particulares das vossas circunstâncias, se tornariam um grande perigo para vós. Não confiem em vos mesmo. Quem se aproxima do fogo se queima. Daqueles lugares onde se bebe e se traga, se joga e se blasfêmia, se dança e ofende o pudor, fiquem longe como ficariam de um lazareto de leprosos. Lá vocês contrairiam a lepra para a alma e também para o corpo. [...] Fugam das vendas e fugirão do demônio. COLBACCHINI, Pietro. Discorso di congedo, 29 de julho de 1894. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p.572-573.

4. UM VÊNETO SCALABRINIANO, MAS COM JEITO DE JESUÍTA EM COMBATE: TRAJETÓRIAS, MEMÓRIAS E ESQUECIMENTOS

Neste terceiro, e último capítulo desta tese, é priorizado o estudo das relações de poder, as disputas e os conflitos que Pietro Colbacchini vivenciou a partir de 1885. Deste ano em diante, o sacerdote protagonizou uma série de enfrentamentos perante os representantes da Igreja Católica, incluindo o clero brasileiro e os colegas de congregação, com os quais ele manteve contato direto durante os seus itinerários como missionário em favor dos imigrantes italianos instalados no Brasil. Busquei perceber como essas interações fortaleceram o seu discurso ultramontano e romanizador, baseado em um catolicismo étnico, que o levou a pensar e propor um modelo de colonização italiana próprio, elaborado a partir de suas experiências e seus parâmetros particulares.

Nesta última parte da pesquisa, estão elencadas também as trajetórias do segundo período de missão que o personagem realizou junto aos seus conterrâneos em território brasileiro, que se deu especificamente em terras gaúchas. E, por fim, são apresentadas algumas das principais memórias das suas vivências que, construídas após a sua morte por meio de lembranças e esquecimentos, multiplicaram-se e foram pulverizadas pelos lugares onde ele viveu.

Em um primeiro momento, contemplo as tratativas e as relações conflituosas que Colbacchini manteve com os clérigos brasileiros entre os anos de 1885 e 1894. Refiro-me à parcela de membros da Igreja Católica Apostólica Romana presente no Brasil que, representando a hierarquia da instituição, era responsável pela manutenção da dita religião nos territórios nos quais o religioso bassanese atuou, sobretudo, na região de colonização italiana do Paraná. Assim, analiso os conflitos vividos contra o bispo, os vigários gerais forenses e os demais clérigos da diocese de São Paulo, à qual as paróquias paranaenses pertenciam, e eram submissas, na época em que o sacerdote vicentino assistiu espiritualmente aos italianos instalados no entorno de Curitiba.

Já a segunda seção deste capítulo, que analisa o mesmo período, reserva-se para discutir as relações que o referido missionário manteve com os seus pares e também com o seu superior, enfim outros clérigos vênéticos e italianos, e membros da congregação religiosa dos Scalabrinianos, à qual o mesmo aderiu oficialmente em 1888. De modo especial, procurei evidenciar as divergências de pensamento que Colbacchini possuía com a pessoa do bispo de Piacenza, Monsenhor Giovanni Battista Scalabrini, fundador dos Missionários de São Carlos.

Assim, analiso fragmentos da opinião e visão particular de Colbacchini para perceber como suas agências se coadunaram ou se distanciaram dos anseios do seu superior e seu grupo.

Na terceira parte, o foco da pesquisa se volta para os discursos e planos que o sacerdote vêneto possuía a respeito da colonização italiana no Brasil. Neste momento, evidencio o seu projeto de colônia modelo, baseado na criação de núcleos da referida etnia por meio da forte presença dos representantes da Igreja Católica e suas congregações, que pautariam a educação e vida social dos imigrantes. Neste sentido, por meio da consulta aos seus relatórios e ao seu guia espiritual, escritos em meados da década de 1890, procurei apresentar as ações que ele tinha em mente implantar no Paraná por meio do seu ideal de italianidade fortemente ancorado na catolicidade.

No quarto tópico, a investigação contempla a atuação que o referido missionário desempenhou durante a sua segunda permanência em meio aos imigrantes no Brasil, que se deu na região de colonização italiana gaúcha, entre os anos de 1896 e 1901. Evidenciei a existência de outras redes e/imigrantes e as agências dos imigrados da referida etnia que lá se estabeleceram, e que também influenciaram as experiências e os comportamentos de Pietro Colbacchini. Da mesma forma que na área de colonização do Paraná, identificou-se como a atuação do referido sacerdote foi aceita por uns e desprezada por outros, de modo que esses novos enfrentamentos também revelaram outras facetas do fenômeno da e/imigração italiana e do personagem investigado.

Por fim, na última parte deste derradeiro capítulo, são analisadas as formas como Colbacchini foi e, ainda, é lembrado e representado após a sua morte. São apresentadas e investigadas as representações existentes tanto nos escritos sobre a sua pessoa, sejam eles produzidos por membros da congregação dos Scalabrinianos ou outros, como também aquelas formuladas para serem lugares de memória, presentes tanto na sua terra natal no Norte da Itália, como nas áreas em que atuou como missionário em favor dos imigrantes italianos no Brasil.

Ao percorrer esses últimos percursos da vida do padre investigado, assim como visitar as memórias construídas sobre a sua pessoa, foi possível identificar mais uma vez como se deu a multiplicidade de suas vivências, revelada nos seus vários adjetivos, como padre, sacerdote, religioso, missionário, vicentino, vêneto, italiano, intransigente, scalabriniano, jesuíta, teimoso, desobediente, fundador, autoritário, romanizador, ultramontano, etc. Cada uma dessas características fazem parte da existência e das memórias construídas sobre o investigado, feitas de lembranças e esquecimentos.

4.1 “Uma Igreja em putrefação”: as disputas com os clérigos brasileiros

Entre as vantagens do uso da metodologia de análise conhecido como jogos de escalas, elaborada e utilizada pela micro história, estão a variação e a alternância de foco que ela permite ao historiador, que consistem no mover a lente para frente e para trás quantas vezes for necessário durante a elaboração de uma mesma investigação.³³⁵ Sendo assim, para melhor desenvolver a escrita das trajetórias de um personagem não é obrigatório obedecer a uma linearidade cronológica rígida, pelo contrário, pode-se continuamente retornar aos recortes de tempo e de espaço para focar em novos fragmentos sobre o sujeito biografado. Cada um desses movimentos é revelador de novas descobertas, pois se volta para diferentes experiências e vivências do indivíduo, reconhecido como um agente histórico livre e aberto aos contextos das suas interações sociais, capaz de tomar decisões imprevistas e traçar novos rumos para si. Por meio dessas ações, as agências e trajetórias dos investigados se tornam mais visíveis, e podem ser mais facilmente identificadas, pormenorizadas, valorizadas e, por fim, interpretadas e narradas.

É me apoiando nessa premissa que, retorno a primeira fase de atuação de Pietro Colbacchini junto aos imigrantes italianos no Brasil. Se antes a minha intenção era verificar quais foram as relações e conflitos que o referido sacerdote teve com os seus conterrâneos imigrantes, que contribuíram com a constituição da *persona grata et non grata* do missionário perante os mesmos, agora meu intuito é verificar a interação e as disputas que ele teve com as autoridades eclesiásticas brasileiras com a finalidade de perceber como essas se somaram ao processo que, posteriormente, determinou o seu afastamento definitivo da região de colonização italiana do Paraná.

Desde que chegou a diocese de São Paulo no início do ano de 1885, sendo recepcionado de uma forma não muito calorosa pelo bispo Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, e vivenciou os primeiros contatos com os padres brasileiros, a exemplo do que teve com o pároco de Jundiaí, Colbacchini passou a fazer duras críticas ao clero do Brasil.

Mi ricevette molto freddamente. Mi disse che egli aveva bisogno di paroci e non di missionari, che egli non faceva conto delle mie accompagnatorie; che avendo da mantenere 14 suoi nipoti, egli non mi poteva fornire nessun mezzo materiale! E che per intanto, sotto la giurisdizione del Vicario di Jundiai egli mi affidava la colonia italiana di Monserrate. [...] Così passai un anno e tre mesi, recidendo in Monserrate visitando di quando in quando altre colonie italiane di quel circondario. Ma quella

³³⁵ Cf. REVEL, Jacques. (Org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

non era la mia missione, perciò chiesi ed ottenni dal Vescovo di trasferirmi nel Paraná dove sapeva esistere molti nuclei coloniali di veneti per i quali specialmente mi era portato in Brasile. Colà il Vicario Gen. del Vescovo, Canonico Gio. Evangelista Braga, pretendeva di tenermi con se per la cura dell'archivio vicariale, e solo con molta rissolutezza e fatica ho potuto esimermi da quel carico ed applicarmi alla mia missione.³³⁶

Esta narrativa, de como se deu o contato inicial do sacerdote vêneto com as autoridades clericais brasileiras, evidencia questões que pautaram a sua forma de agir em relação aos mesmos durante todo o período que atuou na diocese de São Paulo. Primeiramente, o religioso cita a frieza do bispo para com a sua pessoa, principalmente ao se negar em avaliar e, conseqüentemente, fazer uso do seu título de pregador apostólico da *Propaganda Fide* e demais faculdades trazidas da Itália, afirmando que na realidade ele precisava de párocos e não de missionários. É nítido que o religioso esperava receber um tratamento especial, e obter privilégios devido à quantidade de títulos e recomendações que havia conquistado no Vêneto e junto a Santa Sé Romana. Porém, já de início, esse fato serviu para ele perceber que elas de nada lhe valeriam perante as autoridades diocesanas às quais agora estava submisso.

Rapidamente, trata também da falta de ajuda pecuniária, da manutenção financeira que o bispo prestava aos familiares, e escreve sobre a posição de submissão ao pároco de Jundiáí na qual se viu colocado. A este último, como apontei anteriormente, Colbacchini acusava de ter feito uma abusiva exigência de dinheiro aos colonos de Monte Serrat, que criou neles uma desconfiança generalizada em relação aos sacerdotes. Por fim, já tratando de sua transferência para o Paraná em meados de 1886, fala de como o vigário geral da referida jurisdição queria mantê-lo como simples arquivista do vicariato local, e como ele se esforçou para se eximir de tal função para poder se dedicar aquele que era de fato o seu intento, assistir espiritualmente os imigrantes italianos da região.

Fica evidente que nesta fase, o missionário vêneto cria uma forte repulsa em prestar serviço a uma paróquia brasileira, e que nesse momento a sua intenção era unicamente obter a

³³⁶ Recebeu-me muito friamente. Disse-me que ele tinha necessidade de párocos e não de missionários, que para ele não fazia diferença as cartas de recomendações; que tendo de manter 14 sobrinhos, ele não podia me fornecer nenhuma ajuda material. E que por enquanto, sob a jurisdição do Vigário de Jundiáí ele me confiava a colônia italiana de Monte Serrat. [...] Assim, passei um ano e três meses, residindo em Monte Serrat visitando de vez em quando outras colônias italianas da redondeza. Mas aquela não era a minha missão, por isso, pedi e obtive do Bispo a minha transferência para o Paraná onde sabia da existência de muitos núcleos coloniais de vênetos para os quais especialmente tinha vindo para o Brasil. Lá o Vigário Geral do Bispo, Cônego João Evangelista Braga, pretendia me manter consigo para o cuidado do arquivo paroquial, e somente com muita determinação e esforço consegui me eximir daquele cargo e me dedicar a minha missão. COLBACCHINI a SECRETARIA DE ASSUNTOS ECLESIÁSTICOS EXTRAORDINÁRIOS, 19 de setembro de 1894. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p.380.

permissão para exercer a liderança espiritual de seus conterrâneos. Essa análise demonstra o quanto a visão de Colbacchini se diferenciava daquela mantida pelas autoridades eclesiásticas locais às quais ele precisou se submeter. Esse conflito de ideias e de posturas, de como o mesmo devia exercer sua função nos arredores da capital paranaense, implicou em um confronto direto e permanente travado pelo sacerdote vicentino contra os clérigos brasileiros nesse período.

A disputa pela jurisdição, e a liderança religiosa dos italianos instalados na região, foi motivo de constantes e grandes embates protagonizados pelo missionário contra as autoridades eclesiais locais nessa fase de sua existência. Tanto é que, repetidas vezes em seus escritos formulados entre 1886 e 1894, na tentativa de conseguir intervenção dos representantes da Santa Sé, encontram-se severas críticas aos párocos locais, que incluem denúncias da falta de zelo às suas funções e que o interesse deles estava unicamente nas taxas cobradas pela realização dos sacramentos. Diante das suas constatações, o padre bassanese entendia que era inadmissível que os imigrantes italianos ficassem submetidos a esse tipo de liderança religiosa.

*La mia missione per agli italiani non poteva venir intesa da chi non conosce altro ministero del Sacerdote da quello da battezzare e maritare, atti che qui importano la riscossione di non poco denaro. Per gli italiani vi aveva di più, perché come stranieri, dovevano per maritarsi sottomettersi alla giustificazione di stato libero, e pagare una grossa tassa contro ogni giustizia e diritto, di 50 o sopra 100 lire.*³³⁷

Consequentemente, o missionário considerava que o catolicismo pregado pelo clero local era superficial e, portanto, prejudicial para a preservação do modelo de representação étnica apoiado na religião que ele tanto pretendia estabelecer entre os seus conterrâneos, sobretudo, para aqueles oriundos dos arredores de Bassano del Grappa e instalados no entorno da capital paranaense, pelos quais ele havia aspirado por muito tempo. É por isso que nesta fase, o referido sacerdote além de combater às ideias liberais e a italianidade pautada no nacionalismo proveniente da unificação, irá também investir suas forças contra as formas de expressão e vivência do catolicismo brasileiro.³³⁸

Essa forma de pensar e agir de Colbacchini, que evidencia seu discurso de condenação do catolicismo e do clero do Brasil no final do século XIX, reflete a moralização pregada pelo

³³⁷ A minha missão para com os italianos não podia ser compreendida por quem não conhece outro ministério do Sacerdote que aquele de batizar e casar, atos que aqui geram o recebimento de não pouco dinheiro. Para os italianos gerava ainda mais, porque como estrangeiros, deviam para poder se casar submeter-se à justificação de estado livre, e pagar uma enorme taxa contrariando qualquer justiça e direito, de 50 ou mais 100 liras. COLBACCHINI a SPOLVERINI, junho de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 148.

³³⁸ Cf. AZZI, Rioldo. Op. Cit., 1987, p. 250.

ultramontanismo e a romanização almejada pela Igreja Romana na época. Esse choque ficou mais evidente depois de 1886, quando o mesmo já havia iniciado sua missão no entorno de Curitiba, passando a conviver mais de perto com os padres locais, percebendo-se inclusive submisso a alguns deles, como foi com os que exerciam a função de vigário geral forense no Paraná. Antes de entrar na querela particular com esses últimos, que trata da criação da Capelania Italiana Curada de Curitiba, e da jurisdição da mesma que limitou a ação do missionário vênето, trago algumas constatações e acusações sobre os párocos e clérigos locais presentes nos escritos que o mesmo redigiu enquanto esteve junto dos colonos da referida região.

Em carta enviada logo após a sua primeira visita ao Paraná, ao escrever sobre a postura do pároco de Curitiba da época, o padre José Joaquim do Prado, o religioso vai afirmar que *“il Paroco della città, che non è coadiuvato da nessun altro, non ha né tempo né voglia per occuparsi dei brasilieri, e meno ancora degli italiani, dai quali si limita a riscuotere le tasse dei battesimi e matrimoni, che sono enormi.”*³³⁹ Portanto, ao se referir a esse líder católico da capital paranaense, Colbacchini faz as mesmas críticas: que ele não realizava com zelo o seu serviço e tratava com descaso até mesmo os fiéis brasileiros, levando-o a afirmar que o pároco local não tinha tempo e nem vontade de se dedicar aos imigrantes italianos e; que limitava sua função de sacerdote ao recolhimento das taxas cobradas pelos sacramentos, reforçando o seu forte apego por dinheiro. As mesmas acusações são feitas aos outros párocos locais, como as que estão na missiva dirigida ao seu superior em março de 1888:

Però non posso far molto conto di ajuto da chi, come son tutti qui, non considera nell'opera del Sacerdote che un buon mezzo per vivere. Né più né meno si possono considerare qui i parochi come impiegati governativi per i libri civili del movimento della popolazione. La Messa la dicono quando loro piace o ne hanno impegno, e quasi tutti se ne sbrigano in 10 o poco più minuti. Per confessare, neppure i moribondi. Su 100 muojono qui 99 senza sacramenti, in città e fuori. Appunto in questo momento sto aspettando persona che mi venne a chiedere di assistere una moribonda brasilera che dimora due leghe di qua. Dai preti brasilieri non si va neppure a notificare il caso perche si sa che neppure si muove.³⁴⁰

³³⁹ O Pároco da cidade, que não é coadjuvado por nenhum outro, não tem nem tempo e nem vontade para ocupar-se dos brasileiros, quem dirá dos italianos, dos quais se limita a recolher as taxas dos batizados e matrimônios, que são enormes. COLBACCHINI a MANTESE, junho de 1886. In. Terragni, Giovanni. Op. Cit., p. 19.

³⁴⁰ Porém não posso esperar muita ajuda de quem, como são todos aqui, não considera na obra do Sacerdote mais que um bom meio para sobreviver. Nem mais nem menos se podem considerar aqui os párocos do que empregados governamentais para os livros civis de movimento da população. A Missa a dizem quando querem ou não apresentam empenho, e quase todos terminam em 10 ou pouco mais minutos. Para confessar, nem menos os moribundos. De 100 morrem 99 sem os sacramentos, na cidade e fora. Exatamente neste momento estou esperando uma pessoa que veio me pedir para assistir uma moribunda brasileira que mora duas léguas daqui.

Nota-se, que Pietro Colbacchini faz uma generalização, pois afirma que todos os membros do clero brasileiro só exerciam a sua função em razão do salário que recebiam do governo. Percebe-se que ele critica a falta de zelo dos mesmos na ministração dos sacramentos católicos, pois cita que celebravam a missa muito rapidamente, não confessavam os fiéis e nem dispensavam a unção dos enfermos aos moribundos. Ao fazer essas acusações, é nítido que o sacerdote italiano desdenhava o catolicismo brasileiro em favor do modelo tridentino, que se apoiava principalmente na prática sacramental, e que foi adotado pela compreensão ultramontana como modelo único de catolicidade a ser vivido.

Creio que ao impor esse modelo nas colônias italianas, ele almejava cooperar com o processo de normatização do catolicismo, que era um desejo do projeto de romanização da Igreja. Para que isso se tornasse realidade, esperava poder contar também com a colaboração dos imigrantes, que nessa direção, não podiam se deixar contaminar pelos brasileiros e deveriam assumir como expressão da religião a prática dos sacramentos e a obediência à Roma. Fica subtendido, porém, que o religioso italiano não via nenhum problema em levar também os sacramentos aos nacionais, justificando que isso era necessário, pois, os padres locais não cumpriam essa obrigação. Isso acontecia, porque na concepção de Colbacchini, conforme podemos conferir no trecho de carta a seguir, a presença dele e dos colonos de origem italiana, trazidos pelo fenômeno imigratório, é que iria salvar a Igreja do Brasil.

Io credo che Iddio nella sua misericordia abbia disposto di questa emigrazione italiana nel Brasile, per suscitare in questo popolo quella fede che seminata un giorno dai sudori e dal sangue dei PP. della Comp. di Gesù ha quasi perduto ogni vestigio. Non si conosce qui pratica di religione. Un su cento va ad udìr Messa alla festa, nessuno si accosta ai SS. Sacramenti, e solo qualcuno per la prima ed ultima volta, nell'occasione del matrimonio.

In Coritiba che è città di 30.000 anime non si fanno 50 comunioni per anno. Ed i preti? Cercano denaro e spassi, e poi! ... e poi! Che Iddio salvi questo Brasile!³⁴¹

É notório, que o sacerdote considerava que a maneira como os imigrantes italianos praticavam a fé católica era superior à forma como os brasileiros viviam a mesma. Ele evidencia em seu discurso que isso acontecia por culpa do clero nacional, que não estimulava

Aos padres brasileiros não se vai nem menos notificar o caso porque se sabe que nem se movem. COLBACCHINI a SCALABRINI, 10 de março de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 46.

³⁴¹ Eu creio que Deus na sua misericórdia dispôs desta emigração italiana no Brasil para suscitar neste povo aquela fé que semeada um dia pelo suor e pelo sangue dos padres da Companhia de Jesus perdeu quase todo vestígio. Não se conhece aqui a pratica da religião. Um em cada cem vai ouvir missa quando é dia de festa, ninguém se aproxima dos Santíssimos Sacramentos, e somente um ou outro pela primeira e última vez por ocasião do matrimônio. Em Curitiba que é cidade de 30.000 almas não se fazem 50 comunhões por ano. E os padres? Querem dinheiro e folga, e depois! e depois! Que Deus salve esse Brasil! COLBACCHINI a SCALABRINI, 26 de outubro de 1887. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 42.

a prática sacramental. Faz questão de mencionar que a colonização italiana no Brasil tinha a missão de fazer ressurgir a fé um dia semeada pelos jesuítas, que segundo ele, por conta da má conduta dos padres locais, havia perdido todo e qualquer vestígio. Nessa última declaração, na qual faz referência aos padres da Companhia de Jesus, é possível detectar a descrição do que Colbacchini considerava ser a sua missão particular.

Outro motivo, pelo qual os clérigos nacionais eram alvos de suas críticas, deve-se aos seus maus comportamentos morais. Como ele menciona no final de 1888, a respeito do já citado pároco de Curitiba, o padre José Joaquim do Prado:

Un certo R.mo P. José Joaquim do Prado (figlio sacrilego di Sacerdote) era Paroco di Coritiba, e dava tanti scandali che la fede del popolo ebbe a patire gravissimo danno. Non assiste alle confessione, ed ai nostri italiani che ne lo richiedavano rispondeva: não seja louco, não precisa de confissão!!! In 8 minuti diceva Messa, dico in otto minuti, di che io fui testimonio. Prendeva caffè prima della Messa – donne in casa, sotto titolo di figliade, - vecchio, paralitico, avaro all'ultimo eccesso – lupo nell'ovile. [...] Qui invece perché il partito liberale lo chiede, il Vescovo lo concede come Pastore di un popolo tanto necessitoso! Mgr. Mocenni mi diceva che **la Chiesa del Brasile è un cadavere**; ogni giorno più accerto la di lui frase. [...] Il vicario di S. José dos Pinhães, che morì, aveva donna e figli in casa, conosciuti da tutti (anche del Vescovo) e prima gli aveva dato altri scandali, e questa donna ultima era moglie con marito vivo... La Chiesa cadente – paramenti laceri e immondi – tutto in pessimo stato. **Ora il Prado andrà a spargere la cenere sulla sepoltura di quella disgraziata Parocchia!**³⁴²

Neste último fragmento de carta, dirigida ao representante da Santa Sé no Brasil, Colbacchini denuncia dois casos de imoralidade do clero no Paraná, junto às paróquias de Curitiba e São José dos Pinhais. Na mesma missiva, ele revela que em meados daquele ano, no intuito de ceder à insistência do bispo, aceitou administrar temporariamente uma delas, enquanto o seu pároco estava doente. Por isso afirma que, *“la Parroc. di S. José è nello stremo del bisogno di un Paroco zelante. Conta circa 20000 anime, ha un territorio di 50 leghe quadrate, da 50 anni non ebbe che Parochi concubinari poligami e scandalosi.”*³⁴³

³⁴² Um certo Revmo. Pe. José Joaquim do Prado (filho sacrilego de sacerdote) era pároco de Curitiba, e dava tantos escândalos que a fé do povo sofreu gravíssimo dano. Não atendia as confissões, e aos nossos italianos que lhe solicitavam respondia: não seja louco, não precisa de confissão!!! Em 8 minutos rezava a missa, digo oito minutos, coisa que eu fui testemunha. Tomava café antes da missa – tinha mulheres em casa, sob o título de afilhadas, - velho, paralítico, avaro ao último excesso – um lobo no retil. Aqui ao invés, porque o partido liberal o pede, o Bispo o aceita como Pastor de um povo muito necessitado! Monsenhor Mocenni me dizia que **a Igreja do Brasil é um cadáver**; cada dia mais confirmo a frase dele. O Vigário de São José dos Pinhais, que morreu, tinha mulher e filhos em casa, conhecidos por todos (também pelo Bispo) e antes ele já havia dado outros escândalos, e essa última mulher era casada com marido vivo... A Igreja caindo – paramentos dilacerados e imundos – tudo em péssimo estado. **Agora o Prado irá espalhar as cinzas sobre a sepultura daquela desgraçada Paróquia.** (Grifos meus). COLBACCHINI a SPOLVERINI, 27 de novembro de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., pp. 81-82.

³⁴³ A Paróquia de São José dos Pinhais está na extrema necessidade de um pároco zeloso. Conta aproximadamente com 20.000 almas, tem um território de 50 léguas quadradas, e há 50 anos não teve se não párocos concubinários, polígamos e escandalosos. Idem.

O fato de estar conhecendo a Igreja do Brasil internamente fazia com que o missionário bassanese a classificasse como um cadáver. Isso porque se deparava com o mau comportamento moral dos clérigos brasileiros, que muitas vezes não respeitavam a regra católica que determinava o celibato para seus sacerdotes, e mantinham mulheres, e até mesmo filhos, vivendo junto à casa paroquial. O que indignava mais ainda o representante do ultramontanismo e da romanização era o fato de que tais escândalos aconteciam com o conhecimento de todos, inclusive do bispo Dom Lino. No caso do padre José Joaquim do Prado, Colbacchini afirma que a autoridade episcopal não tomava providências porque se dobrava a vontade de políticos locais que pertenciam ao partido liberal.

Este choque de compreensões e de vivências do sacerdócio era, para o religioso vêneto, uma terrível constatação, e para ele havia uma única solução: a criação de uma paróquia étnica destacada e independente, somente para os imigrantes italianos, na qual esses últimos estariam livres da má influência e da falta de zelo dos padres brasileiros. Essa seria a luta que ele assumiria na região de colonização italiana do Paraná dali em diante. Porém, isso não era algo simples, devido à distância dos núcleos coloniais, e pelo fato de que muitos deles eram colônias mistas, ou então, de que muitas famílias viviam em meio à população luso-brasileira, sobretudo, aquelas instaladas no ambiente urbano da capital paranaense.

Perante esta realidade, desde o início de 1887, depois de alguns meses de missão no Paraná, o padre Colbacchini propôs ao bispo de São Paulo a criação de uma Capelania Curada para os italianos, de modo análogo a que havia sido criada para os poloneses estabelecidos no entorno de Curitiba. Segundo Francesconi, essa ideia era defendida também pelo superior, Monsenhor Scalabrini, que já havia solicitado até mesmo ao papa, por meio da *Propaganda Fide*, que os imigrantes italianos fossem assistidos espiritualmente pelos missionários da sua congregação e não pelo clero das paróquias locais.³⁴⁴ Isso indica que neste ponto os dois, missionário e superior, estavam em consonância, o que fortalecia a opinião e sustentava o desejo do primeiro.

Porém, após receber insistentes pedidos referentes à instalação da capelania curada para os imigrantes italianos do entorno de Curitiba, Dom Lino incumbiu a tarefa de organizá-la não a Colbacchini, mas sim ao padre João Evangelista Braga, que ocupava o cargo de Vigário Geral Forense do Paraná. Este último, devidamente designado pela citada autoridade episcopal se constituía na autoridade máxima da Igreja na dita província, já que as suas paróquias pertenciam à diocese paulista. Sendo assim, teoricamente, o sacerdote bassanese lhe

³⁴⁴ FRANCESCONI, Mario. **Storia della Congregazione Scalabriniana**. VOL. III (1888-1905). Roma: Centro Studi Emigrazioni, 1973, p. 40-42.

devia obediência.³⁴⁵ Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho alegava que o referido vigário era o legítimo responsável por aquela jurisdição e que resolveria a questão com maior proeza pelo fato de conhecer melhor a realidade dos habitantes que compunham as paróquias e as colônias da região.

Na verdade, o referido bispo também preferiu não decidir a respeito da capelania porque ela envolvia uma discussão de cunho territorial e, conseqüentemente, de “direito de estola”.³⁴⁶ Conforme já bem apontou Terragni, as autoridades episcopais brasileiras evitavam ao máximo tratar das divisões espaciais para não se indispor com seus párocos, isso porque o que estava por trás das dimensões territoriais era o controle da população e, mais ainda, das taxas que esta pagava pela execução dos sacramentos.³⁴⁷

Já, para a intransigência de Colbacchini a atitude do bispo era um sinal de desprezo e de descaso, tanto para com a sua pessoa e o seu ministério, como para com o cuidado religioso que os imigrantes italianos mereciam. Não obstante a opinião do sacerdote vêneto, o decreto foi de fato elaborado pelo padre Braga, que figurava como Vigário Geral Forense do Paraná, sendo aprovado e assinado por Dom Lino em 14 de fevereiro de 1888. O documento, que possuía um total de 27 artigos, determinava no primeiro e no quinto, respectivamente, como seria a composição e a direção da nova Capelania Curada Italiana:

1. Fica criada uma espécie de Capelania Curada ou eclesiástica, provisória como aquela por Nós estabelecida na Província do Paraná, desta nossa Diocese, entre os catholicos poloneses, e deve formar-se dos catholicos imigrados da Itália e seus filhos domiciliados nos ex-núcleos coloniais ora emancipados que são os seguintes: Dantas ou Água Verde, Santa Felicidade, Campo Comprido, e Alfredo Chaves da Parochia de Nossa Senhora da Luz de Corityba; Antonio Rebouças ou Timbutuva e Jugica Mendes da Parochia de Nossa Senhora da Piedade de Campo Largo; Santa Maria do Novo Tyrol, Murici e Zacarias da Parochia do Patrocínio de São José dos Pinhaes da comarca eclesiástica de Corityba da Província do Paraná, deste Bispado, que de sua muito livre e espontânea vontade, se quizerem inscrever como applicados ou jurisdictionados nesta Cappelania. [...]

5. Por agora é considerado como Capelão Curado Principal desta Capelania, e por tempo de um ano, o Reverendo Missionário Apostólico Pe. Pietro Colbacchini, Sacerdote Italiano aprovado nesta Diocese, cujas faculdades concedidas a ele pela Santa Sé foram por nós aprovadas.³⁴⁸

³⁴⁵ A Diocese de Curitiba foi criada pelo Papa Leão XIII em 27 de abril de 1892, mas só foi instalada em 30 de setembro de 1894, quando houve a posse de seu primeiro bispo.

³⁴⁶ O direito de estola se referia ao sustento financeiro da paróquia confiada a cada sacerdote. A receita advinha justamente das cobranças de taxas referentes aos batismos, casamentos, pedidos de celebrações de missas para os fiéis defuntos, dizimos entre outros. SCARPIM, Fábio A. A atuação do missionário scalabriniano Pietro Colbacchini e o contronto entre catolicismo brasileiro e imigrantes no final do século XIX. In: **Anais Eletrônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História: lugares dos historiadores velhos problemas e novos desafios**. Florianópolis: Anpuh, 2015. v. 1. p. 5.

³⁴⁷ TERRAGNI, Giovanni. **Scalabrini e la congregazione dei missionari per gli emigrati. Aspetti istituzionali 1887-1905**. Roma: autorinediti, 2014, p. 115.

³⁴⁸ Portaria de 14 de fevereiro de 1888, referente à Capelania Italiana, transcrita no Livro 2 da Vigararia Geral Forense, p. 118. Arquivo da Cúria Metropolitana de Curitiba.

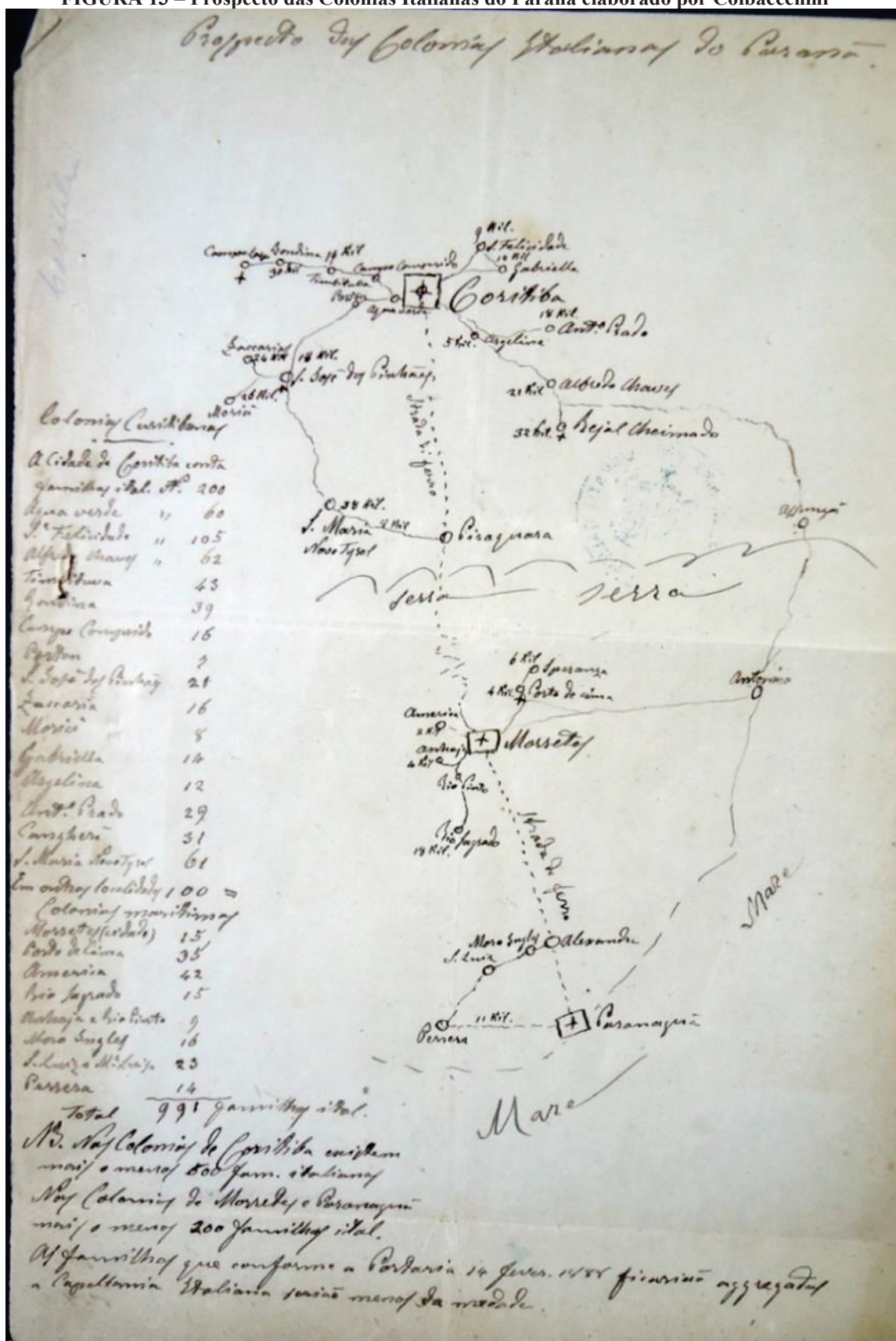
Apesar de, como era seu desejo, Colbacchini ter sido nomeado oficialmente como o responsável pela dita capelania italiana, a promulgação da referida portaria eclesiástica causou mais revolta e indignação no missionário vênето. O que mais incomodou o sacerdote é que o documento só citava o nome de nove colônias, e que mais da metade dos núcleos que possuíam imigrantes de origem italiana, localizados no entorno de Curitiba, que incluindo os mistos com outras nacionalidades somavam cerca de vinte unidades, não haviam sido mencionados pelo decreto. Sem contar ainda, a ausência daqueles existentes no litoral e a menção dos italianos fixados no meio urbano da capital paranaense.

Sendo assim, por meio da criação da Capelania Italiana o missionário teve sua jurisdição reduzida e, conseqüentemente, seu poder de ação limitado, efeito contrário do que ele almejava. Dessa forma, o religioso se deu conta de que estava sob a liderança de menos da metade dos seus contrerrâneos instalados no Paraná, e que seu projeto de forjar a italianidade dos imigrantes por meio da catolicidade estava sendo prejudicado. Tanto é que, solicitou de imediato a revisão da dita portaria episcopal, já que seu desejo era o de capitanear o governo pastoral sobre todos os italianos do Paraná, como ele mesmo vai afirmar: “*È necessario estendere a tutti i nuclei, o dirò a tutti gli italiani, il beneficio che sarebbe limitato a pochi*”.³⁴⁹

Em outra fonte, um mapa elaborado pelo próprio padre Pietro Colbacchini, desenhado por ele neste mesmo período, que consiste em um prospecto da região de colonização italiana que ele atendia por meio de suas visitas pastorais, e que contém o número aproximado de núcleos familiares de cada colônia, conforme se pode conferir a seguir, ele fez questão de registrar a seguinte constatação: “As famílias que conforme a Portaria de 14 de fevereiro de 1888 ficariam agregadas à Capelania Italiana seriam menos da metade”.

³⁴⁹ É necessário estender a todos os núcleos, ou melhor, a todos os italianos o benefício que estaria limitado a poucos. COLBACCHINI a SPOLVERINI. Cinque anni di Missione agli Italiani nella Diocesi di S. Paolo e Paraná in Brasile, 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 158.

FIGURA 13 – Prospecto das Colônias Italianas do Paraná elaborado por Colbaccchini³⁵⁰



³⁵⁰ COLBACCHINI, Pietro. Prospecto das Colônias Italianas do Paraná. Pasta Paraná. Arquivo da Cúria Diocesana de São Paulo.

Porém, do outro lado da disputa estavam os clérigos nacionais que não queriam perder seus territórios, e muito menos, bons fiéis e suas contribuições para os padres estrangeiros. Certamente, o vigário geral forense padre Braga, tinha isso em mente e pensou em equilibrar os interesses ao elaborar a composição dos núcleos de italianos que passariam ou não a pertencer à nova capelania italiana. Somado a essa divisão, um segundo ponto do texto do decreto que atrapalhava os planos do religioso vêneto, é que os seus conterrâneos só deveriam se inscrever na mesma se desejassem, ou seja, eles eram livres para escolher pertencer às paróquias brasileiras. Sobre esse aspecto o padre se manifestou da seguinte forma:

Qual è italiano religioso, che non voglia godere i vantaggi di appartenere alla missione italiana che gli somministra tutti i mezzi di salute? Se mai questo punto avea bisogno di restrizione, dovea essere così formulata: “– meno quegli Italiani che si dichiarassero di voler continuare a star soggetti ai Paroci brasileri”, e, forse, non ce ne sarebbe stato uno solo, specialmente fuori dalla città. La eccezione, che forse non esisterebbe, è presa in più considerazione della regola.³⁵¹

O que incomodava Colbacchini, portanto, era a existência da possibilidade dos italianos optarem pelo pertencimento às paróquias brasileiras, e que assim viessem a ser liderados espiritualmente e moralmente pelos párocos locais. Outro ponto que causou furor no religioso italiano, é que segundo o referido documento as faculdades que ele possuía como Missionário Apostólico da Propaganda Fide, adquiridas diretamente junto a Santa Sé, não valeriam mais a partir daquela data, pois seriam substituídas pelo que constava na dita portaria. Dessa maneira, o sacerdote de caráter ultramontano intransigente, que desejava ser submisso somente à Roma, se viu colocado abaixo da autoridade do Vigário Geral Forense no Paraná. Com isso, ele perdia autonomia, não podendo mais inaugurar capelas e cemitérios, nem dispensar os jovens noivos da declaração e do pagamento da taxa de estado livre, muito menos continuar a prestar atendimento espiritual aos brasileiros, e muitos outros atos que ele se julgava no direito de fazê-lo.

Entende-se que, por ter sido redigida por um dos vigários gerais forenses, e talvez ainda a contragosto e por insistência do missionário italiano, o referido decreto procurou fortalecer o poder da dita autoridade eclesial no Paraná, em detrimento do religioso

³⁵¹ Qual é o italiano religioso, que não queira gozar das vantagens de pertencer a missão italiana que lhe administra todos os meios de saúde? Se neste ponto havia necessidade de restrição, devia ser assim formulada: “– menos aqueles Italianos que declarassem querer continuar a estar sujeitos aos Párocos brasileiros”, e, talvez não teria tido um só, especialmente fora da cidade. A exceção, que talvez não existiria, recebeu mais consideração que a regra. COLBACCHINI a SPOLVERINI. Cinque anni di Missione agli Italiani nella Diocesi di S. Paolo e Paraná in Brasile, 1889, p. 158.

estrangeiro. O que passou a existir foi uma disputa de poder entre as lideranças religiosas, porém defendendo que ambas acreditavam estar colaborando com o processo de romanização proposto pela Igreja da época. Se por um lado, o missionário italiano acreditava que por meio da europeização e da italianidade iria romanizar o catolicismo brasileiro, do outro, as autoridades eclesiásticas locais imaginavam contribuir com o processo pelo viés da rígida hierarquização. Acredito que essa divergência contribuiu ainda mais com a disputa.

Penso também que, o clero do entorno de Curitiba pressionava o Vigário Geral Forense local, para que este afastasse Colbacchini da região, ou ao menos, diminuísse sua área de atuação juntos dos colonos, para que consequentemente, esses últimos ficassem dependentes das suas paróquias. Minha suposição é que, por esse motivo muitas colônias que possuíam imigrantes italianos ficaram de fora da dita Capelania Curada organizada pelo padre João Evangelista Braga. Por esta razão, durante o ano de 1888 o padre italiano reclamou insistentemente à autoridade episcopal de São Paulo que a portaria fosse revisada, mas a resposta de Dom Lino era sempre a mesma, que tudo devia continuar como o seu representante no Paraná havia estabelecido.

O fato é que, depois da instalação da Capelania Italiana Curada, Colbacchini se indispôs ainda mais com as autoridades eclesiásticas locais, sobretudo com os padres que ocuparam o cargo de Vigário Geral Forense, pois entendia que esses últimos é que atrapalhavam o seu projeto. Não foi por coincidência, portanto, que durante o decorrer dos anos de 1888 e de 1889, o número de missivas por ele elaboradas chegou as suas maiores cifras, 34 e 59, respectivamente (ver ANEXO II). Isso reflete a insatisfação e a inquietude que o missionário viveu nesta fase, perante os conflitos que enfrentava de maneira solitária.

Nem a inauguração da nova igreja da Colônia Senador Dantas do Água Verde, que se deu em 29 de junho de 1888³⁵², e que funcionaria como sede da Capelania Italiana; e nem mesmo a chegada dos colegas de congregação, em agosto daquele mesmo ano, conseguiram fazê-lo mudar de foco e desistir da reforma da portaria episcopal, muito menos dar uma trégua nas disputas travadas com os vigários forenses do Paraná. Sobre isso, é muito sintomática a carta que escreve ao seu superior no início de 1889:

Il Vescovo rispose ai miei appunti e domande con suo telegramma del 17 mese pass. che intendea conservare nel suo pieno vigore, fino ad altra disposizione, il suo Decreto (Portaria) del 14 Febb. 1888. Da ciò si vede che non è disposto a

³⁵² “Il giorno di S. Pietro femmo la inaugurazione della Chiesa di Agua Verde che per decreto Vescovile è scelta come sede parochiale di tutte queste Colonie.” No dia de São Pedro fizemos a inauguração da Igreja do Água Verde que por decreto episcopal foi escolhida como sede paroquial de todas essas Colônias. COLBACCHINI a SCALABRINI, 3 de julho de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni, Op. Cit., p. 65.

concessões e a abrogações. Parlandogli, potrò forse persuaderlo a concedere facoltà, ma tutto ciò che ci sarebbe necessario, non l'otterremo mai in causa dell'ambizione e dell'interesse di questo Clero, che sta ben al di sotto dell'altezza della sua vocazione. [...] Mi dica V. Eccell. Rma, se si può frenare la indignazione! E vi ha qui anche di peggio, Mr. Mocenni, avea ragione di dirmi che **la Chiesa brasileira è un cadavere! Posso aggiungere la qualificativa in putrefazione!**³⁵³

Nesta mesma missiva, Colbacchini comunicou a Scalabrini que na primeira oportunidade partiria para São Paulo para tratar pessoalmente da revisão da portaria com Dom Lino. O que faz entre o final de maio e meados de julho de 1889, hospedando-se a maior parte do tempo no colégio jesuíta da cidade de Itú e no Liceo dos padres salesianos em São Paulo. Nestes locais, enquanto aguardava seu encontro com o bispo realizou uma espécie de retiro espiritual. Na oportunidade, sem os compromissos de atendimento aos colonos, escreve um breve relatório sobre os primeiros cinco anos de missão no Brasil.³⁵⁴ Ao menos a viagem havia lhe rendido algo, já que os seus esforços para falar presencialmente com a autoridade episcopal da diocese paulista não alcançaram nenhum resultado, como ele narra no trecho a seguir:

Il risultato della visita al Vescovo, come le ho scritto, fu la dichiarazione molto esplicita che Egli fece di non volere, almeno per ora trattare della Missione Italiana; che non la credea necessaria; che gli Italiani doveano stare nelle condizioni dei nazionali; che non volea dar motivo a conflitti coi Paroci; che se la sarebbe intesa per questo affare colla S. Sede. Intanto mi sospendeva ogni facoltà nella Prov. di S. Paulo, eccitandomi a tornare, dopo la mia dimora ad Itù, al più presto al Paraná, senza visitare le Colonie di questa Provincia di S. Paulo.³⁵⁵

Diante disso, o missionário retornou ao seu combate em Curitiba, onde a única arma que possuía era o envio de cartas contendo denúncias e pedidos de socorro aos seus superiores e representantes da Santa Sé. Portanto, na maioria das missivas deste período, o missionário italiano vai continuar a mencionar que os vigários gerais forenses eram seus inimigos

³⁵³ O Bispo respondeu aos meus apontamentos e pedidos com o seu telegrama do dia 17 do mês passado que pretende conservar na totalidade, até outra disposição, o seu Decreto (Portaria) de 14 de fevereiro de 1888. Com isso se vê que não está disposto a concessões e a revogações. Falando-lhe, poderei talvez persuadi-lo em conceder as faculdades, mas tudo aquilo que nos seria necessário, não obteremos nunca por causa da ambição e do interesse deste Clero, que está bem abaixo da altura de sua vocação. [...] Me diga Vossa Excelência Reverendíssima, se se pode frear a indignação! O que existe aqui é muito pior, Monsenhor Mocenni, tinha razão de me dizer que **a Igreja brasileira é um cadáver! Posso acrescentar o qualitativo em putrefação!** (Grifo meu). COLBACCHINI a SCALABRINI, 11 de janeiro de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., pp. 100 e 101.

³⁵⁴ **Cinque anni di Missione agli Italiani nella Diocesi di S. Paulo e Paraná in Brasile.** COLBACHINI à SPOLVERINI, Itú, Collegio S. Luiz, 1889. In: Terragni, Giovanni, pp. 143- 170.

³⁵⁵ O resultado da visita ao Bispo, como lhe escrevi, foi a declaração muito explícita que ele faz de não querer, ao menos por agora tratar da Missão Italiana; que não acreditava haver necessidade; que os italianos deviam estar nas mesmas condições que os nacionais; que não queria dar motivo para conflito com os párocos; que sobre o assunto ele se entenderia com a Santa Sé. Enquanto isso suspendia todas as minhas faculdades na Província de São Paulo, aconselhando-me de retornar, depois da minha estada em Itú, imediatamente ao Paraná, sem visitar as colônias desta Província de São Paulo. COLBACCHINI a SCALABRINI, 20 de junho de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni, Op. Cit., p. 191.

declarados, pois além de não desejarem a sua presença, eram contrários à existência de uma capelania que de fato separasse os italianos das paróquias brasileiras. A esse respeito, vai afirmar o seguinte sobre o padre Braga e a redação do texto da portaria de 14 de fevereiro:

È detto per primo essere stato il Vicario Gen. Foraneo quello che ha mostrato al Vescovo la convenienza e necessità di formare una Cappellania Italiana, mentre per l'opposto egli fece del suo possibile per impedirla, e fu obbligato a redigerla o formularla dal Vescovo per le replicate ed urgenti istanze che io continuava a fargliene.³⁵⁶

Sendo assim, o referido padre Braga, que em meados de 1888 se tornou secretário do bispo paulista, vai ser tachado em muitas das cartas escritas por Colbacchini como seu declarado adversário, como acontece na missiva enviada a Spolverini, em junho de 1889:

La causa di tutti i mali, è il P. Braga che continuò sempre a calunniare la mia persona, presso il Vescovo e gli altri, ponendo in ridicolo la missione agli Italiani ecc. [...] se la S. Sede, nel modo il più energico non provvede, se al Conego Braga, non vien tolta la maschera della ipocrisia e deposto dal suo carico, e sospeso dai ministeri, come merita; se la S. Sede non mi dà facoltà speciali che possano essere riconosciute e rispettate dai Vescovi, la mia missione è qui finita.³⁵⁷

Nota-se, que o missionário italiano acreditava que a falta de apoio do bispo, devia-se também as calúnias do pe. Braga, que havia se tornado secretário episcopal. Tanto que recorre ao representante da Santa Sé, solicitando que ele intervisse, depondo o referido brasileiro do seu cargo e de sua função de clérigo. Ao mesmo tempo, solicitava faculdades especiais para si que fossem reconhecidas pelo bispo.

Percebe-se claramente, que na verdade Pietro Colbacchini não aceitava se submeter às autoridades eclesiásticas brasileiras e almejava estar submisso diretamente ao alto clero Romano, do qual ele se considerava um legítimo representante. Da mesma forma, o sacerdote entendia que sua missão não poderia ficar limitada espacialmente pelo decreto episcopal, tanto que citava São Paulo, pretendendo organizar o atendimento religioso dos milhares de imigrantes italianos que haviam se estabelecido também naquela província. Por conta desse

³⁵⁶ Foi dito antes ter sido o Vigário Geral Forense quem mostrou ao Bispo a conveniência e necessidade de formar uma Capelania Italiana, enquanto que pelo contrário ele fez o seu possível para impedi-la, e foi obrigado a redigi-la ou formulá-la pelo Bispo devido aos seguidos e insistentes pedidos que eu continuava a fazê-lo. COLBACCHINI a SPOLVERINI. Cinque anni di Missione agli Italiani nella Diocesi di S. Paolo e Paraná in Brasile, 1889. In: TERRAGNI, Giovanni, pp. 157-158.

³⁵⁷ A causa de todo mal é o Pe. Braga que continuou sempre a caluniar a minha pessoa, perante o Bispo e os outros, pondo em ridículo a missão italiana, etc. [...] se a Santa Sé, de modo enérgico não intervém, se ao Cônego Braga, não for tirada a máscara da hipocrisia e deposto do seu cargo, e suspenso dos ministérios, como merece; se a Santa Sé não me dá faculdades especiais que possam ser reconhecidas e respeitadas pelos Bispos, a minha missão aqui acabou. COLBACCHINI a SPOLVERINI, 08 de junho de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., pp. 138-139.

seu desejo um tanto quanto exacerbado, se indispôs também com o Cônego Barroso, o Vigário Geral de lá:

Credetti, non necessario, ma conveniente, presentarmi oggi a questo Vicario Gen., essendo assente e molto lontano il Vescovo. Egli mi trattò pessimamente; non volle concedermi l'esercizio di ministero per questa Prov. sotto pretesto che la mia Portaria ha valore solo per la Prov. del Paraná, e perche io gli dicea con tutto il rispetto le mie ragioni, mi disse mille impertinenze, che sono un usurpador, un especulador, un napolitano, ecc.³⁵⁸

Além da limitação espacial imposta ao Paraná, o que mais incomodava o religioso italiano era o fato de ser considerado pelas autoridades eclesiásticas brasileiras como um padre “napolitano”.³⁵⁹ Tanto que diante de tal acusação, o mesmo se viu obrigado em responder ao Vigário Geral da Província de São Paulo de que era um digno Missionário Apostólico e Superior da Missão Italiana, e que não podia permitir ser confundido com sacerdotes vindos para o Brasil somente para ganhar dinheiro.³⁶⁰ Porém, o alto clero brasileiro entendia que os religiosos italianos, sem nenhuma exceção, ou seja, independentemente de sua origem ou congregação, deveriam se submeter às autoridades eclesiásticas locais e não diretamente à Roma. Da mesma maneira, na contramão do que desejava Colbacchini, os bispos no Brasil defendiam a ideia de que os imigrantes deveriam receber o mesmo tratamento que os nacionais e que teriam que se acostumar com o catolicismo brasileiro, e não o contrário.

Nessa direção, compreendo que havia uma disputa de projetos referentes a forma de como os italianos receberiam assistência religiosa, se por meio de padres da mesma origem ou de párocos brasileiros. Consequentemente, entendo que o forjar da identidade etnocultural desses imigrantes estava em jogo, já que muitos deles, mesmo antes de imigrar, apoiavam o seu sentimento de pertença etnocultural no seu modo de viver a catolicidade. Já para Colbacchini, o que estava em jogo era a fé dos seus conterrâneos, tanto que, enquanto permaneceu no Paraná ele continuou os seus embates com os demais vigários gerais que para

³⁵⁸ Acreditava, não necessário, mas conveniente, apresentar-me hoje a este Vigário Geral, estando ausente e muito longe o Bispo. Ele me tratou pessimamente; não quis conceder-me o exercício do ministério para esta Província sob pretexto que a minha Portaria tem valor somente para a Província do Paraná, e porque eu lhe dizia com todo o respeito as minhas razões, me disse mil impertinências, que sou um usurpador, um especulador, um napolitano, etc. COLBACCHINI a SPOLVERINI, 3 de junho de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 133

³⁵⁹ Segundo Scarpim, havia, por parte da Igreja no Brasil, uma certa antipatia pelo clero italiano que era alimentada por conta de muitos sacerdotes oriundos do Sul da Itália, chamados indistintamente de napolitanos, que enxergavam a vinda para a América como uma oportunidade de enriquecimento, pois transgrediam o celibato e se valiam da batina somente para obter benefícios e rendas financeiras. SCARPIM, Fábio A. 2015. Op. Cit., p. 5.

³⁶⁰ Conf. COLBACCHINI a MOLINARI, 3 de junho de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit. p. 132.

lá foram designados. Sendo assim, depois do já citado padre Braga e do seu sucessor, padre Antonio Joaquim Ribeiro, o sacerdote italiano estabeleceu uma forte discórdia com a pessoa do padre Alberto José Gonçalves. Este último, foi designado para a função de padre colado³⁶¹ da Paróquia Nossa Senhora da Luz em Curitiba ainda no ano de 1888 e, em 1890 assumiu o posto de Vigário Geral Forense.³⁶²

No caso do pe. Alberto, além da contínua disputa de poder referente à jurisdição, ou seja, para saber quem controlava as capelas das colônias italianas da região, o embate irá se agravar ainda mais por dois motivos: primeiro, pelo fato de que o referido clérigo brasileiro mesclava sua função de sacerdote com a carreira política e, segundo, porque o mesmo tinha pretensões de ocupar o cargo de bispo da nova diocese de Curitiba que estava para se criar. A disputa se intensificou quando, em 16 de dezembro de 1890, Dom Lino Deodato, bispo paulista, emitiu uma portaria concedendo faculdades extraordinárias a pe. Alberto. Uma das determinações concedia poderes totais ao referido Vigário Geral para que ele controlasse o atendimento religioso nas capelas estabelecidas junto aos núcleos coloniais de estrangeiros na região de Curitiba. Este documento afirmava isso por meio das seguintes palavras:

Attendendo a urgentíssima necessidade em que achão as diversas parochias do Estado do Paraná, d'esta diocese de São Paulo, onde existem nucleos coloniais com capellães curas das respectivas nacionalidades, de uma providencia energica e prompta, que determine a jurisdição parochial ou seja de taes capellães ou dos vigarios propriamente ditos, fasendo-se cessar os conflitos e acabar de vez com as dissidencias, recriminações e odiosidades que infelismemente reinam entre os referidos curas e os grupos facciosos a que se ligam, com grave escandalo dos fieis, violação da disciplina ecclesiastica e serias dificuldades para a administração diocesana. Havemos por bem de conceder ao Revdo Pe. Alberto José Gonçalves, Vigário Geral Forense do referido Estado do Paraná, por tempo de 6 meses, se antes não mandarmos o contrário, plenos poderes tanto quanto podemos delegar-lhe, afim de que faça a alludida reforma, dependente de nossa ulterior aprovação...³⁶³

Diante do que declarava o documento exposto, Colbacchini se via mais uma vez obrigado a se submeter a uma autoridade eclesiástica brasileira, o que lhe causava muita indignação, devido ao seu caráter de ultramontano intransigente. Diante de tal intransigência, diferentemente do que almejava por meio dessa última portaria, que era o cessar dos conflitos

³⁶¹ Vigário colado ou padre colado foi o título de um cargo da Igreja Católica portuguesa e brasileira. Os vigários colados eram sacerdotes indicados para assumir em caráter permanente uma paróquia canônica e legalmente constituída. O cargo existiu durante o período monárquico, quando estava em vigor o sistema do padroado, em que Igreja e Estado compartilhavam responsabilidades na administração da vida religiosa e civil, e foi extinto com a proclamação da República no Brasil e depois em Portugal.

³⁶² Cf. BALDIN, Marco Antônio. **O pacificador beligerante: Alberto José Gonçalves um padre na política paranaense da 1ª República (1892-1896).** Dissertação (Mestrado em História) – Unesp, Franca, 2006.

³⁶³ CARVALHO, Lino Deodato Rodrigues de. Portaria de Faculdades extraordinárias concedida ao Revmo. Pe. Alberto José Gonçalves, 16 de dezembro de 1890. In: Livro II de Registros da Vigararia Geral Forense, 1886 – 1890, Folha Avulsa. Arquivo da Cúria Metropolitana de Curitiba.

entre os capelães estrangeiros e os vigários locais, Dom Lino viu a disputa se acirrar ainda mais no Paraná. O sacerdote italiano irá descrever a situação ao seu colega de congregação pe. Rolleri da seguinte forma:

Ora però, no so se potrebbero continuare q. missione, perchè io stesso sto aspettando la soluzione di certi ordini dati dal Vescovo al nuovo Vicario Generale, che ora è il Paroco di Curitiba, per prendere una decisione, che potrebbe essermi imposta dal dovere, ma sarebbe funestissima a questi poveri italiani. Si tratterebbe di rimettere le Colonie sotto la immediata giurisdizione e direzione dei relativi paroci, concedendosi, solo per favore, ai Cappelani delle Colonie (e s'intende inclusive polacchi e Italiani) di poter confessare e comunicare e assistere agli infermi, e battezzare e maritare solo con previa licenza scritta dei Parochi riservando a questi ultimi tutti i diritti delle tasse ecclesiastiche imposte per questi atti.³⁶⁴

Esta última carta, deixa claro mais uma vez que o interesse pelo controle do atendimento religioso nos núcleos de imigrantes estava sim relacionado ao recebimento do pagamento das taxas referentes ao exercício dos sacramentos católicos. Defendo que, por seguirem um catolicismo que considerava a prática sacramental como caminho de salvação, os colonos poloneses e italianos eram vistos como fiéis com grande potencial de manter o sustento das paróquias. Nessa direção, pe. Alberto tinha uma forte razão para acabar com as capelanias dos estrangeiros em Curitiba, tanto que existe uma frase, que segundo Baldin é atribuída a ele: *“Já é tempo de acabar com os europeus, todos devem tornar-se brasileiros, sob todos os aspectos. Não precisamos de padres e paróquias de outras nacionalidades”*.³⁶⁵

Creio, portanto, que o plano do citado vigário geral, era ficar com todos os pagamentos dos sacramentos ministrados aos imigrantes, de forma que os missionários estrangeiros que atuavam nas colônias não tivessem como se manter e se retirassem da região. Ao tratar da imposição do pe. Alberto em ficar com os lucros advindos das colônias Colbacchini irá escrever: *“Vi entra in buona dose anche l'aumento che egli farebbe di rendita nella riscossione dei diritti parochiali, quasi non gli bastassero i circa 12 a 14 contos che, col suo dolce far nulla, egli guadagna annualmente dai suoi presenti parochiani”*.³⁶⁶

³⁶⁴ Agora porém, não sei se poderá continuar esta missão, porque eu mesmo estou dependendo da resolução de certas ordens dadas pelo Bispo ao novo Vigário Geral, que agora é o Pároco de Curitiba, para tomar uma decisão, que poderá me ser imposta por dever, mas será funestíssima a estes pobres italianos. Se trataria de colocar as Colônias sob a imediata jurisdição e direção dos respectivos párocos, concedendo-se, somente por favor, aos Capelães da Colônias (e se entende inclusos os polacos e Italianos) de poder confessar e comunicar e assistir aos enfermos, e batizar e casar somente com prévia licença escrita dos Párocos reservando a estes últimos todos os direitos às taxas eclesiásticas impostas por estes atos. COLBACCHINI a ROLLERI, 12 de janeiro de 1991. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., pp. 296-297.

³⁶⁵ BALDIN, Marco Antônio. Op. Cit., p. 160.

³⁶⁶ Ele está considerando muito também o aumento que terá com a renda do recolhimento dos direitos paroquiais, como se não lhe bastasse os cerca de 12 a 14 contos que, com o seu fazer nada, ele ganha dos seus atuais paroquianos. COLBACCHINI a COCCHIA, 6 de novembro de 1891. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 335.

Diante da situação, Pietro Colbacchini irá afirmar que se as capelas das colônias italianas passassem para a direção dos párocos brasileiros, a missão dele não teria como continuar. Ainda mais porque estas ficariam sob a liderança espiritual de pe. Alberto, a quem o religioso italiano classificava, não somente como um péssimo padre, mas um verdadeiro lobo no redil. Essas palavras contrárias do missionário italiano em relação ao Vigário Geral do Paraná foram várias vezes remetidas às autoridades da Igreja na Itália, sobretudo quando este manifestou o desejo de se tornar o primeiro bispo do Paraná, o que segundo o estrangeiro arruinaria a catolicidade dos italianos ali instalados.

Como já citei anteriormente, tal julgamento de Colbacchini se dava em partes pela forte atuação na política que o referido padre brasileiro mantinha. Sobre suas especulações políticas, diante da eleição de Generoso Marques como primeiro governador do Estado do Paraná, o italiano irá escrever ao Internúncio Spolverini:

Il. P. Alberto aderì al nuovo Governo subito dopo l'elezione del Presidente Dr. Generoso Marques, contro il quale diceva tutto il male possibile in prima, ed al quale fece poi il più lusinghiero elogio e congratulazioni nel giornale in qualità di Vicario Generale Forense. Ecco come sono gli uomini in questo paese.³⁶⁷

Além da disputa por jurisdição, o que desabonava mais ainda a pessoa do padre Alberto e o seu ministério, perante o ultramontanismo do religioso italiano, era o seu envolvimento na política. Para Colbacchini, os clérigos que participavam ativamente da política, principalmente como candidatos, estavam em desobediência para com a Igreja, pois não seguiam à orientação do papa Leão XIII, que com o advento da República teria ordenado aos integrantes do clero brasileiro que não aderissem aos partidos políticos.

Nessa direção, o missionário vêneta com caráter jesuíta sentia-se na obrigação de denunciar a conduta do brasileiro, ainda mais depois que o mesmo demonstrava interesse em ser designado bispo para a nova diocese de Curitiba. Neste contexto, irá escrever ao Cardeal Simeoni em Roma, deplorando o comportamento do então Vigário Geral do Paraná e pároco de Curitiba.

L'attuale Vicario della Capitale-Curitiba che in sè aduna anche il carico di Vicario Gen. Forense, è peggio che una nullità, nel grave posto che occupa. Conta 32 anni di età. [...] È buon parlatore, ma privo di sano criterio e digiuno delle scienze teologiche. È vanitoso fino all'eccesso. Davanti a lui (cosa frequente in un brasileiro) non vi ha neppure il Papa. Egli si preconizza a tutti come il futuro vescovo del Paraná, dicendo che nessun'altro può avere le qualità che a lui danno la

³⁶⁷ O pe. Alberto aderiu ao novo Governo logo depois da eleição do Presidente Dr. Generoso Marques, contra quem dizia todo o mal antes, e ao qual desejou depois grande elogio e felicitações na qualidade de Vigário Geral Forense. Veja como são os homens neste país! COLBACCHINI a SPOLVERINI, 8 de setembro de 1891. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 328.

preferenza. È cosa questa che non può credersi da chi sa con quanta prudenza cammina la S. Sede nella nomina dei Vescovi, e conosce solo un poco le qualità negative di questo soggetto. Però nelle difficoltà in cui deve versare la S. Sede per riuscire a creare questa nuova diocesi e darle un Pastore, potrebbe avvenire che il nome di questo Vicario (R.mo. P. Alberto Gonçalves) fosse esibito alla S. Sede non mancando egli di protezione, specialmente dal Vescovo di S. Paulo. È per questo che sento il dovere di prevenire confidenzialmente V.E. la condotta da lui tenuta nei tre anni di sua dimora in Curitiba, non fu certo tale da ispirare fiducia.³⁶⁸

Ao desqualificar a pessoa do pe. Alberto perante as autoridades eclesiásticas Romanas, Colbacchini acreditava estar fazendo um favor tanto para a Igreja, como também para os imigrantes da região de colonização italiana do Paraná, pois ambos estariam livres de que o citado clérigo se tornasse o primeiro bispo de Curitiba. Defendo a ideia de que, o sacerdote italiano tinha esperança que a nova autoridade episcopal a ser nomeada ficaria ao seu lado e defenderia o seu projeto para as colônias italianas, mas para isso era necessário afastar a possibilidade do seu rival ocupar o novo cargo.

A disputa entre os dois clérigos perdurou pelos anos seguintes sem haver uma definição. Minha hipótese é que por questões políticas, tanto as eleições de 1892, na qual se elegeu deputado estadual, como a eclosão da Revolução Federalista, e também o fato de Colbacchini ter adquirido certa simpatia e proteção junto aos novos governantes do Paraná, o pe. Alberto protelou a decisão de tomar a direção das capelas italianas. Porém, no ano de 1894, após diversos embates, ambos alcançaram em parte o seu objetivo de afetar o projeto alheio. A vitória do religioso italiano e, consequentemente, a derrota do vigário do Paraná, se dará pela não nomeação deste último, e sim de Dom José de Camargo Barros, como primeiro Bispo de Curitiba. Diante do fato, o missionário comunicava o seu superior:

Dopo tanta aspettazione finalmente oggi sono venuto a sapere che il Vescovo del Paraná eletto è Mgr. Barros attualmente Parroco di Santa Ifigenia in S. Paolo. Di lui io so solamente che era in voce zelante in S. Paolo quando fui là e non dubito che abbia tutti i requisiti per ben avviare una Diocesi tanto bisognosa come questa del Paraná. [...] Certo non ritarderà la sua andata in Roma. Se il nuovo Vescovo vorrà apprezzare i vantaggi che da questa missione Italiana ne ritarranno tante migliaia di Italiani, che senza questa resterebbero senza i mezzi della religione, e per lo stimolo del buon esempio quelli che pure i nazionali ne potranno ricavare, bisognosi come

³⁶⁸ O atual Vigário da Capital Curitiba que em si duplica também o cargo de Vigário Geral Forense é pior que nada, mesmo no importante posto que ocupa. Tem 32 anos de idade. [...] É bom orador, mas privado de são critério e ignorante das ciências teológicas. É vaidoso até ao excesso. Diante dele (coisa frequente em um brasileiro) não existe nem mesmo o Papa. Ele se apresenta a todos como o futuro bispo do Paraná, dizendo que nenhum outro pode ter as qualidades que a ele dão a preferência. Isso é algo que não se pode crer a quem sabe com quanta prudência a Santa Sé trata da nominação dos Bispos, e conhece somente um pouco as qualidades negativas deste sujeito. Porém nas dificuldades nas quais deve se encontrar a Santa Sé para conseguir criar esta nova diocese e dar-lhe um Pastor, poderia acontecer que o nome deste Vigário (Rvmo. Pe. Alberto Gonçalves) fosse exibido a Santa Sé já que a ele não falta proteção, especialmente do Bispo de São Paulo. É por isso que sinto o dever de prevenir confidencialmente Vossa Eminentíssima que a conduta tida por ele nos três anos de sua estada em Curitiba não foi por certo tal para inspirar confiança. COLBACCHINI a SIMEONI, 25 de outubro de 1891. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 330.

sono di imparare la pratica della religione, non può essere che non si mostri tutto propenso a noi e ci porga i mezzi morali per consolidare quello che si è fatto e stabilirlo e perpetuarlo.³⁶⁹

Percebe-se, que Colbacchini tinha esperança de que o novo bispo de Curitiba viesse apoiar a sua permanência como responsável pela assistência religiosa junto aos imigrantes italianos no Paraná, como também o seu projeto de romanizar o catolicismo brasileiro com a ajuda dos colonos. Enfim, o missionário acreditava que com a chegada da nova autoridade eclesial ele teria liberdade de ação na região de colonização italiana do entorno da capital paranaense.

Contudo, isso não foi possível, pois no início de 1894 o religioso scalabriniano sofreu várias ameaças e o atentado de morte que o obrigaram a abandonar, mesmo a contragosto, a sua missão junto aos italianos dos arredores de Curitiba. O motivo da saída de Pietro Colbacchini não se deu devido aos encontros com o clero local, mas sim pela proibição que o mesmo impunha aos imigrantes de origem italiana de não participar das tropas que se formavam por conta da Revolução Federalista.³⁷⁰ Porém, essa seria uma vitória para Dom Lino, pe. Alberto e os demais clérigos locais, que tanto desejavam a direção das capelas dos núcleos de imigrantes, e há tempo queriam que o italiano deixasse a região. Fato é que, nenhum deles moveu alguma ação para que o sacerdote vêneto, considerado por eles um inconveniente, intrometido e inoportuno, ali permanecesse.

4.2 A vida na congregação scalabriniana: um intransigente entre transigentes

Este subcapítulo tem por finalidade acessar novas facetas da intransigência de Colbacchini, por isso as lentes da investigação se voltam para as vivências que ele manteve com os seus pares, ou seja, com outros sacerdotes italianos que pertenceram à missão e à congregação religiosa a qual ele aderiu já no início de sua trajetória no Paraná. Dessa forma,

³⁶⁹ Depois de muita espera finalmente hoje vim a saber que o Bispo eleito para o Paraná é o Monsenhor Barros atualmente Pároco de Santa Efigênia em São Paulo. Sobre ele eu sei somente que era considerado zeloso em São Paulo quando eu estive lá e não duvido que tenha todos os requisitos para bem encaminhar uma Diocese tão necessitada como esta do Paraná. [...] Por certo não demorará a sua visita a Roma. Se o novo Bispo deseja apreciar as vantagens que por meio desta missão Italiana regeneram tanto milhares de Italianos, que sem esta ficariam sem os meios da religião, e pelo estímulo do bom exemplo aquelas que também os nacionais puderam aproveitar, necessitados como são de aprender a prática da religião, não pode ser que não se mostre todo propenso a nós e nos ofereça os meios morais para consolidar aquilo que já se fez, estabelecê-lo e perpetuá-lo. COLBACCHINI a SCALABRINI, agosto de 1894. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 374.

³⁷⁰ O atentado que rendeu a saída de Colbacchini da missão italiana em Curitiba foi apresentado no final capítulo anterior.

procuro perceber também as diferenças dos ideais do clérigo vicentino e do seu superior, monsenhor Giovanni Battista Scalabrini, fundador dos Missionários de São Carlos Borromeu, conhecidos como padres carlistas, ou então, scalabrinianos.³⁷¹

A princípio, diferentemente da antipatia e inimizade que ele nutriu em relação ao clero brasileiro, e para com aqueles padres italianos a quem classificava como “napolitanos”, pode-se imaginar que o investigado desenvolveu sentimentos de amizade e admiração a respeito dos clérigos que eram seus conterrâneos. Porém, ao analisar os seus escritos, e por meio deles os fatos ali narrados, não é bem essa a conclusão a que se chega. A começar pelo que se encontra sobre o convívio com o seu primeiro companheiro de missão nos arredores de Curitiba, *Don Francesco Bonato*.

Padre Bonato nasceu em 28 de novembro de 1853 na localidade de Oliero, uma fração da comuna de Valstagna no Canal do Brenta, que apesar de integrar a Zona Bassanese, estava um pouco mais distante do seu centro urbano, Bassano del Grappa.³⁷² Portanto, este outro sacerdote, apenas 8 anos mais novo, era também um vêneto e, mais que isso, um vicentino, proveniente da mesma região de Colbacchini. No entanto, havia uma marcante diferença: este último pertencia à alta burguesia, enquanto Bonato era membro de uma família de camponeses que sofria as agruras da crise surgida no período da pós-unificação da Itália.

Como consequência, o mais jovem, assim como seu núcleo familiar, acompanhou de perto o fenômeno emigratório, já que frequentava justamente a Paróquia de Oliero, igreja onde atuou como pároco Don Angelo Cavalli, o padre recrutador das famílias que formaram o primeiro grande grupo que deixou a região tendo como destino o Paraná. Tanto é verdade, que entre os que partiram para o além-mar na companhia do pe. Cavalli estava Francesca, a irmã mais velha do padre Bonato. Ela foi a primeira pessoa daquela família a emigrar, pois partiu para o Brasil no final de 1877, junto de seu esposo Antonio Gabardo e também de seu primeiro filho, o pequeno Paolo, com cerca de um ano e meio de idade.³⁷³

Portanto, Don Francesco e seus familiares já estavam conectados a região de colonização italiana estabelecida em solo paranaense, local que também passou a fazer parte dos seus planos futuros, movidos pelo desejo de emigrar. Creio que as experiências vividas

³⁷¹ No início a organização religiosa também foi chamada de Instituto Cristóvão Colombo, fazendo referência ao italiano que, supostamente, foi o primeiro a trazer a fé católica para as Américas.

³⁷² *Libro dei Nati di Oliero* (Livro dos Nascidos em Oliero). Acervo da Parrocchia di S. Antonio Abate, 1847-1871. Cf. MACHIOSKI, Fábio Luiz; GABARDO, Diego. **Colaborador ou Protagonista? A Trajetória de Padre Francesco Bonato junto aos E/Imigrantes Italianos do Vêneto (1853-1913)**. In: Aedos, Porto Alegre, v. 12, n. 27, março 2021.

³⁷³ Relação das famílias que desembarcaram no porto de Paranaguá nos dias 15, 16 e 17 de novembro de 1877, vindas com o pe. Angelo Cavalli e relacionadas no livro de registro de número 834 do Arquivo Público do Paraná.

tanto pela irmã mais velha, como por outros parentes e conhecidos, somadas ao aumento das dificuldades para manter o sustento de seu núcleo familiar no Vêneto, foram fatores que sensibilizaram Francesco a ingressar ainda naquele ano no seminário da Diocese de Vicenza, o mesmo no qual Colbacchini se ordenara em 1868. Acredito também que, o exemplo de Angelo Cavalli, que emigrou levando com ele boa parte de sua parentela, influenciou Bonato a continuar os estudos com a intenção de abraçar o sacerdócio e, por meio dele, auxiliar espiritualmente as famílias que emigraram para o outro lado do atlântico, e ao mesmo tempo prover uma melhor condição de vida aos seus familiares. Como já apresentado por alguns estudiosos, incluindo Franzina e Vendrame, a escolha de emigrar de um padre italiano, sobretudo, se pertencente ao clero proveniente da área rural da região montanhosa do Vêneto, servia também como uma estratégia para garantir o início do sustento de todo um núcleo familiar na terra de adoção.³⁷⁴

O que chama a atenção, e reforça esta hipótese, é a idade com que ele entra no seminário, 24 anos, o que já caracterizava um despertar vocacional tardio. Por isso, aponto que no seu caso, o fato de não ter conseguido contrair um matrimônio até o período de agravamento da crise e, conseqüentemente, do início da onda emigratória na Zona Bassanese, também interferiu fortemente na opção pela vida eclesial. Assim, depois de um longo percurso de estudos, Francesco Bonato foi ordenado em 29 de março de 1884, como um sacerdote secular da diocese vicentina, da mesma forma que Colbacchini.

Suponho que vários motivos, entre eles a falta de recursos, o não convencimento de todos os membros da família e a pouca experiência no ministério, assim como a não liberação por parte de seus superiores, fizeram com que Bonato não conseguisse emigrar logo de imediato após a sua ordenação sacerdotal, sendo que a realização do seu desejo de partir para o além-mar teve de ser postergada por mais alguns anos. Foi somente em 17 de novembro de 1887, quando exercia a função de capelão junto à paróquia de Longara, comune vizinha à capital da província de Vicenza, que o seu pedido feito à *Propaganda Fide* foi aceito, e Bonato autorizado a deixar sua diocese para exercer sua missão na América.³⁷⁵ Por conta da rede de emigração que já havia se formado, ele já tinha como destino certo a região de colonização do entorno de Curitiba.

Tanto pela proximidade das cidades de origem, assim como pela insistente procura por companheiros vênnetos, sobretudo da diocese de Vicenza, para a missão no Paraná, penso que

³⁷⁴ Conf. FRANZINA, Emilio. Op. Cit., 2006, e VENDRAME, Maíra Inês. Op. Cit., 2016.

³⁷⁵ Conf. MACHIOSKI, Fábio L.; GABARDO, Diego. EL Pretin Gobeto: a história de Pe. Francisco Bonato, primeiro pároco de Colombo. In: MASCHIO, Elaine C. F. (Org.). **Memórias de uma colônia italiana: Colombo – Paraná (1878-2013)**. Porto Alegre: EST Edições, 2013, p. 83.

Colbacchini não só sabia da existência de Francesco Bonato, como também já tinha conhecimento do seu desejo de vir para o Brasil para assistir aos seus compatriotas. Da mesma maneira, creio que ele tinha consciência de que o valstagnese queria realizar esse propósito associado a outro, que era o de melhorar as condições de vida de sua família ao vir para a América, pois isso era algo comum e recorrente no pensamento dos padres que provinham do campo naquele contexto da grande emigração. Uma carta de incentivo, enviada em meados de 1887, confirma tais hipóteses:

Car.mo D. Francesco.

Potete scrivere a vs. padre che non si prenda fastidio per la terra, che con poco denaro ne potrà comprare d'avanzo, oltre quella che fomerà il beneficio del Cappellano della Colonia della quale potrà goderne i frutti. Il vs. nepotino sta meglio. I vostri benissimo. Non occorre che mi mandaste il denaro. Tenetene conto e basta. Vi mando la grammatica. Per il vocabolario non è tempo ancora. Così gli altri libri che domandaste. Soltanto venendo qui non vi dimenticate la pietra sacra. Stiate col Signore e memento mei.

V. Aff. in Xto D. Pietro Colbacchini³⁷⁶

Nesta missiva, o religioso esclarece que de fato conhecia as intenções de Bonato, e mais, anima este último a emigrar junto de todo o seu núcleo familiar que, segundo ele, poderia se beneficiar das terras que ficariam a sua disposição, já que seria nomeado como capelão de uma colônia de imigrantes da região. Fica evidente que esse posicionamento adotado pelo biografado é uma estratégia para conseguir convencer o colega sacerdote a de fato se dirigir para a região de colonização italiana dos arredores de Curitiba. Do outro lado do atlântico, parece que Don Francesco Bonato já havia mesmo tomado sua decisão de embarcar para o Brasil, já que pede que lhe fosse enviada uma gramática e livros para o aprendizado do português. Em outra carta, na tentativa de convencer e apressar a vinda de outro conterrâneo, Don Domenico Mantese, Colbacchini confirma que Bonato havia se decidido a vir para o Paraná:

Dunque ella partirà in 8bre con D. Fr. Bonato e forse col buon D. Riccardo. [...] Divideremo il campo, o dirò meglio saremmo compagni di travaglio. [...] Per D. Franc. ho già determinato e provveduto per il suo collocamento in una Colonia fuor di mano vicina ad altre alle quali potrà prestare ben utile servizio, ed anche la sua

³⁷⁶ Caríssimo Pe. Francesco, podes escrever ao vosso pai que não se preocupe com a terra, que com pouco dinheiro poderá comprá-la aqui de sobra, além daquela que será benefício para o Capelão da Colônia da qual poderá aproveitar os frutos. O vosso sobrinho está melhor. Os seus vão muito bem. Não precisava ter me mandado o dinheiro. Deixasse anotado. Mando-vos a gramática. Para o vocabulário não é tempo ainda. Assim como os outros livros que me pediste. Na vinda para cá não vos esqueças de trazer a pedra sacra. Esteja com o Senhor e minhas lembranças. Vosso irmão em Cristo, padre Pietro Colbacchini. COLBACCHINI a BONATO, 1887. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 33.

famiglia si troverà ben messa. Per noi, vivremo insieme, e ci concentreremo per le cose della missione.³⁷⁷

Nesta última, que data de agosto de 1887, o missionário afirma que o valstagnese estava para partir no próximo mês de outubro, e por isso ele já havia aprontado um lugar não só para ele, mas também para a instalação de sua família. Ou seja, Colbacchini sabia que Bonato traria consigo os familiares, e que dividiria sua atenção entre a missão e os seus. Outro trecho desta missiva que chama bastante atenção é a forma que o emitente escreve para convencer seu outro conterrâneo, afirmando que dividiriam tudo, e que seriam companheiros de trabalho. Um discurso bem diferente de como se deu sua prática com a chegada dos seus pares, que como se verá a seguir se pautou num autoritarismo de superioridade perante os seus colegas de missão.

Don Francesco Bonato chega a Curitiba no final do mês de dezembro de 1887, e trata logo de escrever ao bispo Scalabrini:

Dopo 33 (trentatre) giorni di viaggio giunsi finalmente a Curitiba, ove fui bene accolto dal M.R. Padre Colbacchini e dai coloni. [...] Come vedrà dalla lettera del M.o R. Padre Colbacchini Egli è contento di aggregarsi alla Pia Unione di Propaganda dei Missionari, come pure anch'io, e così la prego di iscrivermi e spedirmi per posta o col mezzo del M.o R.do Don Domenico Mantese il Certificato d'iscrizione e le facoltà necessarie.³⁷⁸

Nesta sua carta de 13 de janeiro, Bonato afirma que foi bem acolhido por Colbacchini, e expressa o grande desejo e decisão de também entrar para a congregação religiosa criada pelo bispo de Piacenza em favor dos imigrantes italianos, da qual de alguma maneira, pelo fato de ter optado pela vinda para o Brasil, já se sentia parte. Deixa transparecer também que a vinda do sacerdote Domenico Mantese já estava acertada. Porém, o anseio de se tornar um scalabriniano teria de passar pelo crivo da intransigência de Colbacchini, que na primeira oportunidade, ao escrever ao seu superior citando Don Francesco, tratou logo de insinuar que a sua família seria um obstáculo: *“Ieri tornai da Timbituba dove risiede D. F. Bonato. [...] Egli continua nella buona disposizione di aggregarsi all'Istituto Apostolico. Se saprà*

³⁷⁷ Então o senhor deve partir em outubro com pe. Francesco Bonato e talvez com o bom pe. Ricardo. [...] Dividiremos o campo, o direi melhor seremos companheiros de trabalho. [...] Para o pe. Francesco eu já determinei, e providenciei a sua colocação em uma colônia fora de mão próxima a outras as quais poderá prestar bem e útil serviço, e também sua família ficará bem alojada. COLBACCHINI a MANTESE, 21 de agosto de 1887. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 33-34.

³⁷⁸ Depois de 33 (trinta e três) dias de viagem cheguei finalmente a Curitiba, onde fui bem acolhido pelo reverendíssimo padre Colbacchini e pelos colonos. [...] Como verá na carta do padre Colbacchini ele está feliz em ingressar na Pia União de Propaganda dos Missionários, como também eu, e por isso lhe peço para me inscrever e me expedir por carta ou por meio do Reverendíssimo pe. Domenico Mantese o Certificado de inscrição e as faculdades necessárias. BONATO a SCALABRINI, 13 de janeiro de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni, Op. Cit., p. 42.

*resistere alle insinuazioni dei suoi che verranno presto a stabilirsi quà, potrà prestare buon ajuto alla missione”.*³⁷⁹

Timbituva era o nome da localidade onde havia se estabelecido a colônia Antônio Rebouças, na qual o sacerdote vêneto recém-chegado agora era o capelão. O dito núcleo de italianos, que ficava na municipalidade de Campo Largo, era um dos mais distantes da casa central da missão, que por sua vez estava instalada na colônia Senador Dantas, no bairro Água Verde, próximo ao centro urbano de Curitiba. Essa escolha de Colbacchini, como se verá, havia sido estratégica, pois ele não desejava que o seu colega permanecesse em contato com a urbe e sua gente. Em carta para Mantese escreve:

D. Francesco Bonato giunse qua negli ultimi di 10bre. [...] Resiede da tempo nella sua residenza. Egli non potrà essere molto utile alla nostra opera stante la sua difettosa costruzione e la poca esperienza che ha del ministero, ma se si conserva nello spirito che ora ha potrà esserci di ajuto, aggregandosi come è suo desiderio alla Cong.ne. Per aggregarlo vorrei in prima aspettare che la sua famiglia venga qui, per vedere se è vero ciò che mi scrive Mgr. Cavedon Vig. G. di Vicenza, che cioè non sia egli venuto qui per il fine che doveva, ma per non separarsi dai suoi. Di ciò parli a Sua Eccell. e faremo secondo il di lui consiglio.³⁸⁰

Nesta missiva, é perceptível que o bassanese se coloca no papel de líder e superior da missão scalabriniana no Paraná. Afirma que, na opinião dele, Bonato não será muito útil por portar um defeito físico³⁸¹, e apesar de citar e pedir o conselho de Monsenhor Scalabrini, arroga-se na condição de impedir a entrada de seu companheiro na referida congregação. A intransigência do sacerdote fez com que ele caísse em contradição, pois havia incentivado a vinda da família de Don Francesco, e agora a coloca como um empecilho para que este entrasse no instituto religioso. Julgo que ele era tomado de sentimentos de medo e receio de ter que dividir a posição de liderança espiritual que havia conquistado perante os colonos italianos da região. Mais que isso, com a chegada de novos adeptos dos ideais do Bispo de

³⁷⁹ Ontem voltei de Timbituva onde reside pe. F. Bonato. [...] Ele continua disposto em se agregar ao Instituto Apostólico. Se souber resistir às insinuações dos seus que virão logo se estabelecer aqui, poderá prestar boa ajuda à missão. COLBACCHINI a SCALABRINI, 10 de março de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 47.

³⁸⁰ Pe. Francesco Bonato chegou aqui nos últimos dias de dezembro. [...] Reside já há algum tempo na sua residência. Ele não poderá ser muito útil a nossa obra devido a sua defeituosa construção e a pouca experiência que tem do ministério, mas se conserva no espírito o que agora tem poderá servir de ajuda, agregando-se como é o seu desejo a Congregação. Para agregá-lo queria primeiro esperar que a sua família chegue aqui, para ver se é verdade aquilo que me escreve Monsenhor Cavedon, Vigário Geral de Vicenza, que ele não tenha vindo aqui para o fim que devia, mas para não se separar dos seus. Fale disso a Sua Excelência e faremos segundo o conselho dele. COLBACCHINI a MANTESE, 06 de março de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 45.

³⁸¹ O defeito físico do padre Francesco Bonato que Colbacchini cita na carta se refere à baixa estatura e a corcunda que ele apresentava. Estas características lhe renderam, entre os imigrantes italianos da região, o apelido de “*pretin gobeto*”, que em vêneto quer dizer padrezinho corcundinha. Conf. FEDALDO, Pedro. **O centenário da colônia Antônio Rebouças**. Curitiba: Gráfica Voz do Paraná, 1978, p. 41.

Piacenza, ele temia não ficar na condição que almejava: a de superior da obra carlista que se iniciava na capital paranaense.

Tudo isso fez com que, em pouco tempo, com seu caráter radical e autoritário de ultramontano intransigente, Colbacchini encontrasse inúmeros defeitos na forma de agir do padre valstagnese, procurando controlar não só as suas ações pastorais, como também aquelas de caráter particular. Ao escrever para ele em 12 de abril de 1888, reprova uma de suas iniciativas junto aos fiéis: *“Ho sentito che V. R. ha istituito la Congr.ne delle figlie di Maria. Secondo me non era tempo ancora, perché è necessario costruire la casa prima di ammobiliarla”*.³⁸²

Entre as imposições, colocadas ao recém-chegado, estava o impedimento de celebrar missa em outras colônias sem o seu consentimento. Para o bassanese, a não observância dessa regra era motivo para desmerecer o candidato perante o fundador da nova congregação: *“Ripetutamente gli avea detto che limitasse il suo zelo alle due Colonie a lui destinate... Egli invece a mia insaputa fu a Campo Comprido e si fermò tre giorni facendo da Paroco”*.³⁸³

Outra ação de Bonato que o missionário ultramontano queria controlar era a visita aos parentes, familiares e conhecidos que residiam em outras colônias, sobretudo, se esses habitassem nos núcleos italianos instalados mais próximos do meio urbano da capital paranaense. Esta rigorosa vigilância é perceptível pelo seguinte trecho em que cita a Colônia de Santa Felicidade: *“Quanto alla gita a S. Felicidade, non intendeva che voi andaste a mettere scompigli, ma solo io pretendeva di essere avvisato del vs. desiderio. Che vi occupiate a favore dei vs. parenti, non vi oppongo; ...senza però compromettere il fine della nostra Congregazione.”*.³⁸⁴ Ou por este outro, no qual cita o Água Verde: *“Siete venuto in Agua Verde senza bisogno, perché quello che siete venuto a fare, qualunque poteva farlo. Ma via, avete qui una sorella, avete a concertare per i vostri, vi compatisco, sebbene vi trovo fuori della obbedienza.”*³⁸⁵

³⁸² Soube que Vossa Reverendíssima instituiu a Congregação das filhas de Maria. Em minha opinião, não era hora para isso, porque é necessário primeiro construir a casa para depois mobiliá-la. COLBACCHINI a BONATO, 12 de abril de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 51.

³⁸³ Repetidamente lhe tinha dito que limitasse o seu zelo às duas Colônias a ele destinadas... Ele ao invés, sem eu saber, foi a Campo Comprido e ficou lá por três dias agindo como Pároco. COLBACCHINI a SCALABRINI, 01 de maio de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 52.

³⁸⁴ Quanto ao passeio feito em Santa Felicidade, não creio que fostes para criar confusões, mas somente pretendia ser avisado de vosso desejo. Que vos ocupe em favor dos vossos parentes, não faço oposição; ...porém sem comprometer a finalidade da nossa Congregação. COLBACCHINI a BONATO, 10 de maio de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 55.

³⁸⁵ Viestes ao Água Verde sem necessidade, porque o que viestes fazer qualquer um podia ter feito. Certo que tens aqui uma irmã, e deve fazer o bem para os vossos, vos compreendo, porém vos considero fora da obediência. COLBACCHINI a BONATO, 25 de maio de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 59.

Em ambos os extratos, encontrados em missivas dirigidas diretamente a Don Francesco Bonato, Colbacchini lhe chama a atenção a respeito da regra de não se dirigir à cidade sem o seu consentimento. Acredito que um misto de sentimentos o levava a agir dessa maneira, mas creio que dois imperavam: o medo de perder a soberania de guia espiritual das famílias italianas, e também o receio de que a missão italiana fosse prejudicada. Esse segundo temor existia, sobretudo, pelo fato dele ter feito muitas inimizades entre os italianos que habitavam o centro de Curitiba, me refiro àqueles que se identificavam com a italianidade por meio do nacionalismo e os símbolos da Itália recém-unificada, cuja maioria pertencia ou se identificava com a Sociedade Giuseppe Garibaldi. Por este motivo, a proibição era veementemente repetida sob a ameaça de Bonato não ser aceito na congregação scalabriniana, como consta em outro trecho da última carta apresentada:

Siete andato in città. Su ciò vi avea parlato abbastanza chiaro. La vs. disobbedienza non può essere scusata. [...] Se volete appartenere alla Congregazione, dovete rassegnarvi a non por più piede nella città di Corityba, a meno che il Superiore vel permetta. [...] Ho appartenuto 5 anni alla Comp.a di Gesù, ed ho imparato là ad obbedire, e ne ringrazio a Dio. È certo che il R.mo Direttore Gen. della nostra Congregazione pretende negli aggregati la obbedienza vera che usano gli Ordini religiosi più ben osservanti.³⁸⁶

A forte acusação de desobediência por parte de Colbacchini era sinal da sua indignação diante da forma social que Bonato se comportava, na qual o primeiro via um motivo para não aceitá-lo entre os scalabrinianos. É importante destacar, que pelo que consta nas fontes, esta cobrança partia unicamente dele, pois não vinha como uma ordem de nenhum outro superior da congregação que ainda estava se organizando, muito menos da parte de seu fundador, o Bispo de Piacenza.

Por sua vez *Don Francesco* que, aliás, havia se formado no mesmo Seminário Diocesano de Vicenza apenas alguns anos mais tarde, não via mal algum no seu comportamento. Da mesma forma, o valstagnese se via cobrado por algo que não havia prometido, já que não havia feito nenhum voto de obediência, apenas demonstrava o interesse de entrar para a missão criada em favor dos imigrantes italianos.

O bassanese, no entanto, se vangloriava da diferença de ter sido seminarista jesuíta por 5 anos, e se sentia no dever e na obrigação de ensinar tal regra religiosa para o seu colega, o qual considerava inexperiente e fraco. Essa era uma forma dele se impor, e arrogar para si o

³⁸⁶ Fostes à cidade. Sobre isto vos havia falado bem claramente. A vossa desobediência não pode ser perdoada. [...] Se queres pertencer a Congregação deve vos resignar de não colocar mais os pés na cidade de Curitiba, ao menos que o Superior vos permita. [...] Pertenci por 5 anos a Companhia de Jesus, e aprendi lá a obedecer, e por isto agradeço a Deus. Por certo que o Reverendíssimo Diretor Geral da nossa Congregação pretende nos agregados a obediência verdadeira que usam as ordens religiosas mais bem vistas. Idem.

cargo de superior e a liderança espiritual e moral dos conterrâneos instalados na região. Ao mesmo tempo, sentia-se posto a prova e ameaçado por parte dos clérigos brasileiros, aos quais se encontrava submisso, e dos italianos nacionalistas do meio urbano. Neste sentido, como um general no campo de batalha, não queria que Bonato, o único soldado com quem podia contar, servisse de brecha para que seus inimigos tivessem motivo para atacá-lo. Isso fazia com que o impedimento se potencializasse e pontuais nomes de supostos adversários do modelo de italianidade e catolicidade fossem citados:

Siete stato visto da Mattana a bere con lui ed assistere al di lui sporquiloquio (sic). Questo fatto è un codicillo ed una conferma della accusa che il P. Alberto vi fece presso il P. Polacco di Campo Comprido, qualificandovi um padrinho a toa que bebe e brinca com os seus italianos (de mà vida) nas tavernas escandolezando a todos! Sono queste le parole che di voi mi vennero riferite, con vostro e mio grande dolore. Quello che mi spiace è che non sono calunnie, perché di ciò ne avete dato motivo tante volte, ad onta della proibizione che avevate di portarvi in città, e specialmente di tenervi in relazione con quell'empio che chiamate vostro amico.³⁸⁷

Percebe-se por este trecho de carta, que mesmo após a proibição feita por Colbacchini, Francesco Bonato continuou a visitar periodicamente o centro urbano de Curitiba, inclusive frequentando estabelecimentos como o do italiano Baldassare Mattana.³⁸⁸ Este último era um conhecido comerciante, também valstagnese, ou seja, oriundo da mesma cidade da província de Vicenza, Valstagna.³⁸⁹ Além de estar visitando um ambiente onde eram comercializadas bebidas e havia jogos, o que mais indignava o bassanese em relação à atitude de seu conterrâneo, era que Mattana era um membro da Sociedade Garibaldi, portanto, tido por ele como um liberal e maçom, e por isso um declarado inimigo.³⁹⁰

Porém, o clérigo proveniente do meio rural das montanhas do Canal do Brenta possuía um *modus operandi* bem diferente: pautava pela amizade, pela proximidade com os camponeses e '*copaesanos*', e isso incomodava Colbacchini. Acredito que, tanto essa forma de agir, sem se valer da superioridade do seu cargo eclesial, como o fato de ter a mesma origem *contadina* e, mais ainda, estar na mesma condição de imigrante definitivo que os seus

³⁸⁷ Foste visto com Mattana a beber com ele e assistir ao seu mal comportamento. Este fato é a prova e a confirmação da acusação que Pe. Alberto vos fez junto ao Pe. Polaco de Campo Comprido, classificando-o como "um padrego à toa, que bebe e joga com os seus italianos de má vida nas tavernas escandalizando a todos!" São estas as palavras que sobre vós me foram referidas, para vossa e minha grande dor. Aquilo que mais me desagrada é que não são calúnias, porque para isso deste motivo tantas vezes, contrariando a proibição que tinhas de se dirigir a cidade, e especialmente de manter contato com aquele ímpio que chamas de vosso amigo. COLBACCHINI a BONATO, 13 de maio de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p.56.

³⁸⁸ Segundo notícia encontrada, o imigrante italiano Baldassare Mattana possuía uma casa de comércio situada na esquina da Rua São Francisco e a travessa do Rosário. GAZETA PARANAENSE, 13 de janeiro de 1887.

³⁸⁹ A cidade de origem de Baldassare Mattana pode ser confirmada por meio da lista de matrícula dos membros da Sociedade Italiana Giuseppe Garibaldi.

³⁹⁰ Conforme notícia veiculada em periódico da época, Mattana chegou a ocupar o cargo de vice-presidente da referida associação étnica no ano de 1894. A REPUBLICA. Curitiba, 1 de agosto de 1894.

conterrâneos, que vieram em busca de melhores condições de vida para si e os seus familiares, fazia com que Bonato fosse bem visto pela maioria dos imigrantes. Toda essa diferença despertava grande indignação, e talvez até certo ciúme, no líder da missão italiana, que por meio de suas cartas procurou convencer Scalabrini de que esse último não era digno de ser aceito no elenco de missionários da nova congregação.

Quanto a D. Franc. Bonato, ad onta del desiderio di V. Eccell. Rma e mio, non si può ricevere (almeno per ora) nella Congregazione, stante l'attaccamento che ha per parenti e l'impegno che si prende per i loro temporale. Mi fece una dichiarazione la più esplicita, in una ultima sua lettera, di voler pure sottomettersi alla mia direzione per ciò che riguarda (come egli scrive) allo spirituale ed al morale, ma che, per altre cose, egli intende fare da sè. Per questo e per altri segni che m'a dato, posso arguire che della vita religiosa non ha ancora appreso l'abici, perciò non è prudente né del nostro interesse, aggregarlo (almeno per ora) all'Istituto.³⁹¹

A família de Francesco Bonato, incluindo os seus pais, irmãos, cunhadas e sobrinhos, chegou ao Paraná em julho de 1888 e, obviamente, o plano elaborado ainda na Itália foi seguido, de modo que ficou instalada junto dele na colônia Antonio Rebouças, em Timbituva. Assim, a vinda dos familiares do valstagnese, que antes foi usada por Colbacchini como argumento para convencê-lo a emigrar, continuou a ser o principal motivo para impedi-lo de entrar na congregação voltada para a assistência espiritual dos colonos italianos.

La casa che i Coloni di Timbituba, dopo le mie replicate sollecitazioni hanno fabbricato (casa ben capace e ben costruita) serve invece che di abitazione del Sacerdote a dimora delle 10 persone della di lui famiglia, ed egli continua ad abitare (pagando tre franc. al giorno) presso una famiglia di là, che è ottima, ma per le sue circostanze, non conveniente al decoro di un Sacerdote.³⁹²

O fato da família de Bonato, ao invés dele próprio, estar habitando na casa que havia sido construída para uso do sacerdote na colônia Antônio Rebouças, serviu para o religioso intransigente como que uma comprovação de que o novo padre estava mais apegado aos familiares do que à missão. Com esse argumento, repetido várias vezes em suas missivas, o

³⁹¹ Quanto ao padre Francisco Bonato, contrariando o desejo de Vossa Excelência Reverendíssima, e meu, não se pode receber (ao menos neste momento) na Congregação, devido ao apego que tem pelos parentes e ao empenho com que se dedica as coisas temporais. Me fez uma declaração a mais explícita, em sua última carta, de querer sim submeter-se a minha direção naquilo que se refere (como ele escreve) ao espiritual e à moral, mas que, para outras coisas, ele entende que deve decidir sozinho. Por isso e por outros sinais que me deu, posso afirmar que para a vida religiosa não adquiriu ainda os hábitos, por isso não é prudente nem do nosso interesse, agregá-lo (neste momento) ao Instituto. COLBACCHINI a SCALABRINI, 21 de agosto de 1888. TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 69.

³⁹² A casa que os colonos de Timbituva, depois de minhas insistentes solicitações fabricaram (uma casa grande e bem construída) serve, ao invés de habitação do sacerdote, como morada para as 10 pessoas da família dele, e ele continua a habitar (pagando três francos por dia) junto de uma família de lá, que é ótima, mas devido as circunstâncias, não conveniente ao decoro de um sacerdote. Idem.

bassanese justificará aos seus superiores o fato de Don Francesco não poder ser aceito na congregação.

Non ho potuto, non posso e temo di non potere aggregare alla ns. Congregazione D. Francesco Bonato... Egli viene qui,... coll'unico oggetto di ben collocare la sua numerora famiglia (10 persone)... Egli vorrebbe partecipare alla Congregazione, solo per godere lui ed i suoi della sua protezione, specialmente per ajuti materiali.³⁹³

Desta forma, ao não permitir, ao menos burocraticamente, a entrada de Bonato na obra scalabriniana, Colbacchini manteve na condição de mero colaborador aquele que também era um protagonista, porém ao seu modo, no atendimento espiritual dos imigrantes italianos no Paraná.³⁹⁴ Como a missão estava oficialmente confiada ao scalabriniano, o religioso intransigente resolveu, a sua maneira, como manter o padre Bonato abaixo de suas ordens e do seu poder pastoral.

Somente no mês de agosto de 1888 é que chegam a Curitiba os missionários verdadeiramente enviados pelo Bispo de Piacenza: o esperado e fiel correspondente Don Domenico Mantese e Don Giuseppe Molinari, acompanhados de um catequista, Fratello Vittorio Gabuardi. Os dois sacerdotes foram os primeiros que aderiram à nova congregação, ainda no final do ano de 1887, portanto, eram indivíduos muito caros ao fundador Giovanni Battista Scalabrini. Foi por meio de Mantese que Colbacchini pode professar os seus votos de pertencimento à Congregação dos Missionários de São Carlos Borromeu, o que fez em 12 de agosto de 1888.

Este simples ato reforçava e aumentava o poder simbólico do vicentino de falar e agir em nome dos scalabrinianos na região de colonização italiana na qual atuava, como também ao se dirigir aos seus irmãos de congregação. Só que para isso, ele precisava permanecer na condição de superior local, motivo que o levou a utilizar em relação aos seus novos coirmãos a mesma estratégia que teve com Bonato, ou seja, desmerecê-los perante seus superiores para manter-se na direção da missão no Paraná. Logo na primeira oportunidade, apenas a alguns dias da chegada dos novos companheiros, ao comunicar-se com Scalabrini vai escrever:

³⁹³ Não pude, não posso e temo não poder agregar a nossa Congregação Pe. Francesco Bonato... Ele veio aqui... com o único objetivo de bem colocar a sua numerosa família (10 pessoas)... Ele queria participar da Congregação, somente para gozar ele e os seus da sua proteção, especialmente para ajudas materiais. COLBACCHINI a ROLLERI, 19 de setembro de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 74.

³⁹⁴ A ideia de que o padre Francesco Bonato atuou somente como um mero coadjuvante da congregação scalabriniana aparece em vários escritos da mesma, como exemplo na obra de Riolando Azzi que o define como “um colaborador dedicado”. Conf. AZZI, Riolando. **A Igreja e os migrantes. A imigração italiana e os primórdios da obra escalabriniana no Brasil, 1884-1904**. V.1. São Paulo: Paulinas, 1987.

*“Trovo in D. D. Mantese molta legatura che confina collo scrupolo. Spero di poterlo sanare poco a poco perché se no, le cose qui non potrebbero proceder bene.”*³⁹⁵

Domenico Mantese também era um vicentino, natural da comune de Torrebelticino, localizada a menos de 50 quilômetros de Bassano del Grappa. Na época em que sente o despertar da vocação para se dedicar aos imigrantes italianos na América e, conseqüentemente, passa a se corresponder com Colbacchini, exercia a função de pároco na cidade vicentina de Poianela, por sua vez, cerca de 20 quilômetros de distância de Bassano. Mesmo pertencendo ao seletíssimo grupo de padres formados pela diocese de Vicenza, tão elogiados e desejados pelo missionário bassanese, ele não passará pelo crivo da sua intransigência. O mesmo ocorrerá, com o piacentino Don Giuseppe Molinari e o cremonese Fratello Vittorio Gabuardi. Sobre este último, escreve ainda no final de 1888: *“Il Fratello Vittorio [Gabuardi] è buono, ma di capacità ed obbedienza molto limitate, perciò avrei bisogno di frat. più intelligente ed attivo.”*³⁹⁶

A falta de obediência é uma das reclamações que Pietro Colbacchini fará em relação a todos os seus companheiros. Por este motivo, creio que sua forma autoritária e jesuítica de agir não era bem aceita entre aqueles que a ele estavam submissos, e as diferenças de opiniões geravam atritos, o que na visão do superior local era encarado como desobediência. O intransigente desejava que os seus companheiros de missão, chegados a pouco, e que haviam tido diferentes tipos de formação no tempo de seminário e vida religiosa, agissem como ele, que havia passado pela Companhia de Jesus e por uma formação ultramontana, seja na época de seminarista como nas suas vivências na terra natal de Bassano del Grappa.

Os conflitos foram crescendo, até que em meados de 1889, depois de se ausentar da casa de missão em Curitiba pelo período de três meses, por ter se dirigido a São Paulo para tratar da jurisdição da Capelania Italiana com o bispo Dom Lino, Colbacchini tomou enérgicas providências:

Dopo tre mesi di assenza, tornato nella mia residenza ho avuto il dispiacere di trovare i miei due compagni di missione ed il fratello laico appartenenti all'Istituto Cristoforo Colombo, molto mal disposti verso di me. [...] Non mai sono stato contento dei loro diportamenti, ritrovando sempre in loro la loro volontà, invece che quella di Dio che veniva loro significata dall'obbedienza. [...] Ora, giunte le cose a manifesta ribellione, ho dovuto mettere il freno alla loro insubordinazione, imponendo a loro un corso di esercizi spirituali e proponendo loro una regola da

³⁹⁵ Encontro no Pe. Domenico Mantese muita inquietação que beira ao escrúpulo. Espero podê-lo endireitar pouco a pouco porque se não as coisas aqui não poderão proceder bem. COLBACCHINI a SCALABRINI, 21 de agosto de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 70.

³⁹⁶ O Irmão Vittorio Gabuardi é bom, mas de capacidade e obediência limitadas, por isso teria necessidade de um Irmão mais inteligente e ativo. COLBACCHINI a SCALABRINI, 15 de dezembro de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 86.

osservare. Sembra che eglino stessi conoscano la necessità di questo provvedimento, però non mi lusingo troppo che sia per ottenere il suo effetto, per la circostanza di voler eglino, prima di accettarlo, ben ponderarlo e se fosse di loro genio, modificarlo. Condizione che ho dovuto accettare, per vedere se si possa trovar modo di ordinare le cose.³⁹⁷

Depois de um ano de convivência, Colbacchini sente a necessidade de prescrever regras aos seus três companheiros de missão, pois segundo ele cada um agia segundo sua própria vontade, vivendo assim em desobediência. Além, do difícil convívio e, consequentemente, dos constantes atritos entre eles, esse fato revela a falta de uma regra geral da Congregação Scalabriniana neste momento, o que obrigou o religioso bassanese a fazê-la por sua conta. Obviamente, o seu autoritarismo e sentimento de superioridade, típicos de um ultramontano intransigente, não o faziam compreender que essa regra não seria imposta, mas sim deveria ser aprovada pelos seus pares que viviam na mesma casa missionária. Ao revelar a sua decisão de propor uma regra aos coirmãos, o superior local irá acusar o padre Mantese como sendo o maior culpado de criar uma revolta contra ele:

D. Domenico Mantese è un sacerdote molto divoto, ma di un'ascetica pedante e pesante a tutti. In tutto vede peccato, fuori nelle manifeste sue disubbidienze; ...così ignorante, ossia grosso di mente, da arrogarsi il posto di maestro sopra chi può e deve dargli direzione. [...] Ebbe il coraggio, sotto questo pretesto, di presentarmi l'altro giorno un elenco di ben 28 articoli di accuse contro di me... Di tutte le accuse, molte delle quali erano di intesa col P. Giuseppe Molinari, l'unica, che ho dovuto confessare si è quella di essermi di loro lamentato con tre o quattro persone confidenti, però cercando di scusare i loro torti; eglino poi dovettero pur confessare di aver sempre fatto contro di me, fra di loro e con altri, le critiche più ingiuste.³⁹⁸

Ao desabafar, por meio da escrita, com o internúncio da Santa Sé no Brasil, Monsenhor Spolverini, o bassanese revela o constante conflito que vivia junto aos seus companheiros de missão, e que as acusações eram feitas de ambas as partes. Se por um lado

³⁹⁷ Depois de três meses de ausência, voltando para minha residência tive o desprazer de encontrar os meus dois companheiros de missão e o irmão leigo, pertencentes ao Instituto Cristovão Colombo, muito mal dispostos em relação a mim. [...] Nunca estive satisfeito com o comportamento deles, encontrando sempre neles vontade própria, ao invés daquela de Deus, o que lhes proporcionava a desobediência. Agora, que chegou ao nível de uma manifesta rebelião, tive que colocar freio a insubordinação deles, impondo a eles uma lista de exercícios espirituais e propondo a eles uma regra para observar. Parece que eles mesmos sabem da necessidade desta ação, porém não me asseguro muito que vá obter o seu efeito, pela circunstância de quererem eles, antes de aceitá-la, a ponderar e se for do seu entendimento, a modificar. Condição que tive que aceitar, para ver se se pode encontrar jeito de ordenar as coisas. COLBACCHINI a SPOLVERINI, 23 de agosto de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 219.

³⁹⁸ Pe. Domenico Mantese é um sacerdote muito devoto, mas de uma ascética pedante e pesada para todos. Em tudo vê pecado, exceto nas suas constantes desobediências; ...é tão ignorante, ou seja, tosco de mente ao ponto de arrogar para si o lugar de mestre sobre quem pode e deve lhe dar direção. [...] Teve a coragem, sob este pretexto, de me apresentar outro dia um elenco de 28 artigos de acusações contra mim... De todas as acusações, muitas das quais estava de acordo o Pe. Giuseppe Molinari, a única que tive que confessar é aquela de eu ter lamentado deles para três ou quatro pessoas confidentes, porém procurando me desculpar do erro deles; eles também tiveram que confessar de ter sempre feito contra mim, entre eles e com outros, as críticas mais injustas. Ibidem, p. 219-220.

ele acusava Mantese de ver pecado em tudo, este por sua vez pode ter, e com toda a razão, o acusado de autoritarismo e de ver desobediência em tudo.

I sacerdote miei compagni, con altre viste, con poca scienza ed esperienza degli uomini e delle cose; venuti perciò impreparati a questa missione, col corredo di certe passioncelle comuni ai figliuli di Adamo, mi attraversano, mi disgustano, malignano sulle mie parole e sulle disposizione che prendo, e avanzarono il loro zelo a dar male informazioni sul conto mio al Vescovo di Piacenza, il quale però, usando della dovuta prudenza, appena mi fece sapere di averle avute, e delle quali, grazie a Dio, non ho ragione di temere.³⁹⁹

É evidente, que depois desta época as constantes acusações e denúncias de ambos os lados foram descobertas, e isso prejudicou ainda mais o convívio entre os membros da pequena comunidade religiosa que havia se formado. Muitas das acusações feitas a Mantese estavam de acordo com o que também pensava Molinari, e apesar da não citação direta, também com a opinião do irmão Gaboardi. Diante dessa realidade, apesar de escrever que não devia temer, o bassanese tinha medo de perder a sua posição e por isso aos poucos foi percebendo que a solução seria afastar os coirmãos da missão scalabriniana do Paraná.

O fato é que, cada um dos membros tinha pensamentos e comportamentos muito diferentes, e que cada um fazia suas reclamações e desabafos sobre os colegas, seja pessoalmente para alguns indivíduos das comunidades de imigrantes, como também para outros membros da congregação por meio de missivas enviadas para Piacenza, como ficou explícito no último escrito de Colbacchini apresentado. Este último, diante da sua grande decepção, ao citar o nome do irmão leigo, passou a colocar em dúvida o critério de escolha que o Bispo de Piacenza faz dos membros do novo instituto religioso que fundou:

Il fratello laico certo Vittorio Gaboardi, entrato in Congr.ne a Piacenza pochi giorni prima della partenza dei due Padri Mantese e Molinari, uscito poco prima dalla Cong.ne dei Barnabiti per il motivo, come egli dice, di non essere da loro stato promosso ai voti dopo cinque anni di noviziato, venuto cogli altri, da un anno sta nella mia casa senza mai aver conferito né direttamente né indirettamente con me, e dandomi invece continui motivi di lagnanze per la sua insubordinazione, risposte superbe, e arbitrii di ogni maniera. [...] Dicono questi Padri che il Vescovo di Piacenza non li assoggetterebbe a questo dovere, e se fosse vero, io dovrei dire al Vescovo di Piacenza o che mandasse qua soggetti ben formati e provati, o che mostrerebbe di non intendere la importanza e la necessità di questo mezzo in ragione alle circostanze di qui.⁴⁰⁰

³⁹⁹ Os sacerdotes que são meus companheiros possuem visões diferentes, com pouca ciência e experiência dos homens e das coisas; vieram, portanto, despreparados para esta missão, com a bagagem de certas paixões comuns aos filhos de Adão, me contradizem, me desgostam, difamam minhas palavras e as disposições que tomo, e avançando com o seu zelo passaram a dar más informações ao meu respeito ao Bispo de Piacenza, o qual, porém, usando da devida prudência, apenas me fez saber de tê-las recebido, e das quais, graças a Deus, não tenho razão para temer. COLBACCHINI a SPOLVERINI, 23 de novembro de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 249.

⁴⁰⁰ O irmão leigo, certo Vittorio Gaboardi, que ingressou na Congregação em Piacenza poucos dias antes da partida dos dois Padres, Mantese e Molinari, havia saído pouco antes da Congregação dos Barnabitas pelo

Além de questionar como se deu a aceitação do irmão Vittorio Gaboardi na congregação religiosa, o missionário bassanese afirma que Monsenhor Scalabrini deveria enviar para a América indivíduos mais bem formados, e que deve mostrar ao referido fundador a necessidade de uma regra para os integrantes do instituto. Nesse sentido, ao solicitar o envio de novos missionários ao pe. Roller, superior da casa geral em Piacenza, vai reforçar que não fossem da natureza dos que havia enviado: *“Se avesse soggetti addatti a questa missione me li mandi, anche laici, ma non del taglio del Fr. Vittorio. Pretenziosi, ignorante, non faranno mai niente di bene. Se potessi avere un pajo di buoni maestri, sarebbe un manna.”*⁴⁰¹

Além de desmerecer Gaboardi, Colbacchini deixa transparecer a sua preocupação com ensino nos núcleos de imigrantes italianos, afirmando que seria importante a vinda de um punhado de bons professores. Faz isso porque exatamente nesta época, o bassanese estava em tratativas com o Presidente da Província para que ele acumulasse a função de Inspetor Escolar das Colônias Italianas do Paraná. Sobre isso escreve em outubro de 1889:

Oggi, dietro di lui invito, mi sono portato dal Presidente della Provincia. Mi espose che si troverebbe disposto di stabilire la somma di 80 lire mensile ai maestri di scuola promiscua, nelle Colonie, incumbendomi di scegliere i maestri per darne egli la nomina ufficiale, e di fungere l'incarico di Ispettore scolastico. Io accettai, e sto ora trattando di quest'affare tanto affine alla nostra missione. Il male è che maestri come vorrei, o maestre, qui, meno uno, non ne posso trovare.⁴⁰²

Entendo que, ao aceitar a função de Inspetor escolar para as colônias italianas o bassanese estava acumulando não só mais uma simples função, mas o poder de escolher professores que fossem adeptos do seu discurso de manutenção da italianidade por meio da vivência da fé católica, ou seja, que fossem bons católicos. Porém, segundo ele mesmo afirma, não encontrava candidatos que ao seu critério estivessem aptos. Colbacchini foi

motivo, como ele disse, de não ter sido promovido com os votos depois de cinco anos de noviciado, vindo com os outros, por um ano está na minha casa sem nunca ter feito uma reunião, nem diretamente nem indiretamente, comigo, e dando-me ao invés contínuos motivos de reclamações pela sua insubordinação, respostas soberbas e arbitrariedades de todo tipo. [...] Dizem os padres que o Bispo de Piacenza não os sujeitaria à esses deveres, e se isso for verdade, deverei dizer ao Bispo de Piacenza ou que mande para cá sujeitos bem formados e provados, ou que ele mostra não entender a importância e a necessidade deste meio em razão das circunstâncias daqui. COLBACCHINI a SPOLVERINI, 23 de agosto de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni, Op. Cit., p. 220 e 221.

⁴⁰¹ Se tiver sujeitos aptos para essa missão me mande-os, também leigos, mas não do tipo do Ir. Vittorio. Pretenciosos, ignorantes, não farão nunca nada de bem. Se houver um punhado de bons professores seria um maná. COLBACCHINI a ROLLER, 12 de setembro de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 227.

⁴⁰² Hoje, em resposta ao seu convite, fui até o Presidente da Província. Ele me expôs que estaria disposto de estabelecer a soma de 80 libras mensais para os professores de escola mista nas Colônias, incumbindo-me de escolher os professores para que ele possa fazer a nomeação oficial, e de exercer o cargo de Inspetor escolar. Eu aceitei, e estou agora tratando desta tarefa que está fortemente relacionada com a nossa missão. O mal é que professores como eu gostaria, ou professoras, ao menos uma exceção, aqui não posso encontrar. COLBACCHINI a SCALABRINI, Outubro de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 241.

nomeado oficialmente para a função no início do mês de novembro de 1889. Isso revela que o rigor ultramontano do missionário influenciou, em certa medida, até mesmo na nomeação dos professores que deviam ensinar nas escolas primárias que eram mantidas pelo governo paranaense nos núcleos de imigrantes italianos.

Da mesma forma, pode-se perceber que padre Pietro Colbacchini mantinha uma boa relação com as autoridades civis, o que não acontecia com o clero local, e nem mesmo com os seus pares com quem convivia na congregação. Depois, de uma pequena pausa, os atritos entre eles voltaram a acontecer de modo que o Irmão Vittorio Gaboardi tornou-se o primeiro a ser afastado da missão pelo superior local, que depois de repetidas referências a sua insubordinação o eliminou da comunidade religiosa no início do ano de 1890: *“Del Vittorio non se ne parla più per questa missione. Trovatomì nella necessità di licenziarlo dalla casa per la sua insubordinazione e pei gravi imbarazzi in cui mi metteva... Se venisse in Italia, faccia in modo che non torni più.”*⁴⁰³

Poucos meses depois, a saúde do padre Molinari se agravou, sendo que ele mesmo expressou o desejo de retornar para Itália. Com isto, Colbacchini viu a oportunidade para também afastar Don Mantese: *“Il P. Giuseppe Molinari cadde ammalato e aspira al ritorno in Italia. [...] Perciò egli se ne andrà. Con lui unirò l’altro P. Domenico Mantese che mostra carattere e qualità tutte differenti dalla vita apostolica.”*⁴⁰⁴ Em outra missiva ao Monsenhor Spolverini, explicava os diferentes motivos da sua decisão: *“L’uno per difetto organico di salute che non lascia sperare la guarigione, l’altro per avere disposizioni a tutt’altra vita.”*⁴⁰⁵

A experiência em comunidade com os colegas scalabrinianos havia decepcionado o missionário bassanese. Sobretudo, a respeito do comportamento do padre Domenico, o qual em todas as suas justificativas irá definir como um bom padre, porém sem vocação para a vida de missão junto das colônias italianas. Importante destacar que essa era a opinião particular de Colbacchini, retirada de seu crivo de ultramontano intransigente, que na qualidade de superior local se arrogou no direito de afastá-lo da obra scalabriniana que se iniciava em Curitiba. Somada a intransigência, havia também o medo de perder a posição e a liderança espiritual dos imigrantes italianos da região, a qual já havia conquistado.

⁴⁰³ Sobre o Vittorio não se fala mais para esta missão. Tive a necessidade de licenciá-lo da casa devido a sua insubordinação e pelos graves embaraços nos quais me metia... Se ele for para a Itália, dê um jeito que não volte mais. COLBACCHINI a SCALABRINI, 22 de fevereiro de 1890. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 261.

⁴⁰⁴ O Pe. Giuseppe Molinari ficou muito doente e aspira pelo retorno para a Itália. [...] Por isso ele irá. Com ele unirei o outro, Pe. Domenico Mantese, que mostra caráter e qualidades todas diferentes da vida apostólica. COLBACCHINI a SPOLVERINI, 26 de maio de 1890. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 271.

⁴⁰⁵ Um pelo defeito orgânico de saúde que não permite esperar pela cura, outro por ter disposições para outro tipo de vida. COLBACCHINI a SPOLVERINI, junho de 1890. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 272.

Esse posicionamento enérgico de nosso biografado fez com que a partir de junho de 1890 ele ficasse novamente sozinho, dependendo somente da ajuda do também desprezado pe. Francesco Bonato. A solidão faz com que ele deixe o bairro do Água Verde, e fixe residência em outra colônia, a de Santa Felicidade. Além de ser o núcleo com maior número de famílias, acredito que a melhor aceitação entre os colonos também pesou nesta decisão. Fora o fato de estar mais afastado do centro urbano da capital paranaense e, consequentemente, dos clérigos locais e de outros adversários com os quais possuía atritos.

Também nesse período, depois da experiência negativa com os dois scalabrinianos enviados pelo Bispo de Piacenza, ele vai reforçar ao fundador a necessidade de um regulamento, antes do envio de novos missionários para o Paraná. Porém, ao receber uma primeira proposta diretamente de Scalabrini tratou logo de responder-lhe que era preciso algo mais rigoroso:

Unito alla sua lettera, ho trovato il regolamento per i missionari. Usando di quella sincerità e franchezza che mi è propria, e fu sempre compatita da V. Ecc., le devo dire che la prima impressione che ne ebbi nella lettura, non è troppo vantaggiosa. Mi sembra che sieno compendiatì di troppo i doveri; che le circostanze della vita dei missionari non sieno punto contemplate; che insomma manchi molto di ciò che a me sembrerebbe necessario di esporre e di imporre agli ascritti alla Congregazione. Se V. Eccell. R.ma, facendo conto non dei miei talenti che sono limitati, ma della esperienza che ho dovuto acquistare in tanti anni e fra tante difficoltà, mi avesse interpellato in proposito, avrebbe forse approvate alcune mie osservazioni e formulato d'altro modo, più esplicito, più diffuso, più concreto, il detto regolamento.⁴⁰⁶

Ao afirmar que o regulamento proposto pelo fundador Giovanni Battista Scalabrini era, na opinião dele, um tanto quanto limitado, por não esmiuçar os deveres dos missionários, Colbacchini transparece a radicalidade de seu ultramontanismo. Da mesma maneira, isso fica evidente pelo fato dele inferir que se tivesse sido consultado o regulamento estaria mais bem elaborado e completo. Entendo que, ao dizer que usava de sinceridade e franqueza para com o Bispo de Piacenza, ele estava acusando de maneira aducada e diplomática o seu superior de ser um clérigo moderado e transigente. Compreendo que, havia um choque de compreensões entre os dois: o sacerdote vicentino com formação jesuítica era um legítimo

⁴⁰⁶ Unido a sua carta, encontrei o regulamento para os missionários. Usando daquela sinceridade e franqueza que me é própria, e foi sempre compreendida por Vossa Excelência, lhe devo dizer que a primeira impressão que tive da leitura não é muito vantajosa. Parece-me que foram demasiadamente resumidos os deveres; que as circunstâncias da vida dos missionários não foram de fato contempladas; ensuma, que falta muito daquilo que no meu entender é necessário expor e impor aos inscitos na Congregação. Se Vossa Excelência Reverendíssima, fazendo uso não dos meus talentos que são limitados, ma da experiência que adquiri em tantos anos e entre tantas dificuldades, me tivesse interpellado a respeito, talvez teria aprovado algumas das minhas observações e formulado de outro modo, mais explicito, mais diffuso, mais concreto, o dito regulamento. COLBACCHINI a SCALABRINI, 07 de fevereiro de 1891. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 298.

ultramontano radical, enquanto que, Monsenhor Scalabrini preferia agir de forma mais conciliadora e fraterna. Na concepção do religioso bassanese esse posicionamento do referido bispo enfraquecia a congregação por ele fundada, pois dificultava a atração de bons sacerdotes.

Mi dispiace la scarsità di soggetti nella Congr. I bisogni sono tanti! [...] Io sapeva che il Clero, specialmente Veneto, non prenderebbe parte nella ns. Congr.ne. Corre voce colà che la Istituzione di Mr. Scalabrini abbia odore di liberalismo, da che fuggono come il diavolo dall'acqua santa i sacerdote veneti.⁴⁰⁷

Ao desabafar com padre Rolleri, superior da casa central em Piacenza, o bassanese deixa claro que entre ala do clero intransigente formado no Veneto, o novo instituto religioso não era muito bem visto, exatamente pelo fato de seu fundador possuir um caráter mais moderado e conciliador, o que na leitura dele trazia ares de liberalismo. Mais uma vez, o sacerdote enaltece os clérigos venetos, como se fossem os melhores padres italianos.

No entanto, foi essa intransigência, próxima inclusive de certa ilusão, de Colbacchini que o fez ficar sozinho à frente da missão italiana no Paraná. A partir do ano de 1891 ele passa a apresentar um extremo cansaço físico e emocional ao ponto de declarar: “...mio antico fervore si è illanguito al gelo di queste lande americane; [...] Il mio cuore istesso, espansivo, forte e quasi entusiasta dell'eroismo, si è svigorito e giace mezzo paralitico e dormiente.”⁴⁰⁸ No entanto, o seu pensamento não paralisava e buscava uma forma de manter a obra em pé caso ele precisasse abandoná-la. Nesse sentido, o religioso passa a conjecturar junto ao Internúncio Apostólico do Brasil, Monsenhor Spolverini, a possibilidade de ter que entregar a liderança espiritual dos italianos da região de Curitiba para outras congregações religiosas.

Mgr. Spolverini deve esporre al S. Padre il suo e mio progetto di stabilire a servizio delle Colonie Italiana e Polacca in questo Paraná un certo numero di religiosi (10 o 12) della Cong.ne del N. Redentore di P. Alfonso di Liguori, progetto che mi sembra non solo il più conveniente ai bisogni, ma il solo che possa soddisfarli. [...] La Cong. ne di Mgr. Vescovo di Piacenza come quella che è povera di soggetti e sprovvista di mezzi non può corrispondere allo scopo.⁴⁰⁹

⁴⁰⁷ Desagrada-me a escassez de sujeitos na Congregação. A necessidade é grande! [...] Eu sabia que o Clero, especialmente Veneto, não tomaria parte na nossa Congregação. Por lá é divulgado que a Instituição de Monsenhor Scalabrini tem odor de liberalismo, o qual fogem como o diabo da água santa os sacerdotes venetos. COLBACCHINI a ROLLERI, 15 de julho de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni, Op. Cit., p. 202.

⁴⁰⁸ ...meu antigo fervor se definiu ao gelo destas terras americanas; [...] O meu coração também, expansivo, forte e quase entusiasta do heroísmo, enfraqueceu e ficou meio paralisado e dormente. COLBACCHINI a SPOLVERINI, 10 de março de 1891. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 300.

⁴⁰⁹ Monsenhor Spolverini deve expor ao Santo Padre o seu e meu projeto de estabelecer a serviço das Colônias Italiana e Polaca neste Paraná certo número de religiosos (10 ou 12) da Congregação de Nosso Redentor do Pe. Afonso de Liguori, projeto que me parece não só o mais conveniente as necessidades, mas o único que possa satisfaze-las. [...] A Congregação do Monsenhor Bispo de Piacenza como se encontra pobre de sujeitos e desprovida de meios não pode corresponder ao escopo. COLBACCHINI a RAMPOLLA, 11 de março de 1891. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 302.

A missiva, que contém o trecho exposto, foi enviada ao Cardeal Rampolla, membro da cúria Romana. Nela o sacerdote deixa transparecer não só sua preferência por outra congregação para assumir a frente da missão italiana, como também sua decepção com a Congregação Scalabriniana devido à ausência de bons clérigos para substituí-lo. Além dos padres redentoristas, mais tarde Colbacchini, como era de se esperar, também cogitou a possibilidade dos jesuítas assumirem a empreitada de liderar o serviço religioso para os colonos italianos da região de Curitiba.

Imagino que tanto o contexto político de instalação da República Federativa do Brasil, quanto à criação da Diocese de Curitiba, fizeram com que esses projetos não fossem adiante. Dessa forma, o sacerdote bassanese permaneceu, mesmo diante de dificuldades e ameaças, a frente da Capelania Italiana do Paraná até 1894. Conseguiu juntar forças para um último embate, o de combater a entrada dos italianos na Revolução Federalista em 1893. Para isso contou com o apoio do novo governo: *“Sembra che l’attuale governo voglia proteggermi, e di ciò avrei buon diritto avendo io contribuito alla sua causa coll’impedire che gli italiani si schierassero nell’esercito della rivoluzione.”*⁴¹⁰

Porém, tal proteção não o fez temer a última jura de morte que havia recebido no Paraná, desde o início de 1894, quando teve sua casa invadida e precisou se esconder por mais de um mês nos bosques dos terrenos de colonos italianos de Colombo, mais especificamente, no ex-núcleo Alfredo Chaves. Esse fato o fez decidir pelo retorno à Itália, e também a cogitar sua saída da Congregação Scalabriniana, como confidenciou ao Bispo de Piacenza:

...quando vedrò che la missione sia assicurata potrò realizzare il mio vivo desiderio di riposare un poco in altra aria e in circostanze più propizie il mio spirito e il mio corpo. ...spero, non si sarà disgustato per quello che nelle ultime lettere le ho scritto sul mio ritiro dalla Congregazione.⁴¹¹

O cansaço e as circunstâncias de perseguição fizeram com que a decisão de retornar à Itália não demorasse, e em 27 de julho de 1894, ao comemorar os seus 25 anos de sacerdócio, Colbacchini realizava o seu discurso de despedida aos colonos italianos dos arredores de Curitiba na Igreja de Santa Felicidade. No início de agosto parte para sua terra de origem, deixando a liderança espiritual dos colonos italianos unicamente nas mãos do antes tão

⁴¹⁰ Parece que o atual governo quer me proteger, e disso eu teria direito tendo eu contribuído com a sua causa ao impedir que os italianos se alistassem no exército da revolução. COLBACCHINI a SCALABRINI, 21 de maio de 1894. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 373.

⁴¹¹ ...quando eu ver que a missão está segura poderei realizar o meu desejo de repousar um pouco em outro ar e em circunstâncias mais propícias o meu espírito e o meu corpo. ...espero, que não tenha se desgostado por aquilo que nas últimas cartas lhe escrevi sobre minha saída da Congregação. COLBACCHINI a SCALABRINI, meados de 1894. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 375.

rejeitado e desprezado padre Francesco Bonato, o qual, mesmo à distância procurou orientar, enquanto tentava arregimentar novos braços para liderar a missão por ele iniciada na região de colonização italiana do Paraná. Diretamente de Roma, escreveu:

Perché vi amo e tanto amo codesti buoni Coloni, diffido un poco di voi; o dirò piuttosto temo che non abbiate tutta la necessaria prudenza nella posizione difficile in cui vi trovate. Voi non dovete che tener le cose nell'ordine lasciato, senza innovazioni e senza altro indirizzo, in fino a che il Signore mandi coloro che ha destinato a continuare la missione.⁴¹²

4.3 “Um repouso sabático para longe do Paraná”: a escrita dos ideais de italianidade e catolicidade

Pretendo, nesta parte do terceiro capítulo, focar nos discursos e planos que Colbacchini possuía a respeito do futuro da colonização italiana no Brasil, da qual dependeria também o direcionamento do seu ministério sacerdotal. Além de estarem contidos em suas missivas, os mesmos foram formalizados por meio de outros escritos que ele desenvolveu após o seu retorno em meados de 1894, ou seja, durante os dois anos contínuos que permaneceu na Itália. Ao analisá-los, desejo evidenciar o seu projeto de colônia modelo, baseado na criação de núcleos da referida etnia por meio da forte presença dos representantes da Igreja Católica e suas congregações, que pautariam a educação moral e a vida social dos imigrantes e seus descendentes nas terras de adoção.

Neste sentido, por meio da consulta a algumas missivas, a um de seus relatórios e a um guia espiritual, elaborados por ele neste período, busco apresentar quais foram as suas ações na tentativa de direcionar para o Paraná as novas levas de colonos, que conforme o seu desejo formariam comunidades nas quais a italianidade estaria fortemente ancorada na catolicidade. Consequentemente, transparece o apego que o religioso havia adquirido pela missão que ele tinha iniciado em solo paranaense, e o desejo de um dia poder retomar a liderança espiritual dos imigrantes italianos instalados no entorno de Curitiba.

Ao retornar para o seu país de origem, mais especificamente, para sua comune de Bassano del Grappa, na Província de Vicenza no Vêneto, a qual lhe rendera boa parte de sua formação e traços de austeridade, o vicentino foi primeiramente rever sua família que, como

⁴¹² Porque vos amo e muito amo estes bons colonos, desconfio um pouco de vós ou, melhor dizendo, temo que não tenha toda a prudência necessária na difícil posição na qual vos encontrais. Vós somente deveis manter as coisas na ordem que foram deixadas, sem inovações e sem outro propósito, até que o Senhor mande aqueles que ele tem destinado para continuar a missão. COLBACCHINI a BONATO, 20 de setembro de 1894. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 383.

já aponte no início deste trabalho, por ter vivido inserida naquela sociedade específica, havia adquirido fortes características clericais. Já de início, o desejado repouso não foi tão aprazível como ele esperava, pois o sacerdote foi surpreendido por más notícias, como comunica à Bonato poucos dias após a sua chegada em Bassano: *“Mia madre é molto aggravata e forse non durerà un mese. Una mia sorella pure è a mal punto. Un'altra che era Suora a Milano, morì nel mese passato. Così sono le cose in questo mondo. Buona che presto tutto finisce, ed il paradiso durerà sempre.”*⁴¹³

Porém, mesmo diante das más notícias advindas do falecimento de uma de suas irmãs e da enfermidade de outra, assim como da iminente morte de sua mãe, a causa dos imigrantes italianos no Brasil continuava sendo a prioridade daquele bassanese que, mais do que qualquer outro título, orgulhava-se de ter se tornado um missionário a favor dos seus conterrâneos que haviam se deslocado para a América.⁴¹⁴ Tanto é que, nem o luto e nem as doenças que acometiam suas familiares, impediram o religioso de já no início de setembro se dirigir para Torino, onde estava acontecendo um Congresso Eucarístico que reunia muitas autoridades eclesiásticas, com o intuito de encontrar ouvidos e, conseqüentemente, qualquer tipo de apoio para os seus projetos de colonização: *“cercava appoggi, nuovi missionari, una congregazione di suore disposta ad inviarne nel Paraná, progettava recarsi a Roma dal Papa.”*⁴¹⁵

Ao escrever de Torino ao padre Francesco Bonato, de quem devido às circunstâncias Colbacchini buscou se reaproximar, ele enfatiza que continuava pensando na missão instalada na região de colonização italiana do entorno de Curitiba:

Spero trovar qui qualche alto personaggio che mi ajuti per gli affari della ns. missione. [...] Ma potete pensare che non istò inoperoso. A quest'ora ho scritto molte lettere. In generale però, tutte le Congregazioni sono scarse di soggetti. Speriamo. Anche per aver delle Suore sarà cosa difficile, sebbene io voglia tentare di ogni mezzo per ottenerle per Curityba.⁴¹⁶

⁴¹³ Minha mãe está em grave estado e talvez não dure um mês. Minha irmã também está mal a este ponto. Outra que era Freira em Milano, morreu no mês passado. Assim são as coisas neste mundo. Bom que logo tudo acaba e o paraíso durará para sempre. COLBACCHINI a BONATO, final de agosto de 1894. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 376.

⁴¹⁴ Segundo o próprio Colbacchini relata a Bonato, em carta de 26 de Setembro de 1894, a irmã que havia falecido no final de julho era Umbelina Elisabetta, freira que pertencia à Congregação das Irmãs da Caridade, e vivia na cidade de Castegnaro di Brescia, em Milano.

⁴¹⁵ Buscava apoios, novos missionários, uma congregação de irmãs disposta a enviá-las ao Paraná, planejava para ir até Roma falar com o Papa. REBELLATO, Franco. Op. Cit., p. 124.

⁴¹⁶ Espero encontrar aqui algum alto personagem que me ajude com os trabalhos da nossa missão. [...] Mas não pense que estou inoperoso. A esta hora escrevi muita cartas. Porém, todas as Congregações estão escarsas de sujeitos. Esperemos. Também para conseguir irmãs será coisa difícil, no entanto eu quero tentar de todos os meios para obtê-las para Curitiba. COLBACCHINI a BONATO, 01 de setembro de 1894. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 377.

Este trecho revela o quanto o religioso era obsecado pela obra missionária que havia iniciado junto aos imigrantes italianos fixados no entorno da capital paranaense, e como não media esforços para mantê-la. Naquele exato momento, porém, ele só contava com Don Bonato que havia ficado à frente do atendimento espiritual daqueles colonos. Exatamente por esse motivo, ele tinha pressa de conseguir ajuda para a dita missão. Uma de suas maiores preocupações era obter, além de bons padres, boas irmãs religiosas que fossem provenientes de uma reconhecida congregação italiana, para que essas se dirigissem ao Paraná para organizar a formação educacional dos filhos dos imigrados, que deveria ser pautada em valores católicos.

Como ele mesmo afirmou, tentaria qualquer meio para prover a missão de Curitiba, por isso passou a fazer contato direto com membros do alto clero pertencentes à Santa Sé em Roma, inclusive com a pessoa do Cardeal Rampolla, secretário de estado do Vaticano para quem escreve em 8 de setembro de 1894: *“Tornato da Torino, trovai qui la sua lettera, e ne la ringrazio. Appena si rissolverà la crisi della mia Mamma quasi morente, verrò costà, soprattutto per trattare di uno stabile provvenimento ai bisogni spirituali e di tante migliaia di Italiani nel Brasile.”*⁴¹⁷

Apesar de, em sua resposta à referida autoridade vaticana, ele se referir de maneira genérica ao Brasil, e aos milhares de imigrantes italianos espalhados pelo território brasileiro, logo mais adiante o religioso deixa transparecer a sua preocupação específica com a obra iniciada em Curitiba: *“Ho lasciato la mia missione del Paraná nel più florido stato, ma guai se subito non venisse assistita”*.⁴¹⁸ A esta altura, gostaria de inferir algo que talvez o leitor já tenha notado: Colbacchini buscou agir, sobretudo neste primeiro momento do seu retorno para a Itália, de forma independente da congregação Scalabriniana, e considerava a missão instalada por ele na capital paranaense como uma empreitada particular, de responsabilidade unicamente sua. Isso fica evidente em outro trecho desta sua missiva:

Mgr. Scalabrini Ves. di Piacenza, mi esibì alcuni dei suoi, ma sono tutti giovanissimi, ed io non assumerei la responsabilità di mandarli in qual paese dove pericolano le virtù più provate. Espongo a V. Em. questi fatti purché consideri il bisogno di quel povero Paraná e di tanti nostri italiani, e pensi ai mezzi per provedervi.⁴¹⁹

⁴¹⁷ Ao voltar de Turim, encontrei aqui a sua carta, e agradeço por ela. Apenas se defina a crise de minha Mãe que está quase morrendo, irei até aí, sobretudo para tratar de um estável provimento às necessidades espirituais de tanto milhares de Italianos no Brasil. COLBACCHINI a RAMPOLLA, 8 de setembro de 1894. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 378.

⁴¹⁸ Deixei a minha missão do Paraná no mais florescente estado, mas temo se ela não for imediatamente assistida. Idem.

⁴¹⁹ Monsenhor Scalabrini Bispo de Piacenza me sugeriu alguns dos seus, mas são todos muito jovens, e eu não assumiria a responsabilidade de mandá-los àquele país onde correm perigo as virtudes mais provadas. Esponho a

Como se lê, o bassanese buscou ajuda diretamente com a Santa Sé, sem passar pelo Bispo de Piacenza. Dessa forma, com a morte de sua mãe Angela Zarpellon no dia 10 de setembro, mesmo estando novamente enlutado, se dirigiu para Roma para tratar sobre a missão italiana no Brasil. Lá estando, por sugestão do Cardeal Rampolla, escreveu uma memória resumida dos seus 10 anos como missionário junto aos italianos em terras brasileiras. Na mesma, que foi destinada a um dos órgãos da Santa Sé, o Secretariado para os Assuntos Eclesiásticos Extraordinários, o religioso reforçava que o futuro da nova diocese de Curitiba seria mais vantajoso se os italianos de lá fossem: “...*diretti da zelanti Sacerdoti italiani di una Congregazione religiosa. È l'unico provvedimento che sarà efficace.*”⁴²⁰

A estadia em Roma e, consequentemente, a tentativa de solucionar o problema da missão italiana no Paraná, teve de ser encurtada, pois foi interrompida no dia 22 de setembro pela morte de sua irmã que também se encontrava enferma. Dessa forma, Colbacchini precisou retornar para a comuna de origem, tornando-se hóspede das duas irmãs solteiras que ainda estavam vivas, e que haviam assumido a direção da casa paterna. Além delas, os irmãos Angelo e Girolamo, que viviam por si, eram os únicos membros de sua família que haviam restado. Aliás, é interessante notar que em nenhum momento o sacerdote faz referência a esses irmãos em suas missivas, o que revela que não havia muita afinidade entre eles. Com as recorrentes doenças familiares, ao pensar na sua própria saúde, foi diagnosticado com uma grave anemia que lhe provocava muita fraqueza, ao ponto de não suportar nem mesmo breves passeios.⁴²¹

Diante do luto, do cansaço corporal e, sobretudo, do impedimento de viajar, após algumas tratativas que havia conseguido ter na curta estada no Vaticano, o sacerdote decide finalmente escrever para Scalabrini. Minha hipótese é que a Santa Sé lhe tenha advertido que ele deveria agir em consonância com o Bispo de Piacenza, a quem a mesma já havia escolhido para encabeçar os assuntos relacionados à assistência espiritual dos imigrantes italianos na América. Assim, o missionário foi conduzido novamente a voltar seu olhar para o instituto religioso criado por Monsenhor Scalabrini, a quem procurou convencer de suas ideias:

Il card. Rampolla, se V. Eccellenza ne mostrerà desiderio, si interporrà efficacemente presso i Gesuiti per averne due a sua disposizione per la direzione del

Vossa Eminência esses fatos para que considere a necessidade daquele pobre Paraná e de tantos nossos italianos, e pense meios para provê-los. Idem.

⁴²⁰ ...dirigidos por zelosos Sacerdotes italianos de uma Congregação religiosa. É a única medida que será eficaz. COLBACCHINI a Segretaria degli Affari Ecclesiastici Straordinari, 19 de setembro de 1894. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 383.

⁴²¹ REBELLATO, Franco. Op. Cit., p. 124.

suo Istituto Crist. Col. [...] A me pare tanto necessario che senza questo vedrei compromesse le nobili fatiche di V. Ecc. e il fine dell'Istituto.⁴²²

Colbacchini esforçava-se para tentar persuadir o fundador dos Missionários de São Carlos Borromeu a entregar a direção do dito instituto religioso para membros da Ordem dos Jesuítas. Esta atitude mostra o tamanho da admiração do bassanese por esta última congregação religiosa, a qual ele se sentia ligado e atraído. Ao mesmo tempo, ele continuou reforçando por meio de missivas o pedido para que o alto clero da Santa Sé interferisse a favor deste propósito. Porém, como apontei anteriormente, os órgãos do Vaticano lhe indicavam que haviam encarregado o Bispo Giovanni Battista Scalabrini para cuidar da causa dos imigrantes, e que só a ele caberia tal decisão. Nesse sentido, ele recebeu uma resposta redigida por Don Francesco Tarnassi, subsecretário da Sagrada Congregação dos Assuntos Eclesiásticos Extraordinários:

D'ordine di Sua Eminenza R.ma il Signor Cardinale Segretario di Stato, ho l'onore d'informarLa che Sua Eminenza ha ricevuto la lettera direttagli da V.S. R.ma il 21 Settembre p.p. coll'acclusa di Mgr. Vescovo di Piacenza. Quanto all'affare che ivi Le spono, V. S. R.ma potrà rivolgersi direttamente alla S. C. di Propaganda Fide da cui dipende quell'Istituto. Se poi Ella desidera che v'intervenga l'E.mo Segretario di Stato converrebbe che il Vescovo stesso gl'indirizzasse la domanda in proposito.⁴²³

Dessa forma, o religioso foi sendo convencido de que deveria obedecer à hierarquia. Ou seja, seus planos de colonização e assistência espiritual para os imigrantes italianos no Brasil deveriam passar pelo instituto criado por Scalabrini, a quem a Santa Sé, por meio da Propaganda Fide, havia instituído a responsabilidade deste propósito desde 1887. Sendo assim, Colbacchini continuou insistindo por mais algum tempo com o Bispo de Piacenza de que o melhor seria entregar a liderança de sua congregação para os jesuítas. Porém, Monsenhor Scalabrini já tinha traçado um itinerário diferenciado, e aos poucos foi persuadindo o missionário para que ele voltasse a integrar o instituto sob sua liderança.

⁴²² O cardeal Rampolla, se V. Eccellenza lhe mostrar o interesse, mediará eficazmente junto aos Jesuítas para termos dois deles a sua disposição para a direção do seu Instituto Cristovão Colombo. [...] Me parece algo muito necessário, sem isso, considero comprometidas as nobres fadigas de Vossa Excelência e o fim do Instituto. COLBACCHINI a SCALABRINI, final de setembro de 1894. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 384.

⁴²³ Por ordem de Sua Eminência Reverendíssima o Senhor Cardeal Secretário de Estado, tenho a honra de informar-lhe que Sua Eminência recebeu a carta dirigida a ele por Vossa Reverendíssima no último dia 21 de setembro com o anexo do Monsenhor Bispo de Piacenza. Quanto ao assunto que ali lhe expõe, Vossa Reverendíssima poderá tratar diretamente com a Sagrada Congregação para a Propagação da Fé de quem depende aquele Instituto. Caso ele deseje a mediação do Excelentíssimo Secretário de Estado convém que o próprio Bispo lhe enviasse o pedido proposto. TARNASSI a COLBACCHINI, 6 de outubro de 1894. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p.389.

Neste mesmo espaço de tempo, o Vaticano enfatizou que: “*mezzi materiali non ne darà la S. Sede.*”⁴²⁴ Outra ação da Cúria Romana neste período foi criar um “dossiê Colbacchini”, no intuito de investigar qual foi o comportamento do mesmo durante os dez anos que esteve exercendo o seu sacerdócio em favor dos imigrantes italianos no Brasil. Nessa direção, o cardeal Rampolla escreve ao Monsenhor Gerolamo Gotti, que havia assumido a Nunciatura Apostólica no Brasil:

Non riuscirà nuovo alla Sig. V. Ill.ma e Rev.ma il nome del Sac. D. Pietro Colbacchini, della diocesi di Vicenza, che dal 1884 è rimasto nel Brasile col desiderio di esercitare il suo sacerdotale ministero a bene degl’Italiani ivi residenti, e che realmente come si riferisce, egli ha ciò fatto prima nella Diocesi di S. Paolo e dopo in quella del Paraná. Essendo ora necessario avere informazioni sul nominato missionario, specialmente per quel che riguarda la sua condotta e le opere da lui compiute dal tempo che trovai nel Brasile, mi rivolgo alla S.V. affinché voglia con la maggior riservatezza raccogliere quelle notizie che potrà, dandomene relazione.⁴²⁵

Fica claro que o destino de Colbacchini estava sendo também decidido por alhures. Diante das negativas da Santa Sé e do não convencimento de Monsenhor Scalabrini, que ao seu modo buscava integrá-lo para se valer de sua experiência sacerdotal junto aos imigrantes no itinerário que ele havia traçado para a sua congregação, coube ao missionário vicentino voltar seus esforços e suas missivas para as autoridades civis italianas.

Sendo assim, influenciado pelo Bispo de Piacenza, ele passa a expor seus planos referentes aos imigrantes para os políticos e membros do governo italiano, na tentativa de conseguir recursos para organizar um órgão voltado para a promoção de uma colonização agrícola no Brasil. Isto se deu, sobretudo, por meio do relatório elaborado no início de 1895, que foi direcionado ao Senador Italiano Antonio Blanc, Ministro das Relações Exteriores do Reino da Itália. O referido documento, por intermédio de Scalabrini, foi apresentado e publicado por Giovanni Battista Volpe Landi, presidente da *Società Italiana di San Raffaele*. Esta última era um patronato leigo, criado em 1889 para colaborar financeiramente com a obra fundada por Monsenhor Scalabrini.

No entanto, até o ano de 1895 poucos recursos haviam sido angariados por meio de tal instituição leiga, que possuía um alcance muito local na sua cidade de origem, Piacenza.

⁴²⁴ Meios materiais não dará a Santa Sé. COLBACCHINI a SCALABRINI, 11 de janeiro de 1895. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit. p.401.

⁴²⁵ Não será novidade para Vossa Senhoria Ilustríssima e Reverendíssima o nome do Sacerdote Pe. Pietro Colbacchini, da Diocese de Vicenza, que desde 1884 permaneceu no Brasil com o desejo de exercitar o seu sacerdotal ministério a favor dos Italianos aí residentes, e que realmente como se refere, ele o fez antes na Diocese de São Paulo e depois naquela do Paraná. Sendo agora necessário ter informações sobre o nominado missionário, especialmente para aquilo que diz respeito a sua conduta e as obras por ele realizadas no tempo que se encontrou no Brasil, me dirijo a Vossa Senhoria para que queira com a maior discrição recolher todas as notícias que consiga, fornecendo-me um relatório. RAMPOLLA a GOTTI, 12 de janeiro de 1895. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 402-403.

Porém, como aponteí a pouco, Colbacchini havia sido convencido de que a única forma de dar continuidade aos seus projetos era unir-se novamente às instituições formalizadas pelo fundador dos padres carlistas. Sendo assim, por esses meios, ele expôs seu projeto de colonização agrícola ao governo italiano, cujo subtítulo era “*Intorno alle condizioni presenti dell’emigrazione italiana negli Stati Uniti del Brasile, ed ai provvedimenti opportuni per migliorarle.*”⁴²⁶ Na apresentação que consta no documento, redigido por Volpe Landi, este afirma que:

Questa relazione fu accolta, non solo dal Ministro degli Esteri, ma eziandio dalle persone più competenti in fatto di emigrazione e che occupano gradi elevati nella Gerarchia Civile ed Ecclesiastica, come un documento assai importante e alle proposte del Rev. Colbacchini venne assicurato tutto l’appoggio di cui può abbisognare, sia per parte della S. Sede, sia per parte del Regio Governo. Rimane ora a mandare ad esecuzione il progetto di colonizzazione esposto nella relazione.⁴²⁷

Na realidade, o relatório chegou às mãos das citadas autoridades que usando da diplomacia habitual acenaram positivamente, porém, como afirmou Volpe Landi na última frase, era necessário passar para a fase da execução, só que para isso era preciso investir no projeto. De antemão, fica subentendido que o documento elaborado pelo missionário era, portanto, uma tentativa de convencer o governo italiano a disponibilizar de verbas para a causa promovida pela *Società Italiana San Raffaele*, braço beneficente do Instituto dos Missionários de São Carlos Borromeu, criado pelo Monsenhor Giovanni Battista Scalabrini.

O dito relatório inicia com o missionário escrevendo sobre a conveniência e a necessidade da emigração italiana. Afirma que para o governo italiano seria mais útil dirigir de maneira correta a emigração do que opor-se a ela. Só que para isso, o Reino da Itália deveria designar pessoas competentes, íntegras e conscientes, que não pensassem somente em obter lucros pessoais, mas que “*abbiano in vista l’opera eminentemente umanitaria e patriottica che verrebbe loro affidata.*”⁴²⁸

A segunda parte do referido relatório apresenta qual era o estado da emigração italiana até aquele momento. Depois de tratar das mazelas dos sujeitos que imigraram por meio de

⁴²⁶ A respeito das condições atuais da emigração italiana nos Estados Unidos do Brasil, e das medidas adequadas para melhorá-las. COLBACCHINI ao Ministro do Exterior Italiano Senador ANTONIO BLANC, 1895. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 580.

⁴²⁷ Este relatório foi recebido, não somente pelo Ministro do Exterior, mas também pelas pessoas mais competentes no assunto da emigração e que ocupam elevados graus na Hierarquia Civil e Eclesiástica, como um documento muito importante e as propostas do Reverendo Colbacchini foi assegurado todo apoio de que pode precisar, seja por parte da Santa Sé, seja por parte do Governo Régio. Resta agora encaminhar a execução do projeto de colonização exposto no relatório. VOLPE LANDI, 1895. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p.581.

⁴²⁸ Tenham em vista a obra eminentemente humanitária e patrótica que estaria a eles sendo confiada. COLBACCHINI ao Ministro do Exterior Italiano Senador ANTONIO BLANC. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 584.

contrato com fazendeiros brasileiros, sobretudo, para as fazendas de café paulistas, os quais Colbacchini acusava de abusos e maltratos, e por isso já de início apontava como não sendo o modelo de colonização a ser adotado, ele passa a descrever como havia sido a experiência daqueles que haviam sido instalados pelas autoridades brasileiras nas colônias governativas. Para isso ele se limitou a trazer exemplos que conheceu de perto, durante sua estada no Paraná, de 1886 a 1894. Mais uma vez, ele afirma que o problema maior era devido à má administração:

Se il Governo del Brasile avesse affidato a buone mani, voglio dire a persone intelligenti, pratiche ed oneste, l'affare – così vitale per il paese – della colonizzazione, a quest'ora l'emigrazione italiana in Brasile sarebbe dieci volte più numerosa, e la più prospera di tutta l'America del Sud, ed avrebbero potuto trovare utile e vantaggioso collocamento tante centinaia di migliaia di spostati o di miseri di questa nostra Italia, compensando largamente lo Stato delle ingenti spese sostenute. Ma il Governo non fu corrisposto!⁴²⁹

Portanto, para Colbacchini a maior falha do governo brasileiro também teria sido a má escolha que havia feito daqueles que dirigiram o processo de entrada dos colonos italianos no país. Suas principais críticas eram sobre a forma como os imigrantes eram transportados e alojados logo após a chegada aos portos brasileiros. A insalubridade dos portos e dos alojamentos, onde os mesmos precisavam cumprir a quarentena antes de serem conduzidos para as colônias, foi um dos pontos por ele evidenciado. Na tentativa de ilustrar a situação, aponta para um caso vivenciado por ele e uma família de conterrâneos:

Nel 1890 io aspettava in Curityba una famiglia del circondario di Bassano (Provincia di Vicenza) che mi era stata caldamente raccomandata. Doveva essere composta del padre, della madre, di tre figliuoletti, e del padre della donna. Arrivarono finalmente i disgraziati! Un bambino era già morto di tifo pochi giorni prima nella *Hospedarias da Ilha das flores* – isola della morte – la donna appena giunta si adagiò sul saccone e due giorni dopo era cadavere. Degli altri due figliuoletti da me sottratti alla morte e consegnati ad una pietosa famiglia, uno dopo sei giorni pur soccombette e l'altro venne salvato a forza di cure. Il padre ed il vecchio corsero grave rischio e per poco non si estinse tutta quella famiglia che per migliorare la sua sorte era approdata al Brasile! E questo che ho narrato non è un fatto isolato: l'ho esposto per accennarne uno dei molti, accaduto sotto i miei occhi. E ciò avveniva in causa della mala direzione, dell'accidia o della sordida speculazione del personale preposto all'opera di colonizzazione.⁴³⁰

⁴²⁹ Se o Governo do Brasil tivesse confiado a boas mãos, quero dizer a pessoas inteligentes, práticas e onestas, a tarefa – tão vital para o país – da colonização, a esta hora a imigração italiana no Brasil seria dez vezes mais numerosa, e a mais prospera de toda a América do Sul, e teria conseguido encontrar útil e vantajoso lugar para centenas de milhares de deslocados e miseráveis desta nossa Itália, compensando enormemente o Estado das despesas empregadas. Mas o Governo não foi correspondido. Ibidem, p. 592.

⁴³⁰ No ano de 1890, eu esperava em Curitiba uma família das redondezas de Bassano (Província de Vicenza) que me tinha sido calorosamente recomendada. Devia ser composta pelo pai, pela mãe, por três filhos pequenos, e pelo pai da mulher. Chegaram finalmente os desgraçados! Um menino já havia morrido de tifo poucos dias antes na Hospedaria da Ilha das Flores – ilha da morte – a mulher apenas chegou, não levantou mais do leito e dois dias depois estava morta. Das outras duas crianças por mim salvas da morte e entregues a uma piedosa família, um depois de seis dias também sucumbiu e o outro sobreviveu à custa de muitos cuidados. O pai e o idoso

Este relato do bassanese, além de evidenciar como foi a dura realidade dos imigrantes que entraram no Brasil por meio de contratos estabelecidos entre o governo e os empresários e agentes de imigração, que muitas vezes não tinham o preparo para tal tarefa, e simplesmente estavam interessados nos lucros oferecidos pela atividade, demonstra também como Colbacchini se comportava em meio ao fenômeno, e o quanto participou como um incentivador da rede de imigração formada entre os arredores de Bassano Veneto e a região de colonização italiana do Paraná.

Da mesma maneira, ele denunciou as más instalações da hospedaria existente em Curitiba. Assim como fez enormes críticas em relação à lentidão por parte dos funcionários contratados pelo governo para medir e repartir os lotes, e para abrir as estradas nos núcleos coloniais para onde os colonos italianos eram destinados. Segundo ele, essas primeiras benfeitorias prometidas aos imigrantes nunca estavam prontas, e as famílias eram obrigadas a se alojar em barracões improvisados, onde precisavam esperar em número de 30 até 50, somando até 200 pessoas no mesmo ambiente, onde permaneciam aglomeradas por semanas, até que lhes fosse entregue o lote, o que por vezes era feito sem ter a casa construída. Outra denúncia, era a de que muitas vezes os favores prometidos pelo governo não eram cumpridos, como era o fornecimento das sementes e da alimentação durante os primeiros meses de instalação:

Io stesso ho dovuto ricorrere, una volta nel 1888 o 1889 al Ministro italiano residente a Rio Janeiro perché sollecitasse il Governo a provvedere d'urgenza agli stretti bisogni di un nucleo coloniale di 37 famiglie da poco stabilito nelle boscaglie del Capivary ed abbandonato a se stesso senza nessun modo di sussistenza. Intanto avevo dovuto mandare a quei tapini dei sacchi di farina perché non morissero di fame, e dei fagioli da seminare nei terreni a loro assegnati. Un qualche provvedimento venne dato, ma scarso, ed a me fruttò la malevolenza di chi si vide costretto, sebbene solo in parte, a compiere il suo dovere. Altre volte i ricorsi tornarono affatto vani.⁴³¹

Essa narrativa, que consta no relatório elaborado por Colbacchini, é muito ilustrativa sobre como os imigrantes sofriam nos primeiros meses após a sua chegada, devido o mau

correram grave risco e por pouco não se extingue toda aquela família que para melhorar a sua sorte havia desembarcado no Brasil! E isto que narrei não é um fato isolado: o expus para exemplificar um dos muitos que aconteceram debaixo dos meus olhos. E isso acontecia por causa da má direção, da inércia ou da sordida especulação do pessoal responsável pela obra de colonização. Ibidem, p. 593.

⁴³¹ Eu mesmo tive que recorrer, uma vez no ano de 1888 ou 1889, ao Ministro italiano residente no Rio de Janeiro para que ele solicitasse ao Governo de prover com urgência às estreitas necessidades de um núcleo colonial de 37 famílias que a pouco tempo haviam se estabelecido nas matas do Capivary e estavam abandonado por si só sem nenhum modo de subsistência. No entanto, precisei mandar para aquelas pobres pessoas alguns sacos de farinha para que não morressem de fome, e alguns feijões para semear nos terrenos que a eles foram atribuídos. Algumas providências foram tomadas, mas escassas, a mim a acusação por parte da maldade daqueles que se viram obrigados, se bem que somente em parte, a cumprir o seu dever. Outras vezes os apelos foram completamente vãos. Ibidem, p. 593-594.

funcionamento dos serviços prometidos pelo governo brasileiro. O caso particular, demonstra também como o missionário buscava agir para solucionar o problema, seja para suprir a fome imediata de seus conterrâneos, como para fazer chegar de maneira rápida a reclamação aos verdadeiros responsáveis, feita por meio de uma autoridade de origem italiana que residia no Rio de Janeiro.

O núcleo por ele citado é a Colônia Eufrázio Correia, instalada às margens do Rio Capivari, na divisa entre os municípios de Colombo e Bocaiúva dos Sul. O referido empreendimento foi criado no ano de 1888, onde foram instalados imigrantes italianos também oriundos do Vêneto, sobretudo, das províncias de Treviso e Padova.⁴³² Esses colonos, ao construírem uma capela, em um primeiro momento escolheram como santo padroeiro São Carlos Borromeo, o mesmo que deu nome ao instituto de missionários criado por Scalabrini, que é uma devoção muito popular em suas províncias de origem. Só que pouco tempo depois, o santo protetor foi substituído para São Pedro, o qual é o protetor da dita comunidade, que pertence a Paróquia Nossa Senhora do Rosário, em Colombo, até os dias atuais. A minha hipótese é que, se tratou de uma homenagem que os colonos proporcionaram ao onomástico do padre Pietro Colbacchini, o qual lhes forneceu os meios para sobreviver nos primeiros meses de instalação no dito núcleo colonial. Esse pequeno detalhe, presente no relatório, aponta para o tipo de relação de admiração que alguns colonos mantinham em relação ao missionário que organizou a assistência espiritual dos italianos no entorno de Curitiba.

Depois de apresentar tais dificuldades, comuns nos primeiros meses de instalação nas colônias, as quais Colbacchini considerava problemas fáceis de serem resolvidos, pois ocorriam somente devido a falta de planejamento e a má administração dos encarregados pelo governo brasileiro, ele passou a apontar os bons resultados da colonização italiana no Paraná:

Non ostante le peripezie che accompagnano il colono nei primi anni di sua demora nelle colonie governative dello Stato del Paraná, chi avesse assistito all'impianto di un nucleo di emigrati italiani, e avesse viste le cattive condizioni in cui allora versavano, e la scarsità o assoluta mancanza dei mezzi di cui erano forniti, non potrebbe prestar fede a se stesso tornandovi dopo 8 o 10 anni di assenza, ed osservandone il cambiamento. Le squallide e così ristrette capanne sono tramutate in comode case con giro doppio di stanze e con tutte le adiacenze che servono agli usi di una agiata famiglia. E i granai ricolmi, e cantina con buoni vasi vinarii, e stalle ben fornite di cavalli e di vacche, e pollai gremiti di galline e porcili con due o più maiali da ingrasso, e la casa ed il cortile pieni di ogni ben di Dio. Le terre che prima erano orride selve abbandonate al magro pascolo di animali selvatici ora sono mutate in Verdegianti campagne ricche di ogni produzione in cereali; ed orti e vigneti e prati e perfino giardini e quanto sa desiderare e procurarsi un industriale

⁴³² Faziam parte deste agrupamento as famílias Arsie, Baldan, Berro, Berton, Borato, Caron, Cechetti, Corletto, Costacurta, Frason, Giacomitti, Milani, Santi, Scandelari, Simioni, Slompo, Turcato, Zaniolo, etc. Cf. FERRARINI, Sebastião. Op. Cit., p. 217-218.

colono. Alla povertà che ricoverava quell'umile tetto, è succeduta una onesta opulenza; gli squallidi e macilenti visi, sono mutati in visi rotondi e gioviali; ed i vispi bambini e le sorridenti fanciulle, nella eleganza delle loro semplici vestimenta, ed i vecchi a cui nulla manca per il bisogno della loro grave età, ed i padri e le madri che dimostrano la soddisfazione del loro stato presente, rivelano il benessere e la felicità che regna in quella famiglia, la quale se restata fosse al focolare natio forse verserebbe ancora nella più grande miseria. Senza dire poi della riabilitazione morale e civile che procurano i suddetti vantaggi materiali.⁴³³

Este longo trecho do relatório, enaltecendo a vida e as conquistas dos colonos italianos instalados no Paraná, demonstra o quanto Colbacchini estava entusiasmado com a causa. De acordo com o que ele afirma mais adiante, essa era a condição da maioria dos seus conterrâneos instalados nas colônias das redondezas de Curitiba, como aquelas que compunham os núcleos de Água Verde, Santa Felicidade, Vila Colombo, Campo Comprido, Timbituva, Rondinha, etc. Encerrou essa parte afirmando, que ao elaborar o seu plano de colonização pretendia honrar o seu país e ajudar os muitos miseráveis compatriotas, e que com isso acreditava estar cumprindo com seu dever de cidadão e de sacerdote católico.

Ao tratar da criação de uma sociedade de colonização, o bassanese enfatizou bem claramente que esta deveria ficar aos cuidados do governo italiano e não brasileiro, pelos motivos de má administração anteriormente expostos. Na mesma intensidade, afirmou que uma entidade com este propósito não deve descuidar de ter um vínculo direto com um grupo de sacerdotes italianos:

... parlando di agricoltori – sono le famiglie che, nella pratica sincera della religione, appresero l'amore al lavoro, al risparmio e la costumatezza. L'opposto invece accade nelle famiglie dei nuclei non visitati dal sacerdote italiano. [...] Accenno e con insistenza a questa circostanza della convenienza e dei vantaggi pratici dell'assistenza del sacerdote italiano nelle colonie, non già per essere io sacerdote, e per avere avuto occasione di istituire i detti confronti, ma perché i profani difficilmente arrivano ad intendere quale e quanta sia l'influenza della religione sul

⁴³³ Apesar das mazelas que acompanham o colono nos primeiros anos de sua vida nas colônias governativas do Estado do Paraná, quem tivesse presenciado a implantação de um núcleo de emigrados italianos, e tivesse visto as péssimas condições nas quais se encontravam, e a escassez ou absoluta falta dos meios dos quais eram providos, não poderia acreditar em si mesmo retornando ali depois de 8 ou 10 anos de ausência, e observando a mudança. As miseráveis e apertadas cabanas foram transformadas em cômodas casas com dois andares de cômodos e com todas as adjacências que servem aos usos de uma próspera família. E os celeiros cheios, e cantina com bons recipientes para o vinho, e estâbulos bem abastecidos de cavalos e vacas, e galinheiros lotados de galinhas e chiqueiros com dois ou mais porcos de engorda, e a casa e o pátio cheios de todos os bens de Deus. As terras que antes eram horríveis selvas abandonadas à magra pastagem de animais selvagens agora se tornaram verdejantes campos ricos de todo tipo de produção cereal; e hortas e vinhedos e prados e por fim jardins e tudo que sabe desejar e produzir um colono trabalhador. A pobreza que recobria aquele humilde teto, foi substituída por uma honesta opulência; os miseráveis e magros rostos se tornaram rostos redondos e joviais; e os animados meninos e as sorridentes meninas, na elegância de suas simples vestimentas, e os velhos, aos quais nada falta, para a necessidade da sua avançada idade, e os pais e as mães que demonstram a satisfação de seu presente estado, revelam o bem estar e a felicidade que reina naquela família, a qual se tivesse permanecido no lugar onde nasceu talvez se encontrasse ainda na mesma miséria. Sem dizer ainda da reabilitação moral e civil dos que gozam de tais vantagens materiais. COLBACCHINI ao Ministro do Exterior Italiano Senador ANTONIO BLANC. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 595.

popolo rude della campagna. Non dubito di asserire che la prosperità delle Colonie italiane del Brasile tutta dipenda dalla pratica della Religione.⁴³⁴

Desta maneira, enfática e direta, Colbacchini vai atrelar a colonização italiana à prática do catolicismo. Minha hipótese é que, essa era uma tentativa orquestrada, elaborada por ele, Scalabrini e Volpe Landi para pleitear o patrocínio pecuniário do governo italiano para os seus projetos, já que a *Società Italiana San Raffaele* seria quem reuniria todas as características elencadas no relatório. Fica evidente também, pelo trecho apresentado, que o religioso vicentino proveniente de uma família burguesa via a necessidade de que os pobres imigrantes, por sua vez, oriundos do campo, fossem dirigidos para que vivessem de forma “civilizada”. Segundo ele, isso precisava se dar através da religião e com a ajuda do clero católico, que por meio de seu governo pastoral exerceria a função de dirigir também a vida social e moral dos italianos que haviam se deslocado para a América.

Na parte seguinte, “*Come e dove fondare “Colonie Italiane”*”⁴³⁵, o missionário tratou de esmiuçar aquilo que já havia deixado subtendido nos conteúdos anteriores. Assim, escreveu novamente indicando que o Brasil seria o melhor lugar da América para instalar as novas levas de colonos italianos que precisassem emigrar: “*Resta il Brasile che sembra il paese riservato dalla Provvidenza a sopporre alle necessità di molti italiani... Nell’Alta Italia, infatti non si parla più di emigrare in questa o quella parte dell’America, ma solo nel Brasile.*”⁴³⁶ Depois de apontar para o território brasileiro, como sendo o melhor país americano para se instalar colônias italianas, Colbacchini irá excluir São Paulo, indicando a região Sul como a mais propícia: “*io limiterei la emigrazione italiana agli Stati del Paraná e di Rio Grande do Sul, ed in parte a quello di S. Catherina. Di questi tre Stati poi, il Paraná mi sembra preferibile a tutti.*”⁴³⁷

Deste ponto em diante, o relatório se transforma numa espécie de ode às terras paranaenses. O missionário reservou uma dezena de páginas para descrever sua geografia, topografia, território, clima, produções, colônias, seu presente e até sobre seu futuro

⁴³⁴ ...falando de agricultores – são as famílias que, na prática sincera da religião, apreciam o amor ao trabalho, a economia e aos bons costumes. O oposto ao invés acontece nas famílias dos núcleos não visitados pelo sacerdote italiano. [...] Aceno e com insistência para esta circunstância da conveniência e vantagens práticas da assistência do sacerdote italiano nas colônias, não só por ser eu sacerdote, e por ter tido ocasiões de presenciar as ditas diferenças, mas porque os profanos dificilmente conseguem entender qual e quanta seja a influência da religião sobre o povo rude do campo. Não tenho dúvidas em afirmar que a prosperidade das Colônias italianas no Brasil dependa totalmente da prática da religião. Ibidem, p. 600.

⁴³⁵ Como e onde fundar as Colônias Italianas. Ibidem, p. 602.

⁴³⁶ Permanece o Brasil, que parece o país reservado pela Providência para suprir as necessidades de muitos italianos... Na Alta Itália, de fato não se fala mais de emigrar nesta ou naquela parte da América, mas somente no Brasil. Idem.

⁴³⁷ Eu limitaria a emigração italiana para os Estados do Paraná e do Rio Grande do Sul, e em parte aquele de Santa Catarina. Destes três Estados, no entanto, o Paraná me parece preferível aos outros... Ibidem, p. 603.

auspicioso. A esta altura o bassanese chega a transcrever Saint-Hytaire, trazendo uma citação direta de seu trabalho, afim de demonstrar o porquê o Paraná era *“il paradiso del Brasile. [...] Di tutte le parti di questo Impero che io ho percorso, non ve ne ha una di migliore per istabilire, con più sicuro successo, una colonia di coltivatori europei.”*⁴³⁸

Para finalizar o documento, Colbacchini apresentou o seu projeto de colônia modelo, que teria como destino as boas terras no estado do Paraná. Segundo ele, a primeira iniciativa seria a compra e a divisão de lotes que deveriam se dar diretamente por conta do governo italiano. Logo em seguida, antes mesmo de arrolar os imigrantes, as casas seriam contruídas, assim como o terreno preparado para os primeiros cultivos. Nas colônias deveriam ser construídos, também previamente, moinhos e serrarias, assim como uma capela e uma escola. Afirma que juntos dos imigrantes precisavam vir um sacerdote, um médido e um professor.

As estradas deveriam ter seus traçados já definidos, mas deviam a ser abertas e melhoradas pelos próprios colonos durante os seus primeiros meses de estabelecimento, o que se daria por meio de uma retribuição pecuniária que contribuiria com o sustento inicial dos recém-chegados. Os locais de instalação dos núcleos precisavam estar próximos a nascentes e rios, a linhas férreas e não muito distante das aglomerações urbanas, para que houvesse o escoamento dos produtos. Neste momento, faz uma crítica a Colônia Assungui, localizada a grande distância de Curitiba, e que devido ao seu isolamento geográfico não prosperou como as outras. Também crítica a fundação de colônias com casas agrupadas, a fim de formar um centro urbano, como aconteceu com os núcleos de Santa Maria do Novo Tirol (Piraquara) e Alfredos Chaves (Colombo). De acordo com o missionário, as casas das famílias deveriam ficar no mesmo terreno destinado ao plantio, e somente a igreja, a escola, a casa do médico, os armazéns tinham necessidade de formar uma espécie de sede da colônia.

Outro importante cuidado, que Colbacchini indicou ser de responsabilidade da sociedade de colonização, que viria a ser criada pelo governo italiano para esse propósito, é o de escolher bons agentes e recrutadores de imigrantes nas aldeias de camponeses. Também seria necessário saber escolher bem os diretores das colônias, o que deveria acontecer entre os próprios colonos. Estes últimos passariam a pagar pelos lotes somente depois de três anos de instalação, dos quais teriam títulos provisórios até conquistarem, por meio de parcelas, a aquisição definitiva dos mesmos.

⁴³⁸ O paraíso do Brasil. [...]: De todas as partes deste Império que eu percorri, não há outra melhor para se instalar, com certeza de sucesso, uma colônia de agricultores europeus. Ibidem, p. 605. Cf. SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina**. Tradução de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1978.

Por fim, o sacerdote bassanese, escreveu limitando a origem regional e dos que deveriam ser recrutados para emigrar: *“Non è dubbio, senza far torto a chicchessia, che i coloni i quali meglio corrisponderebbero ai fini della Società di cui parlo, sarebbero gli Italiani del Settentrione, specialmente i Veneti ed i Lombardi.”*⁴³⁹ Neste momento, aproveitou também para delimitar a profissão daqueles que seriam os melhores para enviar para as terras paranaenses: *“Io limiterei l’azione della Società ai soli emigrante contadini che volessero continuare a vivere nel Paranà impiegandosi nella vita dei campi, e per regola, vorrei escludere gli artigiani ed i professionisti.”*⁴⁴⁰ E finalizou, reforçando a indicação da atividade agrícola e o Paranà, inclusive inseriu o nome do estado ao final da descrição da associação a ser criada: *“Ciò di cui abbisogna il Paranà è di braccia per la agricoltura. Esposte queste idee generali che potrebbero dare una tracia abbastanza chiara per la costituzione di una Società Italiana di emigrazione e di colonizzazione per il Paranà, chiudo il mio lavoro...”*⁴⁴¹

Como era esperado, o relatório foi diplomaticamente bem recebido, no entanto, o projeto de Colbacchini não foi levado adiante pelas autoridades italianas, como comunica o próprio Ministro das Relações Exteriores ao Monsenhor Scalabrini:

Ella proporrebbe, infatti, che ove si venisse a costituire in Italia, una Società per la fondazione di colonie italiane nello stato del Paranà, il Regio Governo si assumesse l’obbligo di prestazioni pecuniarie e di talune responsabilità material, per favorire la buona riuscita dell’intrapresa. Ora, io debbo apertamente dicchiare alla S. V., non essere possibile che questo progetto sia preso in considerazione dal Regio Governo.⁴⁴²

Não demorou muito para o missionário bassanese também ser informado de que o seu grande projeto de colonização, que privilegiava o Paranà, não receberia o apoio requerido ao governo italiano. Restava saber quais seriam as providências que o Bispo de Piacenza tomaria a respeito da missão italiana em terras paranaenses. Em contraposição a insistente proposta de Colbacchini, de entregar a direção geral do seu Instituto aos jesuítas, Scalabrini expôs ao religioso que seus planos eram completamente outros. O que fez comunicando-o que já havia

⁴³⁹ Não existe dúvida, sem querer prejudicar ninguém, que os colonos que melhor corresponderiam as finalidades da Sociedade de que falo, seriam os Italianos setentrionais, especialmente Vênetos e Lombardos. COLBACCHINI ao Ministro do Exterior Italiano Senador ANTONIO BLANC. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 621.

⁴⁴⁰ Eu limitaria a ação da Sociedade somente aos emigrantes camponeses que desejassem continuar a viver no Paranà dedicando-se a vida no campo, e por regra, excluiria os artesãos e os profissionais liberais. Idem.

⁴⁴¹ Aquilo que o Paranà necessita é de braços para a agricultura. Expostas estas ideias gerais que podem dar uma direção bastante clara para a constituição de uma Sociedade Italiana de emigração e de colonização para o Paranà, encerro o meu trabalho... Ibidem, p. 622.

⁴⁴² Ele propõe, de fato, que se uma Sociedade para a fundação de colônias italianas no estado do Paranà fosse estabelecida na Itália, o Governo Real é quem deveria assumir a obrigação da manutenção financeira e das responsabilidades materiais, para promover o sucesso do empreendimento. Devo, pois, declarar abertamente a Vossa Excelência que não é possível que este projeto seja levado em consideração pelo Governo Real. BLANC a SCALABRINI, 04 de fevereiro de 1895. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 409.

dois missionários para substituí-lo na casa de Curitiba. A sua maneira, o bassanese se apressou em dar a notícia ao pe. Bonato:

Come vi ho scritto più volte, finalmente ho potuto ottenere che due Sacerdoti della Cong. di Piacenza vengano a sostituirmi. Il P. Molinari no, perché la condizione posta dal Vescovo per la di lui venuta sarebbe stata per me inaccettabile. Io avrei dovuto sostituirlo nella direzione della Casa di Piacenza, cosa che non posso accettare per più motivi.⁴⁴³

Ao comunicar Bonato, que Monsenhor Scalabrini estava prestes a enviar dois sacerdotes para assumir a assistência espiritual dos italianos nas colônias paranaenses, o religioso revela ter negado a direção da casa mãe do Instituto dos Missionários de São Carlos em Piacenza. Minha hipótese é que ele tinha planos de voltar a trabalhar no Brasil e, mais que isso, ainda alimentava a esperança de novamente liderar a missão de Curitiba. Porém, neste ínterim, a investigação aberta pela Santa Sé, a fim de saber como havia sido o proceder de Colbacchini durante os seus 10 anos como missionário no Brasil, já havia avançado bastante. O representante do Vaticano no Brasil tinha recolhido as informações solicitadas, entre elas as de Dom José, o Bispo de Curitiba:

A respeito do Pe Colbacchini vou dizer o que penso. Não cheguei a conhecê-lo pessoalmente, porque nos desencontramos sobre o mar. [...] Há aqui algumas igrejas e capelas que mostram que é um padre zeloso, porém segundo tenho ouvido dizer, é bastante orgulhoso e muito independente mesmo a respeito da autoridade ecclesiastica. Sei que D. Lino, o Conego Barroso, vigário geral, os Pe Braga, Ribeiro e Alberto, necessivamente Vigarios Foraneos deste Estado tiveram muitas e muitas contrariedades com o procedimento delle. [...] Por minha parte, francamente digo apreciarei muito que ele não volte. + José Bispo de Curitiba.⁴⁴⁴

Nesta carta, a autoridade episcopal de Curitiba declara que não gostaria que o missionário retornasse para sua diocese. Afirma que os principais motivos da sua negação era a fama de independência, ou seja, de insubordinação do religioso italiano. Nessa direção, justifica que as autoridades eclesiásticas da região que o antecederam, citando o nome das que se relacionaram com ele diretamente, tiveram muitas desavenças devido ao seu mau procedimento. Da mesma forma, ao escrever para o representante da Santa Sé no Brasil, o pe. Alberto Gonçalves também irá se posicionar contrário ao retorno do sacerdote vicentino:

⁴⁴³ Como vos escrevi muitas vezes, finalmente consegui obter dois sacerdotes da Congregação de Piacenza para substituir-me. O pe. Molinari não, porque a condição imposta pelo Bispo para a sua ida era inaceitável. Eu teria que substituí-lo na direção da Casa de Piacenza, o que não posso aceitar por vários motivos. COLBACCHINI a BONATO, 20 de abril de 1895. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 420.

⁴⁴⁴ Carta de Dom José de Camargo Barros ao Internúncio Apostólico Monsenhor Gotti. Curitiba, 29 de março de 1895. Archivio Segreto Vaticano, 77, Fasc. 374, pp. 157-158, Lettera 27.

O Pe. Pedro Colbachini ...; fez diversas capelas e era sollicito no trabalho em bem das almas, mas por causa do seu gênio inacessível e summamente orgulhoso, ocupando-se demasiadamente de sua pessoa tornou-se incompatível com quase todas as colônias e também com muitos nacionais. Como autoridade de usar com sua pessoa de certas asperesas por causa de sua linguagem demais altiva e arrogando-se sempre uma autoridade que não tinha. ... posso acrescentar que os colonos absolutamente não desejam o regresso dele.⁴⁴⁵

Por sua vez, o vigário geral que foi um dos principais adversários de Colbacchini na região de Curitiba, usou como estratégia para afastar de vez o padre italiano a afirmação de que os colonos também não desejavam mais o seu retorno. Por esses meios, em meados de 1895, o bassanese foi declarado *persona non grata* pelas autoridades eclesiais da Diocese de Curitiba e, conseqüentemente, impedido de voltar ao comando da direção religiosa dos imigrantes italianos do Paraná. Assim, coube ao Núncio Apostólico em terras brasileiras escrever ao Cardeal Rampolla reafirmando tal posicionamento: “*Concorderei con Mons. Vescovo di Curityba nel parere che il Sacerdote Colbacchini farà bene a non ritornare nel Paraná.*”⁴⁴⁶

Em compensação, após a chegada dos missionários enviados por Scalabrini ao Paraná em meados de 1895, alguns colonos da região de Curitiba passaram a escrever ao religioso vicentino, não só reclamando dos novos sacerdotes, mas também solicitando o seu retorno. Parte de uma dessas cartas recebidas pelo bassanese foi transcrita em uma missiva enviada ao Pe. Molinari:

I padri che sono venuti sono buonissimi, ma non ànno la destrezza come Lei no; questi certo sono stati sempre in Seminario; [...] tanti fanciulli e fanciulle dicono che questi Padri non sono buoni come Lei; la prego che il faccia presto rissanarsi e che venga a dirigere e postare e a insegnare a noi e ai Padri; lo dico proprio che se Lei non potrà venire, le cose non andrà molto bene no; molte cose avrei a dirle su questo argomento, ma glielle dirò quando Lei per grazia di Dio verrà ancora fra mezzo a noi...⁴⁴⁷

Este trecho da transcrição da carta do imigrante Luigi Luca, instalado no núcleo de Santa Felicidade, revela que existia uma rede de lealdade entre os colonos para com a pessoa

⁴⁴⁵ Carta de Pe. Alberto José Gonçalves ao Internúncio Apostólico Monsenhor Gotti. Curitiba, 06 de abril de 1895. Archivio Segreto Vaticano, 77, Fasc. 374, p. 150, Lettera 26.

⁴⁴⁶ Concordo com o Monsenhor Bispo de Curitiba no parecer de que o Sacerdote Colbacchini fará bem de não retornar ao Paraná. GOTTI a RAMPOLLA, 10 de maio de 1895. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 422.

⁴⁴⁷ Os padres que vieram são muito bons, mas não têm a mesma destreza que o senhor não; esses por certo viveram sempre no seminário; [...] até os meninos e meninas dizem que esses padres não são bons como o senhor; imploro-lhe que se esforce para sarar rápido e que venha dirigir e ensinar a nós e aos padres; digo-lhe ainda que caso o senhor não venha, as coisas não irão muito bem não; tenho muitas coisas para dizer sobre este assunto, mas lhe direi quando o senhor por graça de Deus estiver novamente em meio a nós... COLBACCHINI a MOLINARI, 14 de outubro de 1895. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 435.

do missionário que exerceu a função de líder espiritual dos italianos na capital paranaense.⁴⁴⁸ Esses imigrantes, além de reclamarem da atuação dos novos missionários scalabrinianos recém-chegados, padres Francesco Brescianini e Faustino Consoni, que haviam assumido a casa de Curitiba, insistiam para que Colbacchini retornasse. Esse desejo, claramente explicitado na passiva exposta, escrita por um colono, é um forte indício de que o bassanese não só acreditava nesta possibilidade, como também, havia alimentado esse anseio entre aqueles que o apoiavam na antiga missão.

A partir de então, os padres scalabrinianos que assumiram a direção espiritual dos italianos na região de colonização do Paraná, passaram a ser os alvos das críticas enviadas ao Bispo de Piacenza. Este último, no entanto, continuava seguindo os seus próprios planos, e lança um concurso para elaboração de uma espécie de manual espiritual para os conterrâneos erradicados na América. A fim de manter o religioso ligado ao seu Instituto, Monsenhor Scalabrini faz o convite para que Colbacchini concorresse com um escrito. O missionário aceitou de imediato o desafio, pois viu nesta ocasião uma oportunidade de desenvolver um material que ao menos amenizasse a ausência de bons sacerdotes entre os colonos italianos e, certamente, pensou nos fiéis que havia abandonado, e prontamente pôs-se a escrever. A elaboração da sua proposta, somada às missões que voltou a pregar no entorno de Bassano, o mantiveram bastante ocupado entre o final de 1895 e início de 1896.

Finalmente posso dirle che il mio lavoro Manuale religioso morale per l'Emigrato Italiano nell'America è giunto, comecchessia, al suo compimento. Le varie missioni che ho dato, ed il dissesto della mia fragile sanità, mi ritardarono di qualche mese il lavoro. Nel compilarlo, ho avuto sempre dinanzi i bisogni particolari dei coloni... [...] Ho ommesso, in gran parte quelle preghiere e pratiche che si possono avere in tutti i libri di devozione, e più che tutto mi sono diffuso in istruzioni ed avvertimenti non solo nel senso religioso ma anche sociale ed economico ed igienico. Però è sempre la religione il perno e il fine.⁴⁴⁹

Ao escrever para Scalabrini contanto que havia finalizado a elaboração do material, ele próprio definiu seu escrito como um conjunto de instruções e advertências não só referentes à prática religiosa, mas também ao comportamento social, econômico e higiênico dos colonos.

⁴⁴⁸ Entre os colonos que integravam esta rede de lealdade, posso citar também as pessoas dos imigrantes: Marco Mocellin, Giacomo Breda, Giuseppe Vendramini em Santa Felicidade, e Giovanni Tosin, Francesco Busato e Giacomo Lovato em Colombo.

⁴⁴⁹ Finalmente posso dizer que o meu trabalho Manual religioso moral para o Emigrado Italiano na América chegou, seja como for, ao seu final. As várias missões que preguei, e a perturbação da minha frágil saúde, me atrasaram em alguns meses de trabalho. Ao compilá-lo, tive sempre diante de mim as necessidades particulares dos colonos... [...] Omiti, em grande parte, aquelas orações e práticas que se podem encontrar em todos os livros de devoção, e mais que tudo me ocupei com instruções e advertências não somente de sentido religioso, mas também social, econômico e higiênico. Porém mantive a religião como o centro e o objetivo. COLBACCHINI a SCALABRINI, 15 de fevereiro de 1896. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 440.

Como bem definiu Scarpim, historiador que elaborou um estudo específico sobre este material,

...não era apenas um manual religioso, catequético ou de orações para ser usado nos momentos de ausência de padres. Muito pelo contrário: o guia tinha a pretensão de se tornar um manual da vida prática do bom católico. Nas palavras de Colbachini, um guia para a saúde da alma e do corpo.⁴⁵⁰

Portanto, tratava-se de um ideal de catolicidade a ser adotado pelos italianos radicados na América. Tanto Scarpim como Rebelatto afirmam que a obra elaborada por Colbachini saiu vitoriosa após concorrer com as propostas de outros 23 religiosos de diferentes regiões da Itália. Posteriormente, a mesma foi publicada com o título “*Guida Spirituale per L’Emigrato Italiano nella America*”⁴⁵¹, e seus exemplares, em parte adquiridos pelo próprio autor com as 1500 libras que recebeu como premiação, foram encaminhados para os colonos.

FIGURA 14 – Capa da “Guida Spirituale per l’imigrato italiano” de 1896⁴⁵²



⁴⁵⁰ SCARPIM, Fábio Augusto. Um guia para a saúde do corpo e da alma: o ideal de catolicidade proposto pelo Padre Pietro Colbachini para imigrantes italianos. In: **REVER: Revista de Estudos da Religião**. São Paulo, nº 01, jan/jun 2015, p. 96.

⁴⁵¹ Guia Espiritual para o Emigrado na América.

⁴⁵² Acervo do Arquivo Geral Scalabriniano em Roma.

A obra original, que foi dedicada ao Monsenhor Giovanni Battista Scalabrini, foi organizada em 416 páginas e, após uma breve apresentação das razões da sua elaboração e de uma saudação direta aos colonos, foi apresentada em 18 capítulos, que por sua vez foram formados pelos seus respectivos subcapítulos, os quais elenco:

I – Das Orações: *1.Excelência, eficácia e necessidade da oração; 2.Condições para Oração; Orações cotidianas;*

II – Da santificação das Festas: *1.Sobre a Igreja e o modo de se comportar nela; 2.Sobre a Santa Missa;*

III – (continuação): *3.Orações para escutar devotamente a Santa Missa; 4.Orientações acerca da santificação das festas;*

IV – Da frequência aos santos sacramentos, da confissão e da comunhão: *1.Sobre a confissão e sua necessidade; 2.Sobre as disposições para uma boa confissão; 3.Outras orientações sobre o mesmo assunto; 4.Sobre a Sagrada Comunhão: excelência deste sacramento e disposições para recebê-lo; 5.Atos para a Santa Comunhão;*

V – Da fuga das ocasiões de pecado: *1.Caso das vendas e tabernas; 2.Sobre o abuso do vinho e das bebidas alcoólicas; 3.Sobre as companhias; 4.A respeito dos namoros; 5.Regras para o matrimônio; 6.Orientações aos rapazes acerca do matrimônio; 7. Orientações às moças acerca do matrimônio;*

VI – Outras orientações gerais acerca do matrimônio: *1.Sobre o dote; 2.Sobre a separação dos filhos dos pais; 3. Sobre o parentesco e as paridades de idade e condições financeiras;*

VII – Dos divertimentos, bailes, músicas e cantos: *1.Sobre a verdadeira alegria; 2.Sobre o carnaval e os bailes; 3.Sobre as músicas e cantos; 4.Sobre festas e convites; 5.Que não estamos no mundo para nos divertir;*

VIII – Do bom uso das coisas materiais: *1.Que não são as riquezas que tornam o homem feliz; 2.Vantagens da condição agrícola; 3.Sobre o repatriamento; 4.Sobre a pátria; 5.Sobre a esmola;*

IX – Abstenham-se da blasfêmia: *1.É um mal gravíssimo e de desonra para os italianos; 2.Remédios contra as blasfêmias;*

X – Da pureza dos costumes: *1.Excelência da virgindade e santidade no matrimônio; 2.Sobre a vigilância dos pais para preservar os bons costumes nos filhos;*

XI – Das relações civis e sociais: *1.Sobre os relacionamentos entre italianos e com os nacionais; 2.Os italianos não devem se isolar dos nacionais; 3.Como devem se comportar na prática da religião;*

XII – Da justiça e lealdade no comércio: *1.Sobre a usura; 2.Honestidade nas compras e vendas; 3.Como devem se comportar os colonos italianos com seus patrões;*

XIII – Da economia e da avarizia: *1.No que consiste uma sábia economia; 2.Sobre a falsa economia;*

XIV – Da higiene: *1.Prevenções e remédios; 2.Danosas superstições; 3.Sobre os países insalubres;*

XV – Normas para conservar a fé: *1.A novidade das coisas; 2.Cuidado com os protestantes; 3.Cuidado com o maçons; 4.Cuidado com os espíritas;*

XVI – Deveres para com os Sacerdotes: *1.Sobre a subordinação à Autoridade Eclesiástica; 2.Sobre o Instituto dos Missionários de São Carlos para os emigrados italianos; 3.Como se deve fazer quando falta o Sacerdote; 4.Sobre o sustento dos Sacerdotes Missionários;*

XVII – Do jejum e abstinência;

XVIII – Três boas obras: *1.O Óbulo de São Pedro para os Clérigos; 2.Dinheiro de São Pedro; 3.Santa Infância.*⁴⁵³

Mesmo não podendo me aprofundar aqui em seus tópicos, diante da extensão e da variedade de temáticas contidas no material, posso afirmar que o autor buscou, enquanto um legítimo representante do ultramontanismo intransigente, moldar o imigrante italiano por meio de seu discurso e definição de um modelo idealizado de bom católico. Para isso, escreveu detalhadamente como os colonos deviam pautar sua vivência religiosa, tendo como

⁴⁵³ Tradução minha dos títulos e subtítulos da obra *Guida Spirituale per L'Emigrato nella America*.

base os sacramentos, assim como seu comportamento moral privilegiando a família, obedecendo às normas e proibições impostas pela Igreja Católica no decorrer do século XIX.

A recuperação da saúde, a reaproximação ao Bispo de Piacenza e o bom êxito do guia espiritual elaborado por Colbacchini, como certamente também a reflexão que a escrita deste último lhe proporcionou, fizeram com que ele tomasse a decisão de retornar para a América:

Proprio oggi, festa dello Spir. Santo, dopo di aver chiesto lume colla preghiera, ho scritto al Vescovo di Curityba offrendomi intieramente a lui per la causa dei nostri emigrati italiani nella sua Diocesi. Essendo però sufficiente provveduti i nostri del Paraná, credo che tornerà conveniente aprire una missione it. in S. Caterina, dipendente dallo stesso Bispo... Non so se le gelosie ed i rancori del famoso P. Alberto Gonzalves (che tutt'ora insiste nel posto di Vicario Generale, per necessità imposta a quel Vescovo) stoneranno la mia offerta. In quel caso, la rinnoverò al Vescovo di Rio Grande do Sul... Farei conto di partire in 7bre. Forse per allora si potrà preparare qualcuno dei missionari da venire con me in Brasile.⁴⁵⁴

Mesmo já sabendo de que não era desejado na Diocese de Curitiba, o sacerdote insiste em tentar outra vez, e escreve ao bispo da capital paranaense. No entanto, sabendo que a chance de ser aceito era praticamente nula, o missionário cogita pela primeira vez se dirigir para juntos dos colonos italianos instalados em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Apesar de expor essa aceitação à Monsenhor Scalabrini, ele relutava com a ideia, tanto que na mesma missa tentava convencer o fundador de abrir a vaga de superior da casa de sua antiga missão: *“Sarebbe, credo, conveniente mutare di luogo il P. Francesco Brescianini che come le dirá il P. Molinari, non gode il conceto dei coloni del Paraná.”*⁴⁵⁵

Apesar da insistência, todas as autoridades eclesiásticas, sejam elas do Brasil ou da Santa Sé, assim como o próprio fundador dos padres scalabrinianos, já haviam tomado a firme decisão de que Colbacchini não devia se erradicar mais em terras paranaenses e nem paulistas. Da mesma forma, isso servia para Santa Catarina, que naquele momento pertencia a Diocese de Curitiba. Portanto, a intransigência do religioso vicentino havia feito com que restasse somente um destino para ele no Brasil: a região de colonização italiana do Rio Grande do Sul. Por conta disso, cogitou-se também a possibilidade de o missionário se dirigir para a Argentina.

⁴⁵⁴ Exatamente hoje, festa do Espírito Santo, depois de ter pedido luz em oração, escrevi ao Bispo de Curitiba me oferecendo inteiramente a ele para a causa dos nossos emigrados italianos na sua diocese. No entanto, estando suficientemente provido os nossos do Paraná, creio que se torne conveniente abrir uma missão italiana em Santa Catarina, dependente do mesmo Bispo... Não sei se os ciúmes e os rancores do famoso Pe. Alberto Gonçalves (que permanece no posto de Vigário Geral, por necessidade imposta aquele Bispo) o fariam negar a minha oferta. Neste caso, a farei ao Bispo do Rio Grande do Sul... Penso em partir em Setembro. Talvez neste tempo se poderá preparar algum dos missionários para vir comigo ao Brasil. COLBACCHINI a SCALABRINI, Pentecostes de 1896. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p.452 e 453.

⁴⁵⁵ Acredito, que seria conveniente mudar de lugar o Pe. Francesco Brescianini, que como lhe dirá o Pe. Molinari, não goza de bom conceito junto aos colonos do Paraná. Ibidem, p. 453.

Assim, como da primeira vez, o bassanese foi tomado pelo ânimo de sua vocação e tratou de aprontar tudo rapidamente. Nessa segunda viagem missionária, no entanto, precisou se dirigir até Piacenza antes de partir para a América. Na presença de Scalabrini teve seu destino confirmado: *“La decisione presa è che io parta, all’epoca stabilita, per la diocesi di Rio Grande di Sul, come nel primo progetto.”*⁴⁵⁶

Poucos dias antes de sua partida, Colbacchini tomou ainda duas decisões muito importantes. A primeira foi escrever um testamento no qual declarou o Instituto Scalabriniano seu herdeiro universal:

Per il caso che la morte mi sorprendesse in America, dichiaro di aver lasciato nelle mani del Sig.r Giacomo Fornasieri, di Bassano veneto, mio procuratore ed esecutore testamentario, il mio testamento, nel quale dopo di aver disposto di vari legati, lascio mia erede universale la Congregazione dei Missionari di S. Carlo di Piacenza, non solo di quanto resterà dei miei beni immobili e mobili che possiedo in Bassano, ma altresì di quanto fossi per possedere nei luoghi delle mie missioni, al tempo della mia morte. Tanto dichiaro per ogni evento e mi sottoscrivo P. Pietro Colbacchini.⁴⁵⁷

A segunda decisão foi professar os votos indeterminados: *“Il sottoscritto ieri 16 agosto 1896 emise nelle mani di Sua Ecc. Mgr. Scalabrini Sup. Gen. della Congregazione dei Missionari di S. Carlo nella Chiesa della Casa Madre i voti della Congregazione indeterminati.”* Assim, acompanhado do missionário scalabriniano pe. Antonio Serraglia, o bassanese iniciou seu retorno para a América no início de setembro de 1896, onde viveria uma segunda experiência de missão junto dos italianos erradicados em terras brasileiras, só que desta vez na região de colonização que se havia formado no Rio Grande do Sul.

4.4 A fundação de Nova Bassano: a criação, redenção e rendição de um mito

Neste tópico, contemplo a atuação do missionário investigado entre os anos de 1896 e 1901, período de quase cinco anos, que correspondente a sua segunda permanência em meio aos imigrantes no Brasil, que se deu em uma região específica que compõe a imensa área de

⁴⁵⁶ A decisão tomada é que eu parta, na data estabelecida, para a Diocese do Rio Grande do Sul, como era o projeto inicial. COLBACCHINI a CAVAGNIS, 14 de Agosto de 1896. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 472.

⁴⁵⁷ Caso a morte me surpreenda na América, declaro de ter deixado nas mãos do senhor Giacomo Fornasieri, de Bassano Veneto, meu procurador e executor testamentário, o meu testamento, no qual depois de ter disposto de vários pertences, deixo como herdeira universal a Congregação dos Missionários de São Carlos de Piacenza, não só do quanto restar dos meus bens imóveis e móveis que possuo em Bassano, mas também de outros que possa vir a possuir nos lugares das minhas missões, até o tempo da minha morte. Assim eu declaro para tudo e assino Pe. Pietro Colbacchini. COLBACCHINI, Pietro. Promemoria, 1896. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 473.

colonização ítalo-gaúcha. Pretendo evidenciar a interação do religioso junto a outro grupo de sacerdotes, e a sua inserção em meio a outros agrupamentos de imigrados da referida etnia que lá se estabeleceram. Estes, por meio de suas agências particulares, também influenciaram as experiências e os comportamentos de Pietro Colbacchini. De maneira semelhante, do que ocorreu na sua missão entre os colonos italianos em terras paranaenses, identificou-se que a atuação do sacerdote foi aceita por uns e desprezada por outros, o que fez surgir novos enfrentamentos e cruzamentos que revelaram detalhes e outras realidades de como foi o grande fenômeno da e/imigração italiana e, em particular, essa fase da trajetória do personagem que conduz a presente investigação.

Ao reingressar em terras brasileiras, em 17 de setembro de 1896, o legítimo representante do ultramontanismo intransigente, permaneceu por alguns dias no Rio de Janeiro na esperança de se encontrar com o Núncio Apostólico Monsenhor Guidi. Vendo que não seria possível cumprir com essa obrigação, partiu em direção a Curitiba e, mesmo sabendo que era indesejado pelo Bispo de lá, fez questão de rever como estavam as colônias do Paraná antes de se dirigir para o Rio Grande do Sul.

Giunsi al Paraná il giorno 28 di sera. [...] Più di 20 coloni di vari nuclei erano discesi da Curityba, fin da due giorni avanti, per attendermi in Paranaguá. Vennero tutti a bordo, piangenti di allegrezza, e più ancora si rallegrarono quando a loro annunziai che avrei passato qualche giorno in Paraná. Giunto la sera in Curityba mi portai subito dal Vescovo, il quale mi accolse con abbastanza freddezza ma però mi diede ample facoltà per esercitare il mio ministero. Si vedeva però che non di suo gusto, ma per necessità di circostanze, egli doveva mostrarsi con me condiscendente. Secondo l'avviso che avea dato il P. Brescianini ai coloni venuti in Paranaguá, io mi portai la stessa notte a S.a Felicidade. [...] Lumi e fuochi lungo la strada e nelle case, sbari di mortari e razzi, e circa 1000 persone (erano le dieci ore) che mi aspettavano nel portone della mia antica residenza, che è quella dei Padri. Tutti a baciarmi la mano, commossi ed esultanti.⁴⁵⁸

A narrativa escrita pelo bassanese revela a grande recepção que ele teve por parte de seus antigos fiéis das colônias do entorno da capital paranaense. Essa grande mobilização obrigou inclusive a autoridade episcopal a conceder permissão para que o missionário exercesse seu ministério no tempo que permanecesse em Curitiba. Certamente, o bispo só

⁴⁵⁸ Chegamos ao Paraná no entardecer do dia 28. [...] Mais de 20 colonos de vários núcleos tinham descido de Curityba, dois dias antes, para me receber em Paranaguá. Vieram a bordo, chorando de alegria, e se alegraram ainda mais quando disse a eles que iria passar alguns dias no Paraná. Chegando a noite em Curityba me dirigi logo ao Bispo, o qual me acolheu com muita frieza, porém me deu amplas faculdades para exercitar meu ministério. Percebia-se que não era da sua vontade, mas pela necessidade das circunstâncias, ele teve de conceder. Obedecendo ao aviso que tinha enviado o Pe. Brescianini aos colonos vindos a Paranaguá, eu me dirigi na mesma noite para Santa Felicidade. [...] Luzes e fogos pela estrada e casas, disparo de morteiros e foguetes, e cerca de 1000 pessoas (eram já 10 horas) que me esperavam no portão da minha antiga residência, que aquela dos padres. Todos a beijarme a mão, comovidos e exultantes. COLBACCHINI a SCALABRINI, 02 de outubro de 1896. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 476.

tomou essa decisão, porque sabia que o retorno do religioso para a sua diocese não seria definitivo.

Segundo os relatos, dessa sua rápida passagem pela região de colonização italiana do Paraná, onde por cerca de oito anos havia propagado o seu discurso ultramontano, os imigrantes estavam descontentes com o novo atendimento espiritual que estavam recebendo. Tal descontentamento, de acordo com o sacerdote, se devia ao tratamento moderado e pouco transigente dos novos padres, que ali haviam assumido a assistência religiosa dos seus conterrâneos. Nesse sentido, ele prontamente escreveu para Monsenhor Scalabrini denunciando o proceder dos seus substitutos:

Ora le esporrò le mie nuove impressioni sullo stato di queste Colonie, dopo la visita delle principali. Del bene, grazie a Dio ne è restato. Però ho trovato i fanciulli molto indietro nella dottrina. Questi Padri si limitano a far insegnare per mezzo di maestri la dottrina, e credono ciò basti. [...] La predicazione che fanno ai grandi (specie il P. Francesco) non corrisponde al bisogno degli uditori. Così non si correggono dei loro vizii, e la bestemmia, l'ubriachezza, gli sconci parlari, col resto, sono ridivenuti vizii generali. [...] Il Vescovo mi scriveva che a mezzo di questi missionari si è fatta la pace nelle Colonie; come io prevedevo, era quella pace che non è pace. I cattivi non fanno chiassi perché nessuno li combatte.⁴⁵⁹

O novamente scalabriniano considerava que os seus colegas de congregação, que haviam se tornado os responsáveis pela missão italiana em Curitiba, deixavam muito a desejar, pois, além de não ensinarem a doutrina às crianças, e de suas pregações não corrigirem os desvios de comportamento dos colonos, os mesmos não combatiam os maus. Criticava, principalmente, a pessoa do padre Francesco Brescianini, que havia sido designado, desde 1895, como o novo superior da referida missão. Nesse sentido, Colbacchini se aproveitou de um suposto desvio moral cometido por este último, para uma última tentativa de convencer, tanto o bispo local, como o seu superior, que ele devia reassumir a direção do atendimento espiritual dos italianos do Paraná. Tal crença nessa possível reviravolta pode ser percebida no trecho de uma das missivas dirigidas à Scalabrini:

Oltre mille lamenti dei migliori dei Coloni di S.a Felicidade e d'altre colonie contro il P. Brescianini mi venne esposto un fatto che in questi ultimi giorni ha occupato con gravissimo scandalo la Colonia tutta. Si venne a sapere, a mezzo prima di una

⁴⁵⁹ Agora lhe contarei as minhas novas impressões sobre o estado desta Colônias, depois de visitar as principais. Algum bem, graças a Deus, restou. Porém encontrei as crianças muito atrasadas na doutrina. Estes Padres se limitam a querer ensinar por meio de professores a doutrina, creem que isto basta. [...] A pregação que fazem aos adultos (especialmente o Pe. Francesco) não corresponde a necessidade dos ouvintes. Assim não se corrigem dos seus vícios, e a blasfêmia, a embriaguez, as palavras indecentes, e todo o resto, tornaram os vícios generalizados. [...] O Bispo me escrevia que por meio desses missionários se havia alcançado a paz nas colônias; como eu previa, era aquela paz que não é paz. Os maus não causam confusão porque ninguém os enfrenta. COLBACCHINI a SCALABRINI, 09 de dezembro de 1896. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., pp. 489-490.

fanciulla, e poi per confessione della stessa complice, sebbene innocente, che il P. Brescianini da circa un'anno addietro commise per tre volte in varie epoche la leggerezza di baciare una donna giovane in casa della quale egli si portava per medicarne il marito ammalato. La donna spontaneamente venne da me a pregarmi di consigliarla col marito, che più non vuol convivere con lei perché non può smettere il sospetto sopra di un'ultimo figlio avuto. [...] Egli non nega i fatti perché sono troppo provati, ma ripete che non si ricorda di baci. [...] Tornai dal Vescovo martedì... gli mostrai la mia buona disposizione di prestarmi presso V. Ecell. per sostituire con qualche altro buon Padre il Brescianini, se ne offese fortemente; mi disse che si maravigliava che io ardisi di intervenire negli affari della sua Diocesi; che il Vescovo era lui, e che neppure il Vescovo di Piacenza poteva prendere disposizione senza consultarlo.⁴⁶⁰

O missionário de caráter ultramontano, ao tomar conhecimento do suposto delito cometido pelo novo superior da missão italiana de Curitiba, deixa mais uma vez explícito que seu verdadeiro desejo era receber a autorização para permanecer no Paraná, e assim retomar a função que antes era sua. Fez isso, ao delatar a suspeita do beijo do padre Brescianini, tanto para o seu superior, como para o bispo local, na esperança de que esses voltassem atrás em suas decisões ao entenderem ser necessário o seu retorno para o cargo de superior da obra scalabriniana em terras paranaenses. No entanto, Dom José de Camargo Barros, em consonância com a Santa Sé e Monsenhor Giovanni Battista Scalabrini, já havia decidido pela não permanência de Pietro Colbacchini em sua Diocese, e tratou logo de por fim nesta última cartada do missionário para permanecer na região. Porém, para convencê-lo precisou tratá-lo de maneira mais enérgica: *“che pretende ella di essere da parlare come um Superiore dei Missionari quando non è niente.”*⁴⁶¹

Creio que, esse último confronto do bassanese em terras paranaenses demonstrou, inclusive para ele mesmo, que de fato foi a sua própria intransigência que o afastou de sua antiga missão. Assim, não conseguindo se fixar novamente entre os italianos de Curitiba, em meados de outubro, o religioso scalabriniano finalmente se dirigiu para o seu novo destino, que eram as colônias do Rio Grande do Sul, onde procurou também implantar o seu modelo de italianidade pautado no catolicismo ultramontano. Contudo, continuou tentando influenciar

⁴⁶⁰ Entre as várias reclamações feitas pelos melhores Colonos de Sta. Felicidade e das outras colônias contra o Pe. Brescianini me foi exposto um fato que nestes últimos dias causou gravíssimo escândalo em toda Colônia. Se descobriu, por meio de uma criança, e depois pela confissão da própria cúmplice, se bem que inocente, que o Pe. Brescianini cerca de um ano atrás cometeu a leveza de beijar uma jovem mulher em casa da qual ia para medicar o marido doente. A mulher espontaneamente veio a mim implorando que eu a reconciliasse com o marido, que não quer mais conviver com ela porque não deixa de suspeitar sobre um último filho que tiveram. [...] Ele não nega os fatos porque tem muitas provas, mas repete que não se lembra dos beijos. [...] Me dirigi ao bispo terça-feira... e lhe mostrei a minha boa disposição de pedir a Vossa Excelência para substituir com um outro bom padre à Brescianini, ele se ofendeu fortemente; me disse se espantava que eu pretendesse intervir nas questões de sua Diocese; que o Bispo era ele, e que nem mesmo o Bispo de Piacenza podia dispor sobre o assunto sem consulta-lo. COLBACCHINI a SCALABRINI, 02 de outubro de 1896. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 476-477.

⁴⁶¹ Quem o senhor pensa que é ao falar como um superior dos missionários, quando não é nada. Ibidem, p. 477.

por meio de cartas a ação dos padres que ficaram à frente do atendimento religioso das colônias italianas no Paraná.

Ao chegar a Porto Alegre, diferentemente do que ocorreu nas situações anteriores, Colbacchini se sentiu muito bem recebido pela autoridade episcopal. Tanto que, descreveu a Scalabrini que desde o primeiro encontro simpatizou-se com o bispo local.

Siamo giunti qua jeri aspettati da questo R.mo Vescovo. [...] Il Vescovo mi fece ottima accoglienza. Non accennò punto ad informazioni avute contro di me, e mostrò solo di avere di me molta stima, specialmente per il libro della guida spir. dell'emigrante che lesse con interesse. Egli è molto zelante ed a quest'ora ottenne molto a pro di questa sua immensa diocese... [...] Appena noi giunti disse a me che mi avea destinato ad Alfredo Chaves dove avea una popolazione italiana di 20,000 anime dirette da un Sacerdote It. vecchio sui 70 che abbisognava di assistenza. [...] Egli per intanto mi assegna una terza parte della Colonia di Alfredo Chaves, quella ove si trova il Faedo, con piena giurisdizione di Parroco. Avrò con me il P. Seganfredo. Allo stesso modo assegnò la Col.a di Encantado al P. Vicentini presso il quale jeri si portò il P. Serraglia. [...] A me sembrerebbe utile a metter base solida a questa missione che V.Eccell. sia pure interinalmente, mi nominasse Superiore per la direzione generale dei nostri. Il P. Vicentini che potrebbe esserlo meglio di me, per altre parti non ha la pratica delle cose, e a rispetto della Cong.ne non tenne, come mi disse il Vescovo, quella sincerità che doveva.⁴⁶²

As informações contidas nessa carta, enviada ao fundador dos missionários, foram muito caras para o desenrolar da presente pesquisa, pois elas indicaram como o religioso investigado traçou os planos para sua nova missão. É interessante notar, que pela primeira vez, o sacerdote intransigente elogiava um bispo brasileiro. Acredito que existiram ao menos três motivos que o levaram a tomar essa atitude: o primeiro seria uma mudança de estratégia, ou seja, além de não confrontar a nova autoridade episcopal, sob a qual passava a estar submisso, também era necessário não criticá-la perante Scalabrini; outra razão que causou empatia, é que o prelado tinha se preocupado em conhecer um pouco sobre o missionário que estava recebendo em sua diocese, tanto que, segundo o mesmo, havia lido e apreciado o Guia Espiritual ao Emigrado Italiano na América escrito por ele, e; a terceira motivação, para a inédita aprovação do ultramontano, seria o fato de que Dom Claudio José Gonçalves Ponce de

⁴⁶² Chegamos aqui ontem, onde éramos esperados pelo Reverendíssimo Bispo. [...] O Bispo me fez uma ótima acolhida. Em nenhum momento acenou sobre informações tidas contra mim, pelo contrário mostrou ter por mim muita estima, especialmente pelo livro Guia Espiritual do Emigrante que leu com interesse. Ele é muito zeloso e está trabalhando muito em prol desta sua imensa diocese... [...] Apenas nós chegamos disse a mim que me havia destinado para Alfredo Chaves onde existe uma população italiana de 20.000 almas dirigidas por um Sacerdote Italiano idoso de 70 anos que precisava de assistência. [...] Ele, por isso, me confiou uma terça parte da Colônia de Alfredo Chaves, aquela onde se encontra Faedo, com plena jurisdição de pároco. Terei comigo o Pe. Seganfredo. Do mesmo modo, confiou a Colônia de Encantado ao Pe. Vicentini junto ao qual ontem se dirigiu o Pe. Serraglia. [...] A mim pareceria útil para colocar base sólida nesta missão que Vossa Excelência, mesmo que interinamente, me nominasse Superior para a direção geral dos nossos. O Pe. Vicentini que poderia ser melhor que eu, por outro lado não tem a prática das coisas, e a respeito da Congregação não tem, como me disse o Bispo, aquela sinceridade que devia. COLBACCHINI a SCALABRINI, 18 de outubro de 1896. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 479-482.

Leão era um clérigo proveniente de uma estimada congregação, a dos Padres Lazaristas, instituto religioso fundado por São Vicente de Paulo junto ao priorado de Saint-Lazare em Paris, no ano de 1625.

Ao comunicar sobre a ótima acolhida e o empático encontro com o bispo de Porto Alegre, Colbacchini revela quais foram os itinerários traçados por ele para sua nova empreitada: substituir um velho sacerdote italiano que há cerca de dez anos era o encarregado pelo atendimento espiritual de mais de vinte mil conterrâneos; consequentemente, tomar para os padres carlistas a administração religiosa de todas as linhas da Colônia de Alfredo Chaves, onde se fundaria um colégio destinado a formar futuros sacerdotes para a dita congregação e; por fim, tornar-se o superior da nova comunidade scalabriniana que se instalava no Rio Grande do Sul.⁴⁶³ Este seu último desejo é perceptível, inclusive, pelo fato de que ele passa a desmerecer a pessoa de seu colega de missão, padre Domenico Vicentini, que também havia sido enviado pelo Bispo de Piacenza para a mesma região de colonização italiana, já com o intuito de fazer dele o novo superior.

Outra informação relevante que o trecho da missiva traz, é que naquele ano vieram quatro missionários scalabrinianos para as terras gaúchas, que divididos em duas duplas foram destinados para dois campos de atuação diferentes. O companheiro de viagem, o jovem Antonio Serraglia, se juntou ao mencionado padre Vicentini que havia sido designado pelo bispo de Porto Alegre para o distante núcleo conhecido como Encantado, onde estava desde abril de 1896. Já, ao bassanese coube se unir ao sacerdote Antonio Seganfredo, citado na carta. O religioso menciona que a área a ele destinada, onde teria plena jurisdição para atuar como pároco, correspondia a um terço da grande colônia de Alfredo Chaves. Afirma ainda que se tratava das colônias onde já estava instalado o tal padre Seganfredo e certo colono chamado Faedo. Mas, que lotes eram esses? Quem eram esses dois personagens mencionados? E, por que ambos já eram conhecidos por Scalabrini? Ao procurar essas respostas foi possível desvendar algumas particularidades e conflitos dos colonos que haviam se instalado no novo espaço de colonização italiana no qual Colbacchini estava se inserindo.

A ampla região do Rio Grande do Sul, onde os imigrantes italianos se instalaram, começou a ganhar forma no ano de 1875. Naquele ano, o governo provincial deu vida a três

⁴⁶³ Os colonos italianos instalados no Rio Grande do Sul não foram agrupados em povoados, mas sim em lotes vicinais estabelecidos a partir de uma linha ou travessão, que acompanhavam o curso de um rio ou o traçado de uma primitiva estrada. Cada linha, ou travessão, se constituiu como primeiro espaço de sociabilidade, “o local de encontro dos imigrantes, o lugar em que se reestabeleceram e desenvolveram os contatos primários entre os indivíduos, possibilitando-lhes a reconstrução do mundo cultural.” Cf. BONI, Luis Alberto de. O catolicismo de imigração: do triunfo à crise. In: **RS - Imigração & Colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 235.

imensas colônias: Conde d'Eu (Garibaldi), Dona Isabel (Bento Gonçalves) e Campo dos Bugres (Caxias do Sul). Em 1877, criou ainda o núcleo Silveira Martins, que foi um quarto centro de colonização italiana naquela província. “Esgotados os lotes nessas colonizações, a Comissão de Imigração e Colonização passou a interessar-se pelas terras ao norte do rio das Antas e, em 1884, no local chamado Roça Reiuna, fundou o núcleo colonial de Alfredo Chaves, que os colonos denominaram de “Paese Novo.”⁴⁶⁴

No entanto, a terça parte mencionada pelo bassanese, que foi confiada a ele e Segnanfredo pelo bispo de Porto Alegre, foi ocupada alguns anos mais tarde, a partir de 1890: “*Questo Vescovo ci ha mandati (Segnanfredo ed io) a coltivare circa 400 famiglie di Italiani che appartengono alle ultime linee di Alfredo Chaves dalla 8ª alla 12ª.*”⁴⁶⁵ Portanto, o território era formado pelas cinco linhas mencionadas, as últimas a serem criadas junto a referida colônia. Nelas se instalaram colonos italianos recém-chegados, como também algumas famílias que se deslocavam dos antigos núcleos em busca de melhores terras. Essa movimentação se deu por meio das redes de contato existentes entre os conterrâneos, pelas quais os que já haviam imigrado indicavam aos seus parentes e vizinhos que tinham permanecido na Itália, mas que também possuíam a intenção de emigrar, que haviam sido criados novos lotes a serem colonizados. Foi neste período, e dessa maneira, que foram atraídos e se assentaram os primeiros desbravadores da área mencionada, como exemplica o padre Carlo Porrini ao escrever suas memórias sobre o Pe. Colbachini:

Em 1890, um certo Molon, de Montecchio Maggiore, que morava na Linha Eulália de Bento Gonçalves – ex Dona Isabel e antiga Cruzinha (...), tinha escrito a um seu patrício, Leopoldo Gorlin, convidando-o a emigrar para o Brasil, onde – dizia – havia todo o bem de Deus, e o milho e o feijão eram colhidos duas vezes por ano, e havia terreno que o Governo dava de graça aos imigrados. Fascinado por esta miragem de terra prometida, Gorlin partiu junto com a esposa Teresa, o filho Luigi, Clara, Marietta e aquela Lucia que se tornaria mais tarde a doméstica do Pe. Colbachini. Aos Gorlin, em 1892, associaram-se 18 famílias, entre as quais se encontravam os Massignan, Feron, Bregalda, Ottavio Vanzo e Bianchetti. [...] Quando Deus foi servido, chegaram as carretas que deviam transportá-los para Alfredo Chaves, antiga “Rossa Leona” (sic), denominada também Paese Novo pelos emigrados. Gorlin tomou em aluguel uma casa de um certo Montagna, cremonês, na Linha 3ª. Mais tarde, recebeu a colônia do Governo, na Linha 10ª. Além de Gorlin, tinham vindo para as Linhas 9ª e 10ª, muitas outras famílias, além das que tinham viajado com ele.⁴⁶⁶

⁴⁶⁴ GUIZZARDI, Laurindo. **Nova Bassano: das origens ao raiair do século XX**. Caxias do Sul: EDUCS, 1992, p. 10.

⁴⁶⁵ Este Bispo nos mandou (Segnanfredo e eu) para assistir cerca de 400 famílias de Italianos que pertencem as últimas linhas de Alfredo Chaves, da 8ª a 12ª. COLBACCHINI a SCALABRINI, 24 de novembro de 1896. Op. Cit., p. 486.

⁴⁶⁶ PORRINI, P. Carlo. Memórias sobre o Pe. Colbachini, s/d (ASG) *apud* GUIZZARDI, Laurindo. Op.Cit., p. 9-10.

A narrativa apresentada exemplifica como se formaram os grupos de imigrantes que se instalaram na região, como o que se constituiu em torno da família Gorlin proveniente de Montecchio Maggiore, província de Vicenza, no Vêneto, que por meio de uma carta convite migraram no ano de 1892, e ocuparam terras nas linhas 9ª e 10ª da colônia Alfredo Chaves. Sabe-se, em específico, que o núcleo familiar de Leopoldo Gorlin, ocupou o lote de número 34 da linha 10ª (Benjamin Constant), tanto que mais tarde, a jovem imigrante Lucia prestou serviço como doméstica na casa de residência do missionário investigado.⁴⁶⁷ Esta jovem, que posteriormente se tornou religiosa scalabriniana, também escreveu suas memórias sobre a vinda das primeiras famílias italianas que se instalaram na referida localidade. Ela, assim como outros que narraram o início da colonização do local, cita a trajetória dos irmãos Antonio e Giuseppe Segangfredo, que traçaram um projeto peculiar para reunir todos os familiares no Brasil: conquistar um lote, e nele construir uma igreja na qual o pároco seria um membro da própria família.

Antonio, o mais jovem dos irmãos, nasceu em 12 de junho de 1851 na comuna de Mason Vicentino, localidade muito próxima de Bassano Veneto. Sendo solteiro, e de idade superior aos 30 anos, ele emigrou sozinho para o Brasil no ano de 1883. Ao instalar-se na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul conseguiu trabalho como cozinheiro dos colonos que trabalhavam na construção das estradas de ligação que se abriam na serra gaúcha. Aos domingos era ele quem conduzia a reza do terço e as devoções religiosas do grupo, por isso logo ficou conhecido como “*Barba Toni*” o “*cappellano*”⁴⁶⁸ Mais tarde, sob sua influência, vieram para o Brasil o seu irmão Giuseppe, trazendo consigo parte dos familiares, instalando-se primeiramente na colônia Dona Isabel.

Na eminência de atingir a idade de 40 anos, e estando ainda solteiro, Antonio Segangfredo tomou a decisão de abraçar o sacerdócio. Para isso, ele retornou para o país de origem com o objetivo de se ordenar padre e, posteriormente, voltar para a região de colonização italiana trazendo todo o resto da família que havia permanecido no Vêneto. Contudo, antes de partir, os irmãos traçaram um plano: enquanto o mais jovem estivesse frequentando o seminário na Itália, o mais velho que permaneceria nas colônias gaúchas deveria dar um jeito de construir uma igreja onde o primeiro exerceria a função de pároco quando retornasse. “Ide – aconselhara ele aos irmãos e conterrâneos – e (...) podereis estar

⁴⁶⁷ GUIZZARDI, Laurindo. Op. Cit., p.38.

⁴⁶⁸ Tio Antonio e capelão.

certos de que, quanto mais adiante fordes, melhores terras haveis de encontrar. E depois, quando eu for ordenado sacerdote, também virei para lá.”⁴⁶⁹

Seguindo o conselho e o acordo feito com o seu irmão, Giuseppe Segnfredo se transferiu da colônia dona Isabel para Alfredo Chaves, e ocupou o lote 37 da linha 9ª (Ramiro Barcellos). Não por coincidência, isso se deu no ano de 1891. Rapidamente, o referido colono iniciou uma campanha entre os conterrâneos da vizinhança para que se desse a construção de uma igreja em suas terras, que futuramente serviria como sede de uma nova paróquia independente que atenderia toda redondeza. Ao mesmo tempo, mobilizou os líderes da comunidade para que enviassem abaixo-assinados ao Bispo de Porto Alegre pedindo um padre italiano que se fixasse junto deles. Os mesmos eram animados pelas cartas que recebiam do então seminarista Antonio Segnfredo, que depois de cerca de dois anos de liceu junto ao Instituto Mander, em Oné di Fonte (Treviso), havia informado que em meados daquele ano havia ingressado no Instituto Cristóvão Colombo, fundado por Monsenhor Scalabrini, que tinha como missão a assistência dos italianos emigrados.

No final de 1894, enquanto cursava o segundo ano de teologia e via se aproximar a sua ordenação sacerdotal, *Barba Toni* escreveu afirmando que o Bispo de Piacenza estava disposto a enviar sacerdotes para o Rio Grande do Sul. De imediato, os colonos escreveram a Dom Cláudio para que junto deles endossasse e formalizasse o pedido ao fundador dos Missionários de São Carlos:

Nós, abaixo assinados, moradores da Colônia Alfredo Chaves, Linha 8ª, 9ª, 10ª, 11 e 12, solicitamos a S. Exa. Ilma. e Revma., Dom João Batista Scalabrini, bispo de Placência (Itália), o envio de um de seus missionários. Sua Excelência respondeu que não nos manda o missionário sem o consentimento e a aprovação de V. Exa. Ilma. e Revma. Portanto, nós lhe pedimos respeitosamente que nos queira favorecer com a aprovação por escrito, sem a qual não nos é possível alcançar nosso objetivo. Queira benignamente enviá-la aqui na colônia e nós a despacharemos imediatamente a S. Exa. o Sr. Bispo de Placência.⁴⁷⁰

No entanto, esta solicitação foi assinada por poucos italianos: Giuseppe Dal Pra, Giuseppe Da Re, Nicola Balzan e Francesco Maroso. Por ela, é possível perceber a precaução tomada por Scalabrini ao exigir a aprovação do Bispo de Porto Alegre para o envio do missionário solicitado. Certamente, o fundador dos padres carlistas pretendia evitar mais desentendimentos entre os seus clérigos e as autoridades episcopais brasileiras. Porém, o dito monsenhor não conseguia prever que, assim como o grande desejo de ter um sacerdote, era enorme também a astúcia das redes de vizinhança dos colonos. Isso porque, ao verificar os

⁴⁶⁹ GORLIN, Madre Lucia. Memórias, s/d (ASG) *apud* GUIZZARDI, Laurindo, Op. Cit. p. 49.

⁴⁷⁰ COLONOS a DOM CLÁUDIO J. P. de LEÃO, 1º de novembro de 1894, (ASG) *apud* GUIZZARDI, Laurindo, Op. Cit. p. 51.

lotes dos signários do referido documento, fica claro que eram todos residentes da linha nona, ou seja, vizinhos que frequentavam a capela construída no terreno de Giuseppe Segnanfredo, qua almejava a vinda do seu irmão. Porém, propositalmente, estes escreveram em nome de todas as cinco linhas, pois com isso, além de dar maior justificativa para o pedido, acreditavam que como responsáveis pela vinda do novo padre, teriam o direito de que ele estabelecesse a sua residência nas adjacências de suas terras. Assim, a capela da linha nona seria elevada a condição de paróquia, como era o plano dos irmãos Segnanfredo, para que um dos seus usufruísse da condição de líder local junto de sua família.

Junto a esse requerimento, foi anexada uma declaração de Giosuè Bardin, padre coadjutor que residia em Capoeiras naquele tempo, localidade que correspondia à outra parte da Colônia Alfredo Chaves. Nesta carta, ele julgava ser procedente o pedido de um padre para aquelas distantes linhas, que juntas somavam mais de 350 famílias: “Isso não impede que um outro sacerdote resida em São João do Herval, a cujo capelão ora pertencem os colonos mencionados. Incluo carta do futuro sacerdote.”⁴⁷¹ Diante da concordância desse último, que inclusive cita a inclusão de uma carta de Antonio Segnanfredo, Dom Cláudio enviou a sua aceitação por escrito, pensando que havia um consenso entre os colonos das cinco linhas mencionadas no requerimento. Dessa forma, o plano dos irmãos, que contava com o apoio dos vizinhos da linha nona, seguia dando certo. Porém, mesmo após toda essa mobilização e a ordenação de Segnanfredo, em 31 de março de 1895, quando ainda cursava o terceiro ano de teologia, a vinda do missionário não se concretizava. Com isso os colonos voltaram a escrever para Monsenhor Scalabrini:

Nós, abaixo assinados, fabriqueiros representantes de uma sociedade de quatrocentas e mais famílias, todos patrícios italianos... Ficamos plenamente satisfeitos, tendo obtido a licença de construir uma nova igreja de material, que seria criada nova capelania e receberia também o padre para fazê-la funcionar. Não sem inauditos sacrifícios, a igreja foi levantada mas, devido à grandíssima escassez de clero, ficamos até agora sem sacerdote. ...apoiados numa carta que nos foi enviada pelo Pe. Antonio Segnanfredo, de Mason Vicentino, atualmente no colégio de Placência, soubemos que se nós enviarmos o dinheiro necessário para a viagem, V. Exa. nos fará a graça tão desejada, enviando um seu religioso, o Pe. Natal Pigato, igualmente de Mason Vicentino. [...] Não nos parecendo viável a ideia de enviar dinheiro para a Europa, julgamos melhor inserir o nome do Pe. Natal Pigato no requerimento para a viagem gratuita do Pe. Antonio Segnanfredo e família.⁴⁷²

Essa carta tem como signatários: Cristiano Simonetto, Giovanni Conte, Valentino Presotto, Frederico Difant, Giovacchino Fiore, Agostino Miglia, Antonio Rigo e Filippo Giuriati. Porém, esses nomes não existem em nenhuma das listas de proprietários da Colônia

⁴⁷¹ BARDIN a PONCE DE LEÃO, 01 novembro de 1894, (AGS) *apud* GUIZZARDI, Laurindo, Op. Cit., p. 51.

⁴⁷² COLONOS a SCALABRINI, 28 de agosto de 1895 (ASG) *apud* GUIZZARDI, Laurindo, Op. Cit., p.52.

Alfredo Chaves. Como indica Guizzardi, provavelmente, se tratam de pseudônimos daqueles que desejavam a vinda dos padres Segnanfredo e Pigato. O motivo de esconderem as verdadeiras identidades seria as mentiras contidas na missiva para convencer Scalabrini. Entre elas, a afirmação de que eram os legítimos representantes de mais de quatrocentas famílias, e de que a comunidade já havia construído uma igreja de material, pronta para servir de sede paroquial. Certamente, a ideia era apressar a vinda do Pe. Antonio, que traria consigo, além do resto da família, um novo companheiro de missão, escolhido diretamente por ele e originário da mesma comuna de Mason Vicentino.

Porém, um fato anterior explica a tentativa desesperada para conseguir os sacerdotes mencionados, que inclusive levou os colonos da linha nona a mentir sobre as condições das instalações da igreja que possuíam. Aconteceu, que no início de 1895, o colono Giuseppe Faedo, originário de Crespano Veneto (Treviso), que residia na linha décima, se apresentou pessoalmente na casa central da congregação dos scalabrinianos em Piacenza. De acordo com Lucia Gorlin, este último era um agricultor que vindo para o Brasil junto com seu pai no ano de 1893, adquiriu terras na linha décima de Alfredo Chaves. “Vista a conveniência, comprou uma colônia que cultivou com o seu pai e, depois da colheita, voltou imediatamente para a Itália e, de acordo com a família, vendeu os poucos bens que tinha.”⁴⁷³ Tratava-se do lote de número 30 do referido travessão.

Este último colono, antes de partir para sua viagem, havia assumido um compromisso com sua rede de vizinhança constituída na linha décima: ir pessoalmente até onde estava o Pe. Segnanfredo e garantir a sua vinda por meio do pagamento dos custos de seu traslado, assim como providenciar a compra dos paramentos que seriam usados por ele na sua futura paróquia no Rio Grande do Sul. Contudo, após expor sua intenção, o reitor dos scalabrinianos em Piacenza, na época Pe. Giuseppe Molinari, esclareceu que segundo as novas regras do instituto era preciso salvaguardar o princípio da vida comunitária, que exigia a presença de três missionários em cada casa de missão.

Com o firme propósito de patrocinar a viagem, Faedo havia pensado em dois missionários, mas nem por sonho imaginava que lhe seria oferecido três, tanto que espantado teria exclamado: “Massa gràssia, Sant’Antonio!”⁴⁷⁴ Mesmo surpreendido com a oferta do superior dos scalabrinianos, no intuito de cumprir a promessa que havia assumido perante os conterrâneos de sua linha, e acreditando que seria reembolsado pelos mesmos, ele aceitou o acordo proposto por Molinari. Para isso, antes de voltar para o Brasil, depositou nas mãos

⁴⁷³ GORLIN, Madre Lucia. Memórias, s/d (ASG) *apud* GUIZZARDI, Laurindo, Op. Cit. p. 53.

⁴⁷⁴ Muita graça, Santo Antonio!

desse último o valor de 1500 libras para bancar a viagem de três missionários, mais 1000 libras para a compra de paramentos sacros, dinheiro que havia conseguido com a venda de suas antigas propriedades na Itália.⁴⁷⁵ Ao retornar para Alfredo Chaves, no início de 1896, foi acolhido como um verdadeiro herói, sobretudo pelos seus vizinhos da linha décima, pois havia conseguido, além de garantir a vinda de mais de um missionário, que a sede da futura paróquia fosse fixada próxima aos seus lotes.

Essa narrativa dos fatos contidos nos registros e nas memórias escritas sobre a vinda dos primeiros padres scalabrinianos para as terras gaúchas, revelaram ao menos duas realidades existentes entre os imigrantes italianos que ali haviam se instalado. Primeiro, que a maioria deles estava incutida de um sentimento religioso, que para além de ato de fé, era a forma como eles haviam aprendido a se sociabilizar já em seus lugares de origem nas províncias vênetas. Essa maneira de organização social, que pode ser chamada de campanilismo ou sociedade de capela, se dava de fato em torno da figura de um sacerdote católico, por isso a presença dele era vista como imprescindível para o sucesso do empreendimento colonial. Consequentemente, a segunda realidade é que cada travessão e sua rede de vizinhança desejava erigir em suas terras uma paróquia, que tivesse, ali vizinha, a residência de seu líder social, o padre. Essa estrutura atrairia para o lugar a prosperidade com a instalação de um vilarejo.

Os fatos apresentados demonstraram que existiam ao menos dois grupos que disputavam a sede da futura paróquia que se formaria nas últimas linhas da colônia gaúcha de Alfredo Chaves: um formado por Giuseppe Segnanfredo e seus vizinhos da linha nona, dos quais podemos citar os nomes de Giuseppe Dal Pra, Giuseppe Da Re, Nicola Balzan e Francesco Maroso; e outro liderado por Giuseppe Faedo e Giuseppe Gorlin, também composto por outros colonos da linha décima como Romano Massigan, Feron, Giovanni Battista Bregalda, Ottavio Vanzo e Francesco Bianchetti. Caberia ao novo líder conduzir a negociação para que houvesse consenso na decisão de onde instalar a sua residência. Porém, antes disso a Congregação dos Missionários de São Carlos deveria decidir quem enviaria, e mais, quem seria de fato o líder desta nova missão. Um dos integrantes da equipe certamente seria padre Antonio Segnanfredo, que foi quem iniciou o plano para aquela região e que, inclusive, impôs a condição de retornar para junto de seus familiares antes de emitir os seus votos no instituto. Contudo, apesar de conhecer a região de destino e ter vocação para o sacerdócio, este último não possuía a experiência para liderar a equipe.

⁴⁷⁵ REBELLATO, Franco. Op. Cit., p. 159.

Desprovida de muitos membros com experiência, havia um único missionário pertencente ao Instituto Scalabriniano disponível no início de 1896, e que apresentava as qualidades necessárias: Pe. Domenico Vicentini. Este, nascido em 06 de julho de 1847, era natural de Pescantina, província de Verona, no Vêneto. Havia se ordenado sacerdote na congregação dos padres estigmatinos, e depois de ocupar vários cargos na Itália, participou de várias missões na África Central. Sensibilizado com os apelos feitos pelo Bispo de Piacenza, ingressou no Instituto Cristóvão Colombo no final de 1890, sendo enviado como missionário para junto dos italianos emigrados para Nova Iorque, onde atuou como superior provincial da congregação. Depois de encerrado o quinquênio estabelecido pelas regras do instituto, retornou para a Itália no final de 1895 para um período de descanso.⁴⁷⁶ Porém, no início de 1896 foi convencido por Molinari e Scalabrini para assumir a nova missão que se formava no Sul do Brasil, aonde chegou em abril do referido ano, onde deveria atuar como superior provincial. Contudo, ao chegar no Rio Grande do Sul, o Bispo de Porto Alegre o encaminhou para longe da Colônia de Alfredo Chaves.⁴⁷⁷

Diferentemente do que ocorreu com o padre Antonio Segnanfredo, sobre o qual as autoridades episcopais tiveram que seguir a condição imposta para sua ordenação, que foi de ser destinado diretamente para onde viviam os seus familiares. Este sacerdote partiu em direção ao Brasil em julho daquele ano, porém antes de se dirigir para as terras gaúchas, fez uma parada em Curitiba, com a missão de averiguar se as denúncias feitas por Colbacchini a respeito do comportamento dos missionários scalabrinianos que lá estavam eram mesmo reais. Sobre sua avaliação da situação escreveu ao reitor, Pe. Molinari:

Não lhe escrevi antes porque quis examinar bem tudo. Posso lhe dizer francamente agora, que se trata de calúnias, verdadeiras calúnias, antes, de infâmias. Os Pes. Brescianini e Faustino são verdadeiros missionários, cumprem com o seu dever em tudo e por tudo... Estive visitando o bispo de Curitiba com o Pe. Francisco. Acolheu-nos cordialmente. É um santo homem. Tinha a impressão de me encontrar à presença de nosso santo bispo de Placência. [...] Disse-me: ...dizei-lhe que eu tenho muita estima dos missionários do Instituto de São Carlos, de Placência.⁴⁷⁸

Por meio dessa missiva, Segnanfredo revela que de acordo com suas investigações as acusações feitas pelo bassanese contra o novo superior da missão no Paraná, padre Francesco Brescianini, eram infundadas. Da mesma maneira, ele afirma que a autoridade episcopal do Paraná era muito cordial e um bispo exemplar, que muito admirava a congregação

⁴⁷⁶ GUIZZARDI, Laurindo. Op. Cit., 56-57.

⁴⁷⁷ Ibidem, p.65.

⁴⁷⁸ SEGANFREDDO a MOLINARI, 09 de setembro de 1896. (ASG) In: GUIZZARDI, Laurindo. Op. Cit., p. 66-67.

scalabriniana. Essas constatações confirmam que de fato os conflitos com Pietro Colbacchini se deram devido a sua postura particular, incutida de insubordinação e de intransigência. Assim como, que as acusações feitas por ele à Brescianini eram uma tentativa de reaver sua posição na missão instalada em terras paranaenses.

Depois de cumprir essa importante tarefa, *Barba Toni* finalmente rumou para Alfredo Chaves, onde chegou no final do mês de setembro de 1896, acompanhado pelos representantes das duas redes de vizinhança, o seu irmão Giuseppe e Giuseppe Faedo, cada qual querendo que ele fixasse sua residência na sua respectiva linha. Segundo as memórias de Lúcia Gorlin: “o Pe. Seganfredo iniciou logo seu trabalho com zelo, e pensava antes de mais nada no lugar onde edificar a igreja.”⁴⁷⁹ Certamente sua intenção era seguir o plano inicial e conseguir que a construção se desse no lote 37 da linha nona, onde residiam seus familiares. Porém, após permanecer alguns dias hospedado na casa do irmão, os imigrantes das capelas vizinhas, sobretudo, os colonos da linha décima de Faedo, que haviam patrocinado a viagem do missionário, manifestaram que não estavam de acordo em que ali fosse a sede da nova paróquia. Dessa forma, para evitar maiores conflitos, ele preferiu se retirar para um lugar neutro, a capela da localidade de Capoeiras.

Por sua vez, Colbacchini, que não teve outra alternativa, se dirigiu também para o Rio Grande do Sul, e foi encaminhado para as referidas linhas, onde teria o desafio de encontrar uma solução para a referida disputa. Porém, isso era algo que ele estava disposto a fazer, liderar. Por meio de sua agência pretendia ser confirmado como o novo superior local, e assim superar as decepções que teve nas terras paranaenses, tanto que já de início passou a afirmar: “*Questo paese è bellissimo, molto migliore del Paraná, e da quanto mi viene detto, i coloni si trovano molto bene. Peccato che sia un pezzo di Brasile.*”⁴⁸⁰ Depois de longos dias de espera em Porto Alegre, chegaram os colonos que o conduziram até seu novo campo missionário, novamente tratavam-se de representantes dos dois grupos das linhas nona e décima, Leopoldo Gorlin e Giuseppe Faedo, que disputavam a nova sede paroquial. Após mais alguns dias de viagem, durante a qual o sacerdote comprou aquele que seria seu fiel companheiro de missão, o cavalo Pino, finalmente chegou a Capoeiras, onde se instalou provisoriamente. E naquela mesma semana, o religioso passou a realizar as primeiras visitas as cinco linhas que a ele haviam sido confiadas, e finalmente pode escrever suas primeiras impressões a Scalabrini:

⁴⁷⁹ GORLIN, Madre Lucia. Memórias, s/d, (ASG) *apud* GUIZZARDI, Laurindo, Op. Cit. p. 53.

⁴⁸⁰ Este lugar é belíssimo, muito melhor que o Paraná, e pelo que me foi dito, os colonos se encontram muito bem. Pecado que seja um pedaço de Brasil. COLBACCHINI a BONATO, 20 de outubro de 1896. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 483.

Ora posso scriverle delle cose di qui con sufficiente cognizione di causa. [...] Non ostante le difficoltà, mi sono portato in visita di missione nelle 5 linee fermandomi 3 o 4 giorni in ciascuna dispensando colla maggiore abbondanza la parola di Dio ed i SS. Sacramenti ai quali concorsero tutti, e furono 1300 le Comunioni fatte. Nello stesso tempo mi sono occupato ad unire gli animi e sciogliere i partiti per congiungere tutte le forze alla costruzione della Chiesa e casa. Ciascheduna linea (sono distante circa 3 Kil. una dall'altra) voleva la sede nel suo territorio, anzi ciascheduna famiglia la voleva all'ombra della sua casa.⁴⁸¹

Neste trecho da missiva, onde descreveu suas primeiras ações no novo terreno missionário, Colbacchini confirmou que de fato encontrou disputas entre as linhas e seus colonos, pois cada um desejava possuir em seus lotes a sede da igreja e a residência do sacerdote que lideraria a nova paróquia. A forma como ele conseguiu dissolver os partidos, e unir os imigrantes em torno de um programa único, foi narrada logo na sequência:

Secondo l'ordine che avea avuto dal Vescovo, non ascoltando le opinioni di chichessia, ho scelto un luogo eccentrico per le 5 linee nel mezzo di una boscaglia vergine dove si apre una bella valle estesa e fornita di acque e di aria sana; località la più propria ad un futuro paese. Chiesi ed ottenni (però con denaro, se il Governo non aderisce alla mia inchiesta) un quarto di lote di terra per ciascuno dei 4 coloni possessori di quei terreni, e così sono riuscito ad avere un'area di circa 70 ettari che può fornire luogo e comodo per tutti i bisogni. In 4 giornate di lavoro i coloni delle 5 linee abatterono la foresta ed ora la legna sta seccandosi al sole per essere arsa al più presto, e dar posto alle costruzioni.⁴⁸²

Segundo a continuidade da carta, a maneira como o bassanese encontrou para evitar atritos, e unir os colonos em torno de um só projeto, foi a escolha de um lugar neutro. O missionário revelou que essa ação se deu por ordem do bispo de Porto Alegre, que sugeriu que nenhuma das capelas já existentes fosse preferida para ser elevada a condição de paróquia.

No entanto, não por coincidência, como afirma Guizzardi, sua atenção se voltou para um vale situado nos fundos da linha nona e décima, mais ou menos centralizado em relação a quatro capelas já existentes e, praticamente, a mesma distância daquela do grupo de Giuseppe Faedo e aquela de Giuseppe Seganfreddo. Assim, Colbacchini conseguiu um lugar

⁴⁸¹ Agora posso lhe escrever sobre as coisas daqui com suficiente conhecimento de causa. [...] Não obstante as dificuldades, me ocupei das visitas missionárias as 5 linhas parando de 3 a 4 dias em cada uma e dispensando com a maior abundância a palavra de Deus e os Santíssimos Sacramentos aos quais recorreram todos, e forma 1300 Comunhões realizadas. Ao mesmo tempo me esforcei para unir os ânimos e dissolver os partidos para juntar todas as forças para a construção da Igreja e da casa. Cada linha (que estão distantes cerca de 3 quilômetros uma da outra) queria a sede no seu território, ou melhor, cada família a queria a sombra da sua casa. COLBACCHINI a SCALABRINI, 24 de novembro de 1896. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 486.

⁴⁸² Segundo a ordem que eu tinha recebido do Bispo, não escutando as opiniões de quem fosse, escolhi um lugar excêntrico para as 5 linhas no meio de um bosque virgem onde se abre um bonito e extenso vale fornido de água e de ar puro; localidade muito apropriada para um futuro vilarejo. Pedi e obtive (porém com dinheiro, caso o Governo na aderisse a minha requisição) um quarto de lote de terra para cada um dos 4 colonos donos dqueles terrenos, e assim consegui uma área de cerca de 70 hectares que pode fornecer lugar e comodidade para todas as necessidades. Em 4 dias de trabalho os colonos das 5 linhas abateram a floresta e agora a lenha esta secando ao sol para ser queimada logo, e dar lugar para as construções. Ibidem, p. 486-487.

estratégico, com o qual agradou ao menos aos dois principais grupos de colonos que disputavam a instalação da nova igreja. A preocupação do religioso, em não se indispor com esses dois agrupamentos tinha como objetivo ter o apoio deles para conseguir verbas e mão de obra para as novas construções.

Com esse pensamento, apontou a área correspondente no encontro de quatro lotes, 31 e 33 da linha nona, e dos terrenos 30 e 32 da linha décima, que foi escolhida para se instalar a nova sede paroquial. Ainda, de acordo com o último autor citado, os proprietários dos mencionados lotes eram Pietro Zampieri, Nicola Balzan, Ottavio Vanzo, Romano Massignan e Francesco Bianchetti, que não negaram o pedido do padre, e mediante pagamento, cederam parte de suas terras para o seu projeto.⁴⁸³ Interessante notar, que a maioria deles, por não poder afirmar todos, eram imigrantes que já haviam se envolvido nas disputas pelo pároco, as quais foram apresentadas anteriormente.

Essa primeira ação do sacerdote bassanese, que conquistou êxito de maneira pacífica e diplomática, foi a que lhe rendeu o título de fundador da nova cidade que se originaria ao redor da nova igreja que ali seria construída. Um dos motivos foi a pressa e a eficácia do sacerdote em colocar os colonos para trabalhar em prol da sua causa:

Va avanti a gran passi la fondazione della Sede parrocchiale e paese nuovo che il Vescovo mi ha commesso, e per Natale potrò celebrare in mezzo a quei boschi. Quella gente è così infervorata da trasandare i propri interessi per attendere a questi lavori. Le Capelle di legno che avevano costruito nelle linee saranno le tavole per costruire la prima casa parrocchiale, che verrà fatta in 3 o 4 giorni di lavoro.⁴⁸⁴

De fato, no dia 25 de dezembro de 1896, tendo como altar um tronco de árvore, Colbacchini celebrou a primeira missa no local descampado. Por esse feito, essa é uma das datas consideradas como dia da fundação do novo lugarejo. “Vindos de todos os lados, os colonos se apinhavam, aos grupos, em torno do rústico altar. [...] Era a primeira vez que os colonos das cinco linhas reuniam-se em torno de um único altar”⁴⁸⁵ Ao fazer desmanchar as capelas, além de conseguir material para a nova construção, o bassanese procurava não deixar brechas para novos focos de discórdia entre as linhas.

Da escolha do lugar, que se deu provavelmente no domingo do dia 15 de novembro, até a inauguração da nova igreja, se passaram somente três meses. Tanto que em carta o novo

⁴⁸³ GUIZZARDI, Laurindo. Op. Cit., p. 82.

⁴⁸⁴ Vai em frente e a passos largos a fundação da Sede paroquial e da nova vila que o Bispo me concedeu, e para o Natal poderei celebrar em meio aqueles bosques. A população está tão fervorosa a ponto de abandonar os próprios interesses para atender esta empreitada. As Capelas de madeira construídas nas linhas servirão de tábuas para construir a primeira casa paroquial, que ficará pronta em 3 ou 4 dias de trabalho. COLBACCHINI a SCALABRINI, 24 de novembro de 1896. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 489.

⁴⁸⁵ GORLIN, Lucia. Memórias, s/d, (ASG) *apud* GUIZZARDI, Laurindo. Op. Cit., p. 87.

líder local, satisfeito pelo seu progresso comunicava: “*Abitiamo già la casa nuova e jeri abbiamo inaugurato colla presenza delle autorità governative questa nuova Chiesa che sarà il centro di un paese che già fu battezzato per nuova Bassano.*”⁴⁸⁶ Esta é a primeira carta encontrada na qual Colbacchini insere o nome do novo espaço populacional que ele estava ajudando a configurar.

Depois deste grande feito, que lhe rendeu o mito de fundador de Nova Bassano, o scalabriniano lutou para estender o campo de missão dos padres carlistas que se intalavam no Rio Grande do Sul. Julgava que isso fosse necessário para conseguir verba suficiente para construir o colégio que forneceria novas vocações para a congregação. Como parte de seu programa, procurava unir todos os padres em sua nova paróquia, e mais tarde almejava fazê-lo no centro de Alfredo Chaves, esperando ainda que o Bispo de Piacenza o nomeasse como superior local. Ao mesmo tempo, sonhava em ver concretizada a criação da colônia modelo que ele havia projetado no relatório enviado às autoridades italianas, agora não mais em terras paranaenses, mas sim ali próximas a sua nova missão.

Nel mezzo di queste Colonie Italiane vi ha un grande terreno di circa 20,000 ettari che appartiene ad un privato il quale è disposto a venderlo per la somma di 166.000 contos brasiliani, che al cambio d’oggi darebbero 150,000 lire circa. Ne proposi per lettera l’acquisto all’Avv. Gavotti di Genova che mi incombensò di trovare un vasto terreno da colonizzare a suo conto. Caso più opportuno non poteva darsi. Egli potrà collocare sopra 400 famiglie in poco tempo che si troveranno nella miglior terra, ed avrà pur egli il suo grande vantaggio. Chissà che a mezzo del Sig. Gavotti che è entusiasta del mio progetto di Colonie presentato al Governo, non si cominci a dare alla nostra emigrazione un cammino più diretto e più decoroso alla nostra Patria.⁴⁸⁷

Essa última parte da missiva, revela que ele procurava esquecer o Paraná, por meio de grandes projetos que visava aumentar a colonização e, conseqüentemente, o seu campo de missão em terras gaúchas. Colbacchini havia ficado tão entusiasmado com o êxito obtido nas cinco linhas que passaram a formar a paróquia de Nova Bassano, que durante os anos de 1897 e 1898 trabalhou com afinco para anexar novas capelas para a jurisdição confiada a ele,

⁴⁸⁶ Habitamos já na casa nova e ontem inauguramos com a presença das autoridades governamentais esta nova Igreja que será o centro de um vilarejo que já foi batizado de Nuova Bassano. COLBACCHINI a SCALABRINI, 16 de fevereiro de 1897.

⁴⁸⁷ Em meio a essas Colônias Italianas existe um grande terreno de cerca 20.000 hectares que pertence a um proprietário particular que está disposto a vender pela soma de 166.000 contos brasileiros, que no câmbio de hoje dariam cerca de 150.000 libras. Por carta os apresentei para compra ao Advogado Gavotti de Gênova que me incumbiu de encontrar um vasto terreno para colonizar por sua conta. Situação mais oportuna não poderia existir. Ele poderá colocar acima de 400 famílias que em pouco tempo se encontraram na melhor terra, e terá também ele grande lucro. Quem sabe por meio do Senhor Gavotti que é um entusiasta do meu projeto de Colonia apresentado ao Governo, não se comece a dar para nossa emigração um caminho mais direcionado e mais decoroso a nossa Pátria. COLBACCHINI a SCALABRINI, 24 de novembro de 1896. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., 487-488.

seguindo o itinerário que havia traçado desde o início, de conquistar toda Alfredo Chaves para a Congregação dos Missionários de São Carlos.

Sono tornato jeri dalla visita alle 17 Capelle che abbiamo fuori di queste 5 linee, dove sono oltre 600 famiglie di Coloni. La nostra parochia è così estesa e tante le fatiche del ministero che è cosa impossibile poter continuare senza l'aiuto di altro buon Sacerdote. Il Vescovo vedendo che ritarda a venire altro missionario e che così presto non può sperarne altri da Piacenza, sembra abbia cambiato il disegno che aveva di porre sotto la giurisdizione dei missionari l'intero territorio di Alfredo Chaves che consta di presso a 30,000 anime.⁴⁸⁸

O missionário bassanese declarava que estava exausto, mas ao mesmo tempo não parava de articular para aumentar a extensão da missão scalabriniana no Rio Grande do Sul, por isso implorava a vinda de novos padres carlistas. Na verdade, ele queria mesmo era conquistar a paróquia central de Alfredo Chaves, e o título de superior provincial. Sobre esta última questão, o fundador havia decidido há muito tempo, mas acredito que tinha receio de comunicar ao intransigente Colbacchini. Mas, vendo que não podia mais tardar, o fez no final de 1898, diante do que ele respondeu: “*Non dubiti che a bene di queste missioni e della nostra Congregazione io farò di aiutare il P. Vicentini, che non tarderà a venire a trovarci. A lui scrivo notificandogli la notizia avuta da V. Eccell. e sottomettendomi in tutto al di lui governo.*”⁴⁸⁹

Porém, isso não significava que ele deixaria de agir de maneira independente e abandonaria os projetos que havia criado individualmente. Por isso, tratou de prosseguir com a outra parte do plano, que era assumir a paróquia de Alfredo Chaves. Porém, sem a vinda de ao menos mais um sacerdote para substituí-lo em Nova Bassano, ou mesmo, ao pe. Vicentini em Encantado, isso não seria possível. Os padres Antonio Serraglia e Antonio Segnanfredo, por diferentes motivos não eram indicados. O primeiro era muito jovem e não tinha a experiência necessária. Já a respeito do segundo, o ultramontano enfatizava: “*né avrà mai vocazione e spirito per la nostra Congregazione, nella quale entrò come ladro per la finestra*

⁴⁸⁸ Retornei ontem da visita às 17 capelas que temos fora destas 5 linhas, onde estão mais de 600 famílias de Colonos, A nossa paróquia é tão extensa e muitas são as fadigas do ministério que é coisa impossível poder continuar sem a ajuda de outro bom sacerdote. O bispo vendo que demora a vir outro missionário e que tão logo não pode esperar de Piacenza, parece ter mudado a ideia que tinha de colocar sob a jurisdição dos missionários o inteiro território de Alfredo Chaves que consta com 30 mil almas. COLBACCHINI a SCALABRINI, 28 de maio de 1898. In: TERRAGNI, Giovanni, Op. Cit., p. 510-511.

⁴⁸⁹ Não duvide que pelo bem destas missões e da nossa Congregação eu farei de tudo para ajudar o Pe. Vicentini, che non tardará a vir encontrarnos. A ele escrevo notificando-o a ntícia recebida de Vossa Excelência e submetendo-me em tudo ao seu governo. COLBACCHINI a SCALABRINI, 02 de janeiro de 1899. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p.515.

e non per la porta, all'unico intento di riuscire, ordinato sacerdote, per portarsi in questo Brasile colla sua numerosa famiglia a far buona vita per sé e per i suoi."⁴⁹⁰

Sendo assim, somente após a chegada do quinto scalabriniano à comunidade do Rio Grande do Sul, o pe. Giuseppe Pandolfi, que ocorreu em Encantado no dia 24 de novembro de 1899, é que o bassanese pode dar continuidade ao seu programa.⁴⁹¹ Tratou logo de escrever ao Bispo de Porto Alegre que os padres carlistas estavam prontos para assumir a paróquia de Alfredo Chaves. Porém, o padre Matteo Pasquali, que há cerca de dez anos estava à frente do atendimento espiritual dos colonos de lá, apesar da idade de 75, não estava disposto a entregar seu cargo facilmente. Diante da insistência do intrasigente, o bispo de Porto Alegre elaborou um plano: ele removeria o ancião, e entregaria o seu posto ao superior provincial dos scalabrinianos, Domenico Vicentini, sendo que o padre Pietro governaria a dita paróquia somente interinamente. As duas portarias que sancionavam essa decisão seriam entregues pelo próprio Colbacchini no momento em que fosse tomar posse do seu novo cargo.⁴⁹²

Assim, no mês de abril de 1900, durante as celebrações da Semana Santa daquele ano, em posse das portarias lavradas por Dom Cláudio, o bassanese se dirigiu para a paróquia central da Colônia de Alfredo Chaves, a fim de cumprir com o seu propósito. Na Quinta-feira Santa, após ser recebido pelo velho pe. Matteo, que pego de surpresa não pode reagir naquele momento, combinaram que a notícia seria comunicada aos fiéis ao final da missa daquele dia. No final da dita celebração, Colbacchini entrou na igreja e leu as sanções episcopais que trazia consigo:

Dom Cláudio Gonçalves Ponce de Leão, da Congregação da Missão, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica Bispo do Rio Grande do Sul.

1-Pela presente portaria havemos por bem exonerar, como de fato exoneramos, do cargo de Capelão-Cura da Colônia de Alfredo Chaves ao Revmo. Matheus Pasquali, que conservará somente a faculdade de celebrar até a conclusão de sua última provisão, sendo-lhe proibido, absolutamente, pregar e confessar.

2-Pela presente nossa portaria nomeamos o Rvdo. Pedro Colbachini Capelão-Cura do Curato de Alfredo Chaves, devendo tomar posse deste cargo imediatamente e exercê-lo até que lhe seja dado um substituto.⁴⁹³

⁴⁹⁰ Não terá nunca vocação e espírito para a nossa Congregação, na qual entrou como um ladrão pela janela e não pela porta, com a única intenção de conseguir ser ordenado sacerdote para dirigir-se para este Brasil com a sua numerosa família para fazer boa vida para si e para os seus. COLBACCHINI a SCALABRINI, 15 de maio de 1899. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 518.

⁴⁹¹ RIZZARDI, Pe. REDOVINO. Pioneiros scalabrinianos no Rio Grande do Sul. (ASG) *apud* GUIZZARDI, Laurindo, Op. Cit., p.100.

⁴⁹² GUIZZARDI, Laurindo. Op.Cit., p.101.

⁴⁹³ Portarias de Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão, Porto Alegre, 27 de março de 1900, *apud* GUIZZARDI, Laurindo, Op. Cit., p. 101.

O repasse das decisões do bispo de Porto Alegre surpreendeu a todos os colonos do lugar, que num primeiro momento ficaram sem reação. Porém, ao processar as informações a comunidade ficou dividida, pois havia os que aceitaram de bom grado a notícia, assim como grupos partidários do velho sacerdote que há anos lhes prestava atendimento espiritual. Segundo, as memórias coletadas por Carlo Porrini, o padre Matteo se articulou junto aqueles que o defendiam, e preparou um contragolpe para o dia que Colbachini tomaria posse da paróquia que, até então, era sua.

O Pe. Matteo não soube reprimir seu despeito e, confabulando aqui e ali com a gente, preparou um golpe baixo contra o Pe. Colbachini. A um magote de seus amigos, tinha chegado a dizer, com inqualificável mau gosto: - *Don Tabachini* (assim ele apelidava a Colbachini, enquanto chamava o Pe. Serraglia de ‘*polastro*’) *el vien fra voialtri. Venga pure che ghe daremo noialtri una bona tabacada!*⁴⁹⁴

O dia da posse ficou marcado para o final de semana, mais especificamente, para a missa do domingo de páscoa, que já seria oficiada pelo novo pároco. Porém, ao entrar na igreja antes de celebrar a missa, os fiéis ali presentes, que o aguardavam ansiosamente, se manifestaram contrários a sua nomeação:

Eis, porém, que rebenta um tumulto. Ouvem-se gritos. A gente salta sobre os bancos: - Fora, fora! Não o queremos! [...] As palavras são acompanhadas de insultos e ameaças. O pobre Colbachini, já impossibilitado de acalmar os ânimos, deixa o altar, passa pela sacristia, esgueira-se por uma portinhola lateral... [...] Terminado o corre-corre, o pe. Colbachini manda selar o cavalo, e por uma estrada pouco batida, bate a galope na direção de Capoeiras.⁴⁹⁵

O bassanese havia imaginado que não seria fácil tomar a paróquia das mãos do Pe. Matteo Pasquali, porém, não sabia que seria desprezado de tal forma pelos colonos de lá. Assustado e desapontado, fugiu com medo que as ameaças que ouvira no interior da igreja se cumprissem, e naquela noite procurou refúgio junto a um conhecido colono de Capoeiras, certo Giuseppe Polli, de quem o pe. Carlo Porrini coletou essa narrativa que termina com as seguintes palavras:

Chegou-me aqui em casa, à noite, apoiou a cabeça sobre esta mesa e chorou. Chorou não tanto pelo insulto que havia recebido, quanto pelo escândalo, pela discórdia entre os sacerdotes e a rebelião contra as ordens do Bispo. Parece-me ainda vê-lo aí, todo triste e abatido. – Ah Beppi, Beppi. Nunca teria imaginado uma coisa semelhante! Seja feita a vontade de Deus! Mas o cálice é bem amargo!”⁴⁹⁶

⁴⁹⁴ Pe. Tabaqueiro..., ele quer vim ficar com vocês. Venha mesmo, que nós lhe daremos uma boa dose de tabaco. PORRINI, Pe. Carlo. Um colono que viu o Pe. Colbachini chorar. (ASG) *apud* GUIZZARDI, Laurindo, Op. Cit., p. 104.

⁴⁹⁵ Idem.

⁴⁹⁶ Idem.

Essas memórias, coletadas e narradas por Porrini, revelam que diante dos acontecimentos, o que mais chateou Colbacchini era o fato de não ter conseguido cumprir com as determinações de Dom Cláudio, que em certa medida seguiram as sugestões do próprio religioso. Demonstrem, ainda, que havia discordâncias entre os sacerdotes, e que essas eram repassadas e assumidas pelos imigrantes que formavam uma espécie de rede de fidelidade para com aquele que escolhiam como seu líder social e espiritual, como o grupo que defendeu a pessoa do pe. Matteo em detrimento do pe. Pietro. O fato de este último ser desprezado pelos colonos evidencia que ele, por meio de seu modo de agir, havia mais uma vez contraído inimizades na nova região de colonização na qual estava atuando. Da mesma forma, o sentimento de ciúmes em relação ao superior local, que havia deixado Encantado para assumir a função de vigário na paróquia que ele pretendia conquistar, aumentou o desentendimento entre os dois.

Fu nominato dal Vescovo il P. Vicentini Vigario della Villa di Alfredo Chaves deponendo il Paroco funzionante. Io fui incaricato dal Vescovo ad annunciare al detto Paroco la sua deposizione e surrogarlo fino alla venuta del P. Vicentini. Successe un po' di disordine e tumulto in Chiesa eccittato da chi meno dovea farlo. Se conoscesse qual fosse il Paroco di Alfredo Chaves potrebbe capire la posizione difficile in cui io mi trovava, ed ora il P. Vicentini. I tristi (prima suoi avversari, ora lo sostengono nell'intento di far nascere gravi disordini). Non so che indirizzo prenderà il P. Vicentini, il quale è tuttavia perplesso di restare o ritornare al suo Encantado. [...] Ho scritto già a Mgr. Scalabrini, e non vedo improbabile la mia ritirata, perché non ho motivi troppo rassicuranti sul carattere del P. Vicentini, che mostra anche di diffidare di me, nè vuol consiglio da chicchessia.⁴⁹⁷

Neste trecho de carta enviado ao colega scalabriniano Faustino Consoni, o bassanese confessa que não confiava no caráter de seu superior local, e ao mesmo tempo, entendia que o padre Vicentini não confiava nele. A tentativa de superar essa diferença entre ambos foi abandonada após aqueles últimos acontecimentos, dos quais a culpa recaiu sobre a ambição e a imprudência de Colbacchini, enquanto este acusava o outro por conta de sua inação.

Depois do ocorrido na semana santa de 1900, o ultramontano passou a sentir o peso dos seus atos. Percebeu que possuía opositores tanto entre os seus colegas sacerdotes, como entre os colonos, tanto que passou a considerar aqueles que frequentavam a paróquia de

⁴⁹⁷ Foi nomeado pelo Bispo o Pe. Vicentini como Vigário da Vila de Alfredo Chaves depondo o Pároco anterior. Eu fui encarregado pelo Bispo para anunciar ao dito Pároco sobre a sua deposição e substituir-lo até a vinda do Pe. Vicentini. Sucedeu um pouco de desordem e tumulto na Igreja promovido por quem menos devia fazê-lo. Se conhecesse quem era o Pároco de Alfredo Chaves poderia entender a posição difícil na qual eu me encontrava, e agora está o Pe. Vicentini. Os tristes (antes seus adversários, agora o sustentam na intenção de fazer nascer graves desordens). Não sei que direção vai tomar o Pe. Vicentini, o qual está dividido entre permanecer ou retornar para a sua Encantado. [...] Já escrevi para Monsenhor Scalabrini, e não vejo como improvável a minha retirada, porque não tenho motivos para ficar muito tranquilo diante do caráter do Pe. Vicentini, que mostra que também desconfia de mim, nem quer conselho de quem quer que seja. COLBACCHINI a CONSONI, 5 de maio de 1900. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 526.

Alfredo Chaves como seus declarados inimigos. Diante de tamanho incômodo e decepção, começou a cogitar a sua retirada da missão do Rio Grande do Sul. Para aumentar essa possibilidade, ele era caluniado pelos seus inimigos, que encontravam eco de suas acusações nas ações do referido superior:

Non solo non è disposto a mandare (nel caso possibile) un'altro Padre in mio aiuto, ma egli tentò di ritirare il P. Serraglia senza del quale non potrei io stare. Allo stesso disse che non manderà presso di me alcun Padre perché tengo in casa due ragazze. [...] I miei nemici (i fautori dell'ex Paroco di Alfredo Chaves si approfittano del caso per malignare e calunniarmi). [...] Per affrontare questo genere di calunnia sono abbastanza forte, perché colla grazia di Dio non so ancora come sia una donna! Il P. Vicentini sembra però mal prevenuto, e con ciò mostra poco tatto e prudenza. Egli fin dal principio, mi trattò come un rivale, e si che non gli ho mai dato motivo per questo.⁴⁹⁸

Apesar de declarar que era suficientemente forte para suportar as calúnias e a falta de apoio dos seus colegas sacerdotes, o religioso encontrava-se esgotado psicologicamente. Para aumentar sua angústia, Pe. Vicentini, na condição de superior, desistiu de permanecer com o centro paroquial de Alfredo Chaves, tanto que em outubro de 1900, Colbacchini escrevia a Scalabrini lamentando que Dom Cláudio “...rielesse lo stesso P. Pasquali al governo di questa disgraziata Parrocchia, che è costretta un'altra volta a mettersi sotto il regime del lupo che per somma sua ventura era stato espulso dall'ovile.”⁴⁹⁹ Na mesma semana reclamava da antes admirada autoridade episcopal de Porto Alegre: “...si lasciò prendere nella rete di certi miei avversari, che mossi da invidia, gelosia ed altre basse passioni, mi calunniarono presso il Vescovo, che si mostrò piuttosto debole a lasciarsi ingannare.”⁵⁰⁰

Esses dois últimos golpes recebidos, o abandono do seu projeto de a Congregação de São Carlos ficar com a administração da paróquia central de Alfredo Chaves, e a perda da confiança do Bispo de Porto Alegre, fizeram com que Colbacchini decidisse mesmo retirar-se da missão do Rio Grande do Sul: “Come a Mgr. Vescovo, nostro venerato Superior Generale, anche a V.R. mi par dovere di comunicare la mia presa risoluzione di ritirarmi da questa

⁴⁹⁸ Não só não está disposto a mandar (caso possível) outro Padre para me ajudar, como também tentou retirar o Pe. Serraglia sem o qual eu não poderia ficar. Ao mesmo disse que não mandará para junto de mim nenhum Padre porque tenho duas moças em casa. [...] Os meus inimigos (os apoiadores do ex-Pároco de Alfredo Chaves se aproveitam do caso para difamar e caluniar-me). [...] Para afrontar este tipo de calúnia sou suficientemente forte, porque com a graça de Deus não sei ainda como é uma mulher! O Pe. Vicentini parece, porém, mal prevenido, e com essas coisas mostra pouco tato e prudência. Ele desde o início me tratou como um rival, mesmo que nunca lhe tenha dado motivo para isso. COLBACCHINI a SCALABRINI, 05 de maio de 1900. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 527-528.

⁴⁹⁹ ...reeleu o mesmo Pe. Pasquali para o governo desta desgraçada Paróquia, que foi obrigada outra vez a colocar-se sob o regime do lobo, que com grande infortúnio, tinha sido expulso do redil. COLBACCHINI a SCALABRINI, 23 de outubro de 1900. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 535.

⁵⁰⁰ ...se deixou prender na rede de certos adversários meus, que movidos por inveja, ciúmes e outras baixas paixões, me caluniaram junto o Bispo, que se mostrou um tanto quanto fraco por dexar-se enganar. COLBACCHINI a CAVAGNIS, 24 de outubro de 1900. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 537.

faticosa missione, che più non regge alle mie forze mezzo stremate, e di tornare a Piacenza.”⁵⁰¹

Ao comunicar ao superior da casa central sobre sua decisão de abandonar a missão criada em terras gaúchas, para então retornar para a Itália, o missionário confessa que realmente suas forças haviam definhado. Para contribuir com seu abatimento recebeu ainda a notícia da morte de um último irmão que ainda vivia em Bassano Veneto: “*Ricevetti ieridì la notizia della morte per appoplezia, dell’ultimo dei miei fratelli. Il mio dolore è vivo perché non praticava la religione da molti anni!*”⁵⁰²

Na mesma carta, escrita no final de janeiro de 1901, o sacerdote bassanese havia escrito anunciando que a sua própria morte estava próxima:

Intanto la mia salute, per questo ed altri motivi si strema sempre più ed imperiosamente mi stringe ad affrettare la mia partenza. Il mio grande conforto è quello di lasciare anche qui un po’ di bene operato da Dio a mio mezzo, che mi varrà a saldare i debiti grandi che ho con lui, e l’altro del riposo e quiete di spirito che mi sarà dato di godere nel breve tempo che ancora mi resta per pensare all’anima mia e prepararmi alla morte.⁵⁰³

De fato, era a sua última carta, pois faleceu aos 55 anos na sua Nova Bassano no dia 30 de janeiro de 1901, ou seja, apenas quatro dias depois de escrever o trecho antes apresentado.⁵⁰⁴ Declarava que, ao mesmo tempo em que acreditava ter feito o bem, tinha dívidas para acertar com Deus, por certo fazia uma *mea culpa* devido ao seu caráter intempestivo e ao ar de superioridade, que o haviam transformado também em *persona non grata*.

⁵⁰¹ Como fiz ao Monsenhor Bispo, nosso venerado Superior Geral, também a Vossa Reverendíssima devo comunicar a minha tomada de decisão de retirarme desta árdua missão, que não mais sustenta as minhas forças já exaustas, e de retornar para Piacenza. COLBACCHINI a ROLLERI, janeiro de 1901. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 539.

⁵⁰² Recebi no dia de ontem a notícia da morte por apoplezia do último dos meus irmãos. A minha dor é maior ainda porque ele não praticava a religião já há muitos anos! COLBACCHINI a SCALABRINI, 26 de janeiro de 1901. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 542.

⁵⁰³ No entanto a minha saúde, por este e outros motivos, se extrema sempre mais e imperiosamente me obriga a apressar a minha partida. O meu grande conforto é aquele de deixar também aqui um pouco de bem operado por Deus através de mim, que me valerá para saldar os grandes débitos que tenho com Ele, e além do repouso e paz de espírito que me será dado gozar no breve tempo que me resta para pensar na minha alma e me preparar para a morte. Idem.

⁵⁰⁴ Cf. Registro Civil do Óbito de Pietro Colbacchini. (ANEXO III).

4.5 És pó e ao pó voltarás, mas ainda que morto viverás

*“Quando sacerdoti migliori di me,
verranno a prendere il mio posto,
potranno dimenticarsi di me.
Però nessuno di loro li potrà
amare come io li ho amati”⁵⁰⁵*

Nesta última parte, deste derradeiro capítulo, são analisadas as formas como Colbacchini foi e, ainda, é lembrado e representado após a sua morte. São apresentadas e investigadas algumas das representações presentes tanto em escritos que citam a sua pessoa, produzidos por membros da Congregação Scalabriniana, como por descendentes dos colonos dos núcleos onde ele prestou atendimento espiritual. Muitas delas foram formuladas para serem lugares de memória, existentes tanto na sua terra natal, como nas áreas em que atuou como missionário em favor dos imigrantes italianos no Brasil. Minha intenção é perceber de que modo essas memórias foram construídas, e de que forma elas foram e, ainda, são utilizadas por quem as produziu ou as herdou.

Como afirmei já na introdução, foram algumas dessas memórias que funcionaram como a ponta de um *iceberg*, e que me levaram a desenvolver esse trabalho biográfico. Pretendo, portanto, elencar algumas das rememorações e lembranças formuladas sobre o missionário, cujos persursos foram aqui investigados. Ou seja, analiso também as trajetórias das memórias que foram formuladas a seu respeito depois do seu falecimento. Algumas delas persistiram até os dias atuais, enquanto outras foram usadas em períodos específicos para depois caírem no esquecimento.

A notícia de sua morte, em 30 de janeiro de 1901, não demorou a atravessar o oceano, tanto que no início de fevereiro o fundador dos padres scalabrinianos escrevia: “È morto al Brasile P. Pietro Colbacchini, e quel che è peggio, si dice dai giornali, ucciso.”⁵⁰⁶ O fato de se cogitar que o sacerdote bassanese havia sido assassinado é um indício importante, pois ele aponta tanto para como foi a sua atuação nas colônias italianas em terras brasileiras, nas quais ele sofreu várias ameaças contra sua vida, como também para o início de um processo de heroicização sobre a sua pessoa, por parte da Congregação dos Padres Carlistas.

⁵⁰⁵ Quando sacerdotes melhores do que eu vierem tomar o meu lugar, poderão se esquecer de mim. Mas nenhum poderá amá-los como eu os amei. COLBACCHINI a BONATO, 1º de setembro de 1894. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 377.

⁵⁰⁶ Morreu no Brasil Pe. Pietro Colbacchini, pior é que se diz nos jornais, foi assassinado. SCALABRINI a GAMBERA, fevereiro de 1901. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 543.

Após alguns dias do seu falecimento, o padre Antonio Serraglia escreveu ao Monsenhor Scalabrini, tratando de desmentir os boatos do suposto assassinato, que inclusive circularam em jornais no Brasil e na Itália:

...all'improvviso sentivasi male al cuore e mancare le forze, andò a sdraiarsi all'estremo momento tutto calmo tutto tranquillo; preso il Crocifisso in mano raccomandavasi fervorosamente l'anima e in brevi istanti l'anima sua benedetta volò in seno al suo Creatore, 30 gennaio. [...] Era buono, buono; il suo male lo faceva parer cattivissimo, io solo il potei conoscere. Né il P. Seganfredo né il P. Vicentini lo conobbero a fondo. In queste colonie fece un bene stragrande, ma quante persecuzioni, quanti odi, quante calunnie non dovè egli sostenere! Ma era l'uomo forte. Però fu vittima innocente dei tristi: sotto sì ripetuti colpi di dissistima di infamia egli dovette deporre la spada di battaglia. Beato lui in eterno.⁵⁰⁷

Por meio dessa narrativa, escrita por aquele que lhe serviu de companheiro de viagem, e nos últimos meses era o seu coadjutor em Nova Bassano, foi informado que o padre Pietro Colbacchini havia falecido de maneira natural, mais especificamente, de apoplexia como constou no seu atestado de óbito (ver Anexo IV). A testemunha ocular de sua morte, a jovem Lucia Gorlin, na época sua doméstica, que se tornou religiosa scalabriniana em 1903, escreveu no ano seguinte:

Lo udii mormorare ancora qualche preghiera con espressione sorridente; si strinse fortemente il Crocifisso sul cuore e si stese sul letto. Sembrava che qualche cosa si schiantasse dentro al suo povero corpo sofferente con uno strano scricchiolio. Ad un tratto divenne tutto livido.⁵⁰⁸

Interessante notar que a autora, que presenciou a morte do religioso, descreveu o fato que presenciou em formato de memória somente em 1904, depois de se tornar uma membra do braço feminino da referida congregação. Creio que isso se deu por dois motivos: porque ela passou a ter uma voz de autoridade dentro da dita instituição religiosa e; porque ela foi interpelada por outros membros do instituto para fazê-lo, a fim de rememorar a pessoa do sacerdote. Isso indica que, o fato dele não ter sido morto por alguém, não impediu que os membros da congregação iniciassem um trabalho de memória para transformá-lo em um

⁵⁰⁷ ...repentinamente começou a sentir um mal no coração e a faltar suas forças, foi se deitar no mesmo momento, mas de maneira calma e tranquila; pegou o crucifixo nas mãos e recomendava fervorosamente a sua alma e em breves instantes a sua bendita alma voou para o seio de seu Criador, era 30 de janeiro. [...] Era verdadeiramente muito bom; o seu mal era fazer parecer que era uma pessoa muito malvada, mas só eu o pude conhecer bem. Nem o Pe. Seganfredo e nem o Pe. Vicentini o conheceram a fundo. Nestas colônias fez um bem enorme, mas quantas perseguições, quantos ódios, quantas calúnias não precisou superar! Mas era um homem forte. Porém, foi vítima inocente dos tristes: sob os repetidos golpes de desprezo e de infâmia teve de desembainhar a espada da batalha. Bem aventurado está na eternidade. SERRAGLIA a SCALABRINI, 17 de fevereiro de 1901. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 544.

⁵⁰⁸ O ouvi murmurar ainda alguma oração com expressão sorridente; apertou fortemente o Crucifixo sobre o coração e se esticou na cama. Parecia que alguma coisa se quebrasse dentro de seu pobre corpo padecente com um estranho som de rangido. Em um instante tornou-se todo pálido. Memória de IR. LÚCIA GORLIN, 1904. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 547.

elemento de identidade que a fortalecesse. Isso se deu por meio do reforço de somente uma parte de suas agências, que passaram a ser repetidas para exaltar as suas virtudes. Enquanto que, a outra parte delas que continham os conflitos e as desobediências do referido clérigo foi sendo esquecida intencionalmente, ou então, narrada de forma que o sacerdote passasse a ser visto como uma espécie de mártir, como fez Serraglia.

Oh se tutti i nostri Missionari fossero forniti di quello spirito o zelo di cui andava adorno il P. Pietro quanto più bene si opererebbe! Lasciò tutto ciò che qui possiede alla nostra amata Congregazione con testamento fatto ancora in Italia prima che qui possedesse. [...] Qui Ecc. Rev.ma il P. Pietro comperò un pezzo di terreno lo divise in tanti piccoli lotti e chiamò col nome di Novo Bassano. Il terreno gli costò 1200 lire.⁵⁰⁹

Neste último trecho de sua carta, o jovem Antonio Serraglia coloca o missionário bassanese como um modelo para os religiosos do instituto, afirmando que os missionários scalabrinianos deviam seguir o seu exemplo. Com o passar dos anos, este tipo de discurso, exaltando a pessoa e os feitos de Colbacchini, ganhou eco entre os membros da congregação, sobretudo, entre aqueles que mais tarde desenvolveram suas atividades missionárias nos locais onde o referido sacerdote viveu. Como exemplo desse trabalho de memória, operado pelos padres carlistas nas colônias, pode-se citar a narrativa escrita pelo Pe. Giuseppe Martini sobre a perseguição que o bassanese sofreu durante o embate que manteve com os italianos da Società Giuseppe Garibaldi de Curitiba, nos anos que esteve à frente da missão italiana no Paraná:

Mas o P. Colbacchini era a sentinela que, vigiando a fortaleza, observava os movimentos do inimigo. Com o pretexto do socorro mútuo, os italianos da cidade procuravam atrair aqueles da lavoura e o Padre se opôs com todas as forças e venceu, salvando os colonos do contato com patriotas degenerados e da consequente ruína moral e religiosa.⁵¹⁰

Nesta narrativa, o missionário é definido como o salvador dos colonos, pois impediu que eles se misturassem aos italianos degenerados da citada sociedade e, consequentemente, se arruinassem moralmente. Com esse tipo de prática, a referida instituição criou um discurso assumindo uma espécie de herança imaterial, forjada por meio das memórias do religioso, que

⁵⁰⁹ Ah se todos os nossos Missionários tivessem aquele espírito de zelo do qual era munido o Pe. Pietro muito mais bem se faria! Deixou tudo aquilo que possuía para nossa amada Congregação com testamento feito ainda na Itália, até mesmo os que antes aqui possuísse. [...] Aqui Excelentíssima Reverendíssimo o Pe. Pietro comprou um pedaço de terreno que dividiu em mutio pequenos lotes e chamou com o nome de Nova Bassano. O terreno lhe custou 1200 liras. SERRAGLIA a SCALABRINI, 17 de fevereiro de 1901. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 544.

⁵¹⁰ MARTINI, Giuseppe. Origem e desenvolvimento da colônia e Santa Felicidade (Paraná). Curitiba: 1908. In: GEREMIA, Mário e VIVIAN, Ervino (Org.). **Santa Felicidade – Curitiba: O início de uma bela história**. SÃO PAULO: Edições Loyola, 2004, p. 27-28.

procurou manter a seu favor. Além de herdeira dessa imaterialidade construída a partir de parte das agências do missionário, como bem cita o depoimento apresentado anteriormente, a referida congregação religiosa herdou os bens materiais que ele possuía. Entre as suas posses havia terras e edificações, não só em Nova Bassano como é citado por Serraglia, mas também em Bassano Veneto e Curitiba, tanto é que nessas localidades a obra Scalabriniana continuou até os tempos atuais.

Ao direcionar a lente de investigação para a terra de origem do missionário é possível encontrar variadas formas de rememoração. Obviamente, elas estão relacionadas com o histórico familiar e com a Congregação Scalabriniana. Esta última, fazendo uso da herança material recebida tratou de mais tarde construir ali um de seus seminários: *“La comunità degli scalabriniani di Bassano del Grappa affonda le sue radici nel lontano 1930, data di fondazione del Seminario Scalabrini: importante centro di formazione dei futuri missionari per gli emigrati italiani nel mondo.”*⁵¹¹

FIGURA 15 – Foto do Instituto Scalabrini em Bassano del Grappa em 1951⁵¹²



No entanto, foi interessante notar, que o atual *site* mantido pelo Centro Missionário Scalabrini de Bassano del Grappa, de onde recolhemos a informação anterior, não faz nenhum

⁵¹¹ A comunidade dos scalabrinianos de Bassano del Grappa tem suas raízes no ano de 1930, data de fundação do Seminário Scalabrini: importante centro de formação de futuros missionários para os emigrados italianos no mundo. Centro Missionario Scalabrini. Bassano del Grappa. Disponível em <<http://www.scalabrinibassano.it/>>. Acesso em: 21 de maio de 2025.

⁵¹² *Il Missionario*, 1951, p.16.

tipo de menção sobre a pessoa do primeiro bassanese que se tornou missionário junto ao referido instituto. Ali é reforçada somente a figura do seu fundador, o bispo de Piacenza, São Giovanni Battista Scalabrini.⁵¹³ Apesar disso, sabe-se que internamente as instalações scalabrinianas existentes na cidade se constituíram como lugares de memória do sacerdote ali nascido, sobretudo para aqueles membros da congregação que exaltam a sua história e as suas trajetórias, já que ele foi o verdadeiro responsável por atrair a presença do dito instituto religioso para ali, ao fazer dela sua herdeira universal.

Já como exemplo dos lugares de memória, relacionados ao universo familiar, se tem a casa onde nasceu o sujeito que aqui foi biografado. Ao identificar a residência, localizada na Via Angarano, número 61⁵¹⁴, além de descobrir que foi a moradia de Colbacchini durante seus primeiros anos de vida, pode-se perceber a importância que aquela típica e abastada família burguesa, na época possuidora de um negócio de grande porte, uma fundição de sinos, tem na preservação da história local. Tanto é que o prédio é tombado e protegido como um bem arquitetônico e paisagístico da região.⁵¹⁵

FIGURA 16 – Foto da fachada atual da Casa onde nasceu Pe. Pietro Colbacchini⁵¹⁶



⁵¹³ Giovanni Battista Scalabrini foi canonizado pelo Papa Francisco em 9 de outubro de 2022.

⁵¹⁴ Cf. <<https://goo.gl/maps/28GSRNRxpmxesgiVA>>. Acesso em 21/05/2025.

⁵¹⁵ Cf. <<https://catalogo.beniculturali.it/detail/ArchitecturalOrLandscapeHeritage/0500185247>>. Acesso em 21/05/2025.

⁵¹⁶ Foto de Marcos Gonçalves, 19 de julho de 2024.

Da mesma maneira, a existência de uma rua chamada Via Colbacchini⁵¹⁷, localizada nas adjacências reforça a ideia de que se tratava de um grupo familiar ilustre perante a sociedade burguesa de Bassano Veneto. Tais informações foram importantes para me reportarem ao universo da infância e juventude do indivíduo investigado, pois foi possível vislumbrar que tipo de educação ele recebeu e como se deu sua escolha pelo sacerdócio, assim como quem eram os outros personagens, familiares e grupos sociais, com os quais ele teve contato, e de que maneira interferiram na construção da sua subjetividade.

FIGURA 17 – Foto da placa da Via Colbacchini em Bassano del Grappa⁵¹⁸



A pouca distância, dos dois últimos lugares de memória citados, ambos relacionados ao sobrenome da família, em relação ao Centro Missionário Scalabrini de Bassano del Grappa, reforçam a ideia de que a congregação foi atraída para ali pela herança material deixada por Don Pietro Colbacchini. Em certa medida, o fato de se tornar a herdeira do sacerdote obrigou o referido instituto religioso a perpetuar algumas memórias a seu respeito, as quais ela utilizou para sua promoção.

⁵¹⁷ Cf. <<https://goo.gl/maps/EZq1FQZtVsB9xcVx7>>. Acesso em 21/05/2025.

⁵¹⁸ Foto de Marcos Gonçalves, 19 de julho de 2024.

O maior exemplo desse trabalho memorialístico usado para promover a referida congregação religiosa, encontrado na sua cidade de origem, é um documentário escrito a partir da trajetória do personagem, produzido em 1951, ano do cinquentenário do seu falecimento, e que é denominado “*Il missionario*”.⁵¹⁹ Neste material, impresso e distribuído pelo Instituto Scalabriniano, congregação religiosa ao qual Colbacchini pertenceu, é possível perceber que o sacerdote, cujo jubileu de morte foi lembrado na ocasião, é revestido do papel simbólico do missionário e munícipe exemplar que realizou grandes feitos em terras longínquas, como se vê no extrato a seguir, assinado pelo padre Francesco Prevedello, superior geral dos scalabrinianos naquele período:

Comemorare il P. Pietro Colbacchini, fulgida gloria della gentile città di Bassano, esaltare la memoria di questo glorioso pioniere della assistenza religiosa e civile degli italiani emigrati, dedicare al suo nome una via, è riconoscere e riaffermare la missione benéfica della Chiesa, la quale per mezzo dei suoi eroici figli affronta e risolve i problemi sociale del momento.⁵²⁰

Por esta fonte, é facilmente perceptível o uso que é feito de parte da trajetória do personagem histórico para enaltecer o instituto religioso, a catolicidade e a municipalidade, e assim lhes propagandear. Nela, fica subtendido que o ilustre bassanese é promovido como um filho heróico da Igreja Católica. Em outros trechos do mesmo documento, foi possível encontrar ainda outros lugares de memória simbólicos, como os representados pelas expressões o “pioneiro” e o “fundador”. Da mesma forma, são apresentados telegramas e mensagens trocados entre as cidades de Bassano del Grappa e Nova Bassano no Rio Grande do Sul, utilizando a rememoração da figura do padre Colbacchini como uma espécie de ponte da amizade que liga os dois espaços geográficos separados pelo oceano atlântico: “*In occasione della celebrazione cinquantenaria della morte di P. Colbacchini, la città di Bassano del Grappa offre una statua della Madonna del Grappa alla città di Nuova Bassano, vincolo di nobili ideali e pegno di amore sincero tra le due città.*”⁵²¹

Em resposta à cidade italiana, e seguindo o seu exemplo, a municipalidade de Nova Bassano, no Rio Grande do Sul, inaugurou uma praça com o nome do sacerdote vêneto pouco tempo depois do cinquentenário de sua morte:

⁵¹⁹ O missionário.

⁵²⁰ Comemorar Pe. Pietro Colbacchini, fulgida glória da gentil cidade de Bassano, exaltar a memória deste glorioso pioneiro na assistência religiosa e civil dos emigrantes italianos, dedicar ao seu nome uma rua, é reconhecer e afirmar a missão benéfica da Igreja, a qual por meio de seus heroicos filhos enfrenta e resolve os problemas sociais do momento. PREVEDELLO, Francesco. In: IL MISSIONARIO, 1951, p.2.

⁵²¹ Por ocasião da celebração do quinquagésimo aniversário da morte de Pe. Colbacchini, a cidade de Bassano del Grappa oferece uma estátua de Nossa Senhora do Grappa à cidade de Nova Bassano, vinculadas por nobres ideais e como um compromisso de amor sincero entre as duas cidades. Ibidem, p.17.

Esta praça, em frente ao Hospital N. Sr^a de Lourdes, foi inaugurada em 24 de janeiro de 1954, pelo Pe. Mario Ginocchini, durante as festividades dos padroeiros da paróquia. Por deliberação do poder legislativo municipal designou-se “Praça Padre Pietro Colbacchini”, em gratidão por tudo que aquele padre fez a Nova Bassano. [...] Para recordar a fé dos migrantes, foi inaugurada ainda um monumento com uma Imagem de N. Sr^a do Monte Grappa, símbolo de defesa e proteção, que a cidade de Bassano del Grappa enviou a Nova Bassano em 1951, ano do cinquentenário da morte de Pe. Colbacchini.⁵²²

No exemplo apresentado, da criação de uma praça com o seu nome, percebe-se bem como essas formas de representações simbólicas do religioso foram frequentemente usadas para produzir lugares de memória e reforçar os ideais de fé onde a Congregação Scalabriniana estava presente. Neste último caso, em particulador foi utilizada também para reforçar o mito de fundador de Nova Bassano.

Enquanto as comunidades dos dois lados do atlântico promoviam a rememoração construída em torno da figura do sacerdote, exaltando-o como o munícipe exemplar e fundador, os membros do instituto dos Missionários de São Carlos foram cristalizando a memória do italiano como “*il fulcro brasiliano*”⁵²³, remetendo perpetuamente a ele a posição de pioneiro e precursor.⁵²⁴ Dessa forma, a referida congregação religiosa se apropria de uma imagem construída do missionário para afirmar a sua própria origem e identidade. Para isso, o sujeito investigado foi e é sempre citado como um dos “heróis” da obra scalabriniana no Brasil. No entanto, por meio desse processo ocorre um apagamento e um esquecimento de parte dos seus itinerários, por exemplo, dos inúmeros conflitos travados por ele nas colônias onde atuou, como também das enormes diferenças que possuía em relação aos seus confrades e ao fundador do instituto religioso, que foram apresentados aqui.

Outros lugares de memória acerca de Pietro Colbacchini, que se constituem em vestígios de suas trajetórias, são aqueles produzidos nas demais colônias onde ele exerceu sua liderança espiritual. Deixando de lado a fazenda de Monte Serrat e as outras na região de Itupeva, onde não foi possível encontrar nenhuma rememoração, a primeira delas foi o núcleo Senador Dantas, instalado na localidade de Água Verde, hoje um bairro nobre do centro urbano de Curitiba. A narrativa, presente neste local, exalta a devoção e o caráter empreendedor do padre italiano que lá trabalhou, como se pode conferir no trecho a seguir coletado do site da Paróquia Sagrado Coração de Jesus:

⁵²² RADIN, Firléia Guadagnin. **Centenário da primeira missa em Nova Bassano**. Passo Fundo: Editora Pe. Berthier, 1996, p. 13.

⁵²³ O fulcro brasileiro. Cf. <https://www.scalabriniani.org/c365-attualita/padre-colbacchini-il-fulcro-brasiliano/>, site oficial da Congregação Scalabriniana, visitado em 21/05/2025.

⁵²⁴ Cf. RIZZARDO (1974); FRANCESCONI (1985); SIGNOR (1986) e TERRAGNI (2014).

Pe. Pietro Colbachini, missionário italiano, enviado pelo Papa Leão XIII, chegou no bairro, celebrando a primeira missa na casa do Sr. Antônio Bonato, a 25 de maio de 1886, residindo nesta casa por três anos. Entusiasmou os colonos italianos para construir a primeira Igreja no Água Verde. O Bispo de São Paulo, Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, por um decreto, a escolheu para sede do reitor desta igreja para todos os núcleos italianos do Paraná, a 24 de fevereiro de 1888. O Padre Pietro Colbachini inaugurou a igreja de alvenaria (com torre e sinos que existem até hoje) a 29 de junho de 1888. Em uma carta datada de 10 de março de 1888, Padre Colbachini solicitou ao Bispo, hoje São João Batista Scalabrini, o envio de uma estátua do Sagrado Coração de Jesus. (DOS ANJOS, 2024).

Nesta última narrativa que, como defendi anteriormente, é na verdade apenas uma voz parcial do passado, parece haver uma relação harmoniosa entre os colonos, Colbacchini e os Bispos. Porém, é facilmente perceptível que essa é uma imagem que a igreja católica local construiu para se identificar como um espaço sagrado da instituição, e que esconde os atritos decorrentes das relações de poder que existiam entre os personagens narrados. Especificamente, a figura do padre é lembrada como o missionário que vem de longe a mando do chefe maior dos católicos romanos para trazer a boa nova, mas deixa “submersos” os conflitos vivenciados pelo mesmo, que inclusive o fizeram mudar a sede de sua missão para a colônia vizinha de Santa Felicidade.

Já no livro escrito por Susete Moletta (2007), uma descendente dos imigrantes italianos que se instalaram no núcleo Senador Dantas, que narra a história da referida colônia, Colbacchini é descrito como o grande defensor do Paraná como sendo “*il paradiso del Brasile*”.⁵²⁵ Nele a autora, apesar de também manter o tom laudatório, é mais incisiva e descreve da seguinte maneira a personalidade e a ação do missionário:

Astuto, minucioso, com uma boa visão prática da vida em colônia vivenciada por longos anos, e acima de tudo muito estudioso, Pe. Colbacchini fez uma proposta ao governo italiano de uma colônia-modelo no Paraná. Essa proposta foi objeto de profundo estudo em 1892, na Itália. [...] Dotado de personalidade forte, invocava o controle de todas as colônias italianas, criando uma espécie de ciúme por parte do clero local. [...] Dividir poder e recursos não fazia parte dos seus planos e do seu caráter.⁵²⁶

Por sua vez, essa última voz narrativa revela muito sobre o caráter do sujeito investigado, como também aponta para as relações de poder e, consequentemente, para os sentimentos que sua atividade missionária despertou em Curitiba. As variadas experiências que Colbacchini vivenciou, nos diferentes núcleos da região de colonização italiana do entorno da capital paranaense, refletem as diversas formas como ele é lembrado e/ou esquecido em cada uma dessas localidades. Após ter passado a primeira temporada no Água

⁵²⁵ O paraíso do Brasil.

⁵²⁶ MOLETTA, Susete. **Da Itália para o Brasil**. Porto Alegre: EST, 2002, p. 102-103.

Verde, foi na colônia de Santa Felicidade que o sacerdote estabeleceu definitivamente a sua casa de missão durante sua estada no Paraná.

Portanto, não é coincidência que neste último local sejam encontrados mais lugares de memória acerca da referida personagem. Isso se deve ao trabalho de memória realizado pela comunidade local, que inclusive é a única das ex-colônias da região que tem até hoje sua paróquia sendo dirigida pelos padres carlistas. Isso explica porque, já no início do século XX, poucos anos após a passagem de Colbacchini, um dos seus sucessores, o padre Giuseppe Martini já citado, o intitulou como “sentinela”. Este scalabriniano, ao recolher a memória dos imigrantes ali instalados, tratou logo de escrever:

E Santa Felicidade não deve esquecer que o Padre Pietro Colbacchini foi um dos seus maiores benfeitores e deve lembrar e colocar em prática as salutares advertências que, de viva voz e por escrito, deixou na sua partida. Ele mereceria que a colônia lhe levantasse um monumento que o recordasse aos pôsteres e testemunhasse a gratidão que se conserva por ele. Mas, aquilo que mais agradará ao padre e será útil para a colônia, é que se mantenham as obras realizadas por ele e pelos seus sucessores e caminhe naquele comportamento que ele traçou com as palavras e com o exemplo.⁵²⁷

É nítida a apropriação que Martini faz da imagem e do discurso de Colbalcchini para impor a moral católica para os colonos italianos do lugar. Porém, apesar de pedir que a rememoração maior do missionário se dê por meio da manutenção das práticas e comportamentos morais e religiosos por ele ensinados, o que se realizou na comunidade foi uma multiplicação de lugares de memória constituídos como espaços físicos que visam preservar a lembrança do sacerdote. E os primeiros exemplos partiram da iniciativa da própria igreja, ao fazer questão de expor no interior e exterior do templo materialidades que rememoram o religioso.

A construção da igreja é constantemente citada como uma obra que foi idealizada e executada pela liderança de Colbacchini. Esse espaço simbólico de construtor e arquiteto ocupado pelo sacerdote junto à referida coletividade transformou o próprio templo em um espaço da sua memória. Uma primeira iniciativa se deu no ano de 1927, quando os imigrantes ao inaugurarem uma nova fachada na igreja fizeram questão de confeccionar uma placa comemorativa.

⁵²⁷ MARTINI, Giuseppe. In: GEREMIA e VIVIAN. Op. Cit., p. 38.

FIGURA 18 – Foto da placa dos 50 anos da chegada de Colbacchini em S.ta Felicidade⁵²⁸



Esta placa, que atualmente está anexada na parede externa dos fundos do templo diz:
*“A memoria del fondatore di questa chiesa P. Pietro Colbacchini che spinto dall’amore di Gesù Cristo attese instancabile alla cura delle colonie italiane del Paraná dal 1886 al 1894 i coloni di S. Felicidade inaugurando la nuova facciata posero nel 1927 50° anno del loro arrivo in questa terra ospitale.”*⁵²⁹

FIGURA 19 - Foto do Monumento erguido no 75º Ano de Santa Felicidade⁵³⁰



⁵²⁸ Acervo do autor.

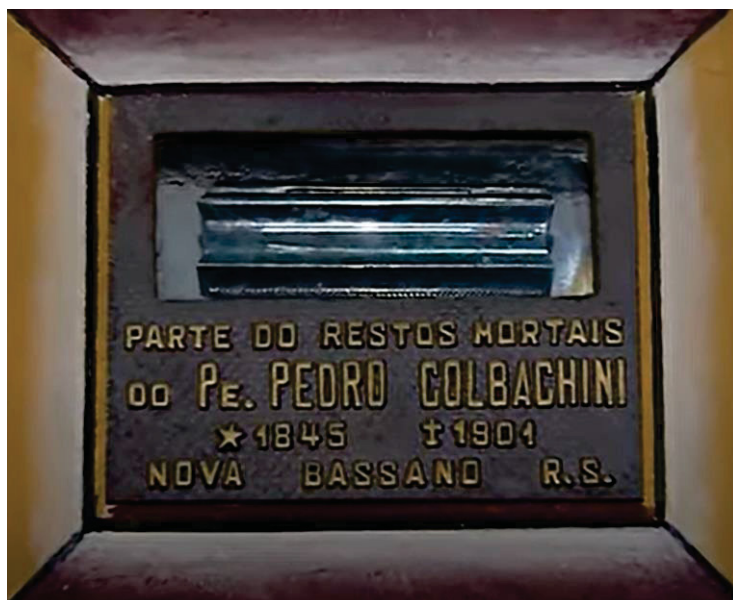
⁵²⁹ Em memória do fundador desta igreja, P. Pietro Colbacchini, que, movido pelo amor de Jesus Cristo, dedicou-se incansavelmente ao cuidado das colônias italianas do Paraná de 1886 a 1894, os colonos de Santa Felicidade, inaugurando a nova fachada em 1927, marcaram o 50º aniversário de sua chegada nesta terra hospitaleira.

⁵³⁰ Acervo do autor.

Outro monumento foi erguido no 75º aniversário da ex-colônia, hoje bairro, de Santa Felicidade com os seguintes dizeres: “*Primo missionario scalabriniano Patri Petro Cobalchini S. Felicitatis fundatori hoc monumentum pie filii erexerunt ano 75º A colonia condita A. D. MXMLIII.*”⁵³¹

Em ambos é exaltada a figura do sacerdote bassanese por meio dos adjetivos de fundador e padre pioneiro da igreja local. Como se não bastasse essas manifestações, os representantes da congregação scalabrinina presentes na comunidade de Santa Felicidade fizeram questão de trasladar uma pequena parte dos seus restos mortais depositados em Nova Bassano, depositando em umas das paredes internas um pedaço do fêmur do Colbacchini.

FIGURA 20 - Foto do Fêmur de Colbacchini na Igreja de Santa Felicidade⁵³²



Seguindo o exemplo dos líderes religiosos, a comunidade civil organizada, por meio de seus representantes políticos, tratou também de conseguir colocar o nome do seu “herói” em uma das ruas do bairro.⁵³³

Creio que essas lembranças físicas são indicativas de que os comportamentos morais e religiosos dos descendentes dos colonos não sigam as orientações discursivas deixadas pelo missionário. Ou seja, funcionam como uma espécie de compensação, já que são formas mais fáceis de cristalizar lembranças do que a manutenção de práticas que

⁵³¹ Ao primeiro missionário escalabriniano, Padre Pietro Cobalchini, fundador de Santa Felicidade, este monumento foi erguido por filhos piedosos no 75º ano da fundação da colônia, no ano do Senhor de 1953.

⁵³² Acervo do autor.

⁵³³ Cf. <https://goo.gl/maps/yArxJcu4fsbZzF3i9>, visitado 21/05/2025.

correspondem à vivência de um discurso moral religioso. No entanto, a maior promotora dessas rememorações é a Congregação Scalabriniana ali presente, que sempre nas datas alusivas a fundação da colônia se reporta ao sacerdote, como fez também nos 140 anos da comunidade comemorado em 2018, ao produzir um texto memorialístico intitulado *Colbacchini, o guardião da fé*.⁵³⁴

Outro lugar de memória, ligado à figura do sacerdote investigado, é o ocupado por ele em relação à criação dos processos escolares instalados nas colônias, isso porque, mesmo que por pouco tempo, ele exerceu a função de inspetor escolar junto aos núcleos italianos da região. Este lugar de memória, que aponta para importância de perceber qual foi o posicionamento e a interferência de Colbacchini a respeito do processo escolar vivido pelos imigrantes, tem como um de seus representantes uma Escola Estadual, que também fica no bairro de Santa Felicidade, que ao carregar seu nome o tem como seu patrono.

FIGURA 21 – Brasão da Escola Estadual Padre Colbacchini⁵³⁵



FIGURA 22 – Foto do Ginásio de Esporte da E. E. Padre Colbacchini⁵³⁶



⁵³⁴ Informativo da Paróquia São José e Santa Felicidade. N. 63, novembro de 2018, p. 5.

⁵³⁵ Retirado do Jornal da Escola Estadual Padre Colbacchini. Novembro, 2011, nº 1, p. 1.

⁵³⁶ Acervo do autor.

A referida instituição de ensino, criada em 1967, chegou a possuir inclusive um jornal interno batizado de “O Cobalca”, apelido dado para ao mascote da escola, que por sua vez foi inspirado no sobrenome de seu patrono.

FIGURA 23 – Cabeçalho do Jornal da Escola Estadual Padre Colbacchini⁵³⁷



Neste pequeno jornal, eram recorrentes publicações de textos que contavam especificidades da trajetória do padre Pietro Colbacchini que recebiam títulos bem sugestivos como: Quem foi padre Colbacchini?; O padre dá adeus; padre escritor...; padre construtor?; padre fundador?, e até; padre encenqueiro.

FIGURA 24 – Página do Jornal com o Mascote Cobalca⁵³⁸



⁵³⁷ Retirado do Jornal da Escola Estadual Padre Colbacchini. Novembro, 2011, nº 1, p. 1.

Diferentemente de Santa Felicidade, que possui vários lugares de memória físicos a respeito do sujeito investigado, estes aparecem de maneiras bem mais tímidas nos outros núcleos da região de Curitiba nos quais ele também atuou. Essa realidade aponta para um trabalho de esquecimento no qual a figura do padre foi substituída por outras memórias simbólicas e outros supostos “heróis”. Isso é perceptível no caso da ex-colônia italiana Alfredo Chaves que deu origem a Vila de Colombo e, posteriormente, ao município de mesmo nome. Em 1890, ano em que houve a referida emancipação de Curitiba, Colbacchini chegou a ser nome de uma das ruas centrais da localidade, ou seja, tratou-se de uma homenagem em vida, pois o sacerdote ainda desenvolvia sua atividade missionária no local.⁵³⁹

Atualmente, porém, não há mais nenhuma rua e nenhum outro tipo de monumento com o seu nome, sendo que o único lugar de lembrança sobre ele é um quadro com sua foto, depositado numa sala lateral restrita da igreja matriz da cidade, que contém a galeria de todos os padres que por ali passaram. Foi esse retrato, no entanto, que colocado no início da dita galeria, me despertou para a investigação aqui apresentada.

FIGURA 25 – Retrato de Colbacchini em Colombo - Paraná⁵⁴⁰



⁵³⁸ Retirado do Jornal da Escola Estadual Padre Colbacchini. Novembro, 2011, nº 1, p. 3.

⁵³⁹ Cf. Ata da instalação da Vila Colombo In: FERRARINI, Sebastião. Op. Cit., p. 231.

⁵⁴⁰ Acervo do autor.

Em contrapartida, outro sacerdote ocupa agora o lugar de destaque. Nada mais nada menos do que o padre Francesco Bonato, que inclusive tem seus ossos expostos no interior do templo e é, também, nome de uma das ruas centrais da localidade.

Mas nem sempre foi assim, no início século XX eles estiveram lado a lado nas recordações dos italianos do lugar e seus descendentes, como foi possível perceber em uma carta enviada pelo colono João Batista Lovato ao Bispo de Curitiba, Dom João Francisco Braga, no ano de 1914:

A maior parte dos anciãos passam as noites sem dormir, chorando amargamente, imaginando as tristes consequências para seus filhos e netos. Muitas vezes, nós, que somos da Igreja, lembramos com lágrimas os velhos tempos felizes da velha igreja e, nestes últimos também dessa nova, as piedosas e alegres festas, funções religiosas com os nunca esquecidos padres Pedro Colbachini, Francisco Bonato e ultimamente por três meses o Pe. João Morelli. Lembramo-nos da igreja sempre repleta de fiéis e, agora, tudo está mudado. Os domingos parecem dias de semana, não mais dias de festa. Está faltando a frequência ao Santíssimo Sacramento.⁵⁴¹

Essa missiva, elaborada por Lovato, reclama das condições precárias em que se encontrava o atendimento espiritual após a morte do padre Francesco Bonato. Além de citar o nome de Colbacchini, o seu conteúdo e contundência parecem ecoar a postura e o discurso do ultramontano intransigente. Penso que este colono, assim como outros, fazia parte das famílias que formavam uma rede de fidelidade em relação ao sacerdote bassanese. Assim como, seguiam o catolicismo da maneira como foi incutido nas colônias pelo referido clérigo.

Outra forma de rememoração sobre a figura do investigado, que como se viu, antes estava na memória coletiva da comunidade e era transmitida pela tradição oral, agora só existe em poucos registros escritos, mas que também são pouco divulgados e lidos, como o exemplo do relato do descendente de colonos José Busato apresentado no segundo capítulo, que foi impresso por ocasião do centenário da paróquia local em 1995.

Portanto, a comunidade que um dia o escondeu para poder preservar sua vida, parece que agora decretou a sua morte por meio do esquecimento. Certamente, isso se deve ao fato de que ali há muito tempo, desde 1915, passou a atuar outra congregação religiosa, a dos padres passionistas. Contudo, foi possível encontrar uma referência a ele também nas memórias de um sacerdote deste outro instituto, que trabalhou na paróquia colombense. Em 1952, padre Candido Ghiandoni nas suas “*Osservazioni postume sopra Colombo*”⁵⁴² escreve:

⁵⁴¹ LOVATO a BRAGA, 14 de março de 1914. Arquivo da Cúria de Curitiba. In: FEDALTO, Dom Pedro Antônio Marchetti. *Reminiscências: 90 anos de idade – 50 anos de Bispo*. Curitiba: Gráfica Infante, 2017 p.27.

⁵⁴² Observações póstumas sobre Colombo.

Nel 1915 erano più di 3 mila coloni tutti venuti da Veneto: Vicenza, Padova, Treviso ecc. Divisi in 3 Nuclei: Il Centro Parrocchia e Municipio e altri due Gruppi: Capivary e Faria o Cangheri. L'anima di questi 3 gruppi fu in 1º luogo: P. Pietro Colbacchini, uomo dotto, di carattere, un vero Missionario Apostolico. Fu Lui che diede il vero indirizzo consolidando la Fede e la Pietà, nel tempo stesso che si venivano adattando o ambientandosi nella nuova patria. La preoccupazione principale tanto del P. Colbacchini come dei suoi successori si era che i coloni non perdessero la forma mentis, o mentalità religiosa che avevano portato dall'Italia e che sarebbe stata altresì di grande giovamento agl'indigeni cioè al popolo Brasileiro che per mancanza di Sacerdoti non aveva potuto avere la cultura religiosa necessaria.⁵⁴³

Apesar de fazer menção a Colbacchini e promovê-lo como homem culto e de caráter, verdadeiro missionário apostólico e, ainda, a alma das colônias italianas da cidade de Colombo, esse trabalho de memória não encontrou eco entre os membros da sua congregação. Estes últimos preferiram perpetuar a figura de Bonato, que assumiu a frente da comunidade religiosa em 1895, quando o bassanese estava na Itália e outros scalabrinianos haviam assumido a paróquia de Santa Felicidade, e houve a criação do Curato de Colombo.

Algo semelhante acontece com as comunidades italianas de Campo Largo e Piraquara. A primeira, apesar de ter ficado por mais tempo sendo dirigida pela congregação scalabriniana, tem como principal figura heróica outro sacerdote carlista, o padre Natal Pigato. Já a segunda, apresenta um esquecimento ainda maior, pois como revela a descrição a seguir, feita por um descendente dos imigrantes italianos que lá se instalaram, esse processo iniciou por meio de conflitos existentes entre Colbacchini, o clero brasileiro e os próprios colonos, já no final do século XIX:

Em 1.885 aparece o Padre Giovanni Maria Cybeo, jesuíta italiano radicado em Nova Trento SC. Atendia as colônias italianas do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. [...] No ano seguinte chega outro jesuíta, o Padre Pietro Cobalchini. Estabelece-se na Água Verde e atende 42 colônias italianas, através da Capelania Italiana instituída pelo bispo de São Paulo em 1.888. [...] Ocorre que em 04 de fevereiro de 1.899, fora criado o curato de Piraquara. O primeiro cura foi o franciscano Frei Xisto Meiwes. [...] Sucedeu-o o secular francês Padre Jean Michel, que também residia em Curitiba. Esse padre exigiu a retirada de Novo Tirol da jurisdição da Capelania Italiana. Proibiu os missionários de entrarem em sua paróquia. [...] Contudo acreditamos que as pressões eram anteriores ao Padre Jean Michel. Em levantamento efetuado nos livros da Capelania, constatou-se de que o último

⁵⁴³ No ano de 1915 eram mais de 3 mil colonos todos vindo do Veneto: Vicenza, Padova, Treviso, etc. Divididos em 3 Núcleos: O Centro Paróquia e Município e outros dois Grupos: Capivary e Faria ou Cangueri. A alma destes 3 grupos foi em 1º lugar: Pe. Pietro Colbacchini, homem culto, de caráter, um verdadeiro Missionário Apostólico. Foi ele quem deu a verdadeira e consolidada direção da Fé e da Piedade, no mesmo tempo em que se estavam adaptando e ambientando na nova pátria. A principal preocupação, tanto do Pe. Colbacchini como dos seus sucessores era que os colonos não perdessem a forma de pensar, ou mentalidade religiosa que tinham trazido da Itália e que seria de grande valia também para os indígenas, isto é para o povo Brasileiro que por falta de Sacerdotes não pode receber a cultura religiosa necessária. GHIANDONI, Candido. **Memorie del Brasile. Vol I – An. 1910 – 1915.** Manuscrito. 1952, n.p.

casamento efetuado por capelões italianos em Novo Tirol foi em 11 de outubro de 1.898.⁵⁴⁴

Neste trecho se lê que Colbacchini é citado rapidamente, mas que é lembrado não como um scalabriniano, mas sim como um jesuíta. Quais seriam os motivos dessa lembrança seletiva? Minha hipótese, que evidentemente precisa ser aprofundada, é que o referido sacerdote tenha vivenciado vários embates com os clérigos e os colonos do local, o que inclusive tenha provocado a retirada do referido núcleo colonial da capelania italiana, como também é indicado na descrição acima.

Portanto, a única colônia no Paraná em que Pietro Colbacchini ocupará um lugar de destaque é Santa Felicidade, o que aponta para o trabalho de memória exercido pela congregação scalabriniana, ainda lá presente. Não é à toa que nos seus relatórios o missionário apontará esse núcleo como sendo uma colônia modelo. Isso se deve, acredito, pelo fato de que tenha sido nela que o religioso encontrou mais colaboradores e, conseqüentemente, seu discurso teve, ao menos aparentemente, mais êxito.

Formas semelhantes de lugares de memória só foram encontradas na cidade de Nova Bassano no Rio Grande do Sul. Nesta cidade, como já foi apresentado, Colbacchini recebe o status de fundador, havendo inclusive também um colégio estadual com o seu nome, ou seja, lugares de memória parecidos aos que se encontra em Santa Felicidade no Paraná, o que indica, ao menos em um primeiro momento, que ali o indivíduo que é narrado e os seus narradores tenham vivido processos semelhantes.

FIGURA 26 – Foto do Colégio Estadual Pe. Colbacchini em Nova Bassano – Rio Grande do Sul⁵⁴⁵



⁵⁴⁴ TOMAZ, Antonio. *Colônia Imperial Santa Maria do Novo Tirol da Boca da Serra. 120 anos de histórias: genealogia*. Curitiba: Editare, 1998, p. 67.

Sem sombra de dúvidas, essa semelhança entre a ex-colônia de Santa Felicidade e Nova Bassano, deve-se ao empenho dos padres carlistas em operar um trabalho de memória nessas localidades na quais prosseguiram com o atendimento religioso. Uma prova disso é encontrada em um material produzido por uma descendente dos imigrantes da referida cidade do Rio Grande do Sul. Trata-se da obra Centenário da Primeira Missa em Nova Bassano, cuja apresentação ficou a cargo do scalabriniano Pe. João Granzotto.

Este trabalho foi encomendado pela Paróquia, para comemorar o Centenário da Primeira Missa, assinalada em 25 de dezembro de 1996. O livro está sendo lançado na abertura do ano do Centenário, em 25.12.1995, marcando o início das comemorações desta importante data.⁵⁴⁶

Ao encomendar a escrita deste livro comemorativo dos cem anos da primeira missa celebrada por Colbacchini em Nova Bassano, o pároco local demonstra que de fato os scalabrinianos foram os responsáveis tanto pela manutenção, como pelo uso, de sua memória.

Será interessante notar como o sacerdote, tido como fundador da cidade, será rememorado a partir de 28 de janeiro de 2024, data em que depois de 127 anos de atendimento religioso, a Congregação Scalabriniana deixou a administração da referida paróquia.⁵⁴⁷ Porém, esses são apontamentos de como e onde posso continuar a minha investigação histórica a respeito da vida desse missionário católico italiano que atuou no Sul do Brasil, ali morreu, mas que está vivo em muitas memórias.

⁵⁴⁵ Acervo do autor.

⁵⁴⁶ RADIN, Firléia Guadagnin. Op. Cit., p. 6.

⁵⁴⁷ Cf. <https://www.diocesedecaxias.org.br/noticias/paroquia-de-nova-bassano-se-despede-dos-padres-carlistas-scalabrinianos-apos-127-anos-de-missao>, visitado em 21/05/2025.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais do que tentar expor alguma conclusão, apresentarei somente os caminhos que a condução e a operação da presente investigação histórico-biográfica me levaram. Por meio da microanálise foi possível acessar uma pluralidade de percursos e vislumbrar uma infinidade de detalhes, tanto da vida do padre Pietro Colbacchini como dos contextos que cercaram as suas trajetórias. Esses, porém, ao se multiplicarem demonstraram a impossibilidade de esgotar o tema e alcançar a completude do sujeito, muito menos do grande fenômeno da e/imigração italiana, ainda mais porque, ambos persistem em ecoar ainda no presente. Desde o início eu tinha essa consciência e, defendendo que nenhum estudo biográfico é capaz de atingir tal proeza, seja em relação a um indivíduo, grupo social ou acontecimento histórico. Afirmar o contrário seria cair na ilusão biográfica descrita por Bourdieu (2006).

No entanto, depois de experimentar esse caminho, defendendo que a escrita biográfica é uma das mais fecundas formas para se acessar contextos históricos, sejam eles micros ou macros, já que todo e qualquer indivíduo não vive isolado, mas sim em sociedade. Na realidade todo grande acontecimento contém em si pequenos fatos e ações individuais, como também todo pequeno evento e indivíduo estão inseridos em macro fenômenos sociais. Por isso, na esteira do que escreveu Revel (1998) e, sobretudo, baseado na experiência que tive com a presente pesquisa, afirmo que o estudo microanalítico, por meio da variação de escalas, é o que melhor permite compreender as agências dos indivíduos em sociedade e, como elas produzem história.

Seguindo as pegadas de Ginzburg e Poni (1989), usei da marca mais individual de um sujeito, o seu nome próprio, Pietro Colbacchini, para construir sua biografia dentro dos diferentes contextos sociais que ele participou. Ao encontrar seu nome no ambiente familiar e social da comuna de Bassano Veneto, onde nasceu e foi criado, foi possível perceber como se deu a construção do seu sentimento de pertença étnica. Assim como, fazer uma leitura do mesmo em documentos que remetem à fase de seus estudos e formação eclesiástica permitiu acessar como se desenvolveu a sua firme adesão pelo discurso e prática do catolicismo ultramontano. Por sua vez, ao se deparar com ele diante do avanço da grande emigração em sua região, esse forneceu as informações necessárias para se analisar como e o porquê ele se transformou em missionário em favor dos seus conterrâneos no Brasil.

A cada parada para ler um documento e, conseqüentemente, examinar um universo microsocial no qual Colbacchini esteve inserido, ao seu nome pude acrescentar novos

elementos que marcaram a sua construção: Pietro Colbacchini virou Bassanese, Vicentino, Veneto, Italiano, Religioso, Seminarista, Jesuíta, Intransigente, Ultramontano, Padre, Sacerdote, Escritor, Pároco, Missionário, Pregador, Imigrante, etc. Assim, à primeira marca mais individual, o nome, foram sendo acrescentados outros signos que ao mesmo tempo em que aumentavam a sua individualidade, o tornavam plural e múltiplo. Isso se deu porque, cada adjetivo acrescentado ao seu nome representava um contexto no qual ele estava inserido. Cada nova marca fazia referência a um novo microuniverso social.

Exatamente por isso, quanto mais avancei na pesquisa, mais admiti que não se podia encaixar o indivíduo num único modelo. Por exemplo, não existe uma data fixa que me permite afirmar que ele se tornou um scalabriniano definitivamente, ainda que durante a trajetória eu tenha encontrado o dia que ele emitiu esses votos. Afirmo isso, pois ao se comportar mais como um jesuíta do que um membro da sua própria congregação religiosa, ele o era mesmo não sendo, ao mesmo tempo em que era ambos. Ao ser considerado como esse indivíduo múltiplo, as características adquiridas ao decorrer de suas trajetórias adentravam o campo uma das outras. Nesse sentido, cada singularidade revelada pelo sujeito investigado no desenrolar da narrativa de sua vida era carregada também de uma pluralidade que a primeira vista estava escondida, mas que podia ser aprofundada e analisada. Cada singularidade se tornou a ponta de um “iceberg”, na qual a parte visível escondia outra maior que estava submersa.

Foram essas marcas pessoais feitas de singularidades e pluralidades, na superfície e submersas, que analisadas paralelamente umas às outras, possibilitaram a construção da minha narrativa sobre as trajetórias do sujeito investigado. Por meio delas eu pude compreender, e espero que também o leitor o faça, quem era o indivíduo, o que e porque fez, quando, onde e como operou suas agências. Certamente, as respostas também serão no plural. Ou seja, quais foram os “eus” atrelados ao nome próprio que determinaram essa ou aquela ação presente numa determinada trajetória. Foi essa multiplicidade e infinidade de *alter egos* que confirmaram o valor biográfico do sujeito investigado, conforme postulado por Arfuch (2010).

Ao não se fixar em uma única subjetividade, Colbacchini afastou-se do modelo pronto e acabado, e isto lhe conferiu particularidades que ao serem narradas permitiram acessar variados contextos históricos e sociais. O fato de não se encaixar totalmente nos grupos sociais nos quais se inseria fez dele uma congregação de um homem só. Não foi por acaso que ao chegar ao Brasil pela primeira vez ele procurou criar o seu próprio instituto religioso para

prestar assistência espiritual aos imigrantes italianos. Da mesma forma, isso explica porque ele não conseguiu arregimentar membros para este projeto. Mais tarde, ao analisar como ele se comportou de forma independente, autoritária e insubordinada ao ser superior local de uma pequena comunidade religiosa, consegue-se muitas explicações para essas indagações anteriores.

Por meio desse exemplo, quero inferir que não se pode decifrar um acontecimento micro sem as idas e vindas da lente, ou seja, sem os jogos e variações de escalas. Sobretudo, em um estudo histórico biográfico seria um erro interpretar um pequeno evento provocado pelo indivíduo sem afastar o foco, como estaria equivocado interpretar toda uma vida sem focar nos minúsculos detalhes. Portanto, penso que a forma de escrever e ler uma biografia não devem se apoiar na linearidade dos fatos, mas sim no todo, onde uma fase posterior explica o que se deu nas que a antecederam, que por sua vez é explicada pelas demais, e assim por diante e vice-versa. Isso porque, o sujeito histórico é composto de fragmentos que se espalham, mas não se desintegram no tempo e no espaço. Colbacchini é o mesmo, porém também já é outro, do que nasce em Bassano Veneto, morre em Nova Bassano e, posteriormente, é rememorado em ambas, além do que foi em vários outros lugares onde passou, e todas essas fases estão conectadas. Numa narrativa biográfica comprometida com a historiografia é impossível uma fase excluir a outra.

Essa operação historiográfica, além de revelar a multiplicidade do indivíduo biografado, proporcionou verificar a sua inserção e a análise nos muitos contextos por ele acessados em suas trajetórias. No caso de Colbacchini, em um primeiro momento, essa metodologia permitiu: investigar como era a sociedade clerical existente na Diocese de Vicenza na segunda metade do século XIX; como se deu o despertar do desejo de emigrar na Zona Bassanese; quais foram e como se formaram as primeiras redes de emigração; qual foi o papel do clero e que influência o padre teve na decisão de emigrar; que tipo de catolicismo estava incutido na sociedade de origem; quais eram as diferentes estratégias familiares inseridas neste fenômeno; etc.

Acredito que dessa forma, consegui superar o desafio biográfico a que me propus que foi o de escrever uma história de vida em meio aos seus múltiplos contextos, aquela mais próxima da idade hermenêutica sugerida por Dosse (2009). Defendo que esse deve ser o papel da biografia na historiografia, na qual trajetórias de vida devem ser escritas não para servir de modelo ou serem engrandecidas, o que o autor citado denomina de idade heróica, mas sim

para acessar as singularidades dos indivíduos que formaram os diferentes tipos de sociedade no espaço e no tempo.

Creio ter alcançado essas particularidades ao evidenciar os diferentes projetos das famílias e/imigrantes, dos padres que as acompanharam e das redes que se formaram durante o fenômeno. Ao mesmo tempo, que foi possível elencar individualidades, elas se revelaram concatenadas, por meio de intersubjetividades que as costuravam. Ao procurar dar essa atenção para a coletividade, busquei não deixar o fio condutor de lado, muito pelo contrário ele estava sempre ali presente, pois aquele era o seu contexto. Mesmo ao tratar de outros personagens durante a narrativa, o fiz sabendo que pertenciam ao mesmo universo social e histórico de Colbacchini.

Cito como exemplo a formação do primeiro grupo que emigrou na região de Bassano, que como apresentei se formou entorno da figura do padre Angelo Cavalli que assumiu a condição de agente de emigração. Por sua vez, este representante do baixo clero tomou a iniciativa, pois foi motivado pelo projeto familiar de se dirigir para a América. O anseio da sua família, que despertou sua agência, foi capaz de criar um grande grupo formado por relações de parentesco e de vizinhança. E este se reuniu em torno do líder religioso e ao migrar serviu de exemplo para outros núcleos familiares da região, formando ali uma rede de e/imigração. Assim como com a coletividade, mesmo que não diretamente, o exemplo individual do referido padre reascendeu o desejo que Pietro Colbacchini possuía de se fazer missionário em favor dos seus conterrâneos. Ou seja, movimentos individuais e grupais que aconteceram paralelamente, se ligaram e se cruzaram, inserindo os sacerdotes e os arredores de Bassano Vêneto na história deste grande fenômeno migratório.

Nesse sentido, procurei me distanciar também da idade modal, a qual Dosse caracteriza como sendo aquela em que o biografado é visto só na sua individualidade e, conseqüentemente, um único contexto social é apresentado. Como apontei no início, Colbacchini não era um camponês, mas sim membro de uma família burguesa que vivia num ambiente diferente da maioria dos e/imigrantes, inclusive dos representantes do baixo clero. Mas fixar a narrativa a respeito do sacerdote somente no seu contexto burguês e urbano seria um erro, pois estaria afirmando que ele viveu em um universo a parte, e que a sociedade é capaz de ser isolada, homogênea e estática. Mas não, mesmo que a distância, num primeiro momento, a sociedade era a mesma, formada por burgueses e camponeses, e o bassanese era influenciado pelo que estava acontecendo com todos os que viviam ao seu redor. Tanto é

verdade que, ele desejou fazer, e fez parte do fenômeno histórico que estes últimos vivenciaram.

Nessa direção, defendo que o sacerdote biografado foi um homem ‘normal’ de seu tempo, fruto da maneira como foi constituído pelos seus contextos familiares e sociais, nada havendo de excepcional. A excepcionalidade está presente sim, mas na sua normalidade, e foi percebida pela sua mobilidade, que transferida para a narrativa não enraizou o sujeito neste ou naquele contexto, mas sim o acompanhou em suas trajetórias que perpassaram vários espaços e sociabilidades.

Na narrativa, procurei seguir os passos do biografado sem colocá-lo em caixas isoladas, mas sim busquei deixar as entradas e saídas sempre abertas para que ele a conduzisse. Tanto que características assumidas nas suas vivências anteriores sempre ressurgiram de maneira natural e não foram forçadas. A veneticidade, por exemplo, se aflorou naturalmente na fase em que ele viveu perante a alteridade, que se deu ao chegar ao Brasil e ser colocado em meio a imigrantes italianos de origem tiroleza e mantovana na fazenda de Monte Serrat em São Paulo.

Da mesma forma, que o contato com o clero brasileiro fez com que ele reforçasse o seu discurso ultramontano e romanizado adquirido no Veneto. Assim como, ao ver a maneira como os brasileiros praticavam a fé católica o fez reivindicar a superioridade do catolicismo italiano. Essas portas de entrada e saída não foram fechadas, nem por mim e muito menos pelo personagem, Colbacchini as acessava no momento em que achava oportuno. Foi ele e os grupos sociais nos quais se inseriu que verdadeiramente conduziram a narrativa de sua biografia aqui escrita.

Tanto que num primeiro momento, como escrevi, incentivou o padre Francesco Bonato a emigrar com toda a sua família. Depois o criticava por ter feito exatamente isso, a ponto de conseguir vetar a sua entrada na congregação dos padres scalabrinianos. Posteriormente, procurou novamente se aproximar de Bonato para intervir na condução espiritual dos imigrantes italianos estabelecidos nas colônias dos arredores de Curitiba. Ações contraditórias para um mesmo indivíduo, mas que ao mesmo tempo fizeram todo o sentido ao acessar a mentalidade e as razões que o biografado possuía.

Essas mudanças repentinas, e por vezes contraditórias, presentes nas trajetórias do sacerdote bassanese, indicaram como de fato ele foi composto de fragmentos que emergiam conforme a necessidade imposta pelas situações que ele vivia. Ao conduzir a narrativa por meio desses detalhes que apareciam na superfície de cada contexto, ela revelou as

subjetividades de Colbacchini, que sempre esteve longe de ser um herói petrificado, mas nem por isso também, um potro indomável como ele classificou a si mesmo em uma de suas missivas. No entanto, em alguns momentos de suas vivências ou memórias esses adjetivos lhe caíram perfeitamente.

A esse ponto, quero inferir que todos, e qualquer um desses fragmentos, que emergiram das fontes, fizeram sentido para a escrita das trajetórias vividas pelo padre Pietro Colbacchini. Procurei usar e me valer de todos eles, pois foram encarados como os biografemas descritos por Barthes (1990), pormenores e detalhes que vieram a preencher os espaços antes vazios da narrativa. Cada um desses elementos biografemáticos me conduziram para uma experiência específica de sua vida.

Ao mesmo tempo em que, eu sabia que um pormenor não dizia sobre tudo, tinha a consciência que ele podia dizer tudo sobre alguma das vivências do investigado. Assim, cada um deles foi usado para abrir e preencher lacunas, processo que de forma continuada construiu a presente biografia. Por vezes a lacuna aberta por um fragmento era completada por outro, já em outras o vazio perdurou. Mas mesmo o vazio explicava algo, como exemplo o tempo que ficou sem escrever durante a permanência na fazenda paulista de Monte Serrat. Ou as diferenças numéricas das produções de suas missivas enviadas ao decorrer dos anos. Todos os detalhes, visíveis e invisíveis, escritos ou nas entrelinhas, revelavam algo.

Ainda sobre as fontes, gostaria de afirmar a importância de ter me apoiado em um grande número e tipos de documentação. Mas, não posso negligenciar que as produções do próprio biografado foram as que mais me forneceram informações, em certa medida porque elas funcionaram como uma espécie de escritos autobiográficos, já que revelaram as preocupações e agências do indivíduo investigado no momento em que elas eram elaboradas. Sobretudo, a produção epistolar produzida por Colbacchini entre os anos de 1886 e 1901, que correspondem o seu envolvimento com as regiões de colonização italiana no Brasil, foram de suma importância. Por meio delas acessei os conflitos internos e externos vividos pelo sacerdote. Entre os embates exteriores acessados posso elencar as disputas com os clérigos brasileiros, os enfrentamentos com os italianos nacionalistas; os desentendimentos com os colegas de congregação. as práticas discursivas para tentar incutir o catolicismo ultramontano nos colonos italianos instalados em terras brasileiras e as diferenças com o Bispo Giovanni Battista Scalabrini.

Procurei dar voz, tanto para as vozes de Colbacchini como para aquelas dos demais personagens que integraram os diferentes contextos nos quais ele se inseriu, formando uma

biografia coral como a indicada por Loriga (1998). Assim, ao escrever a história de vida do padre espero ter escrito também um pouco da história da emigração vêneta, assim como da imigração italiana no Brasil e, conseqüentemente, dos seus diversos protagonistas. Ao contemplar os três estados brasileiros nos quais o sacerdote atuou, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, foi possível perceber como eles participaram do mesmo fenômeno, porém cada um com a sua particularidade. Ao elencar as redes de e/imigração, que existiram em cada um deles, pretendi demonstrar que existiram tanto proximidades como enormes diferenças entre os três. No entanto, o religioso investigado, com suas trajetórias conseguiu ainda mais reforçar as ligações e aumentar as distâncias.

Por certo, algumas lacunas permaneceram vazias, como exemplo a atuação que o missionário teve como inspetor escolar, ou então, seu papel na atração de outras congregações religiosas para as colônias, para a criação de instituições educacionais e para a vinda de religiosos para atuar no ensino formal dos descendentes dos imigrantes italianos. Porém, essas brechas, e tantas outras, devem ser encaradas como temáticas para o desenvolvimento de novas pesquisas sobre o assunto.

Por fim, por meio das narrativas, presentes nos lugares de rememoração apresentados, compostas por espaços físicos, escritos, monumentos e lembranças, que também integram o espaço biográfico formado pelo personagem histórico, foi possível perceber o valor de sua atuação no processo imigratório dos italianos no Brasil, devido ao intenso envolvimento que o sujeito teve em diversos âmbitos de organização das colônias da referida etnia. Considero que a última parte do trabalho indicou como foi possível iniciar a pesquisa do percurso biográfico do missionário valendo-me das memórias construídas sobre ele.

Ao partir desses biografemas, constituídos pelos vestígios presentes nos lugares de memória e suas diferentes interpretações, acabei confirmando o quanto e como Colbacchini, que é representado de forma fragmentada, pode ter sua história de vida narrada. Memórias e lugares de memória me levaram aos fragmentos que me proporcionaram a produção da história biográfica, que por fim me reconduziram aos primeiros. Formou-se um ciclo dialético composto de memórias, fragmentos e história.

Penso que foi meu dever, enquanto alguém que experimentava ser um historiador biógrafo e, conseqüentemente, estar no papel de narrador, operar a coleta e a costura desses retalhos da vida do sujeito investigado. Isso porque o indivíduo que se constituiu no objeto de pesquisa, como procurei demonstrar aqui, é categorizado por uma infinidade de adjetivos, dos quais muitas vezes só alguns são facilmente visíveis, ao serem indicados pelos vários grupos e

redes sociais com os quais o mesmo interagiu e pelos diversos lugares onde passou. Nas palavras de Barthes (2010) o historiador, enquanto narrador e biógrafo, assume a função de um amigo que recolhe pedaços do indivíduo biografado e o entrega para o deleite do leitor. Espero ter cumprido com esse papel.

Entre os adjetivos biografemáticos que apareceram nas fontes, bibliografias memorialísticas e lugares de memória consultados, dos quais boa parte foi analisada, pude incluir os seguintes: padre secular, padre scalabriniano, missionário apostólico, sacerdote, jesuíta, superior, conservador, ultramontano, romanizador, representante pontifício, intransigente, antiliberal, antinacionalista, vicentino, vêneto, italiano, alpino, camponês, sentinela, uma lenda, ponto de referência, conselheiro, amigo, orientador, escritor, mediador, fundador, inspetor escolar, pintor, decorador, construtor, arquiteto, imprudente, autoritário, arbitrário, testardo, encenqueiro, etnocêntrico, racista, crítico, ave notívaga, inimigo dos napolitanos, guardião da fé, etc. Um ser múltiplo, que de fato clamou por uma biografia coral, nos moldes apresentados por Loriga (1998).

Essas características, positivas e negativas, antagônicas e protagônicas, atribuídas a personagem histórica investigada, que emergiram das fontes como verdadeiros biografemas, foram fragmentos da história e da memória, que enquanto lugares físicos e simbólicos, revelaram a multiplicidade de identidades existente na unicidade do referido sacerdote, apontando para um processo de construção de uma subjetividade individual que defini como “*a persona grata et non grata* de padre Pietro Colbacchini”.

Portanto, busquei demonstrar e defender como a escrita da história, especificamente da história biográfica, é útil para o estudo e a produção do conhecimento sobre fenômenos macros como o da grande e/imigração italiana do final do século XIX. Da mesma forma, apresentei a funcionalidade que a memória biográfica tem para a história, e como a escrita da história de uma vida contribui com a manutenção dessa memória, formando um processo dialético de produção do conhecimento histórico.

REFERÊNCIAS

- ALTOÉ, Valeriano. Napolitanos “nuvens de gafanhotos”? In: DE BONI, Luis Alberto (Org.). **A presença italiana no Brasil**. Vol. III. Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996.
- ALVIM, Zuleika. **Brava Gente! Os italianos em São Paulo (1870-1920)**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: os dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- AZZI, Riolando. **A Igreja e os migrantes. V.1. A imigração italiana e os primórdios da obra escalabriniana no Brasil, 1884-1904**. São Paulo: Paulinas, 1987.
- _____. Fé e italianidade: a atuação dos Escalabrinianos e dos Salesianos junto aos imigrantes. In: DE BONI, Luiz A. (Org.). **A presença italiana no Brasil, Vol. 2**. Porto Alegre: EST, 1990.
- _____. O catolicismo de imigração. In: DREHER, Martin N. (Org.). **Imigrações e História da Igreja no Brasil**. Aparecida: Editora Santuário, 1993.
- BALDIN, Marco Antônio. **O pacificador beligerante: Alberto José Gonçalves um padre na política paranaense da 1ª República (1892-1896)**. Dissertação (Mestrado em História) – Unesp, Franca, 2006.
- BALHANA, Altiva Pilatti. **Santa Felicidade: um processo de assimilação**. Curitiba: João Haupt & CIA, 1958.
- _____.; MACHADO, Brasil P. e WESTPHALEN, Cecília M. **História do Paraná**. 1º vol. Curitiba: GRAFIPAR, 1969.
- _____. **Santa Felicidade, uma paróquia vêneta no Brasil**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1978.
- BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loyola**. Trad. de Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BAILY, Samuel S. “La cadena migratoria de los italianos en la Argentina”. (1985) In: BOUCAULT, Carlos Eduardo de Abreu & MALATIAN, Teresa. **Políticas migratórias: fronteiras dos direitos humanos no século XXI**. Rio de Janeiro/São Paulo: Renovar, 2003.
- BIASOLI, Vitor O. F. **O catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria (1870/1920)**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2010.
- BONI, Luis Alberto de. O catolicismo de imigração: do triunfo à crise. In: **RS - Imigração & Colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- BORGES, Vavy Pacheco. Fontes Biográficas: Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BORIN, Rino. **Ricerche storiche sulla comunità di SS. Trinità di Angarano**. Bassano del Grappa: Parrocchia SS. Trinità d'Angarano, 1981.

BOSCHILIA, Roseli. **Boletim Informativo da Casa Romário Martins. Cores da cidade: Riachuelo e Generoso Marques**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 23, n.110, mar. 1996.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína (org). **Usos & abusos da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.

CANDAU, Joël. **Antropologia da memória**; tradução Miriam Lopes. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

CARNEIRO, Deivy; KARSBURG, Alexandre; VENDRAME, Máira Ines. (Org.s). **Práticas de micro-história: diversidade de temas e objetos de um método historiográfico**. São Leopoldo: Oikos, 2022.

CARVALHO, Nilson Cardoso de. A sede da Fazenda Monte Serrate no Município de Itupeva. In: **Revista Abrasp**, nº 4, p.76. Disponível em http://www.asbrap.org.br/documentos/revistas/rev4_art3.pdf. Visitado em 13 de julho de 2024.

CAVANHA, Jussara Nena. **Colônia Alessandra**. Curitiba: Progressiva, 2012.

CECCON, Oswaldo. **Quarteirão dos Veados**. Curitiba: Ciranda, 1987.

CEVA, Mariela. Los mediadores religiosos em la inmigración de trabajadores friulanos a Villa Flandria em la Segunda Posguerra. In: BERNACONI, A.; FRID, C. **De la Europa a las Américas: dirigentes y liderazgos (1880-1960)**. Buenos Aires: Biblos, 2006.

CHARTIER, Roger. **Origens culturais da Revolução Francesa**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CISOTTO, Gianni A. (Org.). **La visita pastorale di Giovanni Antonio Farina nella Diocese di Vicenza (1864-1871)**. Roma: Edizione di Storia e Letteratura, 1977.

CONSTANTINO, Núncia Santoro. **O italiano da esquina: imigrantes meridionais na sociedade porto-alegrense**. Porto Alegre: EST Edições, 2008.

CROCI, Federico. O chamado das cartas: migrações, cultura e identidade nas cartas de chamada dos italianos no Brasil. **Locus: Revista de História**. Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p. 13-39, 2008.

CROCI, Federico. As cartas de chamada: vestígios das redes sociais e familiares transnacionais. In: CARNEIRO, Maria Luiz Tucci; CROCI, Federico; FRANZINA, Emilio (Org.). **História do trabalho e histórias da imigração: trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil**. (séculos XIX e XX). São Paulo: Edusp/Fapesp, 2010.

CUCCHINI, Chiara. **A proposito di agenti di emigrazione: la vicenda di Don Angelo Cavalli – Parroco, agente ed emigrante (1872 – 1879)**. (Tesi di Laurea). Università di Padova, 1996.

CUNHA, Karine Marielly Rocha da; MOTIN, Mara Francieli; GABARDO, Diego; MACHIOSKI, Fábio Luiz. **Imigração vêneta, cultura e língua de herança: o Talian em Colombo-Paraná**. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2023.

DAL MOLIN, Gabriel. **A Sociedade da Capela: Trabalho, fé e educação no povoado de Rodeio (1883-1904)**. Blumenau: Edifurb, 2020.

DEVOTO, Fernando. Prólogo. In: BERNACONI, A.; FRID, C. **De la Europa a las Américas: dirigentes y liderazgos (1880-1960)**. Buenos Aires: Biblos, 2006.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Unesp, 2009.

FEDALTO, Pedro. **O centenário da colônia Antônio Rebouças**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1978.

FERRARINI, Sebastião. **O município de Colombo**. Curitiba: Champagnat, 1992.

FERREIRA GULLAR. Corpo a Corpo com a Linguagem. **Coleção Mapa**. Editora: UEPG, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território e População: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRANCESCONI, Mario. **Storia della Congregazione Scalabriniana**. VOL. III (1888-1905). Roma: Centro Studi Emigrazioni, 1973.

_____. **Giovanni Battista Scalabrini: vescovo di Piacenza e degli emigrati**. Roma: Città Nuova Editrice, 1985.

FRANZINA, Emilio. **MERICA! MERICA! Emigrazione e Colonizzazione nelle lettere dei contadini veneti e friulani in America Latina, 1876-1902**. Verona: Cierre Edizioni, 2000.

_____. **Storia dell'emigrazione veneta: Dall'unità al fascismo**. Verona: Cierre Edizione, 2005.

_____. **A grande emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

GEREMIA & VIVIAN, Pes. Mário & Ervino. **Santa Felicidade – Curitiba, o início de uma bela história**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989.

GOOCH, John. **A unificação italiana**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

GROSSELI, Renzo Maria. **Dove cresce l'araucaria: dal Primiero a Novo Tirol**. Trento: Effe e Erre, 1985.

_____. **Vencer ou morrer: camponeses Trentinos (Vênetos e Lombardos) nas florestas brasileiras**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987.

GUIZZARDI, Laurindo. **Nova Bassano: das origens ao raiair do século XX**. Caxias do Sul: EDUCS, 1992.

HEREDIA, Vania Beatriz Merlotti. Trajetórias cruzadas: a experiência dos emigrantes italianos no Sul do Brasil. In: **História Unisinos**, Vol. 21, nº 2, Maio/Agosto, 2017, p. 270-277.

HUTTER, Luci Maffei. **Imigração italiana em São Paulo (1880 –1889)**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros – USP, 1972.

JONARD, Norbert. **A Vida Quotidiana em Veneza no Século XVIII**. Lisboa: Livros do Brasil, s/d.

KÜNG, Hans. **A Igreja Católica**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

LAZZARINI, Antonio. **Campagne venete ed emigrazione di massa (1866-1900)**. Vicenza: Istituto per le ricerche di storia sociale e di storia religiosa, 1981.

LEITE, José. S.J. **Santos de cada dia**. Vol. II. Braga, Portugal: Editorial A.O., 1987.

LORENZONI, Júlio. **Memórias de um Imigrante Italiano**. Porto Alegre: Sulina, 1975.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP, nº 17, 1998.

MACHIOSKI, Fábio Luiz. **A preservação da identidade cultural em grupo imigrante italiano: o Curato de Colombo, Paraná, 1888-1910**. Monografia (Graduação em História) – UFPR, Curitiba, 2004.

_____. **A prática da religião católica e a preservação da identidade étnica italiana no Município de Colombo, Paraná, 1878-2008**. Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural) – UTP, Curitiba, 2008.

_____. **Uma luta ultramontana: o discurso do padre Pietro Colbacchini e o forjar da identidade dos imigrantes italianos em Curitiba no final do século XIX (1886-1901)**. Dissertação (Mestrado em História) – UFPR. Curitiba, 2018.

_____. As trajetórias de Savino Tripoti e Pietro Colbacchini: protagonistas dos (des)caminhos da Imigração Italiana no Paraná. In: **Anais do 31º Simpósio Nacional de História: história, verdade e tecnologia**. /São Paulo: ANPUH-Brasil, 2021.

https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628799596_ARQUIVO_b1c204db86715c0a8158e6eb6f28fea3.pdf

_____; GABARDO, Diego. **Colaborador ou Protagonista? A Trajetória de Padre Francesco Bonato junto aos E/Imigrantes Italianos do Vêneto (1853-1913)**. In: Aedos, Porto Alegre, v. 12, n. 27, março 2021.

MARTINS, Romário. **Quantos somos e quem somos: dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná**. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1941.

_____. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

MASCHIO, Elaine Cátia Falcade. **A escolarização dos imigrantes e de seus descendentes nas colônias italianas de Curitiba, entre táticas e estratégias de italianità e brasilità (1875 – 1930)**. Tese (Doutorado em Educação) - UFPR, Curitiba, 2012.

_____. (Org.). **Memórias de uma Colônia Italiana: Colombo-Paraná (1878-2013)**. Porto Alegre: EST Edições, 2013.

MOLETTA, Susete. **Da Itália para o Brasil**. Porto Alegre: EST, 2002

NADALIN, Sérgio Odilon. **Paraná: ocupação do território, população e migrações**. Curitiba: SEED, 2001.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP, nº 10, 1993.

OTTO, Clarícia. **Catolicidades e Italianidades: jogos de poder no Médio Vale do Itajaí-Açu e no Sul de Santa Catarina**. Tese (Doutorado em História) – UFSC, Florianópolis, 2005.

POSSAMAI, Paulo César. **“Dall’Italia siamo partiti: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945)**. Passo Fundo: UPF, 2004.

RADIN, Firléia Guadagnin. **Centenário da primeira missa em Nova Bassano**. Passo Fundo: Editora Pe. Berthier, 1996.

RAMELLA, Franco. “Por un uso fuerte del concepto de red en los estudios migratórios”. In: BJERG, M.; OTERO, H. (Org.). **Immigracion y redes sociales en la Argentina Moderna**. Tandil CEMLA-IEHS, 1995.

REATO, Ermenegildo. Presenza della Chiesa in Brasile. In: SABBATINI, Mario e FRANZINA, Emilio (Org.s). **I Veneti in Brasile nel centenario dell’emigrazione (1876-1976)**. Vicenza: Edizioni dell’Accademia Olimpica, 1977.

_____. **Il Pastore Vicentino: Beato Giovanni Antonio Farina**. Comunicação lida em 04 de março de 2002 no Odeio Olímpico em memória do “B. Mons. Giovanni A. Farina”. In: [https://sbn.regione.veneto.it/sebina/repository/catalogazione/immagini/33\)%20%20II%20past](https://sbn.regione.veneto.it/sebina/repository/catalogazione/immagini/33)%20%20II%20past)

[ore%20vicentino%20B.%20Giovanni%20A.%20Farina%20di%20Ermenegildo%20Reato..pdf](#)
f Visitado em 29 de junho de 2024.

REBELLATO, Franco. **Merica, Merica, Merica: “Basta de miseria!” La grande emigrazione veneta di fine ‘800 sulle trace del bassanese don Pietro Colbachini, missionario e fondatore di Nova Bassano, in Brasile**. Romano D’Ezzelino(VI): Grafiche Fantinato, 2018.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

_____. Micro-história, Macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15 n. 45 set./dez. 2010.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa 3**. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RIZZARDO, Redovino. **João Batista Scalabrini**. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

_____. **Raízes de um povo: missionários escalabrinianos e imigrantes italianos no Brasil (1888/1938)**. Passo Fundo: Gráfica e Editora P. Berthier, 1990.

SABBATINI, Mario & FRANZINA, Emilio (Org.s). **I Veneti in Brasile nel centenario dell’emigrazione (1876-1976)**. Edizioni Dell’Accademia Olimpica, Vicenza, 1977.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina**. Tradução de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1978.

SANI, Roberto. Catholicism, education and emigration: the Spiritual Guide of the Italian emigrant in America by the Scalabrinian priest Pietro Colbacchini. In: **History of Education & Children’s Literature**, XIV, 2, 2019, pp. 263-283.

SANTOS, Roselys Izabel Correa dos. **A terra prometida: emigração italiana, mito e realidade**. 2ª Ed. Itajaí: Ed. da Univali, 1999.

SCARPIM, Fábio Augusto. **Bens simbólicos em laços de pertencimento: família, religiosidade e identidade étnica em um grupo de imigrantes italianos (Campo Largo-PR, 1878-1937)**. Dissertação (Mestrado em História) – UFPR, Curitiba, 2010.

_____. Um guia para a saúde do corpo e da alma: o ideal de catolicidade defendido pelo padre Pietro Colbacchini para as regiões de colonização italiana no Sul do Brasil. **Rever**, vol.15, nº1, Jan/Jun 2015.

_____. A atuação do missionário scalabriniano Pietro Colbacchini e o contronto entre catolicismo brasileiro e imigrantes no final do século XIX. In: **Anais Eletrônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História: lugares dos historiadores velhos problemas e novos desafios**. Florianópolis: Anpuh, 2015.

_____. **O mais belo florão da igreja: família e práticas de religiosidade em um grupo de imigrantes italianos (Campo Largo – Paraná, 1937-1965).** Tese (Doutorado em História) - UFPR, Curitiba, 2017.

SEIDL, Ernesto. Intérpretes da história e da cultura: carreiras religiosas e mediação cultural no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, **Anos 90**, v. 14, n. 16, 2007.

SIGNOR, Lice Maria. **João Batista Scalabrini e a Migração Italiana: um projeto sócio-pastoral.** Porto Alegre: Pallotti, 1986.

SOUZA, Wlaumir Doniseti de. **Anarquismo, Estado e pastoral do imigrante. Das disputas ideológicas pelo imigrante aos limites da ordem: O Caso Idalina.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. Imigração italiana e Igreja: ultramontanismo e neo-ultramontanismo. In: DREHER, Martin N. (Org.). **500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional.** Porto Alegre: Edições EST, 2002.

STAWINSKI, Alberto Vitor. **Dicionário do dialeto Vêneto Sul-Rio-Grandense-Português.** Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Caxias do Sul: Educus, 1987.

SUTIL, Marcelo. **Arquitetura Italiana na construção de Curitiba.** Curitiba: M.V. G. Meschino, 2006.

TERRAGNI, Giovanni. **Scalabrini e la congregazione dei missionari per gli emigrati.** Aspetti istituzionali 1887-1905. Roma: autorinediti, 2014.

_____. **P. Pietro Colbacchini con gli emigrati negli Stati di S. Paolo, Paraná e Rio Grande do Sul 1884-1901.** Corrispondenza e scritti. Napoli: Grafica Elettronica, 2016.

THONSOM, Alistair. Histórias (co)movedoras: História Oral e estudos da migração. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, 2002, pp. 341-342.

TOMAZ, Antonio. **Colônia Imperial Santa Maria do Novo Tirol da Boca da Serra: 120 anos de história: genealogia.** Curitiba: Editare, 1998.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico.** São Paulo: Nobel, 1988.

VALENTE, Silza Maria Pazello. **A presença rebelde na cidade sorriso: contribuição ao estudo do anarquismo em Curitiba, 1890-1920.** Londrina: Ed. UEL, 1997.

VENDRAME, Maíra Ines. **“Lá éramos servos, aqui somos senhores”: a organização dos imigrantes italianos na ex-Colônia Silveira Martins (1877-1914).** Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

_____. **O poder na aldeia: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre os camponeses italiano (Brasil-Itália).** São Leopoldo: Oikos; Porto Alegre: ANPUH-RS, 2016.

VILLA, Deliso. **La Valigia dell'Emigrante: L'emigrazione nell'area bassanese da Asiago alla Valsugana, da Marostica alla Pedemontana del Grappa, da Breganze a Sandrigo e Castelfranco**. Romano D'Ezzelino: Editrice La Valigia, 1999.

_____. **Storia Dimenticata – L'emigrazione italiana: il più grande esodo di un popolo nella storia moderna**. Porto Alegre: EST, 2002.

_____. Entrevista concedida a jornalista Anna Maria Zampieri Pan. In: **Rivista Realtà Vicentina**, Vicenza, novembre, 2005.

FONTES

A REPÚBLICA, nº 833, quinta-feira, 15 de dezembro de 1892.

A REPÚBLICA. Curitiba, 01 de agosto de 1894.

ASSENTO DE BATISMO DE PIETRO COLBACCHINI, número 91 do livro do ano de 1845. Archivio della Parrocchia Santíssima Trinità di Angarano em Bassano del Grappa.

Ata da instalação da Vila Colombo, 05 de fevereiro de 1890. Arquivo da Câmara Municipal de Colombo.

ATESTADO DE ÓBITO DE PADRE ANGELO CAVALLI, 29 de maio de 1879.

BARDIN a PONCE DE LEÃO, 01 novembro de 1894. Acervo do Archivio Generale Scalabriniano (AGS), Roma.

BONATO a SCALABRINI, 13 de janeiro de 1888.

BLANC a SCALABRINI, 04 de fevereiro de 1895.

BUSATO, José. Outubro de 1995. Centenário da Paróquia Nossa Senhora do Rosário. Colombo: Associazione Trevisani nel Mondo, 1995.

CARVALHO, Lino Deodato Rodrigues de. Portaria de Faculdades extraordinárias concedida ao Revmo. Pe. Alberto José Gonçalves, 16 de dezembro de 1890. In: Livro II de Registros da Vigararia Geral Forense, 1886 – 1890, Folha Avulsa. Arquivo da Cúria Metropolitana de Curitiba.

Carta de Dom José de Camargo Barros ao Internúncio Apostólico Monsenhor Gotti. Curitiba, 29 de março de 1895.

Carta de Pe. Alberto José Gonçalves ao Internúncio Apostólico Monsenhor Gotti. Curitiba, 06 de abril de 1895.

Catalogo della Seconda Classe 1858/1859 del Ginnasio Liceale Vescovile di Vicenza.

Catalogo della Terza Classe 1859/1860 del Ginnasio Liceale Vescovile di Vicenza.

COLBACCHINI, Luigi. Cenni sulla festa celebrata in Angarano di Bassano il 13 maggio 1855 in onore di Maria Vergine Immacolata. Bassano: co' tipi di Antonio Roberti, 1855. Acervo do Arquivo Público de Bassano del Grappa junto ao Museo Cívico de Bassano.

COLBACCHINI, Pietro. Canzonette per le nozze Colbacchini-Volpi. Bassano: Tipografia Roberti de Bassano, 1870.

COLBACCHINI, Pietro. Il vigneto razionale nel piano, insegnato al contadino: lezione quattro. Bassano: Tipografia Roberti, 1871.

COLBACCHINI, Pietro. Un'arnia razionale per divisione, presentata alla esposizione agricola industriale di Vicenza nell'autunno 1871. Bassano: Roberti, 1871

COLBACCHINI, Pietro. Saggio di riflessioni sulla vita della campagna. Bassano: Tipografia Roberti, 1873.

COLBACCHINI, Pietro. Parole lette davanti al cadavere del reverendissimo Monsignor Beniamino Maistri, arciprete di Angarano in Bassano, il dì 20 dicembre 1873, dal sacerdote Pietro Colbachini. Bassano: Tipografia Roberti, 1873.

COLBACCHINI, Pietro. Del Romanticismo moderno, osservazioni del sacerdote Pietro Colbacchini. Parma: Tipografia Vescovile Facciadori, 1879.

COLBACCHINI, Pietro. A. M. D. G. L'Addio ai miei parocchiani di Cereda. Vicenza: Tipografia di Giuseppe Staider, 1883.

COLBACCHINI, Pietro. Prospecto das Colônias Italianas do Paraná. 1888, ACSP.

COLBACCHINI, Pietro. Le condizione degli emigranti nello Stato del Paraná in Brasile. In: MACOLA, Ferruccio. "L'Europa alla conquista dell'America Latina", Venezia, Ongania, 1894.

COLBACCHINI, Pietro. Progetto di colonizzazione agricola (1895). In: La Società Italiana di fronte alle prime migrazione di massa". Centro di Studi Emigrazione, Roma, 1968, pp. 327-393

COLBACCHINI, Pietro. Giubileo Sacerdotale e Congedo dalle colonie del Paraná. Bassano: Tipografia Romano Silvestrini, 1894.

COLBACCHINI, Pietro. Guida spirituale per l'emigrato italiano nell'America. Milano: tipografia L. A. Bertarelli, 1896.

COLBACCHINI, Pietro. Promemoria, 1896.

COLBACCHINI a MANTESE, junho de 1886.

COLBACCHINI a MANTESE, 18 de fevereiro de 1887.

COLBACCHINI a MANTESE, 28 de fevereiro de 1887.

COLBACCHINI a MANTESE, 21 de agosto de 1887.

COLBACCHINI a BONATO, 1887.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 26 de outubro de 1887.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 26 de dezembro de 1887.

COLBACCHINI a MANTESE, 06 de março de 1888.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 10 de março de 1888.

COLBACCHINI a BONATO, 12 de abril de 1888.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 01 de maio de 1888.

COLBACCHINI a BONATO, 10 de maio de 1888.

COLBACCHINI a BONATO, 13 de maio de 1888.

COLBACCHINI a SPOLVERINI, 24 de maio de 1888.

COLBACCHINI a BONATO, 25 de maio de 1888.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 03 de julho de 1888.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 21 de agosto de 1888.

COLBACCHINI a ROLLERI, 19 de setembro de 1888.

COLBACCHINI a SPOLVERINI, 27 de novembro de 1888.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 15 de dezembro de 1888.

COLBACCHINI a ROLLERI, 30 de dezembro de 1888.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 11 de janeiro de 1889.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 24 de janeiro de 1889.

COLBACCHINI a ROLLERI, 06 de fevereiro de 1889.

COLBACCHINI a MOLINARI, 22 de maio de 1889.

COLBACCHINI a MOLINARI, 03 de junho de 1889.

COLBACCHINI a SPOLVERINI, 03 de junho de 1889.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 07 de junho de 1889.

COLBACCHINI a SPOLVERINI, 08 de junho de 1889.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 20 de junho de 1889.

COLBACCHINI a SPOLVERINI, junho de 1889.

COLBACCHINI a SPOLVERINI. Cinque anni di Missione agli Italiani nella Diocesi di S. Paolo e Paranà in Brasile, 1889.

COLBACCHINI a SPOLVERINI, 18 de junho de 1889.

COLBACCHINI a SPOLVERINI, 23 de junho de 1889.

COLBACCHINI a ROLLERI, 15 de julho de 1889.

COLBACCHINI a SPOLVERINI, 23 de agosto de 1889.

COLBACCHINI a ROLLERI, 12 de setembro de 1889.

COLBACCHINI a SCALABRINI, Outubro de 1889.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 21 de novembro de 1889.

COLBACCHINI a SPOLVERINI, 23 de novembro de 1889.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 22 de fevereiro de 1890.

COLBACCHINI a SPOLVERINI, 26 de maio de 1890.

COLBACCHINI a SPOLVERINI, junho de 1890.

COLBACCHINI a SPOLVERINI, 21 de julho de 1890.

COLBACCHINI a BONATO, 23 de agosto de 1890.

COLBACCHINI a ROLLERI, 12 de janeiro de 1891.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 07 de fevereiro de 1891.

COLBACCHINI a SPOLVERINI, 10 de março de 1891.

COLBACCHINI a RAMPOLLA, 11 de março de 1891.

COLBACCHINI a SPOLVERINI, 8 de setembro de 1891.

COLBACCHINI a SIMEONI, 25 de outubro de 1891.

COLBACCHINI a COCCHIA, 6 de novembro de 1891.

COLBACCHINI a VOLPI LANDI, 13 de outubro de 1892.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 21 de maio de 1894.

COLBACCHINI a SCALABRINI, meados de 1894.

COLBACCHINI a SCALABRINI, agosto de 1894.

COLBACCHINI a BONATO, final de agosto de 1894.

COLBACCHINI a BONATO, 01 de setembro de 1894.

COLBACCHINI a RAMPOLLA, 08 de setembro de 1894.

COLBACCHINI a SECRETARIA DE ASSUNTOS ECLESIASTICOS
EXTRAORDINÁRIOS, 19 de setembro de 1894.

COLBACCHINI a BONATO, 20 de setembro de 1894.

COLBACCHINI a SCALABRINI, final de setembro de 1894.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 11 de janeiro de 1895.

COLBACCHINI a BONATO, 20 de abril de 1895.

COLBACCHINI a MOLINARI, 14 de outubro de 1895.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 15 de fevereiro de 1896.

COLBACCHINI a SCALABRINI, Pentecostes de 1896.

COLBACCHINI a CAVAGNIS, 14 de Agosto de 1896.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 02 de outubro de 1896.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 18 de outubro de 1896.

COLBACCHINI a BONATO, 20 de outubro de 1896.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 24 de novembro de 1896.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 09 de dezembro de 1896.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 16 de fevereiro de 1897.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 28 de maio de 1898.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 02 de janeiro de 1899.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 15 de maio de 1899.

COLBACCHINI a CONSONI, 05 de maio de 1900.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 05 de maio de 1900.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 23 de outubro de 1900.

COLBACCHINI a CAVAGNIS, 24 de outubro de 1900.

COLBACCHINI a ROLLERI, janeiro de 1901.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 26 de janeiro de 1901.

COLBACCHINI ao Ministro do Exterior Italiano Senador ANTONIO BLANC, 1895.

COLONOS a DOM CLÁUDIO J. P. de LEÃO, 1º de novembro de 1894. Acervo do Archivio Generale Scalabriniano (AGS), Roma.

COLONOS a SCALABRINI, 28 de agosto de 1895. Acervo do Archivio Generale Scalabriniano (AGS), Roma.

CORRESPONDÊNCIA OFICIAL DA PROVÍNCIA DO PARANÁ, 08 de dezembro de 1877. Ap. 517, doc. 97.

CORRESPONDÊNCIA OFICIAL DA PROVÍNCIA DO PARANÁ, Livro 567, 1879.

CORRESPONDÊNCIA OFICIAL DA PROVÍNCIA DO PARANÁ, Livro 588, 1879.

DEZENOVE DE DEZEMBRO. Curitiba, 17 de Novembro de 1877.

DEZENOVE DE DEZEMBRO. Curitiba, 5 de dezembro de 1877.

GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 16 de julho de 1883, nº 262.

GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 22 de setembro de 1883, nº 271.

GAZETA PARANAENSE, 13 de janeiro de 1887.

GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 30 de julho de 1887, nº168.

GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 11 de agosto de 1887, nº 178.

GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 21 de agosto de 1887, nº 186.

GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 25 de agosto de 1887, nº 189.

GHIANDONI, Candido. Memorie del Brasile. Vol I – An. 1910 – 1915. Manuscrito. 1952.

GORLIN, Madre Lucia. Memórias. Acervo do Archivio Generale Scalabriniano (AGS), Roma, s/d.

GOTTI a RAMPOLLA, 10 de maio de 1895.

IL MISSIONARIO, 1951. Archivio Pubblico di Bassano del Grappa.

Informativo da Paróquia São José e Santa Felicidade. N. 63, novembro de 2018.

Jornal da Escola Estadual Padre Colbacchini. Novembro, 2011, nº 1, p. 3.

LA GAZZETA DI TREVISO. Treviso, 24-25 marzo 1885.

LASAGNA a CAGLIERO, 28 de agosto de 1884.

LASAGNA a CAGLIERO, 01 de janeiro de 1885.

Libro dei Nati di Oliero (Livro dos Nascidos em Oliero). Acervo da Parrocchia di S. Antonio Abate, 1847-1871.

Lista de matrícula dos membros da Sociedade Italiana Giuseppe Garibaldi, 20 de novembro de 1885.

LIVRO DE ASSENTOS DE MATRIMÔNIOS DE FEV./1885 a DEZ./1891. Arquivo da Paróquia Santo Antonio, Piracicaba. SÃO PAULO.

LIVRO DE REGISTRO DAS ENTRADAS DE IMIGRANTES NO PORTO DE PARANAGUÁ, nº 834. Arquivo Público do Paraná.

LIVRO DE MATRÍCULAS DOS IMIGRANTES ENTRADOS NO ALOJAMENTO PROVINCIAL EM SÃO PAULO. Memorial do Imigrante. Livro nº 07, p. 265, 1887.

LIVRO DE MATRÍCULAS DOS IMIGRANTES ENTRADOS NO ALOJAMENTO PROVINCIAL EM SÃO PAULO. Memorial do Imigrante. Livro nº 16, p. 105, 1888.

LOVATO a BRAGA, 14 de março de 1914. Arquivo da Cúria de Curitiba.

MARTINI, Pe. Giuseppe. Origem e desenvolvimento da colônia Santa Felicidade, Paraná. Santa Felicidade, 18 de março de 1908.

Memória de IR. LÚCIA GORLIN, 1904.

PORRINI, P. Carlo. Memórias sobre o Pe. Colbacchini. Acervo do Archivio Generale Scalabriniano (AGS), Roma, s/d.

PORRINI, Pe. Carlo. Um colono que viu o Pe. Colbachini chorar. Acervo do Archivio Generale Scalabriniano (AGS), Roma, s/d.

Portaria de 14 de fevereiro de 1888, referente à Capelania Italiana, transcrita no Livro 2 da Vigararia Geral Forense. Arquivo da Cúria Metropolitana de Curitiba.

Portarias de Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão, Porto Alegre, 27 de março de 1900. Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

RAMPOLLA a GOTTI, 12 de janeiro de 1895.

Relações de Passageiros embarcados em navios contratados por Joaquim Caetano Pinto.

Relatório do Presidente da Província Exm^o Sr. Dr. Manuel Pinto de Souza Dantas Filho apresentado à Assembléia Legislativa do Paraná no dia 4 de junho de 1879 pelo. Curityba: Typographia Perseverança, 1879.

SCALABRINI a GAMBERA, fevereiro de 1901.

SEGANFREDDO a MOLINARI, 09 de setembro de 1896. Acervo do Archivio Generale Scalabriniano (AGS), Roma, s/d.

SERRAGLIA a SCALABRINI, 17 de fevereiro de 1901.

TARNASSI a COLBACCHINI, 6 de outubro de 1894.

TRIPOTI, Savino. **Memorial de Savino Tripoti proprietário da Colônia Alessandra do Paraná.** Rio de Janeiro: Tip. de A. Marques & Cia., 1877.

ANEXOS

ANEXO I

QUADRO 6 – Grupo de famílias emigradas do distrito de Bassano e adjacências⁵⁴⁸

E/Imigrantes		Local de Origem	Chegada no Paraná
Chefe de família	Familiares		
1. ALBERTI, Giovanni Francesco	GIANESIN, Paola (mãe) ALBERTI, Maria (irmã)	CAMPESE	16 e 17/11/1877
2. ANDREATTA, Stefano	BROTTO , Maria Lugresia (esposa) ANDREATTA, Giovanni Gaspare (filho)	CAMPESE	16 e 17/11/1877
3. BEDIN CAVASSIN , Maria Luigia (Viúva)	BEDIN, Maria (filha) BEDIN, Antonio (filho) BEDIN, Pietro (filho) BEDIN, Sperandio (filho)	NOVE	16 e 17/11/1877
4. BERNARDI, Gioachini	TOSIN , Angela Giudita (esposa) BERNARDI, Paolo Giovanni (filho) BERNARDI, Antonio (filho) BERNARDI, Maria (Mattea) (filha) BERNARDI, Lucia (filha)	BASSANO VENETO	11/07/1877
5. BONATO, Antonio	TOSIN , Angela (esposa) BONATO, Caterian (filha) BONATO, Pietro (filho) BONATO, Rosa (filha) BONATO, Giuseppe (filho) BONATO, Pio (filho) BONATO, Maria	NOVE	16e17/11/1877

⁵⁴⁸ Tabela construída por meio do cruzamento das informações encontradas no livro de registro nº 834, do Arquivo Público do Paraná, que contém a relação das famílias italianas que desembarcaram em Paranaguá nos anos de 1877 e 1878, e nos livros de assentos de matrimônios das Paróquias de Colombo, Água Verde, Santa Felicidade e Umbará.

6. BONTORIN, Antonio (1º)	BOSA, Barbara (esposa) BONTORIN, Antonio (2º) (filho) PISTORELLO, Laura (nora) BONTORIN, Lucia Maria (neta) BONTORIN, Antonio (neto) BONTORIN, Giovanna (neta) BONTORIN, Giovanni (neto) BONTORIN, Francesco (filho) BONTORIN, Marco (filho)	ROMANO D'EZZELINO	16 e 17/11/1877 15/11/1877 “
7. BROTTTO, Giovanni Battista	ANDREATTA, Domenica Francesca (mãe) BROTTTO, Pierina (filha) BROTTTO, Antonia Benvenuta (filha) BROTTTO, Pietro Angelo (filho) BROTTTO, Angelo (filho) BROTTTO, Tecla (filha)	CAMPESE	16 e 17/11/1877
8. BUSATO Francesco	CAPELLARI, Eurosia (mãe) BERTOLIN , Cattarina (esposa) BUSATO, Antonio (filho) BUSATO, Rosa (filha) BUSATO, Maria Anna (filha)	NOVE	16 e 17/11/1877
9. CAVALLI, Don Angelo (padre-recrutador)	LAZZAROTTO , Antonia (mãe) CAVALLI, Liberale (irmão) CAVALLI, Antonia (irmã) CAVALLI, Domenico (irmão) CAVALLI, Girolamo (irmão) TOSIN , Giovanna (cunhada) CAVALLI, Felicità (sobrinha) CAVALLI, Antonia Maria (sobrinha) CAVALLI, Angelo Pio (sobrinho) CAVALLI, Maria (sobrinha)	VALSTAGNA e CAMPESE	16 e 17/11/1877
10. CAVALLI, Giovanni Battista (2º)	CECCON , Giovanna (esposa) CAVALLI, Giovanni (filho)	VALSTAGNA	01/11/1877

11. CAVALLI, Pietro	CECCON , Domenica (Esposa) CAVALLI, Anna (filha) CAVALLI, Girolamo (filho) CAVALLI, Pietro (filho) CAVALLI, Maria Antonia (filha) CAVALLI, Giovanni Battista (3º) (filho)	VALSTAGNA	16e17/11/1877 15/11/1877
12. CAVALLI, Francesco	COSTA , Rosa (esposa) CAVALLI, Simone Felice (filho) CAVALLI, Maria (filha)	VALSTAGNA	30/04/1878
13. CAVALLI, Giovanni Battista (1º)	COSTA , Elicena (esposa) CAVALLI, Maria Maddalena (filha) CAVALLI, Angelo (filho) CAVALLI, Giovanna (filha)	VALSTAGNA	30/04/1878
14. CAVASSIN, Pietro	BONATO , Angela (esposa) CAVASSIN, Elisabetta CAVASSIN, Giuseppe CAVASSIN, Bortolo CAVASSIN, Pia Romana CAVASSIN, Pellegrino Antonio	NOVE	16 e 17/11/1877
15. CECCON, Gasparo	RIZZON, Catterina (esposa) CECCON, Domenica (filha) CECCON, Catterina (filha) CECCON, Domenico (filho) MORO, Giovanna (nora) CECCON, Gaspare (neto) CECCON, Catterina (neta) CECCON, Giovanni (filho)	SAN NAZARIO	01/11/1877 15/11/1877
16. CECCON, Giovanni	CECCON, Gio Battista (irmão) MASCHIO , Giovanna Maschio (esposa) CECCON, Domenico (filho) CECCON, Valentino (filho) CECCON, Antonia (filha) CECCON, Giuseppe (filho) CECCON, Giovanni (filha)	SAN NAZARIO	16 e 17/11/1877
17. COSTA, Giuseppe	GNESOTO, Lugrezia Pellegrina (esposa) COSTA, Angelo (filho) COSTA, Gio Battista (filho)	VALSTAGNA	16 e 17/11/1877

18. COSTA, Gasparo	LAZZAROTTO , Pasqua COSTA, Giuseppe COSTA, Giovanni	VALSTAGNA	16e17/11/1877 15/11/1877
19. DALLA ZUANA, Pietro	DALLA ZUANA, Giuseppe (irmão) DALLA ZUANA, Francesco (irmão) STEFANI, Margherita (esposa) DALLA ZUANA, Giovanna (irmã) DALLA ZUANA, Candido (filho) DALLA ZUANA, Maria (filha) DALLA ZUANA, Bortolo (filho) DALLA ZUANA, Nazario (irmão) STEFANI, Giovanna (cunhada) DALLA ZUANA, Giuseppe (filho) DALLA ZUANA, Antonio (filho)	VALSTAGNA	16 e 17/11/1877
20. FANTINATO, Francesco	FANTINATO, Domenica (esposa)	BORSO DEL GRAPPA	16 e 17/11/1877
21. GIULIANI, Zuliano Antonio	MOCELLIN , Lucia (esposa) GIULIANI, Giovanni Maria (filho) GIULIANI, Elisabetta (filha) GIULIANI, Maria (filha)	VALSTAGNA	16 e 17/11/1877
22. GUARISE, Francesco	GUARISE, Maria (esposa)	NOVE	15/11/1877
23. LAZAROTTO, Giovanni Battista	LAZAROTTO, Filomena (esposa) LAZAROTTO, Girolamo (filho) LAZAROTTO, Pierina (filho) LAZAROTTO, Antonio (filho) LAZAROTTO, Pietro (filho) LAZAROTTO, Angelo (filho) LAZAROTTO, Rocco (filho)	VALSTAGNA	16 e 17/11/1877 15/11/1877
24. MIGIOLARO, Cirillo	-	CAMPESE	16 e 17/11/1877
25. MOCELLIN, Stefano	PIANARO, Domenica (esposa) MOCELLIN, Gaspere (filho) MOCELLIN, Giacomo (filho) MOCELLIN, Gio Maria(filho) MOCELLIN, Giovanni MOCELLIN, Pietro MOCELLIN, Stefano	SAN NAZARIO	16 e 17/11/1877 15/11/1877 “ “

26. MOLETTA, Luigi	BORDIGNON, Ana Maria (esposa) MOLETTA, Luigi (filho) GIACOBBO, Angela (nora) MOLETTA, Giovanni (filho) MOLETTA, Sebastiano (filho) MOLETTA, Giacinto (filho) MOLETTA, Pietro (filho) MOLETTA, Angelo (filho) MOLETTA, Giovanna (filha) MOLETTA, Giuseppe (filho)	CASSOLA	16 e 17/11/1877
27. MOTTIN, Francesco	MARCANTE, Angela Tereza MOTTIN, Vittoria MOTTIN, Matilde Francesca MOTTIN, Francesco MOTTIN, Antonio MOTTIN, Clemenza MOTTIN, Bernardo Giacomo (filho) MOTTIN, Cristiana (filha) MOTTIN, Giovanni (filho)	MAROSTICA	16 e 17/11/1877 15/11/1877
28. POLLI, Giuseppe	RISSI, Gaetana (esposa) POLLI, Giovanni (filho) POLLI, Basilio (filho) POLLI, Maria (filha) POLLI, Angela (filha) POLLI, Elisabetta (filha) GUERRA, Maria Maddalena (mãe) POLLI, Antonio (irmão)	SALCEDO	16 e 17/11/1877
29. PONTAROLLO, Vincenzo (viúvo)	PONTAROLLO, Francisco Giu. (filho) PONTAROLLO, Maria (filha) PONTAROLLO, Giovanni (filha)	VALSTAGNA	16 e 17/11/1877
30. RIVA, Domenico (viúvo)	RIVA, Giovanna Angela (filha) RIVA, Maria (filha) RIVA, Bernardo (filho) RIVA, Domenica (filha)	ARSIÉ	16 e 17/11/1877

31. SCREMIN, Domenico	CITON, Rosa SCREMIN, Giovanni SCREMIN, Maria SCREMIN, Maddalena	CAMPOLONGO SUL BRENTA	16 e 17/11/1877
32. STRAPASSON, Clemente	COSTA , Domenica STRAPASSON, Maria STRAPASSON, Angelo	ARSIÉ	15/11/1877
33. TOSIN, Giovanni Antonio	BONATO, Rosa (mãe) BUSATO , Maria Luigia TOSIN, Giuseppe Antonio TOSIN, Dionisia Angela	MAROSTICA	16 e 17/11/1877

ANEXO II

QUADRO 7 - Escritos do Padre Pietro Colbacchini (1870-1901)

ANO	QUANTIDADE	CONTEÚDO
1870	1	Versos poéticos para noivos
1871	2	Estudos agrícolas para camponeses
1873	2	1. Ensaio sobre a vida no campo 2. Discurso no óbito de 1 sacerdote
1879	3	1. 2 Comentários sobre a vida e os ensinamentos de 2 santos católicos 2. Crítica ao Romantismo Moderno
1883	1	Discurso de despedida
1886	2	Missivas epistolares do Brasil
1887	8	“
1888	35	1. 34 cartas 2. Mapa das Colônias Italianas do Paraná
1889	59*	Missivas epistolares do Brasil
1890	28	“
1891	33	“
1892	12	1. 11 cartas 2. 1 relatório sobre a imigração no Brasil
1893	8	Missivas epistolares
1894	28	1. Missivas epistolares 2. Discurso do jubileu sacerdotal e despedida dos colonos de Curitiba
1895	33	1. 32 cartas 2. Projeto de colonização agrícola
1896	48	1. 47 cartas 2. Guia espiritual para os imigrantes
1897	5	Missivas epistolares do Brasil
1898	9	“
1899	8	“
1900	14	“
1901	4	“

* Contém também pequenos relatórios e memoriais sobre sua atuação no Brasil.

ANEXO III

QUADRO 8 – Levantamento das Cartas Escritas pelo Pe. Pietro Colbacchini (1886-1901)

CARTAS		
ANO	QUANTIDADE	NUMERAÇÃO NA TRANSCRIÇÃO DE TERRAGNI
1886	2	1 – 2
1887	8	3 - 10
1888	34	11 – 44
1889	59*	45 – 103
1890	28	104 – 131
1891	33	132 – 164
1892	11	165 – 175
1893	8	176 – 183
1894	27	184 – 210
1895	32	211 – 242
1896	47	243 – 289
1897	5	290 - 294
1898	9	295 – 303
1899	8	304 – 311
1900	14	312 – 325
1901	4	326 – 329

*Contém também pequenos relatórios e memoriais sobre sua atuação.

ANEXO IV

FIGURA 27 – Foto do Registro Civil do Óbito de Pe. Pietro Colbacchini

O Sr. João da Silva da Silva, de
 Funchal, de mil novecentos e nove,
 nesta cidade de S. João Baptista de
 Angra, segundo distrito de mu-
 nicípio de S. João Baptista de Angra, em
 nome próprio compareceu Paulo
 Giaroli, casado, agricultor, natu-
 ral de Itália, residente neste dis-
 trito e perante os testemunhos
 abaixo nomeados e assignados
 declarou, que no dia trinta de
 Janeiro próximo findo, as dez
 horas da tarde na localidade de
 denominada o Rio de São João, fal-
 leceu de apoplexia, sem consciên-
 cia, deixando testamento
 o Padre Pedro Colbacchini, solteiro
 abençoado de religião catholica,
 natural de Itália com cinco-
 enta e cinco annos de idade, fi-
 lho legítimo de Pietro Colbacchini
 e Angela Lampelon, ambos fe-
 lizes na Itália. Foi sepultu-
 ra no cemitério da referida lo-
 calidade. Os que foram comstas
 lauri este testamento com-
 pe assignaram e declararam com
 os testemunhos Cesare Donatto
 e Vittorio Hoffmann ambos
 aqui residentes. Eu Francisco
 Dall'Espra, official de Registre
 civil e governo assigno
 Francisco Dall'Espra
 Giaroli Paulo
 Cesare Donatto
 Vittorio Hoffmann